

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

Telquelismos latino-americanos
A teoria crítica francesa no *entrelugar* dos trópicos

Jorge Hoffmann Wolff

Florianópolis 2001

Jorge Hoffmann Wolff

Telquelismos latino-americanos

A teoria crítica francesa no *entrelugar* dos trópicos

Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Literatura da
Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do Prof. Dr. Raúl Antelo, para
a obtenção do título de “Doutor em Teoria Literária”

Florianópolis 2001

Telquelismos latino-americanos

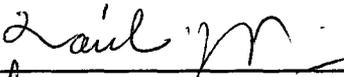
A teoria crítica francesa no *entrelugar* dos trópicos

Jorge Hoffmann Wolff

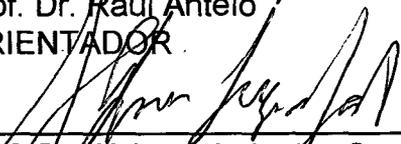
Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título

DOUTOR EM LITERATURA

Área de concentração em Teoria Literária e aprovada na sua forma final pelo
Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.



Prof. Dr. Raúl Antelo
ORIENTADOR

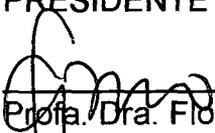


Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos
COORDENADOR DO CURSO

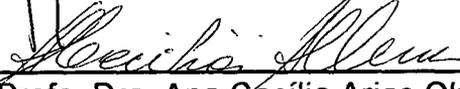
BANCA EXAMINADORA:



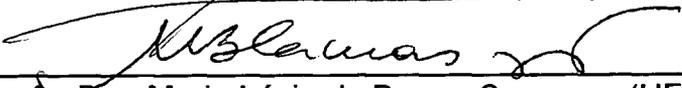
Prof. Dr. Raúl Antelo
PRESIDENTE



Prof. Dra. Florencia Garramuño (Universidad de Buenos Aires)



Prof. Dra. Ana Cecília Arias Olmos (USP)



Prof. Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo (UFSC)



Prof. Dr. Wladimir Garcia - (UFSC)

Prof. Dra. Susana Célia Scramim (UFSC) - SUPLENTE

Agradecimentos:

À Capes, por possibilitar dedicação exclusiva à pesquisa durante quatro anos.

Ao CNPq, pelo estágio de seis meses em Columbia University.

A Raúl Antelo, pela orientação que significa instigação permanente.

Aos entrevistados – Héctor Schmucler, Nicolás Rosa, Germán García, Ricardo Piglia, Beatriz Sarlo, Leyla Perrone-Moisés, Silviano Santiago e Ernesto Laclau –,
pela disposição e paciência.

Aos membros da banca de qualificação do projeto – Luz Rodríguez-Carranza,
Maria Lúcia de Barros Camargo e Pedro de Souza.

Aos professores e colegas da UFSC,

bem como a seu Núcleo de Estudos Literários e Culturais (NELIC).

Aos professores e colegas em Nova York – especialmente a co-orientadora Jean Franco,
professores Gayatri Spivak e Andreas Huyssen, diretor do Center for Comparative
Literature & Society de Columbia, sua assessora, Hilary Palmer,
e Kevin Lueck (Butler Library).

Aos colegas e amigos que de algum modo colaboraram: Gerda Schott, Renata Telles,
Antonio Carlos Santos, Vanessa Nahas, Eduardo Riaviz, Fernando Scheibe, Oscar
Reymundo, Sandra Almeida, Anelise Dutra, Henrique Burigo, Marcelo Bessa, Adrian
Cangi, Silvia Cárcamo de Arcuri, Maria Consuelo Cunha Campos, Luiz Carlos Lacerda,
Adriano Motta, José Geraldo Couto, Chico Sander, Isabel Carballo, Adriana Rodríguez
Pérsico, Renata Rocco-Cuzzi, Daniel Link, Gonzalo Aguilar,
Guilherme e Daniel Botelho.

Um renovado agradecimento a Silvia Cárcamo de Arcuri e Beatriz Sarlo,
pelo acesso à coleção da revista *Los Libros*.

Finalmente, à minha família,
em especial à Val, pelo afeto e paciência.

Em memória de

Valeska Freitas e Vera Bianco

*¿Sólo podremos ser salvajes
mientras permanezcamos vivos?*

Arturo Carrera

Onde tem jovem, tem revolução.

Baden Powell

Resumo

A pesquisa investiga as transformações provocadas pelo último movimento francês de vanguarda, centrado no grupo *Tel Quel*, e seus difusos mas produtivos efeitos no cenário cultural e literário da América Latina nos anos 60 e 70. Seu eixo encontra-se no conceito de entrelugar do discurso latino-americano devido a Silviano Santiago, o qual suscita a investigação da aclimação deste arsenal crítico e teórico após ser digerido pelo pensamento sul-americano em sua especificidade, especialmente através de determinados periódicos culturais. Apesar de sua difusão mundial, na América do Sul a vertente teórico-crítica francesa é reciclada de modo original por um grupo de leitores brasileiros e argentinos, como Santiago, Leyla Perrone-Moisés, Beatriz Sarlo e Ricardo Piglia, ^(v. 1.º) os autores mais detidamente analisados na tese, a qual inclui um ensaio, sete entrevistas e a indexação completa da revista *Los Libros* (1969-1976).

Abstract

The investigation intends to analyze the transformations brought about by the last French avant-garde movement centered in the *Tel Quel* group and its diffuse but productive effects in Latin-American's literary and cultural scene during the Sixties and Seventies. Its center line is the critical re-introduction of the Latin-American *space in-between* discourse, in the terms of Silviano Santiago, and looks into what happens to this critic and theoretic arsenal after it is digested by the native thought in its South American specificity, specially in some of its cultural periodicals. Although the french critic-theoretic current has been world-wide diffused, in South America it has been recycled in original forms by a specific group of readers, namely Brazilian and Argentinean writers-critics like Santiago, Leyla Perrone-Moisés, Beatriz Sarlo and Ricardo Piglia, the most important authors studied in the thesis, which includes an essay, seven interviews and the complete index of *Los Libros* (1969-1976).

Sumário

Introdução: p. 1

TALQUALMENTE ?

Capítulo Um: p. 7

FRAGMENTOS DE UMA POÉTICA VERBIVOCOVISUAL *NÃO NACIONAL*

Capítulo Dois: p. 73

POR UMA POÉTICA *POPULAR* INTERNACIONAL

Capítulo Três: p. 125

POR UMA POÉTICA *INTERNACIONAL-POPULAR*

Epílogo: p. 179

SAÍDAS (LATINO-AMERICANAS) À FRANCESA

Bibliografias: p. 189

Anexo Um

ENTREVISTAS

- Héctor Schmucler e Nicolás Rosa: p. 1
- Ricardo Piglia: p. 20
- Beatriz Sarlo: p. 30
- Germán L. García: p. 52
- Leyla Perrone-Moisés: p. 66
- Silviano Santiago: p. 85
- Ernesto Laclau: p. 106

Anexo Dois

INDEXAÇÃO

Revista *Los Libros*

Introdução

TALQUALMENTE ?

El trabajo crítico inserta en el proceso de producción de la significación mediante la palabra escrita, tomando como materia prima uno de los sectores específicos de esa producción: el trabajo literario, *la obra literaria*. (Creo que si volvemos a aprender, desde su etimología misma, la significación de la palabra “obra”, del latín *opera* = actividad del trabajador, así como *operarius* es el obrero, podríamos revalorizarla y utilizarla en su sentido estricto, despojándola de toda idea fetichista y mistificadora). El trabajo crítico es, sobre todo, una serie articulada de *lecturas escritas*.

Josefina Ludmer¹

Porém, cabe registrar que, ora na vertente satanizada, de *nonadas*, ora na heróica, do humanismo resistente, o horizonte visível é sempre o de idéias transplantadas, “dos centros modernos”, “nos países pobres e dependentes”. Minha perspectiva é outra: ela prefere ler uma modernidade dos pobres e dependentes que redefine a modernidade enquanto universalidade a partir de uma atividade da inércia que se traduz como energia diferencial ou transgressiva.

Raúl Antelo²

Este trabalho propõe a investigação das transformações incitadas, há cerca de três décadas, pela última vaga vanguardista francesa, cuja proposta manifestária foi reunida na coletânea *Théorie d'ensemble* (1968), e seus difusos mas inegavelmente produtivos efeitos no campo literário e cultural latino-americano. Desde o início, trata-se de recolocar a pergunta sobre o *entrelugar* do discurso latino-americano (nos termos de Silviano Santiago): o que ocorre após este arsenal teórico-crítico, amplamente difundido em escala global, ser ruminado e digerido pelo pensamento *aborigene* em sua especificidade americana do sul, e ser devidamente reciclado de forma *original*, entre o possível e o impossível, para uma história destituída de *archè* ou de *telos*, conforme alguns conhecidos preceitos de seu programa. O trabalho objetiva, portanto, analisar as formas com que as textualidades da chamada “nova crítica” francesa incidem e

¹ Ludmer, J. “Hacia la crítica”, *Los Libros* n° 28, Buenos Aires, set. 1972, p. 5.

² Antelo, R. “Transgressão e estudos culturais”. *Transgressão e modernidade*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001, p. 16.

operam em um certo grupo de leitores latino-americanos, que limito a escritores-críticos do Brasil e da Argentina, com suas singularidades, sabidamente próximas e distintas. Além disso, no contexto de uma estética do fragmento, prioriza-se o periodismo cultural enquanto instrumento fundamental para o debate e a difusão de idéias no período em questão.

Alguns vetores teóricos orientam a pesquisa, nos quais se encontram implícitas as idéias-chave de ficção, ideologia e revolução: as noções de texto, de sujeito, de dissidência e a própria noção de teoria, “para uma nova história e um novo homem”, conforme a utopia que marcou esta vertente intelectual e todo o período em estudo. O primeiro capítulo propõe uma abordagem fragmentária do telquelismo francês e da chamada “nova teoria crítica”, em função não apenas de suas características difusas mas do próprio “espírito do tempo”, com a ascensão da cultura eletrônica e de massas, em que o *alto* e o *baixo* não se distinguem mais. Em função disso, o trabalho tem seu ponto de referência em 1968 – marco a partir do qual, como é sabido, se redefine a cultura ocidental –, estendendo-se até meados da década seguinte, quando as promessas de revolução se frustram e o campo político e cultural volta a se redefinir, em nome do mercado. Nesta primeira parte, no entanto, procura-se mesclar as vertentes críticas e literárias européias e latino-americanas, já que não se trata de uma via de mão única: Europa e América aparecem aí refratadas, antes que refletidas, em se tratando de uma geração formada no pós-guerra, a qual procura heroicamente reinventar a própria experiência a cada texto que passa, e isto, precisamente, para ver o texto passar, mirando quem o lê: “La historia americana es inconcebible sin el juego por el cual el americano ve a los otros mirar América”.³ O primeiro capítulo, enfim, encara a teoria crítica metropolitana como uma espécie de “nova missão francesa”: a entrada, que é sempre entrada-e-saída, dos conceitos e práticas da vanguarda “revolucionária” francesa na América Latina redundariam na institucionalização desta mesma vanguarda em ambos países (ou continentes). Quanto ao seu título – “Fragmentos de uma poética verbivocovisual *não nacional*”, joga com as aporias da modernidade tardia brasileira, marcada pela hegemonia do concretismo paulista – autodenominado “verbivocovisual” e imposto, de certo modo, à maneira de um “monopólio imperialista” –, assim como joga com seu propalado internacionalismo.

O segundo capítulo, “Por uma poética *popular internacional*”, aborda a vertente brasileira em foco, embora nunca de maneira exclusiva, ao mesmo tempo que evitando a mera comparação

³ Panesi, J.: “Encantos de un escritor de larga risa” (sobre Un episodio en la vida del pintor viajero, de César Aira). *Cultura y Nación/Clarín*, Buenos Aires, 6 ago. 2000.

sem matizes ou mediações. O que significa que, ao propor uma análise de um ensaio já clássico de Santiago, “O entrelugar do discurso latino-americano” (1971), cujo princípio norteia todo o ensaio, faz-se referência às diferentes vertentes em debate, latino-americanas ou não. Textos como este são postos em exame a partir de sua fonte primeira, em forma de artigos para suplementos ou revistas literárias e culturais. No caso dos brasileiros, a maioria de seus textos provem do extinto “Suplemento Literário” de *O Estado de S. Paulo*, desde a década de 60 até o início da seguinte. Quanto ao título do capítulo, refere-se à maior abertura verificada em relação aos discursos críticos “nacionais” que, à diferença dos argentinos, são menos subordinados ao embate excludente entre dependência e liberação, em função das circunstâncias históricas, políticas e sociais de cada país. Se em uma Argentina politicamente radicalizada, de caráter agonista, ruma-se na direção de uma “crítica política de la cultura” (como se verá), no Brasil – ao menos entre os “telquelianos” – se buscaria, em função da forte incidência do movimento *pop* tropicalista, uma “crítica poética da cultura”, pós-agonista. Ou seja, formas mais brandas e suprapartidárias de canibalizar o projeto europeu de civilização.

No terceiro e último capítulo, “Por uma poética internacional-popular”, é abordada a vertente argentina da “nova crítica” a partir, basicamente, da revista *Los Libros* (1969-1976), que condensa a história da crítica cultural – cada vez mais política – daqueles anos, e em que se destacam os trabalhos de, entre outros, Beatriz Sarlo e Ricardo Piglia, escolhidos no recorte da pesquisa. Após iniciar sua trajetória como um receptor sofisticado dos novos saberes metropolitanos – leia-se estruturalismo –, o projeto de *Los Libros* vai se modificando na mesma medida em que modifica e politiza todo o país, de maneira jamais vista: como lembra Silvia Cárcamo, a revista é fundada precisamente no momento em que surgem os grupos peronistas radicais. Sobre o título, diria que igualmente joga com as noções gramscianas de nacional e de popular, tão caras ao debate da época, ao serem inseridas no contexto mundial da cultura ocidental através do prefixo “inter”.

Em relação aos anexos, não devem ser vistos enquanto meros “apêndices”, uma vez que determinaram os rumos do trabalho, configurando-se como material fundamental para a interpretação que esta tese procura desenvolver. O primeiro deles reúne uma série de depoimentos de intelectuais implicados no roteiro proposto, os quais são lidos enquanto histórias de vida, vale dizer, verdadeiras ficções autobiográficas. O segundo anexo reúne o fichamento completo de *Los Libros*, artigo por artigo, em seus 44 números.

De resto, para iniciar, proponho algumas considerações a partir do título da tese. Antes de mais nada, é preciso dizer que a discussão em torno da “atividade estruturalista” na América Latina não se esgota entre os intelectuais reunidos neste corpus, ou seja, entre Brasil e Argentina (e, mesmo assim, de modo limitado). Uma pesquisa do gênero poderia ser feita, certamente, em cada país do continente, a exemplo da Venezuela, onde o crítico uruguaio Ángel Rama, editor da revista *Escritura* e da Biblioteca Ayacucho, tem papel fundamental na redistribuição dos saberes durante a década de 70. Daí a decisão de pôr o título geral do trabalho no plural. Além disso, antecipo alguns questionamentos sobre o mesmo, descortinando desde já o seu caráter aporético ou problemático e apresentando certos personagens capitais para toda a trama.

Como se trata do conceito composto e polifacético de *telquelismo(s) latino-americano(s)*, quer dizer, de um conceito simultaneamente includente e excludente, simultaneamente europeu e americano, um conceito enfim *impossível*, este trabalho reflete a mescla de civilização e barbárie, de tradição e ruptura, verdade e mentira, vida e morte, ou seja, de alegria plena com total destruição ao modo de uma já velha vanguarda, deglutida e assimilada por uma nova cultura de massas e de máquinas. Sendo, por outro lado, questão de contaminações e de profilaxias, a “farmácia antiplatônica” recomendaria o emprego constante, ora benéfico, ora nefasto, de duas *extrañas* bulas para enfrentar o tempo e o tema, em um ponto em que dois xamãs modernos se reencontram. O primeiro dos eixos propostos no nome do trabalho tem sua crítica contundente, sendo mais um *ismo*, em Lacan (também em Veloso,⁴ que, em sua memória-rio, finalmente se submete à necessidade do rótulo *tropicalismo*, após larga hesitação inicial). O segundo, um suposto latinismo americano, tem sua não menos aporética recusa em Borges, sobretudo na data e local que a enuncia: Buenos Aires, 1972.

Segundo o *bruxo* francês, em um parêntese que é um puxão-de-orelha em “L’*éclat d’Antigone*” (1960), é preciso fugir do sufixo *ismo*, tanto quanto “chegar junto nos textos”:

C’est à ne pas vouloir serrer de près les textes, mais à rester dans l’ordre de ce qui nous paraît admissible, c’est-à-dire dans l’ordre de nos préjugés, que nous ratons à tout instant l’occasion de désigner, dans les sentiers que nous suivons, les limites et les points de franchissement. Ne vous eussé-je ici rien enseigné d’autre que cette méthode implacable de commentaire des signifiants, que cela n’aurait pas été vain, du moins je l’espère. J’espère même qu’il ne vous en restera rien d’autre. Si tant est que ce que j’enseigne ait la valeur d’un

⁴ Cf. introdução a *Verdade tropical*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

enseignement, je n'y laisserai après moi aucune de ces prises qui vous permettent d'y ajouter le suffixe *isme*. Autrement dit, des termes que j'aurai successivement poussés devant vous, et dont votre embarras me montre heureusement qu'aucun d'eux n'a pu encore suffire à vous paraître l'essentiel, qu'il s'agisse du symbolique, du signifiant ou du désir, de ces termes, en fin de compte aucun ne pourra jamais, de mon fait, servir à quinconque de gri-gri intellectuel.⁵

Para o *bruxo* argentino, é preciso tomar distância do latino-americanismo reinante, em um cenário especialmente “infecto”, com a iminente volta de Perón:

Talvez não exista nem Oriente nem Ocidente, talvez sejam eles amplas generalizações como acontece com a América Latina. Eu não me sinto latino-americano. Sinto-me argentino, portenho, montevideano, mas não sei se me sinto mexicano ou colombiano, embora goste muito desses dois países. São, possivelmente, grandes palavras, como latino-americano, que são esplêndidas também, mas são generalizações.⁶

Sob o influxo de Borges e Lacan, ponha-se em xeque ainda uma vez e desde já este trabalho crítico, através de um poema de Santiago, cujo título é: “Será verdadeira esta tese?”

A convicção generalizada
entre os que lidam com dados financeiros
é de que a Argentina remunera mais liberalmente
os capitais ingleses aplicados à sua economia,
do que o Brasil.
Assis Chateaubriand.⁷

Será verdadeira esta tese?

⁵ Lacan, J. *Le Séminaire. Livre VII. L'Éthique de la Psychanalyse 1959-1960*. Texte établi par J.-A. Miller. Paris: Seuil, 1986, p. 294.

⁶ Borges, J. L. “Destino e obra de Camões” em Schwartz, J. (org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 2001, p. 400.

⁷ Santiago, S. *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, 49. A coleção de poemas contém a seguinte dedicatória: “A Hélio Oiticica”.

Capítulo Um

FRAGMENTOS DE UMA POÉTICA
VERBIVOCOVISUAL *NÃO NACIONAL*

Primeira (e última) hipótese: ser latino-americano (hoje) é estar entre latinos e americanos; ser telqueliano (hoje) seria como não estar.¹

Aos porquês, antes separados que unidos, mas escolhidos a dedo.

*

Era preciso buscar as ruínas da destruição de um conceito “idealista” e de transparência ambígua, segundo a última vanguarda francesa: o mito da linguagem vista enquanto *presença*. Visão que, mais tarde, seria considerada convencionalista ao extremo – “au sens où elle s’est opposée à toute conception référentielle de la fiction littéraire”² –, ao que não se deveria esquecer de retrucar que se tinha consciência disso, como no caso de Roland Barthes.³

É preciso criticar as ambições de ruptura e os limites da prática de um intelectual dissidente, que perpassam o ideário telqueliano – posto que *havia chegado a hora* –, e analisar de que forma essas pedras-de-toque se manifestam em certas figuras, cujo nome são muitos nomes, com base em uma determinada noção de sujeito.

*

Pierre Menard resulta de um ser híbrido, mistura de Stéphane Mallarmé e de Jorge Luis Borges, segundo Silviano Santiago em torno de 1970:

Pierre Menard, romancista e poeta simbolista, mas também leitor infatigável, devorador de livros, será a metáfora ideal para bem precisar a situação e o papel do escritor latino-americano, vivendo entre a assimilação do modelo original, isto é, entre o amor e o respeito pelo já-escrito, e a necessidade de produzir um novo texto que afrente o primeiro e muitas vezes o negue.⁴

*

¹ Arrolo hipóteses desde o início, para então perseguir seus desdobramentos. A primeira hipótese é também última porque retorna, ainda que invertida, ao final deste capítulo.

² Compagnon, A. *Le démon de la théorie. Littérature et sens commun*. Paris: Seuil, 1998, p. 114.

³ V., p. ex., Culler, J. *As idéias de Barthes*. Trad. Adail U. Sobral. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1988, p. 50.

⁴ Santiago, S. “O entrelugar do discurso latino-americano”. *Uma literatura nos trópicos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 23 (1ª ed. 1978).

Diante dessa espécie rara de canibal, deve-se perguntar, já que se trata do ponto de partida (e de chegada): que espécie de antropófagos devoravam-se na Argentina, naquele *momento*, senão seus *novos críticos*, como aqueles reunidos em torno do projeto, dos projetos da revista *Los Libros*? Sua intersecção fundamental, assim como aquela de Santiago – ou Leyla Perrone-Moisés, ou Haroldo de Campos – no Brasil, se dá no período com os militantes da chamada teoria crítica francesa, denominados, problematicamente, *telquelianos* – voluntariosos manifestantes da diferença no terreno da cultura e da política, isto é, do pensamento 68 em uma de suas vertentes mais polêmicas e atuantes, aquela do *terror* teórico e da dissidência, seja do surrealismo, seja do Partido Comunista Francês, ou conforme os termos de um tardio libelo de Julia Kristeva nas páginas da revista.⁵

Diante de tais questões, parece possível indagar, por sua vez, qual é o mito ou quais os mitos do *telquelismo* em sua constituição – através das mais diversas apropriações teóricas –, em sua expansão e também em seu declínio.

*

Segunda hipótese: assim como a pós-modernidade indica pertencimento simultâneo à modernidade e à pós-modernidade, ser dissidente, nesse caso, significa ser e não ser surrealista, ser e não ser comunista.

*

Retalhos de retalhos é o de que se compõe esta narrativa, *talqualmente* um sublivro de passagens cujo título fosse: *New York, Capitale du XX^e siècle*.

*

Existem infinitas leituras da problemática proposta pelo grupo *Tel Quel* (futuramente *L'Infini*), que entendia elaborar sistematicamente uma teoria e uma prática revolucionárias da

⁵ V. Kristeva, J. “Un nouveau type d’intellectuel: le dissident”. *Tel Quel* n° 74. Paris, hiver 1977, p. 3-8.

escritura mas que, para os adversários, não poderia sequer se caracterizar como um grupo.⁶ Com a abordagem de algumas delas, vou remetendo às figuras e problemas em foco e, ao mesmo tempo, delineando e informando minha própria leitura, assim como o fazem os conceitos de texto e teoria, sujeito e dissidência, que tangenciam esta mescla de relatos desencadeada por dois deles em particular, eleitos em função de uma certa cartografia contemporânea – a América do Norte em 1973, a América do Sul em 1998, digamos.

Parto, portanto, de uma versão argentina do “fenômeno”, uma vez que se trata de um ataque frontal, de uma interpretação hipercrítica, próxima no tempo e no espaço, além de bastante sugestiva ao refletir sobre o tema pelo viés dos câmbios provocados com a explosão da cultura e dos meios de massa precisamente em torno de 1970. Com isso, entre o conceitual e o anedótico, trato de introduzir a série de problemas recorrentes (senão pertinentes) no decurso de sua grande guerra discursiva. Problemas estes incitados sobretudo pelas freqüentes mutações político-ideológicas, características da longa trajetória de sua “refinadíssima revista” (no dizer de Beatriz Sarlo),⁷ sobre um certo e permanente substrato de literatura.

*

“En un movimiento progresivo, que alcanzó entonces su culminación cuantitativa en los años sesenta, artistas y letrados se apropiaron del espacio público como tribuna desde la cual dirigirse a la sociedad, es decir, se convirtieron en intelectuales”.

Claudia Gilman⁸

*

⁶ O que define um “grupo”? Piglia, *après coup*, oferece uma idéia irônica do que, para ele, não o seria: “O último grupo literário de que fiz parte foi o da revista *El traje del fantasma*, que editamos (1985-1988) com Juan José Saer e Juan Carlos Martini. Não sei se uma revista que só publicava necrológicos e panfletos é suficiente para formar um grupo”. Cf. “Retrato pessoal”. *O laboratório do escritor*. São Paulo: Iluminuras, 1994, p. 47 (originalmente em *Babel*, Buenos Aires, dez. 1990). Antecipo aqui (mais) um paradoxo: quando *Los Libros* torna-se um grupo fechado, a partir de 73, a bem dizer (maldizendo) pouco publica além de panfletos e necrológicos (cf. Capítulo Três: VII. Chavões concretos *ante el golpe gorila*).

⁷ Conferência “La literatura en la esfera pública”. Colóquio da Abralic, UFMG, Belo Horizonte, 3 ago. 2001.

⁸ Cf. Gilman, C. Cf. Cap. II: “El protagonismo de los intelectuales y la agenda cultural”. *Entre el fusil y la palabra: dilemas de la literatura revolucionaria*. Buenos Aires: Sudamericana, no prelo.

Em um artigo publicado por um jornal de Buenos Aires aos trinta anos de Maio de 68, Alfredo Grieco y Bario vê o que chama de “operación *Tel Quel*” enquanto uma capitalização desabusada e oportunista da insurreição parisiense por parte de intelectuais “desbordados”, cujas teorias “monumentais” se viram surpreendidas pelos acontecimentos, que não teriam conseguido antever e que tratariam de reverter a partir de então em proveito próprio.⁹ Note-se que o texto é disparado com uma referência tão solta quanto objetiva à metodologia do sociólogo Pierre Bourdieu, ilustre e feroz inimigo da “operação” (a quem remeto adiante), o que permite situar desde já alguns dos principais contendores desta intriga de *partis pris* e de idéias-força.

A operação teria sido desencadeada, segundo o articulista, com a publicação, em fins de 68, da *Théorie d'ensemble*, a antologia manifestária que melhor define o chamado telquelismo no período em que exerce grande influência intelectual, até digamos o declínio de uma certa imagem do império maoísta, construída em torno de uma determinada teoria e de uma suposta prática de revolução cultural. “El de *Tel Quel* es tal vez el mejor ejemplo de un grupo que fue catapultado a la fama, por los acontecimientos de mayo”, acusa Grieco y Bario, com evidente vontade de polemizar (bem à maneira do chefe do grupo adversário):

Apropiarse del Mayo Francés permitía a *Tel Quel* aprovechar mejor que ningún otro grupo de izquierda una situación de tránsito que ha caracterizado a la cultura gala: el pasaje de la imprenta a la televisión, de escritores a celebridades; la transformación de volúmenes filosóficos y novelas en talk-shows (o en pretextos para talk-shows), de los movimientos literarios en modas culturales, de las obras maestras desconocidas en nombres famosos.

Duas observações pontuais: primeiro, o sociólogo argentino apresenta a transição vivida à época como se fosse exclusividade da “cultura gala”; e, segundo, todo polemista é ele mesmo um tipo de oportunista, ao desejar antes de mais nada *esquentar* o que enuncia, como se pretendesse publicar antes de escrever, conforme um (célebre?) aforismo de Osvaldo Lamborghini. Para tanto, o autor argumenta que a operação consistiu em relacionar ou confundir, em seus termos, o pensamento então dominante – o estruturalismo – com a insurreição, transformando-os assim na própria definição de “Pensamento 68”, em detrimento da “filosofia da consciência” e em contradição com um movimento que, como diz de modo revelador (já que representa um lugar

⁹ Grieco y Bario, A. “La operación Tel Quel y la alucinación según la Escuela de Frankfurt”. *Radar/Página 12*, Buenos Aires, 3 mayo 1998, p. 7.

comum), privilegia “las estructuras sobre la historia, lo frio sobre lo caliente”. Apesar do caráter determinista da argumentação, a crítica ganha alguma pertinência ao atacar a junção de materialismo histórico com “un ahora sospechoso materialismo semántico”, proposta pela vanguarda telqueliana, que em torno de 69 se volta de modo religioso à figura de Mao Tse-tung e seu credo particular, em nome de uma retórica da revolução não apenas cultural como também permanente ou *infinita*.¹⁰

*

“Não que os estudantes tenham provocado as posições revolucionárias dos intelectuais, mas estas se incendiaram com o estopim universitário”.

Leyla Perrone-Moisés¹¹

*

Conforme implica ou impõe (mais que propõe) o seu sugestivo título– “La *operación* Tel Quel y la *alucinación* segundo la Escuela de Frankfurt” –, a segunda parte do artigo de Grieco y Bario analisa a relação não menos complexa dos frankfurtianos com o movimento desatado pelos estudantes franceses. Enquanto Herbert Marcuse, um *best-seller* entre os revoltosos, não deixaria de apoiá-los desde os Estados Unidos de forma incondicional, são por outro lado bem conhecidas as posições categoricamente negativas adotadas à época por Adorno e Habermas. Amparado na racionalidade liberal, Habermas referiu-se à “confusión ininteligible” (no castelhano de nosso redundante crítico) entre tomada de poder de fato e invasão de universidades, confusão que do ponto de vista clínico corresponderia a “estados alucinatorios” – expressão que remete ao “absolutamente psicótico” de (outra vez) Beatriz Sarlo, ao tentar definir o comportamento do grupo maoísta que monopoliza despoticamente a revista *Los Libros* – ao qual estava ela mesma ligada – a partir do nº 29, durante o terceiro ano de existência, até o fim (já o *infinito* aclimatado começaria em 1978 em *Punto de Vista*).

¹⁰ Na *Histoire de Tel Quel* devida a Philippe Forest (Paris: Seuil, 1995), talvez o principal membro da sempre ativa claqué de Philippe Sollers, a versão naturalmente é outra. Forest pretende fazer ali uma revelação: os telquelianos, apesar de ainda ligados ao PCF em 68, desde muito antes e em segredo, já teriam se definido como pró-chineses...

¹¹ “Os intelectuais e a revolução cultural”. *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 10 ago. 1968, p. 1.

*

Em 1983 *Tel Quel* vira em definitivo à direita com *L'Infini*.

*

Com o auxílio do crítico e da crítica argentina, todos caminhos levam a Pierre Bourdieu, autor de, entre muitos outros, *Contrafogos*, polemista ele próprio, tanto quanto Sollers, como bem o demonstra, por exemplo, em “Sollers tel quel”, um pequeno panfleto aparecido no *Libération* em 1995 (ano, diga-se, de resgate acadêmico e editorial do telquelismo – cf. nota 41), em resposta a um artigo no *L'Express* em que Sollers reafirmava seu apoio a um político conservador.¹²

Para um irado e ao mesmo tempo satisfeito Bourdieu, “na confissão de um título, ‘Balladur tel quel’, condensado em alta densidade simbólica, quase bom demais para ser verdade”, se revelaria “toda uma trajetória: da revista *Tel Quel* a Balladur, da vanguarda literária (e política) fajuta até a retaguarda política autêntica”. Prosseguindo até o fim com esse gênero de vocabulário peso-pesado, o eminente sociólogo acusa o cabeça do suposto movimento de saber apenas “macaquear gestos do grande escritor, e até fazer imperar, durante *um momento*, o terror nas letras”.

*

Registre-se a oportunidade de enfatizar esse *momento*, proporcionada pelo sociólogo em seu ataque, uma vez que aponta com precisão para a execução e a voga da “operação telqueliana”, nos termos de um discípulo sul-americano, a quem em nada soaria insólita a associação proposta por Bourdieu entre o diretor de *Tel Quel* – e hoje *L'Infini* – e o finado François Mitterand – “o equivalente em política, e ainda mais em matéria de socialismo, do que Sollers foi para a literatura, e ainda mais para a vanguarda”.

A noção de *momento* no sentido de paradigma permite remeter ao estruturalismo e ao telquelismo, tomados como os dois lados de uma só moeda – falsa, diriam seus mais polidos detratores. Considerados justamente os poderes do falso, além da dinamização do banquete

¹² Segundo texto de *Contrafogos. Táticas para enfrentar a invasão neoliberal* (trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 21-23), o artigo data de janeiro de 1995.

estrutural a partir dos idos de 67, importa distinguir o momento estruturalista – conforme o vê, por exemplo, o historiador François Dosse¹³ – e o momento telqueliano que o *enxertaria* (não se tratando de sucessão ou evolução), levando-se portanto em conta que este inclui e exclui simultaneamente aquele, e vice-versa.

*

“On peut en effet présumer qu’il existe des écrivains, des peintres, des musiciens, aux yeux desquels un certain *exercice* de la structure (et non plus seulement sa pensée) représente une expérience distinctive, et qu’il faut placer analystes et créateurs sous le signe commun de ce que l’on pourrait appeler l’*homme structural*, défini, non par ses idées ou ses langages, mais par son imagination, ou mieux encore son *imaginaire*, c’est-à-dire la façon dont il vit mentalement la structure”.

Roland Barthes¹⁴

*

1966 é visto como um ano-chave da modernização intelectual no país da *atividade estruturalista*, um “ano-luz” que, conforme Dosse, se dividiria em três grandes efemérides no campo da cultura européia mais avançada: o apogeu dessa ciência nova – “o Ano Santo estruturalista”¹⁵ –; o surgimento de *Les mots et les choses* pela editora Gallimard e o conseqüente “efeito Foucault”; e a chegada de Julia Kristeva – com Mikhail Bakhtine na bagagem – a Paris. A estas três reúnem-se outras tantas, tão ou mais importantes e fortemente interrelacionadas, com destaque para o papel das revistas, palco de manifestações, intervenções, disputas de poder: a publicação de *Critique et vérité* de Barthes, em resposta ao famoso panfleto de Raymond Picard a propósito de Racine, dividindo fervorosamente as águas intelectuais francesas; a publicação da *Sémantique structurale* de Greimas – que, segundo o próprio, só teria se transformado em “estrutural” por uma questão de mercado;¹⁶ a publicação dos *Écrits* de Jacques Lacan, com (sem exagero) centenas de milhares de exemplares vendidos em França, apesar ou por causa do desafio

¹³ Dosse, F. *História do estruturalismo* vol. 2. São Paulo/Campinas: Ensaio/Ed. da Unicamp, 1994, p. 192.

¹⁴ “L’activité structuraliste”. *Essais critiques*. Paris: Seuil, 1964, p. 213.

¹⁵ Dosse, F., op. cit., p. 353.

¹⁶ Idem, p. 354.

representado por sua linguagem barroquizante; a publicação da *Teoria da literatura* segundo os formalistas russos; a publicação dos *Problemas de lingüística geral* de Émile Benveniste; a publicação de *Pour une théorie de la production littéraire* de Pierre Macherey; a publicação de *La religion romaine archaïque* de Georges Dumézil; a reedição (PUF) da tese de 1943 de Georges Canguilhem, *Le normal et le pathologique...*

Paralelamente a todos esses acontecimentos, rememore-se a movimentação intensa no cada vez mais híbrido e vasto meio das ciências humanas, confrontando e miscigenando a antropologia, a lingüística, a psicanálise, a literatura, em grande parte através de diversas revistas. Entre as efemérides periodísticas de 66, registre-se o surgimento de *Langages* e dos *Cahiers pour l'Analyse* – este um projeto ambicioso e determinante para *Tel Quel*, encabeçado por Jacques-Alain Miller, reunindo a psicanálise à lógica e à lingüística; a publicação do programático e influente nº 8 da revista *Communications*, dedicado à análise estrutural da narrativa e logo transformado em cartilha dentro e fora dos limites hexagonais (cf. depoimento de Sarlo, p. 20); e, para encerrar a lista, que poderia se estender *ad infinitum*, vale registrar ainda a edição especial de *Les Temps Modernes* (nº 246, nov. 1966) sobre o estruturalismo,¹⁷ em visível rendição à *moda do momento*.

*

Diante do que, valeria a provocação contida na pergunta: qual foi o ano que não terminou; ou mesmo: quantos foram os anos que não terminaram durante esta “prodigiosa” década. Ao que talvez se devesse responder que o grupo da revista *Tel Quel*, que responde por sua vez ao momento estruturalista e semiológico de modo entusiástico, já seria então e desde sempre *L'Infini* – o infinito *avant la lettre*, ou, mais precisamente, o infinito antes da letra que é “grama”, segundo Jacques Derrida em *De la grammatologie*, o vasto ensaio não menos programático de 1967.

*

¹⁷ Em nota à edição brasileira da *História do Estruturalismo* de Dosse, os editores demonstram a dimensão atingida pelo debate estruturalista em âmbito internacional ao afirmarem que “com o título de *Problemas do estruturalismo*, esse número de *Les Temps Modernes* foi traduzido e editado na íntegra pela Zahar em 1968” (cf. Dosse, F., op. cit., vol. 1, p. 360). Debate este que retomo na discussão subsequente sobre o telquelismo latino-americano em algumas de suas principais vertentes.

Ser telqueliano, portanto, significa estar entre estruturalismo e sua desconstrução.

*

O telquelismo, ainda que sem tal denominação, também passa a circular, e a peso de ouro, nas universidades norte-americanas a partir de 1966, sobretudo após o célebre colóquio de Baltimore, na Universidade Johns Hopkins, reunindo Jacques Lacan, Roland Barthes e Jacques Derrida, entre muitos outros. A escala de seu consumo é, portanto, intensa desde os primeiros anos, e o ensaio “*Tel Quel. Text & Revolution*” (1973) de Mary Ann Caws é uma diminuta mas sintomática amostra de sua recepção – com os detalhes (dísparos mas significativos) de que (i) a autora foi testemunha ocular¹⁸ do Colóquio de Cerisy-la-Salle dedicado a Artaud e Bataille, em julho de 72; (ii) a noção de telquelismo, talvez antes mesmo de existir, seria logo sobrepujada por uma atualização da idéia de desconstrução sob a responsabilidade de Derrida, a partir da filosofia heideggeriana; e (iii) o mesmo Derrida passa a ministrar um seminário anual disputadíssimo na Universidade de Yale a partir desse mesmo ano de 73.

De modo que, para uma abordagem mais “gramatológica” do momento telqueliano, sucedendo àquela dogmática, funcionalista mas não menos sugestiva de Grieco y Bario, lanço mão desta precoce leitura norte-americana do grupo ou da “operação” homônima – em um país em que tais apropriações abundariam das formas mais banais às mais sofisticadas, revelando-se no entanto umas e outras, seja como prática teórica ou meramente mercadológica, invariavelmente lucrativas. E, depois, remeto à própria *Teoria de conjunto*, especialmente ao que ela deve a Derrida ou, em outras palavras, conforme a sua apropriação peculiar da filosofia “das desconstruções”, como prefere o seu inventor.¹⁹

*

¹⁸ Conforme observa Forest, a americana não só esteve presente entre o público como fez intervenções nos debates (*Histoire de Tel Quel*, op. cit., p. 438).

¹⁹ Cf. Nascimento, Evando. “A máquina de guerra discursiva”. *Mais//Folha de S. Paulo*, 3 set. 2000. p. 30-31. Note-se a propósito da desconstrução no plural que, do mesmo modo, já no início de 69, Perrone-Moisés, bem instruída, alertava para a existência de não um mas “vários estruturalismos”. Cf. “Por uma poética estrutural”. *Suplemento Literário O Estado de S. Paulo*, 25 jan. 1969, p. 1. O mesmo ocorre em certa revista argentina, pouco depois: cf. Sázbón, J. “Qué es el estructuralismo”. *Los Libros* nº 6, dez. 1969, p. 20.

Terceira hipótese: o telquelismo seria como que desmembrado, colocado a nu na América; passam pelo filtro universitário Kristeva, Derrida ou Lacan; jamais Sollers.²⁰

*

“Para nós não é nova a idéia da ‘desconstrução’ do orgulhoso logocentrismo ocidental, europeu, à maneira preconizada por Derrida, uma vez que já tínhamos a antropofagia oswaldiana, que é, por si mesma, uma forma ‘brutalista’ de ‘desconstrução’, sob a espécie da devoração, da deglutição crítica do legado cultural universal”.

Haroldo de Campos²¹

*

O texto introdutório da operação telqueliana nos Estados Unidos é antes um testemunho sobre o debate pós-estruturalista francês *in loco*, embora se apresente como uma resenha de três livros ensaísticos – *Semiotiké* (1969) de Julia Kristeva, *L’Enseignement de la peinture* de Marcelin Pleynet (1971) e *Logiques* (1968) de Philippe Sollers. A autora reporta, por exemplo, nada menos que uma representação pretensamente orgiaca da *comédia textual*, em performance do romancista Pierre Guyotat (censurado em seu país), realizada durante o mesmo Colóquio de Cerisy de 72, cujo lema – chinês – era “Por uma Revolução Cultural”:

It may not be irrelevant to note here that Guyotat’s talk at the colloquium held at Cerisy, June 29-July 9, 1972, on Artaud and Bataille—a talk meant to be “insupportable,” dealing as it did with masturbation and the rather specialized problems attendant thereupon, particularly when the other hand is occupied with the writing of an “orgiacal text” (“L’Autre Main branle”)—was remarkable mainly for its style.

Insistindo sobre o caráter de encenação do colóquio, acrescenta:

²⁰ No esquema para-universitário argentino do período, tampouco havia lugar para o autor de *Nombres* ou *Logiques*. Sarlo é explícita a esse respeito: “A ninguno de nosotros le gustaba particularmente Sollers. Ninguno de nosotros. Leíamos *Tel Quel* pero no era Sollers el que nos llamba la atención. La revista sí. Kristeva nos gustaba, Kristeva” (cf. entrevista, p. 46).

²¹ “Minha relação com a tradição é musical” (entrevista de 1983 concedida a Rodrigo Naves). *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 261.

However, the risks and the nervousness were less apparent, at least to some of those present, than was a certain elegance of presentation. Perhaps the effect *Tel Quel* has had in persuading us of the importance of the text and the collective endeavor finally goes beyond any individual courage and any particular content, even when the group might wish it otherwise.²²

*

O nome *Tel Quel*? Uma abordagem nietzscheana, sob a forma da epígrafe retirada de *Au-delà du bien et du mal* – “Je veux le monde et je le veux tel quel, le veux encore, le veux éternellement” – para a coleção de aforismos de Paul Valéry.

*

“The notion of cultural revolution is obviously very seductive for cultural movements and groups who seek to articulate art with a revolutionary politics. It also partly explains the explosion of Maoism in France after 1966”.

Patrick ffrench²³

*

Ao abrir a edição da primavera de 1973 da revista *Diacritics* – seguida por, entre outros jovens escritores, Geoffrey Hartman, Edward Said e o próprio Jacques Derrida –, Caws aponta para o conceito em moda entre os intelectuais naquele momento de voga telqueliana: o conceito de *texto*, visto como revolucionário, mas em pouco tempo vitimado pela própria inflação. Questão de crença: desde o início o trabalho da revista *Tel Quel* se debruça sobre uma prática do *texto* – e a autora procura explicar no artigo, com a ajuda de Pleynet, por que o termo supostamente neutro de “texto”, em detrimento de obra, por exemplo. O que equivale a dizer que se detém sobre uma virtual infinidade de possibilidades de significação, tendo a revista, no entanto, levado seus preceitos a princípio antirreligiosos a um fanatismo digno dos mais cegos fiéis, adeptos da seita dos

²² Caws, M. A., op. cit., p. 3 (ambas citações).

²³ *The time of theory. A History of Tel Quel (1960-1983)*. Oxford: Clarendon Press, 1995, p. 10.

“textualistas”, que conheceu fama e sucesso efêmeros, cooptou, agitou, deixou discípulos em novos periódicos e logo desapareceu por completo (arrisco antecipar) vitimada por suas próprias e indisfarçáveis tendências teleológicas.

*

Postula-se, com o problema do *texto*, o fim das fronteiras entre crítica e ficção: teoria e escritura são completamente identificadas, em função da dimensão teórica da escritura (segundo sua nova acepção), por um lado, e da recusa de uma abordagem puramente instrumental de sua linguagem, por outro. Como é sabido, a noção de *texto* é capital tanto quanto “anticapitalista” para o seu pro-grama, ao incluir em si não somente o ensaio e a crítica, mas “tudo o que até hoje era o discurso intelectual e inclusive científico”.²⁴

Em “Texte (théorie du)”, Roland Barthes demonstra em primeiro lugar o que *não* é um texto para a “nova crítica”: “C’est la surface phénoménale de l’œuvre littéraire; c’est le tissu des mots engagés dans l’œuvre et agencés de façon à imposer un sens stable et autant que possible unique”. O texto possui importância fundamental para o Ocidente – “la civilization du signe” – por significar estabilidade e permanência, e também a “legalidade da letra”, que forneceria ao autor o completo domínio sobre a unidade cerrada e definitiva da obra:

La notion de texte est donc liée historiquement à tout un monde d’institutions: droit, Église, littérature, enseignement; le texte est un objet moral: c’est l’écrit en tant qu’il participe au contrat social; il assujettit, exige qu’on l’observe et le respecte, mais en échange il marque le langage d’un attribut inestimable (qu’il ne possède pas par essence): la sécurité.

*

“O primeiro número de *Poétique* começa com um artigo de título sugestivo e oportuno: ‘Par où commencer?’ e seu autor tem aí uma presença carregada de conotações. Roland Barthes, o grande inspirador das teorias de *Tel Quel*, presente em *Change* com seu texto sobre a moda, batiza agora a recém-nascida *Poétique*. O número também termina com Barthes, pois sua última página é

²⁴ Barthes, R. “Texte (théorie du)”. *Encyclopedia Universalis*, tome XV, 1973, p. 997. Em *Oeuvres complètes*: vol. II. Paris: Seuil, 1994, p. 1679-80.

uma publicidade de *S/Z*. O nome de Barthes parece ser um traço de união, um terreno de entendimento onde todos se encontram e se reconhecem”.

Leyla Perrone-Moisés²⁵

*

Em algumas linhas de um trabalho anti-enciclopédico destinado a uma enciclopédia, Barthes resumiria o ideário de uma época, com duas referências teórico-filosóficas maiores, o materialismo dialético e a psicanálise. Este ideário tem uma particular receptividade na América Latina, através de alguns personagens de culturas em trânsito, aqui implicados: Héctor Schmucler estuda na França com Barthes, retorna em 69, e funda *Los Libros*, onde ao menos em parte se formam Beatriz Sarlo e Ricardo Piglia, os quais assumem depois a direção da revista. Perrone-Moisés e Santiago, nesse período, estão indo e/ou voltando das universidades francesas – com o detalhe importante de que o segundo passa a década de 60 entre a França e os Estados Unidos.²⁶ Todos vivem e contribuem com intensidade para o que se chamou de uma “mutação epistemológica” concreta, na busca (utópica?) deste *objeto novo*, o texto, que se caracterizava por colocar em questão a sua própria enunciação:

Celle-ci [la mutation épistémologique] commence lorsque les acquêts de la linguistique et de la sémiologie sont délibérément placés (relativisés: détruits-reconstruits) dans un nouveau champ de référence, essentiellement défini par l’intercommunication de deux *épistèmes* différentes: le matérialisme dialectique et la psychanalyse. La référence matérialiste-dialectique (Marx, Engels, Lénine, Mao) et la référence freudienne (Freud, Lacan), voilà ce qui permet, à coup sûr, de repérer les tenants de la nouvelle théorie du texte. Pour qu’il y ait science nouvelle, il ne suffit pas en effet que la science ancienne s’approfondisse ou s’étende (ce qui se produit lorsqu’on passe de la linguistique de la phrase à la sémiotique de l’œuvre); il faut qu’il y ait

²⁵ “A floração das revistas” (seção *Letras Francesas*). *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 23 de maio de 1970, p. 1. Barthes reaparece em abismo em *Poétique* n° 47, uma década depois, quando morre, através de Derrida, em “Les morts de Roland Barthes” (conferência de 1980, publicada em 81), que cito na versão espanhola: “(...) en *Poétique*, sería preciso subrayar ahora el inmenso papel que jugó y que continuará jugando la obra de Barthes en el campo abierto de la literatura y la teoría literaria (es legítimo, es preciso hacerlo y lo hago)”. *Las muertes de Roland Barthes*. Trad. Raymundo Mier. México: Taurus, 1998, p. 72. Retomo este texto no Epílogo.

²⁶ Também Haroldo de Campos, que foi um precoce *globe-trotter* concreto. Leia-se no depoimento de Perrone-Moisés algo do anedotário – londrino e “tropicalista” ou italiano e “vanguardista” – de suas aventuras européias compartilhadas (p. 72).

rencontre d'*épistémés* différentes, voire ordinairement ignorantes les unes des autres (c'est le cas du marxisme, du freudisme et du structuralisme), et que cette rencontre produise un objet nouveau (il ne s'agit plus de l'approche nouvelle d'un objet ancien); c'est en l'occurrence cet objet nouveau que l'on appelle *texte*.²⁷

É importante lembrar que, neste texto dedicado a uma pedagogia do texto (e nele também apareceria o nome de Mao), Barthes destaca amplamente o trabalho de Julia Kristeva – uma das “antenas” de *Tel Quel* –, que definiria os seus seis conceitos teóricos fundamentais:

pratiques signifiantes (“la notion de pratique signifiante restitue au langage son énergie active”), *productivité* (“une production où se rejoignent le producteur du texte et son lecteur: le texte “travaille”, à chaque moment et de quelque côté qu'on le prenne; même écrit (fixé), il n'arrête pas de travailler, d'entretenir un processus de production”), *signifiance* (“la signifiance est un *procès*, au cours duquel le ‘sujet’ du texte, échappant à la logique de l'*ego-cogito* et s'engageant dans d'autres logiques (celle du signifiant et celle de la contradiction), se débat avec le sens et se déconstruit (‘se perd’))”; *phéno-texte* (“le phéno-texte peut [...], sans qu'il y ait incohérence, relever d'une théorie du signe et de la communication: il est en somme l'objet privilégié de la sémiologie”) e *géno-texte* (“c'est un domaine hétérogène: à la fois verbal et pulsionnel (c'est le domaine ‘où les signes sont investis par les pulsions’))”; *intertextualité* (“épistémologiquement, le concept d'intertexte est ce qui apporte à la théorie du texte le volume de la socialité: c'est tout le langage, antérieur et contemporain, qui vient au texte, non selon la voie d'une filiation repérable, d'une imitation volontaire, mais selon celle d'une dissémination – image qui assure au texte le statut, non d'une *reproduction*, mais d'une *productivité*”).²⁸

Para Kristeva, a exilada búlgara, e para o grupo *Tel Quel*, trata-se de um momento de transição da *dualidade* (do signo) à *produtividade* (trans-signo), anunciada a partir do final do século XIX, com Mallarmé, Lautréamont, Nietzsche e Marx (o último em um nível particularmente determinante, a seu ver).²⁹ No comentário barthesiano ao “geno-texto” em *Texte (théorie du)*,

²⁷ “Texte (théorie du)”. *Oeuvres complètes* t. II, p. 1679.

²⁸ Idem, *ibidem*, p. 1680.

²⁹ Kristeva, Julia. “La productivité dite texte”. *Sémiotiké. Recherches pour une sémanalyse*. Paris: Seuil, 1969, p. 183.

ressurge a idéia de transição: a passagem da estrutura à “estruturacão”, à “estruturalidade da estrutura” (nos termos de Derrida), vai reaparecer com ênfase, já que o grupo se situava na vanguarda, ou melhor, disputava de maneira voluntariosa o espaço à frente desse gênero de movimento, de maneira deliberadamente violenta e estridente, sobretudo na voz de seu editor-fundador – por sinal, a figura mais visível e talvez menos vibrante do grupo, considerando a opinião de alguns de seus principais leitores latino-americanos.³⁰

Não era essa, então, a aposta de Roland Barthes, na *Universalis* em 1973, ao fazer referência à *melhor* linhagem de escritores modernos: “de Lautréamont à Philippe Sollers”; ou em *Sollers écrivain*, de 79. Nem de Foucault (ao menos em “Distance, aspect, origine”, abrindo a *Théorie d’ensemble*), nem de Derrida (em *La Dissémination*, de 72).

*

A máquina dissidente: mortificado o autor, a tarefa de despersonalização necessita continuar em moto-perpétuo. O discurso intelectual setentista apelaria como nunca a uma língua do exílio, a uma dissidência vista desde uma ótica cultural, o que remete ao pensamento de Kristeva.³¹ Procurando repensar o lugar do intelectual, Kristeva – a exemplo de Sarlo e Piglia, à sua maneira, em *Los Libros* – proporá, como uma sorte de última tábua de salvação, o perfil de “Un nouveau type d’intellectuel: le dissident”, conforme o título do “manifesto”, já mencionado. Desde o início, o próprio texto manifestário denuncia um certo desencanto, se não desespero, diante da “institucionalização” iminente (o que também vai atingir os latino-americanos em foco).

Seria necessário perguntar, afinal, aos autodenominados dissidentes franceses, como o faz Marx-Scouras: – Mas dissidentes do quê?, já que ocupavam um *locus* de enunciação privilegiado. Resgata-se em todo caso aí, na tentativa de esclarecer a nova guinada, o maio de 68 que houve e não houve para *Tel Quel*, porque o grupo apoiava então o Partido Comunista e, sendo assim, colocou-se a princípio na contramão do movimento dos estudantes:

Il était peut-être nécessaire alors que ce fût des futurs chômeurs, des intellectuels en mal d’emploi, des étudiants sans perspectives d’embauche par aucun des “ensembles” sociaux

³⁰ V. entrevistas, a exemplo de Sarlo, mencionada acima. Para Schmucler, o que tinham era “una soberbia infinita” (p. 6).

³¹ V. Marx-Scouras, D. *The cultural politics of Tel Quel. Literature and the Left in the wake of Engagement*, . Pennsylvania: Penn University Press, 1996, p. 180.

contraignant ou en faillite, qui ont affirmé cette fonction dissidente des intellectuels. Sans cela, l'intellectuel occidental a trop de "structures d'accueil" toujours très nationales qui lui permettent de se sentir chez soi, y compris et peut-être même encore mieux, lorsqu'il est "dans l'opposition".³²

"Um espectro ronda a Europa: o espectro dos dissidentes", propunha Kristeva decalcando o *Manifesto Comunista*, com o exagero característico dos manifestos – mas sem poder sequer ser considerado um, por anacrônico. A escritora telqueliana reafirmaria a necessidade de pôr em jogo identidades e linguagens de indivíduos e grupos, na direção de uma análise dos conjuntos sociais como "impossíveis", no rastro de Georges Bataille, e mesmo mais do que isto: "S'affirmer comme révélateur de l'Impossible". Ao mesmo tempo, destacaria três tipos de intelectuais em seu raciocínio: o "rebelde" (como ela), o psicanalista (como ela) e o escritor (como ela), sem deixar de discutir, é claro, a posição da mulher, colocando-se contra o feminismo enquanto religião – como o faria o resto de seu grupo.

Entre os escritores, outra vez, a marca do poeta de *Un coup de dés*, na diáspora das línguas

qui s'écrit en cette littérature pluralisant le sens et traversant les frontières des signes et des langues nationales, qu'illustrent les noms de Kafka, de Joyce, de Beckett, et, à sa manière française, plus restreinte, plus perdue et moins éclatante, mais précurseur néanmoins: Mallarmé.

Mallarmé integraria uma daquelas "grandes générations d'exilés irreligieux", a exemplo dos judeus, de Spinoza, das vítimas dos Goulag e de "mim mesma", Julia Kristeva,

(...) exilée du socialisme et d'une rationalité marxiste, mais considérant que le socialisme – loin d'être une hypothèse impossible pour l'Occident, comme le croient ceux du Goulag – est au contraire une éventualité certaine et donc un interlocuteur. Il s'agit par conséquent de s'attaquer aux verrous de cette rationalité et de cette société comme à l'achèvement d'un cycle historique, et de les démonter patiemment, minutieusement, en partant de la langue jusqu'à la culture et aux institutions. Travail donc de dissidence – de démontage impie et impitoyable des mécanismes de discours, de pensée, d'existence. Cette dissidence suppose une attitude

³² Kristeva, J., op. cit., p. 4.

analytique permanente, d'éveil et de dissolution, qui la met en complicité nécessaire avec les pratiques dissidentes du monde occidental moderne.³³

Fruto da carência de alternativas e da própria indecisão, o corte culturalista do novo intelectual postulado por Kristeva reside, basicamente, naquilo que chama de “verdadeira dissidência” – *tout simplement, et comme toujours, la pensée*, posição analítica que seria afirmação de dissolução e, simultaneamente, travessia de diferenças. Trata-se, ainda uma vez, da intolerável “Morte do Homem”, à qual um já decadente pensamento telqueliano sempre retornará, através dos vetores do “impossível” e do “inominável”, para um sujeito necessariamente em falta:

S'il est vrai que le surgissement dans le discours des femmes et des enfants pose des questions insolubles à la Raison et au Droit, c'est que ce surgissement est aussi un symptôme de plus de la Mort de l'Homme (avec tout ce que cette mort comporte d'intolérable pour les individus et les rationalités classiques). Alors, la seule relève de cette Mort n'est peut-être pas une Résurrection: pour quelle Transcendance, si l'Au-delà s'est incarné dans la Folie?; et encore moins une Renaissance: puisque le Prince éclairé a échoué dans le Bureau Politique ou les Trusts. Mais, par les efforts de la pensée à travers les langues: tenter des relèves multiples du néant, de l'innommable, de l'irreprésentable, dans des excès de langages dont la multitude est la seule marque d'une vie. C'est là le véritable tranchant de la dissidence.³⁴

Esse tardio libelo em prol de uma política da dissidência em *Tel Quel* (fase pós-chinesa e americanófila) não chegou, portanto, a representar nenhuma novidade para o programa do grupo, já que coincide com a definição de escritor e de escritura que a revista vinha defendendo desde o início – a experiência dos limites, nos termos de Sollers, ou a experiência interior, no dizer de Bataille. Segundo Marx-Scouras, em interpretação bastante condescendente com a operação, “in many respects, dissidence merely highlighted the conjunction between literature and ethics that *Tel Quel* had advocated all along”.³⁵

Surge aí outra questão, a ser desdobrada aos poucos: de que modo se exerce (se se exerce) a noção de dissidência entre os telquelianos latino-americanos, e em que medida estes coincidem com *Tel Quel* em relação à tese do predomínio da literatura como experiência-limite.

³³ Kristeva, J., op. cit., p. 7 (ambas citações).

³⁴ Idem, p. 3-8.

³⁵ Marx-Scouras, D., op. cit., p. 216-17.

*

O primeiríssimo Barthes – aquele pré-vanguardeiro e pré-estrutural da atividade teatral popular – emprega um *belo* termo burocrático-administrativo-financeiro para definir o lastro de contestação estética e ética permitida pela “burguesia”, o qual parece permanecer válido em relação à trajetória dos *escriturários textualistas* franceses e, em consequência, para a movimentação de valores em curso no texto: aquele de “procuração” vanguardista. Essa procuração, voltada à destruição controlada das formas envelhecidas e a periódicas empreitadas de recauchutagem de valores, seria um tipo de teto máximo, significando ao mesmo tempo um rígido limite e uma forma peculiar de mecenato, o qual de tempos em tempos salvaria a arte da mera arte pela arte. “Le mot même d’avant-garde, dans son étymologie, ne désigne rien d’autre qu’une portion un peu exubérante, un peu excentrique de l’armée bourgeoise”, afirmava Barthes em “A l’avant garde de quel théâtre?”³⁶ Lembrando Lévi-Strauss, o vanguardista seria uma espécie de pajé: “il fixe l’irrégularité pour mieux en purifier la masse sociale”. Mas o *pharmakon* receitado pelo feiticeiro é diluído – vale dizer, malvertido – e servido em pequenas doses deferidas pelo processo civilizatório: “Rimbaud annexé par Claudel, Cocteau académicien ou le surréalisme infusé dans le grand cinéma, l’avant-garde poursuit rarement jusqu’au bout sa carrière d’enfant prodigue: elle finit tôt ou tard par réintégrer le sein qui lui avait donné, avec la vie, une liberté de pur sursis”.

Há no artigo, contudo, outras valiosas verdades demonstradas *après coup*: rememorando as aporias do grupo surrealista diante do engajamento político, parece-lhe que, “à peine conquise par l’évidence des tâches révolutionnaires, l’avant-garde renonce à elle-même, accepte de mourir”, o que não seria menos certo para o beco-sem-saída em que se coloca o telquelismo no decorrer dos anos 70. Pode-se concluir, então, que a vanguarda deseja morrer, tal qual dizia precocemente e talvez contra si mesmo, entre *nouveau réalisme* e *nouveau roman*, Roland Barthes.³⁷

*

Os debates da hora indicam, ao menos aparentemente, uma guinada de um marxismo-leninismo “ortodoxo”, apesar da mixagem com o freudismo, a um presente (isto é, “em torno de

³⁶ Texto publicado em *Théâtre Populaire*, 1956. *Essais critiques*. Paris: Seuil, 1964, p. 80.

³⁷ Barthes, R., op. cit., p. 81-2.

70”) engajamento acrítico à *maolatria*, como diziam os franceses, plenamente assumida a partir das “Posições do Movimento de Junho de 1971”, que deixou mortos e feridos: em meio a uma grande discussão via revistas e jornais, do *Le Monde* a *La Nouvelle Critique* (do Partido Comunista Francês) a *Promesse*,³⁸ Jean Ricardou e Jean Thibeaudeau deixam o grupo e, principalmente, dá-se o rompimento político de *Tel Quel* com Derrida, tido como mais um “dogmático-revisionista” ao apoiar a união da esquerda francesa contra não apenas o centro e a direita mas também o “perigo amarelo”. Desse modo o grupo da revista retorna ao que havia criticado, e na verdade se encontrava apenas reprimido, no movimento surrealista dos anos 30: um certo excesso de crédito em um regime totalitário com atrativos estéticos e propagandísticos irresistíveis durante certo espaço-tempo.

*

“*Tel Quel* a toujours été attaqué. Cependant, pour comprendre la violence depuis quelque temps redoublée de ces attaques, il faut aller directement au fait suivant: la revue est en plein fonctionnement, non seulement matériel – augmentation du tirage, influence croissante (surtout à l’étranger, puisqu’une édition italienne paraît ces jours-ci) – mais surtout théorique, à l’intérieur d’un développement de plus en plus serré de sa réflexion. Vous savez de quelle idéologie profondément réactionnaire, décadente et pour tout dire exténuée, la ‘littérature’ est, dans notre société, le symptôme actif. Bien entendu, ce symptôme renvoie à l’ensemble de l’idéologie bourgeoise qui ne manque pas ‘d’écrivains’ destinés à mimer son passé classique romantique ou naturaliste: cela va du stendhalien agité à l’esthète crépusculaire, en passant par toutes les variantes d’un fonctionnariat multiple. Pour une telle *économie*, il s’agit de comprendre ce que *Tel Quel* signifie: l’annonce d’une *dévaluation*”...

Philippe Sollers³⁹

*

³⁸ Cf. última nota deste Capítulo, dedicada ao contexto das revistas.

³⁹ Entrevista concedida a Jacques Henric de *Les Lettres Françaises* em abril de 1967, e reproduzida como carro-chefe da *Théorie d’ensemble*, logo após Foucault, Barthes e Derrida, fazendo as vezes de um editorial, vale dizer: autopropaganda. Cf. *Théorie d’ensemble*. Paris: Seuil, 1968, p. 69-70 (o último grifo é meu).

Ao contrário de hispano-falantes, que são leitores extremamente precoces da *Teoria de conjunto*,⁴⁰ a “massa” de leitores de língua inglesa teria de esperar até o final da década de 90, quando se faz publicar *The Tel Quel Reader*, incluindo textos teóricos (a grande maioria) que permaneciam espantosamente inéditos na língua hoje hegemônica, segundo os organizadores, French e Lack.⁴¹ Indicadores como estes são, é claro, insuficientes para medir o seu verdadeiro impacto em um ou outro lugar e, no entanto, servem para manifestar tempo e intensidade de interesse em um ou outro mercado editorial. Mas, enquanto a psicanálise lacaniana, por exemplo, vai surgir na Espanha por intermédio de psicanalistas argentinos no exílio durante a última ditadura militar – cumprindo um *esquisito* itinerário –, o telquelismo rapidamente esteve à disposição de hispanos desde a Catalunha.

*

Ao mesmo tempo dedicada e desconfiada em relação àqueles que se apresentam como “à la fois un groupe, une revue, une collection”, Mary Ann Caws descobre com a ajuda de Henri Meschonnic (nos *Cahiers du Chemin*, em abril de 72) que a epistemologia de seu “materialismo semântico-semiótico” é falha e que seu recentemente assumido engajamento resulta no que chama de “repetitive sloganism” e seu vocabulário em um “emotional manicheanism”: quem não for maoísta, será revisionista dogmático, conforme se pode ler entre um e outro parêntese de Caws, em que toca nas grandes feridas telquelianas, da sua “mistificação tautológica” – “satirized as a ‘metalinguistic process linked to the emission of a neo-pseudo-intra-linguistic-referent’ – à megalômana homologia “texte/Sollers”,⁴² pretextada a partir da construção de sua China. Para um exemplo do maniqueísmo maesco-telqueliano, informa-se que

⁴⁰ A tradução da Editora Seix Barral, de Barcelona, feita por Salvador Oliva, Narcís Comadira e Dolors Oller, aparece já em 1971.

⁴¹ French, P. e Lack, R.-F. *The Tel Quel Reader*. London/New York: Routledge, 1998. Apesar dos nomes “suspeitos”, trata-se de dois dedicados pesquisadores, em grande parte responsáveis pela sobrevivência do telquelismo em língua inglesa hoje. Patrick French é autor de *The time of theory* (cf. nota 23), uma variante inglesa e menos laudatória da mesma história contada por Forest em *Histoire de Tel Quel*. Ambas foram publicadas em 95, ano da realização dos “Colloques de Londres et de Paris” sobre o tema “De *Tel Quel* à *L’Infini*. L’avant-garde et après”, cuja antologia foi coordenada precisamente por Forest, na parte francesa, e French, na inglesa (Nantes: Pleins Feux, 1999).

⁴² *Nombres* pode ser o outro nome desse texto nominado (dominado?) por seu próprio sujeito, que assim se anuncia em sonhador paratexto a este verdadeiro ideal de livro anti-idealista: “Un tel théâtre, sans scène ni salle, où les mots deviennent les acteurs et les spectateurs d’une nouvelle communauté de jeu, doit donc aussi permettre de capter, dans ses croisements de surfaces, notre ‘temps’: arrivée du dialogue entre Occident et Orient, question du passage

such terms as the dogmatic revisionist intellectuals, the old backward renegades at the service of the rotten bourgeois capitalists, accusations which apply, of course, to the French Communist Party, disparagingly referred to in lower-case: the “pcf”, as opposed to the Great Leader, the brilliant doctrine, and the Specific Work of the avant-garde.⁴³

*

Tel Quel, pressupondo-se sempre pós-estruturalista, condena o movimento estruturalista como a-histórico, embora faça da China “a dream of exotic science, a mistaken and idealized interpretation of a distant phenomenon”, conforme Meschonic reportado por Caws, a qual, como disse, responde de maneira crítica e por outro lado se confessa aderente ao jogo de auto-exame que impregna o colóquio de que participou, assim como o próprio ar do tempo (“The present essay concerns itself with *Tel Quel* at the moment of this writing”; “This objection [on an idealized China] seems far less answerable to me, but that no doubt betrays my aesthetico/liberal/capitalist viewpoint”).⁴⁴

*

Versão *esquerda* da operação (defendida, aliás, por seu próprio timoneiro): a revista *Tel Quel* responde desde sua fundação a uma demanda da indústria cultural francesa no pós-guerra. É fruto de uma aposta de uma editora, du Seuil, que vê perspectiva clara de lucro em um certo nome e em um certo grupo de escritores emergentes, a fim de disputar novos nichos de mercado com as vizinhas e concorrentes parisienses Minuit e Gallimard.⁴⁵ Trocando em miúdos (e reenviando ao

d'une écriture aliénée à une écriture traçante, à travers la guerre, le sexe, le travail muet et caché des transformations. Le roman imprimé ici *n'est pas* un roman imprimé. Il renvoie au milieu mythique en train de vous irriguer, de se glisser en vous, hors de vous, partout, depuis toujours, pour demain. Il tente de dégager une profondeur mouvante, celle d'après les livres, celle d'une pensée de masses ébranlant dans ses fondations le vieux monde mentaliste et expressionniste dont s'annonce, pour qui veut risquer sa lecture, la fin". Cf. contracapa de Sollers, P. *Nombres*. Paris: Seuil, 1968.

⁴³ Caws, M. A., op. cit., p. 4.

⁴⁴ Idem, p. 4.

⁴⁵ “*Tel Quel*'s formation had an economic motive. The promise of Sollers's *Une curieuse solitude* was ostensibly the reason why Seuil agreed to the formation of a literary review around Sollers, as a good investment. Seuil sought to establish a literary review of the same form and status as the *NRF*, from its own stable of writers. (...) the formation of the review is not initially determined by any kind of will to innovate or to create a new literary movement. In

primeiro Barthes): a editora é a “burguesia” e a nova revista recebe a procuração para se trajar com rigor vanguardeiro.

*

Nova intervenção crítica reportada por Caws provém da revista de Maurice Nadeau, *La Quinzaine Littéraire* de julho de 72, em artigo de Jean Chesneaux, “De Mao aux Maos”, no qual a palavra “movimento”, a exemplo do Movimento de Junho de 1971, é referida em chinês a um movimento (“yundong”) de massas do qual os intelectuais recebem seu impulso inicial.

A pergunta é: pode esta direção ser invertida?

That particular question with the implied and obsessive sub-questions about the actual relationship between textual work and revolution of classes was the persistent undercurrent for much of the Cerisy meeting in both its formal manifestation, that is the transcribed papers and debates, and its informal and unrecorded political discussions, where a certain heat was generated along with certain ill-feelings, acknowledged and then recanted in standard auto-critical fashion.⁴⁶

*

“Sollers est moins ‘révolutionnaire’ qu’il ne le paraît et, là encore, il ne fait qu’aménager des positions depuis longtemps conquises. Son effort de synthèse n’en est pas moins brillant, d’autant qu’il a tiré profit, chemin faisant, du travail des linguistes, des sémiologistes, des structuralistes et qu’exploitant intelligemment ses sources, il y trouve les arguments décisifs à l’appui de sa thèse: peu importe qu’on appelle roman, poème ou essai l’ensemble de signes que trace un écrivain, peu importe même l’homme qui les produit et peu importe son ‘oeuvre’; ce qui compte c’est le texte.

“Il faut attendre qu’ils [les écrivains de *Tel Quel*] soient admis par des cercles plus larges de critiques et de lecteurs, avant de s’aventurer à porter quelque appréciation que ce soit sur des productions dont le sens et le but n’apparaissent point à la lecture des textes eux-mêmes. Peut-être

terms of the review’s orientation and the history of ideas, it is an accident”. Cf. French, P. *The time of theory*, p. 46-

7.

⁴⁶ Caws, M. A., op. cit., p. 4.

s'apercevera-t-on alors que les limites du roman – oeuvre de fiction, en prose, qui possède en elle-même sa propre signification – sont en effet largement transgressées, au profit d'un genre – ou d'un non-genre – qu'actuellement on ne peut désigner que par *le terme vague et labile de 'texte'*. À quelles lois de production obéiront ces textes? Quelles fonctions seront-ils appelés à remplir? Toute réponse à ces questions ne peut s'appuyer aujourd'hui que sur *des théories, c'est-à-dire des déclarations d'intentions*".

Maurice Nadeau⁴⁷

*

Versão *direita* da operação: o telquelismo é uma chaga crítico-teórica disseminada a partir dos anos 60 que atinge seu êxtase e seu paroxismo no início dos 70.

*

E, no entanto, um trabalho cooperativo, como pretende ser o telqueliano, deveria estar situado no outro lado das relações de propriedade definidas, tradicionalmente, pelas idéias de autoria e de indivíduo, entendidas como o foram no calor do *texto* e da *trans* ou *intertextualidade*, através de uma crença ingênua em seu jogo surrealista de “engendramento e destruição mútuos”. A escritura plural do *scriptor* devida a Roland Barthes, assim como a Isidore Ducasse ou Julia Kristeva, na tradução chinesa, em nome de um pensamento coletivo, conforme blefa o indivíduo, o autor por trás da *Théorie d'ensemble*, ao deixar-se entrevistar por Jacques Henric, nos termos de Caws:

Any staking of personal claims, any delimiting of the origin of ideas is held to be a concession to market value. Within the continuing dialectical process, the text always open and unfinished is the property of all and the result of a productivity including in itself its annihilation. At the other pole from the tendency to linearity and unequivocal speech characteristic of bourgeois ideologies stands the plurivocality of this constantly renewed *Théorie d'ensemble*, literally a theory developed together, in which the group or the set

⁴⁷ No calor da hora, o editor de *La Quinzaine* faz sua leitura ponderada do telquelismo em expansão. Cf. “*Tel Quel*”. *Le roman français depuis la guerre*. Nantes: LePasseur, 1992 (1ª ed. Gallimard, 1970), p. 170 e 174 (grifos meus).

provides a body of texts, each acting on the others, and in which all are directed toward a transformative end: “a text has the exact value of its action in integrating and destroying other texts” (*Théorie*, p. 75).

*

Tel Quel acredita que a necessária interreferencialidade não pode ser uma representação de uma autoridade mas o sinal de uma situação anônima de protesto coletivo, de vontade de revolução e produto de um claro posicionamento político com finalidade abertamente transgressiva contra os pesados códigos de propriedade social ou lingüística. A fórmula básica é transgressão com autocrítica permanentes, conforme este relato americano de viagem à França, em seu último e agônico reduto vanguardista: “Corresponding to the desired intertextuality (...), the following discussion is intended as the ‘intersection of several codes’ (*Semiotiké*) rather than the explicitation at length of any one of them”.⁴⁸

*

“*Théorie* doit être pris ici, dans le sens que lui donne, de façon décisive, Althusser: c’est ‘une forme spécifique de la pratique’”.

Philippe Sollers⁴⁹

*

De qualquer modo, coexistiriam em todo coquetel telqueliano ao menos os seguintes elementos, conforme levantados por Caws: o formalismo e o futurismo russos, uma fundamental filosofia das desconstruções – em especial as noções de *trace*, *espacement* e *différance* –, a homologia escritura/revolução. Mais do que os ensaios inaugurais da *Théorie d’ensemble*, de Foucault e de Barthes, “La différence” e Derrida, que os sucedem no volume, marcam o foco do desejo de transgressão manifestado por *Tel Quel*. É um pensamento que se superporia e simultaneamente se oporia às estruturas sincrônicas, estáticas e a-históricas da maioria dos

⁴⁸ Caws, M. A., op. cit., p. 4-5 (as duas últimas citações).

⁴⁹ *Théorie d’ensemble*, op. cit., p. 72.

pensadores cientificistas rotulados como estruturalistas. O passo além vai consistir na fusão, entre outras coisas, do conceito de texto com o de transformação (de outros textos), que também significaria processo, produtividade, diferença.

*

Glossário:

“A interpretação, para Derrida, consiste em ‘tecer um tecido com os fios extraídos de outros tecidos-textos’. É assim que em ‘La Pharmacie de Platon’, Derrida trabalha o texto platônico. A interpretação é um tipo de leitura que supletiva um texto, no momento em que, penetrando no seu corpo, desconstrói-o e revela aquilo que estava recalcado.

“A filosofia da presença é posta em questão na crítica nietzschiana da metafísica. O conceito de *jogo* propõe o aleatório, abalando o centro (origem e fim). Sem centro, o texto é uma estrutura que deve ser pensada na sua estruturalidade, e essa natureza dinâmica é que possibilitará a polissemia.

“Se o texto se apresenta como enigma, o desfazer da sua trama, isto é, a interpretação, se constituirá de movimentos de leitura sucessivos, e o deciframento do texto se efetivará por um sistema interpretativo próprio”.⁵⁰

*

“Peut-on comprendre cette attitude [d’“explorer ça qui produit le *cercle invisible et féroce*, ça qui est *boulonné par une syntaxe*”, nos termos de Genet] comme une réaction contre le terrorisme ‘théoriste’ d’un autre groupe, celui qui a brandi haut le drapeau du Texte durant la période creuse entre la grande guerre coloniale et la grande année mondiale, et qui en a fait ensuite le signe caractéristique du reflux politique de l’Après-Mai? Oui, sans doute... Mais réaction inutile, car cet hyperthéorisme n’était de toute façon qu’un faux-semblant, et cette théorie, dite d’ensemble, qu’un tas de phraséologies inconséquentes et tournantes. Où la haine (derridienne) de la dialectique et l’affirmation dogmatique du ‘matérialisme dialectique’, d’une page à l’autre, voisinaient sans même sembler se voir. En cet endroit, les théories? On s’habille avec, et on les enlève comme un

⁵⁰ *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 51. “Trabalho realizado [em 1974] pelo Departamento de Letras da PUC/RJ. Supervisão geral de Silvano Santiago”.

chapeau. Un hénaurme bavardage ‘théorique’ débouchait dans l’anodine trivialité (l’écriture comme texto e réciproquement) ou le risible non-sens (l’accouplement homérique entre ‘le théorème de l’existence’ e ‘le morphème phallus’). Liée   ce th orisme textuel, une inflation idéologique sans limite, s’est livrée   la délation tournante sur *toutes* les forces du mouvement ouvrier successivement: depuis la Gauche prolétarienne jusqu’au P.C.F., depuis les groupes trotskystes jusqu’  la social-démocratie, depuis la C.G.T. jusqu’au parti socialiste unifié. Ceux-là même qui déclenchaient finalement un mini-culte de la personalidade neuf mois après l’entretien ironique e grave où Mao Ts -tong, en octobre 70, déclarait   Snow que la campagne autour de son nom n’était plus qu’une stratégie centralisatrice désormais entièrement dépassée – ceux-là n’avaient jamais fait qu’arriver après la bataille: ils découvraient leur anticolonialisme longtemps après la guerre d’Algérie. Plus exactement, ils accusaient soudain le principal responsable de leur publication, en ces années-là, d’avoir eu des ‘tendances fascistes’: ce qui ne faisait sans doute que désigner sur quel terrain ils se déployaient en rase campagne, en de tels moments”.

Jean Pierre Faye⁵¹

*

Quintuplicando a média de comercializa o de *Tel Quel*, a edi o dedicada   China (n  59, outono de 1974) vendeu vinte e cinco mil exemplares.⁵²

*

Uma teoria para uma nova história e um novo homem significa a cria o de códigos próprios: – Se existe inten o da consuma o do ato produtor de uma escrita que   uma *arquiescritura*, escreve-se a partir de um discurso material porque ele  , ou existe... – A cópia desta teoria desconstrutiva da escritura poderia ser levada ao *infinito* a partir de suas próprias idéias-força – a começar pela idéia de revolu o permanente –, uma vez que se trata de combater diferentes

⁵¹ Faye, J. P. “Le tr fle”. *Change [Mondiale]* n  20, Paris, set. 1974, p. 26-7. Em sua edi o de nó 7 (1970), a revista publicara o artigo “De ‘Contre-attaque’   ‘Acéphale’”, de Pierre Klossowski, sobre as revistas em que Breton e Bataille se encontram e se desencontram. Aqui, entre *Contre-attaque* e *Acéphale*, *Change* contra-ataca, a partir de uma cita o de um artigo de Jean Genet em *L’Humanité* (13 mai 1974). O panfleto “mudancista” antitelqueliano, que caricaturiza e sumariza sozinho todos os discursos em jogo, será retomado no início do terceiro capítulo (p...).

⁵² Cf. Dosse, F. *História do Estruturalismo* vol. II, op. cit., p. 187.

tipos de “pares imperiais”, seja no campo da cultura ou no campo da política, no campo da ciência ou no campo da filosofia, sob diferentes formas de “imperialismos”: o império da fala sobre a escrita, de deus sobre o diabo, da idéia sobre a matéria, da alma sobre o corpo, da forma sobre o informe, do sujeito sobre o objeto, e assim por diante. É, portanto, necessário ajudar a combater o humanismo, a dissolver o logocentrismo, apagar todas as suas luzes. Como se sabe, as armas – pesadas – da teoria que tomam como base partem do pensamento de Marx e de Freud e promovem um encontro entre Dante, Nietzsche, Sade, Lautréamont, Mallarmé. Armas pesadas para lidar com uma equívoca *produtividade sem dono*. Sua teoria do texto define-se por esta fórmula. Mais precisamente, para o grupo *Tel Quel*, o texto não representa um significado que o excede, assim como não existe um sujeito transcendente que o imponha ou um autor que o traduza. Na base de seu pensamento “monumental” – englobando, como no subtítulo de sua revista, primeiro apenas “literatura” e “ciência”, depois, “literatura”, “filosofia”, “ciência”, “política” – aparece, é claro, o pensamento marxiano e o que se imaginava ser o espaço de liberação representado pela luta de classes, e o pensamento freudiano, a linguagem do inconsciente em novo ataque à razão ocidental.

Urge promover um descentramento radical da linearidade, subverter os protocolos de circulação cultural do sistema, segundo tal vocabulário de época, em nome de uma textualidade que se situaria antes da oposição animal/homem, natureza/cultura, e seria encarada como o golpe de morte do etnocentrismo – uma vez que está em seu ponto zero, em um espaço material que é comum a todas escrituras em sua infinita diferença, ou seja, em um campo que anuncia a própria noção de *entrelugar*: a exemplo de Oswald de Andrade, Silviano Santiago também vai descobrir a América em Paris – com a diferença de que a França já se mudara para a América do Norte.

Fosse onde fosse, a meta final era nada menos que uma nova história, um novo homem, cujo valor não seria medido por seu capital significativo, ao contrário: a contra-utopia deste discurso político de vanguarda, “monumental” (tal qual Nietzsche) e múltiplo, se encontraria em uma tríplice revolução, econômica, social e simbólica, na tentativa de resolver a dicotomia literatura/revolução, quando ainda eram levadas em conta estas miúdas e binárias verdades. Mas, para investigar as obsessões teóricas *telquelianas* – e de seus avatares na América do Sul – é necessário esboçar (transcrever? reescrever? plagiar?) a teoria de uma teoria que chegará a ser identificada com o demônio, quando ela pretendia ser simplesmente *demoníaca*, além de excessiva. O comando da teoria, em expressão do estudo de Marx-Scouras (título de um de seus capítulos), começa por não se confundir com a abstração, nem se opor ao concreto, conforme se lê em entrevista de um teórico conhecido pelo refinamento e o caráter camaleônico, sempre parasítico de

si mesmo – conforme, também, os seus pares paulistas, cariocas ou portenhos (lembrados aqui e abordados, sem muita pressa, com intensidade crescente). Entre o legível e o ilegível, entre a vanguarda e a instituição, Roland Barthes afirma que o comentário de *Sarrasine* de Balzac “foi tanto a análise de um texto como, segundo meu entender, uma teoria do texto, do texto clássico, do texto legível”. Ficam aí desde logo bem explícitas as distâncias a serem tomadas, e a direção das convulsões ideológicas imaginadas:

Contre cela, j’imaginerais très bien, et même je souhaiterais que des discours, évidemment nouveaux, assument un certain discontinu, une certaine nature fragmentaire de l’exposition, analogues presque à des énonciations de type aphoristique ou poétique et que ces discours puissent constituer un discours fondamentalement théorique. Je pense d’ailleurs que ce discours théorique, qui romprait avec les habitudes rhétoriques du savoir, est en train de se chercher ici et là; para exemple dans certains livres de Lévi-Strauss, dans les *Mythologiques*; je pense aussi que l’énonciation de Jacques Lacan doit être comprise comme un effort de rupture par rapport au continu et au filé, au suivi de l’écriture théorique en général. (...) Maintenant, quant à définir ce qu’est la théorie, très près de moi, ou moi étant très près d’elle, Julia Kristeva l’a fait avec beaucoup d’insistance dans son livre *Séméiotikè*, qui est précisément un livre de théorie.⁵³

Sabemos que esta teoria tem um caráter paradoxal, que trabalha frequentemente contra si própria, no que segue a prática psicanalítica e escritural de Jacques Lacan. Um infinitamente cambiante Sollers, já na década de 80, diria em novo tom: “Quant à la signification du mot *théorie*, on sait qu’il s’agit aussi d’une ambassade, d’une procession, d’une fête”.⁵⁴

*

Deve-se procurar saber, por outro lado – se é questão de estar *entre* e em clima de revolução permanente –, por que Bertolt Brecht aparece na capa de um obscuro livro argentino dos anos 70 sobre a revista *Tel Quel*, sendo mencionado apenas uma vez e *en passant* em um de seus textos.⁵⁵

⁵³ Barthes, R., op. cit., p. 13-14.

⁵⁴ Introdução a *Théorie des exceptions*. Paris: Gallimard, 1986.

⁵⁵ Trata-se de um pequeno e singular volume intitulado *Literatura, política y cambio*, publicado na Argentina por Ediciones Caldén (1976), na coleção “El hombre y su mundo” dirigida por um colaborador dos primeiros anos de *Los Libros*, Oscar del Barco, e inteiramente devotado ao *telquelismo*. Alguns detalhes fazem desta edição uma estranha colcha de retalhos, de qualquer forma reveladora do modo (provavelmente) mais caótico de recepção de *Tel*

Parece se tratar de um daqueles verdadeiros enigmas bibliográficos: há poucas coisas demonstráveis aí, e justamente por isso talvez possam resultar elucidativas. Uma solução óbvia poderia utilizar o motivo da guerrilha travada durante toda a década – abordada em detalhe e com asco por Beatriz Sarlo em seu depoimento. Uma solução, uma resposta oblíqua – uma entre tantas – poderia estar no mesmo Barthes, que abre a coletânea precisamente com “Sur la théorie” (apesar da omissão do título), entrevista concedida em 1970:

La teoría es aquí un discurso esencialmente científico. No es sólo un discurso abstracto, generalizado o fundador, sino –y ésta es su marca distintiva– un discurso que se vuelve sobre sí, un lenguaje que se vuelve sobre sí. (...) En efecto, es un discurso que se observa a sí mismo en una suerte de autocritica permanente. Por otra parte, es probable que se busque para destruirse. Pero no se destruye de inmediato y esta especie de prórroga produce la teoría.⁵⁶

*

O jogo telqueliano consiste, como se sabe, em trabalhar na linguagem e com a linguagem, já que, conforme o provérbio maoísta, “desde que você se dirige a alguém, está fazendo propaganda” (e este é, no fundo, um enunciado revelador de resíduos fascistas, sobretudo pensando na geléia estético-política que tal jogo vai gerar). Sendo menos maoístas do que pensam, e muito freudianos, na realidade trabalhariam com o texto enquanto instância inseparável do próprio corpo, das funções corporais, da masturbação e a excreção ao amor e à morte. Um resultado do coquetel proposto pelos teóricos da conjunção é, por exemplo, a idéia de *mécriture*, devida a Denis Roche (*Tel Quel* n° 46, 1971), em nome de uma ruptura geral, textual e política, decididamente contrária ao dogma

Quel na América do Sul. Na capa lêem-se quatro sobrenomes: Barthes, Sollers, Henric, Guyotat; na página de rosto desaparece o nome de Barthes. A tradução está assinada por Alberto Drazul, e o prólogo por J. M. L. Em seguida, há uma entrevista com Barthes, outra com Sollers, um artigo conhecido deste, “Le reflèxe de réduction”, uma entrevista do comunista telqueliano Henric, outra do escritor telqueliano Pierre Guyotat, e a partir da página 80 uma série de apêndices: o “Programa” de Sollers; algumas páginas de “Tesis generales” anônimas; outra entrevista de Sollers; as respostas de *Tel Quel à Nouvelle Critique*; e, finalmente, outro ensaio de Sollers, “La escritura, función de transformación social”. Nas duas páginas finais aparecem as “Notas bibliográficas”, as quais denunciam que *o volume foi preparado cinco anos antes de sua publicação*. A primeira nota diz que *Tel Quel* “fue fundada en 1960 y [grifo meu] hasta la fecha han aparecido 46 números” – sendo que o n° 46 data de 1971. As demais três notas apenas biografam Guyotat, Henric e Sollers, com o detalhe de que Barthes só aparece nelas enquanto comentarista destes.

⁵⁶ *Literatura, política, cambio. Op. cit.*, p. 15. Nas *Oeuvres complètes*, tomo II, p. 1032.

de uma estrutura central, ruptura que promoveria ao lado de Sollers ou Pleynet em ficções que se querem descontinuas, dispersas, deslizantes, quando não díspares e mesmo ilegíveis.⁵⁷

*

Para além do aspecto romanesco de sua relação (e burlesco de minha linguagem), o telquelismo pode ser visto, entre outras possibilidades, como o resultado do encontro de uma húngara como poucas e de um francês tal qual, dois jovens e brilhantes intelectuais, os quais contaram com o apoio privilegiado e providencial de três pais do pensamento contemporâneo, que não por acaso são os introdutores da *Teoria de conjunto*. “A ce moment, en effet, la linguistique [isto é, Kristeva] est pour nous d’un puissant secours”.⁵⁸ O timoneiro telqueliano reivindica ao mesmo tempo a causa dos dissidentes do surrealismo, propondo o manejo de uma noção aberta de ficção, queira ou não tributária de Maurice Blanchot, em que qualquer sujeito de linguagem é posto em questão “par le traitement systématique du pronom”. Sua poética voluntariosa almeja nada menos que “une rythmique *autre*, littéraire, non métaphorique et cependant mythique”. Simultaneamente, conforme o ensinamento dos futuristas russos, críticos e cientistas, mestres em lingüística estrutural, era preciso fazer de cada um “un possesseur actif du langage”.⁵⁹

Em seu panfleto paradigmático – respondendo ao artigo “Où va *Tel Quel*” de Bernard Pingaud em *La Quinzaine Littéraire* (jan. 68) –, Sollers deseja destruir o obscurantismo “traditionnellement attaché à la ‘littérature’” ao enfatizar a pesquisa científica via semiologia e os processos produtores, quer dizer, renovar as técnicas formais “mas também, e *sobretudo*, exposição do pensamento que surge de uma mediação da *écriture*”. *Eu e ele* (os pronomes), *eles* insistem: a escritura, junto com os conceitos de texto e de intertextualidade, está na base do corte epistemológico do final do Novecentos, mutação “encore [toujours?] à venir” encontrada, se sabe, em Marx e Freud, Lautréamont e Mallarmé mas jamais reconhecida pela “ideologia” (no sentido de desconhecimento deliberado, isto é, ignorância) de nossa “cultura”, incapaz de se pensar historicamente, segundo Sollers, em nome de toda a arte e de todos nós.⁶⁰

*

⁵⁷ Cf. Caws, M. A., op. cit., p. 5-6.

⁵⁸ Sollers, P. “Le réflexe de réduction”. *Théorie d’ensemble*, op. cit., p. 298.

⁵⁹ Idem, p. 299.

⁶⁰ Idem, p. 300.

Mary Ann Caws defende abertamente o casal Sollers-Kristeva em um ponto, ao demonstrar que houve uma gradual adesão à maolatria, um pouco como quer o historiador Philippe Forest, antes da oficialização desta decisão política que teria se mantido em segredo por pelo menos três anos. Com isso a autora pretende rebater a acusação de Meschonnic segundo a qual o engajamento pró-chinês seria apenas de fachada. De fato, em sua tardia viagem à China, em 74, os telquelianos observam essa fachada (prestes a virar ruína) em diferentes graus: François Wahl detesta o que vê, Roland Barthes considera a China opaca e fascina-se apenas pelo Japão, Sollers, mais que Kristeva, deslumbra-se na terra de Mao – o líder absoluto que é filósofo e poeta, a encarnação da utopia da revolução estética e política cujo motor é a idéia-força de contradição tal e qual. Contradição tal e qual disseminada através da revista em seus últimos números, funcionando como justificativa para a absoluta oposição entre “textual revolutionaries and the renegade revisionists” – em obediência a suas tendências maniqueístas, elevadas à enésima potência no momento pós-68.

*

Não satisfeitos em ser três, grupo/revista/coleção, almejam ser “convulsão” – quando, textualistas, nada mais foram que lugar então comum. “The textual revolution disrupts individual choice and tasteful limits, prevents artistic closure, and breaks through the ordered system of language by the disarticulation and infraction of civil and linguistic codes”, segundo Caws lendo um texto de *Logiques*. Sua conclusão é a um tempo iluminadora e abrumadora, por trazer de volta a *Gramatologia*, “un texte qui [selon Sollers dans “Le reflète de reduction”] éclaire ces dernières années et les modifie radicalement”; *Gramatologia* cuja lógica paradoxal a operação telqueliana reclama ao romper e rompe ao reclamar, diante – hélas! – de um agora “idealista” Derrida. Conclusão ainda mais iluminadora e abrumadora por finalmente invocar a noção de *brisure*, “a discourse made articulate in its constant discontinuity” e por concluir de modo fielmente autocrítico:

Yet it is clear that meta-commentary such as this about such texts cannot be either revolutionary or non-revolutionary, cannot actually embody rupture in spite of its obviously

fragmented vision, nor articulation, in spite of its attempt at the relation of opposed texts. It turns, like *Tel Quel* itself, only about its own image, remaining its own fiction.⁶¹

*

O voluntarismo costuma ser venenoso e não seria diferente com os devotados telquelianos ao idealizarem, acima de tudo, o conceito de escritura – que pretendiam desconstruir – enquanto ferramenta simultaneamente política e estética. A escritura enquanto função da transformação social, conforme texto homônimo do editor da *Teoria de conjunto*; a escritura enquanto sinônimo de revolução – dogma e antidogma; a escritura como arma na tarefa urgente, premente de revolucionarização, entendendo a expressão não como aquilo a que não se chega, mas como aquilo que não se chega a entender: o efêmero que se crê eterno.

*

“Como lutar por mudanças revolucionárias numa sociedade tão convencional e tão covarde quanto a francesa? Não será certamente através de um modo de pensar, também convencional e covarde, cuja tônica é o medo de incorrer em pecado público passível de não ser perdoado pelos novos papas da política. Não ponham os pés na Exposição Colonial. Não se muda a opinião de um indivíduo, de uma pessoa dentro de um grupo, não se muda o modo de pensar e agir de um grupo, só porque alguém, por mais inteligente que seja, tenha resolvido cair fora do grupo por motivações nem sempre muito claras, e lá de fora, pela força da sua vontade e não a do seu desejo, queira convencer os antigos companheiros a acompanhá-lo pelo novo caminho da salvação”.

Antonin Artaud⁶²

*

Contrariamente ao que pensa o crítico argentino de *Tel Quel* pós-*Tel Quel*, a ideologia da revista francesa vende o desejo de responder com rigor retórico e teórico a Maio de 68 através de sua *Teoria de conjunto*, que, lembrando Lenin – “não há movimento revolucionário sem teoria

⁶¹ Caws, M. A., op. cit., p. 8 (todas citações do fragmento).

⁶² Santiago, S. *Viagem ao México*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 65-6.

revolucionária” –, surge ao lado de um *Groupement d'études théoriques* (GET). Por quê? A resposta é de seu porta-voz:

Pour ne pas sombrer dans l'impuissance du spontanéisme, pour ne pas s'enliser dans les revendications médiocres du réformisme, il convient de se donner à soi-même les armes intellectuelles nécessaires au combat. Dans le champ propre où elle agit, chaque avant-garde doit remplir cette mission.⁶³

Eis o telquelismo oficial pela voz de seu historiador oficial em sua história – *Histoire de Tel Quel* – oficial. A ênfase na militância teórica, como é sabido, suscitou ataques de todos lados, de cientificistas a anticientificistas: o meio literário reclamaria mais poesia e menos ciência em *Tel Quel*; o meio científico, da lingüística à matemática (caso se desse ao trabalho de pedir algo) pediria-lhe menos ciência e mais poesia. Não obstante, Sollers sonha com a “subversão generalizada”, sendo alguém que, segundo a versão obediente de Forest, não passaria de um incompreendido:

Non pas: la littérature au service de la théorie (comme presque tout le monde semble l'avoir cru de *Tel Quel*) mais très exactement le contraire. Les sciences du langage, la philosophie, la psychanalyse aidant à dégager un tissu de fiction à proprement parler *infini*.⁶⁴

Enunciá-lo a posteriori (no prefácio de 80), porém, é o que se poderia chamar de conversa fiada: vive-se a esta altura os estertores da revista, já que o telquelismo triunfante como que evaporou. O negócio da hora é partir rumo ao infinito recôndito (e confortável) da literatura que já deixara de se pretender *escritura*. Mas naquele momento essa escritura – mitificada – é o lugar da transgressão à filosofia e às ciências humanas. – Não somos cientificistas ou teoricistas porque jogamos com a teoria em nome da literatura, com nossa habitual virulência retórica, em nome de um terrorismo característico de uma pós-vanguarda, uma vanguarda pós-moderna. – O terror absolutamente seguro, se não verdadeiramente *soft*, de *Sollerspierre* há quase duzentos anos da Revolução...

⁶³ Forest, P., op. cit., p. 299.

⁶⁴ Idem, p. 299 (grifo meu). Trata-se de citação do prefácio de Sollers à edição de 1980 de *Théorie d'ensemble*.

A fim de servir no (ao) modelo, Forest trata de jogar o grupo para as margens, recusa sua posição hegemônica pretendendo minimizar sua influência, ao mesmo tempo que reconhece seu período áureo bem como seu declínio:

Aucun document ne m'a permis d'établir qu'*au temps du telquelisme triomphant* les éditeurs aient cessé d'éditer ou les facultés d'enseigner: malgré Barthes ou Derrida, on continua d'étudier Racine et Rousseau à la Sorbonne; malgré Sollers, on ne renonça pas à attribuer les prix Goncourt ou Femina; malgré Pleynet ou Roche, l'émouvant chant des poètes ne cessa pas; étrangement, les travaux de Kristeva n'incitèrent pas Gallimard ou Grasset à refuser la littérature naturaliste dont l'édition fait ses choux gras.⁶⁵

Duas observações não pontuais: Barthes e Derrida nunca deixaram de difundir o prazer dos textos ditos clássicos; com o fim da revista em 1982-3 – há muito encerrado o sonho de vanguarda telqueliano –, Sollers muda-se para a editora Gallimard onde, de um posto privilegiado, lança *O Infinito* – este velho conhecido.

Il faut ajouter qu'un travail aussi marginal et aussi risqué – dont le *Groupe d'études théoriques* formé par *Tel Quel* est la matérialisation sociale – n'aurait pas été pensable sans une réalité anonyme à l'oeuvre entre quelques individus dont toute l'ambition est de disparaître le plus possible dans les transferts d'énergie provoqués par la poursuite d'une pratique sans repos et sans garanties. Pour l'instant, voici où en est l'expérience: nous la laissons se formuler seule, d'un plan à un autre, d'un fond à un autre fond, avec la nécessité mais aussi la chance toujours suspendue d'un jeu. *Octobre* 1968.⁶⁶

Assim termina a divisão do conjunto, feita por Sollers, de quem Forest é devoto: marginalidade e anonimato, mitos rapidamente destruídos.

Como de hábito, o biógrafo oficial do grupo se deslumbra com a “extraordinária” defasagem entre meios mobilizados e o “fantástico” barulho provocado pela empresa telqueliana. Ora, de carona no pensamento inovador (para o bem ou o mal) de ninguém mais ou menos que Derrida (que, por sua vez, parasita os textos de Sollers em proveito próprio) e Barthes, além de

⁶⁵ Idem, p. 301 (grifo meu).

⁶⁶ “Division de l'ensemble”. *Théorie d'ensemble*, op. cit., p. 12. Não há assinatura, apenas a data.

Foucault, Lacan e Althusser, ao abrigo de uma sólida instituição do vasto mercado persa dos livros franceses, a *entelqueléquia* só poderia atrair e prosperar: virou moda e saco de pancadas, sucesso mundano e “problématique littéraire centrale”. Ser ou não ser hegemônico, o biógrafo do grupo ainda teria a coragem de perguntar. Logo ele, Forest, o homem que leva a “operação” ao salão de beleza, com um romantismo que deveria soar estranho mas acaba calhando no conjunto:

La beauté de l’opération se situe bien là: ne disposant que d’un soutien logistique limité, ne s’autorisant que d’elle-même, une parole s’impose qui, par sa seule force, apparaît à chacun comme une intolérable agression, une imminente menace. “Terrorisme” paradoxal qui ne connaît d’autre arme que les mots.⁶⁷

*

Que a *Teoria de conjunto* seja um manifesto coletivo não há que negar: duas dúzias de ensaios esparsos, publicados nas revistas *Critique* ou *La Nouvelle Critique* ou nas atas do colóquio de Cluny. Com ênfase às intervenções de Sollers, Kristeva, Baudry e Pleynet, à parte a santíssima trindade. O estruturalismo já cumpriu seu dever. A nova ruptura está por vir, através de uma nova visão do mundo feita de uma mescla de artes e discursos a qual se chamaria “telquelisme”, segundo certos círculos intelectuais franceses progressistas de Paris, cuja visão pedagógica e pós-romântica do poder da literatura informa como mirar a sua própria (teoria) crítica da literatura.

Seria o caso de dizer que Forest confirma-me delatando-se, ao empregar o verbo convocar: “A cette fin, un certain nombre de références immédiatement contemporaines sont également *convoquées*: Foucault, Barthes et Derrida; mais également, de manière plus discrète, Althusser et Lacan”.⁶⁸ A ambiciosa aposta do momento, repita-se, é: como unir o marxismo, a psicanálise, a lingüística, a literatura e o maoísmo (ainda reprimido) contra a vasta burguesia – “táticas para enfrentar a invasão neoliberal”, diriam, como diria mais tarde Pierre Bourdieu.

*

⁶⁷ Forest, P., op. cit., p. 302.

⁶⁸ Idem, p. 304. Embora tanto Lacan quanto Althusser jamais tenham publicado na revista de Sollers.

Pois recorde-se, aqui, o que a divisão do conjunto – à guisa de prefácio do volume e procurando sintetizar as diferentes correntes de pensamento em jogo – pleiteia com naturalidade e urgência divinas:

*reconnaître un milieu spécifique – L'ÉCRITURE DANS SON FONCTIONNEMENT
PRODUCTEUR N'EST PAS REPRÉSENTATION; régler une analyse – L'ÉCRITURE
SCANDE L'HISTOIRE; inscrire un "saut" théorique dont la Différance de Derrida situe la
position de refonte – L'ÉCRITURE NE FAIT PLUS SIGNE DANS LA VÉRITÉ; déclencher
un mouvement; élaborer des concepts; déployer une histoire(s) – une histoire plurielle;
articuler une politique.⁶⁹*

*

Solicitada:

Quais os possíveis usos de um *Glossário de Derrida*? É um trabalho paradoxalmente escolar, acadêmico, elaborado em *coletivo* e de forma (quase) *anônima* – coletividade e anonimato que dão o tom revulsivo do momento. Além disso, é um trabalho que induz à polissemia (cf. *Glossário*, p. 69) ao colocá-la, como nesse parêntese, rigorosamente em prática. Trata-se de um jogo relacional de conceitos em constante movimento (pela via mais visível dos asteriscos, entre outras), de uma *amarelinha* desconstrutora, não necessariamente para quem *sabe* jogar, mas para quem se dispõe a entrar e sair do jogo, ou seja, para quem se dispõe a *ler* desde sua perspectiva, que corresponderia àquela da *différance*.

*

“A *diferência* é o próprio movimento do sentido, que só existe numa rede de elementos passados e futuros, numa economia de *rastros*”.

Leyla Perrone-Moisés⁷⁰

⁶⁹ *Théorie d'ensemble*, op. cit., p. 10-12.

⁷⁰ Cf. “O efeito Derrida” (1995). *Inútil poesia e outros ensaios breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 303. Se entre os glossariantes cariocas o termo *différance* é mantido no original francês, a tradução como *diferência*, apesar de insatisfatória por “falar” demais, é uma das soluções consagradas em português, conforme se lê em um arco que se estende de (pelo menos) 1971– quando o termo aparece pela primeira vez, salvo engano, em *A escritura e a diferença*, na versão de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva para a editora Perspectiva [cf. nota da tradutora à

*

De forma hipercondensada, *écriture textuelle* – “pratique et théorie à la fois” – era então outro dos nomes do bicho em jogo, o qual se apropria de um marxismo paradoxalmente agiornado via Nietzsche, Freud e também Heidegger. A fórmula passa a ser: “marxiser la grammatologie, grammatologiser le marxisme”.⁷¹ E não se deixe de observar que a associação Derrida/*Tel Quel* resulta extremamente fértil para ambas as partes. O “antirromance” *Nombres* (1968), por exemplo, suscita um comentário-rio – “La dissémination”, publicado na revista *Critique*, além do livro homônimo de 72. Assim como os textos de Foucault e Barthes dedicados à literatura dos telquelianos, mas sobretudo de Sollers, o ensaio derridiano poderia ser visto como uma extensão, ou um segundo volume, da *Teoria de conjunto* (*Nombres* deve ser o terceiro tomo). Lembre-se também que Derrida acaba de provocar estupefação geral – em 67 – com três publicações: *De la grammatologie*, *La voix et le phénomène* (sobre Husserl) e *L’écriture et la différence* (incluindo o manifesto anti-estrutura “La structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines”).

Por essas e outras deve-se concluir que “La différence” ocupa lugar de destaque além de “position de refonte” no “salto teórico” (segundo a “Division de l’ensemble”) proposto pelo projeto coletivo – *ma non troppo* – de, não por acaso, 1968. Releia-se, então, este peculiar conceito de diferença, de si e em si mesma diferida, a fim de uma breve in(ve)stigação do rico veio pobre do telquelismo, tendo com o tempo se tornado o telquelismo uma espécie de primo pobre da abonada desconstrução do pensamento ocidental, assim como talvez da própria noção de diferença.

À *différance*, portanto. Como traduzir um *neografismo* sem tradução, já que não é nem uma palavra nem um conceito? Como *ouvir* um termo novo que esconde a sua novidade, sendo o *a* “marca muda, monumento tácito, uma pirâmide”?

p. 72] – até 2001, ao reaparecer no livro de Perrone-Moisés. Seu emprego, no entanto, é contestado por Evando Nascimento: “(...) creio ser injustificável a proposta de algumas traduções como ‘diferência’, ‘diferância’, ‘diferança’ ou, bem melhor, ‘diferensa’. ‘Diferência’ não constitui uma boa escolha, não apenas porque a pronúncia desse neologismo em português reconduz ao privilégio da fala, tornando audível uma marca que deveria ser apenas visual – mas porque e principalmente, e isso vale para ‘diferensa’ – *différance* marca o limite da possibilidade de toda tradução”. *Derrida e a literatura. “Notas” de literatura e filosofia nos textos da Desconstrução*. Niterói: EdUFF, 1999, p. 140.

⁷¹ Forest, P., op. cit., p. 313.

Il n'y a pas d'écriture purement et rigoureusement phonétique. (...) Se laisser renvoyer à un ordre, donc, qui résiste à l'opposition, fondatrice de la philosophie, entre le sensible et l'intelligible. L'ordre qui résiste à cette opposition, et lui résiste parce qu'il la porte, s'annonce dans un mouvement de différance (avec un *a*) entre deux différences ou entre deux lettres, différance qui n'appartient ni à la voix ni à l'écriture au sens courant et qui se tient, comme l'espace étrange qui nous rassemblera ici pendant une heure, *entre* parole et écriture, au-delà de la familiarité tranquille qui nous relie à l'une et à l'autre, nous rassurant parfois dans l'illusion qu'elles font deux.⁷²

De todo modo, a sua apropriação primeira se dá em francês-francês: Sollers expõe o anticonceito em sua vitrine ilustrada e, utilizando-se politicamente de toda a sua força de enigma – “sans pour autant se dissimuler, comme quelque chose, comme un étant mystérieux, dans l'occulte d'un non-savoir” –, dele é capaz de tirar grande proveito, como logo a sua futura amada de nome América o fará.

Segundo Derrida, o problema da escritura se abre com o questionamento do valor de *archè*, e não se fecha jamais em sua “estratégia sem finalidade”, em sua “tática cega”, em sua “errância empírica”, que leva o filósofo a retomar o conceito de *jogo*, o qual não cabe na oposição entre um discurso “filosófico-lógico” e um discurso “empírico-lógico” porque anuncia, aquém e além da própria filosofia, “a união do acaso e da necessidade em um cálculo sem fim”.⁷³

*

Translator's Preface:

“I have spoken of the radically other, which is always different, nonidentical. Add to this the structure of the perennial postponement of that which is constituted only through postponement. The two together—‘difference’ and ‘deferment’—both senses present in the French verb ‘différer,’ and both ‘properties’ of the sign under erasure—Derrida calls ‘différance.’ This différance—being the structure (a structure never quite there, never by us perceived, itself deferred and different) of our psyche—is also the structure of ‘presence,’ a term itself under erasure. For différance, producing the differential structure of our hold on ‘presence,’ never produces presence as such.

⁷² Derrida, J. “La différance”. *Théorie d'ensemble*, op. cit., p. 45-46.

⁷³ Idem, p. 46-47.

“The structure of ‘presence’ is thus constituted by difference and deferment. But since the ‘subject’ that ‘perceives’ presence is also constituted similarly, difference is neither active nor passive. The ‘-ance’ ending is the mark of that suspended status. Since the difference between ‘difference’ and ‘differance’ is inaudible, this ‘neographism’ reminds us of the importance of writing as a structure. The ‘a’ serves to remind us that, even within the graphic structure, the perfectly spelled word is always absent, constituted through an endless series of spelling mistakes.”

Gayatri Chakravorty Spivak⁷⁴

*

– Se me orgulho de ser “ilegível” é porque podemos ser ilegíveis sem ser “formalistas”; mas vamos além (de Barthes, que eu citava a propósito de meus livros):

Il est symptomatique qu’un texte ne soit pas cité dans l’article de Pingaud, un texte qui éclaire ces dernières années et les modifie radicalement: *De la Grammatologie*. (...) Disons simplement ici qu’aucune pensée ne peut plus ne pas se situer par rapport à cet événement...⁷⁵

Este “acontecimento” viria a negar a negação platônica da *écriture*, em favor da idéia de significado (e não pela sua simples desaparecimento) enquanto significante, e, claro, contra a idéia de *signifié transcendantal*, “fétiche de l’idéalisme phénoménologique qui croit toujours à un texte vrai et dernier, à un *sens* originaire, idéologie de l’écriture comme ‘vérité’”.

*

“Propor uma fraseologia ‘revolucionária’ está ao alcance de qualquer um”, diria, coberto de razões e de intenções, aquele Sollers de 1968. “Mais participer à la révolution de la pensée qui s’écrit en sachant qu’écriture et révolution sont précisément homologues en ceci qu’elles exercent une force transformative ‘muette’, cela est beaucoup plus difficile, cela exige une certaine ampleur de déchiffrement et de production déchiffrente incessante”.⁷⁶

⁷⁴ “Translator’s preface” (1974) em Derrida, J. *Of Grammatology*. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 1997 (Corrected edition), p. xliii.

⁷⁵ “Le reflète de reduction”. *Théorie d’ensemble*, op. cit., p. 301-3.

⁷⁶ Idem, p. 303 (duas últimas citações).

– E agora, o que faço com a morte de minha fraseologia?

*

Mais do mesmo. Célebres pelos modos afetadamente irados, os telquelianos são em seu *momento* – quer dizer, antes de sua paradigmática desapareção – tão provocadores quanto alvo de violentos ataques, em que seu vanguardismo cientificista é sempre posto em questão. Entretanto, repita-se, estão ou estiveram a seu lado os pensadores mais inovadores da filosofia e da literatura dos anos 60. O que não os exime de nenhum crime, ao contrário. É justamente ancorados em pressupostos teóricos ricos ao extremo e sempre desafiadores, sendo ao mesmo tempo afirmativos e negativos, que os telquelianos vão estabelecer sua reputação através de um voluntarismo capaz de tudo, oscilando entre a biblioteca e a rua de maneira ambígua, indecidindo-se sobre seu próprio lugar de enunciação, cujo desfecho sob a forma do “infinito” em revista não se cumpre como se cumpria sob outra denominação.

Afinal, não é verdade que *Tel Quel* não era tal qual e que *L’Infini* não é o infinito?

*

O que é, o que há em um nome? “Mettre en question le nom de nom”, lê-se ao fim de “La différence”.⁷⁷ O nome é o nome do pai e sua disseminação tem o vezo de um parricídio afirmativo. Mas o que fazer com um *ismo*? Um ismo é um nome elevado à enésima potência, um nome dilacerado portanto, um nome que pretende estar em todo lugar e pode simplesmente não ter pertencimento. Tal qual a vertente em vista: no início do “momento” do periódico francês – o decênio cujo exato intervalo corresponde a 1970, quando a história parece fazer um *looping* –, seu corpo mutante abandona em definitivo a fidelidade a Valéry e à Literatura Francesa. *Tel Quel* segue sendo *Tel Quel* mas já poderia levar outro nome, por não ser mais tal qual 1960 no plano dos valores culturais e político-ideológicos. Supostamente. *Great divide*, a mutação fica carimbada de fato nas sucessivas mudanças de razão intelectual da sólida empresa “du Seuil”: a partir de 67, em que reivindica, isto é, aparenta uma identidade fortemente demarcada, “Science/Littérature”; a partir de 70, com a grande explosão: “Littérature/Philosophie/Science/Politique”; sendo que apenas nos estertores, 1978-9, surgem as três letras de *Art* (sempre com maiúscula), que no fundo e na

⁷⁷ *Théorie d’ensemble*, op. cit., p. 68.

superfície estiveram desde o início (em 60) apenas a *Tel Quel*, vale dizer, a *Felipe Sóarte*, seu todo-poderoso eterno-infinito diretor – em tradução bem literal ao bom português do pseudônimo que se auto-outorgara, gloriosa e estudadamente, Philippe Joyaux (Bordeaux, 1936): *Sollers*, de *sollus*, com dois ‘l’, e *ars*, e era só, segundo só uma das várias versões.⁷⁸ Mas ninguém perderia por esperar para ver, e com olhos de leitor, no tempo de sua voga. Anote-se à margem que a questão do nome e de seu modo de identificação vai ser retomada com o exame das devidas deformações latino-americanas, como a mesma noção de *Latinoamérica*, e de resto como as de lugar *entre*, de nomes como *Los Libros* ou *Literal* – sendo este último (que era o nome de uma revista portenha), ao fim e ao cabo, a melhor negação do *tal qual*. Como qualquer publicação de direita, como qualquer veículo que não aderisse à esquerda militante durante os longos anos 60, *Literal* viveu à margem (cf. Capítulo Dois). Tais versões são sempre canibais mas possuidoras de apetite bastante variável, assim como a qualidade da presa, de apropriação em apropriação. Evidentemente, ou seja: em tese.

*

Fruto do terrorismo teórico e intelectual promovido por *Felipe Sóarte*? Por que os telquelianos encontram resistência nos Estados Unidos, enquanto Derrida, que é como se sabe uma de suas principais matrizes teóricas (reivindicada pelo menos até 74, quando rompem politicamente), é lido e traduzido cedo e sofregamente? De todo modo, Sóarte atuou como um bom e aparelhado vendedor de(a) vanguarda sob o disfarce de escritor revolucionário, o qual começa a perder, curiosamente, quando a revista abraça os mesmos Estados Unidos e reivindica com ênfase a *Arte*, enterrado o delírio sino-ufanista em torno de Mao. E a consolidação completa do fenômeno parece se dar quando o diretor de *Tel Quel*, já transubstanciada em *L’Infini*, abraça a infame causa de *Femmes* (1983).

*

⁷⁸ A poética *verbivocovisual não nacional* diante do espelho: “There are various interpretations of the name ‘Sollers’ given by the writer himself: ‘tout entier intact’ (from *H* (Paris, 1973, II) is the Latin definition, ‘possessed entirely of an art, hence, skilful, clever, adroit’ (*Cassell’s Latin Dictionary*). It is also ‘le surnom d’Ulysse’ (also *H*, II). It is linked to the Greek ‘holos’, thus to ‘holocauste’, ‘sacrifice sans reste’ (interview with Sollers by author) and to ‘hologramme’, suggesting a writing ‘en trois dimensions’ (voice-image-text)”. Cf. French, P. *The time of theory*, p. 45 (nota 1).

Na visão dos talvez últimos promotores do telquelismo no universo – os responsáveis por *The Tel Quel Reader*, se houve um grupo com esse nome, ele deve necessariamente incluir os nomes de Barthes, em primeiríssimo lugar, bem como os de Guy Scarpetta, Jean-Joseph Goux, Pierre Guyotat, Maurice Roche e Severo Sarduy – o escritor cubano anticastrista que se exilou em Paris e seria apadrinhado, como se sabe, por ninguém senão Barthes (as descrições do período, quase sem exceção, começam e terminam neste nome).

O grande golpe publicitário do mercado das letras novas, com um slogan que poderia ter sido “por uma crítica teórica da prática do texto”, consistiu em reunir, já no ano que não terminou, uma constelação de *star-names* (a expressão é de inteira responsabilidade dos autores do *Reader*) como Foucault e Derrida, em apropriações um tanto indébitas, cheias de matizes. *Tel Quel* deu lugar a uma estratégia política, teórica e literária cuja retórica oscilaria entre a transgressão e a transcendência, como concluiriam mais recentemente French e Lack, e como anteviam, mais próximos no tempo, seus leitores latino-americanos.

*

Fundador e *infinitivo* editor de *Tel Quel*, Philippe Sollers justifica-se, naturalmente que em proveito próprio, a propósito do “gigantesco” erro do maoísmo. Declarou a Bernard Henry-Lévy, em “As aventuras da liberdade” (o documentário de 1990 sobre os intelectuais franceses), que a China terrorista, “por mais chocante que pareça, liquidará nossas últimas ligações stalinistas”. Ele iria mais longe, como é de seu feitio: os ex-maoístas, na sua opinião, deveriam receber homenagens “por tentar reinventar a democracia na França”, ou seja, por liquidar com a lei do silêncio imposta pelos Partidos Comunistas oficiais, abrindo uma “fissura no ponto mais sensível desse fenômeno”, visto e vivido como uma enorme e terrível sombra.

A esta altura, o entrevistador é *forçado* a reconhecer que surge, em torno de *Tel Quel*, uma “nova maneira de pensar”.

*

Sabe-se, porém, que o telquelismo não franqueia certas fronteiras – a não ser a posteriori, com suas figuras já classificadas, quer dizer, *desclassificadas*, como no caso dos Estados Unidos. Kristeva é a exceção, informam French & Lack, mas seu trabalho é separado de *Tel Quel* ao ser

vertido ao inglês; exemplo disso é a exclusão de seu importante ensaio sobre Sollers, “L’engendrement de la formule”, de qualquer compilação kristeviana existente na língua do *Tel Quel Reader*, do mesmo modo que a produção literária dos membros do comitê de redação da revista, ao contrário de outros satélites telquelianos:

This situation is more markedly the case when it comes to the fiction and poetry produced by the group. While there is a singular lack of translated fiction or poetry by, say, Pleynet, Roche, Sollers and Baudry, the English-speaking reader can access translations of Maurice Roche, Pierre Guyotat and Severo Sarduy, all writers for whom *Tel Quel* was a decisive influence, who published in the review and were at various times grouped with *Tel Quel* at conferences, but who were not part of the committee itself. *Tel Quel*'s influence is relayed via its periphery.⁷⁹

De modo que *Programme* (1967) pode ser definido como uma ficção autobiográfica recusada, entre outras, pelo programa de imigração Europa-América. Ficção autobiográfica porque *Felipe Sóarte* propõe seu “Programa” alardeando de imediato e com letras maiúsculas que DEVE SER ELABORADA UMA *TEORIA DE CONJUNTO REALIZADA A PARTIR DA PRÁTICA DA ESCRITURA*,⁸⁰ anunciando aí o livro por vir. Esta prática deveria ser dissociada do conceito, “historicamente determinado”, de *literatura*, propiciando sua destruição e reconstrução totais. Mas, precisamente neste manifesto megalômico (incluído posteriormente em *Logiques*⁸¹), cujo significante-amo é *ruptura*, seu autor faz referência a uma idéia nietzschiana sintomática (porque logo abandonada) de “história monumental”, que viria a ser “a teoria da história da escritura textual”, a qual, por sua vez, tomaria o nome de “lógicas”, ou seja, *moi-même* no maior afã de legislar com cientificidade. A “ruptura textual” iniciada no fim do século XIX, contemporânea portanto do marxismo e do materialismo dialético, é vista como “a própria crise, o salto e a revolução da *legibilidade*”.⁸² E uma vez que tamanho teorismo demanda justificação, o programa termina assumindo com todas as letras o seu engajamento inseparavelmente teórico e político: “Como ‘consciência histórica’ [a teoria] se encontra, necessariamente, ao lado da ação revolucionária em curso”.⁸³ Pode-se afirmar em consequência que, desde o início de sua

⁷⁹ French, P. e Lack, R. F. *The Tel Quel Reader*, op. cit., p. 243-44.

⁸⁰ Cf. Sollers, P. et al. *Literatura, política y cambio*, op. cit., p. 81-86.

⁸¹ Sollers, P. *Logiques*. Paris: Seuil, 1968.

⁸² Sollers, P. et al. *Literatura, política y cambio*, op. cit., p. 82 (com grifo no original).

⁸³ Idem, p. 86.

radicalização política, o telquelismo tampouco franqueia o umbral das vanguardas históricas e do próprio existencialismo em matéria de ideologia, fato que a posterior adesão oficial ao maoísmo só viria a corroborar.

*

“Les intellectuels européens, à de rares exceptions près, n’ont pas saisi le *rythme* nouveau de la planète tel qu’il s’est développé aux USA”.

Philippe Sollers⁸⁴

*

“Enquanto os ex-discípulos elaboram o luto pelo mestre [Barthes], os universitários americanos encontram um outro modo de o matar: transformá-lo, *post mortem*, em guru do pós-modernismo. Fazendo um balanço em *Condição pós-moderna* (Loyola, 1992), David Harvey diz que Barthes foi ‘uma das figuras centrais do pós-modernismo’.

“O termo *pós-modernismo* é uma criação americana que Lyotard levou para a França, provocando as polêmicas que se conhecem. Barthes não viveu o suficiente para se pronunciar a respeito. Os americanos o etiquetam de pós-modernista porque ele colaborou para a derrocada das ‘metanarrativas totalizantes e legitimadoras’, pregou a dissolução do sujeito numa *jouissance* egotista, estetizou a vida etc. Os americanos sempre viram Barthes como uma espécie de Maurice Chevalier da teoria, um dândi tipicamente *French*, com uma taça de champanha na mão e um dito picante na boca. Mesmo Susan Sontag, que o admirava, o imagina assim. Ora, para colar em Barthes essa etiqueta de esteta irresponsável e bem integrado no mundo contemporâneo é preciso ou ter lido muito mal sua obra ou varrer muita coisa para debaixo do tapete, principalmente suas preocupações éticas. A. Huyssen chega mesmo ao absurdo de dizer que Barthes pregava o *plaisir* para a ralé e a *jouissance* para os *yuppies*, e David Harvey (que também parece não ter lido *O prazer do texto*) acha que essa imagem ‘pode ser bem apropriada!’”.

⁸⁴ *Tel Quel* n° 71/73, automne 1977, p. 12.

*

Insiste-se: como tomar o máximo de distância do surrealismo, cujo impacto revolucionário é minimizado pelos telquelianos? Três armas servem a tal fim: a teoria semanalítica de Kristeva, a teoria da escritura de Derrida e a teoria do significante de Lacan – “três disciplinas que, por sua novidade, são completamente estranhas ao pensamento surrealista”.⁸⁶

*

A última nota do prólogo de J. M. L. (?) a *Literatura, política y cambio* – texto este que é um decalque caricato dos mandamentos do telquelismo – propõe mais uma lista de figuras-chave às outras tantas lidas nestes fragmentos. De modo especialmente interessado, diria-se que não é uma relação qualquer: “Dijimos Marx, Freud, Nietzsche, Sade, Mallarmé, Lautréamont, Derrida, *Tel Quel*; podemos decir Lenin, Mariátegui, Borges”.

*

Seria preciso perguntar, por consequência, como os telquelianos lêem o “texto” Jorge Luis Borges, e não apenas como os latino-americanos (ou *gauchos*, *montevideanos*, ou que nome tenham) o fazem.⁸⁷ A utopia cultural e política, que torna este contradiscurso muito datado, define suas propostas de abolição de qualquer limite – propostas que serão revistas depois, ao mesmo tempo em que os vanguardistas encontram, de um modo ou de outro, o seu lugar nas diferentes instituições – do meio acadêmico ao meio editorial. – Não há mais críticos, anunciaram, apenas escritores – uma vez que “*la seule pratique que fonde la théorie du texte est le texte lui-même*” (com grifo, no original). A consequência é evidente, segundo Barthes: “si un auteur est amené à

⁸⁵ “Barthes e o pós-modernismo”. *Inútil poesia*, op. cit., p. 297-98. Publicado antes (como “Roland Barthes: comment s’en débarrasser”) em *La Quinzaine Littéraire* n° 618, Paris, 16 a 28 fev. 1993, e em *Cultural/O Estado de S. Paulo*, 10 abr. 1993.

⁸⁶ Cf. Van der Poel, I. *Une révolution de la pensée: maoïsme et le féminisme à travers Tel Quel*, *Les Temps Modernes et Esprit*. Amsterdam: Rodopi, 1992, p. 197.

⁸⁷ Quanto ao “autor” Borges, trata-se de um dos dois únicos argentinos a publicar na revista. O outro é o poeta Roberto Juarroz.

parler d'un texte passé, ce ne peut être alors qu'en produisant lui-même un nouveau texte (en entrant dans la prolifération *indifférenciée* de l'intertexte)". Ainda irá precisar: "de par ses principes mêmes, la théorie du texte ne peut produire que des théoriciens ou des praticiens (des écrivains), mais nullement des "spécialistes" (critiques ou professeurs); comme pratique, elle participe donc elle-même à la subversion des genres qu'elle étudie comme théorie".⁸⁸

Mas qual seria esse novo lugar – de que mapa se estaria falando – já que os câmbios de posição no período são quase frenéticos: o apoio à revolução, mais exatamente à revolução cultural da chamada "nova China", cessa em 1975-6.⁸⁹ É o lugar utópico, "paradisiaco", em que haveria apenas *textos*. No entanto, essa utopia não é visto enquanto tal, quer dizer, inatingível, distante. Pelo contrário, a exigência teórica ligada a uma situação histórica e política bem definida levava então, como é sabido, o nome de Mao Tsé-tung – aquela *enorme tartaruga mole*, na descrição televisiva feita, mais tarde e confortavelmente, por Sollers.

Nesse sentido, Borges seria outro monstro, outro "Mao".

*

Nunca indiferentes às metáforas de tipo zoológico da fisionomia, Jorge Luis Borges e Stéphane Mallarmé são escritores atingidos na retina pela página de um livro que é também a página em branco. Borges possui a condição peculiar de ser o cego que melhor lê, e o qual, mais do que isso, apregoa a superioridade da leitura. O maior clichê mallarmaico repete e volta a repetir que o mundo acaba na página de um livro, o que não torna a sua figura menos ambígua no interior da célula político-cultural francesa que – autodenominada vanguarda revolucionária – dizia como as coisas devem ou têm de ser, o que supõe, se sabe, subjetividades *fortes*.

A relação entre estes dois nomes tem a ver com o status que a revista *Tel Quel* conferia a Mallarmé, e tem a ver com o status que a revista *Los Libros* conferia a Jorge Luis Borges – ambas figuras *incluídas exclusivamente*, *homo sacer* que são (conforme o ensaio homônimo de Agamben)⁹⁰ nos respectivos grupos, ambos escritores mais ou menos reprimidos em seu interior. O escritor de *Ficciones* enquanto sombra esquiava e onipresente sobre a cidadela cada vez mais profundamente ideologizada de *Los Libros*, em sua busca de produção textual aliada à confrontação ideológica, à moda (e à diferença) da teoria crítica telqueliana. O poeta de *Un coup de dés* enquanto

⁸⁸ Barthes, R. "Texte (théorie du)", op. cit., p. 1000.

⁸⁹ V. Marx-Scouras, D., op. cit., p. 180.

⁹⁰ Agamben, G. *Homo sacer. El potere sovrano e la nuda vita*. Torino, Einaudi, 1995.

problemático e cauteloso duplo do *scriptor* nos termos de *Tel Quel*, cujos colóquios se deram em nome do Marquês de Sade ou do Conde de Lautréamont (o que tem a ver certamente com sua dívida, e sua dissidência, com o surrealismo) mas não de Stéphane Mallarmé.

Esta hipótese, apresentada de maneira digressiva, talvez permita ou exija uma nova digressão, na direção de uma teoria do sujeito telqueliano, que antes de mais nada é um sujeito lacaniano, que com “Função e campo da fala e da linguagem” (1958), provoca efeitos sabidamente avassaladores, da psicanálise à lingüística, à crítica e à literatura.

*

“O lugar da identidade é um entre-dois, um interdito, uma intersecção... A leitura é uma prática de gestos, hábitos e espaços que tornam possível, autorizam e até reproduzem o processo da leitura, que é um processo de articulação de descontinuidades históricas... Na intersecção articula-se o novo, a identidade... Li por já ter lido e por não lembrar que lera... Entre presunção e presunto, instituição e ironia, nossa identidade balança...”

Raúl Antelo⁹¹

*

A teoria do sujeito segundo *Tel Quel* postula o seu oposto, quer dizer, coloca-se em confronto com a noção de sujeito nos moldes do pensamento ocidental: o sujeito como vazio, como variável, conforme as bases lançadas por Lacan, que, segundo John Irwin, leu de modo especial (isto é, via Edgar Allan Poe) a ficção de Jorge Luis Borges,⁹² que, por sua vez – e talvez *malgré lui* –, se encontra na base de toda a filosofia desconstrutiva. Como afirmara de modo didático Barthes, era imperioso subverter e mesmo abolir a separação dos gêneros literários e dar ao leitor o seu lugar de destaque: o sujeito está cindido na teoria do texto barthesiana, bem como na *escritura* e na *leitura* borgianas:

⁹¹ Montagem feita a partir da fala de abertura do I Seminário Regional Sul da Abralic (out-nov. 1991). Cf. Antelo, R. (org.). *Identidade e Representação*. Florianópolis: Pós-Graduação em Letras-UFSC, 1994, p. 10, 13 e 15.

⁹² Irwin, J. “Lacan con Borges”. *Descartes* n° 15-16. Buenos Aires, jul. 1997. O texto é parte do livro *Mystery to a solution*. Baltimore, Hopkins University Press, s. d.

Si la théorie du texte tend à abolir la séparation des genres et des arts, c'est parce qu'elle ne considère plus les œuvres comme de simples "messages", ou même des "énoncés" (c'est-à-dire des produits finis, dont le destin serait clos une fois qu'il s'auraient été émis), mais comme des productions perpétuelles, des *énonciations*, à travers lesquelles le sujet continue à se débattre; ce sujet est celui de l'auteur sans doute, mais aussi *celui du lecteur*. La théorie du texte amène donc la promotion d'un nouvel objet épistémologique: la *lecture* (objet à peu près dédaigné par toute la critique classique, qui s'est intéressée essentiellement soit à la personne de l'auteur, soit aux règles de fabrication de l'ouvrage et qui n'a jamais conçu que très médiocrement le lecteur, dont le lien à l'œuvre, pensait-on, était de simple *projection*). Non seulement la théorie du texte élargit à l'infini les libertés de la lecture (autorisant à lire l'œuvre passée avec un regard entièrement moderne, en sorte qu'il est licite de lire, par exemple, l'*Oedipe* de Sophocle en y reversant l'*Oedipe* de Freud, ou Flaubert à partir de Proust), mais encore elle insiste beaucoup sur l'équivalence (productive) de l'écriture et de la lecture.⁹³

Este sujeito que desaparece sob o significante – à maneira do autor "mortificado" segundo Foucault ou o próprio Barthes – ocupa, por isso, um *entrelugar* nos significantes do Outro. Lacan, comentando a *Carta 52* de Freud no *Seminário 11*, vai situar o lugar do Outro "no intervalo entre percepção e consciência".⁹⁴ A radical ex-centricidade do sujeito para ele mesmo, no dizer de Lacan, implica no fato de que a relação do sujeito com o Outro, no que diz respeito ao significante, "dá-se sob a forma da alienação, da subordinação do sujeito ao campo do Outro. Mas se o estatuto do sujeito é o da falta em ser, ele derivará na cadeia significante segundo o vetor do desejo, e nenhum significante poderá esgotá-lo, dizer o que ele é".⁹⁵ Convém observar, no entanto, que este é o pensamento de Lacan nos anos 60, extremamente influente, o qual – uma vez que trabalha sempre contra si mesmo – vai se modificar em seu último período, durante os anos 70, deixando de dar primazia ao grande Outro, falando de sua inexistência e insistindo que o que há, na verdade, é "um".

Porém, o sujeito que é falta, o sujeito que *treme* – no dizer de César Aira em seu ensaio sobre Alejandra Pizarnik⁹⁶ – é aquele do chamado Lacan "clássico", sofregamente consumido por

⁹³ Barthes, R. "Texte (théorie du)", op. cit., p. 1000.

⁹⁴ Cf. Nahas Riaviz, Vanessa. *Alienação e separação: a dupla causação do sujeito*. Dissertação de mestrado em Psicologia. Florianópolis, UFSC, 1998, p. 150; e Lacan, J. *Seminário 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988, p. 48.

⁹⁵ Nahas Riaviz, V., op. cit., p. 154.

⁹⁶ Aira, C. *Alejandra Pizarnik*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1998, p. 60.

Tel Quel, em que o “eu” se constitui na linguagem. Como trata de entender Aira (e, sobretudo, este seu leitor):

En realidad toda su teoría se basa, si es que he entendido bien, en que la constitución del Sujeto se hace en la lengua, y no hay un sujeto “verdadero” anterior a lo simbólico, como no sea en el campo del mito. Luego, Lacan habla de la “coincidencia imposible” del Yo con la palabra “yo”. El sujeto del enunciado es una máscara, infinitamente variada, del sujeto de la enunciación. Ese infinito tiende de modo asintótico a la coincidencia de Yo y “yo”, sin llegar nunca a ella. Todo esto lo ejemplifica con un sueño de Freud, o mejor dicho con la frase con que Freud comenta la aparición en un sueño de su padre, muerto años atrás: “Él no sabía que estaba muerto”. El que lo sabía era el soñador, el hijo, que aparece como sujeto de la frase en lo absurdo de ésta. Según Lacan, aquí el sujeto “tiembla”. Creo que esta pequeña parábola demuestra que la salida del sujeto simbólico o lingüístico no está atrás, en un supuesto sujeto “real” refugiado en la Vida o la Naturaleza, sino adelante, en los *cul de sac* poéticos de la lengua.

Pode-se afirmar, portanto, que os *cul de sac* poéticos da língua chamam-se, em última instância, Borges, Mallarmé, isto é, os escritores segundo os preceitos fundamentais do grupo *Tel Quel*, em seu determinante mas indeterminável *entrelugar*.

*

Pode-se, não obstante, insistir com Lacan e sua leitura da tragédia de Antígona. Pode-se então perguntar pela situação dos sujeitos implicados no entrelugar do discurso latino-americano – e a partir daí pensar nas protohistórias de Santiago ou de Piglia (que chegam, digamos, a 1980): até que ponto conseguem franquear um limite – limite, por sinal, autoproclamado – como o faz Antígona na zona fronteira do “entre-deux-morts”?⁹⁷ Sua imagem seria a da paixão, que na América Latina, em torno de 1970, se transforma em paixão revolucionária e, particularmente em *Los Libros*, em uma sensação reprimida do abandono do Pai, seja ele Borges ou Perón: eis sua tragédia.

⁹⁷ Lacan, J. “L’éclat d’Antigone” (1960). *Le Séminaire. Livre VII*. Paris: Seuil, 1986, p. 317.

*

“O infinito me dá vertigem”, disse Leyla Perrone-Moisés a *Felipe Sóarte* nos idos dos anos 80. E fim.⁹⁸

*

Para um exemplo de adesão a e construção de um sujeito *forte*, leia-se um artigo laudatório sobre o editor de *L'Infini*. Nele, Katherine Kurk conclui que “se ‘Philippe Sollers, escritor’ é um *ato*, em sua mais plena definição de operação e performance, ele requer então não menos do seu leitor, ao qual ele intimamente convida a consumir, consumir, perpetuar o texto, e finalmente a dividir seu ‘clin d’oeil au sarcophage du jardin’”. Ocorre que a esse “ato” pouquíssimos acorrem, seu interesse se resumindo aos estudiosos da “operação” e a seu público francês, com relativamente raras e certamente pouco lidas traduções no exterior. O *ato* desde sua denominação tende a causar repulsa: alguém que se batiza como “todo arte” ou “só arte”, com ironia ou não, é um tipo megalomaniaco, um pouco à maneira dos “trigênios vocalistas” concretos de São Paulo. Essa identificação, certamente incômoda para os dois lados, vai além: ao modo dos Campos, o francês se quer Joyce e Mallarmé e, no entanto, as sociedades secretas de seus romances (W.O.M.A.N.N. em *Femmes*; O.E.U.F. em *Portrait du joueur*) mais se parecem com os clubes de Cortázar; do mesmo modo, todos são notórios pela acumulação enciclopédica do saber, para usos literariamente suspeitos, sobretudo no caso de *Sóarte*.⁹⁹

*

“¡*Tel Quel!* Nosotros estábamos muy atentos a las posiciones de *Tel quel* porque en *Tel Quel* había una combinación de estructuralismo, maoísmo, crítica literaria, psicoanálisis, que era un poco el clima intelectual común que en Buenos Aires tenía una fuerza muy grande. Incluso yo estuve en un proyecto para traducir *Tel Quel* en Buenos Aires, con Jorge Álvarez, que era el director con quien yo publiqué mi primer libro [*La invasión*, 1967]. Conseguimos los derechos para

⁹⁸ V. entrevista, p. 76. Segundo ela, esta frase selou o rompimento de suas relações.

⁹⁹ Cf. Kurk, K. “Philippe Sollers”. *The Contemporary Novel in France*. William Thompson (ed.). Gainesville: University Press of Florida, 1995, p. 130-40.

traducir *Tel Quel* en Buenos Aires, cosa que ya se estaba haciendo con *Communications*, la revista de *Communications* que se publicaba en Buenos Aires. Entonces estábamos en el proceso, yo incluso preparé algunos números y después cesó, creo que vino el golpe militar, no sé qué pasó y no se hizo. O sea, que la relación con *Tel Quel* no era una relación personal pero una relación con una vanguardia que nos interesaba, ¿no?”

Ricardo Piglia¹⁰⁰

*

O telquelismo latino-americano é sem dúvida uma vertente absolutamente difusa. Sua face mais óbvia seria cubana e dissidente em Paris, através da figura do escritor Severo Sarduy, cuja relação com Barthes e o universo intelectual francês é bem conhecida. Investigá-la onde ela aparentemente não está, contudo, parece ser tão produtivo e desafiador quanto o seria uma análise da escritura crítico-ficcional barroca de Sarduy – que não vem ao caso aqui e que, por isso mesmo, não será central (assim como não está ausente do debate). A revista argentina *Los Libros*, estopim deste trabalho, é abordada em perspectiva similar, ou seja, buscando ler tanto a primeira etapa, em que a presença francesa é avassaladora (o que não é bom nem ruim em si), quanto a segunda etapa – que reage raivosamente ao estruturalismo, mas não consegue se desfazer totalmente dele, e que foi menos enfocada pela crítica.

*

Repetição e diferença em trecho de uma das “Teses gerais” (1971) de *Tel Quel* na versão castelhana: “En el reborde *exterior* del surrealismo inscribimos los nombres de Artaud y de Georges Bataille: vale decir que sus prácticas –experimentación orgánica del pensamiento escrito (Artaud); intento de definir una antropología heterogénea (Bataille)– son *impensables* en el interior de la ideología surrealista”.¹⁰¹

*

¹⁰⁰ V. entrevista, p. 22.

¹⁰¹ Cf. Barthes, R. et al. *Literatura, política y cambio*, op. cit., p. 89.

Telquelismo latino-americano significa e não significa *Loslibrismo*. A propósito, *Los Libros* não estaria mais próxima de *Change*, a principal dissidência de *Tel Quel*? Seu contato tupiniquim imediato era ninguém senão o poeta Haroldo de Campos. Na Argentina poderia estar um tradutor (abortado) de *Tel Quel*, Ricardo Piglia, inclusive por seu rechaço de Derrida.¹⁰²

*

“El día que llega la revista *Tel Quel* a Buenos Aires con los poemas de Mao escritos en chino y la foto de Kristeva, Roland Barthes y Phillippe Sollers en la Plaza Roja de Pekín, me dije: bueno, efectivamente, esto es así, la revolución cultural china y las vanguardias francesas pueden coincidir en la página de un libro. Y como ya se sabe que el mundo existe para coincidir en la página de un libro, el teorema quedaba demostrado. Cosas así hoy parecen casi extravagantes, pero entonces eran casi un lugar común”.

Beatriz Sarlo¹⁰³

*

Diante de um *ismo*, tudo apenas parece mais simples: a expressão *telquelismo latino-americano* chega a ser uma contradição em termos (em termos), ao menos do lado europeu. Examinando a coleção da revista em sua longa trajetória (1960-83), encontram-se ené alusões à China e quase zero, por exemplo, ao Chile; há Borges, Sarduy, um poema, *vertical* e isolado, de Juarroz, e um único ensaio brasileiro (na verdade franco-lusitano-brasileiro) de Perrone-Moisés, intitulado “Pessoa personne?” (*Tel Quel* nº 60, hiver 1974). O que leva a pensar, de acordo com Gilman, que os fenômenos do latino-americanismo e do *boom* significaram séria ameaça para *nouveaux romanciers, critiques et philosophes telqueliens*.¹⁰⁴ Cortázar, por exemplo, não existe para *Tel Quel* – e quando o escritor argentino faz referência ao grupo da revista, resume-se a um de seus amados anagramas – *quel sel*.

¹⁰² Cf. Capítulo Três (IV. *Whodunit*: sobre o “gênero dos gêneros”).

¹⁰³ Hora, R. e Trimboli, J. (org.). *Pensar la Argentina – Los historiadores hablan de historia y política*. Buenos Aires: Ediciones El Cielo Por Asalto, 1994, p. 162-196 (citação p. 168-9).

¹⁰⁴ Gilman, C. *Entre el fusil y la palabra*, op. cit.

Do lado de cá, a incidência é assaz se não o bastante evidente. Não, é claro, a revista no primeiro momento, estreitamente ligada ao *nouveau roman* e declaradamente apolítica – o que queria dizer, engajada até o último fio de cabelo contra o engajamento sartriano. Nem aquela da queda para o alto, quando o grupo de maoístas frustrados se americaniza de forma espe(ta)cular.

*

Talvez não uma questão qualquer: o que ocorreria caso este grupúsculo hexagonal se *mulatizasse*, além de se *americanizar*?

*

E por que os Estados Unidos?, se poderia igualmente indagar, diante das várias intervenções em inglês enxertadas nestes fragmentos. A resposta se encontraria na mesmíssima pergunta, elaborada pelos telquelianos *no instante de minha morte* (Blanchot). Senão vejamos.

Entre o espanto e o sarcasmo, uma das editoras – Annette Michelson – de uma revista telqueliana americana – *October* – procede ao enterro da *maolatria* e, conseqüentemente, da idéia de revolução superestrutural em *Tel Quel* no artigo “The Agony of the French Left” (*October* nº 6. New York, fall 1978), cujas teses principais valem uma revisitação. O ofício de luto promovido por *October* deve-se à edição do outono de 77 da revista francesa, especial, dupla, inteiramente dedicada aos “États-Unis”. *En couverture*, desde a Brooklin Bridge, vê-se a famosa fachada vertical de Nova York, incluindo à direita as recentemente desintegradas torres gêmeas. As primeiras vinte páginas, sob a forma de uma entrevista entre Sollers, Kristeva e Pleynet – a santa trindade infinitiva do telquelismo –, fazem as vezes de um “manifesto americano do norte” sob o título “Pourquoi les États-Unis?”, objeto do sarcasmo e do espanto de *October*, que traduziu a conversa, antecipando a crítica de Michelson, na qual *Tel Quel* aparece como sintoma de uma crise mais vasta: aquela de toda a esquerda intelectual da década de 70.

Once again America receives the ambivalent homage that the French periodically extend toward the disquieting state of affairs sensed as The Face of the Future. The fascinated gaze and critical stance of that ambivalence are currently those of a group of prominent intellectuals who have matured under the Fifth Republic. *Tel Quel*, the journal from which the preceding

conversation originates, was founded under the Gaullist regime, extend its project and its readership during its Pompidolian epilogue, and survives under the right-wing coalition that now sustains the liberalism of Giscard d'Estaing. *Tel Quel's* project—the political articulation of a theory of semiosis grounded in Mallarméan aesthetics, Lacanian psychoanalysis, and Althusserian Marxism—has been transmuted through a fifteen-year period of reversals and revisions. Their erratic trajectory describes, in hyperbolic form, the course of the French Left, caught between Maoist aspiration and the tenacious Stalinism of the French Communist party. Alienated, in that tension, from the working class, from a militant rank and file, *Tel Quel* has now discovered those poles to have been identical. Having seceded from Stalinism and Maoism, *Tel Quel* now breaks with Marxism, preserving nonetheless a certain steady centralist reflex, that of the dialogue with power, as demonstrated by Sollers's published interviews with Edgar Faure.¹⁰⁵

Fiel à perspectiva de esquerda antiliberal característica de *October*, Michelson observa que a revista francesa – agora temerosa de uma dominação totalitária de tipo comunista ou de um socialismo que não passaria de um *capitalisme non réussi* (*Tel Quel* n° 71/73, p. 17) – “prefers the cultural permissiveness of a regime whose policy of economic austerity will, in any case, continue to be paid for by the working class”. Cansado de sua própria ladainha em torno do socialismo, da revolução mundial e da unificação de pensamento que ela possibilitaria, Sollers – “the author of *On Materialism*” – abdica do marxismo e, junto com seus colegas althusserianos, une-se a Raymond Aron e ao grupo dos “*Normalien pop heroes*”, mais conhecidos como *nouveaux philosophes*, pelo direito à dissidência em nome dos “direitos humanos”.¹⁰⁶

Do cansaço de si sollersiano, Michelson, com a implacabilidade típica de uma abordagem historicista, passa ao cansaço de si kristeviano, em movimento revelador de certa “dialética de trocas transatlânticas” que se encontra no cerne deste artigo como, de resto, no cerne desta tese (nem nacional nem antinacional mas, em todo caso, *nossa*).

Turn now (...) to Kristeva's observation that “one sometimes feels that a Marxist discourse familiar to us in the 1950s is returning in the American university.”¹⁰⁷ How interesting, but how

¹⁰⁵ Michelson, A. “The Agony of the French Left”. *October* n° 6. New York, fall 1978, p. 18.

¹⁰⁶ Idem, p. 21.

¹⁰⁷ “Parfois, on a l'impression que dans l'Université américaine reviennent des discours de type marxiste qu'on a connus en Europe dans les années cinquante”. Cf. *Tel Quel* n° 71/73, p. 6.

fearful, the effect of symmetry; how arresting the dialectic of transatlantic exchange, sustained over three decades of inviolate asynchrony! For Sollers has just revived the discourse of our own mid-century, that time when an American Left, suffering the trauma of Stalinism, succumbed to the imperatives of the cold war, thus ratifying a general hysteria and its “conversions.” To evoke the 1950s in this country is to summon up remembrance of McCarthyism and to rehearse the arguments for “the end of ideology,” to chronicle the demoralization and corruption of an intellectual community—and of the university in particular. That chronicle (...) has still to be completed.¹⁰⁸

A conclusão geral é a de que a ideologia gaullista, que alardeava *le rayonnement de la culture française*, ficaria marcada pela substituição de seus tradicionais artigos de exportação, que passam de uma intensa produção artística a uma prática teórica hipertrofiada. Prática teórica esta cujo objetivo passou, por sua vez, da transgressão à institucionalização, como fica claro ao evocar, ao final de “The Agony of the French Left”, a sua errática recepção no meio universitário e artístico norte-americano:

To a French culture now overwhelmingly academic, the response from our own academy, as from our artists, has been general and warm. It is, however, the hypertrophy of the theoretical function in a once artistically productive culture and the operations of a dominantly theorizing elite within its economy which constitute a central problem to be explored by that elite in Giscardian France.¹⁰⁹

*

Saída declaradamente *correta* da operação, em franco(-americano) declínio:

“J’avais de plus en plus l’impression que ce qui se passait en France, grâce aux développements divers du gaullisme finissant d’une part, et de la montée des forces dites de masses ou de masses petite-bourgeoises de l’autre, faisait du continent européen une histoire prévisible et que, par contre, si on s’intéressait à des ruptures de l’histoire, de la culture et du temps, il fallait changer de continent. Ce changement, j’ai essayé de le faire aussi par un intérêt pour la Chine,

¹⁰⁸ Michelson, A., op. cit., p. 19.

¹⁰⁹ Idem, p. 23.

comprise comme un sursaut anarchiste à l'intérieur du marxisme. Mais finalement les résultats du voyage en Chine m'ont fait comprendre qu'il s'agit plutôt d'une réédition, peut-être révisée, mais de réédition quand même, du même modèle, du même modèle stalinien, disons marxiste-stalinien. C'est donc par curiosité et par désir de découvrir une autre solution de l'impasse occidentale que je me suis envolée deux fois, et une troisième fois avec un séjour plus long, aux États-Unis. C'était donc un voyage mais pas forcément 'au bout de la nuit', c'est-à-dire pas forcément avec une vision apocalyptique ou désespérée, c'était un voyage plutôt avec une tentative de connaissance"...

Julia Kristeva¹¹⁰

*

O que foi feito do *telquelismo meia-oito*? E da *Teoria de Conjunto* do mesmo ano, vale dizer, de *Drame, H, Nombres e Logiques*? E da vanguarda "textual" do encontro de Kristeva, autora de *Sémiotiké*, com um onipresente Barthes? E o que dizer do seu momento de maior influência, o momento do "terrorismo teórico", altamente eficiente aliás: como referido antes, saem edições em italiano da revista, e ninguém menos que o contista de *La invasión* esboça seu projeto de tradução na Argentina, que nunca se concretizou mas chegou a ser iniciado e até anunciado nas páginas de *Los Libros* em 1969.

No entanto, e apesar desse fato, assim como "distância" é o primeiro termo do primeiro ensaio – ensaio de Foucault – da antologia de Sollers, parece mais correto falar de distância no sentido lato de tomada de distância, a fim de verificar como se distanciam tanto quanto se aproximam os "bárbaros" da "civilização", no marco ambivalente de um certo *entrelugar*.

*

"En resumen, la mimicry de Caillois sustenta la simulación de Sarduy, el pastiche de Puig, la poesia neobarroca de Echavarren o Perlongher, o sea, ese pasaje de la obra al texto defendido por

¹¹⁰ "Pourquoi les États-Unis?". *Tel Quel* n° 71/73, automne 1977, p. 3. Não continuarei citando o conhecido debate, iniciado com a (maior) experiência americana de Kristeva. Valeria lembrar, no entanto, sua visão arguta de que o capitalismo ianque, "loin de traverser une crise (et pourtant il était en période de crise, notamment la crise du Kippour, la crise de l'énergie, la crise de Watergate, la crise des élections présidentielles l'automne dernier) est un système de récupération permanente, de replâtrage de crise, et je mets dans ces termes non pas une valeur péjorative, mais plutôt un sens de possibilité de survie des plus vivables" (p. 3, grifos meus). O que não salva a sua americanização do estigma da capitulação de um projeto coletivo.

Tel Quel y retomado por los intelectuales de *October* y el poscolonialismo. En ese poder retórico del simulacro, que no se adapta al vacío contemporáneo, evocando una plenitud esquiva; en el agotamiento de todo mito, transformado en religión y, por último, en la comprensión de la verdad como estrategia del desastre residen los presupuestos de un conjunto de prácticas post-iluministas que desbordan la razón, transponen los límites de la experiencia y nos proponen, paradójicamente, la ambivalencia de todo valor”.

Raúl Antelo¹¹¹

*

Um subtítulo para uma tese latina e americana: Análise estrutural de grupúsculos. Estrelando: *the new chatoboy & girls from South America*.

Aqui os coadjuvantes são metropolitanos.

*

Simplificações ao absurdo (de todo modo um “cânone”) a propósito do “adesismo” em pauta:

- Leyla Perrone Moisés: *telquelismo barthesiano*
- Beatriz Sarlo: idem
- Silviano Santiago: *telquelismo desconstrutivo*
- Haroldo de Campos: *telquelismo changista*
- Ricardo Piglia: idem
- Germán García: *telquelismo peronista*
- Nicolás Rosa: idem
- Héctor Schmucler: idem

*

¹¹¹ “Genealogía del mimetismo: estudios culturales y negatividad” em Moraña, M. (ed.). *Nuevas perspectivas desde/sobre América Latina. El desafío de los estudios culturales*. Santiago de Chile: Ed. Cuarto Propio/Pittsburgh, Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2000.

As chamadas patrulhas ideológicas andavam à solta também na Argentina dos anos 70, como é fácil verificar desde as páginas de *Los Libros*: o diretor da revista gasta boa parte de seus editoriais para se justificar e explicitar seu modo de adesão a determinadas tendências intelectuais européias, sua compreensão dos “modelos” importados, em outra variante da velha tensão entre bárbaros e franceses, civilização e barbárie, que na segunda metade do século XX passa a confrontar “populistas” (identificados com o peronismo) e “cientificistas”, em um espaço político de um esquerdismo generalizado e diluído (o ecletismo criticado no início do depoimento de Piglia), indo do liberalismo de Bioy Casares ao comunismo oligárquico de Maria Rosa Oliver, segundo Panesi [41], que lembra também o caráter de “inquisidores” dos críticos de *Los Libros*, bem à maneira de *Tel Quel*.¹¹² Vale notar ainda que José Sázbón aborda a “moda estruturalista” de forma bastante crítica nas edições de nº 2 e nº 6 da revista argentina, e Eliseo Verón discute o mesmo problema no nº 9, todos de um modo ou de outro em busca de saídas à institucionalização do estruturalismo. A *Théorie d'ensemble*, por exemplo, quer se colocar mais além não só de “estruturas” como de “formas”, vale dizer, do “formalismo”, em uma crítica do sistema burguês baseada simultaneamente em Freud, Marx, Derrida, Lautréamont e Mallarmé (segundo a lista de Forest), girando em torno de três eixos, propulsores da revolução: a escritura textual, a gramatologia e o materialismo.

*

Anticipo.¹¹³

POCHTAR, Ricardo. Gramatología: ciencia de la escritura. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 24, p. 14-15, Enero de 1972.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Filosofia

Palavras-chave: Escritura; Significación; Violencia; Metafísica

¹¹² Cf. Panesi, J. “La crítica argentina y el discurso de la dependencia”. *Críticas*. Buenos Aires: Norma, 2000, p. 41.

¹¹³ Ficha em Apêndice Dois, p. 74.

Resumo: Síntese do livro clássico de Derrida pelo revisor técnico da tradução da Ed. Siglo XXI (a cargo de Oscar del Barco e Conrado Ceretti), que denomina seu comentário de “aproximación somera” do texto. A crítica derridiana ao edifício do pensamento ocidental se baseia em que “todo lenguaje ha sido interpretado en el modelo fónico” (fonocentrismo), identificando a “palabra viva” (logos, daí logocentrismo) à significação, e a escritura, a letra (grammé), à morte, tendo sido reprimida com violência a sua constituição como um sistema de comunicação autônomo. Derrida relaciona esta lógica àquela da psicanálise, já que o esquema repressor de predomínio da linguagem seria da ordem do mito, ao modo da fantasia onírica, e, segundo ele, esta fantasia vinculada à voz está longe de ser um fato isolado na história do pensamento ocidental, de Platão e Aristóteles a Saussure e Lévi-Strauss. Porém, como o próprio Derrida opera necessariamente com o mesmo dispositivo lingüístico-conceitual que critica, propõe-se a “desconstrucción” de tal tradição ao invés de uma mera tomada de distância, uma vez que sua continuidade no Ocidente é uma determinação fundamental que deve ser interpretada como um sintoma: a própria metafísica, a filosofia, cujas noções estão sem exceção relacionadas com uma posição fonocêntrica e com a noção (metafísica) de presença. A necessária desconstrução (enquanto “trabajosa y agotadora tarea de lectura de esa tradición” – propiciaria o surgimento de uma nova linguagem, uma não-linguagem, a *arquiescritura*, da qual tanto a escrita quanto a fala seriam realizações particulares. E *De la gramatología* seria somente um questionamento preliminar desta problemática, através da obra de Rousseau, prosseguindo a empreitada através da análise da filosofia platônica até Heidegger e Husserl – em textos de Derrida citados em detalhe por Pochtar. Ao fim de seu comentário, traz à tona uma discussão – “muy argentina también, por supuesto” – a respeito das motivações da “gramatología”, uma vez que a psicanálise aliada ao marxismo, enquanto crítica não-filosófica da filosofia, bastaria para tematizar criticamente os conceitos filosóficos. Ao que Derrida responderia faltar à psicanálise a elucidação de seu próprio pertencimento à metafísica e à cultura ocidentais, em relação às quais é possível no máximo ficar à margem (nunca fora) – o que é visto como “pessimismo” por seus críticos. À obsessão do discurso total, Derrida contrapõe outra obsessão: a de “un texto sin fronteras radicalmente ajeno al concepto de totalidad”, cujas limitações o filósofo mesmo admite em seu programa. Pochtar: “Quizás por eso renuncie a referirse a sus textos con otro nombre que con el de “ensayos””.

Autores citados: Saussure; [freudiana]; [platónico]; Aristóteles; Hegel; Lévi-Strauss; Nietzsche; Heidegger; [pré-socráticos]; Rousseau; François Wahl; Husserl; Roman Jakobson

Observe-se que o artigo derridiano aparece em *Los Libros* no momento de transição em que se estabelecem com maior clareza as dissidências no interior do grupo, estimulado pelo clima de guerrilha generalizada. Um dos sintomas da crise é a troca do material da revista, que passa a ser papel-jornal além de preto e branco. Também se modifica seu conselho diretor, agora (a partir do nº 24) dividido entre Piglia, Altamirano e Schmucler. No editorial anônimo aborda-se a recente vitória eleitoral da direita no Uruguai, cujo esquema político “vuelve a ser reordenado por la urticante presencia del Movimiento de Liberación Nacional”, nome oficial dos Tupamaros, “el más avanzado movimiento de guerrilla urbana latinoamericana”. O número “uruguaio” é aberto por uma minuciosa análise sociológica de Alain Labrousse, “Tupamaros. De la guerrilla al partido de masas”, e pela reprodução de um documento intitulado “Partido o foco: un falso dilema”; aparece, em seguida, o texto de Pochtar, cujo nome reaparece ao final desse mesmo número (um tanto *ducassiano*), na seção “Libros distribuidos en América Latina desde el 1 de octubre al 15 de diciembre de 1971”, enquanto revisor técnico da versão castelhana da *Grammatologie* por del Barco e Ceretti, a qual inclui introdução de *Felipe Sóarte*. Vale anotar, ainda, que estas páginas de paratexto incluem críticas pesadas à revista *El Escarabajo de Oro* e a Ernesto Sábato, além de anúncios de livros de Jean Franco (*Introducción a la literatura hispanoamericana*), Adorno (sua tese de doutorado, *La construcción de lo estético*, vertida como *Kierkegaard*), Bastide, Lévi-Strauss, Lagache *et al.* (*Sentidos y usos del término estructura*), Gramsci (sobre Croce e o materialismo histórico), Jakobson, Barthes *et al.* (*El lenguaje y los problemas del conocimiento*), Paulo Freire (*La educación como práctica de la libertad*) e do volume coletivo *Intelectuales y revolución. ¿Conciencia crítica o conciencia culpable?*, publicado pelo grupo de *Nuevos Aires*, incluindo textos de Piglia, Kaplan, Landi, Meinares, Portantiero, Rozitchner e Vazeilles. Por fim, em arremate no tom guerrilheiro que o momento exige, lê-se uma carta aberta pela liberação dos presos políticos do regime de Stroessner: “Paraguay: Los presos políticos más antiguos de América”.¹¹⁴

*

¹¹⁴ No início do Capítulo Três (I. *The Change* y El Che), retoma-se o tema “guerrillero” a partir da dissidência de *Change*.

Saída declaradamente *incorreta* da operação, em franco(-americano) declínio (de autor não identificado, talvez um crítico argentino): “*Enrichissez-vous*: o Eldorado existe e fica nos Estados Unidos”.

*

Afinal, foi Derrida um telqueliano? Antes parece que o filósofo se utilizou (como sugerido antes) da refinadíssima frente popular textual, autodenominada revolucionária, a fim de inocular veneno, de parasitar seus trabalhos-objeto, para em seguida deles tomar distância. Quem permanece lido e ruminado hoje não é Sollers, dizia, é Derrida. À diferença de um “suprapartidário” Santiago – também ele um *scriptor* mutante, no sentido de um escritor cujas máscaras narrativas são cambiantes –, Sollers parece ser um poetastro e um cidadão mutante cuja persona política, superexposta, estridente, (cada vez menos) incômoda, recebeu uma “procuração” que nunca seria realmente digna de crédito.

*

Quarta (e última) hipótese: ser latino-americano (hoje) é estar entre latinos e americanos; ser telqueliano (hoje) é não estar.

*

“Em cada fragmento, o que interessa são as fricções, as intersecções, os encontros, os trânsitos entre espaços diferentes, entre linguagens distintas. Fico em trânsito, no entre, na passagem, entre mídias e saberes, entre lugares e poderes. É possível nunca estar em lugar algum, num não-lugar? Eterno adolescente? Apenas um testemunho sobre o estado das coisas. Uma voz. Não-artista. Não-cientista. Transesteta. Cronista de cultura contemporânea. Crítico escritor. Colecionador de fragmentos, citações”.

Denilson Lopes¹¹⁵

*

¹¹⁵ Lopes, D. *Nós os mortos. Melancolia e Neo-Barroco*. RJ: Sette Letras, 1999, p. 7 (3º fragmento).

De tal modo que esta leitura da teoria crítica *made in France*, conforme o caráter fragmentário de seu discurso, parte das revistas ou periódicos literário-culturais, para fazer uma espécie de volta ao mundo, com uma longa escala na China da revolução cultural, à base de *dazibaos* e palavras de ordem disfarçadas de ideogramas: a China como “poema dialético”, conforme a mitologia construída por nossos bons franceses.

*

As práticas desta vanguarda “revolucionária” redundariam em necessária institucionalização, ao transitarem com rapidez da radicalização e da estridência em direção a algum tipo mais silencioso quanto inexorável de integração. Vale perguntar: como essa vanguarda abandona a idéia de unir a si – o artista, o *scriptor*, o poeta, aquele que *não é* – aquele que *não tem*, o proletário, para lembrar os termos com que Sollers conclui “Littérature et totalité” (1966), sobre Mallarmé.¹¹⁶

*

O telquelismo sonhou pensar como Nietzsche em francês: “Je veux le monde et je le veux tel quel, le veux encore, le veux éternellement”.

Mas tudo indica que *Tel Quel* nunca passou mesmo de *l’Infini*.¹¹⁷

¹¹⁶ Sollers, P. *L’écriture et l’expérience des limites*. Paris: Seuil, 1967.

¹¹⁷ Em se tratando de “infinito”, segue um obviamente parcial pé de página, dedicado ao contexto do periodismo cultural em estudo, que também pode servir como ponte na direção de *l’autre cap*. Um longo rodapé intercalar, que valeria simultaneamente como apêndice ao Capítulo Um e como preâmbulo ao Capítulo Dois, em que se põe em questão uma certa história intelectual latina e americana do século XX.

Os próprios rastros incertos das revistas e dos suplementos culturais demandam um breve resgate, antes de passar aos textos fundantes do capítulo seguinte, assinados por brasileiros em algum tipo de exílio [Pé do rodapé: “Refiro-me a ‘Situación del teatro brasileño’, de Augusto Boal, em *Los Libros* nº 15-16 (jan.-fev. 1971), e ‘O entrelugar do discurso latino-americano’, de Santiago, apresentado no Canadá em março do mesmo ano e publicado pela primeira vez, salvo engano, na versão inglesa da qual me utilizo neste trabalho”.] À diferença da Argentina, o período que vai de fins dos anos 60 ao início dos 70 no Brasil é marcado, apesar e por causa da repressão (o violento Ato Institucional nº 5 data de 13 de dezembro de 68), por uma nova onda de publicações culturais alternativas, que se situam politicamente à esquerda entre a literatura e a resistência à ditadura militar e respondem de algum modo à tensão entre cultura e massificação, literatura e verdade, dependência e liberação [Pé 2: Para este breve panorama, devo os dados relativos ao Brasil a Maria Lúcia de Barros Camargo, autora de “Atividade crítica e periodismo cultural no Brasil contemporâneo”, inédito. Quanto às informações sobre a

Argentina, concentram-se particularmente em *30 años de revistas literarias argentinas (1960-1989)*, de José M. Otero.]. Se na Argentina dos anos 50 a revista *Contorno* funcionou como principal modelo para o periodismo cultural dos anos subsequentes, no Brasil a revista *Clima*, fundada em São Paulo ainda nos 40 por Antonio Candido, influenciou a maior parte das revistas e suplementos nascidos depois. A *Revista Civilização Brasileira*, criada em 65 e maior representante da esquerda nacional (incluindo nomes como Octavio Ianni, Francisco Weffort, Antonio Houaiss, Paul Singer, Ferreira Gullar, Fernando Henrique Cardoso e Nelson Werneck Sodré), pioneira nos debates sobre indústria cultural e cultura de massas no país, fecha suas portas ainda em 69, e o *Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo*, cuja linhagem uspiana hegemônica realiza um trabalho de canonização do modernismo brasileiro e uma crítica de tipo sociológico e dialético (conforme Barros Camargo), vive seus estertores [Pé 3: Idealizado por Antonio Candido como um misto de suplemento com revista, sua equipe eclética de colaboradores, dirigida por Décio de Almeida Prado desde o início, em 1956, até 67, contava com, entre outros, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, Otto Maria Carpeaux, Anatol Rosenfeld, Sábato Magaldi, Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Bóris Schnaiderman, Fábio Lucas, Benedito Nunes e Vilem Flusser.]. Já a revista *Tempo Brasileiro*, lançada em 62 por Eduardo Portella e ainda em atividade, é de extração universitária e se apóia sobre uma vaga ideologia de desenvolvimento nacional para esconder suas tendências a um tempo modernizantes e reativas, que explicariam a sua longevidade. Com a forte onda de repressão posterior ao AI-5, surge a necessidade das artes da dissimulação para escapar à censura. É o momento da explosão da chamada imprensa “nanica”, a começar pelo carioca *O Pasquim* (1969-85), que se utilizava do humor para fazer política e era simultaneamente crítico e veículo da contracultura. Um dos representantes mais decididos desta última tendência, a revista *Navilouca* (1972), teria apenas um número. Encabeçada pelos poetas Torquato Neto e Wally Salomão, foi uma espécie de continuação do tropicalismo, em banquete anárquico que incluía não só literatos como músicos, cineastas e artistas plásticos. Outra publicação contracultural do período, menos apocalíptica e mais integrada, foi a versão brasileira da revista *Rolling Stone*, dirigida por Luiz Carlos Maciel. Destaque-se, em sua edição de 2 de maio de 1972, uma longa e delirante entrevista londrina de Jorge Mautner com Caetano Veloso, provocativamente intitulada “*Caretano*”. Já o jornal carioca *Opinião*, ativo entre 72 e 77, representou o outro lado da moeda da cultura sob a ditadura, divulgando em suas páginas os debates universitários em torno do estruturalismo e da teoria literária e atuando sob forte censura, uma vez que pertencia a intelectuais e políticos então de oposição. Na Paulicéia, a intelectualidade ligada à USP faz uma nova tentativa de intervenção periodística entre outubro de 73 e fevereiro de 74, com os quatro números de *Argumento* (o último dos quais foi apreendido e sequer chegou a circular), mais argumentativa e menos panfletária do que a *Civilização Brasileira*, de onde vinham vários de seus colaboradores, como Weffort e Cardoso. A partir de 75, novos periódicos de cultura continuam a aparecer, entre os quais as revistas paulistas *Escrita* (dedicada sobretudo à divulgação de escritores brasileiros) e *Almanaque* (em nova investida uspiana na linhagem de *Clima*), a mineira *Inéditos* e as cariocas *Ficções* e *José*.

A propósito da Argentina, “la década del '70 no debe considerarse muy fructífera en la creación de nuevas revistas literarias”, segundo Otero. Verdadeira ou não, talvez esta opinião sirva para justificar a postura de um Jorge Warley, que em “*Revistas culturales de dos décadas (1970-1990)*”, apesar de considerar o período fértil para o setor, opta finalmente por abordar apenas duas revistas da primeira metade da década, *Los Libros* e *Crisis*. Em um contexto sócio-político cada vez mais conturbado, mas com uma indústria editorial ainda pujante, aproveitando a maré vazante do *boom*, a revista *Los Libros* (1969-76) aparece como mais um periódico cultural encontrável em livrarias e quiosques (com tiragem média de quatro mil exemplares), já que erradicados das universidades. Para mencionar alguns de seus interlocutores, de um modo ou outro presentes em suas páginas, a revista *Crisis* (1973-76, em primeira “dentição”), dirigida por Eduardo Galeano – proveniente de Montevidéu e do semanário *Marcha* –, representava a esquerda populista e nacionalista, reivindicando amplamente o latino-americanismo e atingindo grandes tiragens (vinte mil exemplares em média). Entre os intelectuais presentes simultaneamente em *Los Libros* e em *Crisis*, para dois exemplos, incluíam-se Piglia (que foi diretor por um momento da primeira) e Aníbal Ford (idem em relação à segunda). Antes ainda de *Crisis*, seria preciso mencionar *Pasado y Presente*, fundada em Córdoba em 63, verdadeira escola gramsciana de Schmucler, liderada por José Aricó, que mais tarde se muda com sua revista para Buenos Aires e também colabora em *Los Libros*, de cujo

grupo é o ideólogo marxista. Mas se nos anos 60 muitas revistas culturais argentinas importantes abriram e cerraram suas portas – a exemplo de *Hoy en la Cultura* (1961-66), *La Rosa Blindada* (1964-66) e *Primera Plana* (1962-69) –, *El Escarabajo de Oro*, dirigida por Alberto Castillo desde 61 (como sucessora de *El Grillo de Papel*), sobreviveria até meados dos 70, assim como *Pasado y Presente*. Seguia uma linhagem de existencialistas tardios, permanecendo portanto até o fim como uma revista típica dos anos 60. *El Escarabajo de Oro*, no entanto, ainda daria novas mostras do fôlego sartriano, ao ganhar uma sobrevida a partir de 77 com *El Ornitorrinco*, dirigida por Liliana Heker ao lado do mesmo Castillo (até 86). De fatura oposta – quer dizer, igualmente militante, mas lacaniana –, surge em 73, como dissidência de *Los Libros*, a revista *Literal*, o periódico não-periódico de Germán García, Luis Gusmán e Osvaldo Lamborghini, posicionado, de forma deliberadamente perversa e marginal (cf. próximo Capítulo), no lugar indecidível de uma certa vanguarda literária portenha. Já *Nuevos Aires*, que publicou onze números entre 70 e 73, teve direção de Gerardo Goloboff, que também colaborou em *Los Libros*, sendo-lhe ideologicamente bastante próxima em sua perspectiva esquerdista revolucionária. Um de seus colaboradores foi Piglia – que em 65 editara, aliás, o único número da revista *Literatura y Sociedad*, também tributária do existencialismo mas à procura de novos rumos. E, no campo da cultura *pop* – não menos significativa para a noção de entrelugar do discurso latino-americano em discussão –, a Argentina tampouco ficaria atrás: *Contracultura* (1970-71), dirigida por Miguel Grinberg (que fora editor, entre 61 e 69, dos treze números da revista “interamericana” *Eco Contemporáneo*, assumidamente *beat e hippie*), se propunha como “foro de alternativas”, mas acabou conhecendo apenas quatro edições.

Como fóruns privilegiados do debate intelectual, as revistas vivem uma disseminação maciça desde que se começa a falar em literatura, há coisa de dois séculos, e, cada vez mais, durante todo o vigésimo, ao fim do qual, sob a revolução tecnológica e a invenção de uma cultura digital, vivem nova e permanente crise, junto com toda esta civilização – a qual, diga-se de passagem, alimenta-se de crises e com frequência viu no número 2001 (que corresponderia ao instante presente no calendário ocidental) um superarquétipo, ou seja, mais um enorme mito, um mito paradoxal *em progresso*.

Assim, na França de meados do século passado, as revistas “constituem o lugar de sociabilidade privilegiada e o quadro ideal para fazer a valer a força do paradigma estruturalista”, segundo Dosse. “Contornar as instituições tradicionais passa por esses reagrupamentos interdisciplinares que as revistas permitem, locais de confluências e de trocas, sólidos núcleos a partir dos quais a influência progride em círculos concêntricos” [*História do Estruturalismo* vol. 1, p. 309]. As publicações ditas culturais representam, portanto, o veículo exemplarmente moderno do cruzamento de disciplinas, especialmente estimulado pela teoria psicanalítica, como no caso da revista *La Psychanalyse*, lançada em 56 e logo consolidada como lugar privilegiado de sua expansão teórica e sua interpenetração com a lingüística e a filosofia, ou mesmo em *Les Temps Modernes*, fundada em 45, sempre engajada e de credo humanista, mas também aberta tanto a Jacques Lacan como a Merleau-Ponty no imediato pós-guerra, segundo Patrick Ffrench, que aponta para uma terceira revista fundamental, os *Cahiers pour l'Analyse* de Jacques-Alain Miller (genro de Lacan, que nos anos 60 produz uma síntese das teorias do sogro com as de Althusser), ao refletir sobre a gênese de *Tel Quel* – revista cambiante ao extremo, revista por sinal freudiana antes que lacaniana na época de sua criação (como se viu).

Outras duas revistas de referência para telquelianos são *Documents* nos anos 30 e *Critique*, criada em 46, ambas em seus melhores momentos nas mãos de Bataille, ao lado de quem tomavam posição contra o surrealismo bretoniano (e, no entanto, se se pensa na trajetória politicamente inglória de Sollers e companhia, quão distantes vão ficando de Bataille). Já no decorrer dos 60, nas pegadas de *Arguments*, uma publicação dedicada às ciências da linguagem, então fortemente hegemônicas, atualiza a cena intelectual francesa: *Communications*, fundada em 51, em que predominam intelectuais como Jakobson, Benveniste ou Barthes, sendo este último, como é sabido, um dos principais faróis para *Tel Quel*. Em torno de Barthes vão ser preparados os dois números considerados programáticos de *Communications*, “verdadeiras sínteses das ambições estruturalistas” [Dosse, F. *História do Estruturalismo* vol. 1, p. 312]: o nº 4, de 64, em que se publica seu famoso ensaio “Les éléments de sémiologie”, e o nº 8, de 66, dedicado à análise estrutural da narrativa e “que vai figurar como autêntico manifesto da escola estruturalista francesa” [idem].

Dosse introduz do seguinte modo a seção intitulada “O revistismo continua próspero”: “O evento-68 também teve por efeito favorecer a constituição de coletivos de trabalho reagrupados em novas revistas e dinamizar as revistas já existentes. Essa atividade, cuja importância assinalamos na fase ascendente do paradigma estrutural, prossegue e alimenta a efervescência teórica do final dos anos 60 e início da década de 70”. A fusão de lingüística e crítica literária atraíram Kristeva para o grupo internacional de *Semiotica*, uma entre tantas revistas dedicadas à problemática do signo, reunindo de Barthes a Eco a Lotman a Benveniste a Ruwet. Mas é a revista *Poétique*, criada em 70, que mais interessa aqui: dirigida por Todorov, Genette e Cixous, publicada por Le Seuil, irá abrigar desde o início o trabalho de Leyla Perrone-Moisés (v. Capítulo Dois). Reproduzo interessadamente o trecho em que o historiador do estruturalismo a contrapõe a *Tel Quel*: “A revista deve servir de máquina de guerra contra a teoria psicologizante e é animada por críticos literários que romperam com as técnicas lingüísticas, mais próximos de Barthes, mas separados momentaneamente deste último nesse começo dos anos 70, em virtude do acercamento de Barthes ao grupo *Tel Quel* e da ideologia textualista que daí resultou” [idem, p. 184]. Genette e Todorov seriam mais empíricos e formalistas, enquanto aqueles optariam por uma “metafísica do Texto”. Segue *Poétique*, mas em clave menos formalista, mais “marxista-althusseriana”, a fundação em 71 da revista *Littérature*, com Jean Bellemin-Noël e Henri Miterrand desde Vincennes. Antes disso, em 68, a revista *Change* havia sido criada no interior da mesma editora pelo dissidente telqueliano Faye (v. Capítulo Três), como um braço vanguardista bretoniano e mais responsável. O título, reencontrado em Marx e Hölderlin, foi originalmente retirado de um poema de Faye, que decalca por um lado a vertente de *Tel Quel*, e por outro faz uma apropriação equívoca do gerativismo chomskyano. Nos arredores de 70 e de *Change*, é preciso destacar ainda uma aliada sua contra *Tel Quel*: a revista *Action Poétique*, dirigida pelo poeta comunista Henri Deluy, que conta com colaboradores como Élisabeth Roudinesco, Mitsou Ronat e Jacques Roubaud (que é também um “changiste”); e, por *Tel Quel*, funcionando como seu “eco ativo” segundo Forest [*Histoire de Tel Quel*, op. cit., p. 365], mencione-se a revista *Promesse*, dos não menos comunistas anti-stalinistas Jean-Louis Houdebine e Guy Scarpetta.

Para concluir este entrecho, trago à tona outros dois periódicos em confronto ou diálogo com *Tel Quel*. A velha revista *Esprit*, que se quer *esprit d'indépendance*, além de deliberadamente mais provinciana que parisiense (conforme Ieme van der Poel), foi fundada por Emmanuel Mounier em 32 e ainda se mantém na ativa, sendo a preferida de Beatriz Sarlo hoje (isto é, segundo seu depoimento de 99). Talvez seja tão longeva por representar historicamente a divina tradição católica progressista de esquerda, incluindo causas então nobres como a defesa da teologia da libertação latino-americana, da dissidência no leste europeu e do *Thiers Monde* em geral. Surgido em 48, *La Nouvelle Critique*, órgão cultural do PCF – assim como *Les Lettres Françaises* é seu não menos ativo órgão literário –, mantém relações de abertura com o grupo de Sollers a partir de 67 até pelo menos o Colóquio de Cluny, que debate em 70 o tema literatura e ideologia sob a pressão da guinada telqueliana em direção à China. Sobretudo após Maio de 68, o periódico do PCF oferece guarida à novíssima crítica francesa, assim como à discussão em torno da articulação do marxismo com a psicanálise, insuflada por Althusser, também como se sabe filiado ao “partidão”, e à obra de Lévi-Strauss, que em entrevista concedida em 73 a *La Nouvelle Critique* diz-se “profundamente convencido de que a infra-estrutura comanda as superestruturas” e de que as lutas futuras se darão sobretudo em torno da questão ecológica [cf. Dosse, F. *História do Estruturalismo* vol. 1, p. 191]. Sempre em nome, é claro, do proletariado universal.

Capítulo Dois

POR UMA POÉTICA
POPULAR INTERNACIONAL

I. Revistas com suplementos

A única forma de se saber, com segurança, como será nosso mundo dentro de trinta anos é sobreviver para vê-lo. Eu felizmente não terei que fazê-lo. Morrirei em 1983.

Darcy Ribeiro¹

Revistas supõem estratégias coletivas, não obstante seu caráter recorrentemente efêmero e molecular. Suplementos literários têm na base o ecletismo e uma constituição ao mesmo tempo coletiva e individual. As figuras presentes nesta aposta em determinada “série” ou “constelação” textual – entre revistas e suplementos, entre Argentina e Brasil, países situados no fio da navalha do dependentismo (para não dizer “desenvolvimentismo”), os pólos nacionalização/internacionalização – manifestam uma razoável originalidade de meios, aliada a certa comunidade de fins. O que significa que refletem os novos questionamentos de um momento de crítica, evidência e transição do campo cultural latino-americano, sob perspectivas teóricas similares mas com trajetórias diversas a partir de seu (não-)lugar discursivo: diaspórico e supostamente colonizado, no caso dos intelectuais brasileiros; nacionalista e meramente populista, no caso dos argentinos – entre outras “qualidades” em ambos casos, sob distintas formações sociais, políticas, culturais e semelhantes “estruturas de sentimento”, postas em movimento a partir de seus prototextos, considerados como pequenos romances de formação cuja experiência narrada é uma experiência de guerra realizada em função de determinada idéia de vanguarda, ainda que póstuma, ao mesmo tempo que em busca da própria morte, como lhe é característico.

Em conformidade com as idéias de rede, série ou constelação, as principais referências deste ensaio encontram-se disseminadas em periódicos culturais latino-americanos de diferentes

¹ O antropólogo e escritor, morto no dia 17 de fevereiro de 1997, redigiu este texto, intitulado “Venutopias 2003”, em 1973 por encomenda do jornal *El Nacional*, de Caracas, durante as comemorações de seus trinta anos, aparecendo depois em *Postdata*, de Lima, *Ciencia Nueva*, de Buenos Aires, e *Opinião* (7 março 1975), do Rio de Janeiro, em verdadeira rede latino-americana.

portes, do jornal *Opinião* e o *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo* às revistas argentinas *Los Libros* e *Literal*. As vertentes críticas postas em contraste por essa via, que é necessariamente transversal, determinam a circulação das idéias e a ordem dos discursos em questão, com exceção do momento em que o conceito-chave do texto é lido mais detidamente, a partir de seu ponto de vista peculiar. Assim, no entrecruzar destes dispositivos de leitura, articulam-se novos lugares de enunciação, os quais colocam permanentemente em questão os ideais de *pureza* e de *unidade*, transformando, ou pretendendo transformar, o arsenal teórico-crítico de que se servem, com maior ou menor sucesso e radicalidade, bem como, no limite, o próprio contexto “neocolonial” em que se inserem.

Um grupo anti-americano, como tantos em todos cantos do mundo, daria por terminado o “nosso dramático século XX” (no dizer de Leyla Perrone-Moisés, em “Aspectos do ‘Nouveau Roman’”, texto de abril de 60). Após o dia 11 de setembro de 2001, há como que um ritmo novo na respiração global que favorece, por exemplo, a utilização, mas ainda assim com módicos propósitos historiográficos, do controverso prefixo “pós” – o pré-fixo que encarna em si o paradoxo de ser pós-tero e que tanto debate gera no fim desse já distante século XX. É como se, de repente, se pudesse passar a afirmar e reafirmar o depauperado fonema, sem a mínima culpa, desde que o Ocidente foi acordado para a estrutura vertical e em abismo por ele mesmo perpetrada. Trazer à tona a larga atualidade parece justificar-se, por outro lado, porque a proposta de abordar o periodismo cultural latino-americano da *década louca* ou *prodigiosa*² – e da subsequente – mais ou menos louca? mais ou menos prodigiosa? – desde a perspectiva hibridizante representada pelo conceito de *entrelugar* é, naturalmente, um gesto (pós-)utópico, situado em algum lugar indecidível entre a hierarquia e a anarquia, o alto e o baixo, o sublime e a abjeção, a intervenção e a invenção, o heroísmo e a dissolução – que parecem ser as crises que o parque (demasiado) humano, para lembrar ao mesmo tempo Nietzsche e Sloterdijk, enfrenta nos dias que morrem.

O grande curto-circuito da cultura universal manifesta-se de forma particularmente ativa e explosiva no campo da literatura e da crítica cultural latino-americana sob o signo de 68, universo em transe (mas era apenas o início), com a forte emergência e a plena expansão da

² Os anos 60 segundo, respectivamente, Caetano Veloso em *Verdade tropical* (ver nota 3) e P. Sempere e A. Corazón, autores de *La década prodigiosa, 60s, 70s* (Madrid: Felmar, 1976), citado por Gilman, C. *Entre el fusil y la palabra: dilemas de la literatura revolucionaria*. Buenos Aires: Sudamericana (no prelo).

cultura massiva, que para alguns, a exemplo do célebre autor de *Verdade tropical*, representou (e representa) um fenômeno altamente fértil, saudável, produtivo. Verifica-se de fato hoje que, se não tudo, *quase tudo era verdade* em relação ao futuro neoliberal do “país do futuro” – uma “nação falhada”, segundo o retrospecto do poeta-cantor, em versão livresca e institucionalizante, marcada pela complacência, para uma história escrita e reescrita inúmeras vezes, apesar de recente.³

Não haveria como, por outro lado, refazer a afirmação de uma “floração das revistas”, como um dia o fez a crítica Leyla Perrone-Moisés nas páginas do *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo*, referindo-se como de hábito ao universo cultural e intelectual francês: “O fenômeno mais característico da atividade literária francesa da atualidade talvez seja a floração das revistas”, afirma ela, abrindo o texto. Sendo *a atualidade* um dia de maio de 1970 – data-chave deste ensaio – e a sua visão *atualizada* – a qual retomo adiante –, antes uma reportagem sobre um pujante mercado editorial, do qual pinçava três periódicos culturais que se tornaram tão cultivados quanto celebrados, sobretudo o último de sua lista – *Change, Poétique* e *Tel Quel*.⁴

Mas que a própria floração definhe em plenos trópicos não passa de mais um de seus múltiplos paradoxos. No “entrelugar descolonizante”⁵ da América Latina, portanto, a própria diferença surge menardescamente diferida. Não, está claro, pela graça de uma terra mágica, eleita pelos deuses para etéreos misticismos, prazeres ou sacrifícios, e sim por se tratar, antes de mais nada, segundo seus próprios protagonistas, de uma cópia transgressora – pós-utópica, pós-vanguardista, pós-modernista – e de uma ruptura do modelo original. Cópia que aprende a conviver, além disso e desde sempre, com a incerteza da mera existência.

Haveria, assim, nos trópicos não uma floração mas uma estratégia de sobrevivência por vezes ao mesmo tempo parasitária e marginal – outras apenas marginal – em termos de

³ *Verdade tropical* é o memorial do ideólogo-mor do movimento tropicalista, desencadeado em 1967 e interrompido oficialmente dois anos depois, com o exílio londrino dos baianos. Os depoimentos autobiográficos sobre o período, como se sabe, jorram rios de tinta desde então. Em mais de quinhentas páginas, o poeta-cantor veste-se e desveste-se para dar sua versão da história da Tropicália, ou seja, do Brasil no período. Uma de suas principais conclusões sobre a nova ordem mundial é a que segue: “Hoje são tantas as evidências de que, por um lado, qualquer tentativa de não-alinhamento com os interesses do Ocidente capitalista resultaria em monstruosas agressões às liberdades fundamentais, e de que, por outro lado, todo projeto nacionalista de independência econômica levaria a um fechamento do país à modernidade”. Veloso, C. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 52.

⁴ Perrone-Moisés, L. “A floração das revistas”. *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 23 maio 1970.

⁵ A expressão se insinua em diferentes textos de Silviano Santiago, mas aparece efetivamente em sua “aula” de 1974 sobre a vanguarda: “Vanguarda: um conceito e possivelmente um método” em Ávila, A. *O modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975, p. 117.

periódicos culturais. Ou, usando uma metáfora mais bárbara, e talvez mais própria para uma revista ou um jornal feito por bárbaros novos, uma *desfoliação* de tipo vietnamita – procedimento de extermínio muito em voga naquele momento, vale lembrar.⁶ Ao contrário daquelas dos intelectuais sessentistas invariavelmente angustiados de Paris, e de seus epígonos locais, as empreitadas no terreno perigoso dessas deslocadas vanguardas tardias são forçosamente heróicas, quer dizer, trazem coladas a si enquanto existam a marca de um vitalismo inexistente em terras mais firmes.

Se o *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo* não representava nenhuma “alternativa”, sendo seu exato e extremo oposto por estar embutido em um grande jornal de tradição liberal-conservadora, refletia-a necessariamente, amplificando o debate teórico-crítico nucleado na Universidade de São Paulo por uma via massiva e comercial. O próprio suplemento alimentou constantemente a relação com o periodismo através de uma seção semanal intitulada “Revista das Revistas”, a cargo de Livio Xavier, um crítico em geral reativo mas sempre atento à circulação internacional de periódicos literários e culturais em língua inglesa e francesa, além de portuguesa e espanhola. A influência do *Suplemento Literário*, que vive seu auge até a primeira metade dos anos 60 e que sobrevive por mais uma década, é bem conhecida, do mesmo modo que seu hábito das citações em francês, no original, ali onde a “floração das revistas” aparece de maneira progressista, se não imperial.

Apesar das disparidades estruturais, as publicações de pequenos grupos de escritores independentes que se pensavam grandes também respondiam a tamanha febre global – vale dizer, ocidental – de esclarecimento e de confronto em torno da materialidade das idéias, bem como da vontade de compromisso, enfrentando semanários e suplementos de grandes veículos de imprensa com o melhor de que dispunham: as maneiras invariavelmente contestatárias, os métodos invariavelmente desafiadores. A revista *Los Libros*, surgida em 1969 – e ocupando uma trincheira aberta pela repressão nas universidades, à maneira (simetricamente inversa: como desrepressão) do *Suplemento Literário* paulistano, criado para suprir outra falta, a de uma boa revista que representasse a inteligência paulista, em contraposição aberta aos cariocas –, era ela mesma filha bastarda desta floração mundialmente influente, através da empresa bem calçada de um intelectual cordobês, Héctor Schmucler, ao lado de Ricardo Piglia, que sugeriria incluir o

⁶ V. *Los Libros* nº 18, Buenos Aires, abril 1971, p. 9: “La guerra química. Efecto de la defoliación sobre la vida humana”.

nome de Nicolás Rosa, crítico literário e tradutor de Barthes (como Perrone-Moisés, como Sarlo, como Santiago), além de colaborador, ele também, do *Suplemento Literário de Minas Gerais*.⁷

Após militar sob o influxo de Antonio Gramsci (e de Juan Perón) na revista *Pasado y Presente*, Schmucler desembarca na França e cultiva a idéia enquanto assiste aos seminários de Roland Barthes: a princípio, na superfície, simplesmente *La Quinzaine Littéraire*⁸ em castelhano. Esta seria portanto a razão da recusa inicial de Piglia para integrar seu conselho diretor, atuando somente nos bastidores até 72, quando Schmucler deixa a revista e Piglia assume-a ao lado de Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano. Sua primeira etapa é tida como “estruturalosa”, na expressão de Jorge Onetti na própria revista (nº 10), ou como “ressacralizadora do nada”, conforme Wouter Bosteels a propósito de Oscar del Barco.⁹ Estas posições não podem, no entanto, ser vistas como unânimes, já que nem tudo nela é “a-histórico” ou “absoluto” mesmo nesse momento. Em “La crítica argentina y el discurso de la dependencia”, Jorge Panesi problematiza a influência do estruturalismo francês – “la picazón estructuralista, por asincronía entre países centrales y

⁷ Cf. Rosa, N. “A sintaxe do labirinto” (sobre Borges). *SLMG*, Belo Horizonte, 5 jun. 1971 (tradução de Laís Corrêa de Araújo); sendo que a conexão cultural Minas/Argentina ocorre pelo menos desde os modernistas da revista *Verde* (1927-29), de Cataguazes. Em entrevista colhida em Buenos Aires, em 98, diz Piglia: “Yo conocía un artículo de Rosa sobre Cabrera Infante que me había gustado mucho, en una revista de Rosario, y cuando empezamos a ver con qué gente podíamos hacer, pensamos también en Nicolás Rosa. Lo cierto es que la hacíamos al principio Schmucler y yo, porque yo estaba contratado por la gente que hacía la revista [Editorial Galerna, de Guillermo Schavelzon] pero yo no quise aparecer porque la revista me parecía muy ecléctica. Entonces le dije a Schmucler: yo trabajo contigo pero yo no voy a aparecer ahí, porque la revista en ese momento era una revista digamos que no tenía una línea definida, era una revista más bien para crear un clima de discusión. Basicamente el objetivo era discutir con la cultura de masas, centralmente era hacer una revista alternativa a los suplementos de los diarios, a los suplementos culturales de los diarios, atacar el modo en que los diarios estaban ocupándose de la literatura, ¿no? Eso fue lo que la revista hizo en todos sus primeros años, tres o cuatro primeros años, ayudada por la aparición del estructuralismo y por lo tanto con la renovación de la crítica literaria, que nos permitió a nosotros criticar el tipo de crítica impresionista y comercial que se hacía”. V. entrevista, p. 21.

⁸ A revista do editor Maurice Nadeau havia recém-estreado, em 1966; em 2001 completou 35 anos em plena atividade. Perrone-Moisés resgata recentemente a longa trajetória de Nadeau, de 90 anos, para a *Folha de S. Paulo*: “Ter uma longa existência não é um mérito – diz a crítica paulistana –, mas uma sorte. Entretanto atingir uma idade avançada tendo participado ativamente da vida intelectual e política de seu país, durante mais de meio século, e ter conservado tal integridade, é um feito merecedor da maior admiração. De fato, não houve acontecimento político ou literário do século 20 francês em que Nadeau não estivesse, de alguma forma, presente”. Cf. “O guardião do templo. Entrevista com Maurice Nadeau”. *Mais!Folha de S. Paulo*, 13 maio 2001, p. 12.

⁹ Bosteels, W. “Los Libros: desacralización o resacralización”. *América. Cahiers du CRICCAL* nº 15/16. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1996, p. 428-31.

periféricos, ya venía con su remedio incluido, con una crítica ideológica posterior” – e questiona seu suposto ecletismo inicial.¹⁰

Pouco a pouco a revista torna-se mais e mais intervencionista e, simultaneamente, à mercê dos acontecimentos políticos do presente, em missão supostamente redentora e regeneradora, ao menos segundo os cálculos de uma estratégia tão debatida quanto malograda, abordada adiante (cf. Capítulo Três). O processo de *desfoliação* vivido pela revista, isto é, no caso de *Los Libros*, sua gradativa transformação em instrumento partidário e seu deslocamento rumo à *barbárie* política, contudo, não só ocorre de forma irreversível como revela surpresas, algo do caldo do pretérito e do futuro enquanto formação cultural, passando “de *Tel Quel* a la *Marcha Peronista*”, como deporia duas décadas depois Germán García, um de seus protagonistas.¹¹

É o sinal de uma extraordinária fermentação teórica, anunciava então Perrone-Moisés no *Suplemento Literário* do mais tradicional diário brasileiro, onde começou a *falar francês* ainda no fim dos anos 50, divulgando o *roman nouveau* – para dizê-lo arvesadamente, isto é, ao modo do crítico Brito Broca, seu predecessor na seção “Letras Francesas”. Com a morte do velho e bom crítico, ocorrida em 61, a literata e pintora paulistana¹² assume a seção, em favor das tendências modernizadoras da cultura européia e de seu *mainstream*, e em oposição à linha conservadora e sem concessões de Brito Broca,¹³ do qual herdaria ao menos a disposição interpretativa homogênea, embora mais concessiva, dentro de uma estratégia progressista-vanguardista particularmente problemática. Quando relacionada com a vertente tropical-antropofágica – o que, exagero ou não, fica como hipótese –, a modernização à francesa parece carregar em si o peso da própria tradição logofonofalocêntrica ocidental.

Um exemplar desviante desta tendência nas mesmas páginas do suplemento ilustrado do *Estadão* – mas poderia ser no carioca *Opinião*, ou no *Suplemento Literário de Minas Gerais* –,

¹⁰ Panesi, Jorge. “La crítica argentina y el discurso de la dependencia”. *Críticas*. Buenos Aires: Norma, 2000, p. 39 e 43.

¹¹ O escritor, psicanalista e “inventor” de *Literal* discorre derramadamente sobre o período em “El exilio de escribir”, texto publicado na revista *Hispanérica* nº 59 (1991), lançada por Saúl Sosnowski nos Estados Unidos em 1973 e, a exemplo de *La Quinzaine Littéraire*, ainda hoje em plena atividade.

¹² Perrone-Moisés estudou pintura com o artista húngaro Samsor Flexor na São Paulo de fins da dos 50, exercitou-se no abstracionismo geométrico e chegou a participar de exposições coletivas e a ilustrar textos para o *Suplemento Literário*. V. entrevista, p. 67.

¹³ V. Santiago, S. “Lenha na fogueira (Leituras em francês de Brito Broca)”. *Remate de Males* nº 11, Campinas, 1991, p. 61-2.

situado não menos estudada e estrategicamente entre os territórios da crítica e da ficção, é o Santiago de “O banquete”, pequeno texto que viria a finalizar o livro de mesmo nome, em alguma medida conto (como tudo aquilo que chamo conto), com nada de conclusão, talvez algo de posfácio.¹⁴ Vivendo entre Estados Unidos e França e enviando artigos esporádicos em qualquer gênero (entre um e outro) para o Brasil, publica no suplemento paulista desde “Eça, autor de Madame Bovary” (28 mar./4 abr. 1971)¹⁵ até os “Dois poemas do abraço” (3 jun. 1967) e “O Banquete” (5 out. 1968) – este com direito a epígrafe dadaísta, de Tristan Tzara (conservada no livro), segundo o qual a lógica é uma complicação, a lógica seria sempre falsa, oferecendo aí as primeiras pistas de seu próprio posicionamento crítico e como que epigrafando o retorno do debate modernista em 1972, a exemplo do que fizera no breve ensaio “Camões e Drummond”, publicado nos Estados Unidos seis anos antes (e, posteriormente, em 67, no então recém-nascido *SLMG* de Aníbal Machado).

No texto conclusivo de sua reunião de relatos celebrava um presente de outro crítico mineiro, Alexandre Eulálio – dom este que Santiago chama de “mapa do papiro”, em referência ao manuscrito de parte de *Les faux-monnayeurs* que o leva à França, em busca de formação intelectual na metrópole – a exemplo de Perrone-Moisés, bem como do fundador de *Los Libros* – mas de olhos bem postos nas maneiras de um Oswald de Andrade, que (como mencionado antes) descobre o Brasil em Paris em favor do aprofundamento de sua própria verve barbarizante e ferina e em nome de um vanguardismo errante por definição. Do mesmo jeito (repita-se diferentemente), diria-se que mais tarde Santiago descobre o Brasil, na viagem da história recente, ao *nova-iorquinizar-se*¹⁶ (mas apenas depois de Paris). “O banquete” é, portanto, um banquete da razão antropofágica na geléia internacional.

Ao lado do ensaio sobre o entrelugar, um texto de estudada intervenção no debate cultural da época (como vários outros por vir), seria possível ler em “Camões e Drummond: a Máquina

¹⁴ Em 1970 o escritor publica os poemas de *Salto* (Belo Horizonte: Imprensa Publicações), além dos “textos” de *O banquete* (Rio de Janeiro: Saga).

¹⁵ Um de seus textos ensaísticos mais reveladores (desde o título), escrito em inglês em 1970 e incluído em *Uma literatura nos trópicos*. Está em franco diálogo com o ensaio sobre o entrelugar, que deve ser lido como um seu desdobramento.

¹⁶ O neologismo aparece no início de um de seus romances, ambientado nos Estados Unidos em 69, mas situado entre as Américas do Sul e do Norte: *Stella Manhattan* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 20). G. Yúdice verteu-o ao inglês (Durham: Duke University Press, 1994); G. Leibrich ao francês (Paris: Metaillié, 1993). Paulo Leminski – em outra ponta da “tropicália” – também transformou em verbo certos conhecidos nomes próprios na introdução de um poema sem título de *Caprichos & Relaxos* (São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 90): “pariso/ novayorquizo/ moscoviteio/ sem sair do bar// só não levanto e vou embora/ porque tem países/ que eu nem chego a madagascar”...

do Mundo” (1966), apesar ou por causa de seu refinamento e de sua descrição, uma pioneira manifestação por uma poética *transtextual transgressora transnacional*, a ser encarada a partir do formidável achado machadiano de Assis, “nosso Borges do Oitocentos” (como disse Haroldo de Campos), em (i)mortal epígrafe ao artigo: “Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.” Errata que também se poderia antepor e justapor à contribuição milionária de todos os erros de Oswald na releitura modernista que Drummond faz da fábula camoniana via *science fiction*, conforme, por sua vez, esta protoleitura santiaguina da máquina modernista que é recusada enquanto máquina do mundo.

Trata-se de um ensaio “antigo”, publicado primeiro nos Estados Unidos e um ano depois no Brasil, em que Santiago se posiciona por uma “nueva desprovincialización de la lectura”, no dizer de Antelo,¹⁷ ao propor a leitura que vai gerar o poema-piada “Cammond & Drummões”, resposta humorada do autor de *Claro enigma* ao autor do artigo (“certamente o melhor poema concreto radical de Drummond”, segundo Santiago).¹⁸ Resta imaginar que resposta teria gerado em Borges caso o final do artigo, sobre “El Aleph”, não tivesse sido podado por causa do limite de páginas imposto pela revista acadêmica americana. No *Suplemento Literário de Minas Gerais* sairia *tel quel*, ou seja, cortado.

A trilha que vai sendo riscada entre revistas e suplementos deve conduzir agora ao eixo paulistano deste relato, através dos desvios introduzidos por um escritor tão mineiro quanto cosmopolita, que em sua militância crítica debate mais ou menos surdamente com a intelectualidade modernizadora radicada no país, apesar da ditadura militar. Como um desvio leva a outro, vai-se desembocar posteriormente, e em consequência dessas interferências, na mais conhecida leitora de Roland Barthes no Brasil, Leyla Perrone-Moisés, muito próxima, como se sabe, dos concretistas, sobretudo de Haroldo de Campos.

Durante a década de 60, o ensaísmo literário de Santiago começa a lidar com a nova crítica – ou com o “pensamento crítico francês mais atual, pós-existencialista”, como diria

¹⁷ Cf. De Grandis, R. “La Ficción Crítica en los Noventa: Nuevos Textos, Nuevas Series–Posiciones y Reacomodos (Entrevista a Raúl Antelo). *Luso-Brazilian Review* vol. 32, nº 1, University of Wisconsin, Summer 1995, p. 47

¹⁸ Cf. entrevista, p. 104.

então¹⁹ – de forma simpática mas cautelosa. Artigos publicados à época nos Estados Unidos e no Brasil demonstram que não se deixa levar sem resistência, bem como não cede à estridência, além de manter quase que permanentemente em suspenso as possíveis respostas a suas indagações. O ensaísta manifesta assim, sem necessitar *se manifestar* por meio de um libelo, uma aguda consciência, por um lado, de que um texto tende a render mais pelas questões do que pelas soluções que propõe e, de outro lado, uma não menos aguda percepção a respeito das “traições que aliás qualquer escrita crítica apresenta”, como diz.

Neste artigo de título igualmente manifestário a propósito do livro *O Poeta e a Consciência Crítica* de Affonso Ávila, propõe “re-definir” uma gasta e simultaneamente triunfante vanguarda brasileira, em resenha para o suplemento paulista. Santiago não apenas mostra a sua concepção da vanguarda em referência especificamente ao Brasil como desafia o movimento concretista²⁰ ao fazer o favor de avançar a noção oximórica, ou “contraditória”, segundo ele mesmo, de *vanguarda institucionalizada* – vasta sombra a perseguir em especial as figuras mais voluntaristas de nossa série.

Este constante manusear da tradição pode de certo modo afetar o projeto-criador (e de certa maneira está afetando), seja por querer lhe impor uma severidade que não condiz com o próprio espírito anárquico e adolescente da obra de vanguarda, como ainda por relegar para segundo plano a possibilidade de destruição total e positiva/negativa (na medida em que se trata de arte de vanguarda, frisemos, e não de arte de vanguarda institucionalizada). Este perigo aliás rodeia todo o conceito de vanguarda (chegado é o momento de redefinição?), tal qual estava sendo explorado desde os anos 50 tanto em São Paulo, quanto no Rio e em Belo Horizonte. O lapso temporal que se dá de presente ao artista de vanguarda é curto e exigente.

Pode-se ler a pergunta entre parênteses como uma afirmação – “chegado é o momento da redefinição” (à qual o próprio título também serviria como resposta) –, na medida em que o texto põe em xeque a hegemonia da já velha vanguarda concreta, utilizando-se para tanto da releitura do barroco de Ávila, a seu ver excessivamente exposta, como a de seus pares paulistas, ao influxo da tradição, o que desemboca em inevitável institucionalização. Paralelamente, propõe

¹⁹ Cf. “Re-definir auto-definindo-se”, *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 7 fev. 1970, p. 6.

²⁰ V. complementos à entrevista de Santiago (p. 104), onde conta o que teria motivado o seu rompimento com Haroldo de Campos.

Santiago, também sem meias palavras, “todo um artigo poderia ser escrito sobre o recente manuseio e a constante consulta de dicionário e enciclopédia por parte do grupo concretista paulista”. O poeta-crítico delibera em favor da ruptura a partir do lugar intersticial de seu próprio discurso, levando em conta simultaneamente o momento pós-utópico experimentado pelas poéticas modernas:

É chegado o momento de analisar exatamente este espaço vazio e aberto, não-emocional, criador, instaurado pela ruptura entre os dois olhares, espaço quase imperceptível em que se move e escreve o poeta brasileiro de hoje. Espaço que seria inútil chamar de vanguarda e que, na verdade, delimita de maneira precisa o lugar onde pode sobreviver a poesia AGORA, poesia que não quer se tradicionalizar mas que já não pode se vangloriar da destruição, e que (além do mais) corre o perigo de se petrificar bíblicamente no olhar concupiscente para o passado.

Como de hábito, os antimanifestos de Santiago se desprendem como chispas de um discurso crítico cuja proposta desconstrutora inclui a si próprio. No entanto, caracterizam-se por ser fragmentários sem deixar de ser contundentes, conforme a conclusão de “Re-definir auto-definindo-se”:

Que o poeta e a sua consciência crítica nos sirvam de sinal-de-alerta. Já não somos de “vanguarda”, mas nos definimos por este compromisso com a vanguarda e com a tradição, pela lucidez que não é da vanguarda e pela ousadia que não é da tradição. Aproveitemos, enquanto dura, este espaço aberto que se locomove ao se definir.

Lucidez e ousadia em movimento (finito): eis aí, em pequenas-grandes linhas, todo um pro-grama pós-moderno – uma vez que “já não somos de ‘vanguarda’”. Tal proposta conclusiva do artigo remete, por sua vez, à argumentação de Ricardo Piglia, bem mais recente mas não menos programática, em entrevista ao mesmo *O Estado de S. Paulo*, a propósito da problemática vanguardista, à qual será retomada adiante (cf. Capítulo Três) e que pode ser aqui resumida com a seguinte afirmação do autor de *Respiración artificial*: “O espírito de ruptura segue vivo, mas a idéia de estridência não interessa mais”.²¹

²¹ Cf. entrevista concedida a José Castello. “Caderno 2”, *O Estado de S. Paulo*, 24 jun. 1997, p. 1.

II. Pierre Menard, autor de *Em liberdade*

Creio que já houve períodos piores para a literatura, como os anos entre 68 e 72.

Graciliano Ramos²²

A partir de 1970 – vale dizer, *agora e antigamente* –, Santiago propõe uma série de ensaios de interpretação transnacional através de leituras da literatura latino-americana, à contraluz da teoria crítica francesa, entre (principalmente) Lévi-Strauss e Derrida, leituras estas que se querem bárbaras e não “simplesmente” galomaniacas. É o que se lê na advertência ao derradeiro ensaio de *Uma literatura nos trópicos*, “Análise e interpretação”: “Não se confunda, por obséquio, redução do campo de estudo a determinado grupo, cujo único fim é o de melhor (esperamos) apreender as idéias, com uma simples galomania”.²³ Seu “manifesto”, no entanto, é o conhecido texto de abertura, “O entrelugar do discurso latino-americano”, espécie de fábula identitária paradoxal, porque fala em nome da produtividade da repetição e da diferença, do acaso e do inconsciente, propondo um para-além da perspectiva dependentista dominante. Vale dizer, contra uma perspectiva datada, propõe-se outra, avançada, ou “de vanguarda”, embora necessariamente lance mão de um certo vocabulário de época na versão original, que seria sutil mas significativamente matizado, como se verá.

O conceito de entrelugar constitui há já bastante tempo um lugar comum no campo da crítica cultural em sua versão brasileira e latino-americana (encontrando eco até hoje também, como é sabido, entre a intelectualidade da América do Norte). No entanto, ou por isso mesmo, é fartamente empregado enquanto lugar pacífico, moeda corrente do discurso do intelectual dito latino e americano, em processo de naturalização que significa rigorosa negação do próprio conceito. De modo que – reconhecido o seu raio de ação – seria necessário lê-lo em chave

²² Graciliano, como se sabe, é o autor de *Em liberdade* (1981), escrito por Santiago. A frase aparece na “Entrevista” de *Vale quanto pesa. Ensaios sobre questões político-culturais* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 199), sua segunda coleção de ensaios.

²³ Santiago, S. *Uma literatura nos trópicos*, op. cit., p. 200.

igualmente *bárbara* e *crítica*, ou seja, no marco de transgressão que lhe é inerente, buscando suas principais bases teóricas entre a América austral e a Europa do oeste: de um lado os modernismos brasileiro e hispano-americano (em seus diferentes momentos), e de outro lado o que se usa chamar, de modo não menos generalizante, a teoria crítica francesa – mãe e filha bastardas do vanguardismo sessentista, reunidas na maré montante, a um só tempo destruidora e afirmativa, da pós-modernização. Afinal, como se sabe, ou se deveria saber, Pierre Menard escreveu o *Quixote* e Eça de Queiroz, *Madame Bovary*.

O ensaio, escrito originalmente em francês no início de 71, é dedicado a Eugenio Donato – e Sally –, um dos introdutores do estruturalismo nos Estados Unidos da América, e de certa maneira também na América dita latina, uma vez que aquele que seria um dos principais responsáveis por sua difusão no Brasil (em versão renovada) aprende-o a partir dele. Ao lado disso, vale recordar que Santiago cunhou – quer dizer, tresleu, ruminou, traduziu, devolveu – a expressão para o título de uma conferência apresentada no Canadá a convite do mesmo Donato, o qual no entanto o faria modificar por causa justamente de sua singularidade, rebatizando-a como “La naissance du sauvage, anthropophagie culturelle et la littérature du Nouveau Monde”, em inesperado lance “colonizado” de um intelectual usualmente mais do que *up to date*, segundo diria o próprio autor do ensaio.²⁴ Posteriormente, como um simples título – quer dizer, em toda sua complexidade, ao abrir a coletânea significativamente subtitulada *Ensaaios sobre dependência cultural*, reunida em 1977, publicada em 78, incluindo textos a partir de 68 –, disseminou-se de maneira sem dúvida produtiva. Mas em certo sentido – e retomarei o ponto – o lugar intersticial em questão, no texto como na entrevista citada, não passa de uma ficção autobiográfica, ou seja, precede e excede o seu próprio sujeito, revisto aqui através do espelho do futuro:

(...) um brasileiro, professor de francês, numa universidade americana. Que foi uma das razões pelas quais eu voltei ao Brasil, porque minha esquizofrenia tinha chegado a um ponto que não agüentava mais... Eu não falava mais português, não é? Quer dizer, o português deixou de ser uma língua, para mim, de utilidade. E eu tenho a impressão que deve ter surgido desse caos, entende?... Foi um conjunto de conferências que Donato organizou, que foi como [professor-]visitante para Montreal... E ele me convida – e realmente foi um luxo

²⁴ V. entrevista, p. 91-2. Diria-se que Santiago inventou o termo em 71 assim como o crítico de artes Mário Pedrosa “inventou” a arte “pós-moderna” em 1965 – a propósito, aliás, de Hélio Oiticica, principal referência artística do primeiro à época (e talvez até hoje).

para mim na época, porque foi [René] Girard, [Michel] Foucault e eu [risos]... Eu acho que era um pouco o enfrentamento da minha própria condição... de não ter um lugar – eu não tinha literalmente um lugar...²⁵

O poeta-professor transgressivo, o *new leftist* brasileiro na América durante os *anos loucos*, vai construindo assim, à maneira desconstrutiva, o seu próprio *locus*, que vem a ser – para empregar um jargão festivo – o lugar (louco) da “folia” do texto,²⁶ sob a forma de uma *prosa carnavalesca* e a idéia-mãe de uma *imaginação do paradoxo*. Mas, para além das belas palavras, através do entrelugar, ou de uma “dialética rarefeita”, busca-se “a ‘explicação’ da ‘nossa constituição’ (vale dizer da nossa inteligência)”.²⁷

Há então o que se poderia chamar, dobrado o ano 2000, duas *tradições* em uma neste texto manifestário. Os americanos austrais são argentinos antes de tudo cosmopolitas, Cortázar, Borges, tornados mais e mais célebres (ou celebrados) durante a década de 60. A grande fonte tupiniquim é conhecidamente modernista e *andradina 1922*, que marca a cultura brasileira para sempre com as primeiras reivindicações radicais de modernização e hibridização – com seu famoso gesto fundador, tido como ainda excludente e não copulante: “tupi *or* not tupi, that’s the question”²⁸ – e a introduz definitivamente no novo século XX. É Oswald de Andrade, artista e “proletário” vanguardista, quem propõe no início dos anos 40, em plena guerra mundial, a *mulatização* da Alemanha, gesto do qual Santiago não abdicará – ao contrário.²⁹

²⁵ V. entrevista, p. 91-2.

²⁶ Em tradução *bárbara* do termo francês “folie”, a partir do enigma da “participation sans appartenance”, própria dos gêneros literários, segundo Derrida. Cf. “La loi du genre”. *Parages*. Paris: Galilée, 1986, p. 256.

²⁷ Em outro desdobramento da mesma reflexão, o texto “Apesar de dependente, universal”, de 80 (em tom fortemente crítico diante da “lenta” abertura no Brasil), é posta em epígrafe uma frase de Paulo Emílio Salles Gomes: “Não somos europeus nem americanos do norte, mas destituídos de cultura original, nada nos é estrangeiro, pois tudo o é. A penosa construção de nós mesmos se desenvolve na dialética entre o não ser e o ser outro”. Cf. *Vale quanto pesa*, op. cit., p. 13.

²⁸ No entanto, o próprio Santiago demonstraria o contrário, desde o primeiro manifesto, de 1924, em um prefácio a um livro de Gilberto Vasconcellos, no qual define o tropicalismo como a soma de Dadá com Oswald: “É mais do que curioso notar que não existe a conjunção *ou* no Manifesto Pau-Brasil; encontra-se ela esmagada pela conjunção *e*. O problema para Oswald é o de manter relações críticas entre *todos* os elementos, relações estas que acabam por exprimir a contradição inevitável entre os diversos componentes desse insustentável todo. O elemento já não se exprime em sua pureza (por exemplo: quando se o julga em separado), mas pelo que nele se deixou contaminar pelo seu oposto e pelo que nele contamina o seu oposto”. Cf. “Fazendo perguntas com o martelo” em Vasconcellos, G. *Música popular: de olho na fresta*. Rio de Janeiro: Graal, 1977, p. 6.

²⁹ Sobre a *mulatização* alemã, v. Andrade, O. de. “Sol da meia-noite”. *Ponta de lança. Obras completas de Oswald de Andrade*. São Paulo: Globo, 1991. Em prefácio (“Sobre plataformas e testamentos”) a *Ponta de*

De França vêm os assim chamados *filósofos da descolonização* no papel de teóricos quase indiferenciados, ignoradas no ensaio polêmicas e hostilidades, suas diversas posições – deliberadamente? até que ponto? – neste vasto campo que o hábito ou a moda denominaram “estruturalismo”, com ou sem prefixo e chame-se ele Lévi-Strauss, Lacan, Foucault, Barthes ou Althusser. Em Québec, fronteira franco-americana, cujo ambiente político era tenso, perturbado e propenso ao debate,³⁰ falava um positivo admirador de *Tristes tropiques*, vale dizer, era antes o antropólogo de *Le cru et le cuit* que o filósofo da *Grammatologie* a ser interpelado-homenageado então. O próprio escritor afirmaria em seu depoimento não ter ainda uma leitura suficientemente atenta de Derrida.³¹ Distância que seria reduzida em breve.

O texto é introduzido – lembro – com um exemplo famoso de uma pretensa barbárie aos olhos ocidentais: os *Essais* de Montaigne e o conhecido capítulo sobre os canibais do Novo Mundo, que não são, segundo um rei antigo, de nenhuma maneira bárbaros.³² Estimulado, pois, pelo “canibal letrado”, ao mesmo tempo que empregando algo do tom entusiasta típico dos libelos vanguardistas, Santiago vislumbra então a possibilidade de inversão (senão de tresvaloração) dos valores. Anos depois, através de uma nota de pé de página no início do texto, superpõe para a edição em livro uma passagem de *L'écriture et la différence* (uma vez transposta aquela distância), que faz menção à contribuição da etnologia para o descentramento da cultura europeia hegemônica. Obviamente a “etnologia” é Lévi-Strauss, sobretudo nos anos 60, e *Tristes trópicos* espécie de bíblia sagrada da consciência culpada de uma pequena-burguesia ecologicamente correta, então nascente e em franca expansão. O ensaísta brasileiro irá se apoiar sobre a pesada nostalgia lévi-straussiana sem se colocar qualquer tipo de problema, a companhia Derrida-Lévi-Strauss era ponto pacífico – algo à maneira do que costuma ocorrer com o sobredeterminado lugar em questão. E, no entanto, neste mesmo livro seminal, Derrida livrava seu combate contra a tristeza de fato pouco tropical do eminente etnólogo – combate o qual, no entanto, Santiago tampouco deixará de a seu modo exercitar.

lança, reunião de crônicas jornalísticas oswaldianas de 1943 e 44, Santiago reatualizaria suas idéias no sentido do pluralismo, oferecendo uma versão politicamente correta do incorreto e iconoclasta Oswald de Andrade.

³⁰ Como em toda parte, nos grandes centros urbanos e universitários, naquele momento. A marca distintiva do evento canadense é que De Gaulle havia acabado de passar pelo país, pregando “Vive le Québec libre”.

³¹ V. entrevista, p. 91.

³² Note-se, de passagem, que antes de começar o autor põe em epígrafe um pequeno trecho de *L'Archéologie du savoir* em que Foucault critica a noção de influência, ao lado de uma frase antropofágica de um romance de Antonio Callado (*Quarup*), e que, no mesmo *Ponta de Lança*, Oswald denomina a posição de Montaigne como aquela de um “canibal letrado” (78).

Confrontados o primeiro ensaio de *Uma literatura nos trópicos* e o último, antes mencionado, o estudo “Análise e interpretação” (1975) – pensado a partir de teorias de Barthes e Derrida, em primeiro plano, além de Deleuze e Althusser, de passagem –, verifica-se que o autor leu em detalhe e absorveu o debate, propondo uma interpretação pessoal do que denominaria, em outro lugar, “o labirinto da *différance*”.³³ O paradoxo consiste no fato de que aquela que pode ser vista como a peça teoricamente mais vulnerável do volume, extremamente interessante enquanto manifestação “manifestária” de um lado e evento *après coup* de outro (dados os seus diversos desdobramentos), reflexão precursora ainda que dê sinais de uma espécie de “esquecimento passivo”, aquela peça mais frágil se tornaria exatamente a mais fértil, no sentido de sua disseminação. Trata-se, sem dúvida, dos passos decisivos em direção à sua própria “abertura gramatológica”, que atinge as melhores performances literárias cerca de uma década depois, em torno de 1980, com os romances (questionadores do gênero romance) *Em liberdade* e *Stella Manhattan*.³⁴ Frise-se, de resto, que estas observações são feitas não pelo prazer da descoberta de uma contradição em um texto famoso de um autor reputado, e também não a partir do que se poderia chamar uma falta insuperável – porque ela é superada no interior de um mesmo livro –, mas enquanto constatação das metamorfoses de um sistema de pensamento fortemente tributário da nova crítica, assim como da nova literatura, seja ela ou não latino-americana – a literatura de qualquer lugar entre Borges e Desnos, Cortázar e Leiris (escolhidos como exemplos no ensaio), de qualquer lugar entre Europa e América, culturas em choque cujas políticas mais ou menos discricionárias igualmente alimentam o entrelugar do discurso latino-americano.

O autor expõe claramente as razões práticas para a reivindicação de seu *entrelugar descolonizante*: “O neocolonialismo, a nova máscara que aterroriza o Terceiro Mundo”, propondo, como se disse, a mestiçagem de linhagem oswaldiana e ironizando, com Lévi-Strauss, a situação bizarra do novo como *démodé* que era aquela da Europa colonial na América.³⁵ É aqui, a partir do que chama de “pequenas metamorfoses”, “estranhas corrupções”, onde “o

³³ Este é, por sinal, um dos lugares privilegiados da experiência desconstrutiva no Brasil: o *Glossário de Derrida* (antes mencionado), com 62 verbetes, resultado de estudo coletivo dos alunos de pós-graduação da PUC-RJ, idealizado e coordenado por Santiago. Entre os participantes encontravam-se intelectuais hoje conhecidos no meio universitário brasileiro, como Evelina Hoisel, Maria Consuelo Cunha Campos e Roberto Correa dos Santos.

³⁴ Segundo Idelber Avelar, *Em liberdade* (1981) é “a grande atualização” do programa estabelecido no ensaio do entrelugar. Cf. Avelar, I. *The untimely present. Postdictatorial latin american fiction and the task of mourning*. Durham/London: Duke University Press, 1999, p. 140.

³⁵ Cito a partir da segunda edição do volume: “O entrelugar do discurso latino-americano”. *Uma literatura nos trópicos*, op. cit., p. 15.

elemento híbrido reina”, que se encontra, segundo ele, a grande contribuição da América Latina à cultura ocidental, postulada acima, em belo desvio da norma, “ativo e destruidor”. Com respeito à função do intelectual, em citação silenciosa da carta de Ezra Pound a propósito do mercado literário e de Wall Street, exclama agressivamente: – Falar, escrever é falar contra, escrever contra.³⁶ Lembre-se, a propósito, que o grupo da revista *Los Libros* poderia inscrever o seu lema, de forma talvez menos retórica porque cada vez mais colada ao “real”, sobre idêntico papel.

Se a condição do etnólogo como herói antiimperialista – os “verdadeiros responsáveis pela desmitificação do discurso da história”³⁷ – é retomada diversas vezes no ensaio, ela é utilizada enquanto apoio para a questão proposta: seguir o modelo ou marcar sua *diferença*. Sabe-se, no entanto, que era questão sobretudo de realizar os dois movimentos simultaneamente, e questão também de outro pequeno esquecimento, já que o autor os conhece bem. Seu objetivo neste caso são os modelos reacionários empregados nas universidades brasileiras – meio ao qual se integrou em definitivo, como professor, a partir de 74 –, aqueles dos estudos de fontes e de influências, próprios do pensamento colonizado, do “saber introjetado”,³⁸ recalcitrantes e falidos por completo. A noção de dependência está na ordem do dia e por aí se deveria entender sua investida, a qual não deseja mais que esvaziar, diz ele, a memória enciclopédica do crítico razoável. Irá até mesmo sugerir a necessidade de um estudo psicanalítico sobre o prazer de certos professores universitários no instante do descobrimento de uma influência e de toda sua verdade. Mas ele antes terá descoberto sua própria verdade, uma verdade de vanguarda contra aquela outra, vista como retrógrada: “um novo discurso crítico cujo único valor será a *diferença*”.³⁹

Ignorando, ou tendo optado por ignorar, como se viu, a discussão de Derrida sobre o aspecto metafísico da obra de Lévi-Strauss, não deixará de destacar, contudo, o passo além ensaiado por Barthes em relação ao estruturalismo *tout court* através de *S/Z*, por exemplo. Trata-se, nos termos do autor, de um convite à práxis, à prática da escritura e à transformação do leitor em produtor de textos. Daí um compromisso incondicional com o “já-dito”, que menciona a partir de Michel Foucault (a seu lado, à mesa),⁴⁰ ou ainda com o que chama de “já-escrito”, a

³⁶ *Idem*, p. 16-17.

³⁷ *Idem*, p. 17.

³⁸ Conforme expressão empregada em “Apesar de dependente, universal”, *op. cit.*, p. 21.

³⁹ Santiago, S. “O entrelugar do discurso latino-americano”, *op. cit.*, p. 18.

⁴⁰ A propósito, como Foucault terá “lido” a leitura deste texto ao mesmo tempo lévi-straussiano e derridiano justo no momento provavelmente mais hostil de sua relação com Derrida? Gayatri Spivak, em seu prefácio a *Of Grammatology* (“Translator’s Preface”, *op. cit.*, p. lx-lxii), narra a trajetória deste debate, que vai da primeira

obra segunda, onde o leitor-autor trataria de surpreender o modelo original em suas limitações e lacunas, destruindo-o e rearticulando-o à vontade, sempre de forma agressiva. “O escritor latino-americano [*moi*] brinca com os signos de um outro escritor”, diz, depois de explicar, também de passagem mas de modo sintomático, por que latino e por que americano – na verdade simplesmente “porque é necessário limitar finalmente nosso sujeito de discussão”.⁴¹

Existe um conhecido termo carioca – quer dizer, do Rio de Janeiro, onde se radica Santiago, lugar ao qual se atribui uma difusa porém afamada tipicidade – de difícil tradução: “desbunde”. É assim, entre o desbunde tropicalista e um certo tipo alegre de seriedade, característico do professor universitário, que descreveria, por exemplo, a escritura do texto segundo no ensaio sobre o “entrelugar”: em parte, trata-se da história de uma experiência sensual com o signo estrangeiro. E neste lugar, visto como foco de subversão dos costumes, tudo deve ser possível, exceção feita, claro, à tradução automática: os recursos iriam, então, da paródia ao pastiche à digressão e àquilo que chamaria de “tradução global”, em nome da ótima configuração dos devidos “antídotos” – que é como refere, no ensaio de 80 (que vem a ser o momento de *Em liberdade*), as idéias-chave dos personagens escolhidos a dedo para sua “fábula”.⁴²

Nas entrelinhas do texto, este desbunde acha sua tradução em uma espécie muito nova e ao mesmo tempo muito velha de romantismo: “O signo estrangeiro reflete no espelho do dicionário e na imaginação criadora do escritor latino-americano e se dissemina sobre a página branca com a graça e o dengue do movimento da mão que traça linhas e curvas. Durante o processo de tradução, o imaginário do escritor está sempre em cena”.⁴³ Aí, não à toa, o exemplo é cortazariano, isto é, entre canônico e desbundante: *62 modelo para armar* é festejado então por Santiago, que responderia assim, de modo lateral, ao próprio fenômeno do *boom*, com o que se creditaria, quem sabe, a membro honorário da *famiglia* da intelectualidade latino-americana com

(1961) à segunda edição (1972) da *Histoire de la folie*, na qual Foucault decide incluir uma extensa e feroz refutação às críticas de Derrida, o qual o julga ainda preso ao estruturalismo.

⁴¹ “O entrelugar do discurso latino-americano”, op. cit., p. 21 e 19.

⁴² Os três antídotos apresentados em “Apesar de dependente, universal” (op. cit., p. 22) são: a antropofagia cultural “brilantemente inventada por Oswald de Andrade”; a noção de traição da memória, “eruditamente formulada por Mário de Andrade”; e, em profissão-de-fé vanguardista, a noção “bem pensante e possivelmente ideológica” de corte radical, “recentemente defendido e daquela forma cognominado pelo grupo concreto paulista (a noção é uma apropriação do ‘paideuma’ poundiano, revista pelo ‘parêntese’ isebiano)”.

⁴³ “O entrelugar do discurso latino-americano”, op. cit., p. 21.

sede em La Habana – ainda que para ser excomungado.⁴⁴ Afinal, o ensaio sobre o entrelugar desse discurso ideal, bem como fundamental e fundador, é também um documento de época.

Um ensaio por definição não tem fim, já se disse, e não seria necessário repetir. Bastaria por exemplo ler outra nota agregada *a posteriori* em um pé de página: “Seguimos de perto – o autor esclarece – o ensinamento de Derrida em relação ao problema da tradução em seus pressupostos gramatológicos”.⁴⁵ E vai citar um trecho de *Positions* sobre a tradução como prática da diferença entre significante e significado, ou seja, como transformação antes que tradução. É o momento de ensaiar o passo mais importante desta leitura na companhia borgesiana de “Pierre Menard, autor del *Quijote*”. É, segundo Santiago, a metáfora ideal para “precisar a situação e o papel do escritor latino-americano, que vive *entre* a assimilação do modelo original, quer dizer, *entre* o amor e o respeito pelo já-escrito, e a necessidade de produzir um novo texto que afrente o primeiro e muitas vezes o negue”.⁴⁶ Menard representaria, assim, o *semblante* dos escritores latino-americanos, isto é, a sua linguagem em forma de máscara, em sua recusa do espontâneo e em sua escolha consciente do conhecimento enquanto forma de produção. Afinal, “a assimilação do livro pela leitura já implica a organização de uma práxis da escritura”. O “outro” autor do *Quixote* resume, a seu ver, o mito da liberdade total da criação, “típica da cultura neocolonialista ocidental”, uma vez que se instala na transgressão ao modelo, “no movimento imperceptível e sutil da conversão, da perversão, da viravolta”.⁴⁷

Questão de revoluções antes que de revolução, diria um marxista em pleno uso de sua ortodoxia: Santiago enquanto um pensador pós-marxista – com ênfase, naturalmente, em ambos termos do composto, como o quer Laclau⁴⁸ –, à diferença do funcionalismo das leituras de um Roberto Schwarz.⁴⁹ Por isso, ao fim de seu elogio de Menard, fazendo menção à idéia de

⁴⁴ Vale notar que coincide neste ponto outra vez com *Los Libros*, cujo diretor, Héctor Schmucler, em uma rara aparição no corpo da revista, dedica uma resenha a 62; nela apresenta o romance como modelar para suas propostas de “nova crítica”, já que se trata de uma narrativa não-representativa; cf. “Notas para una lectura de Cortázar”. *Los Libros* nº 2, Buenos Aires, ago. 1969, p. 11. Quanto à *famiglia* de intelectuais, é um dos temas da constelação de periódicos culturais armada por Gilman em *Entre el fusil y la palabra*, op. cit., cap. III.

⁴⁵ “O entrelugar do discurso latino-americano”, op. cit., p. 22.

⁴⁶ *Idem*, p. 23.

⁴⁷ *Idem*, p. 24-25.

⁴⁸ Ernesto Laclau, que colaborou em *Los Libros* antes de deixar a Argentina, ainda em 69, expõe esta noção em diferentes pontos de sua obra, um dos quais é a entrevista “Del Post-Marxismo al radicalismo democrático”. *Materiales de Crítica*, Santiago do Chile, ago. 1986, p. 11. Cf. também entrevista, p. 110.

⁴⁹ Como em “Nacional por subtração”, intervenção no Simpósio “Tradição/Contradição”, realizado no Rio de Janeiro em 85, na qual cita o ensaio “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira”, de Haroldo de Campos, ao lado do ensaio-chave de Santiago como exemplos da entrada da teoria crítica francesa no Brasil. Schwarz voltaria a mencionar o texto sobre o entrelugar, diante de seu autor, no Colóquio de 94 em

“formas-prisão” devida ao poeta Robert Desnos – e afirmando que “o artista latino-americano aceita a prisão como forma de comportamento” e “a transgredir como forma de expressão” –, a fala é brava e brevemente concedida a Althusser.⁵⁰ Recordemos os termos da comparação: como sugere o personagem de Borges (embora claro, tão longe da figura mundana de Borges quanto próximo de seu caráter acefálico-teratológico), o conhecimento nunca suspenderia a criação dos escritores latino-americanos, porque ele é o próprio princípio organizador da produção do texto; sua técnica e sua leitura, portanto, seriam culpadas como aquela muito conhecida de Althusser sobre Marx na introdução à segunda edição de *Lire le Capital* (1968): trata-se de um leitor de um outro leitor. O que – sempre paradoxalmente – dará lugar a sua tomada de posição diante do auditório *québécois pour la liberté* – assim como mais tarde irá postular “um socialismo democrático” em “Apesar de dependente, universal”: de um lado, portanto, como já se disse, desde o interior da universidade contra uma certa crítica universitária que não quer ir além das dívidas do escritor a seu modelo central, e, de outro lado, contra “o discurso de uma crítica pseudo-marxista que prega por uma prática primária do texto, observando que sua eficácia seria a consequência de uma leitura fácil”.⁵¹ É o que se poderia definir como uma variante esquerdista anti-sectária tropical – meramente *festiva*, na opinião problemática de outro intelectual brasileiro, Augusto Boal, em plenas páginas de *Los Libros*, como se verá –, a qual, no entanto, não deixa de empregar seu bom jargão e como que abandonando em breve lapso a sua máscara carioca.

Esta canção de protesto – ainda que ao som de guitarras “maciças” (como diz o autor de *Verdade tropical*) – desata o refrão grandiloquente e conclusivo, fórmula-limite e repetitiva do entrelugar, expressão esta que somente é transcrita em sua completude no título do ensaio, e

Yale, de maneira redutora (mesmo em castelhano): “Entre paréntesis”, diz ele, “no cuesta observar que las ideas de Derrida llegaron al Brasil antes de que se instalara este clima [isto é, no decorrer da década de 70, sob os militares, em que “la burguesía ansiaba la asociación con el capital extranjero, que le parecía más natural que una alianza con los trabajadores de su país, los cuales a su vez también preferían a las empresas de afuera”]. Recuerdo un ensayo del amigo Silvano Santiago, aquí presente, que data de 1971, cuyo horizonte aún era otro, anterior al desbarajuste, y por lo demás bastante peor. Entonces la deconstrucción servía para criticar al absolutismo autoritario de la dictadura, así como a la rigidez de la izquierda involucrada en la lucha armada, además de incluir un ligero toque de reivindicación latinoamericanista, cuando cuestiona el primado del centro sobre la periferia, lo que quizás fuera un modo paradójico de dar continuidad al nacionalismo del período anterior. Silvano me corregirá si cabe” (“Referencia nacional” 30-1). Ignoramos se houve resposta. Cf., respectivamente, “Nacional por subtração” em Bornheim, G. et al. *Cultura Brasileira: Tradição/Contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987; e “La referencia nacional: ¿olvidarla o criticarla?” em Ludmer, J. (comp.). *Las culturas de fin de siglo en América Latina*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1994, p. 30-31.

⁵⁰ Op. cit., p. 25.

⁵¹ Idem, p. 26.

apenas sete anos depois, com a aparição como *abre-alas* de um livro híbrido, metade civilização, metade barbárie. Mas antes de retomar o refrão (que, como tal, é também lugar de chegada), digamos que o entrelugar segundo Santiago – não obstante sua estratégia teórica, ou por causa dela –, “*l’entrelieu*”, como *Madame Bovary, c’est moi*. O que equivale a enunciar que a sua posição enquanto misto de escritor e professor universitário, de artista e acadêmico, de leitor e autor, é a de um sujeito cuja tarefa vem a ser e segue sendo, ao que tudo indica, a afirmação *democrática* da diferença, isto é, de uma *démocratie à venir*,⁵² com as contradições que lhe são próprias e que busco agora, a partir de viés inimigo, esboçar.

⁵² Derrida, em recente entrevista concedida a Evando Nascimento, reafirma a idéia de uma democracia baseada na “solidariedade dos seres vivos”, mais além da cidadania e do Estado-nação (“A solidariedade” 12-16).

III. Tropi(cali)smos

Até os diretores de revistas, gente maldosa e traquinas com os vates, se enternecem na presença de teu sobretudo.

Roberto Arlt⁵³

Revista a “novelha” questão do entrelugar do discurso latino-americano, seja diante de um auditório franco-canadense inflamado, seja através do extinto *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo*, em torno de 1970, tomo a vereda latino-americanista trilhada simultaneamente por Augusto Boal (colaborador do mesmo suplemento), carioca errante que viveu em São Paulo e em Nova York, em Lima e em Buenos Aires, para citar apenas algumas cidades americanas, misto de teatreiro com (então) ideólogo político radical, em cruzada que redundaria em violência e prisão na volta para casa, desde a capital argentina. Fato que *Los Libros* não deixaria de registrar logo depois. Antes, Boal publicaria nesta autodenominada revista “antiburguesa”, em que o perfil atuante e a verve do personagem caíam especialmente bem (ainda mais no ponto de inflexão que representa o número dedicado ao Chile), um artigo-panfleto-bomba, de que me utilizo para buscar traçar as suas distintas posturas ideológicas e teóricas. Nele propunha a divisão do teatro brasileiro – e, por extensão, da cultura do país – em três grandes áreas, em uma das quais se encontraria por inteiro o autor do ensaio “Caetano Veloso enquanto superastro” (1972), de *Uma literatura nos trópicos*, ou do texto “Rock de Carlos para Drummond” (1973), algo mais inédito.⁵⁴ O setor é apodado por Boal – que

⁵³ “A um poeta bem vestido”. *Revista USP* nº 47, São Paulo, set.-nov. 2000, p. 126 (trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro). Originalmente em *Don Goyo*. Buenos Aires, 18 maio 1926.

⁵⁴ O texto sobre Caetano é uma verdadeira ode ao desbunde, palavra que merece ali explicação: “O desbunde não pode ser definido como se fosse um conceito e muito menos como se tratasse de uma *regra* de comportamento. É antes um *espetáculo* em que se irmanam uma atitude artística de vida e uma atitude existencial de arte, confundindo-se” (op. cit., p. 147). Já o “Rock...” é um texto de circunstância, híbrido e datado, como o demonstra a nota final: “os dois poemas de Drummond são de *Sentimento do Mundo* (1940). O contraponto sonoro é de Sá, Rodrix e Guarabira, de 1972, entrecortado pela voz de Caetano em 67”. Cf. “Rock de Carlos para Drummond”. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 28 out. 1973, p. 11.

distribuíra um manifesto antitropicalista em 1967 (embora o negue) na porta de uma faculdade de São Paulo, onde Caetano e Gil falavam – como *tropicalismo chacriniando-dercinescaneorromântico*, resultando em uma bela classificação que se pretendia ofensiva.⁵⁵ A tensão com a cultura de massas apresenta-se aí de forma contundente, e as relações explícitas de Caetano Veloso e seu bando com a televisão, por exemplo, são demonizadas. A esse respeito, pode-se afirmar que o grupo de *Los Libros* se colocava desde o princípio como interlocutor, ainda que sempre crítico e negativo, deste mesmo novo mundo conformado pelos meios de massa, do qual participavam enquanto produtores e consumidores sem dúvida muito mais precavidos, mas não menos vorazes do que os primeiros – a exemplo de seu par, Boal, *from Brazil*. A própria Beatriz Sarlo dedicaria artigos à tevê e aos meios de comunicação desde sua primeira fase na revista,⁵⁶ para mais tarde, já em *Punto de Vista*, desenvolver o conceito de “videopolítica”, que os tropicalistas anteviram de vários modos, a começar pela instalação fundadora da semente da “Tropicália”, originalmente uma obra de Oiticica, constituída de um caminho de areia em espiral rodeado de verde, conduzindo a um aparelho de televisão permanentemente ligado.

Do mesmo modo ligado, mas à política do teatro e ao teatro da política, Boal mereceria real posição de destaque no corpo da edição de janeiro-fevereiro de 71 de *Los Libros*, sucedendo uma feroz invectiva de Nicolás Rosa contra Victoria Ocampo e o grupo da recém-finada revista *Sur*, na abertura deste número *doble especial*, ocasionado pela euforia devida à ascensão de Salvador Allende ao poder no Chile. Já o primeiro parágrafo do artigo, traduzido por René Palacios More (comunista, tradutor de muitos brasileiros), é todo um receituário guerrilheiro para esquerdistas “festivos, serios o sesudos”, ou seja, um chamado à união de uma então vasta legião, em um tom entre voluntarioso e primitivesco:

Los reaccionarios buscan siempre con cualquier pretexto, dividir a la izquierda. La lucha que hay que emprender contra ellos a veces es emprendida por ellos en el seno de la propia

⁵⁵ Cujos miolo merece um deslinde, dedicado aos não-iniciados: Chacrinha é um personagem mítico do imaginário popular brasileiro, um humorista a um tempo grotesco e carismático oriundo de Pernambuco, que se tornaria o primeiro grande apresentador de programa de auditório – “A Buzina do Chacrinha” – da TV Globo na década de 70; já “dercinesco” faz referência a Dercy Gonçalves, centenária atriz e humorista da televisão, do cinema e do teatro brasileiros, igualmente identificada com programas e projetos extremamente populares, e ainda na ativa.

⁵⁶ Seu primeiro texto em *Los Libros*, criticando precisamente uma revista, *Nueva Critica*, foi publicado na edição de nº 10, de agosto de 1970 (p. 27). V. também Capítulo Três.

izquierda. Debido a esto, nosotros –*Festivos*⁵⁷ serios o sesudos– tenemos que precavernos. Nosotros, los que en distinto grado deseamos modificaciones radicales en el arte y en la sociedad, debemos evitar que diferencias tácticas de cada grupo artístico se conviertan en una estrategia global suicida. Lo que los reaccionarios desean es ver a la izquierda convertida en una bolsa de gatos; desean que la izquierda se derrote a sí misma. Y contra esto tenemos que reaccionar: tenemos el deber de impedirlo.⁵⁸

Como se vê, o Brasil entra na oficina de *Los Libros*, em plena fase de latino-americanização, ainda que pela janela: o estentor do teatrólogo carioca *antidesbunde* trata de escancarar-la à base da estridência própria dos discursos panfletários. Detentor da verdade maiúscula, Boal desafia as ditaduras militares, portanto, através de um libelo dedicado às três tendências majoritárias do teatro brasileiro, segundo sua opinião: o “neo-realismo”, mais documental que combativo, de, por exemplo, Plínio Marcos; a “exortação” ao povo do Teatro de Arena, de Gianfrancesco Guarnieri, simplificadora, maniqueísta mas “absolutamente indispensável”; e, *last and least*, conclui com aquilo que identifica de modo bizarro como – vale repetir – “tropicalismo chacriniando-dercinesco-neorromântico”. Este monstro entre cômico e grotesco “pretende ser todo y no es nada”, segundo ele – e “tudo” porque abraçava de maneira “festiva” de Beatles a João Gilberto, para um exemplo claro e musical. Mas concede à criatura – naquele que é um dos textos mais arbitrários da revista nesse período – certas virtudes, entre as quais a de ter inventado o portunhol.⁵⁹ No entanto, seria para ele a tendência politicamente mais próxima das versões de direita, ao mesclar Roberto Carlos com Jack [sic] Lennon, por ser importada e “antipueblo” – em uma palavra, *criminosos* na concepção de Boal, que conclui pobre e melancolicamente seu artigo, ao afirmar com as letras todas que “a Verdade” estaria

⁵⁷ Nota do original: “En el lenguaje popular se denomina *esquerda festiva* (izquierda festiva) a la que reúne a los intelectuales con escasa capacidad de agresión. El término surgió, seguramente, pocos años atrás en oportunidad del enfrentamiento de las líneas maoísta y moscovita; tiene, por cierto, connotaciones peyorativas”.

⁵⁸ Op. cit., p. 8.

⁵⁹ Como exemplo extremo – embora o portunhol já apareça em *Serafim Ponte Grande* (1933) –, lembro a canção “El justiciero”, do grupo tropicalista Mutantes, em que Rita Lee Jones clama oswaldianamente por “socuerro” e diz, em portunhol mesclado com italiano, após introdução em inglês: “Io tengo treinta hijos con hambre! / La guerra me ha estrupato tanto! / Socuerro, Justiciero, aiútame!” A canção aparece em um disco de 70, *Tecnicolor*, gravado em Paris e redescoberto somente em 97. Observo também, *en passant*, que as primeiras canções da Tropicália foram interpretadas por Caetano Veloso ao lado de um quinteto de (então) escandalosos cabeludos *from Buenos Aires*, The Beat Boys, depois rebatizados como Os Bichos – o que gostaria de interpretar como uma homenagem a Lygia Clark, conforme o faz o narrador *mutante* em *Stella Manhattan*.

exposta na 1ª Feira Paulista do Opinião, isto é, do seu próprio teatro.⁶⁰ Importa, ainda, mencionar – a partir daquilo que se julgava a tendência politicamente correta à esquerda, embalada para um periódico não menos razoável na Argentina – uma das notas de rodapé, referência a um ponto central do Rio de Janeiro, a Cinelândia, de conteúdo tão fascistoide quanto pôde ser o regime de Fidel Castro em tempos de violenta caça aos “marginais”: o local seria freqüentado “caracteristicamente, *por cuanto travesti anda suelto*” (grifo meu). Observe-se, por outro lado, que a grande referência teórica de “Situación del teatro brasileño” é ninguém senão Roberto Schwarz.⁶¹

Diria-se então que, entre a imposição da ordem e o grito de apelo, tal *análise exemplar* concentra, antecipa e revela, em um pequeno texto brasileiro em versão castelhana, o forte dogmatismo característico sobretudo dos últimos anos de *Los Libros*, quando a efervescência política atingiu um auge na Argentina. E é certamente naquele ponto demarcado em tonalidades bizarras pelo dramaturgo brasileiro que se situaria o discurso de Santiago enquanto alvo da veia revolucionária do grupo de dissidentes do comunismo soviético – ao qual, seguindo o chamado à união do artigo, todos se somavam, ou deveriam se somar. No entanto, sabidamente, a estridência transformava a voz alheia, fosse qual fosse, em direitista, desenvolvimentista, entreguista, progressista ou fascista – e o texto de Boal cai como luva em posse do grupúsculo de *intelectuales* (cada vez menos) *independientes* que mantinha a revista portenha. O autor de *Em liberdade* seria imediatamente transformado, ou melhor, travestido em escritor-crítico-professor irremediavelmente *festivo*, membro atuante da cultura brasileira do desbunde – vale dizer, da gente que andava solta –, que se insurge contra o idéário nacional-popular de direita ou esquerda (e que posteriormente se tornaria hegemônica, em outra volta do parafuso). No período mais sectário, posterior à cisão de 72, o conceito de entrelugar seria taxado de mera abstração “declaracionista”, resultante de mente forjada na fina flor do idealismo, em sua versão burguesa modernizante, estruturalista. Como problema conexo, se poderia perguntar onde se situariam os atuais subalternistas neste debate, e até arriscar uma resposta, diante da gritante

⁶⁰ Note-se também que a tarefa de animação cultural ao mesmo tempo *paradoxal* e *aberta* de Santiago nos Estados Unidos, durante 1971, incluiria apresentações de “Arena conta Zumbi”, maior sucesso do Teatro de Arena, ao lado de exposição de Hélio Oiticica e de retrospectiva de filmes de Glauber Rocha, com a presença do cineasta, na State University of New York at Buffalo em plena ebulição.

⁶¹ Afirma Boal: “El mercado es el demiurgo del arte; este lugar común ya fue destruido por Roberto Schwarz (*Teoría e Práctica*, nº 2), quien anota que entre el artista y el consumidor, en una sociedad capitalista, se inserta el capital mediador, el mediadopatrocinador. El dinero, sí, es el verdadero demiurgo del gusto artístico puesto en funcionamiento” (op. cit., p. 8).

institucionalização da barbárie tropical: com Boal, contra a videopolítica, por uma teoria “antiglobal”, conforme, por exemplo, Alberto Moreiras, ou o mesmo Avelar.⁶²

A edição inaugural de 1971 apresenta um espectro heterogêneo de preocupações em uma revista em plena metamorfose. O semiólogo Nicolás Rosa, “cientificista” e “estruturaloso”, conforme a opinião corrente, abre-a no campo da crítica literária, mantendo o verniz teórico barthesiano-althusseriano-lévi-straussiano (ainda não derridiano) que funda a empresa dois anos antes. Logo Boal faz a sua pregação histericamente nacionalista e antiimperialista, sendo sucedido por sociólogos, entre os quais James Petras, Alain Joxe e José Nun, que abordam a política no Chile, por um escritor, Ariel Dorfman, com um texto trôpego e interessado sobre a “actual narrativa chilena”, e por um comunicólogo, Armand Mattelart, sobre a questão da comunicação de massas no país.⁶³ Há espaço ainda – lemos número duplo e especial – para uma longa entrevista com líderes do “campamento de pobladores Che Guevara”, de sem-terra, além de um texto sobre a economia do país (setor de que os editores não descuidaram); encerradas as páginas chilenas, surge uma homenagem ao filósofo Carlos Astrada, recém-falecido,⁶⁴ assinado pelo discípulo de linhagem althusseriana Raúl Sciárreta, e finalmente a continuidade da polêmica sobre as “comunidades terapêuticas”, já que não poderia faltar um pouco de saúde mental – outro setor de permanente consideração na trajetória da revista, da primeira à última edição, com especial ênfase na última fase, em que os preceitos antipsiquiátricos basaglianos aparecem como mais uma arma da luta revolucionária.

Em abril de 71, *Los Libros*, almejando *fazer* história, concederia novo espaço especial ao teatrólogo brasileiro, sob a forma de uma nota em protesto justamente pela prisão de “Agustín” Boal no Brasil – após ter passado por Buenos Aires com sua companhia teatral em dezembro de 70 –, a qual remete a seu panfleto publicado dois números antes.⁶⁵ Há um vasto elogio de sua intensa atividade artística e política, e uma longa citação de uma resposta a um “circunstancial

⁶² Evidentemente que ambos a anos-luz do panfletarismo de Boal. V. Moreiras, A. *A exaustão da diferença. A política dos estudos culturais latino-americanos* (trad. Eliana Reis e Gláucia Gonçalves). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001; e *The untimely present* (op. cit.), de Avelar, que é outro intelectual oriundo de Minas Gerais em carreira universitária americana.

⁶³ A vertente sociológica brasileira era a única que dialogava mais efetivamente com a intelectualidade hispano-americana, o que pode ser verificado nas páginas de *Los Libros*, assim como na *Revista Civilização Brasileira*. E Mattelart se tornaria sócio de Schmucler, que se exila no Chile, após deixar a revista que havia fundado em Buenos Aires – ou após ser expulso dela, segundo depoimento de Sarlo.

⁶⁴ Astrada, considerado em *Respiración artificial* “o único filósofo verdadeiro que este país já produziu em toda a sua história”, único ou não, foi o introdutor do existencialismo na Argentina.

⁶⁵ A nota, não assinada, saiu em *Los Libros* nº 18, abr. 1971, p. 29.

discípulo” sobre o teatro como arte popular e sobre a possibilidade de qualquer artista ou cidadão brasileiro enfrentar o cárcere, como uma premonição: não se trata aí de “forma-prisão”, lembraria um crítico terra-a-terra de Santiago, mas de prisão *tout court*, com direito a sessões de tortura – que Boal relembra em recente entrevista.⁶⁶

Mas, a partir de seu discurso em *Los Libros*, além da própria presença na revista, pode-se indagar a quem concederia o papel de intelectuais *festivos* entre os mesmos integrantes de seu núcleo principal. Servindo melhor ou pior, a carapuça recairia bastante provavelmente sobre a dissidência “psicanalítica”, representada depois pelo grupo de *Literal*, precursor da vertente lacaniana “de combate” em Buenos Aires, sob o influxo de Oscar Masotta, que colabora com Schmucler, divulgando a obra de Freud e Lacan, desde a primeira fase da revista. Quando os pratos se quebram, em 72, o grupo encabeçado por Germán García arremete com decisão contra as “políticas de la felicidad”, características de *Los Libros* – assim como de *Crisis*, de *Nuevos Aires* ou de *El Escarabajo de Oro* –, em maior ou menor grau, mas de fato cada vez mais intensamente, sobretudo com o futuro comitê de redação formado por Sarlo, Altamirano e Piglia. *Literal*, denominação telqueliana também em sentido literal, investe nas políticas do corpo e da escritura através de uma publicação efêmera que redundava em marginalidade e aversão deliberadas, diante da legibilidade dos textos em geral e da escritura selvagem em particular de Osvaldo Lamborghini – a quem *Literal* deve grande parte de seu interesse. É de sua lavra, apesar de não existir assinatura⁶⁷ (como em toda primeira metade do primeiro número), o breve texto programático final, “La intriga”, que junta Nietzsche com Sade a partir de Deleuze com Guattari – todos, de um ou de outro modo, na raiz do olhar tropical de Santiago:

Si la cultura es culpable, nuestra inocencia no tiene límites. Abolida la culpa, tomado el goce como horizonte, la voluntad de disparar una ideología contra el blanco de otras ideologías plantea la diferencia como primer problema. Por lo tanto, esta ideología se

⁶⁶ Boal, A. “Exilado”. *Caros Amigos*, São Paulo, abr. 2001, p. 28-33.

⁶⁷ Germán García *delata* o autor em “La intriga de Osvaldo Lamborghini” (*Innombrable* nº 2, Buenos Aires, 1985, p. 54-57). Em dezembro de 80, uma nova publicação argentina, *Lecturas Críticas*, começa a romper o isolamento. Formado por Nora Domínguez, Alan Pauls, Silvia Prati, Renata Rocco-Cuzzi, Adriana Rodríguez Pérsico, Alfredo Rubione e Mónica Tamborenea, seu grupo de novos críticos é tributário daquele de *Punto de Vista*, que surge em 78 com, outra vez, Sarlo, Altamirano e Piglia. Um de seus entrevistados é Osvaldo Lamborghini (além de Rosa, Sarduy e o mesmo Piglia), quem, a propósito da “flexión literal”, trata de pôr lenha na fogueira: “yo no estaba en *Literal*, yo hacía junto con Germán García, *Literal*” (cf. “El lugar del artista. Entrevista a Osvaldo Lamborghini”, p. 49) – e isto provavelmente porque soubesse que García o tinha como um “populista oligárquico” ou um “aristocrata popular” (conforme “La intriga de Osvaldo Lamborghini”).

exhibirá fuertemente marcada. Su marca específica sera la ficción, el relato, el engaño. Se fingirá el saber que no se tiene. Se narrará con cierto ademán aparatoso y teatral – como quien cuenta un cuento a una criatura inteligente – la novela científica importada en esta década oponiéndola a la de la década anterior: a ver qué pasa.⁶⁸

São de fato políticas similares – a literatura, o Mal – em que, à sua maneira, o autor de *Uma literatura nos trópicos* e *Em liberdade* investe, com o destemor típico dos *festivos* mais temidos, embora também devamos assinalar os limites desse parentesco: sua atividade crítica se situaria, de modo consciente e inconsciente, ainda uma vez, *entre*. Ou seja, nesse caso em um lugar que o vincula, de um lado, ao “lacanismo de combate”⁶⁹ de *Literal*, no sentido de sua política de vanguarda, que era a da dispersão e a da “festa”, e, de outro, à perspectiva histórica e ao formalismo de um Ricardo Piglia, no sentido de seu vanguardismo estético. Algo parecido com o que se dá com o próprio diretor (e mantenedor) de *Literal*, G. García, cujo diálogo com Piglia permanece constante, talvez (também) porque este não suportaria futuro apoio declarado pela dupla Sarlo-Altamirano ao governo isabel-peronista (cf. Capítulo Três), tornando-se, já nos estertores de *Los Libros*, um novo tipo de dissidente, situado entre Mao, Brecht, Arlt e, algo incomodamente naquele momento (embora o nome soe melhor, como o de Mao), Borges.

Agregaria, por fim, que na única vez em que a voz de Osvaldo Lamborghini se faz ouvir em *Los Libros*, respondendo a uma enquete, é para, justamente, criticá-la de forma bárbara.⁷⁰

⁶⁸ Cf. “La intriga”. *Literal* nº 1, Buenos Aires, nov. 1973, p. 120-21. Ao abordar “el régimen de la locura” neste texto, O. Lamborghini refere-se explicitamente à noção derridiana ativada por Santiago anos antes: “‘Había’, en estilo patético, llegado el momento de aceptar que ‘entre’ la fábrica occidental y los métodos, gráficos y organigramas de la esquizofrenia reina un estado de semejanza; y que esta institución monárquica se ríe sosegadamente de otros supuestos poderes. Porque un texto es un juego ‘entre’ un texto y un juego” (120-1).

⁶⁹ A expressão é de Néstor Perlongher.

⁷⁰ Transcrevo sua resposta para a questão “¿Existe crítica literaria en la Argentina?”: “No hay crítica literaria en la Argentina; pero creo que la pregunta debe contestarla quien la formula: *Los Libros*, que pide a un autor que en sesenta líneas (autor que por su parte no se niega a responder) conteste sobre la literatura, la crítica, sus proyectos y el papel de los medios de información. Como parte del fenómeno, la opinión de *Los Libros* es más importante que la mía. Podría informar a los lectores a respecto de su propia ‘tendencia crítica’. Tengo unas enormes ganas de enterarme a qué se debe semejante hibridaje entre estructuralismo y esa *otra cosa* que ha invadido sus páginas, especialmente las dedicadas a la crítica de libros. En el número 5 se nos informa, por ejemplo, que un autor posee, según la afirmación de Roa Bastos que firma la reseña, ‘un innato talento narrativo’, mientras otro (es Carmen Sgrosso quien lo dice) propone a sus lectores un juego ‘diabólicamente infantil’, en tanto un tercero ha escrito una ‘sugerente novela’ (Alberto Perrone firma en ese caso). En suma, que la pregunta planea en el vacío. Formularla o contestarla implica cierta dosis de humor siniestro y muchas ganas de jugar a las escondidas”. Cf. “La literatura argentina 1969”. *Los Libros* nº 7, jan.-feb. 1970, p. 12.

IV. Se a Revolução ocorre

(...) y la habitual protesta idealista contra el caos del mundo sólo delata, de modo invertido, la forma en que aquél que desempeña un papel en ese caos, se las ingenia para vivir.

Jacques Lacan⁷¹

O encontro desencontrado de discursos setentistas em língua portuguesa e castelhana poderia se dar ainda por meio de duas palavras – na verdade um chavão e uma palavra-chave parcamente tolerada, sobretudo à época –, a saber, os conceitos antitéticos de revolução e de pluralismo. O primeiro, como se sabe, representa a principal idéia-força das certezas políticas características do período, tanto de direita – já que os militares aplicaram-na de fato, ainda que retoricamente, conforme seu modo de entendê-lo – quanto de esquerda – a qual lhe devotava um fervor mais do que religioso e se supunha detentora indiscutível de sua propriedade. Já o segundo, igualmente problemático, significaria a dissolução de qualquer teleologia.

Em nome da revolução, fruto da cruzada pró-chinesa e antiimperialista, isto é, anti-Estados Unidos e anti-União Soviética ao mesmo tempo, o editorial da última edição “especial” de *Los Libros*, a de nº 35 – que segue à risca a estratégia guerrilheira lançada na revista por, entre outros, Augusto Boal –, é exemplar a respeito: a China maoísta é tida como espelho para “la liberación nacional y la construcción de una nueva sociedad en la Argentina”, e a revista, com o foco no problema superestrutural, pretende dar uma “imagen verdadera de China”. Conseqüência da visita de Nixon ao país em 72, propõe-se uma desmontagem da operação publicitária da “prensa burguesa” que serviria para neutralizar a Revolução Cultural, modelo de processo político com conteúdo de classe e de ruptura radical pela via armada (tida como absolutamente necessária aos países coloniais e dependentes), e – não menos importante – modelo para a difícil questão das relações da classe intelectual com as massas, suposta solução “para la superación

⁷¹ A citação aparece no artigo “Música Beat: los jóvenes en el espejo”, de Germán L. García, no mesmo número (18) de *Los Libros* em que é noticiada a prisão de Augusto Boal.

entre trabajo manual e intelectual”.⁷² Contudo, se o ideal revolucionário torna algo unânimes e uniformes os seus discursos nesse momento – porque em Santiago (logo se verá) também se faz ouvir –, a idéia de pluralismo os separaria de modo radical, já que é reivindicada pelo mesmo escritor brasileiro (estando na base do conceito de entrelugar) e, por extensão, pela vertente “tropicalista chacriniano-dercinesca-neorromântica”, para dizê-lo ainda uma vez com (contra) Boal, bem como seria rechaçada com veemência pelo grupo de *Los Libros*, em sua cruzada mais e mais dogmática contra qualquer forma de ecletismo.

Antes de qualquer significante, e de parte a parte, portanto, *la revolución*. Com a diferença de que a revolução segundo Santiago (embora sua atitude tenha caráter paradigmático) é um instante fugaz, que arriba à segunda metade da década com dificuldade e cada vez menor popularidade. Exemplo disso são as modificações realizadas nas diferentes versões do ensaio sobre o entrelugar. A versão original, de 71, é praticamente idêntica à definitiva, de 78, com exceção de alguns cortes significativos em seus enunciados finais, em destaque na transcrição a seguir: “O escritor latino-americano nos ensina que, *se a Revolução ocorre, o será em difíceis, laboriosas circunstâncias*”... O autor retira este trecho e (se) emenda: o escritor latino-americano nos ensina que “(...) é preciso liberar a imagem de uma América Latina sorridente e feliz, o carnaval e a *fiesta*, colônia de férias para turismo cultural”.⁷³ E conclui, de modo grandiloquente, com parágrafo muito citado que sofre não menos importantes cortes (no destaque):

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão, *entre neo-colonialismo e radicalismo* – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, *a biblioteca e o campo de batalha*, ali se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana.⁷⁴

Tais modificações de substância através de *miúdas metamorfoses* demonstram, entre outras coisas, como seriam matizados os discursos a partir de meados da década de 70, quando

⁷² Ver editorial de *Los Libros* nº 35, maio-jun. 1974, p. 3.

⁷³ Baseio-me na versão em inglês (“Latin American Literature: the space in between”. *Special Studies* nº 48. Council on International Studies, State University of New York at Buffalo, dez. 1973, p. 18-9. Trad. do francês Judith Mayne) que diz: “The Latin American writer teaches us that, *if the Revolution occurs, it will be under difficult, laborious circumstances*. Latin America must be freed from its smiling, touristic image of the ‘carnaval’ and the ‘fiesta’”. As duas sentenças viram uma só, portanto, em português.

⁷⁴ A tradução da versão inglesa – concluída com data e local: “Buffalo-Montreal, 1971” – é minha.

as verdades políticas – sempre algo perdidas entre os tropicalistas – perdem-se em definitivo. Acaba o caráter messiânico e finalista da empreitada militante radical de esquerda, assim como a dicotomia neo-colonialismo/radicalismo se vê enfraquecida, embora nem colonialismo nem radicalismo deixem, é claro, de existir. Não está mais no ar, não é mais vivida como indiscutível, no entanto, a idéia da redenção amanhã: o *campo de batalha* da macro-revolução vindoura parece ter sido dominado por um adversário que quase já não se vê – fracasso que, sempre para o bem e para o mal, representou o fim (esperado mas nem sempre assumido) de “una pesadilla teórica” (quer dizer, política), conforme expressão de Sarlo.⁷⁵

Restaria a biblioteca, mas também o corpo e a rua, agora sob a forma de micro-revoluções, plurais e cotidianas, culturais e comportamentais, trazendo em si a abertura de todo um campo de batalha remodelado, se não mais pacífico certamente mais pacificador, povoado de marginais mas já sem heróis, sob as etiquetas (também muito genéricas) de estudos culturais ou de estudos subalternos, com o seu universo de problemas específicos. Ou, no limite, sob nenhuma etiqueta existente no mercado: uma nomenclatura *à venir*, em algum lugar *entre* estas vertentes, varadas pelas verdades sociais manifestadas de modo único, ou seja, infinito e indecidível pela literatura.

Não obstante, as lutas continuam: *a ver qué pasa*.

⁷⁵ Cf. entrevista, p. 46.

V. Bibliografemas paulistanos

O tópicó é: por que amo Barthes?
Alain Robbe-Grillet⁷⁶

Do mesmo modo que Beatriz Sarlo, autora de uma mini-biografia na introdução a *El mundo de Roland Barthes*,⁷⁷ Leyla Perrone-Moisés oferece uma panorâmica tipo vida e obra em coleção de grande difusão, no auge da editora Brasiliense⁷⁸ e, dos escritores-críticos ou críticos-escritores presentes neste ensaio, é quem tem a imagem mais ligada ao mestre – para não dizer *colada*, o que pode ser freqüentemente exato, mas nem sempre, conforme se verá. Dele traduziu *Critique et vérité* e uma coletânea dos *Essais critiques*, para a editora Perspectiva, em um só volume de 70, bem como *Roland Barthes par Roland Barthes* (1977) e *Leçon* (1980), ambos da Cultrix. Todos discretos e provavelmente permanentes campeões de vendas.

Ao lado de *O saber com sabor* – que com certeza contribuiu muito para massificar no Brasil o trabalho crítico de Barthes, bem como para inevitavelmente banalizar a sua nomenclatura, a começar pelo título da mini-biografia –, é preciso destacar, antes mesmo dos livros anteriores, o ensaio de Perrone-Moisés publicado no mesmo ano de *Uma literatura nos trópicos*, 1978, cujo título denuncia a devoção a seu objeto, o pensamento (pós-)estruturalista de fatura *telqueliana*: *Texto, crítica, escritura*.⁷⁹ Sem hesitar – mesmo porque não havia tempo para isso –, a autora propõe a substituição, que se supunha revolucionária, da noção de literatura pela de *escritura*, contando com as mesmas “vedetes” do saber para fundamentar sua pesquisa: Althusser, Barthes, Blanchot, Kristeva, Sollers, Derrida, também Deleuze. O ensaio, cuja nota prévia leva duas datas: Paris, março de 73 e São Paulo, março de 75 (em pleno fervor maoísta de

⁷⁶ *Por que amo Barthes*. Trad. Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995, p. 11.

⁷⁷ Coletânea de alguns dos principais textos de Barthes, selecionados por Sarlo e publicados em 1981 pelo Centro Editor de América Latina, que a abrigou durante a ditadura militar (cf. Capítulo Três).

⁷⁸ *Roland Barthes. O saber com sabor*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

⁷⁹ O livro, publicado pela editora Ática, é tido como “indispensável” por Haroldo de Campos. Cf. “Sobre Roland Barthes”. *Metalinguagem & outras metas. Ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 1992 (4ª ed. revista e ampliada), p. 124.

Tel Quel, repellido pela autora),⁸⁰ representa uma síntese introdutória da teoria crítica francesa, com a valorização do escritor enquanto crítico e com especial atenção a três vertentes, que batiza como “a crítica-obsessão” de Maurice Blanchot, “a crítica-invenção” de Michel Butor e, como não poderia faltar, “a crítica-sedução” de Roland Barthes. É, portanto, outra espécie de “panfleto” francófono, com fins de divulgação no festivo meio universitário e intelectual brasileiro da época (e até hoje, já que o livro mereceu recente reedição).

Após a estréia com *O novo romance francês* (1967), publicaria, em 73, outro livro – fruto de seu doutoramento – que é também amplamente tributário da vertente *telqueliana*: *Falência da crítica. Um caso limite: Lautréamont*, em que rastreia os equívocos, as indecisões, a estupefação e os problemas experimentados pela crítica diante de Isidore Ducasse, o enigma franco-uruguaio, que continuaria a decifrar, com sucesso, mais tarde, ao lado de Emir Rodríguez Monegal.⁸¹ Em seu longo “caso limite”, adotaria o mesmo tom de libelo do discurso de seus pares, ao, por exemplo, sugerir a assinatura do atestado de óbito de “certa crítica” desde a introdução (localizada e datada: Universidade de São Paulo, outubro de 1972). “A escritura de Lautréamont”, diz ela a partir de *Felipe Sóarte*, “institui a morte do sujeito falante, pela ambigüidade da enunciação”.⁸² O editor de *Tel Quel* lançava, assim, a bandeira da “desenunciação generalizada” (como mencionado antes, em outros termos), a partir dos estudos de Freud, de Lacan, de Benveniste, de Derrida.

No final de *Falência da crítica*, Perrone-Moisés chega a exaltar, explicitamente, o trabalho da vanguarda *telqueliana*:

Os resultados a que chegou a crítica de *Tel Quel* com relação a Lautréamont parecem-nos pois extremamente importantes, porque essa crítica tornou possível a solução de vários problemas até então insolúveis.⁸³

⁸⁰ V. entrevista, p. 75; afirma aí que seu irmão, militante comunista e pró-chileno, como ela, brincava sério que os *maôs* eram agentes da CIA. Registre-se, de passagem, que tanto Perrone-Moisés quanto Santiago (v. entrevista, p. 89) têm irmãos políticos de esquerda, dos quais são admiradores incondicionais. E que, no caso de seus similares argentinos, não parecia haver lugar para essa espécie de cisão, com o que levariam à risca o ideal da fusão de prática e teoria revolucionárias, conforme *declarado* por *Tel Quel* com particular insistência.

⁸¹ O ensaio “Isidore Ducasse et la rhétorique espagnole”, em parceria com Monegal, aparece em sua revista ideal: *Poétique* n° 55, Paris, set. 1983, p. 351-77; após a morte do crítico uruguaio, Perrone-Moisés conclui o projeto do livro *Lautréamont austral*, publicado bem mais tarde (Montevideo, Brecha, 1995); v. entrevista, p. 80-81.

⁸² Perrone-Moisés, L. *Falência da crítica. Um caso limite: Lautréamont*. São Paulo: Perspectiva, 1973, p. 133.

⁸³ *Idem*, p. 134.

Na base desses libelos aparece, ainda uma vez, além do Conde de Lautréamont, o português Jorge Luis Borges,⁸⁴ de alguma maneira: como se lê na conclusão de *Falência da crítica*, autor e leitor não devem se distinguir mais, a exemplo do que propusera em “Pierre Menard, autor del *Quijote*”, entre outros lugares.

Levando mais água ao moinho do problema, resgato dois breves enunciados de caráter “manifestário” das conclusões do livro dedicado à crítica de Lautréamont (que representa todo um caso por si só, mas jamais um limite), em sua enumeração de chavões de um discurso teórico que se queria prático, manifestando toda sua sanha finalista ou teleológica, recusada bem mais tarde – como se fosse exclusividade de *Sóarte* à época – em, por exemplo, *Altas literaturas*.⁸⁵

A aproximação da poeticidade anuncia o fim de toda literatura, assim como a aproximação da formalização analítica anuncia o fim de toda crítica literária. Mas a ciência dos signos literários é apenas um dos caminhos da crítica literária, arte agonizante como todas as artes. Um outro caminho se abre à crítica, onde ela desaparecerá para renascer, acedendo à força que sempre lhe foi negada. Esse caminho é o da escritura.

Vemos então chegar o momento do encontro, o momento em que a crítica e a literatura, tendo o mesmo objetivo, a mesma atitude e os mesmos meios, se fundirão finalmente na escritura e correrão todos os riscos dessa “experiência inaugural”.

A crítica, como a literatura e a arte em geral, será então coisa do passado.⁸⁶

⁸⁴ Sabe-se que os antepassados de Borges são originários de Portugal. Segundo sua conferência de 72 sobre Luís de Camões, citada na introdução, um antepassado seu teria sido ferido gravemente pelo poeta *lusiado*, fato que o levaria ao exílio, às viagens e, finalmente, à escritura de seu vasto poema...

⁸⁵ Perrone-Moisés, L. *Altas literaturas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 37.

⁸⁶ Perrone-Moisés, L. *Falência da crítica*, op. cit., p. 166 (ambas citações).

VI. Do abstracionismo ao concretismo

A letra da primeira canção de Chico Buarque de Hollanda contém a semente de toda a sua obra futura. É uma espécie de auto-apresentação, de repertório, de núcleo gerador ou, *como diriam os estruturalistas*, de reserva paradigmática. O primeiro verso – “Tem mais samba no encontro que na espera” – representa por si só uma síntese de sua temática.

Leyla Perrone-Moisés⁸⁷

Se a Arte deve ser “coisa do passado”, embora haja “mais samba no encontro que na espera”, o telquelismo em versão paulistana solicita o maior recuo temporal do ensaio, uma vez que a militância francófona de Perrone-Moisés no jornalismo cultural começa já em fins da década de 50. Já então abordava os novos romancistas que lhe fascinam e fazia referências à revista *Tel Quel* – nada reverentes, aliás. Sua longa trajetória como crítica literária e também cultural – porque mais tarde se debruçará, ainda que brevemente, sobre a arte *popular*, da música ao teatro e aos quadrinhos⁸⁸ – obedece a uma continuidade quase absoluta, linha reta que (per)sigo e mimetizo em parte aqui, enquanto estratégia de exploração de seus textos “antigos”. Não haveria lugar, portanto e *pour cause*, para desvios transversais, e os saltos perpetrados no ensaio obedecem, por sua vez, a essa idéia de evolução. Por outro lado, feito “novo romântico”, mimetizo (e talvez venha há tempo mimetizando), a técnica sarrautiana da *sub-conversa* ou do *sub-acontecimento*, “respectivamente, conversa e acontecimento interior paralelos à conversa e acontecimento exteriores”.⁸⁹

O faro literário demonstrado pela jovem aspirante a intelectual – quando se divide entre a pintura abstracionista e a crítica literária na maior metrópole da América do Sul – permitiria-lhe

⁸⁷ “Pra ver a vida passar”. *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 25 nov. 1967, p. 6 (grifo meu). Parece sintomático que a crítica dedique um artigo a um “politicamente correto” Chico Buarque e não à irreverência dos baianos emergentes.

⁸⁸ Cf. “O Rabelais de Barrault”, *idem*, 8 fev. 1969, p. 1, e “Quadrinhos”, *idem*, 17 jun. 1967, p. 1. A propósito da veia *pop* representada pelas historietas, observe-se que um colaborador da primeira etapa da revista *Los Libros*, Oscar Masotta – introdutor de Lacan na Argentina –, dedica ensaios pioneiros ao gênero na década de 60.

⁸⁹ “Aspectos do ‘Nouveau Roman’”. *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 2 abr. 1960, p. 2

predizer, inclusive, certas atitudes futuras do diretor de *Tel Quel* sob a máscara revolucionária, em sua “recensão” de *Le Parc*, feita quatro décadas atrás.⁹⁰ O artigo termina com uma sentença quase cristalina: “Se P. S. se tornar um grande escritor, o que é possível, com toda a certeza se arrepende da publicação desse esboço de romance” (o que de fato acontece). Mas digo “quase cristalina” porque se P. S. (como aí denomina aquele que um belo dia se autodenominou *Felipe Sóarte*) merece estar no cânone futuro de *Altas literaturas*, é discutível que seja um “grande escritor”, no sentido de um *scriptor* capaz de criar seus precursores, embora se saiba que sua prosa experimental exerceu influência decisiva entre certos teóricos-críticos fundamentais em torno de 70. Contudo, mais do que daquela de Robbe-Grillet e do *nouveau roman*, parece autoextinguir-se rapidamente e como por conta própria.

Perrone-Moisés é, portanto, desde o princípio, uma crítica extremamente atilada, além de, como sempre se soube, voraz devoradora das novidades literárias de França. A série que descreve seu texto tem, nessas primeiras colaborações ao suplemento literário do grande jornal, uma coerência que antecipa a ênfase dada aos valores literários elevados, aos quais converge (repito) algumas décadas depois, vindo a tornar-se simultaneamente seu cavalo-de-batalha e sua marca registrada. É facilmente verificável como a referida linearidade “jornalística” de seu discurso crítico se mantém, mesmo com a progressiva aquisição e absorção de instrumental teórico-crítico-político – do *nouveau roman* e Blanchot a Barthes, Derrida, Lacan e daí ao *Mai 68* e a Allende –, marcando sua preocupação por constante e progressiva atualização, que é e tem como saudavelmente salutar.

No final de 1960, publica uma resenha sobre *Le livre à venir*, de Blanchot, considerado decisivo no período de formação.⁹¹ A “Literatura” (tal qual a “Arte”) ainda aparece como uma Senhora a quem se deve antes de tudo respeito – e, em consequência, letra maiúscula (como em *Le degré zéro de l'écriture* –, mas que está prestes a se suicidar: “O romance se transformou em estudo acerca do romance: a poesia tornou-se meditação a respeito da essência da poesia e, com isso, se está suicidando”, diz. Com essa visão ainda essencialista da literatura (e não poderia ser diferente), a crítica paulistana lê Blanchot, para quem, segundo sua interpretação, “Um artista não é alguém que tem algo que dizer, mas alguém por meio de quem a Arte quer falar. O artista

⁹⁰ Cf. rubrica “Literatura”, seção “Resenha Bibliográfica”. *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 16 jun. 1962, p. 2.

⁹¹ V. entrevista, p. 67. O texto sobre Blanchot aparece a 26 de novembro de 1960 na rubrica “Literatura” da seção “Resenha Bibliográfica” (p. 2), um espaço menos nobre do *Suplemento Literário do Estadão*, editado em caracteres diminutos e aberto às mais diversas áreas.

deve, pois, ser um instrumento passivo da Arte”. Cabe recordar que, assim como Perrone-Moisés, os telquelianos são, nesse momento, antes blanchotianos do que propriamente *telquelianos*.

Representante de uma São Paulo ainda “quatrocentona”, a jovem pintora e jornalista cultural assume, portanto, o seu papel de crítica literária com uma performance incisiva, clara e objetiva, apesar de ser a néofita entre os notáveis do suplemento literário do secular *Estadão*. Os julgamentos emitidos sobre seu objeto exclusivo à época, a literatura francesa, nunca deixam lugar a dúvidas, são absolutas certezas – o que por si só é surpreendente, e o é ainda mais por se manter impávido como traço principal durante toda sua bem-sucedida carreira. Leiam-se, por exemplo, as frases sibilinas de “Aspectos do Nouveau Roman”, de abril de 60, que além do mais, a exemplo da resenha de *Le Parc*, se revelariam corretas antevistas das artes de um engenheiro agrônomo francês de nome Alain Robbe-Grillet. Como se sabe, Robbe-Grillet foi também roteirista e cineasta, mas faria fama e fortuna através de “fracas” tramas literárias, segundo ela: “Para compensar a pobreza de conteúdo, seus romances são os mais cuidados na parte formal. Seu estilo é puro, clássico, preciso, frio. É um daqueles casos de estilo à procura de assunto”.⁹²

Apesar da evidência da ainda incipiente relação com o aparato teórico, esta no entanto vai se anunciando aos poucos – de modo semelhante ao que ocorre, como se viu antes, durante o período de formação de Santiago –, através do desenvolvimento, em seu caso, da querela em torno do *nouveau roman*, que logo se desfaz para dar lugar àquela da *nouvelle critique*. De todo modo, seu olhar arguto sobre a “vitrine” cultural parisiense a credencia desde cedo diante de qualquer gênero de monstro sagrado, seja em São Paulo, seja em Paris. Como dizia e repito, sua abordagem do “fato literário” é então necessariamente limitada pelo substancialismo e a psicologia, o que não era exclusividade sua. Para um exemplo a propósito de sua admirada Nathalie Sarraute, manifestaria claramente tais características na mesma “recensão”:

Suas qualidades de romancista são a capacidade de síntese e a penetração psicológica, que faz com que toque exatamente o ponto nevrálgico de cada personagem ou acontecimento. Seus romances não têm enredo, mas dir-se-iam romances de aventura, tal o “suspense” em que somos mantidos pelas aventuras psicológicas.⁹³

⁹² “Aspectos do ‘Nouveau Roman’”, op. cit., p. 2.

⁹³ Idem, *ibidem*.

Mas, ao mesmo tempo, Perrone-Moisés já naquele momento demonstrava deter o veneno e seu remédio na discussão sobre o que ligaria a “já famosa trindade do *roman nouveau*” (como diz no fecho do artigo, imitando seu predecessor Brito Broca na inversão do rótulo). Se, por um lado, seriam todos tidos como continuadores de Marcel Proust, Franz Kafka e James Joyce, por outro

Diríamos ser essa continuação uma oposição; assim é, e principalmente porque os representantes do “nouveau roman” caracterizam-se também por um esteticismo próximo da “arte pela arte” dos parnasianos, e alheio aos predecessores citados. Mas, enquanto Robbe-Grillet constrói obras em que o engenho formal é o mais importante, Butor e N. Sarraute correm menor perigo em face dessa esterilizante tendência. Seria esse esteticismo, afinal presente em todos eles, uma inclinação dos romancistas a fechar os olhos diante dos problemas de cerne do nosso dramático século XX, para apenas pensar os problemas puramente estéticos, de solução individual e portanto mais fácil? Só no futuro saberemos ao certo.⁹⁴

A então “jornalista cultural” previa, quase sem querer, o advento de uma década tão louca quanto prodigiosa – espaço de tempo suficiente para afirmar a certeza de que, em torno de 70, havia mesmo chegado a hora em que a Literatura seria anônima escritura e a Revolução urgente e permanente; e em que o “abstracionismo” e o “concretismo” como que se tocariam, posicionados nos lugares *entre* que são próprios de um pintor estrangeiro no Brasil e de um poeta brasileiro no mundo – respectivamente, Samson Flexor e Haroldo de Campos.

⁹⁴ Idem, p. 3.

VI. Rumor às ruas do texto

O grupo da revista “Tel Quel” pediu aos programadores da União [dos Escritores] uma plataforma mais precisa, ao que estes responderam que um programa muito rígido seria contrário às intenções da União, desejosa de uma discussão o tanto quanto possível aberta e livre. Os participantes dos debates fixariam, pouco a pouco, com base nas reflexões comuns as opções teóricas do movimento. Por outras palavras, o trabalho da União seria um trabalho criador.

Leyla Perrone-Moisés⁹⁵

Em 1968, a já eminente colunista do *Estadão*, autora de *O novo romance francês*, publicado um ano antes, está (ou volta) profundamente *estruturalizada* de seu trânsito franco-brasileiro, sob os ventos da revolução, de resto inevitáveis em sua condição de viajante, apesar do lenço e do documento, quero dizer, do destino reto e certo. Mesmo em uma leitura de circunstância da música popular brasileira, conforme o trecho epigrafado antes, não consegue deixar de manifestar a sua adesão da hora.

Contraopondo o pensamento barthesiano com o advento de *Pour une théorie de la production littéraire* de Pierre Macherey, também de 67, a crítica tem no artigo “Uma necessidade livre”⁹⁶ um bom representante de uma das sucessivas etapas de sua leitura do pensamento deliberadamente cambiante de Roland Barthes, então “estruturalista”, em pleno momento das insurreições operário-estudantis. Juntamente com elas, como se sabe, tudo passa a ser redefinido (“autodefinindo-se”, diria Santiago), e a crítica sente-se na obrigação de oferecer a sua versão do Maio de 68, através de sua por enquanto protegida trincheira no *Suplemento Literário*, o qual, como indicado antes, iniciava a fase de declínio. Digo “na obrigação” porque o

⁹⁵ “Os intelectuais e a revolução cultural”. *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 10 ago. 1968, p. 1. Note-se que a “União” foi formada “no dia 21 de maio de 1968, às 11 horas” por “um grupo de escritores chefiados por Michel Butor, Nathalie Sarraute e Jean-Pierre Faye” (já dissidente de *Tel Quel*), à procura de “um trabalho em comum”. V. abordagem do artigo adiante.

⁹⁶ Cf. *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 6 jul. 1968, p. 1.

início do texto é dedicado à justificativa de sua pertinência – “Uma coluna dedicada às Letras Francesas não poderia ficar alheia à crise que agitou a França nos últimos meses e às suas repercussões no terreno artístico e literário” –, como se desejasse antes de mais nada evitar qualquer censura dos editores do jornal, algo que logo se tornaria impossível no Brasil, a partir do dia 13 de dezembro de 69. Já, ao final do texto de título “chinoísta”, “Os intelectuais e a revolução cultural”, detectaria ou decalcaria a imperiosidade da tomada do poder pela imaginação, e mesmo assim no tom distanciado de quem não deseja ou de quem reprime maiores comprometimentos:

O problema fundamental dos intelectuais franceses nos dias tumultuosos de maio foi justamente o de confrontar a cultura com a ação, integrar o intelectual na realidade, sacudir a poeira das velhas estruturas culturais para ver se algo ainda resiste ou é preciso começar tudo de novo.

Isto é, enfim, 68. O texto dedicado em julho a Macherey, ao mesmo tempo que estudadamente o critica, prepara o terreno para sua série de conferências na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, que seriam proferidas um mês depois. Tendo a obra artística como um sistema de signos cujas estruturas formais procura explicitar, em detrimento do conteúdo de seu conteúdo ou “mensagem”, segundo Perrone-Moisés, a crítica de extração estrutural segue, através de “vários críticos jovens”, “a trilha de Lévi-Strauss e Jakobson”, com o detalhe de que Barthes e Butor são colocados lado a lado (mas não por muito tempo) enquanto “os grandes representantes desse tipo de crítica”.

“Diante da maré crescente do estruturalismo, que se tornou a ‘coqueluche’ ou o ‘ópio’, como se quisesse, da nova crítica francesa, Pierre Macherey, jovem crítico marxista, procura encontrar uma posição intermediária”, escreve ela, que então se deixara confessadamente levar por dita “doença” ou “vício”. Macherey, pioneiramente à procura de saídas ao banquete estruturalista, propõe “la constitution d’une question critique nouvelle: quelles sont les lois de la production littéraire”, às vésperas de sua visita à grande metrópole brasileira (segundo nota apenas ao próprio texto).

“Ora” – prosseguiria ela, em sua missão pedagógica que é “uma necessidade livre” –, “a palavra ‘criação’ é também sinônimo de ‘invenção’, isto é, criar uma forma nova ou um arranjo novo, e nesse sentido nada tem de mítico. A visão do escritor como operário da produção

literária dá ao artista uma função puramente mecânica; negar a criatividade do homem é vê-lo como puro joguete de forças produzidas ao acaso”. Mas se a crença na “criatividade do homem” soa como um resíduo existencialista e a crença na “criação” – mesmo enquanto invenção – parece, a princípio e entre outras coisas, discrepante em relação ao caráter aberto da obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica, a própria crítica trataria de arredondar o seu argumento em favor da peculiar faculdade de criar, ao final do artigo: para o estruturalismo (quer dizer, *pour moi*), “a obra é necessária não como o produto de um estado de coisas mas como uma resposta a certas *faltas*, a certas *falhas* num estado de coisas. É nesse sentido que a obra é criadora”.

Além disso, “Uma necessidade livre”, em sua defesa apaixonada do estruturalismo, já disseminava a querela básica do debate intelectual da época, que pode ser sintetizada, com o perdão de Hamlet, em ser ou não ser a-histórico. Esta questão motiva o ataque em bloco de Macherey a Mallarmé, Blanchot e Barthes, sendo que Perrone-Moisés insiste na luta por seu credo: “Ainda e sempre, o crítico atribui aos estruturalistas um formalismo absoluto que não existe”. Ao mesmo tempo, a crítica que nasce da leitura, diria ela, lendo Barthes, Roubaud e Butor, “não deve ser repetição”, “pure lecture” (Macherey), “mas prolongamento inventivo”, uma vez que qualquer obra deve ser considerada como “inacabada” (Butor).

Em nome dos prolongamentos inventivos da criação, assim como, naturalmente, de sua sólida pedagogia, os parágrafos finais do artigo vão adquirindo um tom de libelo, como exigia o momento:

Na linguagem artística, o sentido não é único e claro. A obra pode ser lida em vários planos, e nenhum é definitivo. O sentido está sempre *suspense*, como diz Barthes, ou *aberto*, como diz Umberto Eco. Quem compreender isto terá compreendido o Novo Romance, o cinema de Godard, a Pop Art e tantas outras manifestações artísticas do nosso tempo. Esta compreensão escapa aos críticos que se obstinam a procurar na obra um sentido definitivo e único, como se a arte fosse resposta e não procura, dogma e não proposta, conclusão limitadora ao invés de interrogação fecunda.

Mas aqui Macherey como que se “estruturaliza” também ele, pois suas divergências, conforme nota Perrone-Moisés, seriam antes de objetivo do que de princípios, já que, à maneira da moda intelectual de então, recusa as “ilusões” da crítica “de gosto”, “de julgamento” e “de

interpretação”, apesar de não se interessar por significantes ou significados, e sim, como disse, pelas condições da produção literária. Além disso, “suas oposições aos estruturalistas nascem ora de uma interpretação inexata de suas posições, ora de uma confusão terminológica. Ambos usam os mesmos termos com sentidos levemente diferentes”. O equívoco de Macherey estaria no fato de que dá um sentido de “determinismo absoluto” à idéia de que a obra procede, como endossariam seus interlocutores, de uma “nécessité libre”.

Pour une théorie de la création littéraire, Perrone-Moisés, que é militante ativa da *Société des Amis du Texte*,⁹⁷ além de futura “dissidente” de *Tel Quel*, conclui sua análise comparativa afirmando – sem mencionar sequer uma vez o nome de Althusser – que Macherey procura “uma posição mais avançada dentro da linha marxista”, avanços estes que determinarão táticas e estratégias do telquelismo de combate, no auge de sua capacidade criativa, que é sinônimo de capacidade produtiva. Com isso, acaba estabelecendo também as contradições que marcam a história do projeto “literal” francês, em penoso equilíbrio – como afirma a respeito de Macherey, com menções pontuais a seu livro – “entre palavras de sentido próximo: a obra é ‘fixée’ mas não ‘figée’ (pág. 52); não é nem ‘improvisée’, nem ‘prédéterminée’ (pág. 52); não é ‘illusion’ mas é ‘fiction’ (pág. 80); não é ‘inachevée’ mas ‘incomplète’ (pág. 97); é ‘bavarde’ e ‘silencieuse’ (pág. 120)”.

No entanto, como as frases anseiam ser *quase* cristalinas ao fim de um panfleto, e Perrone-Moisés por vezes tampouco consegue fugir disso, daria por encerrada sua *aula* com uma frase de efeito – quase cristalina, é claro – que concentra o cerne do problema de uma poética “contracultural”, além de “popular” e “internacional”, a exemplo da telqueliana e francesa: “É difícil fugir ao paradoxo quando se quer conciliar a liberdade da obra de arte com uma ideologia determinista”. Estabeleça-se, portanto, a necessidade livre de uma lógica paradoxal, diria-se ao mesmo tempo com o auxílio de Derrida; no entanto aí já se pensaria no fora da estrutura, que é para onde arremete, de maneira problemática, como de hábito, toda a claqué telqueliana. E “no fora da estrutura” no sentido histórico lato da politização não somente absoluta como absolutista durante a primavera (que também foi portenha) de Pequim, por um lado, e da sua superação enquanto centro das atenções de uma teoria e de uma prática intelectual, por outro, simplesmente porque não existiria a possibilidade de se definir uma estrutura sem antes perguntar pela estruturalidade dessa mesma estrutura.

⁹⁷ Barthes, R. *Le plaisir du texte*. Paris: Seuil, 1973, p. 23.

Em 1970, como todo um mundo, a colunista de “Letras Francesas” abraça com cada vez mais força a idéia de coletividade, recorrente em vários artigos. “A floração das revistas”,⁹⁸ antes mencionado, reivindica – e não apenas divulga – a inundação teórica desencadeada especialmente por periódicos literários e culturais, já que, após apontar para a existência (exterior) de “um acordo tácito sobre a necessidade da elaboração conjunta de uma fundamentação teórica da práxis literária”, não deixará de fazer a afirmação (sob sua inteira responsabilidade) de que “o que se publica de maior interesse na França nasce hoje nessas revistas e/ou nas coleções que se abrigam à sua sombra. As obras contemporâneas são assim frutos do diálogo, e se inserem numa linha de reflexão coletiva”. Mas antes de traçar as grandes linhas de suas três revistas de eleição – *Change*, *Poétique* e *Tel Quel* (na ordem inversa) –, afirmará também, por sua conta e risco, que seus integrantes têm “afinidade maior do que admitem, ou do que podem ver sem o devido distanciamento”, sugerindo aí, talvez, que a posição ideal seria a sua própria, no que não parece se equivocar.

Ainda que alheia a ele, o fenômeno do teoricismo à moda da casa pode ser detectado na sua abordagem de *Tel Quel* – que seria a revista “de maior lastro” (por ser a mais antiga, como quer fazer crer) – através de uma rápida alusão à febre teórica entre os vizinhos portenhos. Segundo ela, a publicação, então com tiragem de seis mil exemplares, “aparece em italiano, em espanhol (na Argentina) e aparecerá em breve em japonês”. Sabe-se que realmente apareceram alguns números na Itália, assim como não saberia dizer se apareceram ou não em japonês; em castelhano, porém, sabe-se que a sua tradução – iniciada por ninguém senão Ricardo Piglia – chegou a ser anunciada, inclusive em *Los Libros*, mas, segundo ele, o projeto nunca se concretizaria.⁹⁹

⁹⁸ *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 23 maio 1970, p. 1.

⁹⁹ V. entrevista, p. 22. A única menção de publicação efetiva de um número da revista de Sollers em castelhano foi feita em *Los Libros* nº 1 (p. 31): “R. Barthes, P. Klossowski, Ph. Sollers y otros. *El pensamiento de Sade*. Paidós, 186 págs., \$ 580. Traducción de un excelente número de *Tel Quel*”. Existem também anúncios de futuras edições de *Tel Quel* em Buenos Aires (salvo engano, não realizadas) nos números 1 (p. 9) e 4 (p. 27) de *Los Libros*, ambos de 69; este último é um bom exemplo da dimensão da “rede de revistas” em nível mundial: “Siguiendo un criterio común entre las editoriales europeas varios editores argentinos han comenzado a preparar o han ajustado la edición de revistas especializadas, publicadas bajo su auspicio. Además de *Los Libros*, la editorial Galerna ha dado a conocer el primer número de la *Revista Argentina de Psicología*, prepara la reaparición de la revista cordobesa *Pasado y Presente* y tiene en estudio la traducción de *Cahiers pour l'analyse*. Jorge Alvarez ha enviado a París para lectura del comité francés la traducción de los artículos del primer número de *Tel Quel*, edición argentina. Nueva Visión prepara un número especial de la revista *Summa* dedicado al congreso de Arquitectura que se realizará en Buenos Aires a mediados de octubre. La editorial Tiempo Contemporáneo anuncia para los últimos días de este mês la aparición de la primera entrega de la edición argentina de la revista *Communications* [sic] dedicada a Lo

Resumindo os objetivos do grupo telqueliano em um momento de prestígio crescente – objetivos ideológicos, científicos e políticos genéricos a ponto de valerem para a nova esquerda intelectual de diferentes países (senão vejamos: pela vanguarda e a integração da teoria à prática revolucionária, e contra os “pressupostos tradicionais da literatura clássica”) –, Perrone-Moisés indica com a franqueza característica o público-alvo da revista, “constituído principalmente de universitários e daquela pequena burguesia intelectual capaz de ver e pôr em questão as estruturas arcaicas em que vivemos”. Ou seja, ela mesma. Além disso, na avaliação da jornalista cultural, crítica literária e professora universitária, a *Théorie d'ensemble* abre-se “sob os auspícios de uma respeitável trindade: Foucault, Barthes e Derrida, como a indicar a ‘faixa’ em que se colocarão os problemas debatidos, a ‘frequência’ em que podem ser ouvidos”, em argumento, diga-se, tipicamente pequeno-burguês.

Entre a fascinação de um estudante e a cautela de um *scholar*, tampouco deixará de levantar os freqüentes ataques feitos ao grupo, cujo caráter “coletivo”, por exemplo, não seria tão coletivo assim: “Fala-se mesmo de certo aspecto teológico de suas formulações, o que, num contexto intelectual materialista é paradoxal (há pouco eu mesma falei da Trindade protetora)”, diria ela, em um esboço algo bizarro de autocritica entre parênteses. No entanto, para Perrone-Moisés, a verdadeira aporia telqueliana (incluindo aí algo do próprio Barthes) não seria questão de excesso de autoridade e sim de linguagem – conclusão esta que serve para marcar, ao que parece, seu posicionamento peculiar em relação à “nova missão francesa” e seu grupo mais proeminente. Se, por um lado, sua atividade parecia-lhe “estimulante (espicaçante mesmo)” – já que “foi dele [o grupo] que surgiram importantes colocações sobre as relações da literatura com a linguagem, a noção do ‘texto’ que toma o lugar dos antigos gêneros literários, a visão da escritura como produtividade, as relações dessa produtividade com as estruturas econômicas, a colocação do problema literário no campo, vasto e novo, da semiótica” –, por outro lado, “o maior problema de *Tel Quel* parece ser o de sua própria linguagem”. Confessa então sua recusa do “delírio terminológico” que acometeria os telquelianos, inclusive Barthes, diante do que e dos quais seria imediatamente demonizada enquanto “acadêmica” ou “revisionista”, para empregar um termo então em voga.

verosímil [o volume aparece apenas no ano seguinte, sucedido por aquele dedicado à “Análisis estructural del relato”]. Por su parte la editorial Sudamericana que edita y distribuye la edición en castellano de la revista *Diógenes*, auspiciada por la Unesco, acaba de reeditar el número 51 íntegramente dedicado a la lingüística contemporánea”.

Os componentes do grupo sofrem de uma espécie de delírio terminológico, compreensível se atentarmos para o fato de que o grupo lida com idéias novas que exigem um vocabulário novo; entretanto, como já tem sido apontado, seus neologismos nem sempre correspondem a um referente novo. Além disso, não só os termos empregados carecem de definição prévia mas, o que é mais grave, ressentem-se de um uso por vezes impreciso e flutuante.

Vale lembrar que Santiago, em seu prefácio ao *Glossário de Derrida*, registrava algo semelhante, ao afirmar que o pensador “das desconstruções” não se preocupava em tornar a explicar conceitos utilizados em textos anteriores, justificando assim a empreitada levada a cabo com seus alunos no início dos 70. Mas se Derrida insuflou o “delírio” em questão, ajudando a alicerçá-lo em seu período telqueliano – que, como se viu, representou o melhor momento da revista, e em boa parte por causa de sua inventividade teórico-crítica –, não se poderia dizer que sua terminologia fosse “imprecisa” ou “flutuante”, uma vez que a própria continuidade de seu pensamento (algo de que se ressentiria o telquelismo) tem demonstrado o contrário.

Na conclusão do texto, levanta afinal o delicado (ou grosseiro) problema dos imitadores, e este “se torna particularmente agudo”, segundo ela, “quando essa linguagem começa a ser usada por epígonos sem o talento dos criadores, restando então um esnobismo muito parisiense e vazio. Mas, por outro lado, o próprio fato de terem epígonos já não mostra a força atuante de *Tel Quel?*”

Ter ou não ter epígonos – eis outra boa questão. Tanto quanto aquela da dissidência, que se dá com frequência no interior das melhores famílias de intelectuais e que se dá também em dado momento no seio de *Tel Quel* com o poeta e escritor Jean-Pierre Faye, ao ponto de sua novíssima revista vir a ser publicada pela mesma casa editora. Membro do comitê de redação desde 1963 e farto da “inflação teórica” promovida por *Sóarte*, Faye abandona o barco quatro anos depois para criar *Change*, revista, coleção e “coletivo”, cujo primeiro número sai em outubro de 68, tendo como tema “Le montage” (os seguintes abordariam “La destruction”, o Círculo Linguístico de Praga e “La mode – l’invention”). Como convém a um ensaio abertamente imitativo, enfatize-se, como o faz Perrone-Moisés, que “*Change* não se propõe como uma revista mas como uma ‘série’ que publica obras (Coleção Change) e um ‘coletivo’”. Série inspirada em “Tynianov, o grande” – e aí teriam o aval de um Piglia – cuja linguagem não

pouparia os ouvidos de ninguém, a exemplo da publicação inimiga mas irmã. Como *Tel Quel*, *Change* – apontando no título para uma “mudança de forma”, entre muitas outras por vir – une linguagem poética e prática da narrativa, através de uma forte veia experimental aliada à teoria da língua e à crítica da ideologia. “Ali se abre um atelier de escrituras. Um terreno de transformações”, pretende Faye, desde o primeiro editorial da revista. Entre seus companheiros de viagem incluíam-se o escritor Maurice Roche e o poeta e matemático Jacques Roubaud, que contestava a utilização do jargão científico no ensaísmo de Julia Kristeva.

Postulando a “diferença” como “regra”, a nova revista abre-se para o mundo, ao difundir textos inéditos, muitos dos quais “soviéticos” (como Maiakovski) ou americanos (como Chomsky), tanto é que mais tarde viria a publicar *Change Mondiale* – versão integrada pelo poeta Haroldo de Campos (cf. Capítulo Três). Para além dessa preocupação global, seu diretor levava a idéia de série ao conjunto das edições da revista, as quais, sendo temáticas, tomariam, conforme Perrone-Moisés, “um caráter acabado de livro de referência”. Apostava assim em uma penetração “lenta mas progressiva” através de uma série que, “ao contrário de uma revista”, resistisse ao tempo e fosse “permanentemente atual” – idéia que, ao fim das contas, não se revelaria tão fértil em função do interesse crescente pela “frente de revistas” (como as chamou Gonzalo Aguilar) e do qual este ensaio não passa de apenas mais uma prova.

A articulista conclui o texto de *Change*, por sua vez, com outra prova de seu faro e de sua atualização no cenário intelectual internacional:

Change nº 5 terá como título *Le dessin du récit*. Esse número apresentará os desenhos de Françoise Rojare, excelente interpretação gráfica de *Compact* de Maurice Roche, de que o “Suplemento Literário” de “O Estado” publicou, em primeira mão, alguns fragmentos (11/10/69).

VII. Antitropi(cali)smos

O rumor é o barulho daquilo que está funcionando bem. Segue-se o paradoxo: o rumor denota um barulho limite, um barulho impossível, o barulho daquilo que, funcionando com perfeição, não tem barulho; rumorejar é fazer ouvir a própria evaporação do barulho: o ténue, o camuflado, o fremente são recebidos como sinais de uma anulação sonora.

Roland Barthes¹⁰⁰

A “operação” tradutório-pedagógica de Perrone-Moisés, consolidada durante os anos de formação, encontra uma enigmática fratura na patrulha, que lhe é intrínseca, em relação ao que deve ser ou não deve ser a escritura enquanto escritura poética, assim como no caso da terminologia mais apropriada e da aversão ao “delírio”, antes mencionado. Nessa direção, trataria de tomar partido contra o que chama de “espontaneísmo”, em favor de seu programa.

A libertação da linguagem, na escritura, não se alcança num espontaneísmo. O espontâneo, contrariamente ao que acreditam os defensores da ‘criatividade solta’, é o domínio do estereótipo, ‘o campo do já-dito’ (‘Jovens pesquisadores’). A liberdade supõe escolha e crítica, sem o que o próprio conceito de liberdade não faz sentido.¹⁰¹

Tal liberdade, no entanto, leva a marca do óbvio, é o óbvio, do qual parece ser descartado qualquer outro uso – por exemplo, o inconsciente. Além disso, como o conceito de liberdade pode fazer *sentido* senão enquanto contra-sentido? E, sendo tão ou mais fiel a Barthes, o infiel, como tal conceito demasiado humano pode fazer sentido senão enquanto enorme *tolice*? O discurso de Perrone-Moisés conduz a estas questões sobretudo ao derivar para o seu, o nosso Brasil, a bordo da irredutibilidade de todo prefácio:

¹⁰⁰ Cf. Barthes, R. *O Rumor da Língua* (trad. Mario Laranjeira). São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 93.

¹⁰¹ “Prefácio” a *O Rumor da Língua*, idem, ib., p. 14.

Essas considerações de Barthes, reiteradas no presente volume [*O Rumor da Língua* foi publicado originalmente em 1984], são oportunas porque justamente aqui no Brasil tem havido uma interpretação abusiva de sua teoria da escritura, assimilada indevidamente ao *criativo oba-oba*, ao *inefável subjetivo*, ao *prazer numa boa*.¹⁰²

Tamanhas e alegres bobagens – apesar de almejadas pelo mestre com obstinação¹⁰³ – deveriam ser, aqui, cuidadosamente evitadas. Afinal, é proibido proibir ou é proibido o prazer do texto *numa boa*? Em se tratando de Barthes, ao que tudo indica, devem valer as duas faces de uma mesma moeda isenta de valor: falhas serão lidas como falhas, desvios como desvios, restos como restos, e assim por diante. Com isso, fica manifesto o desejo de tapar o sol com a peneira dia e noite: ninguém pode ser barthesiano nos trópicos, a menos que se obedeçam certas regras, traduzidas como uma suposta ética da ciência, necessariamente científica (ou cientificista).

Daí queda apenas um passo para o veredito da impossibilidade da desconstrução de “um discurso cultural ainda extremamente frágil”, em que o problema do epigonismo está à tona e sempre retorna:

Aqui no Brasil muita gente pensa ser barthesiano desaprender sem nunca ter aprendido, e parte para a desconstrução de um discurso cultural ainda extremamente frágil no particular e no coletivo. Ora, o prazer da escritura barthesiana se sustenta de um saber (plural, disseminado) e se alcança num *trabalho* de linguagem. A escritura pratica o imaginário ‘em pleno conhecimento de causa’ (‘Da ciência à literatura’).¹⁰⁴

Mas que saber plural, disseminado é este que não se permite sequer uma brecha, beirando uma postura etnocêntrica?

“Roland Barthes, comment s’en débarrasser”, diz então, entre a razão pós-moderna e a morte, o título irônico do artigo de Perrone-Moisés sobre seu mestre (“Barthes e o pós-modernismo”, 1993), transformado em dândi pós-moderno nos Estados Unidos, ou seja,

¹⁰² Idem, p. 14-5 (grifos meus).

¹⁰³ Como quando diz (e é apenas um exemplo) a propósito do discurso suicida da Tolice e da deriva n’*O prazer do texto*: “Il y a dérive, chaque fois que le langage social, le sociolecte, *me manque* (comme on dit: *le coeur me manque*). Ce pour quoi un autre nom de la dérive, ce serait: *l’Intraitable* – ou peut-être encore: *la Bêtise*”. Cf. Barthes, R. *Le plaisir du texte*. Paris: Seuil, 1973, p. 28-29.

¹⁰⁴ “Prefácio” a *O Rumor da Língua*, op. cit., p. 15.

“assassinado”, segundo a crítica.¹⁰⁵ Mas também ela está elaborando o seu luto e em busca de seu *lugar*, como se pode ler em “Le souvenir de Barthes” (“O lugar de Barthes”, 1990), igualmente recolhido em *Inútil poesia*. Há, ainda, um precedente imediato que vai direto ao ponto; trata-se do mencionado prefácio ao *Rumor da língua*, em que faz um balanço a contragosto da obra *barthiana* (como grafara em um texto no *Suplemento Literário*): “‘Toda apresentação’, diz ele” – diz a tradutora e biógrafa brasileira do *scriptor* francês – “‘por sua intenção de síntese, é uma maneira de concessão ao discurso passado’”.

Eis-me aqui debruçada sobre o passado de alguém que não tem mais presente nem futuro. A compulsão ao “balanço” é inevitável e, ao mesmo tempo, antipática, por ser fácil a prepotência dos vivos sobre os mortos.

Desagrada-me fazer um balanço da obra de Barthes; por outras palavras: desagrada-me enterrá-lo. Entretanto como o luto tem de cumprir-se, que esse balanço seja feito como a dispersão de cinzas fecundantes. “O nascimento do leitor deve ser pago com a morte do Autor” (“A morte do Autor”).¹⁰⁶

De volta à inevitável tarefa de luto de Barthes nos dois textos de *Inútil poesia*, evidencia-se através de seu confronto um traço ambivalente na abordagem do conceito de pós-modernidade. Naquele, o conceito é demonizado enquanto estéril, retrógado e conservador *vale-tudo*: “O lugar de Barthes (...) não era o pós-modernismo, mas bem antes, *entre* o classicismo e a modernidade, *entre* o prazer e o gozo”.¹⁰⁷ Neste, que é anterior, o pós-moderno é visto com certo respeito, admitindo-se inclusive que corresponde a uma boa metade de sua figura: “Curioso lugar, o de Barthes. Em sua inadaptação ao moderno, em sua nostalgia dos valores, clássicos, ele era um homem do passado; por seu ceticismo, seu ecletismo, seu hedonismo e sua errância, ele era um pós-moderno”.¹⁰⁸

Ser *e* não ser, eis a relação – a qual remete em sua ambivalência intrínseca à noção de *entrelugar*, que é a antítese de um significante-mestre, na medida em que o mestre em questão se coloca permanentemente *entre* ficção e crítica, conforme argumenta por sua vez Antelo, a propósito de dois célebres dissidentes: “Entre Bataille e Lacan, de fato, Barthes encontra a

¹⁰⁵ Ver citação à p. 51 do Capítulo Um. Cf. Perrone-Moisés, L. *Inútil poesia*, op. cit., p. 298.

¹⁰⁶ “Prefácio” a *O Rumor da Língua*, op. cit., p. 11.

¹⁰⁷ *Inútil poesia*, op. cit., p. 300 (grifos meus).

¹⁰⁸ *Idem*, p. 291.

energia de uma nova posição discursiva, a que se situa entre o escritor e o crítico em face de um mesmo objeto, a linguagem”.¹⁰⁹

Para concluir “inconclusivamente” e, ainda uma vez, em torno de 70, pondo desde já um pé no capítulo mais especificamente argentino do ensaio, detenho-me em um debate que revela a modernidade em seu limiar e que serviria na mesma época como dupla festa recenseadora, seja nas páginas do *Suplemento Literário* paulistano, seja naquelas de *Los Libros*. A revista portenha se ocupa, através de outra colaboração do derridiano Ricardo Pochtar, como Perrone-Moisés o faria, de *Qu’est-ce que le structuralisme?*, a famosa antologia dirigida por François Wahl, braço direito dos telquelianos no seio *du Seuil*. Segundo o relato da crítica brasileira em “Por uma poética estrutural”, texto de 69 cujo título vale o que vale, “o livro foi escrito por cinco autores da ‘segunda geração’ estruturalista: Oswald Ducrot, Tzvetan Todorov, Dan Sperber, Moustafa Safouan e François Wahl, que tratam, respectivamente, do estruturalismo em linguística, em literatura, em antropologia, em psicanálise e em filosofia”.¹¹⁰

Perrone-Moisés punha em prática o que se poderia chamar de “estruturalismo de combate”, na medida em que incensava o objeto ao qual se referia, à maneira de um jornalismo crítico em extinção, situado entre o *fait divers* e a prática teórica. No artigo em questão, logo nos enunciados iniciais tomaria partido, como de hábito, pelo seu tema candente, sabendo-o mais que candente, ao mesmo tempo que, involuntariamente, anunciava o porvir americano de uma certa escola francesa de pensamento:

O estruturalismo continua dominando os meios intelectuais de Paris. A favor ou contra, todos falam do estruturalismo, e o máximo do esnobismo é considerá-lo como coisa do passado, sem dizer, evidentemente, o que interessa no presente. A verdade é que toda Paris pensante corre às conferências dos “estruturalistas”, sejam eles Lévi-Strauss, Lacan, Greimas ou Derrida. No terreno literário, as aulas de Roland Barthes são a atração máxima da Ecole des Hautes Etudes. Só a custo alguém consegue se inscrever nesse curso, e mesmo assim é preciso chegar uma hora antes para conseguir entrar na sala.

¹⁰⁹ Antelo, R. “A invenção do finito”. Conferência lida na Escola Brasileira de Psicanálise, Delegação Geral de Santa Catarina, 22 mar. 2001, p. 4.

¹¹⁰ Cf. *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, “Letras Francesas”, 25 jan. 1969, p. 1.

Barthes representa atualmente o papel que Sartre representava, há alguns anos, em literatura: a palavra de ordem. Nas vizinhanças de Saint Germain des Prés (onde se realizam os “seminários” de Barthes) não se fala mais em “liberdade” e “consciência”, mas em “código”, “sequência”, “sema”, “poaeretismo” – palavras aparentemente requintadas mas na verdade mais modestas que as primeiras. Os “significantes” mudaram, indicando (e provocando) a mudança dos “significados”.

Taticamente, conforme se pode depreender a partir daí, o grupo *Tel Quel* como que monopolizava a “palavra de ordem”, a partir de sua apropriação consentida do pensamento barthesiano, estimulada sobretudo em fins dos 60, como se sabe, pelo próprio Barthes – alguém que se ocupava e se ocuparia cada vez mais na tarefa de desconstrução das idéias de ordem ou de progresso, ao contrário de certos comparsas intelectuais (embora declarassem o oposto), em um momento de auge da politização, freqüentemente em detrimento das posturas críticas mais básicas e em favor da imposição de algum modo de consenso totalitário.

“Por uma poética estrutural” chama a atenção, finalmente, pelo fato de sua autora promover o fundo corte de uma quinta parte do volume de Wahl, reduzindo o seu interesse de maneira cautelosa – apesar do sincretismo insuflado pela atividade estruturalista – àquilo que chama de “estruturalismo literário”, vale dizer, ao trabalho de Todorov (com o qual, aliás, cada vez mais se identificará),¹¹¹ o qual, também ele discípulo de Barthes, oferece em sua contribuição ao volume uma definição bem ao gosto da época da noção de “poética”: “nome de toda atividade ligada à composição de obras das quais a linguagem é ao mesmo tempo a substância e o meio”. Com respeito à decisão do corte, lança mão de um argumento pragmático: “Limitar-me-ei ao campo que é desta coluna, isto é, ao estruturalismo literário”, declara ela, e ponto final. Pochtar, por seu turno – devendo restringir-se, a exemplo da crítica paulistana, ao

¹¹¹ A articulista sai em defesa do crítico empirista e de sua “atividade” (para não dizer “movimento” ou “escola”, conforme solicitara ela em outro lugar): “Com a modéstia que às vezes falta aos arautos do estruturalismo literário, Todorov mostra que esta ciência está dando os primeiros passos. Creio que é exatamente aí que surgem os mal-entendidos. Muitos críticos se opõem a esse tipo de estudo literário porque eles não respondem a todas as perguntas. Objetam que esses estudos reduzem a obra aos seus aspectos concretos, materiais. Talvez esteja justamente nesta ‘redução’ inicial da obra a principal vantagem do método estrutural. A atividade literária, partindo desses dados concretos, poderá deixar de ser aquela atividade quase puramente intuitiva que foi até agora. Evidentemente, trata-se não só de descrever as estruturas, mas de entender o seu funcionamento à luz das outras disciplinas paralelas. As conclusões a que se chegará por esse caminho poderão alcançar um grau de objetividade que jamais se alcançou em crítica literária”.

limitado espaço de uma resenha –, optaria por discutir sobretudo a contribuição do próprio organizador, que põe em questão.

Sob o título de “Estructuralismo: la segunda generación”,¹¹² aborda criticamente “La filosofía entre el antes y el después del estructuralismo”, o texto de Wahl em *¿Qué es el estructuralismo?*, na versão da editora Losada, de Buenos Aires. Contido politicamente e percebendo o impasse a que chegara a primeira geração da “atividade”, o francês postula o máximo rigor no tratamento da noção de estrutura, a fim de que conserve o máximo de eficácia, e aponta em especial, ainda que não o diga, para o grupo *Tel Quel*, ao recusar “un tipo de transgresión que entraña un retroceso más acá de las fronteras del estructuralismo”, em referência à ideologização ou “fenomenologização” de teses de Foucault, de Merleau-Ponty e de Derrida. Mas Pochtar não está de acordo e parece perfilar-se antes ao lado dos arautos da revolução textual e cultural: “tarea más urgente para una elaboración del material aportado por este rico volumen debería ser la de aclarar el alcance de una distinción tan problemática como la althusseriana entre ciencia e ideología”, dirá à guisa de conclusão da resenha, que integra por sinal o último número de *Los Libros* antes da proclamação de “independência” da revista, dedicado em grande parte à Bolívia, incluindo textos de Sarlo Sabajanes, Petras e o “diario de un guerrillero cristiano” (cf. Capítulo Três).

Os caminhos, no entanto, começavam a levar não mais a La Habana e sim a Pequim: em 74, Wahl integra a delegação telqueliana que viaja à China, embora vá considerar o regime comunista de Mao ainda mais suspeito do que o faz, como se sabe, Roland Barthes. E assim como o fazem Perrone-Moisés ou Santiago (ou seus respectivos “duplos”), que foram e são, sem dúvida, dois dos mais produtivos leitores brasileiros do autor de *S/Z*, entre o “popular internacional” (em foco até aqui) e o “internacional-popular”, o qual – sempre mais do mesmo – é matéria do próximo capítulo.

¹¹² *Los Libros* nº 19, Buenos Aires, maio 1971, p. 29.

Capítulo Três

POR UMA POÉTICA
INTERNACIONAL-POPULAR

I. *The Change* y El Che

Ouço uma música e não consigo tocá-la.¹

Uma breve teoria da epígrafe diria que, como um prefácio, ela significa a acolhida tácita de uma ficção. Assim, o sentido de introduzir uma fala através de outra fala, soprada, quase muda, pode ser imperceptível e, no entanto, predispor a fala por vir, fazer circular a ficção – aquela de uma terrível felicidade – que se deseja na cena mesma da escritura. Desejar a ficção, periódica e circular, significa ler aqui uma leitura européia, vale dizer, cosmopolita e ilustrada, do rito sacrificial de Ernesto Guevara nas serras da Bolívia – “entre la valée du Ñancahuazu et la gorge du Yuro” –, feita pelo dissidente telqueliano Jean Pierre Faye.² O relato dessa morte também deve ser visto como o rito sacrificial do próprio autor e de toda uma concepção estética e política, como (creio) se verá.

Ao mesmo tempo receituário e recenseamento, “Le trèfle” é escrito sob o efeito devastante da queda de Salvador Allende no Chile, aparecendo em *Change* sob a forma – e o desejo expresso no nome pelo *movimento da mudança de formas*³ – de outro panfleto que pretende ser simultaneamente “pensée-poésie-politique”. Para tanto, seu autor não vacila em colocar lado a lado, entre outros, André Breton, Georges Bataille, Léon Trotsky e o Che, e em se colocar do lado das “Revoluções” contra o que denomina de “Regressões” – do tipo telqueliano, por exemplo, a quem o “trevo” utilizado como um projétil se dirige sem meias palavras. Decorre daí um painel que representa uma estudada caricatura, de tonalidades carregadamente românticas, dos discursos críticos em circulação neste ensaio, entre teoria e revolução e a meio caminho em termos formais entre algo como um “super” (*sur*) e um “subtelquelismo”. Quer dizer, uma redução ao absurdo da vertente formalizante-revolucionarizante francófila, à qual no entanto se identificaria por completo, sendo seu mero *reflexo*.

¹ Fala atribuída ao músico Coleman Hawkins em *Respiração artificial* (trad. Heloisa Jahn). São Paulo: Iluminuras, 1987, p. 33.

² Faye, J. P. “Le trèfle”. *Change Mondial* n° 20, Paris, set. 1974, p. 7.

³ Conforme também a conclusão do texto (p. 34).

Por outro lado, este caminho especular (mortal no ato mesmo de seu espetáculo) engendra um afresco pseudo-barroquizante sobre a morte, sob as vestes da teoria e de sua crítica e conforme os princípios de uma vanguarda literária, que, literária ou não literária, histórica ou pós-histórica, se entrega por princípio à morte. O que ultrapassa qualquer expectativa – mesmo a do fim – nas páginas dedicadas ao nome, à marca e às vísceras do Che é que seu glorioso ícone transubstancia-se, apenas três décadas depois, em peça de propaganda televisiva (privilégio de raros revolucionários) de detergente (palavra que na origem denomina algo cicatrizante). Sendo que, de adjetivo em adjetivo, o dramático desaparecimento do herói latino-americano do século XX coincide com o perturbador surgimento de *Change*, ao menos para a irmã siamesa, na continuação de uma luta – antes interna e intestina do que externa e continental – pelo poder da fala desde o todo-poderoso Seuil, visto enquanto grande bolsa de capitais simbólicos e de valores ocidentais. E, apesar do ambiente funéreo, não se trataria de uma empresa natimorta: à base de manifestos coletivistas e edições temáticas (exaltadas, como se viu, por Perrone-Moisés em “A floração das revistas”), vai vingar significativamente até 1983, isto é, até o momento do enterro da inimiga íntima, *Tel Quel*.⁴

Quanto ao Che, dogmático em vida e mutante *post-mortem*, sua figura não garantiria eficácia apenas na televisão, servindo igualmente para introduzir um trecho de um ensaio cujo protagonista é uma revista argentina. A crítica Beatriz Sarlo, em boa parte formada em *Los Libros* e de trajetória política muito peculiar, repudia a figura de Guevara por “aristocrático” – e este parece um motivo razoável para levá-lo em conta.⁵ Não só, claro está. A voz anônima dos editoriais dos primeiros anos faz apenas episodicamente a apologia do *guerrillero*, que naturalmente recrudescer, mesmo que contra o “guevarismo”, durante a belicosa etapa final, correspondente ao tempo do hino de Faye. Cujá prosa, por se crer poética, dá-se o direito de ser levemente elíptica em relação ao herói que virou grife, ou o sujeito que virou objeto, mercadoria – e não o contrário, conforme postula na recordação dessa coincidência capital no instante de sua morte:

C'est au moment où prenait forme notre premier projet, c'est à ce moment même que vint l'annonce de la mort de celui qui en était l'objet, ou plutôt le sujet. Nous voulions dire ce qui

⁴ Cf. site IMEC (Institut Mémoires de l'édition contemporaine): www.imec-archives.com

⁵ V. depoimento, p. 39 (e adiante sua presença na revista).

courait, sous forme d'un récit, à travers tout un continent: allumant et produisant une histoire sans pareille contre l'oppression.⁶

Quando o comandante *changista*, a um tempo surrealista, socialista e reformista, passa ao relato nu e cru (*tal qual*) do grande acontecimento – “Voici comment eu lieu la mort...” – tampouco perde a ocasião de jogar com a página branca, utilizando o sangue de um discurso de tipo sádico, que vai ressaltar portanto a prolongada agonia (supostamente causada por soldados bêbados horas após o último combate) daquele que logo viria a se tornar o disputado cadáver do legendário Che.⁷ “La légende prenait des /dimensions continentales”, canta repetidamente este “poeta parroquial” (para lembrar o inédito de Arlt com que *Los Libros* reestrela em 73), ao ouvir os primeiros ecos da versão do sacrifício, em encontro forçado do corpo e da língua:

– celui-là allait agoniser lentement par l'effet de ce qui avait déjà fait circuler la version. Agonisait au moment même où l'un d'entre nous, en octobre 67, allait commencer d'écrire sur lui le récit des récits. En ce point si terriblement dangereux où s'attachent, l'un à l'autre, le corps et la langue.⁸

Com a sacralização da persona do Che promovida por Faye, e por tantos mais, o caminho da fama de massas estava já trilhado e, em consequência, os efeitos da globalização já eram previsíveis. Não à toa a fala é logo concedida a Fidel Castro (que, se tudo seguir como está, também conhecerá seus dias de grife), em elogio à escrita *caliente*, fruto do calor da hora, característica dos diários do guerrilheiro, em viagem que leva do então centro mundial da cultura de esquerda, a ilha de Cuba, à revista *Punto Final*, que publica a introdução ao célebre manuscrito, em Santiago do Chile – “ce lieu où, six ans plus tard, le procès révolutionnaire sans violence de l'union populaire va être soumis à la brusque déflagration d'une violence contre-révolutionnaire sans précédent”.⁹ Note-se que *Los Libros*, ao dedicar uma edição especial dupla ao Chile em janeiro de 71 (antes mencionada), logo após a ascensão de Allende, deixa entrever em diferentes textos a inevitabilidade e iminência do golpe militar, que não tardaria em chegar.

⁶ Faye, J. P., op. cit., p. 5.

⁷ “Já estão em La Paz os dedos de Che Guevara”: manchete de *O Estado de S. Paulo*, 13 nov. 1967.

⁸ Faye, J. P., op. cit., p. 6.

⁹ *Idem*, p. 7.

Com o latino-americanismo e o tercer-mundismo (os *ismos* em geral) em alta – paralelamente à proposta globalizante *avant la lettre* de *Change*, no intuito (que oculta um recalque) de suspender a própria idéia de grupismo, em prol da utopia de um “coletivo” universal –, há lugar mesmo para o Brasil, com seus movimentos populares e greves de abril-maio de 68, conforme citação de um conhecido profissional da área, Régis Debray. De greve em greve, ou de guerra em guerra, em seu *tour* mundial em torno das manifestações políticas desse ano fatídico, Faye visita, após a cidade de Havana ao som do estentor de Fidel (voz quente como aquela da edição cubana de *Los Libros*,¹⁰ que reproduz vários trechos de seus discursos), não só o Brasil mas o Vietnã do Sul, a Tunísia, a Venezuela, e vai daí até Berlim – na “*première manifestation anticapitaliste que Berlin ait connue depuis le nazisme*” (segundo Guy Hocquenghem) – e outras capitais, incluindo significativamente (isto é, torpemente) algumas “microcapitais”, que é como são vistos os campus norte-americanos – “*milan berkeley columbia harvard paris varsovie prague belgrade zagreb*”, segundo a enumeração minúscula do original.¹¹

O passo seguinte, não menos previsível, é o brado em nome da teoria e contra o antiteoricismo (sendo mesmo irmã *siamesma* de *Tel Quel*, como se disse), que representa, além de um certo deslumbramento com o *cogito*, o afã cientificista característico das principais correntes de pensamento da data. Para isso, reivindica-se um movimento politicamente correto (também e não à toa) *avant la lettre*, o “movimento em trevo” com seu vértice poético – que é Nezval e Teige em Praga (segundo os exemplos tchecos; logo os haverá ianques), o vértice teórico – que é Jakobson no mesmo sítio, e o vértice político – que é o Front Gauche de Praga, diante do qual o surrealismo bretoniano se manifesta. Aí, portanto, se tocariam, em 1935, a grande tradição vanguardista revolucionária originária da Rússia e os poetas franceses André Breton e Paul Éluard, conforme recorda Faye, que promove (mais) um estranho encontro, ao invocar também o Collège de Sociologie e a revista *Acéphale*, aparando arbitrariamente as arestas entre “superrealistas” de vária estirpe – o que, a se pensar em sua posição de aguerrida dissidência, equivaleria antes a um simulacro do encontro surrealista clássico (e fortuito) entre uma máquina de coser e um guarda-chuva sobre uma mesa de dissecação. Ou seja, concorreria para um alargamento de sua distância.

No entanto, como a revolução se acha na linguagem – e a obsessão na língua, segundo Michel Leiris, citado enquanto “outro conjurado do ‘Colégio’” –, é preciso desconstruir língua e

¹⁰ *Los Libros* nº 20, jun. 1971.

¹¹ Faye, J. P., op. cit., p. 8.

linguagem desde a raiz, a fim de consolidar a “aliança revolucionária” na qual supostamente “se constituent la critique et le renversement des rapports conservateurs”.¹² A partir de tais fusões discursivas permite-se aproximar – conforme a declaração de fundação do Collège de Sociologie, “signée Bataille et Klossowski” em março de 37 – “les tendances obsédantes fondamentales’ de la psyché” e “les structures directrices qui président à l’organisation sociale et commandent les révolutions”. Coincidências estas a que os “colegiais” de *Los Libros* não vão estar alheios, ao contrário.

Indo e vindo de seu decidido resgate da figura e do ritual de sacrifício do Che – “foquista-mor” que, conforme “Le trèfle”, estaria fora de moda (mas não por muito tempo) –, o panfleto-rio mergulha no passado grego para fornecer a sua concepção de teoria como atividade ótica, viagem da visão e visagem da festa do pensamento, a qual trato de invocar desde já.¹³ Interpretação que, obviamente, dispensa a noção de “texto”, que, ao ser posta em contraste com a idéia de teoria, vai possibilitar a retomada da fagulha que, em Barthes, significa a produtividade intrínseca à contradição entre os dois termos, com base em uma indicação de Gheorghe Craciun: a teoria como contemplação, como percepção, conforme o grego antigo, em franca oposição ao fluir heraclitiano que define o texto.¹⁴

Por outro lado, Faye comete uma *falha* e não poderia deixar de cometê-la (uma vez em ato), ao destacar a face democratizante da teoria econômica marxista, em uma nota a propósito de Soljenitsin, o famoso dissidente soviético que mereceria a impugnação enquanto contrarrevolucionário (após um período de loas) de *Change*, conforme ocorre precocemente e sem a mínima concessão em *Los Libros*.¹⁵ Como se não bastasse, ao reivindicar a trilha antiterrorista de Trotsky, “un allié fondamental de Breton” que condena a “ideologia terrorista” com seus “*circulos fechados* de intelectuais” (grifo no original) – em definição previsível do grupo rival e sua claqué –, o autor assume essa falta, que se encarnaria em seus ideais reformistas e social-democratas.

Evidente fruto do ressentimento e do “foquismo intelectual parisino”, *Change* mundial passa, ainda, pelos Estados Unidos da América para – sem dar trégua ao inimigo-mor – chegar

¹² Idem, p. 11.

¹³ “Theoria: c’est voir. Dans le Livre I des Histoires, chez Hérodote, ‘voyager pour la théorie’ (...) se traduit par ‘voyager pour voir le monde’. Chez Sophocle, c’est voir un spectacle, *voir la fête*. La fête de la pensée est théorie, lorsqu’elle est vue comme ‘effort de cohésion’ ou ‘somme cohérente’”. Faye, J. P., op. cit., p. 12.

¹⁴ Cf. epílogo.

¹⁵ Cf. Schmucler, H. “Solzhenitsin. Los premios de la burguesia”. *Los Libros* nº 13, Noviembre de 1970, p. 4-5. Em *Change*: nota 15, p. 35.

(quer dizer, retornar) ao ponto que lhe é obsedante. Contra a teoria da comunicação e inclusive contra a *Electronic revolution* de William Burroughs, que faria parte da “ideologia ‘cibernética’”, o texto traz à tona o autor de *Naked lunch* através do poeta Robert Creeley – que ressalta nele, na trilha de Deleuze, a importância da problemática do “controle”¹⁶ – para propor um iluso mais além, com a reivindicação de Jack Spicer, poeta *cherokee*, marginal e morto. Aqui, porém, pouco importa que o seja (embora talvez não seja *correto* confessá-lo), porque o que se pretende extrair dessas páginas *entrevadas* é, como já se percebe, a sua parcela de “funda verdade”, enunciada de modo teatral, em nome do congelamento definitivo de uma certa visão da história sobre o teatro do mundo. Dando vazão ao trecho citado no Capítulo Um, Faye outorga novas etiquetas aos oponentes em forma de pequenos desaforos, já que apenas os *changistas* dispõem da chave, através da decantada fusão “poésie-pensée-politique”. Seguem três exemplos em forma de palavras-chavão, no limite do ridículo, sobretudo ao se tornarem recorrentes:

Face aux girouettes et pirouettes des Textuels...

Groupes diabolotin, ou saisonniste, ou textuelo – avec ceux-là, diantre, on peut se rassurer: tous ceux-là, passez-moi l’expression, donnent le change... mais en oubliant l’instant d’après ce qu’ils ont dit ou fait”...

Lui [Francis Ponge] que les Teqstuels, après l’avoir adulé, viennent d’insulter sur un ton qu’il a très proprement qualifié de ‘fasciste’, dans le prolongement de leur habituelle suite de reniements taqtiques.¹⁷

Textuels, *textuelos* ou *teqstuels*, repita-se a demanda como promessa de iteração: de que modos e em que grau *Los Libros* – entre *The Change*¹⁸ e El Che, entre o descontrole social e a sociedade de controle, então particularmente extremados no contexto argentino – deslinda as questões do texto, da escritura e da revolução, entre a dissidência e a sua teorização. Paradoxalmente, a resposta acabada é, como quase tudo, importada de França – mais especificamente, de um periódico chamado *Idéologie*, 1970 (palavra e data *claves*). Maoísta e portanto stalinizado (embora somente passe a admiti-lo mais tarde), o grupo recém-transformado

¹⁶ Faye, J. P., op. cit., p. 19-20.

¹⁷ Idem, p. 27, 29, 36 (nota 43), respectivamente.

¹⁸ Título de poema de Allen Ginsberg citado por Faye, que informa: “Écrit après *Howl*, mais ignoré de moi en écrivant *Le Change*, en août 67, dans l’archipel océanique” (nota 40, p. 36).

em uma célula triangular (um trevo), à procura da melhor adaptação à receita gramsciana de revista “político-crítica” ideal,¹⁹ traduz um artigo de Antonio Melis sobre Guevara e o guevarismo, abordado naturalmente desde uma perspectiva *chinoísta* e portanto oposta ao que seria o revisionismo moderno, de tonalidades soviéticas, e ao caráter espontaneísta, que seriam próprios do guevarismo e que o *debraysmo* leva à exasperação.²⁰

Muito antes, porém, a revista já inscreve de algum modo a sua própria versão da morte do mártir guerrilheiro através da reprodução de parte da memória de “Francisco”, relato que protagoniza a edição boliviana (nº 19, maio 71) com a chamada de capa transcendental: “Diario de un guerrillero cristiano”. Aqui ele é encarado acriticamente, como em *Change*, ou seja, trata-se do mais eficaz exemplo de mártir, como corrobora James Petras em “Bolivia entre revoluciones”, ensaio principal do mesmo número: “(...) la muerte del Che Guevara y el ejemplo moral de la guerrilla provocaron una seria discusión entre los estudiantes y, especialmente, entre los demócrata-cristianos”.²¹ Faminto e próximo da morte, o guerrilheiro Francisco sublinha em seu patético diário a faceta cruenta daquela guerra ao recordar de seu maior exemplo de vida, morte e luta, a fim de achar forças para resistir:

El Che mandó fusilar en la Sierra a un combatiente por robar comida. No digo que lleguemos a esa drasticidad porque no creo que sea lo más conveniente para nosotros aquí, pero no hay que desechar la idea si es que el abuso es grande (grave).²²

No que concerne ao guerrilheiro Ernesto, o fato de a morte estar sempre ao redor, sendo inerente ao próprio “dilema de mi dedicación a la medicina o a mi deber de soldado revolucionario”, parece dar-lhe cada vez mais forças para resistir. É o que se pode ler em “Principio”, texto extraído dos primeiros diários de Guevara (em contraste com *Change*, que narra seu fim), escolhido por Ricardo Piglia para encerrar um livro barthesiano denominado simplesmente *Yo*:

(...) La sorpresa había sido demasiado grande, las balas demasiado nutridas. (...) Sentí un fuerte golpe en el pecho y una herida en el cuello; me di a mí mismo por muerto. (...) Quedé

¹⁹ Cf. Gramsci, A. *Cultura y literatura*. Sel., trad. e pról. Jordi Solé-Tura. Barcelona: Península, 1972, p. 101.

²⁰ Melis, A. “Sobre el guevarismo”. *Los Libros* nº 32, out.-nov. 1973, p. 34-35.

²¹ Cf. *Los Libros* nº 19, maio 1971, p. 12.

²² *Idem*, p. 6.

tendido; disparé un tiro hacia el monte siguiendo el mismo oscuro impulso del herido. Inmediatamente, me puse a pensar en la mejor manera de morir en ese minuto en que parecía todo perdido. (...) Así fue nuestro bautismo de fuego, el día 5 de diciembre de 1956, en las cercanías de Niquero [Cuba]. Así se inició la forja de lo que sería el Ejército Rebelde.²³

²³ *Yo*. Selección y Prólogo Ricardo Piglia. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1968, p. 113 (ambas citações). A antologia começa pelas confidências de Juan Manuel de Rosas e passa pelos maiores escritores e políticos do país (de Paz, Sarmiento, Perón e Guevara a Mansilla, Macedonio, Arlt, Borges, Cortázar e Victoria Ocampo).

II. As cores de *Los Libros*

–No, de todos modos no era una revista t n importante tampoco. Era una de las muchas cosas que se empezaban a publicar en ese momento de radicalización política.

Ernesto Laclau²⁴

Qual a importância do desimportante, voltando a remeter   epígrafe (e sua possível teoria)? O então intelectual peronista revolucionário e futuro teórico p s-marxista da hegemonia deixa a Argentina pela Inglaterra em 1969 e guarda da revista, onde publicara dois artigos sobre o nacionalismo,²⁵ a imagem de uma *Quinzaine Littéraire* aclimatada, que   aquela com que inaugura sua trajetória até atingir a maioria, ou seja, sua completa independência em meados de 71, que também corresponde a sua entrada em “falência” e posterior reconfigura o – e assim, levando-se em conta a perenidade de *Punto de Vista*, ao infinito.

Oposto   idéia de aclima o, um caso paradigmático em *Los Libros (si los hay)*   o de um depoimento de um dos faróis de *Change*, o autodenominado “socialista libertário” Noam Chomsky, na qual o editor promove a canibaliza o literal de uma revista pela outra, ao fundir uma entrevista feita por Jean-Marie Benoist e publicada na *Quinzaine* de junho de 69 com outra por Clara Kuschnir para e pelo grupo portenho, sob o título geral de “Chomsky, ling stica y política”²⁶ – e com a minúcia de que as perguntas “políticas” couberam aos sul-americanos, enquanto aquelas ling sticas e filosóficas aos franceses. O que isso quer dizer? A justificativa do editor resume-se ao questionamento da rela o entre intelectuais e política, que está na raiz desse número, o segundo de 70 (há um primeiro hiato no *mensuario*, entre fevereiro e abril), e em que se anuncia com alarde, no editorial intitulado “Etapa”, o mergulho decidido na *latinoamericanización*, através do aporte financeiro de grandes editoras do continente,

²⁴ V. entrevista, p. 108.

²⁵ “Los nacionalistas”. *Los Libros* n  1, jul. 1969, p. 16; “El nacionalismo popular”. *Los Libros* n  8, maio 1970, p. 16-17. Aquele   uma resenha de livro de Marysa Navarro Gerassi sobre o nacionalismo argentino; este, outra resenha sobre antologia de artigos do ideólogo peronista Raúl Scalabrini Ortiz.

²⁶ *Los Libros* n  8, maio 1970, p. 12.

transformado em páginas e páginas de publicidade de livros e em poder de difusão continental e mesmo intercontinental, o qual concede ao grupo por um momento a perspectiva de ocupar um lugar hegemônico no debate político-cultural da “década frustrada”.²⁷

Mas há outros conhecidos e políticos motivos de alarde, como a defesa contra as acusações de aparelho ideológico “extranjerizante”, elitista e estruturalista, que é simultaneamente um pedido de desculpas, ao reconhecer-se o “tecnicismo” e a “incomunicación” de algumas colaborações (quais?). Chega-se ao ponto de prometer a superação do “inconveniente”, em função de sentimentos ambíguos entre as categorias (elas mesmas por definição ambíguas) do (inter)nacional e do popular, os mesmos que em parte se dissipam ao afirmar com paradoxal discrição e elegância no mesmo editorial a sua razão vanguardista de ser, que “justifica su existencia”, através do mágico sintagma: “la búsqueda del nuevo”.²⁸

Não à toa, a metamorfose passa a se dar de modo concreto (da “verdade concreta” viemos, a ela voltaremos – v. fim Capítulo Três) com o abandono da vertente exclusivamente bibliográfica, abordando pela primeira vez um filme – *El santo de la espada*, de Leopoldo Torre Nilsson, “la película más cara del cine argentino”, sobre San Martín, por um “estruturaloso” Máximo Soto –, e prometendo abrir-se para todos os gêneros de atividade cultural, do jornal à televisão, ao teatro, ao rádio e ao cinema – aos multimeios, enfim, uma vez que um meio modernizante assim o exige: os tempos pedem e *Los Libros* se mostra atenta, ainda que algo discretamente atenta, a um para-além dos livros.

Este ultrapassamento, no entanto, de modo mais ou menos acidental, pode sinalizar ao contrário um “aquém”, na medida em que o significante “etapa” recobre a edição de uma ponta a outra: nos paratextos finais (essas estranhas trincheiras) do nº 8 festeja-se a publicação do

²⁷ A experiência de expansão mercadológica responde a uma demanda de institucionalização que daria, cerca de um ano depois, a ilusão da “absoluta independencia”, a qual logo se desvanece em meio à maré montante da politização. De início “auspiciada por Fondo de Cultura Económica, Editorial Losada S.A., Monte Ávila Editores C.A., Siglo XXI Editores S.A. e Editorial Universitaria de Chile”, a revista é explícita ao anunciar a boa nova pela voz de seu anônimo editor: “Con este número, *Los Libros* comienza su ‘latinoamericanización’. Los dos últimos meses sirvieron para preparar esta nueva etapa que se insinuaba imprescindible tanto por razones de crecimiento interno como por precisas dificultades económicas. *Los Libros* cuenta ahora con el auspicio de algunas de las más importantes editoriales mejicanas, venezolanas, chilenas y argentinas y con un eficiente sistema de distribución que abarca América Latina, Estados Unidos y España. La mayor solidez financiera permitirá una aparición regular en los primeros días de cada mês y un aumento de tiraje que cubra todas las demandas. Facilitará además, la contratación de corresponsales en todos los países latinoamericanos a fin de ofrecer una información exhaustiva sobre los libros de interés general que aparecen y la incorporación de estudios y colaboradores de América Latina en su conjunto”. *Idem*, p. 2-3.

²⁸ *Idem*, p. 3.

primeiro livro de ensaios de Nicolás Rosa, que é colocado como aquele crítico que dispõe do e que personifica o novo. Reza o comentário a *Crítica y significación*:

Viñas, Mafud, Cabrera Infante, Sartre y Genet: una *nueva crítica* se esboza entre sus problemas, sus requerimientos y sus incertidumbres. Por el rigor y la profundidad, quizá inicie una *etapa*.²⁹

Lembre-se, ademais, que coube ao tradutor e discípulo portenho de Barthes a inauguração da “ecclética” revista – ao lado de (útil e incômoda enumeração) J. B. Rivera contra Sábato, S. Funes contra H. A. Murena, Piglia por (isto é, a favor de) Heller, Del Barco por Sade, E. Pezzoni e García Canclini por O. Paz, E. Laclau pelo nacional e popular, M. Levin por Lacan, J. Aricó por Marx, J. C. Torre pela nova oposição estudantil, O. Heredia pelo arqueólogo Rex González, Gudiño Kieffer pelos grafites e A. Ford por Walsh. Enquanto novos críticos então desconhecidos e mais ou menos *novos*, esboça-se aí todo um vasto quadro de nomes e tons crítico-políticos, com seus ilustrados e militantes elementos escolhidos a dedo e, embora heterogêneos, identificados pelo credo (em uma palavra, o credo *meia-oito*).

A crítica rosiana da nova crítica, a propósito do volume *Nueva novela latinoamericana*, organizado por Jorge Lafforgue, propõe polemicamente a separação entre o velho e o novo, levando-o a rechaçar as presenças de pesos-pesados como Angel Rama e Vargas Llosa. O livro de Rosa é por sua vez objeto de crítica de Josefina Ludmer,³⁰ cuja passagem fugaz por *Los Libros* enquanto a mais refinada das novas *scriptoras* pareceu suficiente para personificar por seu turno a dissidência não apenas no interior da revista como em qualquer âmbito cultural, entre a América do Norte e do Sul, em nome de uma “flexión literal” de psicanálise e de literatura, exacerbando as posições do próprio criador de *Literal*, Germán García, através de uma prática ensaística particularmente enigmática e transgressiva. Tendo partido da busca da “ideologia

²⁹ Idem, p. 28 (grifos meus).

³⁰ Cf. “La literatura abierta al rigor”. *Los Libros* nº 9, jul. 1970, p. 5. Ludmer (sobre quem não poderei me deter neste trabalho) publicou duas resenhas (“Miguel Barnet: el montaje de las palabras”. *Los Libros* nº 3, set. 1969, p. 6; e “Heroína o la palabra psicoanalítica”. *Los Libros* nº 7, jan.-fev. 1970, p. 5 e 29) na etapa inicial e respondeu a uma enquete, “Hacia la crítica” (nº 28, set. 1972, p. 5-6) já na fase intermediária, de “Para una crítica política de la cultura”. Somente reapareceria na fase final, de “Una política en la cultura”, e mesmo assim para ser criticada, por sinal ao lado de Jitrik, na seção “Información de *Los Libros*” (nº 41, maio-jun. 1975, p. 4), em que são impugnadas as propostas de atualização teórica feitas por ambos na leitura de textos escolares na coleção “Narradores de Nuestro Mundo” da Librería del Colegio, em cuja apresentação é identificada nada mais ou menos que “la espuma de la vanguardia de *Tel Quel*”.

literária” desde os primeiros ensaios, dos anos 60, posteriormente vai reelaborar com extremo rigor esse problema básico, “tratando de autorizar cientificamente”, segundo (de novo) Rosa, “una de las categorías más complejas de la teoría de la crítica contemporánea: la del sujeto productor de la obra-texto”.³¹

O processo de gradativa *desfoliação* da revista dá-se entre os números 20 (jun. 1971) e 29 (mar.-abr. 1973), o que – a exemplo do Capítulo Dois – não deve ser lido como mero eufemismo e que não à toa acontece em um contexto histórico de violência e enfrentamento de dois blocos de bárbaros (segundo cada uma das visões) a reivindicarem um ideal de civilização, utópica ou não, que passa por uma não menos flutuante noção de revolução, tida igualmente como exclusiva de parte a parte. “En su nueva etapa” (conforme se lê na capa do nº 21), o papel logo será jornal e o preto-no-branco toma conta, enquanto duas correntes pouco homogêneas se confrontam durante quase dois anos, até a implosão na última edição (nº 28, set. 1972) em grande formato e em grande forma, levando-se em conta o tamanho da pugna. Encena-se nesse período uma crise no sentido fundo da palavra, culminando com um artigo da lavra de seu (todavia) diretor,³² cuja linguagem é caracteristicamente barthesiano-telqueliana: a um tempo rigoroso e panorâmico em relação às vertentes teórico-críticas em jogo entre os candidatos a novos críticos (além de *nuevos hombres*) argentinos, “La búsqueda de la significación literaria” (título que resume um programa) viria a ser o réquiem do “editor responsable” em sua própria máquina de textos, bem como o réquiem de seu modelo de revista, posto em discussão desde a proclamação de “independência” de um ano antes mas mantido de algum modo até então.

Acontece que, utilizando-se da presença de vários colaboradores no segundo volume de *Nueva novela latinoamericana. La narrativa argentina actual*, que é objeto de sua resenha, Schmucler ataca com inusual contundência vários de seus colaboradores, alguns deles presentes na mesmíssima edição, tendo como maior alvo o crítico e escritor Noé Jitrik, desde a sua exaltação no texto imediatamente anterior da revista por E. Romano – cujo trabalho no livro é por sua vez considerado eticamente “indemonstrable”, a exemplo entre outros daquele do Centro

³¹ Rosa, N. “Veinte años después o la ‘novela familiar’ de la crítica literaria”. *Cuadernos hispanoamericanos* (La cultura argentina. De la dictadura a la democracia), nº 517-519, Madrid, jul.-set. 1993, p. 335. V. nota 33.

³² *Los Libros* nº 28, set. 1972, p. 17-8. Como menciona Ricardo Piglia em seu depoimento, Schmucler procura contrabalançar a investida superesquerdista daquele ao lado de Sarlo Sabajanes e Carlos Altamirano através de um conselho de direção (a partir do nº 25, março 72) integrado por seus aliados da hora, os psicanalistas Miriam Chorne e Germán García. O conselho naturalmente implode em favor do grupo maõ alguns meses depois.

de Investigaciones Literarias Buenosayres (que incluía Sarlo) sobre Marechal (tido como de “una insuperable carencia imaginativa”), de A. Ford sobre Rodolfo Walsh (considerado limitado), de Barrenechea (por que “su inclusión en un intento de nueva crítica”, pergunta-se com razão), de C. Fernández Moreno (a quem sugere com sarcasmo uma inversão no título: de “El caso Sábado” para “El caso Fernández Moreno”). O círculo da crise fecha-se com referências elogiosas a Piglia, que proporia “sucesivas aperturas” à leitura de Puig, assim como o faria Rosa em relação a Jorge Luis Borges, visto corajosamente (sobretudo na Argentina de 72) como revolucionário.³³ Não é gratuita a sua reivindicação da “nueva crítica” como “práctica de la escritura” e da gramatologia derridiana, assim como não é gratuita a ruptura representada pela vigésima-oitava e última revista do “primeiro ciclo”, cujos editoriais (e dessa vez há dois) anunciavam “El silencio de Trelew”, sobre o massacre de 16 militantes revolucionários, e a necessidade de ir “Hacia la crítica” (em proposta de enquete correspondida por apenas alguns intelectuais, como veremos adiante com Piglia), tendo como alvo “la forma de producción de la cultura dominante” “en el contexto de la lucha de clases en la Argentina”.³⁴ Na reformulação seguinte do grupo, feita em nome do marxismo-leninismo, Piglia como se sabe vai persistir, mas não até o fim.

Vale registrar também que, ainda antes do período do lema “Por una crítica política de la cultura” (a partir do nº 22, set. 1971), este – que corresponderia à estrutura em “trevo” de *Los Libros* – foi enunciado letra por letra no editorial daquele imediatamente anterior (de agosto), estando portanto no ar nesse momento em que se modificam não apenas os protagonistas mas os conteúdos e objetos críticos da revista, a qual, mesmo empobrecida em nível material, aparece cada vez mais politicamente rebelde e intelectualmente faminta, *comme il faut*: “Hoy, *Los Libros* apetece constituir un espacio adecuado para *una crítica política de la cultura*, lo que no significa abandonar las primeras propuestas” – todo o contrário (ao menos por enquanto), sendo preciso ler “con lucidez” tanto os textos que “ofrece la escritura” como “esos otros textos que

³³ As gentilezas entre os membros do núcleo inicial da revista vão e vêm, não sem razões e poder de sugestão, como na seguinte constatação de Rosa: “En 1972 apareció un trabajo titulado ‘Clase Media: cuerpo y destino. Una lectura de *La traición de Rita Hayworth*’ (Manuel Puig), firmado por Ricardo Piglia (1941). Creímos que había surgido un crítico: nos equivocamos, había aparecido un novelista. De este equívoco se alimenta toda la producción de Ricardo Piglia”. Cf. “Veinte años después o la ‘novela familiar’ de la crítica literaria”, op. cit., p. 182; panorama revisto e ampliado em Rosa, N. (ed.). *Políticas de la crítica*. Buenos Aires: Biblos, 1999, p. 321-347 (a citação reaparece *ipsis litteris* à p. 340); registre-se, paralelamente, que a introdução desse volume por Rosa, “Hipótesis sobre la relación entre la historia y la literatura argentina”, foi apresentada no *Encuentro sobre la crítica literaria argentina de las dos últimas décadas*, na Universidad Nacional del Sur, de Bahía Blanca, em 97, em cuja compilação a cargo de Alberto Giordano e María Celia Vázquez – *Operaciones de la crítica*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1998 – aparece pela primeira vez.

³⁴ *Los Libros* nº 28, set. 1972, p. 3.

constituyen los hechos históricos sociales”. Experimenta-se um momento chave de politização generalizada e de vontade de intervenção na esfera pública, ao qual o grupo responde sob o influxo de 68, tratando-se, “en última instancia, de contribuir al cambio de las condiciones en que se produce la cultura y que incluye la posibilidad de una lectura radicalmente distinta de los libros”.³⁵

Apesar de Piglia – que é a um tempo um “distinto” e um “radicalmente distinto” leitor de *Los Libros* – ter ajudado a fundar e manter a publicação, seu *engagement* somente parece se tornar efetivo a partir de 72, ou seja, na hora da independência. Esta significaria, paradoxal mas concretamente, uma breve abertura para o futuro fechamento, quase imediato, que vai se consolidando em sua aliança com Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano em torno de um projeto de órgão de intervenção e combate, ideologizado portanto de modo vertical de seus pré a seus paratextos – e especialmente atraente, segundo parece, em função dessas mesmas características negativas. Os textos piglianos desde a fase de autonomização, mais do que aqueles de Sarlo, parecem merecer o epíteto de idiossincráticos – e assim são lidos aqui. Como aparato *revolucionarizante* o periódico experimenta um processo de homogeneização em contraste com o pluralismo e o arejamento característicos da etapa inicial, a fim de adotar certa e suposta nova ordem e com ela impor a reorganização da própria casa, ou seja, de toda uma nação em estado de sítio permanente por uma já longa e terrível temporada de *respiración artificial*, a qual se estenderia, entre milhares de expurgos, como se sabe, até a década seguinte. Não só para Piglia, como quer Sarlo (cf. adiante), o lema é *ordenar*.

³⁵ *Los Libros* nº 21, ago. 1971, p. 3. Esse voluntarismo emerge mesmo em seus métodos (anti)publicitários, a exemplo da contracapa do nº 25 (março 72): “Sabemos que muchos libros no muerden, que sirven para adormecer, para encandilar, para opinar. Los Libros es para saber. Por eso nos interesa aclarar que saber es lo contrario a opinar. Uno opina según lo que desea, LOS LIBROS quiere saber según lo que acontece. No queremos ofertarle 6.000 millones de letras, 25 millones de punto y coma y esas cosas, sino una lectura fundada de la realidad mas allá de las descripciones efectistas. Esperamos que trate de pensar contra nosotros o con nosotros, por eso le hacemos la siguiente propuesta [quadro de endereços e preços de assinaturas]. Como puede observarse, en nuestro sistema las relaciones empiezan por ser económicas. Los Libros tiene qué decir sobre la cuestión POR ESO MUERDE”.

III. O intruso

Hay una larga historia de intelectuales europeos asimilados por la cultura argentina. Pedro de Angelis, Paul Groussac, Amadeo Jacques, Charles de Soussens, son algunos de los nombres de una compleja tradición de intelectuales extranjeros que se integran y llegan a cumplir funciones a menudo decisivas en distintos momentos de nuestra historia. Preguntarse por esa función, preguntarse cómo fueron integrados, qué lugar ocuparon, cómo influyeron en la literatura argentina es un modo de entender los mecanismos de una cultura que – definida desde el principio por la oposición entre civilización y barbarie – tuvo en el europeísmo, en el cosmopolitismo, una de sus corrientes principales.

Emilio Renzi³⁶

¿Para quién escribir? ¿Desde dónde? ¿Quién nos puede leer?: toda la reflexión “estética” de Mao está destinada a definir la producción artística como respuesta específica a una demanda social, diferenciada, que nace en la lucha de clases.

Ricardo Piglia³⁷

Reato o fio textual com (mais) um parágrafo telegráfico que serve como recomeço ou como esboço, à maneira de um exemplar preguiçosamente indexado de dada revista – sem desdenhar que o fundamento básico de toda indexação é o princípio de ordem. A referência aqui é a uma leitura de Jorge Luis Borges feita por Ricardo Piglia em outra data-chave, 1980, publicada primeiro em *Punto de Vista* – a sucessora de *Los Libros*, então na clandestinidade – e depois, no Brasil, nas páginas do extinto suplemento *Folhetim (Folha de S. Paulo)*, em 84, preparando a entrada do escritor no mercado editorial nacional: a Iluminuras publica *Respiração*

³⁶ Renzi, E. “Hudson: ¿Un Güiraldes inglés?”. *Punto de Vista* n° 1. Buenos Aires, mar. 1978, p. 23. Renzi, sabe-se, é o alter-ego de Piglia devido a Arlt, sendo que também funciona como pseudônimo sob a ditadura.

³⁷ Piglia, R. “Mao Tse-Tung. Práctica estética y lucha de clases”. *Los Libros* n° 25, mar. 1972, p. 22.

artificial, de 80, em 87, sucedendo-se uma série de traduções para a mesma editora, até a compra do valorizado passe do autor pela Companhia das Letras, que lança *Dinheiro queimado*, de 97, em 98 – fazendo crer que o crime não só compensa como re-compensa, conforme sugestão do próprio escritor (algo distorcida) em algum recôndito de seu laboratório. O ensaio sobre Borges aparece na *Folha de S. Paulo* em agosto de 84 como “A heráldica de Borges”, o qual retomo a seguir; basta antecipar, por enquanto, o seu título original, em *Punto de Vista* nº 5: “Ideología y ficción en Borges”, e considerar o significado da mudança, a qual responde à universalização representada por sua publicação em outra língua, em outro momento, distante da necessidade de intervir em um cenário político-cultural em ruínas.

Todas as obsessões de Piglia estão condensadas no romance crítico *da ditadura argentina*. No centro delas, sendo a própria literatura argentina,³⁸ encontra-se a figura de Borges, a princípio reprimida – já que no debate duro da esquerda argentina seus textos eram identificados com “el enemigo principal” –, enfim retomada, para o bem e para o mal. De modo que o ensaio sobre a ideologia e a ficção borgianas pode ser visto como uma espécie de “capítulo prescindível” – aquele do qual não se pode prescindir – de *Respiración artificial*. Em duas décadas, seu ativo percurso pelo vasto mundo editorial portenho, no arco tenso entre a política e o mercado, desemboca no relato que se torna um *best-seller* quando o governo militar começa a dar sinais de cansaço. Em *Los Libros*, um dos veículos de cultura em que milita (e, como reconhecido mestre do gênero entrevista, ao lado de sua crescente influência intelectual, circula à vontade por diversos meios), são intervenções quantitativamente escassas mas ideologicamente decisivas para o desenho de seu perfil de etapa em etapa, ao que se poderia denominar “o decálogo de Piglia”.³⁹

Desde o primeiro número – que como se viu sai em julho de 69 com pompa e circunstância, quer dizer, cores e o suporte de uma editora –, o escritor se anuncia em pouco mais de uma página, resenhando uma narrativa de Joseph Heller, como o especialista em literatura norte-americana da revista. Logo no início de seu depoimento declara ter decidido não

³⁸ “Ahora, ¿por qué Borges está en el centro del debate? Porque es el escritor que ha definido los modelos de estilo en este país, pero no porque él sea un modelo de estilo. Entonces yo creo que *el debate sobre Borges es un debate sobre la literatura argentina*”: Piglia na *Primera reunión de narradores argentinos en el Hotel del Bosque de Pinamar* (1992), citado por Diego Poggiese em “El peso de una verdad otra (o cómo diseñar el monumento de uno mismo)”. *Operaciones de la crítica*, op. cit., p. 155 (grifo meu).

³⁹ Contam-se dez textos ao todo, incluindo-se aí a resposta à enquete “Hacia la crítica” e a carta-despedida, embora a marca de Piglia apareça também em questões de entrevistas, informes, manifestações e introduções.

figurar entre os editores por considerá-la, de início, *muy ecléctica*, o que se deve ler como excessivamente “liberal”.⁴⁰ Mas, com a radicalização política do grupo (um processo simultâneo ao de sua configuração mesma enquanto “grupo”), assim como de todo o país, sua visão de mundo encerra-se na camisa-de-força populista de células absolutamente stalinizadas, delirantes e messiânicas, para empregar agora a adjetivação devida aos próprios protagonistas da trama, utilizada após o lento retorno das sombras que *Punto de Vista*, desde 1978, e *Respiración, artificial* em muitos sentidos prefiguram.

Assim, com “Heller, la carcajada liberal”, propõe uma abordagem de uma narrativa, *Trampa 22*, que considera apresentar um “novo estilo de romance” nos Estados Unidos, o qual se situaria entre a comicidade e a vanguarda, indo muito além – afirma com ênfase, em sintomática conjunção – das experiências vanguardistas francesas e “tropicais” latino-americanas, de muito êxito, sem deixar de dar nome aos bois ao menos do lado de cá: Asturias, Carpentier, García Márquez.⁴¹ O então colaborador de *Los Libros*, ligado também à editora Tiempo Contemporáneo – sendo o responsável por sua “Serie Negra” que publica 28 títulos exclusivamente norteamericanos e dura quanto dura a revista (1969-76) –, deixava claras suas reservas em relação às novidades francesas e ao chamado *boom* da literatura latino-americana.⁴² Ressoa aí o discurso forte de cepa viñesco-sartriana, de que Piglia é igualmente tributário, embora se situe entre *Contorno* e *Crisis*, digamos. Nada por acaso, retornaria na última edição do primeiro ano (abrindo o nº 6, de dezembro de 69), com uma resenha de *Cosas concretas*, narrativa de David Viñas, cujo prestígio como crítico literário tornara-se alto sobretudo após a publicação de *Literatura argentina y realidad política* (1964), pelo mesmo editor Jorge Alvarez – que, a exemplo de vários outros jovens escritores, também havia apostado no livro de estréia de

⁴⁰ V. entrevista, p. 21.

⁴¹ As bibliotecas pessoais sóem, porém, apresentar surpresas. Por exemplo, o apego de Gilles Deleuze por Miguel Angel Asturias (abordado adiante) e o elogio de Piglia ao escritor colombiano (v. nota seguinte).

⁴² 1968 é, naturalmente, um divisor de águas ao qual Piglia tampouco esteve imune: precisamente nesse ano faz publicar duas antologias tão diversas quanto reveladoras, a já mencionada *Yo e Crónicas de Latinoamérica* (Ed. Jorge Alvarez), assinando seu prólogo – no qual sintomaticamente não menciona a obra de García Márquez, embora esteja presente com “Un día después del sábado” – e as notas introdutórias; transcrevo o trecho final da nota que é uma exaltação do escritor que acabara de publicar *Cien años de soledad* e cujo estilo adjetivado é *falso* por não corresponder ao do compilador: “Este cuento es una muestra de ese mundo ceremonial y mágico que García Márquez sabe recrear sabiamente con un arte riguroso y cincelado, cuidadoso del equilibrio verbal, en el que todo parece deslizarse detrás de un vidrio esmerilado que empaña y enturbia los hechos hasta recortarlos en una atmósfera mítica: estos pájaros muertos que llueven del cielo en medio de las premoniciones del Apocalipsis son una muestra, una cifra del finísimo dibujo con el que García Márquez está trazando el mapa secreto de Colombia. Y del mundo” (p. 26). O único brasileiro presente é Guimarães Rosa com “Duelo” (*Sagarana*, 1946) em tradução de um certo E. C.

Piglia.⁴³ E talvez não deva ser desconsiderado o detalhe de que *Cosas concretas* é publicado pela própria editora em que atua o resenhista, cuja leitura termina com a seguinte frase feita: “la literatura que actúa en la legalidad del mercado es el reverso del discurso clandestino, silencioso, de la práctica revolucionaria” – ou seja, o discurso estentóreo de (ou dos) Viñas, provavelmente por força de um temeroso respeito, quiçá apenas outra espécie bárbara de *politique de l’amitié* que reprime a tentação do fratricídio (se não parricídio), já que o discurso revolucionário em questão pode ser lido como aquele do próprio Piglia, “trabajador intelectual” integrado à guerrilha que se estabelece em seu país e cujas conseqüências persistem (como aqui) em discussão.

Em março de 70 realiza uma entrevista particularmente marcante cujo protagonista é Rodolfo Walsh, tradutor e autor de tramas policiais (como Piglia) à maneira americana (do sul e do norte, se diria), além de peronista e revolucionário que *desaparece* pela causa.⁴⁴ O título desse diálogo não menos idiossincrático é uma sentença do autor de *Operación masacre* que resume o sentido da relação arte-política então em voga no país: “Hoy es imposible en la Argentina hacer literatura desvinculada de la política”⁴⁵. Mantendo-se sempre à distância do nacionalismo, Piglia de sua parte trataria de mundializar a crise, reconhecendo nos *Black Panthers* e seus cronistas os melhores representantes de suas posições no período: com quatro páginas dedicadas à “Nova narrativa norte-americana”, protagoniza o décimo-primeiro número de *Los Libros*⁴⁶ através de um ensaio que decalca o discurso violentamente ideológico dos Panteras Negras, ainda que reconhecidos antes como propagandistas do que escritores, a cavarem “espacios de resistencia y

⁴³ O comentário sobre Jorge Alvarez aparece em “Entrevista”. Ricardo Piglia. *Conversación en Princeton*. Program in Latin American Studies, Princeton University, 1998, p. 12.

⁴⁴ A única resenha dedicada a um livro de Walsh – *¿Quién mató a Rosendo?* – na história da revista é a de seu número de estréia, por Aníbal Ford. Efeito malévolo das posições não nacionalistas do trio que vai tomando a revista de assalto em 72, ele se torna um *desaparecido* antes de morrer em *Los Libros*. Mas o antinacionalismo de Sarlo e Altamirano se faz ambíguo e pouco convincente quando, em 75, decidem apoiar o governo de Isabel Perón, como se verá, o que provoca a ruptura com Piglia e de algum modo reinventa o passado peronista cristão de Sarlo.

⁴⁵ A entrevista permanece inédita até ser publicada como introdução a um conto de Walsh, *Un oscuro día de justicia* (Buenos Aires: Siglo XXI, 1973, p. 9-28). “Existen dos versiones de la misma, una de 1973, en pleno auge del tercer gobierno peronista; otra de 1987, durante la revisión crítica del peronismo de la década precedente”, informa Rita De Grandis. “Piglia reelabora la primera versión, rescatando principalmente las reflexiones del propio Walsh sobre su práctica literaria”. Cf. De Grandis, R. *Polémicas y estrategias narrativas en América Latina*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1993, p. 94 (nota 8).

⁴⁶ Número de setembro de 69, sendo que, lembre-se, a revista ampliara seu espectro de “un mês de publicaciones en Argentina” para “un mes de publicaciones en América Latina” desde maio (nº 8), a partir do *marketing* da integração continental e do patrocínio de seis editoras hispano-americanas.

de oposición a la voracidad del sistema”: Malcolm X, Eldridge Cleaver, LeRoi Jones, Ralph Brown, entre os primeiros a tentarem uma prática política com perspectiva coletiva, segundo sua leitura *à la china* (nos diversos sentidos que a expressão possa ter). Em outras palavras, praticamente sacrificando o primeiro elemento em nome do segundo no horizonte absoluto da fórmula walshiana.

Na perspectiva de um *novo* escritor e propagandista, Rodolfo Walsh estaria para a Argentina assim como William Burroughs para os Estados Unidos.⁴⁷ Desde a tribuna (ainda) pluralista de *Los Libros*, aponta nele “quizás el más importante de los novelistas norteamericanos de esta década”. Não sem as esperadas reservas, contudo: ao destacar sua “escritura desintegrada” e a quebra das leis de “productividad textual admitidas por la burguesía”, acrescenta que “esta experiencia se cierra en sí misma ahogada por una oposición que cae fuera de ‘la literatura’ sin salir del sistema” – ao contrário dos Black Panthers, que relaciona constantemente com os revolucionários chineses. Nesse momento de alta dos ideários rebeldes, vai insinuar também o fim da idéia, considerada limitada, de gêneros literários e o fim do conceito, considerado burguês, de “livro”, com a ressalva não menos significativa – por *falsa* – de que são “estériles las polémicas” entre *realismo*, *vanguardia* ou *compromiso* (cf. discussão sobre os gêneros a seguir). Não à toa, seu estilo apodíctico viria a se tornar uma marca registrada: a partir de sentenças do tipo, assim como aquela definitiva de Walsh, desenha-se com (excessiva) nitidez o mergulho no discurso dogmático e sem concessões tributário de Mao Tse-tung, não apenas anti-soviético como anticubano, definindo-se claramente o que já vinha sendo anunciado.

⁴⁷ Se Walsh desaparece abruptamente *manu militari*, Burroughs aparece e desaparece gradativamente de *Los Libros*: é referência durante toda primeira etapa, culminando com a reprodução de uma entrevista bombástica feita por um francês no nº 18 (abr. 71). Cedo à tentação de antecipar aqui seu resumo (v. Indexação): “Entrevista reveladora do ‘balaio de gatos’ que é esta edição da revista: nacionalismo versus antinacionalismo, Argentina versus França/Europa/Estados Unidos, carne e geração *beat*. Os trinta fragmentos do depoimento de Burroughs ao escritor francês D. Odier (trad. R. Palacios More) impactam ao sinalizar com acuidade a um certo clima de época, apesar de todas as suas contradições, muito mais manifestas à época: apoio à China ‘roja’ e à rebelião estudantil, definição dos EUA como ‘pesadilla absoluta’, ao mesmo tempo que lugar ideal para fazer dinheiro, declarações sobre as drogas (às vezes positivas, às vezes negativas), aparência de extrema lucidez em relação à literatura e à realidade, ao que significa ser um escritor e ao que o separa de um jornalista”. Cf. “Diálogo com William Burroughs”. *Los Libros* nº 18, abr. 1971, p. 20, 22 e 24.

IV. *Whodunit*: sobre o “gênero dos gêneros”

El subdesarrollo y la dependencia se insinúan en todas partes y por los más sutiles conductos.⁴⁸

Con su escritura, Barthes –lector de Derrida, apasionado por la escritura-pintura japonesa– confirma la verdad de lo que cuenta.

Beatriz Sarlo⁴⁹

Antes de chegar às investidas especificamente “chinesas” do *criminoso decente* Emilio Renzi, cabe reinscrever os modos particulares de seu desvio na direção do gênero policial através da vertente *negra* norte-americana: trata-se da descoberta de uma resposta eficaz exigida por uma nova esquerda (algo precocemente envelhecida) para o debate sobre as possibilidades de uma literatura que fosse ao mesmo tempo aberta e de cunho social. Tendo em um *yanki* filiado ao Partido Comunista, Dashiell Hammet, o melhor modelo – e não em um *junky* desclassificado porque alheio ao fenômeno da luta de classes:

Es decir, encontrar ahí una tradición de izquierda que no tenía que ver con el realismo socialista, ni con el compromiso ni con la teoría del ‘reflejo’ en el sentido de Lukács, sino con una forma que trabaja lo social como enigma. No era un simple reflejo de la sociedad, sino que traficaba con lo social, lo convertía en intriga y en red anecdótica.⁵⁰

⁴⁸ “En este número” (editorial anónimo). *Los Libros* n° 21, ago. 1971, p. 3.

⁴⁹ Sarlo, B. (introd. e sel.). *El mundo de Roland Barthes*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1981, p. 8.

⁵⁰ Cf. Ricardo Piglia. *Conversación en Princeton*, op. cit., p. 9-10 (grifo meu). Vale destacar esta publicação norte-americana dedicada a sua obra pelo “Program in Latin American Studies” da Universidade de Princeton, onde o escritor argentino ministra seminários regularmente. Chama a atenção o fato de terem sido apagadas da bibliografia desta publicação, que contém extensa entrevista e profusão de dados bibliográficos, seis intervenções do escritor em *Los Libros* – todas de sua etapa mais ferozmente maoísta.

Quanto ao melhor contramodelo, sendo questão de ficção e ideologia, o teria em um *gaucho* reacionário chamado Jorge Luis Borges – isto é, “a literatura argentina”. Por volta de 1975, uma dupla de historiadores entrevista o autor de *Ficciones* a propósito do gênero policial. Discutindo sem muita disposição a (grande) incidência do gênero na Argentina, e a tendência de seus autores a se deixarem levar pelo gosto da paródia – em referência às suas próprias experiências ao lado de Bioy Casares –, acaba por lançar uma resposta tão lacônica quanto capciosa a uma pergunta várias vezes maior: “Creo que el autor argentino suele desdeñar lo que está haciendo”. Diante da rápida réplica, que veio a ser a melhor deixa – “¿es también su caso?” –, Borges tergiversa (ou mente):

En el 55 perdí la vista. Desde entonces me he dedicado a otras cosas. A estudiar lenguas, al anglosajón y, últimamente, al escandinavo. *Ahora ya no me interesa la literatura policial.*⁵¹

Sabe-se porém que, interessado ou não, o velho escritor ministra, pouco depois, em 78, uma aula razoavelmente minuciosa sobre o conto policial, recolhida na antologia *Borges oral*.⁵² Nela reafirma categoricamente e antes de mais nada que Edgar Allan Poe foi o criador do gênero e aproveita para lançar uma breve discussão a respeito do que chama de *un pequeño problema previo*: “¿existen, o no, los géneros literarios?” A resposta seria naturalmente um sonoro sim, em favor da leitura e do leitor, conforme um fragmento de “El cuento policial”:

Los géneros literarios dependen, quizá, menos de los textos que del modo en que éstos son leídos. El hecho estético requiere la conjunción del lector y del texto y sólo entonces existe. Es absurdo suponer que un volumen sea mucho más que un volumen. Empieza a existir cuando un lector lo abre. Entonces existe el fenómeno estético, que puede parecerse al momento en el cual el libro fue engendrado.⁵³

⁵¹ A entrevista aparece em Lafforgue, J. e Rivera, J. B. *Asesinos de papel. Una introducción: historia, testimonios y antología de la narrativa policial en la Argentina*. Buenos Aires: Calicanto, 1977. Ambas citações encontram-se à p. 58 (grifo meu). O volume reúne um extenso estudo, alguns depoimentos (um deles de Piglia) e uma significativa antologia de contos policiais argentinos. Os autores informam, oportunamente, que Borges só pronuncia a palavra “detetive” em inglês.

⁵² Borges, J. L. *Obras completas* vol. IV (1975-1988). Barcelona: Emecé, 1996.

⁵³ *Idem*, p. 189.

Sim, os gêneros são protocolos de leitura, são modos de ler, responde, vinte anos mais tarde, Ricardo Piglia, adepto dos relatos policiais à maneira norte-americana, à diferença de Borges, com quem, no entanto, está afinado (*a posteriori*) no que diz respeito ao problema dos gêneros, substituindo-se a idéia de seu esboroamento por aquela de sua eficácia prática:

Yo creo que los géneros tienen un lugar importantísimo, que los géneros son protocolos de lectura, digamos, son marcos, y que por lo tanto nunca jamás van a desaparecer. Lo que se puede hacer es que se pueden mezclar. Un género sería la estabilización relativa de un protocolo, de una forma y de una expectativa de lectura. Es un modo de leer un género, no es otra cosa que eso.⁵⁴

De fato, nunca abordamos a literatura com um “ponto zero”, agregará. E, de fato, o gênero policial vai influenciar mais organicamente a Piglia do que a Borges – este envelhecido “pai” (que ignora, ou melhor, faz questão de ignorar o que possa vir a ser uma literatura “social”), a quem, aliás, teria a oportunidade de *assassinar* repetidas vezes, à maneira parricida do grupo *Contorno*,⁵⁵ com uma *pequena* diferença póstuma: para ressuscitá-lo em posição central. Por outro lado, o debate em torno do gênero policial nos anos 60 tem íntima relação com estas *mortes-em-vida*, embora funcionem através de uma leitura absolutamente anárquica do social. A abordagem crítica da “nova literatura norte-americana” empreendida por Piglia nesse período, assim como aquela de Roberto Arlt (cf. adiante), baseia-se no pressuposto básico da transgressão, uma vez que a própria sociedade estaria estruturada no delito. Não haveria, portanto, origem ou fim do delito. Não haveria sequer o assassino segundo esta nova concepção do gênero policial, porque o crime é em si um *parti pris*, o crime encontra-se disseminado.

A noção de transgressão implícita em seu ponto de vista conduz à conclusão de que todo gênero representa um debate social, e que o novo romance policial – em que *la haute puissance du faux* se torna o elemento chave⁵⁶ – exhibe no interior desse mesmo debate uma dupla origem, intelectual e popular, um duplo registro, *entre* o enigma e o romance, e um duplo regime de

⁵⁴ V. entrevista, p. 26.

⁵⁵ A revista, tão efêmera quanto influente, surgiu na segunda metade dos anos 50, para uma revisão do panorama da crítica argentina à base de Marx, Lênin, Sartre e Luckács, em violenta contraposição ao grupo liberal de *Sur*. O crítico uruguaio Emir Rodríguez Monegal dedicou-lhes um livro, *El juicio de los parricidas*, em 1956.

⁵⁶ Cf. Deleuze, G. “Philosophie de la série noire”. *Arts et Loisirs* n°18, 1966, p. 12-13.

leitura, o hermenêutico e o narrativo, segundo Antelo.⁵⁷ Nesse panorama caótico da nova narrativa negra, cuja peculiaridade reside no fato de que o criminoso e o detetive surgem superpostos e indecíveis, o elemento social aparece enquanto “massa”, ao passo que a subjetividade se constituiria em forma de transgressão. Esta dupla face dos relatos policiais, teorizada a seu modo por Borges, seria portanto reconstruída por Piglia em chave socialmente transgressiva, a partir de um certo jogo “genérico” de interstícios, uma experiência de limites político-críticos.

Mas se, na atualidade, os gêneros também para Piglia são “modos de leer”, em torno de 70, no interior do “laboratório ideológico” de uma revista cultural argentina (conforme uma expressão de Sarlo, cuja trajetória mostra que o periodismo político-cultural é a própria vida), ainda não o eram. Ao passar a limpo, em tom de manifesto, a “nueva narrativa norteamericana”, o escritor – que ainda não completara três décadas de existência – conclui o texto no mais puro espírito coletivista e *changista*, característico de 68, avesso a todo protocolo:

De la narración como refugio en los novelistas del “héroe”, a la negatividad absoluta de Burroughs, todo un circuito encierra a la literatura norteamericana en una *oposición integrada* a los valores del sistema: la práctica de los *Black Panthers*, al crear una perspectiva revolucionaria en el interior de los EE.UU. da lugar a una de las escrituras más radicales de este tiempo. Quebrando la idea de “géneros”, desechando las diferencias retóricas entre “poesía”, “ensayo” o “narración”, liberándose incluso de la idea de libro, la actividad de los propagandistas negros viene a redefinir en la *práctica* la función de la escritura: Si tenemos en cuenta que al abrir un nuevo frente de combate contra el imperialismo norteamericano, los militantes del *Black Panthers* integran su acción en el contexto de las luchas del Tercer Mundo, se ve la importancia que puede tener entre nosotros (respetando diferencias y mediaciones) el estudio y el debate de esta experiencia que dejando de lado las estériles polémicas entre “Realismo”, “Vanguardia” o “Compromiso”, hace también del lenguaje el lugar de una revolución.⁵⁸

Em tempos de campos políticos bem demarcados, e de uma busca radical de pureza (no sentido da redenção socialista), a revolução devia estar cada vez mais em todas as partes e possuir um caráter *permanente*, a partir dos postulados de Bertolt Brecht, cuja ascendência sobre

⁵⁷ Antelo, R. “Notas performativas sobre el delito verbal”. *Variaciones Borges*, 2, Aarhus (Dinamarca), 1996.

⁵⁸ Piglia, R. “Nueva narrativa norteamericana”. *Los Libros* nº 11, set. 1970, p. 14.

Piglia é tão conhecida quanto assumida. Muitos números e polêmicas depois, Brecht é assunto para Piglia na edição de *Los Libros* que, na página três, estampa não um editorial e sim duas cartas-editoriais, lado a lado: sua despedida “fraterna”, por diferenças políticas na avaliação do governo de Isabel Perón, e a resposta de Altamirano e Sarlo. São suas últimas intervenções na quadragésima edição (mar.-abr. 75), comemorada com artificios,⁵⁹ cuja capa trazia quatro grandes temas, um deles brasileiro: a restauração do capitalismo na URSS; Brecht; Marxismo e revolução na Ásia; e a pedagogia – impugnada por reformista – de Paulo Freire.

Uma mostra de que a separação é realmente cordial encontra-se no fato de terem voltado a se reunir apenas três anos depois para fundar *Punto de Vista* com verbas de “Vanguardia Comunista”, cuja direção seria logo eliminada pelos militares. Outra mostra: a eleição das “Notas” como carro-chefe de um número importante para a história da revista. Nelas, a pretexto de resenhar trabalhos “inéditos” sobre literatura e arte, em antologia vista como “uno de los acontecimientos más importantes en la crítica marxista desde la publicación de los cuadernos de la cárcel de Antonio Gramsci”, aproveita para fazer propaganda. De novo, insiste-se sobre a prática como “fundamento último de cualquier trabajo cultural”:

una crítica materialista se funda, justamente, en el control que, en un campo a primera vista tan “espiritual”, debe ejercer la experiencia concreta para evitar el riesgo de una especulación idealista.⁶⁰

De novo, o papel orgânico dos aparatos culturais, a literatura vista como um campo material da luta de classes:

En el fondo los críticos trabajan todos con una ficción teórica: la de un sistema de valores independiente del dinero. Para Brecht el más “refinado” crítico de arte en el capitalismo es el

⁵⁹ A efeméride merece uma contracapa reveladora, com direito a texto programático de tom moralizante: “Los Libros ha publicado 40 números; ello significa más de cinco años de presencia ininterrumpida en el espacio de la cultura argentina; también significa haberse desprendido de una tradición de revistas efímeras, de proyectos incapaces de resolver positivamente las contradicciones de la realidad político-cultural, o agotados ante las dificultades crecientes de la producción material. Los Libros, con sus 40 números, demuestra hoy que una intervención política, desde una perspectiva popular y antimperialista, en el campo de la cultura es no sólo una consigna sino un curso de acción y un programa práctico” (p. 44). O trecho em destaque remete à solução *positiva* do conflito com Piglia, estampada na edição em sequência das cartas-editoriais e as “Notas sobre Brecht”.

⁶⁰ Piglia, R. “Notas sobre Brecht”. *Los Libros* n° 40, mar.-abr. 1975, p. 4.

dinero y el “gusto” estético no es otra cosa que una sublimación de la capacidad adquisitiva.⁶¹

Ao final, fornece uma chave para a sua própria visão “artificiosa” da realidade, quer dizer, da literatura, sobretudo porque se consolida na narrativa de 1980. Na última nota, a de número 17, diz:

El realismo brechtiano combina distintas técnicas e instrumentos de trabajo para producir un efecto de realidad. En este sentido para Brecht no es realista quien “refleja” la realidad (...) sino quien es capaz de producir *otra* realidad. (“No soy realista, soy un materialista; escapo del realismo yendo hacia la realidad” decía Eisenstein con palabras que parecen de Brecht). Esta otra realidad es “artificial”, construída, tiene leyes propias y exhibe sus convenciones.⁶²

De sua parte Brecht, que foi um leitor e um teórico não menos transgressivo do gênero, propunha em anotações da década de 20, em modo extremamente irônico, um retorno ao gênero – “Os romances policiais são a única ocasião em que me torno mordaz contra a literatura. Voltemos a eles!” – e, como se não bastasse, via a própria história da instituição da literatura enquanto um romance policial, mantendo a mesma mordacidade: “Noto que para toda uma série de escritores os romances policiais não existem. Mas ao menos um deles deveria servir-lhes (...), sem exceção de leitura, de vez em quando: a história da literatura”.⁶³

O que poderia ser o (novo) romance policial da (nova) história da literatura? Os postulados brechtianos a este respeito servem de estímulo não apenas, como fica evidente, para a releitura de Piglia do gênero policial, como para a própria teoria crítica na vertente deleuziana, ao se debruçar sobre a “Série Noire” nos anos 60. Comemorando sua milésima edição no artigo que seria expandido em *L'image-temps*,⁶⁴ o filósofo representa a assinatura de óbito do “roman proprement policier” em termos caros ao autor de *Nombre falso*, em luta contra a injusta verdade capitalista:

⁶¹ Idem, ib., p. 5.

⁶² Idem, p. 9.

⁶³ Cf. Brecht, B. *El compromiso en literatura y arte* (trad. J. Fontcuberta). Barcelona: Península, 1973, p. 33 (ambas citações).

⁶⁴ Onde no capítulo sobre “les puissances du faux” estão implicados não apenas Robbe-Grillet e Nietzsche mas Hugo Santiago, Bioy Casares e Borges. Cf. *L'image-temps. Cinéma 2*. Paris: Minuit, 1985, p. 165-202.

C'est que la vérité n'est pas du tout l'élément de l'enquête: on ne peut même pas penser que la compensation des erreurs ait pour objet final la découverte du vrai. Elle a au contraire sa dimension propre, sa suffisance, une espèce d'équilibre ou de rétablissement de l'équilibre, un processus de restitution qui permet à une société, aux limites du cynisme, de cacher ce qu'elle veut cacher, de montrer ce qu'elle veut montrer, de nier l'évidence et de proclamer l'in vraisemblable. Le tueur non trouvé par la police peut se faire tuer par les siens, au nom des erreurs qu'il a commises, et la police, sacrifier des siens, pour d'autres erreurs, et voilà que ces compensations n'ont d'autre objet que la perpétuation d'un équilibre qui représente la société tout entière *dans sa plus haute puissance du faux*.⁶⁵

Com o original assim grifado, chama a atenção que Deleuze exalte precisamente alguns dos escritores rechaçados por Piglia (ao menos por este “primeiro” Piglia), como é o caso de Asturias e também de Robbe-Grillet, autor de *les Gommages*, que desenvolveria “une prodigieuse compensation d'erreurs, sous le double signe d'un équilibre eschyléen et d'une quête oedipienne” e que seria o maior dos romances do gênero, embora não pertencesse à “Série Noire”. E muito menos o escritor guatemalteco, que seria o autor de um “roman de génie”, comparável a Suetônio, Shakespeare ou a Jarry, de cujo inesperado rol teria retirado todos os seus elementos – “avons-nous avancé dans la compréhension de cet alliage, le grotesque et le terrifiant qui, selon les circonstances, disposera de notre vie à chacun?”⁶⁶

Mas a propósito de um escritor latino-americano posicionado entre a China e os Estados Unidos da América, importa sobretudo enfatizar na leitura deleuziana a relação crime-capitalismo, utilizada por sua vez na proposta de releitura pigliana de Roberto Arlt – a qual se aproxima, simultaneamente, das teorias “numismáticas” do telqueliano Jean-Joseph Goux (nas quais liga o marxismo com a psicanálise e a lingüística a partir de Bataille), cujo ensaio em *Théorie d'ensemble*, “Marx et l'inscription du travail”, propõe uma “marxisação” da gramatologia derridiana.⁶⁷ Mantendo sempre distância das posições desconstrutivistas, o escritor-crítico argentino certamente reivindicaria antes o “filósofo da dispersão”, o qual define o único crime realmente “teológico” na sociedade da acumulação infinita:

⁶⁵ Deleuze, G. “Philosophie de la Série Noire”, op. cit., p. 12.

⁶⁶ Idem, p. 13.

⁶⁷ Cf. Capítulo Um, p. 44.

On sait qu'une société capitaliste pardonne mieux le viol, l'assassinat, la torture d'enfant, que le chèque sans provision, seul crime théologique, le crime contre l'esprit.⁶⁸

Quanto ao escritor alemão (que poderia ter escrito o trecho), ao focalizar o que chamou de “gêneros marginais” em outro breve artigo, “Da popularidade do romance policial”, afirma que são sempre as circunstâncias sociais que fazem possível ou necessário o crime: “violentam o caráter, da mesma maneira que o formaram”.⁶⁹ Sendo assim, diria-se que as “circunstâncias sociais” engendram a não menos violenta maolatria pigliana, justificada em revisão recente daqueles anos de chumbo:

En mi caso, tomé distancia rápidamente de la Revolución Cubana, en el momento en que se alió con los soviéticos porque yo era maoísta, lo cual puede parecer exótico visto hoy, pero no era tan exótico en esos años. El maoísmo en aquel momento representaba posiciones básicamente anti-soviéticas pero también anti-cubanas, contrarias a la línea que estaba tomando la Revolución Cubana, el foquismo pro-soviético, y el latinoamericanismo a la García Márquez. El maoísmo era una salida extravagante, pero no había muchas opciones. En aquel tiempo la discusión giraba sobre las experiencias políticas concretas y entonces la experiencia china, la experiencia vietnamita, aparecían como tradiciones populistas que nosotros leíamos desde la vanguardia, a la luz de Brecht, del *Me-Ti*, el libro chino de Brecht sobre la historia del marxismo.⁷⁰

Na edição de março de 72 (nº 25), quando *Los Libros* passa a ter um comitê diretivo, Marx e Freud estão na capa e Mao, lido por Piglia, ocupa quatro páginas em “Mao Tse-tung: práctica estética y lucha de clases”. Nessa longa resenha das *Charlas en el foro de Yenan sobre arte y literatura*,⁷¹ insiste no fato de que o sistema literário está determinado por interesses de classe mas introduz a leitura destes textos de Mao, como se viu, a partir de Brecht, em fusão que inclui também os formalistas russos em nome da arte como “prática social”, naquela que é considerada a melhor tradição estética marxista: Tretiakov, Lissitsky, Meyerhold, Tinianov (tido

⁶⁸ Deleuze, G., op. cit., p. 13.

⁶⁹ Brecht, B., op. cit., p. 345.

⁷⁰ Ricardo Piglia. *Conversación en Princeton*, op. cit., p. 39-40.

⁷¹ Buenos Aires: Marxismo de Hoy Ediciones, s. d. (dados da revista).

como porto seguro contra as modas intelectuais francesas)⁷², culminando em Brecht. Esta arte enquanto prática social deveria ser analisada, portanto, como uma ciência, uma teoria da produção literária a partir do *Capital* de Karl Marx.

Através da reinvenção de não uma mas duas tradições (a da literatura argentina e a do marxismo), essas verdades elementares, que já parecem pré-históricas, estão presentes tanto em *Respiración artificial* quanto no *falso* ensaio heráldico, “Ideología y ficción en Borges”. Tal visão social da arte surge, portanto, carregada de populismo, um “populismo de vanguarda”: o povo, o leitor e o escritor do grande texto comum, apoiado pelos intelectuais orgânicos, vai subverter as relações de produção capitalistas, que asseguram ao autor a propriedade privada do sentido. Por isso é necessário “sacar el debate marxista sobre arte y literatura del lugar ciego en que lo anclaron a la vez el stalinismo y el liberalismo”⁷³ – apagando-se obviamente daí o fato de que o regime comunista chinês postula justamente o resgate da figura de Joseph Stalin contra a “camarilla” revisionista e socialimperialista dominante na União Soviética.⁷⁴ Apesar de contraditório, ou felizmente contraditório, sobre estas bases se construiria o (novo) romance policial da (nova) história da literatura, no limiar da crítica e da ficção.

Em um estudo panorâmico – no extremo oposto das notas corrosivas de Brecht –, o gênero policial se confundiria com a própria modernidade desde o título: *Le roman policier ou la modernité*.⁷⁵ Seu autor trabalha nos limites da retórica e da sociologia mas, ao lançar uma série de dados, fornece indícios – mais ou menos óbvios – na busca de um *enigma* cuja marca é a duplicidade. Por exemplo, ao fazer interagir dois regimes da produção literária, o culto e o popular, o gênero já desvelaria “tudo o que faz a lei do gênero”: o seu caráter dúplice, ambíguo, incerto e esquivo, simultaneamente aberto e fechado,⁷⁶ e o seu lugar no campo social, “noble ou triviale, indexable en tout cas sur le registre de l’utopie, c’est à dire du politique”⁷⁷ – o que remete, outra vez, à ficção crítica e política em foco. Por esse motivo, retorna-se de modo constante à matriz das duas histórias que chama a atenção das vanguardas para o relato policial – gênero literário que reflete sobre si mesmo ao contar, ao lado da história em si, a história de sua

⁷² V. Ricardo Piglia. *Conversación en Princeton*, op. cit., p. 9.

⁷³ Piglia, R. “Mao Tse-Tung: práctica estética y lucha de clases”. *Los Libros* nº 25, mar. 1972, p. 25.

⁷⁴ Santiago Mas reivindica Stalin contra Trotsky em “Un ajuste de cuentas. Trotski el trotskismo”. *Los Libros* nº 38, nov.-dez. 1974, p. 23.

⁷⁵ Dubois, J. *Le roman policier ou la modernité*. Paris: Nathan, 1992.

⁷⁶ Idem, ib., p. 8-9.

⁷⁷ Idem, p. 10.

construção. O detetive, afirma Dubois, “reconstitue l’histoire du criminel et la sienne propre”.⁷⁸ O detetive e o criminoso *são*, portanto, Piglia, ou Renzi, a partir do ideário de certos ícones marxistas do século XX.

Esta interação entre o culto e o popular, que surge nas páginas dos folhetins do Oitocentos, acaba dando margem a manifestações muito peculiares, frutos de uma forte demanda social. É o caso exemplar das adaptações jornalísticas anônimas de um dos contos inaugurais de Allan Poe, “Os crimes da rua Morgue”, feitas (como as telenovelas) para saciar a sede do público pela chamada literatura “judicial” ou “criminal”,⁷⁹ em que se procurava manter, sob uma forma fácil e “barata”, a mescla de tensão e gratuidade do célebre original. Vale destacar, ainda, a afirmação segundo a qual uma origem única “ne résiste pas à l’examen”.⁸⁰ Como fica claro, esta convicção se opõe àquela de Borges, acima mencionada, mas converge para a de um Roger Caillois – com quem, aliás, o primeiro manteria uma acirrada polêmica sobre o tema nas páginas da revista *Sur*.

Antes e depois de *Contorno*, que publica apenas dez números nos anos 50, houve *Sur*, não menos (e em muitos sentidos mais) “antológica” do que a pequena e estridente rival, tendo durado até a década de 70. Precisamente nas páginas de *Sur*, entre 1942 e 43, Borges protagoniza uma polêmica em torno do gênero policial, ao resenhar e de certo modo desdenhar um ensaio de Caillois, *Le roman policier*, recém-publicado em Buenos Aires. O *sociologue*, como se sabe, vive exilado na cidade durante a Segunda Guerra Mundial e torna-se membro ativo do grupo de Victoria Ocampo a partir de novembro de 1939. De modo que fez publicar na mesma edição de abril de 42 (nº 91), apenas treze páginas após, sua “Rectificación a una nota de Jorge Luis Borges”. Este, em breves cinco parágrafos, contestara de maneira elegante e irônica (como de hábito), através de “reparos mínimos”, a versão do escritor francês para a origem do gênero:

En la página 14 de su tratado, Caillois procura derivar el *roman policier* de una circunstancia concreta: los espías anónimos de Fouché, el horror de la idea de polizontes disfrazados y ubicuos.

⁷⁸ Idem, p. 60-61.

⁷⁹ Idem, p. 15.

⁸⁰ Idem, p. 14.

Contudo, logo a seguir repetiria a sua conhecida opinião (ao menos desde 1978...) a respeito do tema:

Verosímelmente, la prehistoria del género policial está en los hábitos mentales y en los irrecuperables *Erlebnisse* de Edgar Allan Poe, su inventor; no en la aversión que produjeron, hacia 1799, los *agents provocateurs* de Fouché.

Borges arremata o texto com hiperbólicos elogios ao autor, que morde a isca e responde na mesma moeda, quer dizer, não somente na mesma edição da mesma revista como no mesmo tom. Caillois defende-se alegando jamais ter sugerido que aqueles espões pudessem “determinar directamente una nueva estructura del relato en la literatura novelesca”. Através de um resposta com quase a mesma extensão da resenha, bem antes da criação da “Série Noire” e bem longe de Paris, o escritor francês aponta para outra forma altamente poderosa do falso:

Pero qué agradable es tan extraño modo de concebir la crítica, que obliga al autor sorprendido a formarse una buena opinión de sí mismo al verificar que en su propio texto estaba bien dicho lo que creía haber dicho, en vez de las tonterías que (para procurarle esta satisfacción de amor propio) su benévolo examinador había simulado descubrir.

Entre as ficções ensaísticas de Borges e o ensaísmo ficcional de Caillois, importa reter que ambos se manifestam como dispositivos de questionamento da verdade, ou como “relatos del delito verbal”, no dizer de Antelo, “en que simulacros y falsas identidades cuestionan la verdad y legitimidad de las representaciones culturales”.⁸¹ Dando forma a sua particularmente obsessiva nostalgia de Arlt, Piglia, desde Brecht, mas também Borges, e desde um gênero marginal, reafirmaria enfim que o poder é delinqüente, e que a sociedade – vale repetir – estrutura-se no delito.

Conviria retornar, ainda uma vez, a nosso “pequeno problema previo”, ou seja, o que é um gênero, ou, talvez, que segredos oculta e contém. Sabe-se que o mito moderno do *roman policier, noir* ou não, representa o mito de seus heróis do bem e do mal, leitores-detetives,

⁸¹ Cf. ensaio supracitado. A verdade para quem?, dizia Lenin, conforme lembra Piglia. V. *Conversación en Princeton*, op. cit., p. 34.

escritores-criminosos cujas posições são híbridas e cambiantes por definição, e cuja atividade constrói narrativas cindidas entre a ordem e a desordem, o alto e o baixo, o eterno e o transitório – textos ambíguos que estão sempre em ato, até que seu desfecho remeta a outro, e mais outro, sucessivamente. Por mais que pensadores como Todorov tentem estabilizar a questão,⁸² a “lei da lei dos gêneros” pode ser também ela um enigma, e jamais dá lugar a certezas, ao contrário: aponta antes para uma loucura, uma “folia” do gênero, configurando-se, conforme Jacques Derrida, como “participation sans appartenance”, e posicionando-se contra sua função de princípio de ordem.⁸³ E, nesse sentido, contra os postulados de Piglia, um escritor que utilizaria a desordem enquanto meio, em nome de um princípio de ordem (ponto retomado adiante).

Feche-se primeiro o círculo (de giz?) do “décálogo” pigliano. Em julho de 72 (nº 27), a matéria de capa de Beatriz Sarlo Sabajanes denuncia a manipulação política via televisão e Ricardo Piglia aborda um livro de contos de Andrés Rivera, *Ajuste de cuentas*, que então lhe parece modelar ao unir um tipo de literatura política com o que chama de linguagem do desejo, numa trama aberta ou dúplice cuja estrutura exhibe os seus próprios procedimentos, um “jogo de espelhos que faz ver o que o relato nunca nomeia”. Paralelamente, note-se que uma revista também serve para estender as políticas da amizade, como exemplificara a resenha sobre *Cosas concretas*: no “Retrato pessoal” feito pela revista *Babel* seguindo o questionário Proust, Piglia justifica a amizade entre escritores por uma necessidade básica de leitores, em tempos de declínio de popularidade da *função literária*:

Num certo sentido, os escritores se tornam amigos para que possam se ler. De modo que tenho muitos amigos escritores, com os quais tenho me encontrado, em diferentes épocas, ao longo dos anos. Miguel Briante, David Viñas, Manuel Puig, Andrés Rivera, Noé Jitrik, Osvaldo Tcherkaski, Juan José Saer, Juan Carlos Martini, Alberto Laiseca, Luis Gusmán. Alguns deles têm sido meus amigos de toda a vida, com as intermitências de praxe.⁸⁴

Em setembro de 72 (nº 28), Piglia colabora com suas respostas à enquete sobre a crítica literária proposta pela revista, claramente interessada na produção de ideologias no campo

⁸² Recorde-se o estudo sobre “L’origine des genres”, de Tzvetan Todorov em *La notion de littérature et autres essais*. Paris: Seuil, 1987.

⁸³ Derrida, J. “La loi du genre”. *Parages*. Paris: Galilée, 1986, p. 256 e 287.

⁸⁴ Piglia, R. *O laboratório do escritor* (trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Iluminuras, 1994, p. 46-47.

cultural (e tão interessada que uma das participantes, Ludmer, nega-se a responder as duas primeiras perguntas por “dirigidas”).⁸⁵ Cabe notar que a revista faz questão de arrolar os nomes dos intelectuais que não responderam, entre os quais os *contornistas* Jitrik e Viñas. *Los Libros* quer saber, basicamente, por que algo é legível como literatura, e propõe a crítica à forma de produção da cultura dominante como arma de luta ideológica. Para Piglia, que começa citando Gramsci – “todos aqueles que sabem escrever são escritores” –, é preciso insistir em analisar os códigos de classe que decretam a propriedade do literário. Para isso, necessita-se daquela crítica materialista capaz de decifrar a produção e os contratos sociais que se interpõem entre um texto e sua leitura – e ao dizê-lo faz pensar que ele próprio elaborou o editorial e as quatro questões interessadas da enquete. Na Argentina, por exemplo – afirma – a crítica burguesa impôs os usos sociais da legibilidade como naturais, como eternos. Por esse motivo, trabalha as relações de literatura e dependência, tendo como eixo a questão da tradução “como modo de apropriação e gênese de valor”, que seria um dos temas de um livro anunciado que não publicaria. De qualquer modo, as atenções estão voltadas sobretudo para Arlt, o intruso (e portanto via Borges), que mereceria não apenas a homenagem de *Nombre falso* (ou de *Respiración artificial*) como os ensaios que o engendram.

Um desses ensaios é “Roberto Arlt: una crítica de la economía literaria”, em seis páginas que são antecipadas por outras duas com um inédito de Arlt, “El poeta parroquial”.⁸⁶ Seria um capítulo do livro que não existe mas que já havia sido, inclusive, batizado: *Traducción: sistema literario y dependencia*. Ao final do ensaio, anunciava-se também a publicação de outro capítulo do livro inexistente, “La traducción: legibilidad y génesis del valor”, para o número seguinte. No entanto, Piglia só reaparecerá cinco edições à frente, em número especial sobre a China, após conhecer *in loco* a situação da revolução cultural proletária do outro lado do planeta: são seis

⁸⁵ As quatro questões da enquete “Hacia la crítica” são: “1. Desde el comienzo de la escuela se va internalizando una ideología de la literatura, definida por el lugar que se le asigna a la misma, la ‘función’ que se le define, etc. ¿Es una tarea de la crítica la de definir y precisar los efectos que esta ideología tiene en nuestra manera de leer literatura? 2. Si es verdad que en nuestra sociedad existen simultáneamente muchos códigos de lectura (según las clases sociales, los diversos grupos, etc.) ¿la crítica deberá privilegiar alguna de esas perspectivas ya dadas o crear teóricamente su propio código? 3. En la producción de un texto literario se ponen en relación varios sistemas (económico, ideológico, estético, etc.) ¿puede la crítica dar cuenta de las relaciones que existen entre estos sistemas y lo que resulta socialmente ‘legible’ en un momento dado? 4. ¿En la actual crítica literaria argentina cuáles serían las posibilidades teóricas y prácticas que permitirían dar cuenta de la relación entre los sistemas extraliterarios (económicos, políticos, etc.) que están en juego en la producción de un texto, y el texto mismo como sistema? ¿Cuáles son los límites que impiden este proyecto o, en todo caso, el proyecto crítico que usted crea pertinente?” (p. 4).

⁸⁶ *Los Libros* n° 29, mar.-abr. 1973, p. 20-27.

páginas com fins estritamente didáticos e militantes, com título mais que ilustrativo: “La lucha ideológica en la construcción socialista”; o escritor (membro de Vanguardia Comunista, uma dissidência do PC, como o Partido Comunista Revolucionário, de Sarlo e Altamirano) resume aí o que seria, a seu ver, a grande questão proposta pelos socialistas chineses: “antes que a clases económicas, se trata de enfrentar ideas y posiciones de clase. Así la lucha de clases toma fundamentalmente la forma de una lucha ideológica”. E conclui que “la revolución cultural es una gran campaña de rectificación del estilo de trabajo en el partido, realizada en el seno de las masas (y no ya únicamente entre los cuadros y con los militantes)”.⁸⁷

Outro desses ensaios arltianos não por acaso se chamaria “La ficción del dinero”. Aparece nos Estados Unidos em 74 na revista *Hispanamérica*, com a seguinte nota final: “Este texto es parte de un estudio más amplio: *Roberto Arlt: una crítica de la economía literaria*, que bajo el sello ‘Librería del Colegio’ será publicado próximamente por la Editorial Sudamericana”. Independentemente da publicação, tais vacilações parecem conduzir ao amadurecimento de sua opção pela “ficção crítica”, que é aquela de *Nombre falso*, assim como de *Respiración artificial*.

Para Piglia, Roberto Arlt escreve bem porque escreve mal. O que equivale a dizer que o primeiro joga a literatura barata, folhetinesca do segundo contra toda a tradição liberal da cultura argentina – à qual pertenceria a “heráldica” de Borges –, uma vez que Arlt escreve por necessidade material e não por luxo, além de depositar no fracasso a condição de sua escritura, conforme o ensaio publicado em *Los Libros*:

Arlt invierte la moral aristocrática que se niega a reconocer las determinaciones económicas que rigen toda lectura, los códigos de clase que deciden la circulación y la apropiación literarias. (...) Al nombrar lo que todos ocultan, desmiente las ilusiones de una ideología que enmascara y sublima en el mito de la riqueza espiritual la lógica implacable de la producción capitalista.⁸⁸

A partir daí, conforme sugerido antes e depois, parece possível pensar em *Respiración artificial*, bem como nessa espécie de capítulo “prescindível” do *romance crítico*, “A heráldica de Borges” (ou melhor, “Ideología y ficción en Borges”, conforme a denominação original), enquanto sínteses da atividade de Piglia durante a década “prodigiosa” que o forma, e durante a

⁸⁷ *Los Libros* n° 35, maio-jun. 1974, p. 4-9.

⁸⁸ Piglia, R. “Roberto Arlt: una crítica de la economía literaria”, op. cit., p. 22-23.

seguinte que o institui e estabelece, à custa de um discurso da contravenção. Em *Respiración artificial* mesclam-se todas as vozes para, desde um lugar bem determinado, a Argentina de 1979, construir a autobiografia de um infame, de um traidor, à maneira de Borges mas, ao mesmo tempo, à diferença de Borges – sobre quem jamais se abateria esta obsessão pelo gênero romance e suas técnicas, verificável do início ao fim da narrativa (e não apenas nela).

“A verdade de Borges tem que ser procurada em outro lugar: em seus textos de ficção”, escreve Piglia, a começar por “Pierre Menard” que lançaria uma “técnica nova”, “a arte detida e rudimentar da leitura: a técnica do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas”.⁸⁹ O que não o salva, no entanto, de ser o melhor escritor argentino do século XIX, de encerrar a tradição iniciada no século XIX. A cultura da contravenção (conforme N. Bratosevich) baseada no culto à provocação. Em nosso século, não há ninguém senão Roberto Arlt, dirá Piglia, ou melhor, Renzi, para quem a literatura moderna argentina não existe mais desde 1942, quando morre Arlt. Depois, somente um “páramo sombrio” até, talvez, por que não, *Respiración artificial*, escrito por alguém que, segundo Bratosevich, ao abordar sua genealogia, em nenhum momento se desvincula do nacional, apesar de se autodefinir como o Godard da literatura, entre inumeráveis citações e o não dito, o implícito, o silêncio.⁹⁰

Roberto Arlt escrevia mal, escrevia contra si mesmo, escrevia para humilhar-se, no dizer de Renzi. Sua escritura é má, é perversa, seu estilo é criminoso. Por quê? Porque “destrói tudo o que durante cinquenta anos se dera por escrever bem nesta *descolorida república*”, diz, citando Borges.⁹¹ O estilo de Arlt seria aquilo que é reprimido na literatura argentina, isto é, aquilo que se colocava contra o bom uso da língua, desvendando a função ideológica da literatura praticada até então. Vale notar que várias destas páginas “teóricas” de *Respiración artificial* serão transcritas, às vezes literalmente, em sua antologia de ensaios em forma de entrevistas, publicada pela primeira vez em 86 com o título de *Crítica y ficción*, e que serviria como base à edição de *O laboratório do escritor*, de 94, feita exclusivamente para o Brasil.

Na seqüência de *Respiración artificial*, o autor, provocativamente, propõe a leitura de Jorge Luis Borges a partir de Roberto Arlt e prova por *a mais b* que o conto “O indigno” de *O informe de Brodie* é uma homenagem a Arlt – o “grande indigno da literatura argentina”, a quem Borges não desprezaria, ao contrário: “Que outra coisa é esse conto senão uma homenagem de

⁸⁹ Piglia, R. *Respiración artificial*, op. cit., p. 118.

⁹⁰ Bratosevich, N (y Grupo de Estudio). *Ricardo Piglia y la cultura de la contravención*. Buenos Aires: Atuel, 1997.

⁹¹ Piglia, R. *Respiración artificial*, op. cit., p. 123.

Borges ao único escritor contemporâneo que sente equiparar-se a ele?”⁹² Enfim, para Emilio Renzi, na esteira de Borges, a partir de Arlt, cujo fracasso receberia tardias homenagens em “O indigno”, em literatura o mais importante nunca deve ser nomeado, e a verdadeira função do conhecimento é sempre destrutiva. Daí os oxímoros de um “desconhecimento erudito”, ou de um “criminoso decente”, já que todos os escritores e intelectuais que passeiam por *Respiración artificial* são vistos, um tanto romanticamente, como uma “cambada de fracassados”, os quais, nos melhores dos casos (leia-se Kafka, Borges, Arlt) procuram desesperadamente dizer o indizível.

Daí se poderia retornar à ficção dúplice que acompanha e sustenta a ficção borgiana segundo Ricardo Piglia no artigo publicado em *Punto de Vista* e no *Folhetim*. Suas conclusões, expostas repetidamente do início ao fim do artigo, remetem às propriedades que possibilitam a escritura em uma dupla linhagem (os antepassados familiares e os antepassados literários) e que dão margem a uma interpretação ideológica em que o próprio Borges vai se definir em relação à sociedade e também à literatura. Piglia, como não poderia deixar de ser, visto seu passado recente em *Los Libros*, insiste na questão da interpretação ideológica que Borges ordena a partir de seus pais, uma vez que, para ele, “esta ficção familiar é uma interpretação da cultura argentina”, definindo-a desde a origem, isto é, desde a tradição ideológica, liberal, “que remonta a Sarmiento”. Portanto, deve-se concluir, com Piglia, que “a lenda familiar, para Borges, é a história argentina vivida como biografia de classe”. Fundamental é notar, no entanto, que Borges jamais exclui os contrários: antes condensa em sua obra todas as oposições ideológicas, naquilo que Piglia chama de “dois sistemas de narrativa, duas maneiras de manejar a ficção”.⁹³

Trago à tona, por fim, duas leituras tão distintas quanto especialmente sugestivas de *Respiración artificial*, narrativa que epitomiza, por sua vez, como se viu, a obra de Piglia. De um lado, Beatriz Sarlo, cujo ensaio “Política, ideología y figuración literaria”, analisa a produção literária argentina sob a ditadura militar.⁹⁴ Sintomaticamente, inicia a sua abordagem com Piglia (sucedido por um relato de David Viñas), e silencia a respeito de alguém como César Aira, que, no entanto, aparece em primeiro lugar (com *Enma la cautiva*) no elenco que a própria ensaísta

⁹² Idem, ib., p. 128.

⁹³ Piglia, R. “A heráldica de Borges”. *Folhetim/Folha de S. Paulo*, 19 ago. 1984, p. 6-7.

⁹⁴ Sarlo, B. “Política, ideología y figuración literaria” (p. 30-59) em Balderston, D. et al. *Ficción y política. La narrativa argentina durante el proceso militar*. Buenos Aires: Alianza, 1987. V. leitura de sua longa trajetória em *Los Libros* a seguir.

arrola ao final. De sua parte, Aira, crítico e ficcionista prolífico que vem a ser uma das poucas vozes que ousaram tentar desmistificar *Respiración artificial*, ao abordar um corpus semelhante no artigo “Novela argentina: nada más que una idea”, publicado em 81,⁹⁵ ano em que este “relato histórico-didático” (no dizer de Rita De Grandis) recebe o Prêmio Boris Vian e passa a vender sucessivas edições.

Para Sarlo, apesar de Piglia contar a história dos vencidos, seu relato, “por um caminho clássico na Argentina”, quer “ordenar”, desenvolvendo o tema das ideologias culturais e da identidade nacional em que o passado se organiza naquela dupla linhagem do século XIX, a gauchesca e a estrangeira, que culmina em Borges. A ensaísta resume aí o relato e também o próprio artigo de Piglia sobre a “heráldica” de Borges, cujas idéias básicas aparecem no romance-crítico de 80. Historiador de formação, Piglia retoma a idéia de pensar o desenvolvimento cultural na perspectiva histórica e com função ideológico-política, “desde el presupuesto de que ajustar cuentas con el pasado es indispensable para captar las líneas del presente”.⁹⁶

Se Roberto Arlt representava o reprimido na literatura moderna argentina, César Aira, entre outros escritores *menores*, seria o reprimido no “páramo sombrio” em que se transformou a cultura argentina depois de 1942, no dizer de Piglia. Isto porque afirma, não menos provocativamente, no artigo mencionado, que *Respiración artificial* “es una de las peores novelas de su generación”, e que sua verdadeira referência não é Arlt, como gostaria, e sim Ernesto Sábato (como detestaria):

De él toma el viejo truco de hacer una novela con dos o tres situaciones tópicas (...) unos personajes bien conocidos (...) y todo el resto juicios, ajustes de cuentas, discusiones ganadas de antemano porque el autor se fabrica los interlocutores adecuados, y cuanta opinión haya pasado por su cabeza en los últimos años (...). He aquí como la *mathesis*, que es la clave de la novela tal como la inventó Cervantes, y que triunfa en la exuberancia de *Best Seller*, puede aniquilar una ficción. Porque la *mathesis* en la novela debe ser un saber de nadie, no del autor.⁹⁷

⁹⁵ Aira, C. “Novela argentina: nada más que una idea”. *Vigencia* nº 51, Buenos Aires, ago. 1981, p. 55-58.

⁹⁶ Sarlo, B. “Política, ideología y figuración literaria”, op. cit., p. 49.

⁹⁷ Aira, C. “Novela argentina: nada más que una idea”, op. cit., p. 58.

Posta na balança a carga subjetiva da desabusada crítica (até onde isto é possível), talvez sobre, entre outras tantas possíveis, uma conclusão relativa ao regime da ficção na obra deste escritor de tradição teoricista (isto é, pragmática e política) a partir da vertente anarquizante e anticanônica representada pelo autor de *La trompeta de mimbre*: esta – a da *novela* – seria a música que não consegue tocar – à diferença de Borges, que sequer cogita em tocá-la. Aceitando-se ou não tal posição, deve-se observar que, no mínimo, estão na mesa aí dois modos opostos de conceber e de manejar a ficção contemporânea (ao mesmo tempo similares e distintos das linhagens gauchesca e européia que operam mescladas em Borges), cuja tensão tampouco vale a pena desdenhar.⁹⁸

⁹⁸ D. Poggiese, ao abordar a ficção crítica na Argentina, contrapõe Piglia – “el paranoico del sentido” – a Héctor Libertella – “el polígrafo patológico” –, posicionando Aira, claro, ao lado deste. Em Giordano, A. e Vázquez, M. C. (org.). *Operaciones de la crítica*, op. cit., p. 148-49.

V. Por uma vanguarda *sin virtuosismo cínico*⁹⁹

Si no se estudia la cultura italiana hasta 1900 como un fenómeno de provincialismo francés se entenderá muy poco. Debe hacerse, sin embargo, una distinción: hay una mezcla de sentimiento nacional antifrancés en la admiración por las cosas de Francia: se vive del reflejo y se odia al mismo tiempo. Por lo menos entre los intelectuales. En el pueblo, los sentimientos “franceses” no son de este tipo, aparecen como un verdadero “sentido común”, como algo propio del mismo pueblo, y el pueblo es francófilo o francófobo según sea incitado o no por las fuerzas dominantes. Era cómodo hacer creer que la revolución de 1789, ocurrida en Francia, era como si hubiese ocurrido en Italia, por aquello de que era cómodo servirse de las ideas francesas para guiar a las masas; era cómodo, finalmente, servirse del antijacobismo para luchar contra Francia, cuando convenía.

Antonio Gramsci¹⁰⁰

Não parece ser fortuito que Sarlo estréia em *Los Libros* – em seu segundo ano e em sua décima edição, de agosto de 70 – com uma resenha sobre, ou melhor, contra outra revista cultural, *Nueva Crítica*, cujo primeiro número havia sido lançado em Buenos Aires no mês de julho. O contra-ataque une Roland Barthes a Jorge Luis Borges, porque, coincidentemente (ou não), trata-se da edição com este na capa e a reprodução do conto “El otro duelo”, então inédito. Por outro lado, a resenhista desde a primeira frase lança mão de Barthes para denunciar em *Nueva Crítica* a “reação” e “a expressão do subdesenvolvimento cultural”, a exemplo da revista *Mundo Nuevo*, criada por Emir Rodríguez Monegal e igualmente financiada por organismos norte-americanos. Para a jovem Beatriz Sarlo Sabajanes (como então assina), a própria denominação da revista estaria usurpando “un nombre que no le pertenece, vaciándolo de significado real”.

⁹⁹ Cf. Sarlo, B. *Los Libros* nº 25, mar. 1972, p. 18-19.

¹⁰⁰ Gramsci, A. *Cultura y Literatura*, op. cit., p. 210.

Assim como devemos a Barthes o fato de que um obscuro acadêmico, Raymond Picard, tenha entrado para a história intelectual do ocidente, ainda que como o derrotado, a mesma história – justiça seja feita – deve a Picard o batismo da “nova crítica”, como nota a mesma Sarlo em sua breve biografia do autor de *O prazer do texto*, dedicada a Carlos Altamirano:

El vocabulario, las maneras, de lo que él [Picard] llamaría “nouvelle critique”, consagrándola con ese nombre, y cumpliendo así el destino ingrato de ciertos polemistas que encuentran un nombre adecuado al objeto que atacan, había comenzado a aparecer en los cursos de literatura: el lenguaje del psicoanálisis, o su vulgata, los pasos de la estructuración, la consideración antipsicologista de los personajes, analizados por su posición en la estructura. El asalto al cuartel general de la crítica académica tiene su programa de defensa en el libro de Picard: *Nouvelle critique ou nouvelle imposture*, publicado en 1965.¹⁰¹

Nesse texto de (cauto) prazer, composto ao abrigo do Centro Editor de América Latina sob a ditadura, Sarlo discorre sobre um autor de sua predileção – excluído à força de sua biblioteca pelas razões conhecidas –, ainda que não totalmente à vontade, e daí seu tom algo distante. Em “Planeta Sarlo”, resenha que celebra uma nova edição de *El imperio de los sentimientos* (1985), Daniel Link dá um breve testemunho de sua vida clandestina, quando se recicla teoricamente com base em Bourdieu e Williams e faz um resgate (“reverente”) de Barthes e do estruturalismo. Link refere-se ao Centro Editor, “editorial fundada por Boris Spivacov con los restos de la energía que había puesto previamente en Eudeba”, como o lugar onde Sarlo

comenzó a desarrollar sus hipótesis teóricas en *Capítulo. Historia de la literatura argentina* y algunas antologías publicadas con seudónimo (para evitar, seguramente, los rigores políticos de la época). Todavía sigue consultándose con provecho la compilación *El análisis estructural* (1977) con prólogo de Silvia Niccolini. Pocos saben que esa firma imprevista es la que Beatriz Sarlo Sabajanes usaba durante los años de la dictadura para despistar a los censores. Sarlo impuso como último título de una de esas bibliotecas milagrosas que publicaba el Centro Editor –y la decisión fue, en su momento, muy discutida– *El mundo de*

¹⁰¹ Sarlo, B. *El mundo de Roland Barthes* (introd. e sel.). Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1981, p. 21.

Roland Barthes (1981), donde se notaba una reverencia de la cual también da cuenta el título *El imperio de los sentimientos* (pero no su metodología)”¹⁰²

Diante das reservas a Barthes, valeria lembrar que, a exemplo do conservadorismo acadêmico francês de direita, o conservadorismo político argentino de esquerda em versão maoísta vai censurar os discursos de vanguarda como idealistas e a-históricos, tal qual ocorre em *Los Libros*. Por isso, quando Sarlo faz referência, na introdução ao “mundo” de Barthes, aos discursos proibidos por inovadores e vanguardistas, está narrando a própria trajetória, na etapa anterior e mais dura de sua experiência política e intelectual:

El discurso cuya libertad se quería coartar, era el que, a partir de mediados de la década del sesenta, circulará y creará prestigios nuevos en las aulas universitarias, en las bibliotecas y en las revistas.¹⁰³

O primeiro ponto de inflexão de sua passagem – e permanência – em *Los Libros* encontra-se na edição dedicada à Bolívia, de maio de 71, em pleno fervor latino-americanista e cubano. Após as primeiras colaborações estritamente literárias e culturais, parece aproximar-se definitivamente do grupo ao viajar ao “país del altiplano”, com a missão de traçar uma radiografia da situação política e social da Bolívia e de trazer um depoimento de um escritor considerado modelar naquele momento de exacerbação dos nacionalismos revolucionarizantes. Antes disso, porém, em outubro de 70 (nº 12), Sarlo reapareceria na revista com uma resenha de uma narrativa de Eduardo Mallea, que – ao contrário – era o modelo de intelectual a ser evitado por burguês, individualista e idealista. *La penúltima puerta*, segundo a jovem crítica, é um romance-ensaio que se constitui enquanto uma “obra cerrada” e cujo fim é, ainda uma vez, a mitificação e o ocultamento da realidade, a partir de um modelo “europeo y central”. Mallea, adverte Sarlo – futura colaboradora de *La Nación*, por conta dos vertiginosos câmbios vividos a partir dos 70 –, “no en vano es de los incondicionales de *Sur* y *La Nación*”. A autora de *Juan María Gutiérrez: historiador y crítico de la literatura* (1967) – seu livro de estreia – passaria a aparecer nas páginas de *Los Libros* com maior frequência do que, por exemplo, Ricardo Piglia. Em dezembro de 70 (nº 14), a propósito de um relato de Beatriz Guido, voltava a iniciar um

¹⁰² Cf. *RadarLibros. Página 12*, Buenos Aires, 9 jul. 2000, p. 5.

¹⁰³ Sarlo, B. *El mundo de Roland Barthes*, op. cit., p. 24.

texto remetendo a Roland Barthes – fato que apenas confirma sua declaração de que o *écrivain* francês significou “todo” em sua formação. Antes que o seu alvo – nada mais que uma “novela para consumir” –, chamam a atenção certas expressões recorrentes no texto, como é o caso das palavras-valise “estructura” (com especial insistência), “la vanguardia”, “lo subversivo” e “la ideologia”; ideologia esta que, no que respeita ao tema da resenha, seria apenas mais uma forma de “antiperonismo liberal y burgués, que no entiende bien a su hijo, el frondizismo”, no dizer da então militante nacionalista, ainda nas hostes de Perón (já que a posterior maoísta e futura alfonsinista começou peronista).¹⁰⁴

Da viagem a La Paz, documentada em texto e imagem, traz um “Informe sobre a Bolívia”, ao lado de uma entrevista com Augusto Céspedes – esta figura mista de escritor e militante da esquerda nacionalista.¹⁰⁵ Ambas colaborações aparecem na edição especial sobre o país, de maio de 71 (nº 19), inaugurando, ao menos em *Los Libros*, sua entrada na esfera político-social através de um impulso de intervenção pública que vai se tornar cada vez mais freqüente e intenso. Incluindo dados minuciosos sobre as batalhas políticas na Bolívia, o relatório é um panfleto de combate contra o imperialismo e em prol da união dos latino-americanos, como já vinha propondo *Los Libros* desde seu novo subtítulo, conforme a onda continental: “Un mes de publicaciones en América Latina”.¹⁰⁶

Em março de 72, o nº 25 marca a trajetória da revista, como se viu, em função da ampliação de seu conselho de redação em tempos da nova divisa, “Para una crítica política de la cultura”. Não por acaso, Sarlo devassa aí a “novela argentina actual” a partir do conceito de verossimilhança e de escritura nos moldes de Barthes, o qual no entanto seria pouco a pouco afastado e finalmente reprimido por completo, em função das imposições partidárias e das circunstâncias políticas, até o fechamento de *Los Libros* pelos militares. As perguntas centrais do ensaio, que antecede em algumas páginas as longas notas de Piglia sobre Mao Tse-tung, de algum modo traduzem os problemas e as transformações ideológicas do período: “¿Un nuevo verosímil significa una vanguardia? ¿Existe una vanguardia en la Argentina?”

A face vanguardista de Barthes, que se tornaria a mais perene, é despertada, como se sabe, pelo dramaturgo Bertolt Brecht, entre certa estética da provocação e da materialidade das

¹⁰⁴ Cf. entrevista, p. 39-40.

¹⁰⁵ Ilustra a entrevista uma foto de Sarlo, em traje de guerrilha, ao lado de Céspedes. Há um auto-retrato “normal” e “silvestre” deste no informe bibliográfico do nº 21 (ago. 1971, p. 34): “Soy un sujeto elemental que carece del problema de la angustia y de la soledad, que tanto está de moda. Simplemente, un sudamericano que vive con la política y las mujeres. En suma, un boliviano normal y silvestre”...

¹⁰⁶ Desde o nº 8, de maio de 70.

formas. A partir de 1954 – vale recordar –, após conhecer a montagem de “Mãe Coragem” pelo Berliner Ensemble, torna-se um propagandista de sua obra através da revista *Théâtre Populaire*. Ao mesmo tempo, passa a reivindicar a chamada literatura “objetivista”, conforme nota Sarlo, acrescentando: “Diez años después, Barthes era el crítico de una nueva vanguardia: Sollers, Sarduy”.¹⁰⁷ Para atingir esse auge de ebulição telqueliana, vem de um passado “sartreano” (porque a vanguarda era Sartre no pós-guerra) e “marxista” nas páginas de *Combat*, mas marxista somente até certo ponto, segundo essa espécie de acerto de contas de sua leitora argentina de longa data:

Por “marxista” podría entenderse más bien el propósito de aceptar como objeto de la crítica literaria también el sistema de las condiciones sociales e históricas, y al mismo tiempo, el sistema de vibraciones ideológicas de términos como ‘valor’ y ‘trabajo’ de la forma. *Nada sin duda que recuerde lo que Barthes aleja de sí con cierto horror: la histeria de la política o un infierno dogmático entrevisto de lejos.*¹⁰⁸

Destaco o último trecho por conter, outra vez retroativamente, um (in)certo caráter autobiográfico, na medida em que sua autora mal começava a se livrar do “horror” e de um inferno dogmático entrevisto de muito perto. Esta liberdade de pensamento seria retomada à base de mudanças teóricas e práticas – precisamente como aquelas que vai detectar em Barthes, causadas, segundo a interpretação de Sarlo, por uma “estética de la transgresión” que lhes daria sentido. Diante do fascismo (e do fascínio) da linguagem, opta por responder com outra forma de violência vanguardista, antiburguesa (que igualmente o fascina): os chamados textos-limite ou de ruptura; ou ainda, nos termos de Sarlo, “la subversión simbólica, que Barthes difunde en la década del setenta”, reunindo “en un mismo acto la costumbre de las vanguardias con el proyecto de una liquidación intelectual del orden estético de la burguesía”.¹⁰⁹

Antes disso, porém, a crítica-escritora, sob o forte influxo das *Mythologies* (1957), volta-se para os meios de comunicação de massa, decalcando “la forma insolente y segura” que identificara desde este primeiro Barthes e que seria também a sua desde a estréia na revista, com sua crítica à *Nueva Crítica*. Assim, em julho de 72, *Los Libros* (nº 27) surge com uma televisão

¹⁰⁷ Sarlo, B. *El mundo de Roland Barthes*, op. cit., p. 18.

¹⁰⁸ Idem, ib., p. 15. Cf. crítica ao marxismo barthesiano no epílogo.

¹⁰⁹ Idem, p. 20.

na capa e quatro páginas sobre “Los canales del Gran Acuerdo”. Note-se *en passant* que cita, de imediato, as *Recherches pour une sémanalyse* de Kristeva e seu conceito de “ideologema” (enquanto “función intertextual materializada en los diferentes niveles de la estructura de cada texto”), que a levaria a uma polêmica com Schmucler, preocupado com o vocabulário excessivamente “técnico” apontado pela vertente nacionalista em sua publicação.¹¹⁰

O movimento em direção à China apareceria de forma “concreta” na reinauguração de *Los Libros*, no começo de 73, desde seu novo formato e de sua nova diagramação, respondendo aos padrões ideais de uma revista antiburguesa, segundo o novo conselho de redação, assumido, ou melhor, “tomado” pelo trio Piglia, Altamirano e Sarlo Sabajanes (cf. adiante). Seus últimos panfletos miravam, de modo evidentemente hipercrítico, a carreira de Letras na Universidade de Buenos Aires¹¹¹ e, novamente, a televisão, em função da campanha eleitoral de 1972,¹¹² demonstrando a grande preocupação diante do momento inicial de consolidação do que viria a denominar, mais tarde, “videopolítica”.¹¹³ Em seguida, verifica-se um hiato em sua produção para a revista, durante o qual se dedica muito menos do que gostaria à literatura, conforme declara em seu depoimento, o que se deveria à intensificação das obrigações de militância partidária.

Em se tratando de telquelismos latino-americanos e de sua negação (que oculta um então inconfessável fascínio), é particularmente ilustrativa do debate sua resenha sobre *Yo el Supremo*, de Augusto Roa Bastos, junto com a réplica de um certo Antonio Carmona, na edição seguinte.¹¹⁴ O texto sobre o *Supremo* pretende exibir as debilidades do romance mais ambicioso do escritor paraguaio, vinculando-o a duas linhagens: uma, mercadológica, ligada ao *boom* da “nova literatura latino-americana”; outra, telqueliana, devido aos “ecos –no siempre absolutamente consecuentes con las fuentes originales–”, ela sublinha, “de las teorías sobre la escritura, en especial las francesas”. O uso que faz Roa Bastos dessas teorías, que lhe parecem

¹¹⁰ V. depoimento de Sarlo, p. 47. Sarlo somente volta a publicar um texto, e ainda assim a quatro mãos com Altamirano, na edição de janeiro-fevereiro de 74 (nº 33): “Acerca de política y cultura en la Argentina”. Três números depois, retornaria ao campo de sua predileção – e a partir de então sem o segundo sobrenome – em “Cortázar, Sábato, Puig: ¿parodia o reportaje?” (nº 36, jul.-ago. 1974).

¹¹¹ “La enseñanza de la literatura. Historia de una castración”. *Los Libros* nº 28, set. 1972, p. 8-10.

Considerava aí a carreira à qual se dedicara como “sin problemas”, “dócil” e “femenina”. “La negación de la teoría es la teoría de la carrera”, diria.

¹¹² “Elecciones: cuando la televisión es escenario”. *Los Libros*, nº 29, mar.-abr. 1973, p. 4-10.

¹¹³ Após os prototextos midiáticos de *Los Libros*, elabora o conceito durante os anos 80 através de vários artigos em *Punto de Vista*. Cf. p. ex. “Sete hipóteses sobre a Videopolítica”. *Paisagens imaginárias* (trad. Rubia P. Goldoni e Sérgio Molina). São Paulo: Edusp, 1997, p. 129-138.

¹¹⁴ *Los Libros* nº 37 (set.-out. 1974) e nº 38 (nov.-dic. 1974), respectivamente.

então questionáveis por “idealistas” (a exemplo do que afirma Altamirano em outro lugar na mesma edição), seria ambíguo devido à “unilateralidad del poder sobre que se centra la novela”, isto é, devido à ausência de outras vozes que não a do *Supremo*, como iria demagogicamente concluir.

A esta altura, os papéis haviam sido trocados: Antonio Carmona – *nombre falso* – seria o verdadeiro representante de uma “nova crítica”, e não mais Sarlo, que inaugura a edição de nº 38 com cinco páginas de pesadas críticas a um dos principais ideólogos da esquerda peronista, Hernández Arregui, em acerto de contas com seu passado político. Carmona, por sua vez, vai criticá-la no outro extremo desse número da revista, que cada vez mais se caracterizava pelo exercício explícito da polêmica. Em “*Yo el Supremo. ¿La escritura del poder o la impotencia de la escritura?*”, o misterioso interlocutor vem em defesa do autor paraguaio, concluindo – através de uma leitura em tudo oposta à de Sarlo – que “Roa pretende (...) desprestigiar al narrador individual, tan prestigiado por la literatura burguesa, para revalorar el relato como producto colectivo, social, en el que el escriba no es sino un matizador, recopilador en cierto sentido de la escritura del ‘Común’ que el Supremo no supo leer”. Digo “misterioso interlocutor” porque este entregaria a sua réplica em mãos da própria Sarlo.¹¹⁵ Nada assegura, no entanto, que seu nome seja verdadeiro e que o texto não tenha sido escrito por outra pessoa.

Com informações cada vez mais fragmentárias, *Los Libros* atinge os seus estertores, após a saída de Ricardo Piglia.¹¹⁶ A defesa das posições adotadas em relação ao governo peronista ressurgiu desde as primeiras páginas do nº 42 (jul.-ago. 75), no editorial assinado pelo casal de intelectuais – que destaca, ainda, um texto inédito de Mao Tse-tung. Como o confirma Ernesto Laclau, “había muchos grupos maoístas que estaban dentro del peronismo”.¹¹⁷ No número seguinte (set.-out. 1975), apenas duas notas aparecem assinadas por “B. S.”, uma sobre “la

¹¹⁵ V. entrevista, p. 43.

¹¹⁶ No nº 39 (jan.-fev. 1975), Sarlo aborda pela primeira vez a linguagem cinematográfica na revista, em “Cinema argentino. De Juan Moreira a La tregua”, relacionando essas produções com o processo político que levaria à derrota eleitoral dos militares e ao retorno do peronismo ao governo. Depois sobrevém a nova ruptura no interior do grupo, com a devida divulgação, em forma editorial, das cartas de despedida no início de 75, como se viu. A crítica de cinema retorna a seguir, em abordagem de “*Nazareno Cruz y el lobo*”, do diretor Leonardo Favio, autor de filmes populares que devem ser vinculados, segundo Sarlo, com o fenômeno complexo do populismo peronista (cf. *Los Libros* nº 41, maio-jun. 1975, p. 24-25). A resenha do filme vê em Favio um leitor talentoso e coerente das tradições populares do país, e se volta contra as críticas “deslumbradas” ou simplesmente equivocadas do filme na grande imprensa – em tensão característica da proposta de *Los Libros* em relação aos meios de comunicação, mantida e ampliada em *Punto de Vista*. Nos anos 90, voltaria a analisar um filme de Favio, “*Gatica*” (1994), em sua revista.

¹¹⁷ V. entrevista, p. 109.

literatura de las provincias” – criticando a centralização da cultura na capital, com o qual prefiguraria a canonização de Saer celebrada em seu próximo (e último) texto na revista – e outra dedicada novamente ao cinema argentino.

Na última edição conhecida, Sarlo publica um ensaio dedicado a outra tríade de romancistas argentinos, com suas novidades de 1975: “Saer-Tizón-Conti. 3 novelas argentinas”, em que portanto apresenta o autor de *El limonero real* como aquele de sua preferência, apesar da filiação (sublinhada duas vezes pela própria autora) ao chamado “objetivismo francês”.¹¹⁸ Contra os excessos “imaginativos”, na vertente de Gabriel García Márquez, de *Mascaró, el cazador americano*, de Haroldo Conti, e de *Sota de bastos, caballo de espadas*, de Héctor Tizón, exalta a narrativa de Juan José Saer – como o faria sem dúvida Piglia –, na qual “la temática de una zona de su provincia resulta, *sin estridencias*, en una propuesta literaria para la que son capitales *el elemento regional y popular*”. Ao lado de Altamirano, conduz a revista até o começo de 76, quando os militares fecham as suas portas com violência, fazendo desaparecer a edição de nº 45, que já estava pronta e incluía uma resenha de sua lavra sobre *Nombre falso*, então recém-lançado. Como mencionado antes, os três voltariam a se encontrar na clandestinidade (embora não voltassem a configurar um “grupo”), para lançar *Punto de Vista* já em 78, cheia de nomes e pistas falsas, de início, por motivos óbvios.

Quando o golpe se anunciava, a “nova crítica” desaparecera havia anos de *Los Libros* e, sob o terror, seria impelida a se reciclar por completo para, no futuro próximo e com outros avatares, ressurgir das cinzas rumo à institucionalização, através do ingresso nas academias argentinas nos anos 80, das quais tinham sido totalmente excluídos, e não apenas Sarlo ou Altamirano como também Piglia, professor universitário nos Estados Unidos desde fins de 76. Com a consolidação de *Punto de Vista*, revista da “resistência intelectual”, a ex-militante revolucionária passa a fundir a tradição das polêmicas periodísticas com o debate universitário, transformando-se em uma crítica cultural estabelecida, a partir de uma completa profilaxia teórica, sobretudo “antiparisina”, nos termos de Miguel Dalmaroni,¹¹⁹ desatada logo após o golpe *gorila* – como a informar que o “pesadelo” dos últimos anos não fora em vão: a luta continuava em silêncio, agora pela definitiva descolonização intelectual. Como se sabe, seria este o sentido

¹¹⁸ *Los Libros* nº 44, jan.-fev. 1976, p. 3-6.

¹¹⁹ Dalmaroni, M. “La moda y ‘la trampa del sentido común’”. Sobre la *operación* Raymond Williams en *Punto de Vista*”. *Operaciones de la crítica*, op. cit., p. 35-44.

No desdobramento dessa reflexão “segura e insolente”, surgiria “una continuación involuntaria de un Barthes abandonado por Barthes, como una traducción al inglés del primer Barthes”.¹²³ Vertida ao inglês e depois ao espanhol, conforme o ensaísta, ou diretamente ao castelhano por um Nicolás Rosa, a obra deste “crítico insuspeito” (em palavras de Antelo), além de “francês” como poucos,¹²⁴ retorna sempre, entre o bem e o mal, entre o *real* e o inconsciente, contra os dogmas do pensamento, seja ele *franco-chino* ou *franco-chino-argentino*.

O discurso da dependência está na raiz desta necessidade um tanto paranóica de tomar distância de França, e o discurso da crítica cultural elaborado em torno de *Punto de Vista* colocaria à mostra os mecanismos de compensação com que se reelaboram as questões do nacional e do popular, isto é, do *internacional-popular* (que tenho como sinônimos), prefigurado, por exemplo, no texto sobre Hernández Arregui. Desde o início, o tema percorre o debate dependentista, ou antidependentista – em que tanto Fernando Henrique Cardoso quanto Celso Furtado são impugnados enquanto “desarrollistas”. De sua parte, Sarlo voltaria a conversar em chave político-crítica com essa tradição, exercendo toda sua perspicácia de tonalidades progressistas e democratizadoras no artigo “Menem”, através da tribuna da resistência intelectual de nome modernizante. Trata-se de uma nova atitude com finalidades revisionistas, agora relativa a esse avatar do peronismo que viria a ser o fenômeno do menemismo – o qual segue, por sinal, assombrando o país, entre o cinismo e o excesso em sua relação teocrático-mercadológica e populista com uma nação tão ou mais desnacionalizada que o resto do “terceiro mundo”.¹²⁵

Em *La batalla de las ideas (1943-1973)* – nova antologia de Sarlo que procura resgatar os discursos menos audíveis do largo período, como aqueles da universidade e da igreja, tendo como eixo “el pasaje de las soluciones reformistas a las propuestas revolucionarias” –, o início dos 70 é visto como particularmente promissor.

Si el movimiento histórico va hacia el lado de la radicalización, eso no sucedió en el vacío de otras posiciones. Como fuera, cuando se llega a comienzos de la década del setenta, se tiene la sensación de que la izquierda ha ganado una batalla cultural que la vuelve muy

¹²³ Idem, p. 40.

¹²⁴ Veja-se a esse respeito sua profunda “francesidad”, segundo Sarlo na introdução a *El mundo de Roland Barthes*, op. cit., p. 33-34.

¹²⁵ *Punto de Vista* n° 39, Buenos Aires, dez. 1990, p. 1-4.

visible en el campo intelectual y en el artístico. Que esa victoria cultural durara poco es parte del cierre terrible del período que considera este libro.¹²⁶

Observe-se que este livro autobiográfico – que condensa em si todas as características de um percurso de três décadas, como aquele que nos separa de 1970 – teria seu desfecho em um pequeno periódico desimportante (na justa medida), *Los Libros*, e vai

de la ilusión a la derrota, del reformismo a la revolución, del peronismo de estado al peronismo guerrillero, del golpe de junio de 1943 a los prolegómenos del gran golpe de 1976...¹²⁷

Da pequena revista ao grande país, chegava a “hora de la defmición”.

¹²⁶ Sarlo, B. (Con la colaboración de Carlos Altamirano). *La batalla de las ideas (1943-1973)*. Buenos Aires: Planeta, 2001, p. 14-15. Altamirano, por sua vez, acaba de publicar *Bajo el signo de las masas*, voltado ao debate político do mesmo período. Trata-se do sétimo e sexto volumes, respectivamente, da “Biblioteca del Pensamiento Argentino”, dirigida por Tulio Halperin Donghi.

¹²⁷ Idem, ib., p. 16.

VII. Chavões concretos *ante el golpe gorila*

Tanto el idealismo como el materialismo son armas en la lucha de clase, y la lucha entre idealismo y materialismo no puede desaparecer mientras sigan existiendo las clases. El idealismo, en el proceso de su desarrollo histórico, representa la ideología de las clases explotadoras y sirve a propósitos reaccionarios. El materialismo, por su parte, es la visión del mundo de la clase revolucionaria; en una sociedad de clases crece y se desarrolla en medio de una lucha incesante contra la filosofía reaccionaria del idealismo. Consecuentemente, la historia de la lucha entre idealismo y materialismo en filosofía refleja la lucha de intereses entre la clase reaccionaria y la clase revolucionaria... (...) Eliminar la distinción entre trabajo manual e intelectual es una de las precondiciones para eliminar la filosofía idealista. (...) La dialéctica materialista es la única epistemología científica, y también la única lógica científica. (...) En una palabra, la materia es todo en el universo. "Todo el poder pertenece a Ssu-Ma I". Decimos: "Todo el poder pertenece a la materia". Esta es la fuente de la unidad del mundo...

Mao Tse-tung¹²⁸

Em sua última etapa – que são ao menos duas: antes e depois de Piglia, ou seja, de “Para una crítica política de la cultura” a “Una política en la cultura” –, *Los Libros* conta pois com um grupo ferrenho e fechado de colaboradores dispostos a tudo na busca de “un análisis concreto de la situación concreta”, como (también) repetem Sarlo e Altamirano em artigo sobre a cultura argentina, no qual pretendem contudo dissolver o equívoco sobre o que é uma “verdadera cultura nacional y popular”, desde uma perspectiva gramsciana – e marxista-leninista – para uma crítica do populismo peronista de matriz “fanoniana”.¹²⁹ *Os Livros* foram engolidos pela política e, ao invés deles, agora são oferecidos “guías para la acción”, regras para “la salud del pueblo”,

¹²⁸ “Notas de lectura sobre materialismo dialéctico” (1938). *Los Libros* n° 35 (especial), maio-jun. 1974, p. 42-45. Daí, como é óbvio, brota toda a ladainha anti-idealista de maoístas europeus ou sul-americanos, que retorna em seus discursos de caráter apodíctico.

¹²⁹ “Acerca de política y cultura en la Argentina”. *Los Libros* n° 33, jan.-fev. 1974, p. 18-24.

da “operación Raymond Williams”, apresentado ao público argentino ao lado de Richard Hoggart em um artigo de um dos primeiros números de *Punto de Vista* (6), sob o título “Insularmente independientes de las modas culturales” (e o subtítulo “Los senderos de la teoría crítica”). Os culturalistas ingleses são oferecidos aí, segundo Dalmaroni,

como “alternativas” frente a “las modas teóricas”, ligadas a “una formidable industria cultural, apoyada en una exportación de libros que es la mayor del mundo”, modas responsables “acaso” de nuestra lectura mutilada de los formalistas rusos. Son Althusser y Macherey, “el estructuralismo de Barthes, Todorov o Kristeva” y *Tel Quel* aspirando a “ocupar el campo de la crítica literaria como única forma de la ‘modernidad’ teórica”, la lingüística operando como “ciencia piloto” de las disciplinas sociales.¹²⁰

A importação de Williams significaria, por outro lado, um modo de pôr em prática uma estética vanguardista da teoria e, ao mesmo tempo, “abandonar un socialismo indefectiblemente dependiente del concepto de ‘revolución’ sin abandonar del todo el socialismo”.¹²¹ No entanto, o que gostaria de reter interessadamente aqui é uma hipótese de Dalmaroni a partir daquilo que Sarlo e Altamirano chamaram “lenguajes de temporada”, “catecismo” ou “conexión francesa” – e que Schmucler e Rosa, em seu depoimento, de início recusam e depois aceitam:

La hipótesis podría decir, aproximadamente, que el inconsciente de la operación Williams no es inglés, ni historicista, ni culturalista ni *popularista*. Es parisino, estructuralista, semiólogo y esteticista: es Barthes. Pero ya no el Barthes que en una de las preguntas que Sarlo dirige a Williams en 1979 era ubicado junto con *Tel Quel* en un “formalismo francés (...) realmente mucho más abstracto y formalista que Saussure” (...). Es, en cambio, el Barthes semiólogo de la vida cotidiana, el Barthes ensayista, el Barthes de las *Mitologías*, de quien Sarlo escribiría en 1981 que desbarataba “la trampa del sentido común” tendida por la Doxa.¹²²

¹²⁰ Dalmaroni, M., op. cit., p. 35-36.

¹²¹ Idem, p. 36.

¹²² Idem, p. 39-40.

psicólogos declaram “somos todos enfermos en busca del verdadero camino”, a experiência chilena é tachada de “via pacífica al fracaso”, Paulo Freire é um “concientizador pequeño-burgués”, o estruturalismo e o althusserianismo são um vírus e é preciso apenas aguardar “el despliegue de las energías revolucionarias de nuestro pueblo”. Em seu texto sobre a China, Piglia brada “por una revolucionarización ideológica”,¹³⁰ tendo se antecipado aos metropolitanos de *Tel Quel*, que realizam sua famosa viagem à Ásia apenas em junho de 74. No mesmo número traduz-se uma verdadeira bíblia maoísta escrita por um francês (que entre outras aberrações pretende explicar a utilidade do culto à personalidade) e no nº 40 aquele que pode ser denominado o porta-voz maô de *Los Libros*, André Pommier, lança novas pérolas em nome de Stalin e da China, o que apenas reforça o sotaque francófilo do maoísmo argentino. Simultaneamente, desagrava-se o estruturalismo em sua “última versión”, que seria explicitamente kristeviana e telqueliana, conformando a chamada “espuma de la vanguardia” com suas mais recentes modas teóricas escriturais, idealistas e formalistas (conforme o editorial do nº 41). Contra elas, o grupo propõe simplesmente uma escola *concreta* à maneira argentina, isto é, (franco-)chinesa,

que rompa con las concepciones más retrógradas de la literatura y el arte y que proponga a docentes y alumnos la situación de los mensajes culturales en el contexto americano y argentino, en el marco de la dependencia, y a través de “modernizaciones” que no pierdan de vista la realidad de la escuela.¹³¹

Entretanto, se o editorial do nº 37 (set.-out. 1974) clama “por la liquidación definitiva del poder económico y político de los yanquis en nuestro país”, no informe bibliográfico divulga-se a obra de Roland Barthes, com comentários reveladores, entre o amor e o ódio, entre o “cientista” e o “hedonista”. O primeiro livro do rubro “Crítica literaria” é de um Barthes ainda estruturalista: *Investigaciones retóricas I. La antigua retórica. Ayudamemoria* (trad. Beatriz Dorriots, Ed. Tiempo Contemporáneo), de 1965-6; dele se diz, de modo reverente, que “pone a foco algunas cuestiones importantes referidas al origen de la retórica, su carácter de instrumento para la producción de textos y los rasgos de convencionalidad que definen el carácter de la lectura y la apropiación de la literatura”. O segundo livro do setor é o de um (sempre) novo

¹³⁰ *Los Libros* nº 35, maio-jun. 1974, p. 4.

¹³¹ V. “Información de *Los Libros*: Para el Colegio, para la Literatura”. *Los Libros* nº 41, maio-jun. 1975, p. 5.

Barthes: chama-se *El placer del texto* e foi traduzido, prazerosamente, por Nicolás Rosa (Ed. Siglo XXI); merece segura e insolente impugnação:

Una vez más Barthes propone el juego más amplio de la ambigüedad y la arbitrariedad de un discurso – su propio texto – cuya única razón es registrar ocurrencias que a esta altura [sic] ni siquiera son ya brillantes.

Em meados de 75 já havia terminado a guerra do Vietnã mas no “país dos psicólogos” (segundo María Moreno¹³²) o golpe estava no ar. Mesmo assim, não existia dúvida de que “el socialimperialismo provocará su propia caída” e quem ainda achasse que o comunismo burocrático da União Soviética fazia algum sentido, ficaria definitivamente convencido do contrário com a publicação de um inédito de Mao dedicado ao tema (nº 42, jul.-ago. 1975). Uma ilustração (patética) de Davi como “Pueblo” vomitando moedas ao ser enforcado por um Golias no papel de “Monopolio” antecede o informe inicial do nº 43 (setembro-outubro), que transborda de informações sobre a República Popular da China pela via francesa, entre as quais uma a respeito dos intelectuais “aún no reeducados”

O desfecho da larga trajetória da revista, com o número de janeiro-fevereiro de 76, apresenta em suas páginas um grande quadro de crise – que sempre se repete – além de algumas surpresas. Sarlo o inaugura com o ensaio em que exalta a obra de Saer, mas a matéria principal é uma reportagem sobre a situação pós-revolucionária em Portugal. Nos informes insiste-se na necessidade do combate à penetração imperialista e, em uma pequena ficha sobre a industrialização, protesta-se contra a destruição das forças produtivas do país através dos monopólios. Propagandeia-se também o Laos revolucionado, mas a caricatura mais completa – e patética – do estado das coisas e das idéias a esta altura é seguramente um texto de Tchang En-Tse sobre “La verdad concreta”, que diz – e diz muito aqui, em função do caráter alucinatório, tipicamente maô, de seu primeiro e seu último parágrafos, por exemplo:

La verdad es objetiva y es concreta. Lo que se llama “verdad objetiva” designa el contenido objetivo del pensamiento; el “carácter concreto de la verdad” significa que este

¹³² Cf. seu artigo sobre Maradona em *RadarLibros/Página 12*, Buenos Aires, 17 nov. 2001. Trata-se de um dossiê sobre o ex-jogador, em que Sarlo participa com um breve texto relacionando-o às teorias do excesso e da despesa de Bataille.

contenido objetivo es concreto. Toda verdad es concreta. Lenin escribe: “El principio fundamental de la dialéctica es que no hay verdad abstracta y que toda verdad es concreta” (Lenin, Obras Completas, Tomo VII).

¿Qué es pues el carácter concreto de la verdad? (...)

El marxismo considera que el análisis concreto de las realidades concretas y el análisis de clase de los fenómenos sociales constituyen el método más radical y el único para investigar y alcanzar la verdad. El análisis concreto de las situaciones concretas es el alma viviente del marxismo.¹³³

Como ler concretamente isto? Que noção de verdade esse discurso encerra? O que é, portanto, o caráter concreto da verdade? A verdade para quem?, diria um marxista-leninista como Ricardo Piglia. Pois é justamente Piglia quem reaparece em dose dupla no epitáfio de *Los Libros*, seu nº 44, seja nos paratextos finais, em que se divulga *Nombre falso*, recém-publicado (assim como *Estancia Modelo/Novela pecuaria*, de Chico Buarque, e *Agua viva*, de Clarice Lispector), seja enquanto um dos cinco vencedores do Primer Concurso Latinoamericano de Cuentos Policiales, organizado pela revista *Siete Días*, cujo jurado contava com ninguém mais ou menos que Jorge Luis Borges e Augusto Roa Bastos, ao lado de Marco Denevi.¹³⁴ A promoção de *Siete Días*, que fez publicar um volume com os contos, é vista naturalmente com suspeição pela rival *Los Libros*, além de servir de algum modo como crítica a Piglia, tendo sido eleito por *idealistas* como Borges e Roa Bastos. Segundo “C. S.”, a iniciativa

se muestra como una nueva instancia de un proceso que viene operándose en el mercado literario de nuestro país, y en Buenos Aires, particularmente, desde hace unos años y que podría definirse como de consagración de la “legitimidad cultural” del consumo de la literatura policial.¹³⁵

Empresa de consagração em que a mercadoria ascende do quiosque “al libro de librería (esto es, el libro que se consume y se conserva, que no se canjea como se canjean Rastros y Séptimo Círculo)”, o certame mostra a sua verdadeira face, para C. S., a partir da própria escolha do jurado, prestigioso nos meios periodísticos “particularmente influyentes en el

¹³³ *Los Libros* nº 44, jan.-fev. 1976, p. 17 e 20.

¹³⁴ Os outros ganhadores: Eduardo Mignona, Juan Fló, Eduardo Goligorsky e Antonio Di Benedetto.

¹³⁵ *Idem*, *ib.*, p. 21.

condicionamiento de los gustos culturales”. Mas se, como esperado, Borges (e Denevi) declaram o policial um gênero menor, o autor da nota acreditaria – como Piglia, *teóricamente* – em um novo tipo de leitor que não encara mais o gênero como mera literatura de evasão “–lectura tradicional del policial inglés y norteamericano– sino *como cuadro preciso de la sociedad contemporánea*”.

Este quadro não seria apenas preciso e policial mas militar, conforme já prevê um anúncio da revista do PCR, posicionado ao lado do último texto da última edição de *Los Libros* – uma resenha de Ramiro Castelli sobre *Tiempo Geopolítico Argentino* (Ed. Pleamar), do “Gral. de División (RE)” Osiris Guillermo Villegas,¹³⁶ o qual propõe um enfoque do chamado “Proyecto Nacional” que possa gerar a liberação de um país dependente. No entanto, o próprio autor, “aun contra sus propósitos declarados”, demonstraria que tal objetivo é impossível: seu “nacionalismo geopolítico” seria apenas “una expresión de chovinismo” ao acreditar na hipótese de “acuerdo de las superpotencias” e não nas evidentes (para o resenhista) “victoria de los pueblos” e “derrota del imperialismo y el hegemonismo”, em paralelo ao “agudizamiento de las contradicciones entre ambas superpotencias”. Ou seja, uma sinistra e clara antevisão do golpe, assim como está escrito no sumário da revista do partido de Sarlo e Altamirano, denominada *Teoría y Política*: “Ante el golpe gorila”, e – com letras maiúsculas – “en la hora de la defmición”.

¹³⁶ Idem, p. 26-27.

Epílogo

SAÍDAS (LATINO-AMERICANAS) À FRANCESA

Falar ou calar? Um epílogo é uma espécie de pequena grande morte, e uma epígrafe talvez seu epitáfio: esta, transcrita abaixo (não acima), a partir de uma fala imediatamente *post-mortem*, põe frente à frente os dois principais teóricos aqui – isto é, até aqui – presentes (e não à toa falando espanhol):

¿No habló él mismo de su propia muerte hasta en el último momento, y también, metonímicamente, de sus muertes? ¿No fue él quien dijo lo esencial (especialmente en *Roland Barthes par Roland Barthes*, título y firma metonímicos por excelencia) de la vacilación indecible entre “hablar y callarse”? Incluso se puede callar hablando. El único “pensamiento” que puedo tener es que al final de esta primera muerte está ya inscrita mi propia muerte; no hay nada entre las dos sino la espera; no tengo más recursos que esta *ironía*: “El horror es esto: nada que decir de la muerte de quien más amo, nada que decir de su foto”.¹

Próprio ou impróprio, breve ou largo, crítico ou acrítico, todo trabalho é interrompido – devorado – pelo tempo (eis o horror). Cedendo ao tempo, intento interromper todo trabalho (este) pela via não de todo distante e não de todo próxima do “desconhecido”, embora, neste caso (tentativamente), não de todo inabordável ou impossível. Com maior precisão, proponho atingir finalmente a farsa da afasia (eis a ironia) através de uma revista romena contemporânea, *totalmente* desconhecida, em seu número dedicado a certo pensador francês. Digo desconhecida por mim, pelos latino-americanos *todos, et pour cause*, se diria. É recente e distante, romena e acadêmica (sem aspas), fala francês, tem nome (próprio e) apropriado – *Euresis* –, dela não viemos e a ela voltaremos.

Assim cedo concluir esta tese – não este *texto* – através desses encontros, sempre em trânsito,² de Barthes e de Derrida, segundo seu relato em *Les morts de Roland Barthes*, que

¹ Derrida, J. *Las muertes de Roland Barthes*. Trad. Raymundo Mier. México: Taurus, 1998, p. 85. Originalmente em *Poétique* 47. Paris: Seuil, 1981 – mesmo ano em que Sarlo publica (não sem resistências) *El mundo de Roland Barthes*.

² Derrida cita as viagens de carro ou de trem pela França e a célebre viagem aos Estados Unidos em 1966 como seus encontros *codo a codo* mais duradouros.

poderia se chamar *Pourquoi j'aime Barthes* (caso Robbe-Grillet já não o tivesse feito). Isto porque o relato faz um elogio da *flexibilidad*e e uma denúncia do *dogmatismo*, que marcam a noção de “*entrelugar* do discurso latino-americano”, tanto quanto a trajetória do autor de *Le degré zéro de l'écriture* e de *La chambre claire*, primeiro e último livro, respectivamente, eleitos por Derrida ao perceber sua relação com “as mortes” – o romance e a fotografia enquanto experiências funéreas. A estes se poderia acrescentar o gênero “entrevista”, já que para um “neurótico del sentido” como Piglia, especialista no ramo, uma entrevista trabalha com a ilusão de esgotar o sentido do que se diz, é como uma foto em que se faz pose.³

Pela *flexibilidad*e:

El rigor nunca es rígido. Lo flexible, una categoría que creo indispensable para describir de todas maneras todas las maneras de Barthes. La virtud de flexibilidad se ejerce sin la menor huella de trabajo, pero tampoco de su desaparición. Nunca la abandona, ya se trate de teorización, de estrategia de escritura, de intercambio social, y es legible hasta en su grafía; la leo como la reafirmación extrema de esa civilidad que, en *La chambre claire* y al hablar de su madre, lleva hasta el límite de la moral e incluso hasta a someterla a ella. Flexibilidad a la vez ligada y desligada, como se dice de la escritura o del espíritu. Tanto en el vínculo como en la desvinculación nunca excluye la justeza –o la justicia; imagino que ha debido honrar esa flexibilidad en secreto hasta en las elecciones imposibles–. Aquí el rigor conceptual de un artefacto se mantiene flexible y juguetón, dura el tiempo de un libro, será

³ “Digamos que uno cuando contesta las preguntas parece que contesta desde un lugar del saber pleno: ése es el inconveniente que tienen las entrevistas. Son un diálogo pero, a diferencia del diálogo de las novelas que se basa en el sobreentendido y en la media palabra, es una conversación que trabaja la ilusión de agotar el sentido de lo que se dice. Y por supuesto la ficción estaría ahí, la ficción de un sujeto que habla desde un lugar del saber pleno, sería una construcción imaginaria, porque en verdad se trata de hipótesis siempre en camino que esconden otras hipótesis contradictorias, otra historia que serían las vacilaciones, las dudas y los caminos equivocados y los desvíos que uno remite como cuestiones abiertas. Lo que tiene de bueno la entrevista es que en algún sentido tiene una forma platónica, como si hubiera un saber que está más allá de los que hablan, algo que se debe recordar o reconstruir. Por eso en un punto tiene siempre algo de interrogatorio más que de conversación. Es una conversación, pero también al mismo tiempo hay siempre algo que se trata hacer decir. Quizás en una conversación con los amigos uno habla de lo mismo pero sin la transcripción, todo se pierde en la memoria, mientras que en la entrevista hay siempre una situación estratégica, la ilusión de fijar un momento. *Es como una fotografía, y en una fotografía uno tiende siempre a componer una expresión*”. Ricardo Piglia: *Conversación en Princeton*, op. cit., p. 43. A correlação com os franceses, porém, ficaria por aí, uma vez que o escritor argentino se torna cada vez menos barthesiano – como o era em *Yo* (1968) – e repele a desconstrução.

útil a otros pero sólo conviene perfectamente a su signatario, como un instrumento que no se presta a nadie, como la historia de un instrumento. Porque, sobre todo y en primer lugar, esta aparente oposición (*studium / punctum*) no sólo evita la prohibición sino que, por el contrario, favorece cierta *composición* entre los dos conceptos...⁴

Contra o *dogmatismo*:

Transportado por esta relación, jalado o atraído por el rasgo de esa relación (*Zug, Bezug*, etc.), por la referencia al referente espectral, atravesó los periodos, los sistemas, las modas, las “fases”, los “géneros” marcando y puntuando en ellos el *studium*, pasando *a través* de la fenomenología, de la lingüística, de la *mathesis* literaria, de la semiosis, del análisis estructural, etc. Pero su primer movimiento fue reconocer su necesidad y su fecundidad, su valor crítico, su luz, y volverlos contra el dogmatismo.⁵

Tendo chegado a este ponto, que é só mais uma “linha” – e “une ligne est une ligne en ses plus infimes subdivisions... droite ou courbe. Elle est elle-même, non pas commensurable avec quoi que ce soit d’autre”, segundo o Blake de Klossowsky⁶ –, tarda-se em dizer, ao redizer G. Craciun em *Euresis*,⁷ que o conceito de teoria contradiz aquele de texto, ao menos quando se atenta para a sua origem grega; como o faz, por sinal, Faye em “Le trèfle” (cf. Capítulo Três, p. 6). *Theoreia* significa, pois, contemplação ou percepção, estética ou ciência, repouso e calma, silêncio e imobilidade do olhar: “Tout cela nous montre que la théorie est quelque chose qui exclut l’idée de mouvement, de processus, de temporalité”. Diante disso, e segundo a etimologia, aquilo que se conhece por “Texte (théorie du)” seria uma “impossibilidade conceitual”, do mesmo modo que a noção de *écriture*: “L’écriture est un mouvement, un processus qui traverse un champ. Comment mettre en théorie ce processus?” Colocando em prática uma “antiteoria”, tomando a teoria como prática e, no entanto, não enquanto teoria negativa mas “um outro modo

⁴ Op. cit., p. 55-6.

⁵ Op. cit., p. 78.

⁶ Klossowski, P. “Le geste muet du passage matériel au dessin”. *Change* n° 5 (“Le dessin du récit”), 1970, p. 20.

⁷ Craciun, G. “Roland Barthes et les fantômes du texte”. *Euresis. Cahiers Roumains d’Etudes Littéraires*, v. 1-2, Bucarest, 1996, p. 129-39.

de afirmar uma verdade”,⁸ que naturalmente não é aquela do rigor (pouco flexível) do neopositivismo estruturalista, do qual Barthes – nota Craciun – vai se afastar aos poucos.

Sabe-se que esta *antiteoria* do texto, em “Da obra ao texto” (1971), se utiliza de um jargão conforme à idéia então onipresente de revolução devida à tradição socialista e é, portanto, tida como *trabalho, produção*. Trago à tona esses conceitos uma vez que, na Argentina, mais precisamente no interior de *Los Libros*, nasce – vale recordar – uma dissidência com um discurso supostamente contrário a tais postulados de vocabulário econômico, identificados com o telquelismo maoísta por Germán García, criador de *Literal* (revista de nome simétrico, por sinal, ao de *Tel Quel*).⁹ Ocorre que este se refere em seu argumento ao campo do discurso político, ao qual não se limita absolutamente a noção barthesiana de *texto*, cujo “trabalho” não é apenas produção mas *jogo*. O escritor e psicanalista procura, desse modo, impor aos ex-companheiros a pecha de *textuelos*, ao mesmo tempo que procura se livrar dela. Mas as influências – que existem, embora nem sempre sejam aceitas – nunca são *lisas y llanas*, como quer García ao designar, provocativamente, a “tradicón mimética” que caracterizaria a cultura de seu país:

Contorno, como tantas otras propuestas anteriores y posteriores, se inscribe dentro de la tradición mimética de la cultura Argentina, patente en la mímica deliberada de la arquitectura que imita a París –tanto como lo hizo Chicago, Tokio o Estambul, a principio de siglo–, con el orgullo de parecerse a su modelo.¹⁰

Salta aos olhos uma contradição aí: este ponto de vista crítico está mais para David Viñas do que para Franz Kafka, na medida em que toda a linha de reflexão do autor de *Literatura argentina y realidad política*, baseada nas viagens e no culto à França, obedece a esta mesma rígida tradição mimética, mais digna do século XIX do que do seguinte, para dizer o mínimo.

⁸ Op. cit., p. 129-30.

⁹ García, G. L. “Una encrucijada literaria”, inédito. Buenos Aires, 1998, p. 8. Texto que, segundo o autor, foi escrito por encomenda de Noé Jitrik mas imediatamente rechaçado pelo mesmo (cf. entrevista, p. 64). A qualquer ex-contornista, bastaria ler a epígrafe, de Carlos Correas, para rejeitá-lo: “Reporteado sobre la revista *Contorno* David Viñas dice: ‘Hablábamos de la Argentina: claro, ¿cómo íbamos a hablar de Kafka? ... Todo el mundo tenía un librito sobre Kafka...’ La ignorancia y la ignorancia de la ignorancia reinaban en *Contorno*”. O comentário aparece em Correas, C. *Kafka y su padre*. Buenos Aires: Leviathan, 1983, p. 8 – conforme nota de García, que acresce entre parênteses: “C. C. se refiere a un reportaje a D. Viñas publicado en *Punto de Vista* n° 13”.

¹⁰ Op. cit., p. 1.

De volta aos “fantasmas do texto” e ao reencontro de Barthes com Derrida: em carta de março de 72 ao poeta Jean Ristat, Barthes reconhece sua dívida “derridarienne”, como diria Craciun, ao mesmo tempo que se desculpa por não poder colaborar (por quê?, e lembre-se que jamais o faria, exceto em entrevistas) no número a ele dedicado de *Les Lettres Françaises*.
Derrida

a déséquilibré la structure. Il a ouvert le signe; il est pour nous *celui qui a décroché le bout de la chaîne* (...). Nous lui devons des mots nouveaux, des mots actifs (ce en quoi son écriture est violente, poétique) et une sorte de détérioration incessante de notre confort intellectuel (...). Il y a enfin dans son travail quelque chose de tu, qui est fascinant: sa solitude vient de ce qu'il va dire.¹¹

O que Barthes diz (em seu *Pourquoi j'aime...*) é, de certo modo, o que dele diz Derrida logo após a sua morte, conforme acima. Flexibilidade e antidogmatismo por uma “escritura desencadenada” e sua “monstruosa força” – como a que reivindicava Oscar del Barco em *Los Libros* a propósito de Sade, no único artigo sobre o Marquês nos mais de seis anos de existência da revista.¹² Del Barco que, tradutor de Derrida e Bataille, faz publicar nela seu manifesto dissidente (ainda que seja atendido nas últimas páginas e com letras mínimas), no momento em que o dogmatismo e a inflexibilidade invadem o grupo, através da proposta de uma sociedade unidimensional e homogênea em que tudo fica submetido à revolução política e ao político.¹³ O texto responde à polêmica aberta pelo caso Padilla, que provoca o editorial pró-regime cubano intitulado “Puntos de partida para una discusión” (nº 20, jun. 1971), ao qual Del Barco replica quando, sintomaticamente, se inaugurava a fase “Por una crítica política de la cultura” (nº 22) – tida pelo dissidente García como um retrocesso a *Contorno*.

Em “El enigma Sade”, Del Barco relaciona o Marquês com Marx em matéria de destruição de mitos burgueses¹⁴ e, simultaneamente, adere à *ideologia da escritura*, conforme diriam não sem razão seus detratores, cuja ideologia, por sua vez, poderia ser vista como uma ideologia da ideologia, uma crença fervorosa em determinado bloco sócio-político esquerdizante, nem sempre muito nítido, com frequência nada transparente. Fazia-se uma única aposta e, no

¹¹ Cit. por Craciun, p. 131.

¹² Como apontam Rodríguez Carranza e Bosteels em “El objeto Sade”, op. cit., p. 138.

¹³ Del Barco, O. “Respuesta a ‘Puntos de partida para una discusión’”. *Los Libros* nº 22, , set. 1971, p. 32.

¹⁴ *Los Libros* nº 1, jul. 1969, p. 12-13.

entanto, nenhuma das vertentes teve melhor sorte: todos na vala comum da baixa cultura (inclusive a sua contraparte dita “alta”). Importa observar que noções como aquelas de gozo – *jouissance* – e de *plaisir* – prazer, *placer* – subsistem nesse debate enquanto significantes enigmáticos, independentemente da situação da literatura em relação à política (por outro lado, é escassamente verossímil a mera suposição de uma autonomia absoluta de qualquer um dos campos). O gozo, está claro, como reescritura, como um mais-além do prazer (que é consumo, releitura); o gozo como desfrutado em *O prazer do texto* (1973), quando Barthes – observa Craciun – deixaria todas as ideologias, inclusive as próprias, para trás, através das figuras renovadas do autor e do leitor:

Il est évident que ce n’est pas l’assimilation du texte moderne à sa propre texture qui est l’élément qui explique la nouvelle physionomie de Barthes dans *Le Plaisir du texte* et tous les écrits ultérieurs, mais l’intégration dans la discussion sur le texte du lecteur et du sujet producteur. Sans être déclarée d’une quelconque façon, cette rupture de Barthes d’avec son propre passé semble aller de soi dans *Le Plaisir du texte*. Ce n’est qu’ici, dans cet écrit, que Barthes parvient vraiment à un discours d’auteur où la théorie se confond avec une pratique, où la pensée théorique est une sécrétion qui constitue la toile du texte et se confond avec elle. C’est maintenant seulement que le texte devient un espace de *l’écriture à haute voix*.¹⁵

A partir de *O prazer do texto*, o pulsional ultrapassaria o verbal, fazendo tremer o conceito de estrutura em definitivo e abrindo espaço para uma teoria textual fundada sobre o gozo, ou seja, “la perte personnelle de conscience dans la conscience de l’autre”. E a partir daí, seria possível retomar ao menos em parte a significação original do termo *theoreia*.¹⁶ O que não assegura a sua aceitação geral e irrestrita, muito pelo contrário, sendo que as impugnações partem invariavelmente de um questionamento de tipo político, relacionado seja a uma suspeita de banalização no plano estético, seja a uma suspeita de alienação no plano político, diante de suas sucessivas (“espetaculares”) conversões. Nesse último sentido trabalham dois ensaios (para apenas dois exemplos) – um de Thomas Pavel, na mesma “desconhecida” revista romena (além de acadêmica e afrancesada), e outro – prata do Prata – de Beatriz Sarlo, antes mencionado (cf. Capítulo Três, p. 42).

¹⁵ Op. cit., p. 136.

¹⁶ Idem, p. 137-38.

De modo que a subversão ativa seria sublimada em operação semiótica, e a vanguarda artística reestruturada por uma nova vanguarda intelectual, telqueliana, a qual viria a ser posteriormente designada, desde os Estados Unidos da América, como “pós-estruturalista”. Esta é a conclusão de um pragmático Pavel, no ensaio que antecede, em *Euresis*, o texto de (pedagógico) prazer devido a Craciun.¹⁷ Vanguardistas que não passam, segundo aquele, de “marxistas liberais” e “heideggerianos sonhadores” (em clara referência a Derrida, embora não o cite), devotados à destruição da metafísica a partir da “desintegração do signo”. Entre a exuberância teórica e a discricção política, Barthes no entanto conseguiria manter certa constância ideológica, segundo Pavel, em argumento simétrico ao de Sarlo:

Une sympathie peu loquace pour les causes progressistes, colorée d'un fort esprit d'indépendance, l'anima tout au long de sa carrière. Marxiste occidental teinté de révisionnisme et qui ne cachait pas son mépris pour le socialisme orthodoxe, Barthes souscrivit néanmoins aux objectifs que la gauche adoptait graduellement à l'après-guerre (la critique du capitalisme vieillissant et de son sous-produit, la culture de masse, l'anti-colonialisme, la révolte contre l'ancienne Université). Mais il ne les défendit d'ordinaire que de manière indirecte et allusive, dans des articles ou des livres consacrés à d'autres sujets. Se rangeant tranquillement du bon côté, l'auteur de *S/Z* assuma le rôle de compagnon de route des grandes causes sans s'exposer inutilement au premier rang. En revanche, il n'hésita pas à changer de camp épistémologique aussi souvent qu'il l'estima nécessaire, ni à prendre à chaque reprise des risques intellectuels considérables qu'il eut toujours l'honnêteté d'assumer ouvertement.¹⁸

Seria preciso assumir, não menos abertamente, a lógica binária que perpassa esta interpretação: separa-se de modo radical o horizonte materialista próprio do marxismo do “idealismo flagrante da abordagem imanentista e formalista”,¹⁹ o que pode fazer sentido desde que não se pergunte pelo lugar do político nesta querela tão antiga quanto pós-moderna, e desde que se opte por ignorar a idéia (não o ideal) de um *entrelugar* que confere ao político um caráter de disseminação, cuja força a cultura da modernidade tardia dificilmente pode recusar. Não por

¹⁷ Pavel, T. “Comment on devient post-structuraliste: le cas de Roland Barthes”. *Euresis. Cahiers Roumains d'Etudes Littéraires*, v. 1-2, Bucarest, 1996, p. 114-28.

¹⁸ Idem, p. 115-16.

¹⁹ Idem, p. 121.

acaso, o autor apela a Susan Sontag, que em artigo muito citado vinculara a figura de Barthes ao dandismo aristocrático tipicamente francês.²⁰

No Brasil, Leyla Perrone-Moisés viria em sua defesa, e desde um ponto de vista pós-moderno caro a Silviano Santiago, muito embora a crítica paulistana trate justamente de rechaçar essa categoria, sem muito sucesso (conforme se viu).²¹ Através de enunciados apodícticos como aqueles de Piglia, vai situar o “lugar de Barthes” não no pós-modernismo, e sim “bem antes”,

entre o classicismo e a modernidade, entre o prazer e o gozo: “sujeito incerto” (*Aula*, 1977), escritor a cavalo entre duas sensibilidades. Naquele lugar paradoxal, de onde combatia as certezas metafísicas, as teorias totalitárias, os clichês da *dóxa*, e defendia as vanguardas modernas num estilo prazeroso e sedutor (clássico), ele produziu o melhor de sua obra.²²

De volta a este *entrelugar*, vale repetir que, segundo o autor de *Uma literatura nos trópicos*, “o escritor latino-americano – visto que é necessário finalmente limitar nosso assunto de discussão – lança sobre a literatura o mesmo olhar malévolo e audacioso que encontramos em Roland Barthes em sua recente leitura-escritura de *Sarrasine*” (ou seja, no momento da guinada para além das pautas estruturalistas).²³ O que equivale a dizer que este escritor *não é* latino-americano (necessariamente) e que poderia se chamar, por exemplo – “entre o restrito e o público, entre o especialista e o profano”²⁴ – Roland Barthes.

De resto, é curioso pensar que entre 1976 e 77, quando *Tel Quel* abandona a China pelos Estados Unidos e dedica uma edição especial ao país, Ricardo Piglia está em algum lugar da Califórnia em busca do fantasma de Raymond Chandler, como diz em “Los relatos sociales”: “A fines de 1976, me fui a enseñar a la Universidad de California, un semestre, en La Jolla, el pueblo donde vivió Chandler. Y decidí volver”.²⁵ Decide voltar mesmo sob a ditadura, como o faz Santiago, de volta ao Brasil em 73, também sob uma ditadura feroz. Perrone-Moisés vai e

²⁰ Reproduzido em *Punto de Vista* n° 9 (jul.-nov. 1980, p. 16-19), como “Recordar a Barthes”.

²¹ V. Capítulo Dois, p. 49.

²² Perrone-Moisés, L. “Barthes e o pós-modernismo”. *Inútil poesia*, op. cit., p. 300.

²³ Santiago, S. “O entrelugar do discurso latino-americano”, op. cit., p. 19 (grifo meu).

²⁴ Antelo, R. “A invenção do finito”, op. cit., p. 1.

²⁵ Entrevista a Raquel Angel. *Página 12*, Buenos Aires, 12 jul. 1987 – republicada na edição de 1990 de *Crítica y ficción*, op. cit., p. 182.

vem de França, Sarlo sequer sai, e, a exemplo de Piglia, não suportaria fazê-lo por muito tempo.²⁶

Isto em relação aos sujeitos de enunciação; e os enunciados? (conforme cobra García de seus críticos no ensaio supracitado). Quanto a estes, diga-se e repita-se, mesmo brevemente, que o telquelismo latino-americano – *si lo hay* – é plural e contraditório, a exemplo do *texto*.

Não se trata, enfim, de comparar mas de compartilhar. Simplesmente, as circunstâncias históricas, como é óbvio, determinam que o *texto* perpassasse sem hiatos os textos dos intelectuais brasileiros em foco. “Tropicalistas” ou não, neorromânticos ou não, eles seguem um percurso menos acidentado da obra ao texto. As mesmas circunstâncias – diferentes – fazem com que o grupo de *Los Libros* retorne do texto à obra, do texto-limite ao panfleto, do ideograma à ideologia, da festa ao manifesto, do deleite à delação, como se fossem irreduzíveis. Tão irreduzíveis quanto, em outro sentido, as posições de Perrone-Moisés a propósito de seu mestre, que tende a levar a um congelamento de um Barthes “clássico” – à diferença de Sarlo, a qual, em sua obsessão pela reinvenção da esquerda no infinito da modernidade,²⁷ retorna sempre às incertezas do autor das *Mitologías*, e não a um Raymond Williams, por exemplo:

La aparición de *S/Z* marca, como a Barthes mismo le marca el fin del estructuralismo duro y el comienzo de una teoría del texto que uno podría decir que es, a mi juicio, mucho más sutil que la bajtiniana. (...) Y portanto yo diría que, como crítica literaria, en mi tarea de crítica literaria Barthes, la presencia de Barthes es constante, hasta hoy, hasta hoy...²⁸

De modo que, contra a mimese no sentido de resignação (“comparar”), a opção dá-se pela tradição mimética no sentido de cumplicidade (“compartir”), entre a vanguarda e a instituição.

²⁶ V. entrevista, p. 51.

²⁷ V. Sarlo, B. “Contra la mimesis. Izquierda cultural, izquierda política”. *Tiempo presente. Notas sobre el cambio de una cultura*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2001, p. 230-35. Originalmente em *Revista de Crítica Cultural* n° 20, Santiago do Chile, 2000.

²⁸ Cf. entrevista de Sarlo (p. 45-46), que também reivindica o autor de *S/Z* no debate (com Roberto Schwarz) sobre “Literatura y valor” (Abralic 1998), reproduzido em Andrade, Ana Luiza et al. (org.). *Leituras do ciclo*. Chapecó: Grifos, 1999, p. 296. Em seu depoimento, a crítica paulistana diria praticamente o mesmo: “(...) eu acho que o Barthes, como inspirador de uma postura diante da literatura, ele está plenamente vivo e atual” (p. 79). Também em “O lugar de Barthes”: “O tom de sua voz, audível em sua escritura, e o lugar flutuante (receptivo, generoso) em que ele soube manter sua enunciação permanecem infinitamente sugestivos e aptos a ecoar, no devido tempo, em outras palavras”. Cf. *Inútil poesia*, op. cit., p. 293.

Bibliografia geral

Agamben, Giorgio. *Homo sacer. El potere sovrano e la muda vita*. Torino: Einaudi, 1995.

Aira, César. “Novela argentina: nada más que una idea”. *Vigencia* nº 51, Buenos Aires, ago. 1981.

Aira, César. *Alejandra Pizarnik*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1998.

Andrade, Oswald de. “Sol da meia-noite”. *Ponta de lança. Obras completas de Oswald de Andrade*. São Paulo: Globo, 1991.

Antelo, R. (org.). *Identidade e Representação*. Florianópolis: Pós-Graduação em Letras-UFSC, 1994.

_____. “Notas performativas sobre el delito verbal”. *Variaciones Borges*, 2, Aarhus (Dinamarca), 1996.

_____. “Genealogía del mimetismo: estudios culturales y negatividad” em Moraña, M. (ed.). *Nuevas perspectivas desde/sobre América Latina. El desafío de los estudios culturales*. Santiago de Chile: Ed. Cuarto Propio/Pittsburgh, Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2000.

_____. *Transgressão e modernidade*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001.

_____. “A invenção do finito”. Conferência lida na Escola Brasileira de Psicanálise, Delegação Geral de Santa Catarina, 22 mar. 2001.

Arlt, Roberto. “A um poeta bem vestido”. *Revista USP* nº 47, São Paulo, set.-nov. 2000. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro.

Avelar, Idelber. *The untimely present. Postdictatorial latin american fiction and the task of mourning*. Durham/London: Duke University Press, 1999.

Barros Camargo, Maria Lúcia de. "Atividade crítica e periodismo cultural no Brasil contemporâneo" (inédito).

Barthes, Roland. *O Rumor da Língua* (trad. Mario Laranjeira). São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *Essais critiques*. Paris: Seuil, 1964.

_____. et al. *Literatura, política y cambio*. Buenos Aires: Caldén, 1976.

_____. "Texte (théorie du)". *Encyclopædia Universalis*, tome XV, 1973.

_____. *Le plaisir du texte*. Paris: Seuil, 1973.

Boal, Augusto. "Situación del teatro brasileño". *Los Libros* nº 15-16, Buenos Aires, jan.-fev. 1971.

_____. "Exilado". *Caros Amigos*, São Paulo, abr. 2001.

Borges, Jorge Luis. "Destino e obra de Camões" em Schwartz, Jorge (org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

_____. *Obras completas* vol. IV (1975-1988). Barcelona: Emecé, 1996.

Bosteels, Wouter. "Los Libros: desacralización o resacralización". *América. Cahiers du CRICCAL* nº 15/16. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1996.

Bourdieu, Pierre. *Contrafogos. Táticas para enfrentar a invasão neoliberal* (trad. Lucy Magalhães). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Bratosevich, Nicolás (y Grupo de Estudio). *Ricardo Piglia y la cultura de la contravención*. Buenos Aires: Atuel, 1997.

Brecht, B. *El compromiso en literatura y arte* (trad. J. Fontcuberta). Barcelona: Península, 1973.

Campos, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. "Sobre Roland Barthes". *Metalinguagem & outras metas. Ensaio de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 1992 (4ª ed. revista e ampliada).

Caws, Mary Ann. "Tel Quel. Text and Revolution". *Diacritics* vol. III, number 1. Ithaca, Spring 1973.

Craciun, Gheorghe. "Roland Barthes et les fantasmés du texte". *Euresis. Cahiers Roumains d'Etudes Littéraires*, v. 1-2, Bucarest, 1996.

Compagnon, Antoine. *Le démon de la théorie. Littérature et sens commun*. Paris: Seuil, 1998.

Culler, Jonathan. *As idéias de Barthes*. Trad. Adail U. Sobral. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1988.

Dalmaroni, Miguel. "La moda y 'la trampa del sentido común'. Sobre la operación Raymond Williams en *Punto de Vista*" em Vazquez, M. C. e Giordano, A. *Operaciones de la crítica*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1998.

De Grandis, Rita. *Polémicas y estrategias narrativas en América Latina*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1993.

_____. "La Ficción Crítica en los Noventa: Nuevos Textos, Nuevas Series-Posiciones y Reacomodos (Entrevista a Raúl Antelo). *Luso-Brazilian Review* vol. 32, nº 1, University of Wisconsin, Summer 1995.

Del Barco, O. "Respuesta a 'Puntos de partida para una discusión'". *Los Libros* nº 22, , set. 1971, p. 32.

Deleuze, Gilles. "Philosophie de la série noire". *Arts et Loisirs* nº18, Paris, 1966.

_____. *L'image-temps. Cinéma 2*. Paris: Minuit, 1985.

Derrida, Jacques. "La loi du genre". *Parages*. Paris: Galilée, 1986.

_____. "La différance". *Théorie d'ensemble*. Paris: Seuil, 1968.

_____. *Las muertes de Roland Barthes*. Trad. Raymundo Mier. México: Taurus, 1998.

_____. *L'écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967.

_____. *Positions*. Paris: Minuit, 1972.

_____. *De la grammatologie*. Paris: Minuit, 1967.

_____. *La dissémination*. Paris: Seuil, 1972.

Díaz-Quñones, Arcadio et al. *Ricardo Piglia. Conversación en Princeton*. Program in Latin American Studies, Princeton University, 1998.

Dosse, François. *História do estruturalismo* vols. I e II. São Paulo/Campinas: Ensaio/Ed. da Unicamp, 1994.

Dubois, J. *Le roman policier ou la modernité*. Paris: Nathan, 1992.

Faye, Jean Pierre. "Le trèfle". *Change Mondial* n° 20, Paris, set. 1974.

French, P. e Lack, R.-F.. *The Tel Quel Reader*. London/New York: Routledge, 1998.

French, Patrick. *The time of theory. A History of Tel Quel (1960-1983)*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

French, Patrick e Forest, Philippe (org.). *De Tel Quel à L'Infini. L'avant-garde et après*. Nantes: Pleins Feux, 1999.

Forest, Philippe. *Histoire de Tel Quel (1960-1982)*. Paris: Seuil, 1995.

García, Germán L. "La intriga de Osvaldo Lamborghini". *Innombrable* n° 2, Buenos Aires, 1985.

_____. "El exilio de escribir". *Hispanamérica* n° 59, a. XX, Gaithersburg, 1991.

_____. "Una encrucijada literaria", inédito. Buenos Aires, 1998.

Gilman, Claudia. *Entre el fusil y la palabra: dilemas de la literatura revolucionaria*. Buenos Aires: Sudamericana, no prelo.

Gramsci, Antonio. *Cultura y literatura*. Sel., trad. e pról. Jordi Solé-Tura. Barcelona: Península, 1972.

Greco y Bario, Alfredo. "La operación Tel Quel y la alucinación según la Escuela de Frankfurt". *Radar/Página 12*, Buenos Aires, 3 maio 1998.

Hora, Roy e Trimboli, Javier (org.). *Pensar la Argentina – Los historiadores hablan de historia y política*. Buenos Aires: Ediciones El Cielo Por Asalto, 1994.

- Irwin, John. "Lacan con Borges". *Descartes* n° 15-16. Buenos Aires, jul. 1997.
- Klossowski, P. "Le geste muet du passage matériel au dessin". *Change* n° 5, Paris, 1970.
- Kristeva, Julia. *Sémiotiké. Recherches pour une sémanalyse*. Paris: Seuil, 1969.
- _____. "Un nouveau type d'intellectuel: le dissident". *Tel Quel* n° 74. Paris, hiver 1977.
- Kurk, Katherine C. "Philippe Sollers". *The Contemporary Novel in France*. William Thompson (ed.). Gainesville: University Press of Florida, 1995.
- Lacan, J. *Seminário 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- _____. "L'éclat d'Antigone" (1960). *Le Séminaire. Livre VII*. Paris: Seuil, 1986.
- _____. *Le Séminaire. Livre VII. L'Éthique de la Psychanalyse 1959-1960*. Texte établi par J.-A. Miller. Paris: Seuil, 1986.
- Laclau, Ernesto. "Del Post-Marxismo al radicalismo democrático". *Materiales de Kritica*, Santiago do Chile, ago. 1986.
- Lafforgue, Jorge e Rivera, Jorge B. *Asesinos de papel. Una introducción: historia, testimonios y antología de la narrativa policial en la Argentina*. Buenos Aires: Calicanto, 1977.
- Lamborghini, Osvaldo. "La literatura argentina 1969" (enquête). *Los Libros* n° 7, Buenos Aires, jan.-fev. 1970.
- _____. "La intriga". *Literal* n° 1, Buenos Aires, nov. 1973.
- Leminski, Paulo. *Caprichos & Relaxos*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Link, Daniel. "Planeta Sarlo". *RadarLibros. Página 12*, Buenos Aires, 9 jul. 2000.

Literal nº 1 a 5. Buenos Aires, 1973-1977.

Lopes, Denilson. *Nós os mortos. Melancolia e Neo-Barroco*. RJ: Sette Letras, 1999.

Los Libros nº 1 a 44. Buenos Aires, 1969-1976.

Marx-Scouras, D. *The cultural politics of Tel Quel. Literature and the Left in the wake of Engagement*, . Pennsylvania: Penn University Press, 1996.

Michelson, Annette. "The Agony of the French Left". *October* nº 6. New York, fall 1978.

Moreiras, Alberto. *A exaustão da diferença. A política dos estudos culturais latino-americanos*. Trad. Eliana Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

Nadeau, Maurice. "*Tel Quel*". *Le roman français depuis la guerre*. Nantes: LePasseur, 1992 (1ª ed. Gallimard, 1970).

Nahas Riaviz, Vanessa. *Alienação e separação: a dupla causação do sujeito*. Dissertação de mestrado em Psicologia. Florianópolis, UFSC, 1998

Nascimento, Evando. *Derrida e a literatura. "Notas" de literatura e filosofia nos textos da Desconstrução*. Niterói: EdUFF, 1999.

_____. "A máquina de guerra discursiva". *Mais!//Folha de S. Paulo*, 3 set. 2000.

_____. "A solidariedade dos seres vivos. Entrevista com Jacques Derrida". *Mais!, Folha de S. Paulo*, 27 maio 2001.

Panesi, Jorge. "Encantos de un escritor de larga risa" (sobre Un episodio en la vida del pintor viajero, de César Aira). *Cultura y Nación/Clarín*, Buenos Aires, 6 ago. 2000.

_____. "La crítica argentina y el discurso de la dependencia". *Críticas*. Buenos Aires: Norma, 2000.

Pavel, Thomas. "Comment on devient post-structuraliste: le cas de Roland Barthes". *Euresis. Cahiers Roumains d'Etudes Littéraires*, v. 1-2, Bucarest, 1996.

Poggiese, Diego. "El peso de una verdad otra (o cómo diseñar el monumento de uno mismo)" em Vazquez, M. C. e Giordano, A. *Operaciones de la crítica*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1998.

Robbe-Grillet, Alain. *Por que amo Barthes*. Trad. Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

Rosa, Nicolás. "Veinte años después o la 'novela familiar' de la crítica literaria" em *Políticas de la crítica*. Buenos Aires: Biblos, 1999.

Schwarz, Roberto. "Nacional por subtração" em Bornheim, Gerd et al. *Cultura Brasileira: Tradição/Contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

_____. "La referencia nacional: ¿olvidarla o criticarla?". In Ludmer, Josefina (comp.). *Las culturas de fin de siglo en América Latina*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1994.

Sollers, Philippe. *Nombres*. Paris: Seuil, 1968.

_____ et al. *Théorie d'ensemble*. Paris: Seuil, 1968.

_____ et al. *Teoría de conjunto*. Trad. Salvador Oliva, Narcís Comadira e Dolors Oller. Barcelona: Seix Barral, 1971.

_____. *Théorie des exceptions*. Paris: Gallimard, 1986.

_____. *Logiques*. Paris: Seuil, 1968.

_____. *L'écriture et l'expérience des limites*. Paris: Seuil, 1967.

_____; Kristeva, Julia; Pleyne, Marcelin. "Pourquoi les États-Unis?". *Tel Quel* n° 71/73, automne 1977.

Spivak, Gayatri C. "Translator's preface" (1974) em Derrida, J. *Of Grammatology*. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 1997 (Corrected edition).

Todorov, Tzvetan. "L'origine des genres". *La notion de littérature et autres essais*. Paris: Seuil, 1987.

Van der Poel, Ieme. *Une révolution de la pensée: maoïsme et le féminisme à travers Tel Quel, Les Temps Modernes et Esprit*. Amsterdam: Rodopi, 1992.

Vázquez, María Celia e Giordano, Alberto. *Operaciones de la crítica*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1998.

Veloso, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

Warley, Jorge. "Revistas culturales de dos décadas (1970-1990). *Cuadernos Hispanoamericanos* n° 517-519. La cultura argentina. De la dictadura a la democracia. Madrid, jul.-set. 1993.

Bibliografia Silvano Santiago

Santiago, Silvano. *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. (supervisão). *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

_____. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. “O entrelugar do discurso latino-americano”. *Uma literatura nos trópicos. Ensaios sobre dependência cultural*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. *Viagem ao México*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. “Vanguarda: um conceito e possivelmente um método” em Ávila, Affonso. *O modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

_____. “Re-definir auto-definindo-se”, *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 7 fev. 1970.

_____. “Lenha na fogueira (Leituras em francês de Brito Broca)”. *Remate de Males* n° 11, Campinas, 1991.

_____. *Salto*. Belo Horizonte: Imprensa Publicações, 1970.

_____. *O banquete*. Rio de Janeiro: Saga, 1970.

_____. *Stella Manhattan*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. *Vale quanto pesa. Ensaaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. "Latin American Literature: the space in between". *Special Studies* n° 48. Council on International Studies, State University of New York at Buffalo, dezembro 1973.

_____. "Rock de Carlos para Drummond". *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 28 out. 1973.

_____. "Vanguarda: um conceito e possivelmente um método". In Ávila, Afonso. *O modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

_____ (supervisão). *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

_____. *Em liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. "Sobre plataformas e testamentos". Prefácio a Andrade, Oswald de. *Ponta de lança. Obras completas de Oswald de Andrade*. São Paulo: Globo, 1991.

_____. "Fazendo perguntas com o martelo" em Vasconcellos, Gilberto. *Música popular: de olho na fresta*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

Bibliografia Leyla Perrone-Moisés

Perrone-Moisés, Leyla. *Roland Barthes. O saber com sabor*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. "A floração das revistas". *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 23 maio 1970.

_____. "Por uma poética estrutural". *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 25 jan. 1969.

_____. "Os intelectuais e a revolução cultural". *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 10 ago. 1968.

_____. *Inútil poesia e outros ensaios breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Ática, 1978.

_____ e Rodríguez Monegal, Emir. "Isidore Ducasse et la rhétorique espagnole". *Poétique* n° 55, Paris, set. 1983.

_____. *Lautréamont austral*. Montevideo, Brecha, 1995.

_____. *Falência da crítica. Um caso limite: Lautréamont*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. *Altas literaturas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

_____. "Pra ver a vida passar". *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 25 nov. 1967.

_____. “Aspectos do ‘Nouveau Roman’”. *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 2 abr. 1960.

_____. “Resenha Bibliográfica”. *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 16 jun. 1962, p. 2.

_____. “O guardião do templo. Entrevista com Maurice Nadeau”. *Mais!/Folha de S. Paulo*, 13 maio 2001.

Bibliografía Beatriz Sarlo

_____. *Paisagens imaginárias*. Trad. Rubia P. Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Edusp, 1997.

_____. (Con la colaboración de Carlos Altamirano). *La batalla de las ideas (1943-1973)*. Buenos Aires: Planeta, 2001.

_____ e Schwarz, Roberto. Debate "Literatura y valor" (Abralic 1998), em Andrade, Ana Luiza et al. (org.). *Leituras do ciclo*. Chapecó: Grifos, 1999.

_____. "Contra la mimesis. Izquierda cultural, izquierda política". *Tiempo presente. Notas sobre el cambio de una cultura*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2001.

_____. "Menem". *Punto de Vista* n° 39, Buenos Aires, dez. 1990.

_____. "Política, ideología y figuración literaria" (p. 30-59) em Balderston, D. et al. *Ficción y política. La narrativa argentina durante el proceso militar*. Buenos Aires: Alianza, 1987.

_____. "La literatura en la esfera pública". Colóquio da Abralic, UFMG, Belo Horizonte, 3 ago. 2001.

_____. (introd. e org.). *El mundo de Roland Barthes*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1981.

_____. "Nueva crítica". *Los Libros* n° 10, Buenos Aires, ago. 1970.

_____. "Elecciones: cuando la televisión es escenario". *Los Libros* n° 29, Buenos Aires, mar.-abr. 1973.

_____. "Novela argentina: códigos de lo verosímil". *Los Libros* n° 25, Buenos Aires, mar. 1972.

_____. "Informe sobre Bolivia" e "Reportaje a Augusto Céspedes". *Los Libros* n° 19, Buenos Aires, maio 1971.

_____. "Cortázar, Sábato, Puig: ¿parodia o reportaje?". *Los Libros* n° 36, Buenos Aires, jul.-ago. 1974.

_____. "Yo el Supremo: el discurso del poder". *Los Libros* n° 37, Buenos Aires, set.-out. 1974.

_____. "Hernández Arregui: historia, cultura y política". *Los Libros* n° 38, Buenos Aires, nov.-dez. 1974.

_____. "Saer-Tizón-Conti. Tres novelas argentinas". *Los Libros* n° 44, Buenos Aires, jan.-fev. 1976.

Bibliografía Ricardo Piglia

- Piglia, Ricardo. "A heráldica de Borges". *Folhetim/Folha de S. Paulo*, 19 ago. 1984.
- _____. *O laboratório do escritor*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Iluminuras, 1994.
- _____. "Mao Tse-Tung: práctica estética y lucha de clases". *Los Libros* nº 25, Buenos Aires, mar. 1972.
- _____. "Nueva narrativa norteamericana". *Los Libros* nº 11, Buenos Aires, set. 1970.
- _____. "Notas sobre Brecht". *Los Libros* nº 40, Buenos Aires, mar.-abr. 1975.
- _____. "Hoy es imposible en la Argentina hacer literatura desvinculada de la política". Reportaje a Rodolfo Walsh (marzo de 1970) em Walsh, Rodolfo. *Un oscuro día de justicia* (Buenos Aires: Siglo XXI, 1973).
- _____. (ed.). *Crónicas de Latinoamérica*. Buenos Aires: Jorge Alvarez, 1968.
- _____. (Renzi, Emilio). "Hudson: ¿Un Güiraldes inglés?". *Punto de Vista* nº 1, Buenos Aires, mar. 1978.
- _____. (sel. e prólogo). *Yo*. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1968.
- _____. *Respiração artificial* (1980). Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Iluminuras, 1987.
- _____. *O laboratório do escritor*. São Paulo: Iluminuras, 1994.

ANEXO 1

ENTREVISTAS

Nota às entrevistas

Dadas as circunstâncias em que se dá, este trabalho constrói primeiro um (novo) trajeto rumo ao Prata, para o qual encontro um ponto de partida no mês de agosto de 98, quando dois dos fundadores de *Los Libros* estão na Ilha de Santa Catarina, a convite da Associação Brasileira de Literatura Comparada, durante seu sexto congresso. A entrevista com Héctor Schmucler e Nicolás Rosa, ambos extremamente generosos com o neófito, deve ser considerada pedra fundamental do trabalho. Que se volta (também) para a Argentina de 1970, através da revista criada por Schmucler e Rosa juntamente com Ricardo Piglia – sabatinado duas vezes, em Florianópolis em 90 (para um jornal local, quando eu sequer imaginava empreender a pós-graduação)* e em 98 em Buenos Aires (para a pesquisa).

Torno à capital argentina em 99, a fim de colher o depoimento de Beatriz Sarlo – o mais extenso de todos. A autora de *La máquina cultural* não apenas responde às perguntas com paciência como cede gentilmente metade de sua coleção de *Los Libros* para que seja fotocopiada. O escritor e psicanalista Germán García, procurado na mesma ocasião, solicita antes as questões mas me concede longa entrevista, além de várias publicações, valiosas, da Fundação Descartes, que dirige.

Em seguida, os brasileiros, tão abertos quanto. Em São Paulo, Leyla Perrone-Moisés igualmente concede largo e detalhado depoimento. No Rio, Silviano Santiago não apenas fala durante quase duas horas, como envia complementos. Por último, inesperada entrevista com Ernesto Laclau em Nova York (muito tempo antes, meu orientador sugerira, em vão, que o tentasse por carta). Tive a sorte de estar realizando estágio de pesquisa em Columbia University quando participa de um colóquio em homenagem a Castoriadis (que protagoniza ao lado de Agnes Heller), realizado no seu campus em fins de 2000. Embora tenha deixado a Argentina há mais de três décadas, seu breve depoimento – creio – enriquece meu trabalho.

Finalmente, por que as entrevistas? Duas respostas possíveis: falta de intimidade com o tema desafiador, e hábitos – hábito de entrevistar pessoas no jornalismo cultural, hábito de ler entrevistas. Os depoimentos estão dispostos em ordem cronológica.

J.H.W.

* Originalmente em *A Notícia*, diário de Joinville, em algum dia de 1990; reproduzida em *Travessia* nº 33. Ilha de Santa Catarina, ago.-dez. 1996, p. 55-59.

Héctor Schmucler e Nicolás Rosa
Florianópolis, 20 de agosto de 1998

– *Los Libros* se ubica en algún lugar entre *Contorno* y *Tel Quel*, ¿no es cierto?¹

Nicolás Rosa – Se supone que *Los Libros* tiene algo que ver con *Contorno*, por eso las personas –vos que tenés que trabajarlo, verás–... eso es una situación bastante más importante que la cosa telqueliana. Luego, ahí por ejemplo, todo eso hasta el número veinte y tres, veinte y cuatro –“Toto” te va precisar muy bien, ¿no es cierto?– manejado por Toto, estaba Ricardo Piglia, que tenía una presencia bastante importante, y yo. Nos habíamos repartido un poco los números. Ricardo es muy especialista en literatura norte-americana, se ocupaba de eso, mientras que yo me ocupaba más de la parte francesa. Y Toto manejaba todo eso. *Los Libros* también era una revista que trataba de subsistir del punto de vista económico, entonces tiene todo un mercado de libros que publicaban, todos los libros que mandaban las editoriales, lo que se publicaba en el mes... Esa es mi versión, después él te va a dar la versión que puede ser más o menos igual pero un poco distinta, ¿no? Yo llegué hasta un número determinado. Tendríamos que ver, el veinte y tres, veinte y cuatro. En el momento después aparecieron en la redacción de la revista Carlos Altamirano y Beatriz Sarlo.

– A partir del setenta y dos, ¿no?

NR – Ahí hubo de alguna manera una opción distinta, la revista se fue politizando... Siempre fue política, pero una política más la cultura, que no sé si compartían totalmente Carlos y Beatriz, ahora se convirtió en una cosa política. Lo que pasaba en Buenos Aires, lo que pasaba en el país era una cosa bastante fea, y se fue enegreciendo el panorama político, y eso terminó en la dictadura. Y la revista, que estaba muy bien editada y que tenía un colorido, pasó a ser por problemas económicos en blanco y negro, como una metáfora de la vida política del país. A partir de ahí, yo no participé más...

– Ni como colaborador.

NR – No, no... Toto, ¿fuiste hasta donde? [falam ao mesmo tempo] Nosotros teníamos opciones...

Héctor Schmucler – El ideal es que hables con Beatriz para recuperar todo lo que fue esta historia mejor que nosotros mismos, ¿no?

NR – Pero ella viene después. Y ella... bueno, Toto y yo creo que en este momento teníamos opciones políticas fuertes que no estaban para la revista... Él manejó prácticamente toda la carrera de letras de la Universidad de Buenos Aires, con estas personas que murieron, fueron asesinados, y yo pasé a ser decano de la Facultad de Humanidades de Rosario. ¿Te acordás cuando vos querías que yo fuese director de la carrera de letras?, yo dije no sé, esperáme, yo voy a Rosario y... Esto fue lo que yo me acuerdo [Toto: sí, sí] A partir de ahí, yo no formé parte más de la revista. Incluso, y luego, esto no tiene nada que ver con la revista pero hace a la historia: cuando se funda *Punto de Vista* se va producir un poco lo mismo. Beatriz nos convoca. Entonces vamos a un bar –estaba Ricardo, estaba Beatriz por supuesto, Carlos no sé si estaba, y otra gente, María Teresa Gramuglio...– y bueno, yo participé, en la fundación, tres

¹ A transcrição evidencia a precária qualidade da gravação, feita no bar de um hotel (experiência que, felizmente, não se repetiria nas demais).

números. Después me retiré porque las opciones políticas no me parecían convincentes para mí. Y creo que en el cuarto número se retiró también Ricardo Piglia. Eso podrían ser como términos de comparación, era otra revista, que todavía subsiste, ¿tú la conoces, no? Yo participé hasta ahí, y yo te diría en el caso de *Los Libros* que fue una experiencia apasionante, apasionante. Siempre bajo la dirección de Toto. Y Toto te da otra historia de lo mismo.

– A mí interesaría conocer un poco más los orígenes de *Los Libros*. ¿Por qué *Los Libros*?

HS – Bueno, eso te puedo contar. Digo que de ahí viene cierta... cierta confusión con *Tel Quel*, el estructuralismo... Yo estaba trabajando en Francia, hacía un estudio con Roland Barthes, entonces estaba muy vinculado con el ambiente... Eso era pleno auge del estructuralismo, ¿no? Todavía... recién Derrida empezaba a hacer sus primeros trabajos [NR: ¡Sesenta y seis! Sí, la *Gramatología* es del sesenta y seis]. Sesenta y seis, sesenta y siete y sesenta y ocho. [NR: Y se publicaba la *Semiotiké* de la Kristeva.] Claro... el mayo francés... Roland Barthes, Lacan, ya Lévi-Strauss había sentado todas sus bases... y ya estaba *Tel Quel*. *Tel Quel* que da un giro más político al estructuralismo. El grupo *Tel Quel* siempre fue más político, primero vinculado al Partido Comunista francés.

NR – Después chino, ahí está: el viaje a la China cuando va la Kristeva, cuando va Sollers, y, simultáneamente, al Japón, que no es lo mismo, pero esas culturas los impresionaron sobretodo...

HS – Hacía algún tiempo existía la *Quel Sel libraire*... Fue un tanto casual, yo regresaba de Francia, con muchas de esas ideas. Yo estuve tres años, casi tres años, dos años y medio en Francia. Pero todo el clima, ¿no? En fin, eso es otra historia. Y se me ocurrió, junto a un editor, que es Guillermo Schavelzon, de Galerna [NR: Schavelzon, claro, mi primer libro salió por Galerna], hacer una revista al estilo de la *Quel Sel*... pero con una marca más... yo diría que más vanguardista en un sentido, ¿no? Te digo, el número uno tiene una especie de manifiesto... Y hasta la diagramación es espantosamente estructuralista. Por ironía, lo que ocurre es que todo esto –y ahí lo que dice Nicolás es muy importante– todo eso traído al espacio argentino inmediatamente empieza a tener tonos políticos, sobretodo porque aparecía el año sesenta y nueve.... Sí, es seguro, estaba preparando el primer número cuando fue el “Cordobazo”. ¡Fue un símbolo! Entonces hay un proceso de politización aceleradísimo, de tal manera que la impronta sobre este enfrentamiento no originalmente político se modifica, adquiere ciudadanía argentina. Y crecientemente va cambiando, lo dominante es lo otro... digo, política cultural que después, dos años después va pasar a ser política *tout court*. En fin, es algo que hicimos, ¿no? Así que... [risas] hay una culpa ahí... Fue un verdadero... fue en verdad una maniobra de un grupo político: Beatriz en la época conocía una ubicación política más... el PCR [NR, ao mesmo tempo – ¡el PCR!]

NR – Vinculaciones de cierta forma raras porque se suponía que eran marxistas pero había tendencias un poco nacionalistas: terminó apoyando el gobierno de Isabel Perón, por ejemplo. Esas son cosas raras, ¿no? Sí, sí [risas].

– Y por eso Piglia va a dejar la revista, ¿no?

HS – Claro, porque Piglia se diferenciava de esto... Piglia era más maoísta [NR, ao mesmo tempo: –¡Mucho más maoísta!... ¡chinoísta!] Era de la vertiente chinófila. Nicolás señala algo importante, nosotros estamos en otra posición política como ejercicio de la práctica, ¿no?

NR [fala ao mesmo tempo que HS] – Un grupo en que se mantuvo, todo eso que después se llama entre comillas la subversión, los grupos revolucionarios del país tenían hipótesis básicamente comunes pero se diferenciaron muy, muy radicalmente porque uno tenía una vertiente más nacional, digamos la izquierda nacional, y otra más internacional, yo diría. ¿Estoy equivocado, Toto? Lo que se llamó el ERP, por un lado, y el grupo montonero...

HS – Había una historia concreta... yo todavía guardo una nota que nunca publiqué en *Los Libros*... Ahora bueno, para vosotros tal vez resulte un poco exótico, toda la historia del Acuerdo Nacional... ahí fue donde ellos se pusieron muy antiperonistas, ahí fue el momento...

[NR: de la ruptura]. Pero esto ya es el final, porque en la realidad la significación de *Los Libros* fue todo el tiempo anterior, no porque estuviéramos nosotros sino porque se articuló a un proceso cultural muy significativo, que tiene que ver también con esto de los arreglos políticos. Hubo un momento de expansión, de explosión de formas culturales... Volviendo al tema de *Tel Quel*, yo creo que... yo fui un poco el que trajo esto... [NR: estaba en todas las revistas...] Pero a partir de un campo propicio. Toda nuestra cultura era básicamente francesa, ¿no?

NR – Qué curioso, porque ahora, con los *cultural studies*, la cultura tiende más al campo norteamericano, pero era una cultura típicamente europea y, dentro de la europea, Francia.

– ¿Eso les resultaba incómodo?

NR – ¿Por qué incómodo?

– Hay una cierta incomodidad en depoimentos de, por ejemplo, Beatriz Sarlo a ese respecto.

NR – No creo, ahí no. Ella reivindica mucho a Roland Barthes, ella es hija, como yo, de Roland Barthes. Ella en un momento dado escribe no sé qué cosa y señala: yo fui, se supone, el traductor de Barthes al país, gracias a Toto... No todos, pero prácticamente los textos fundamentales los tradujo yo. Y ella reivindicó ayer [na mesa da Abralic com Roberto Schwarz] esa línea de los estudios culturales pero también la línea francesa, y básicamente Barthes, ¿no? A lo mejor, desde la perspectiva americana se considera que no tiene nada que ver con los estudios culturales, no tiene nada que ver con esta propuesta un tanto política –el multiracismo, ¿no es cierto?, los problemas feministas, porque en Francia no tiene la virulencia que tiene en los Estados Unidos, en Alemania, en sectores de Latinoamérica, pero digamos la esencia fundamental de la apertura del campo, digamos, del campo de la literatura hacia otros campos – literatura-antropología, literatura-historia–, eso viene también de Francia, y no hay por que olvidarlo.

HS – No, esto es fundamental.

– Pero hay una evidente incomodidad, por ejemplo, en un texto sobre Raymond Williams, donde un poco irónicamente Beatriz Sarlo se refiere a los franceses como “la conexión francesa”, intentando distanciarse.

HS y NR – Sí, sí, sí...

NR – Ahora... el pensamiento, la actitud de Sarlo, que puede ser muy positiva, tiene cambios muy acelerados políticamente, porque pasa a muchas cosas, ¿no? Hay una cosa fundamental: las personas que tienen que ver con esto son personas que están vinculadas a la cultura estadounidense, a las u-ni-ver-si-da-des. Porque tampoco es la cultura, son pequeños focos que se encuentran en ciertas universidades, no en todas, ¿no? Las universidades americanas son totalmente conservadoras. Son pequeños grupos de cierto tipo de universidad. Cuando ella empieza a entrar en los Estados Unidos, cambia. Nosotros, en general, viajamos a Europa.

HS – Estoy pensando en este momento –no lo había pensado– que la menos “telqueliana”, para usar esto como metáfora, era Beatriz. Digo, Beatriz viene de otra formación. Nosotros estábamos muy pegados a los textos franceses, ¿no? [NR, al mismo tiempo: la única cosa que absorbió ... Roland Barthes. Claro, la única cosa...] Ella no se preocupó mucho... En un momento, pero después el estructuralismo casi no la tocó, después supo que no la tocó... Entonces ella tenía un rechazo... biográficamente... y esto lo cuenta ahí explícitamente. Bah, inventa su biografía, como todos... [NR, al mismo tiempo: siempre, siempre inventamos] Pero ella llega a la preocupación por el campo intelectual tardíamente. Tardíamente porque ella era militante política, fundamentalmente... [hablan al mismo tiempo] Es muy curioso, porque era peronista...

NR – Originalmente fue peronista, yo la conocí peronista. Y cambió su nombre: ella no es Beatriz Sarlo, ella es Beatriz Sarlo Sabajanes. Su primer libro, un libro académico pero mal académico [risas], un librito sobre Juan María Gutiérrez, ella lo firma Beatriz Sarlo. Para mí, a lo mejor ella no comparte esto –la modificación del apellido es la modificación de toda una actitud. [HS: sí, sí].

– He leído un texto de Beatriz Sarlo como Sabajanes en *Los Libros...*

HS – En *Los Libros...*

NR – Aha, ¿entonces conocías esta historia?

HS – ...en *Los Libros* ella siempre firmaba Beatriz Sarlo Sabajanes. Al comienzo era Sabajanes.

NR – Sí, sí, era el nombre de la madre [Ambos pertenciam ao pai, segundo Sarlo em seu depoimento]. Ahora reivindica a su madre en el último libro de ella. La madre fue maestra normal...

– En *La máquina cultural*.

NR – Exacto. Ella cuenta eso porque su madre fue eso, ¿no?

HS – Entonces, para volver al tema de *Tel Quel*, yo creo que hay una especie de clima de época. Influencia directa no, todos teníamos otras influencias. Por ejemplo, estoy asociándolo a lo que pasa en el momento en Córdoba..... Oscar del Barco, por ejemplo, entre otros [NR: ahí está]. Ellos leen *Tel Quel*.

NR – Pero ¡son muy blanchoteanos! ¡muy blanchoteanos!

HS – Sí, sí, sí, sí, claro, claro...

NR – ¡Pero este Blanchot es *Tel Quel*!

HS – Es también Blanchot reivindicado por *Tel Quel*, ¿no? Y *Tel Quel* refleja algunas ideas que también circulan ahí. *Tel Quel* fue althusseriana en una época, también pasó Althusser ahí, fue parte de todo el movimiento. Claro, también se lo tomó en la Argentina, en un otro grupo

importante en ese sentido, ¿no?, que era el grupo que había venido de *Pasado y Presente*, lo que tiene un fuerte peso. En Córdoba los libros salen, se publican aunque estuvieran prohibidos en la Argentina Y ahí está Oscar del Barco. [NR: sí, sí, Oscar del Barco]. Sus referentes, su legitimación intelectual era *Tel Quel*, también *Tel Quel*. Lo mismo con el pensamiento chino – Ricardo, por ejemplo. Ricardo pasó una etapa telqueliana como los telquelianos se hicieron chinos. Por lo tanto, me parece que... yo no sé si *Tel Quel* tiene como *tal*, si hay una especie de... salvo alguno que ha escrito, la Kristeva básicamente, ¿no? [Falam ao mesmo tempo]

NR – Sí, lo que importa es que si vas a llevar adelante esa hipótesis que manejas, que trates de utilizarla un poco; de tal manera que nosotros que formamos parte de eso no nos reconocemos mucho por eso que vos decís... Creo que hay algo, ahora estoy pensando, hay algo. [HS: Y hay, hay... – falam ao mesmo tempo.] La revista *Tel Quel*, los cuarenta y dos primeros números de *Tel Quel* están en mi biblioteca, pero ¡son de él! ¡Nunca se los devolví! Yo me quedo un poco más, después yo me exilio en Europa y... y me quedé con los libros de Toto, ¿no? ¡Están allí!, ¡están allí!

– A propósito, traje una cita de Sarlo justamente vinculándola a *Tel Quel* en aquel momento, en el setenta y cuatro, cuando viajan a China. Es una entrevista reciente, del noventa y cuatro, y es especular la relación hecha con *Tel Quel*. Dice: “El día que llega la revista *Tel Quel* a Buenos Aires con los poemas de Mao escritos en chino y la foto de Kristeva, Roland Barthes y Phillippe Sollers en la Plaza Roja de Pekín, me dije: bueno, efectivamente, esto es así, la revolución cultural china y las vanguardias francesas pueden coincidir en la página de un libro. Y como ya se sabe que el mundo existe para coincidir en la página de un libro, el teorema quedaba demostrado. [risos de Rosa] Cosas así hoy parecen casi extravagantes, pero entonces eran casi un lugar común”.²

NR – No, no, no no me parece descabellado [risos] lo que dice Beatriz...

HS – Yo creo que ahí es toda una construcción. Hay una construcción... Digamos, hay algo de esto. Efectivamente que *Tel Quel* con el prestigio que tenía –y yo lo conocía a Philippe Sollers, conocía a Julia Kristeva y el grupo este, teníamos muy buenas relaciones personales con Roland Barthes, que no era lo mismo, ¿no? *Tel Quel* era como la sombra... una sombra temerosa para Roland Barthes. Me acuerdo que una vez me dijo: “Cada vez que habla Julia, a mí me entra pánico”. Es como alguien que era su discípulo pero que encarnaba algo que se le escapaba, ¿no? Se mantuvo en ciertos límites, quiero decir, nunca tuvo la soberbia de *Tel Quel*. Digo, ¡porque *Tel Quel* si algo tenía era una soberbia infinita! Eran los dueños...

NR – Sobre todo en la comunidad intelectual francesa, ¿no? Ellos tenían que luchar también con la reacción, lo que pesa mucho. La cultura francesa es básicamente reaccionaria, es una cultura europea, ¿no? Hay pequeños grupos. Es el mismo recorrido de Sartre, el mismo recorrido de Roland Barthes, van a ser profesores en las provincias, ¡van a ser profesores en lugares extraños! Se van de Lisboa a la Africa, se van a esto, se van al Oriente, porque no tienen mucha cabida en la universidad. Y el caso, en otro nivel, ¿cierto?, de Lacan, eso con el prestigio de Lacan, prestigio un poco estentoreo, ¿no? Pero Lacan tenía alguien amigo, alguien importante

² Hora, Roy e Trimboli, Javier (org.). *Pensar la Argentina – Los historiadores hablan de historia y política*. Buenos Aires: Ediciones El Cielo Por Asalto, 1994, p. 162-196. A citação encontra-se às páginas 168-9.

que le dio una cátedra en la Ecole Normale, una cosa así, pero no es que en la universidad fuera reconocido, no lo reconocían. Y también en nuestro país, ¿no? En nuestro país la cosa es mucho más laxa.

– En un depoimento de Sollers en el noventa y tres dice que los telquelianos deberían recibir homenajes porque ayudaran la izquierda a separarse definitivamente de la sombra del PC francés... [Hesitam]

NR – El PC francés fue muy fuerte, muy fuerte, no solamente del punto de vista intelectual que del punto de vista político. Podía manejar la política francesa de una retaguardia, ¿no?

HS – *Tel Quel*... Era un pequeño grupo. Pequeño con influencia entre los estudiantes... Y sí, la relación fue distinta con el PC y con el maoísmo. Tenían el mismo modelo de descubrimiento de la verdad. ¿Por qué? Porque lo que era verdad antes, dejó de ser verdad y trasladan con el mismo énfasis... [NR: ¡a otro campo!] ¡A otro campo! Es decir, descubrieron que la verdad estaba en un lugar, pero era *la* verdad...

NR – La verdad con mayúscula.

HS – La verdad con mayúscula. Y era... la actitud es muy interesante, la actitud de *Tel Quel* en el sesenta y ocho, en mayo de sesenta y ocho estaban plegados totalmente al PC. Como estaban plegados al PC ¡eran los únicos que podían tener contacto con los obreros! Me acuerdo perfectamente: cuando estaba todavía tomada la fábrica Renault, lo que era manejado por la CGT y el PC, los únicos que tenían acceso como intelectuales eran ellos... ellos iban a dar conferencias... era como la realización de la revolución: tres mil obreros escuchando *Tel Quel* hablar de cultura, ¿no? ...pero eran los únicos. Después, no mucho después del mayo francés, toda la propuesta fracasa y ellos se vuelven al maoísmo. Yo no sé bien por qué razón. Yo nunca conocí una argumentación... seguramente la tuvieron, ¿no? Se vuelven al maoísmo y a la revolución cultural y al pensamiento Mao. Fue fin de sesenta y ocho, sesenta y nueve, más o menos, ¿no? [NR: sí, sí, sí, sí]

– Cuando aparece *Los Libros*.

HS – Claro. Yo volví en fin de sesenta y ocho de Francia, entonces nosotros también estábamos entusiasmados con la revolución cultural china. Era como, en algunos de nosotros – no fue el caso de Nicolás, pero sí fue el mío– nosotros también habíamos sido militantes del partido comunista. Y el pensamiento chino, mitificado de una manera increíble, pero aparecía como una fuerza muy grande. Hay unos artículos de Ricardo en *Los Libros* muy muy claros en este sentido.

NR – ¡Claro! Toda la dialéctica marxista, la dialéctica a partir del pensamiento maoísta, y no del pensamiento marxista, ¿no?

HS – ¿Te acuerdás de las discusiones que a veces teníamos por una... una teoría de la literatura?

NR – Ahí está, sustentado en esto... Eso fue muy potente. Y yo vuelvo un poco a eso, el hecho de ahora por ejemplo volver a leer alguien que no –en la línea más burocrática diría yo– no fue pensado nunca. Si se habla de literatura, y se habla de teoría de la literatura, todos apelamos a Marx, ¿no es cierto?, y en parte a Engels, pero Marx: los famosos textos de Marx respecto al folletín, por ejemplo. Pero hay toda la interpretación del pensamiento de Lenin con respecto a

la literatura. Y eso viene de esta línea, viene de la línea, de la tradición marxista europea y básicamente francesa, en la cual todos bebimos, ¿no? Es otra línea... Entonces, en una etapa posterior, que es esta etapa en *Los Libros*, aparecen cosas sobre Lenin... [HS: sí, sí... sí, sí] y, ¡qué sé yo!, diez años antes nadie hubiera pensado en publicar un texto de Lenin. ¡Había que publicar textos de Marx! Eso marca también *Los Libros*, ¿no? pero en puntos distintos...

HS – Sí... la idea de producción, el texto como producto...

NR – Ya ahora no estaría nada convencido con esto, pero en este momento estaba...

HS – Sí, claro. En ese sentido, quiero decir, hubo una influencia... una coincidencia, donde todos aquellos textos, como antes habían sido otros, para algunos de nosotros, no asentaban en una matriz de tipo teórico muy sólida, ¿no? Estaba en el espíritu... el acto literario como revolución, y tenían una teoría que lo sustentaba...

NR – Y *Tel Quel* va a publicar ese texto, ese texto que reúne sacando artículos de *Tel Quel* y que se llama *Teoría de conjunto*. [HS: sí, sí] Eso es muy importante... ¿Por que se llama “teoría de conjunto”?

– La *Théorie d'ensemble*.

NR – La *Théorie d'ensemble*... Y ahí, ahora me acuerdo, hay un texto sobre Lenin. ¡Muy importante! Seguro que vas a reconocer cómo ellos querían dar una especie de *programa*.

HS – ...¿Te acuerdás que hay un grupo que se llamava “Pensamiento Mao Tsé-tung”?, no “Pensamiento *de* Mao” [juntos: *de* Mao].

NR – Eso es muy importante.

HS – Esa eliminación del genitivo es fundamental, porque es una especie de sustancialidad, ¿no? Es decir, el colectivo no como suma sino como alguna conciencia que recorre, que sale del... era la manera en que se estaba interpretando las leyes de la historia. Porque es eso: la conciencia proletaria no es la conciencia de la suma de los proletarios sino algo que está por encima inclusive de la individualidad.

NR – Eso es la dialéctica. La historia no la hacen los hombres, la historia la hace la historia misma, más allá de la buena voluntad de los hombres, ¿no?

HS – Y manejar esta teoría daba un poder extraordinario... manejar las leyes del proceso del campo cultural... Es muy interesante... Ahora estoy pensando, sería muy interesante compararlo con otras corrientes similares, ¿no? Pero, eso es la fuerza. Yo me acuerdo que Ricardo sostenía esto: que si uno tenía una buena teoría de la novela, podría escribir una buena novela. ¿Vos te acordás de eso?

NR – Sí, sí. Y él lo intenta probar. Si uno lee *Respiración artificial*, ahí mete todos los formalistas dentro. Uno puede leer los formalistas rusos en el texto... Lo hizo muy bien, ¿no?

HS – Él escribe bien, y entonces es otra historia... Es decir, puede haber algun... porque ellos llevaran al máximo el pensamiento cultural telqueliano, ¿no? La *cientificidad*... Ese texto sobre la semiótica de la Kristeva es realmente emblemático.

NR – *Para una semiótica del paragrama*.

HS – A ver... la ciencia... el lenguaje es la ciencia de toda la ciencia... Pero el afán era esto: le vamos a dominar la lengua. Estoy pensando ahora cuanto esto tiene que ver con la “neo-

lengua” del 1984.³ Vamos a manejar el lenguaje, porque tenemos la verdad sobre esto. Después, como decía, esta teoría es la teoría del lenguaje...

NR – El texto se llama *Ciencia crítica o crítica de la ciencia*. Apelaba a la semiótica como parámetro universal. Eso le duró seis años. [HS: sí, sí, sí] La Kristeva cambia, cambia también... lo que me parece muy bueno. Hace mucha cosa, escribe novelas, es psicoanalista... En ella, ese tipo de rigor en cuanto a la exposición, aceptable pero al mismo tiempo rigor político, es decir, *imponerse*...

– La escritura en el lugar de la literatura.

NR – Yo sostengo eso, ¿no? Porque cuando se habla de literatura y de escritura, a mí me interesa más la línea derridiana, porque el concepto de escritura me permite ir a otros campos. Me interesa mucho la relación con el campo de una antropología cultural. Como se inscriben de alguna manera los fenómenos sociales en el campo de la literatura, ¿no? Porque yo elijo una época de la literatura argentina –que es muy clara, porque a lo mejor nuestra época no es tanto– que es del Ochenta hasta 1914. Entonces ahí aparecen conflictos propios de la inmigración, pero relatados claramente en las novelas, son novelas todas de tesis. O si no, los problemas de la prostitución, los problemas de la Ley de Residencia, todos los problemas del derecho, de la psiquiatría – la psiquiatría de la época funda una novela que se llama *irresponsable*, el concepto de responsabilidad y de irresponsabilidad forma parte de una especie de entrecruzamiento entre la psiquiatría y el derecho... ¿A quienes se declaraban irresponsables? Precisamente eso que se llama los locos de la época. Locos que normalmente no tenían pertenencia social, eran migrantes, entonces hay que sospechar, ¿qué pasa? Eso es lo que interesa a mí en ese momento, ¿no? Pero la basis del concepto de escritura nos permitió hacer una extensión hacia otros campos que no son no entanto puramente literarios, ¿no? Porque, por lo que veo finalmente, parece que los sectores estos que eran antes marginados, ahora tienen una potencia muy grande, ¿no es cierto?, por lo menos en Estados Unidos. Decíamos otro día: bueno, Clinton en la segunda elección se reúne con todo el movimiento gay porque él computó, eran tres millones de votos, ¡y son ocho! Así que tienen potencia política. Y hay una novela precisamente de Philippe Sollers que marca esto, te da la clave de muchas cosas. Después de todas novelas de orden tan experimental, difíciles de leer, *Drame* por ejemplo, esta novela se llama *Femmes, Mujeres* y habla de la conexión de negros, lesbianas, homosexuales y mujeres que manejan todas las universidades americanas... y que manejan todas las universidades francesas. Yo creo que exagera, pero apunta a un hecho concreto. Por otro lado, Harold Bloom se burla de eso. Claro, hay un becario boliviano, pero que es un idiota, pero porque es boliviano tenía que estar representando la multisectorialidad. Es exagerada la prueba... Es decir, no es solamente un proceso histórico para la constitución de nuevas emergencias sociales, de nuevas emergencias de ciertas... lo que se llama tribos sociales que van apareciendo. Yo por ejemplo viví en Canadá, me ofrecieron ser director del instituto de literatura, ¿no?, de literaturas comparadas. Y bueno, el corpus, la gente que elegía eran cuatro mujeres y dos hombres. Pero nosotros, por decisión política, tenemos que elegir a una mujer. ¡*Chapeau!*... Te lo dicen directamente, directamente. Eso es... son las feministas americanas,

³ Um dos objetos de sua fala na Abralic 98.

¿no? ¡Vale! Hay que aceptarlo, ¿no? Una cultura franca... Bueno, en esa época todo eso aparecía todavía como muy incipiente, no tenía tanto poder político. Pero, está traducida esta novela, está traducida al español... *Femmes* traducidas por *Mujeres*. Y es una novela chismosa [falam ao mesmo tempo]... Ahora, escucháme, Toto, la interpretación que él va a dar: – Ustedes de alguna manera quieren que yo sutilice esta influencia telqueliana... Y entonces va decir: –¡Pasaron hablando siempre de los franceses! [HS: ¡claro!] Así que [risos] nos va a cagar este...

HS – No... al contrario, me parece que no era tan poca la influencia. Pero, hay que tener en cuenta el sesgo brutal que da la circunstancia latinoamericana, argentina en ese caso. Es todo más carnal. Alguna vez algunos de nosotros hemos escrito sobre este tema, ¿no? Porque aquello era... ¡era teoría! Ellos podrían ser chinoístas, podrían ser estructuralistas, podrían ser stalinistas, podrían ser lo que quiera pero... eran unos críticos... eran unos críticos, los cuales hablaban desde sus posiciones académicas. En la Argentina, y en todos lados, todos los otros países, también en Brasil, todo esto entra a ser carne. Digo carne, la gente que pone los cuerpos ahí, podría decir materialidad política y acción política.

NR – Yo tuve dos intentos de fusilamiento, pero Toto perdió un hijo... Eso es lo que se llama una ideología encarnada: uno ponía el cuerpo, no ponía solamente las ideas... Uno perdió los hijos, Paco Urondo fue muerto, toda una generación liquidada...

HS – Y Régis Debray que fue uno de los portavoces de ello, él mismo se salva...

NR – Sí, bueno, lo que escribe ahora hay que ver... [falam ao mesmo tempo]

HS – ...cuando se quiere ver las influencias, hay que tener en cuenta que son influencias mediadas por una realidad histórica, una realidad estructural pero del punto de vista socio-económico-político son muy distintas... Ahí es donde las comparaciones deberían, me parece, tener esta mediación, ¿no? Este dato es fundamental.

– A propósito de Debray, como eran en su primer época las relaciones de *Los Libros* con Cuba?

NR – Hay un número dedicado a Cuba.

HS – Claro. Bueno, nosotros éramos más bien *cubanófilos*... por el mismo lado marxista...

NR – La revolución latinoamericana, cómo se podía producir eso con todas las mediaciones necesarias.

HS – Sí, sí... la revista nunca dejó de serlo, mientras existió, después cada uno tomó su camino. Pero no habría que generalizar. Porque *Los Libros* eran un grupo con mayor o menor coincidencia... pero era una masa de colaboradores...

NR – Toda la intelectualidad argentina colaboraría. Ahora la gente que tiene gran prestigio en campos separados –Germán García, Oscar Masotta, que murió en Barcelona...– bueno, toda esa gente, todos, unos más otros menos, todos colaboraran.

HS – Por eso no quiere decir que todos coincidieran. Había una idea de la revista, de los que la hacían, pero se abría un frente muy amplio, ¿no? Después, cuando salimos nosotros, se volvió más política. Era el órgano cultural de un movimiento político. Era eso, rigurosamente fue así... cuando pasó a ser un órgano del PCR.

– Cuando entran Sarlo, Altamirano y Piglia.

HS – Cuando ellos se acercaron de la dirección, sí.

NR – Nosotros teníamos otras tareas... más en el campo de la historia... de la historia que se estaba pasando en nuestro país.

HS – Sí, pero ahí va una etapa muy clara, son varias etapas. Se podría también a través de la lectura de *Los Libros*... se podría ir viendo este proceso de creciente politización. Si uno toma los primeros cinco números de *Los Libros*, seis... más tal vez, sí, es político pero no tanto. Después, el número de Chile, el número dedicado a Chile fue un punto de inflexión, ¿no? Fue la época del triunfo de la Unidad Popular en Chile, Allende y todo eso... Creo que ahí se volvió más político, digo, con más énfasis en el político.

– Me acuerdo de una mención de la nota editorial del primer número que se refería a una característica principal de la revista, la cual no sería meramente literaria o cultural pero política.

HS – Sí, sí... la literatura, la cultura, toda esta expresión más actualizada, más fuerte de la cultura era para nosotros un hecho revolucionario. Y yo creo que no en servicio de una matriz política y mucho menos un partido, ¿no? Pero sí, siempre nos pensamos políticos. [NR: siempre]. Digo, adscrito a un partido no, pero... no es una cosa excluida sino un elemento activo. [pausa]

HS – ...Una cosa que sería interesante conocer en este momento es la producción bibliográfica en la Argentina, los libros que se publicaban... en Brasil todavía se publicaba poco.

NR – Ahora se publica más en Brasil que en la Argentina.

HS – Pero en aquel momento, yo creo que sería interesante ver, ¿no? Te acuerdás que... te acuerdás de la serie de [José] Sazbón... todos los grandes del estructuralismo... [NR: sí].

NR – Todo, todo... Nueva Misión la publicó...

– ¿Había alguna subvención de algún grupo editorial para *Los Libros*? ¿Cómo se pagaba?

HS – *Los Libros* empezó pagado por esta editorial Galerna, que sigue existiendo con otro dueño. Empezó así, y luego durante varios años se financió con publicidad de varias editoriales... Y bueno, y cada vez se volvía más dificultoso. [NR: sí... los problemas económicos...] Pero había mil y una editoriales... si no...

– Había, por ejemplo, Tiempo Contemporáneo...

HS – Sí, claro, claro. Y ahí estaba Ricardo Piglia.

NR – ¿Y cómo se subvenciona *Punto de Vista*? Tiene cuarenta, cincuenta, sesenta números ya, y no creo que se vendan, ¿heh?

HS – *Punto de Vista* creo que debe recibir subsidios de fundaciones...

NR – De una fundación alemana, ¿no?

HS – Bueno, puede ser, no sé.

NR – Sale muy suculenta la revista...

– Debe tener muchas suscripciones hoy... Otra cosa que ha dicho Sarlo sobre su época en *Los Libros* es que la revista tenía un tono no solamente maoísta como –y son los términos de ella– “absolutamente psicótico”.

HS – Psicótico, sí... La revista, en la época yo creo que sí, porque ellos eran psicóticos... Su pensamiento era psicótico, ¡sí! [risos de NR]. El PCR tenía un pensamiento absolutamente psicótico. Habían armado el esquema amigo del enemigo que era verdaderamente psicótico. Bueno, ¡el apoyo que le deran a López Rega!

NR – Estaba inscrito en todas las paredes de la ciudad, el apoyo a Isabellita...

HS – Pero ¡a López Rega!

NR – A López Rega fue directo, explícito...

HS – Pero ¿cual era la razón? La razón era que el gobierno existente estaba sendo influido por la Unión Soviética, y ellos eran radicalmente antisoviéticos. Entonces, esta era la influencia, y López Rega estaba agrupando fuerzas, no importa si eran fascistas o no, contra la influencia soviética. Esta era razón que daban para apoyarlo... era una cosa delirante...

NR – Delirante, psicótica...

HS – ...y por eso psicótica, sí.

HS – Parece una especie de caricatura grotesca, este esquema del enemigo... Y yo creo que eso sin querer pusieron en funcionamiento también en la revista, porque la revista había adquirido tonos más sectarios, ¿no? Es cierto lo que ella dijo, pero es otro momento del maoísmo... porque ese es el maoísmo PCR... El primer momento maoísta que sería este telqueliano...

NR – Ese es más Vanguardia Comunista... Claro, sí, y tenía otro estilo.

NR – Otro estilo, e incluso intelectualmente era mucho más potente...

HS – Exactamente, exactamente... [pausa]

NR – ¿Hay la colección completa de la revista?

HS – Yo tengo una cantidad...

NR – Yo tengo una cantidad también, pero... ¿cuantos números sacó?

– Cuarenta y cuatro.

NR – Cuarenta y cuatro. Bueno... ¿Beatriz la tiene completa?

HS – No sé, no sé.

– Hay una colección completa en Barcelona, si no estoy equivocado.

NR – Ah, ¡viste! ellos los llevan... Sí, sí, seguro, seguro... Como otra revista importantísima que es... siete números, ocho números... *Contorno*, que tuvo una influencia muy grande y es muy difícil conseguir. Incluso del punto de vista económico, las colecciones completas de *Contorno* que la gente tiene las valoriza mucho. Y no sé con *Los Libros*, ¿no?

– ¿Cual sería la tensión existente entre *Los Libros* y *Contorno*? ¿Cuales serían sus diferencias?

HS – No son contemporáneas.

– Sí, pero hay una tentativa de superación...

NR – Ahí las generaciones están prácticamente pegadas, ¿no? Porque acá estuvo Noé. Noé estuvo en *Contorno*... Yo creo que nunca publicó en *Los Libros*... ¿Que pasó? ¿Nunca publicó sus artículos? [risos] ¡No te le va a perdonar!

HS – Él no estaba. Noé estaba en Francia... ¿o no?

NR – Sí, en Francia, en Francia... Puede ser, pero no recuerdo que haya un articulito de Noé.⁴

HS – No, no... David estaba muy vinculado, pero Noé...

NR – Sí, David también, sí. Y también... ¿cómo se llama? ¿cómo se llama el otro del grupo de *Contorno*, el filósofo?...

HS – Rozitchner.

NR – Rozitchner. No estaba en el país, pero hubo entonces ese tipo de contacto. No te olvides que esa generación está ahora todavía operando, integran organismos de la facultad... David Viñas, director del Instituto de Literatura Argentina... Así que están operando, ¿no? [pausa]

NR – Por eso la pregunta es muy pertinente. Y hay que ver la continuidad, probable, posible, entre *Los Libros* y *Punto de Vista*...

[Fim da primeira hora]

NR – ...no aparece para nada en *Contorno* pero sí aparece en otros ... que también son muy valiosos. Reubicación y, digamos, y revisión totalmente crítica de autores totalmente críticos. Crítica a la ... tradición de la derecha, a la tradición... de ciertas formas conservadoras de la literatura argentina –ejemplo: Mallea. Es interesante porque *Punto de Vista* le reivindica a Mallea. ¡Cosa rarísima, hay que analizarlo! ¡Debe estar loca! Maria Teresa Gramuglio hace un hermoso artículo reivindicando ... estéticamente a Mallea. La novela de Mallea, en un plano absoluto, lo reivindica. Entonces vos ves como es la línea, ¿no? Este sería el ejemplo, y de tras de eso está *Sur*, ¿cierto?, pero ellos hacen este movimiento ... Entonces ¿cual es el fenómeno?: había que reponer a otros escritores. Ellos son la punta de lanza de la revalorización de nuestro gran escritor, Roberto Arlt. Digo cosas bien esquemáticas, después vos analizando, te vas a descubrir una serie de cosas. Y ... analizan muy muy políticamente ... la política en ese momento ... lo que es el campo de la literatura argentina. Es probable que ellos no hubiesen usado la palabra campo, me estoy extralimitando, campo viene de Bourdieu, ellos no habían leído a Bourdieu, ellos habían leído a Goldman. Y después ... reivindicación ... la literatura argentina. [HS: ¿De quién?] De la literatura argentina, en lo más profundo. Ellos se ocupan de eso, de eso. Y otra cosa que parece interesante para analizar, por lo menos en mi perspectiva: usan pseudónimos, que fue una parte de la tradición argentina. Sarmiento usó como veintisiete pseudónimos. Pero ... ese grupo ... usó pseudónimos femeninos. De tal manera que yo, que nunca participé pero conozco a ellos, me confundía. ... ¿viste lo que le pasó ahora? Para mí, esas cosas ... Yo voy a dar, no ahora en este viaje pero al comienzo del año, yo estaba en Barcelona y me invitan a dar seminarios en la Universidad de Macegata. ... Macegata es una ciudad hermosísima que está muy cerca del Adriático y, digamos, la parte alta de la ciudad, como ... ciudad italiana ... es muy moderno, así que es totalmente modelar, y deslumbrante. La Universidad de Macegata está fundada cuarenta años después de la Universidad de ... que es la primera de Europa. ¡Deslumbrante! ... ¡maravilloso! Cuando termino de dar el seminario, un muchacho que hacía el seminario, argentino, se acerca y me dice: –Profesor, yo vivo acá, vivo muy cerca de acá, en Ricanarti. –Ah, Ricanarti, la patria de Leopardi, el gran poeta romántico italiano. Y me dice: –Me gustaría que viniese, yo tengo un autito ... porque en auto son treinta minutos. –Desgraciadamente yo no puedo ir. –No, dice, me gustaría que ustedes viniesen

⁴ Há um, no nº 28 (set. 1972), sobre livro de Josefina Ludmer.

porque yo le hablé a una mujer que vive a Ricanarti de usted, y quiere verlo, conocerlo. – ¿Quién? – ¡Adelaida Gigli, la primera mujer de David, ¡la madre de los chicos que mataron! Bueno, ella ... es pariente de Benjamin Gigli y los padres de Adelaida habían sido no sé qué cosa y le dieron una pequeña casa, muy pequeña, y le dieron una pensión. Vive de eso. Cuando yo le dije que ya volvía a la Argentina ... yo no podía ir porque ya tenía los pasajes, pero yo me quedé sorprendido. Está ahí, tiene setenta y tres años aproximadamente, pero vive sólo y muy deprimida ... y me deprimió mucho. Es decir, es una parte de esa historia de *Contorno*, una parte muy personal de la historia de *Contorno*. La pregunta sería: adonde fueron las mujeres de *Contorno*, adonde fueron los hombres, ¿no? Es una generación que tuvo una gran productividad y tiene todavía hoy ... muchas cosas. Si hay que hacer un trabajo ... a buscar el largo trabajo, a buscar textos de ... textos de Ramón Alcalde, que son personajes que a lo mejor no tienen tanta vigencia actualmente, pero que son muy sólidos, muy sólidos. Ellos tenían una gran solidez desde el punto de vista filosófico-ideológico. Eso es muy importante, muy importante. Y yo me siento bastante tributario de *Contorno*, nunca participé. Después, otro personaje que fue muy importante para la cultura argentina, para bien y para mal, que es un personaje muy muy apasionante, que es Carlos Correas, que sigue escribiendo, escribió un texto muy ... y hermosísimo sobre Roberto Arlt. Y otro personaje ... Juan José Sebrelli. Es un best-seller ... yo no tengo nada que ver con este señor, no me gusta lo que hace ... ¿Cómo se llama este personaje que sigue en la línea más sociológica y que ha escrito esa cosa extraordinaria en dos tomos? [HS – Caparrós.] Caparrós. Esa línea viene de ... y hay cosas que vienen de *Contorno*, entonces hay que hacer un mapa. Después, está la derecha por su lado...

– ¿Qué podría explicar esta tradición tan fuerte de revistas en Argentina, mucho más fuerte que en otras partes?

NR – No sé acá, en Brasil también... Las revistas de izquierda: tendrías que ver ese número del debate que tuvimos con Beatriz y con Noé Jitrik, está publicado en la revista *Estudios*. Precisamente, el tema era las revistas literarias argentinas. Y cada uno... Noé habla de la experiencia de *Contorno*, Beatriz y yo hablamos de la experiencia de *Los Libros*, y ... de la experiencia de *Babel*. Eso fue una cosa que después recuperó Beatriz, en su perspectiva personal. La pregunta que se hacía, una de las preguntas: por qué uno escribe una revista. Y yo dije ... uno escribe una revista porque no puede escribir un libro...

HS – Hay una tradición de las revistas en la Argentina, desde el siglo pasado. Siempre, siempre las revistas [falam ao mesmo tempo]...

NR – ... Hay incluso *Figurines*, pero es también una revista política. A fines del siglo pasado, hay revistas muy políticas, hay revistas culturales, la *Revista del Río de la Plata*.

– Hay una vieja revista popular mencionada por Viñas, que se llamaba *El alma que canta*.

NR – Ya en el siglo XX.

HS – Era una revista comercial que publicaba las letras de las canciones populares.

HS – Cuando vengas a Buenos Aires uno de los trabajos que tenías que ver sobre las revistas en general es de Jorge Lafforgue y Jorge Rivera.

NR – Tiene todo un trabajo y simultáneamente entrevistas a personajes que participaban de las revistas. ...

HS – Bueno, Jorge Rivera escribió incluso en *Los Libros*.

– Al respecto del concepto de literatura en esta época de *Los Libros*, había el fenómeno del *boom*...

NR – Salió un número sobre eso...

– ¿Cual literatura elegían? Por qué combatían el *boom*, ¿no?

HS – Sí, sí...

NR – El *boom* de la novela americana, digamos... Tenés que buscar, ahora me acuerdo, dos ediciones – estamos todos ahí –, dos ediciones, o mejor, dos volúmenes que publica Paidós que es un mapa de la época. Con variantes, porque hay gente muy grande y gente mucho más joven, y ahí está Jorge Lafforgue, está Eduardo Romano, está Jorge Rivera, está Beatriz cuando era estructuralista... ¿Cómo se llamaba esa muchacha que militaba con nosotros? Estaba en ese grupo que trabajaba el *Adán Buenosayres* [risos], ¿vos te acordás de eso? Está publicado eso... Creo que la mujer de Jorge Lafforgue...

HS – Ah, sí, Dotori...

NR – Y si vos lees ese artículo que está publicado en esta colección, en estos dos libros, descubris una ... totalmente distinta, distinta, a parte la elección de objeto, un autor que las vanguardias, las vanguardias políticas, nunca aceptarían... ¿Cómo se llama el autor de *Adán Buenosayres*? ¡Marechal, Marechal! Porque Marechal fue peronista. Ahí ... es un hecho que enfrentó a mucha gente. ... estrategias políticas y estrategias militares distintas entre “montos”, lo que se llamaba “montos”, eran los montoneros del ERP ... De alguna manera, veíamos otros aspectos positivos, ¿no es cierto?, en el peronismo. Nosotros integramos el peronismo que se llamó de izquierda. Luego Perón... la plaza de Mayo ... a nuestra elección de objeto ... Me gustaría de la leer. No es fácil conseguir eso. La única persona que las puede tener es Jorge Lafforgue. Porque la introducción es de él.

– ¿Él vive en Buenos Aires?

NR – Sí, sí, sí, sí. Y trabaja en los talleres ahora todavía. Están en vigencia...

– Pero mi pregunta se refería a la literatura que reivindicaron en la época. Entonces, por ejemplo, en artículos de *Los Libros* veíamos textos sobre Roa Bastos, Arguedas, contra, digamos, García Márquez...

NR – ... *Contorno* es muy argentina. *Los Libros*, por muchas razones que tendríamos que analizar, más latino-americana. ... La preocupación de Toto era la de tener mercado [risos]. Eso por un lado, pero apoyamos a Roa Bastos porque ahí hay una dimensión política también. Y al mismo tiempo eso significaba que la revista iba a circular por todo, por lo menos por Latinoamérica. ¿No me equivoco, Toto?

HS – No, no, es eso. Bueno, Onetti... En ese sentido había una distinción bien clara y crítica de la política de mercado... Eso era muy claro, sí, sin duda.

NR – Me acuerdo de la primera novela de Vargas Llosa que tuvo un éxito extraordinario porque transformaba las técnicas narrativas, todo ese tipo de cosas, ¿no es cierto?, por lo menos en la literatura latino-americana, que era *La ciudad y los perros*. Y bueno, no pasó nada.

A mí no me gustaban las otras novelas... y la ... que tiene en el campo español, ¿no? ... Pero le ponen pompa y circunstancia, y eran pura pompa de jabón las novelas de Vargas Llosa ... que ya habían sido llevadas a la última potencia por un Faulkner, por un Joyce... Y esa es la consecuencia incluso ideológica de su pensamiento, de Vargas Llosa, ¿no?

– Me gustaría de saber más sobre estas opciones de *Los Libros*, sobre estas distinciones de que hablamos un poco ahora...

HS – Había una opción colectiva, digamos, pensada, que era la oposición a las modas, a las modas en el sentido de una cosa fabricada. Pero también había muchas opciones determinadas por los colaboradores de la revista, y las opciones eran más bien de quien se invitaba a colaborar y no tanto un pensamiento colectivo sobre la literatura. Pero sí había un grupo más próximo de la revista ... una valoración de una literatura que fuera coherente con esta idea de la cultura en general que teníamos como valorización de aquella cultura que era revulsiva, que era crítica, crítica en un sentido amplio, ¿no? ... En *Los Libros* había artículos sobre Sade, ... artículos sobre la forma novela, ... sobre la novela latinoamericana donde hacíamos otro recorrido que no era el recorrido común en ese momento de moda, ¿no?... Reivindicamos a Borges desde nuestra posición, cuando todavía la izquierda no hablaba de Borges. Cuando la izquierda tipo *Contorno*...

NR – Un tipo de *Contorno*, que estaba en la periferia de *Contorno*, un hombre que fue profesor mío, un hombre muy muy muy muy interesante en su pensamiento, escribió su primer libro –era muy joven, veinte y tres años– en contra de Borges. Un libro que después de alguna manera rechazó ... se llama Adolfo Prieto, que fue profesor en Florida mucho tiempo ...

HS – En ese punto tenemos una relación de vinculación y de conflicto con cierto pensamiento *Contorno*. *Contorno* era más Goldmann-Sartre, y Luckács por la vía Goldmann. Esos eran como los maestros. Y Blanchot. ... Nosotros éramos marxistas por un lado...

NR – Marxistas barra Estructuralistas...

HS – Y, por lo tanto, había toda la reivindicación de un pensamiento destructivo. Por eso Sade, por eso las elecciones que hacíamos de discusiones... Pero no teníamos ninguna corriente estética, digamos, privilegiada... Pero la línea genérica es esta, de cierto rigor crítico, a veces logrado a veces no, y de una valoración ni simplistamente sociológica ni simplistamente hedonista, ¿no? Esos eran como los extremos que sorteábamos, ¿no? Bueno, hay una anécdota de la Pizarnik y David. Yo trabajaba conjuntamente en Galerna y Siglo XXI. Y publiqué el que fue lamentablemente el último libro de Pizarnik, *El infierno musical* [1971], a los pocos meses se suicida. Bueno, salió el libro y David Viñas venía casi todas las tardes a la redacción de la revista, la redacción misma era como una especie de café literario, ¿no? ... Después de las dos de la tarde hasta las diez de la noche ... Había salido el libro y David viene, pero uno nunca sabe si está representando algo o... y llega con el libro ... empezó a enojarse y me quiso pegar, en serio. Yo creí que era una broma pero no, no... ¿y por qué? [NR: ¡Porque no entendía nada!] Porque no era un autor comprometido. Pero es interesante la anécdota por una cosa: que había una época en el país donde uno se podía pelear por un libro, lo que es bueno, ¿no? Este... pero por otro lado, esta mirada distinta, ¿no? Por qué, porque la Pizarnik era la literatura de la burguesía [NR: ¡Era para él!]. Pero también, en otro sentido, es una diferencia... quiero decir, en *Contorno* ... escritores a la Pizarnik, pero como una opción, como nunca ... sobre Borges.

Es otra mirada. Pero también escribía David en *Los Libros*. Es otro momento, ¿no? David escribía pero era uno más... Una gran apuesta a lo creativo, a un pensamiento crítico, ¿no? Fue la revista que acompañó al Di Tella, a *Primera Plana*, en ese espacio.

NR – El Di Tella se había convertido en la producción de artes experimentales, la vanguardia pero una vanguardia muy experimental, ¿no?, que tuvo una vinculación con circuitos europeos, ¿no es cierto? y más que europeos, con circuitos americanos, New York. New York era de alguna manera París, y Buenos Aires fue un centro de esa época en el arte experimental... Y con eso Buenos Aires se convirtió en un eje fundamental... venían todos teóricos, y los traían un personaje para analizar: Romero Brest... El *Tucumán Arde*... una declaración de la muerte de la pintura...

NR – ... el pensamiento, por lo menos el de la gente que estaba vinculado con la CGT ... argentinos, que era también una misión ni tradicional ni totalmente nueva, ¿no?, dentro del plano ... obrero, ¿no es cierto? ... hacer un acto... aquello que se llamó después en Estados Unidos, ... el arte de la repetición. Y, bueno, eso quedó en *Los Libros*, y ahora están trabajando sobre eso, ahora se recuperan todas estas revistas, hay todo un trabajo bastante interesante.

HS – ... los datos históricos de Argentina en la época, los años sesenta... no, empieza antes. El movimiento este de agitación cultural y modernización ... con Frondizi, ¿no?, en el año 58, que es de donde va a nacer Di Tella, que tuvo una importancia realmente notable.

NR – ¡Cerrado por la primera dictadura! Se suponía que eso era *la* revolución [risos].

HS – Hay un golpe muy fuerte, sobretudo en la universidad, y después se empieza a recuperar, aún con el modelo de la dictadura militar, pero con los 68 ... y todo este movimiento se renueva de una manera sorprendente, ¿no? Tiene un gran peso: se empieza a hacer cine... es todo un momento...

NR – De la otra experiencia de *Tucumán Arde* aparecieron muchos muchos textos ...

HS – Y no se puede entender un hecho sin otros satélites ... que crean la estructura, ¿no? El periodismo, *Primera Plana* tuvo un papel fundamental.

NR – ¿Cómo se llama este tipo que está en España que es novelista? Era periodista de la primera *Primera Plana*... Custé, Custé, Custé...

HS – Tomás Eloy Martínez es partícipe de toda esa experiencia ... y ese que todavía vive, que es Timermann, ¿no? ... el autor es Timermann. Tomás Eloy, que fue secretario de redacción, tiene muy buena memoria de todo eso. Todo se estimulava, ¿no? ... Cuando salió *Los Libros* era eso, era *Primera Plana*... yo trabajé en *Primera Plana* en ese momento, por su parte. Todo era celebratorio, ¿no?, era algo más que se incorporaba a esta... Bueno, Kosalich había hecho *La inundación* ... existía el Bar Baro de Noé, Bar... Baro, un bar, un café que era ... Luis Felipe Noé, extraordinario... Era eso, ¿no?, era la recreación de la... era un lugar de festa, festivo, había algo de festivo en todo eso, ¿no?

NR – ¡Lo que era la calle Corrientes! que es una calle intelectual... Los cafés desbordaban, porque se sentaban en las mesas, se sentaban en el suelo, y después se sentaban en la calle, ¡porque había tanta gente! ¡Esa gente desapareció, desapareció! Todos jóvenes. Y la moda ¿sabés cual era?, porque eso es interesante: jeans azul y pullover rojo. Íbamos al Di Tella el año 66, querido, vestidos de esa manera... La policía nos detectaba por eso, ¿ves? Estábamos vestidos todos iguales...

HS – Cierta influencia tardía del *hippismo* en la época ... porque después ese momento se puede tomar como el pasado político que se va a hacer un proceso de violencia, ¿no? Ahí no hay solución de continuidad, no es que sean todos ... hay los mismos personajes a veces ... un continuum histórico, ¿no?, el clima...

NR – *Primera Plana* era un semanario y el importante es que daba mucha preponderancia a lo que llamamos el arte, el arte pictórico...

HS – ... se instaló un proceso de modernización de la Argentina.

NR – Tenía todos los límites que tiene toda empresa económica, industrial, ¿no?, pero nos apoyó mucho, nos interesaba mucho...

HS – Era una revista de izquierda, era de centro-izquierda. Eso que venía muy bien ... de desarrollo, democratizante.

NR – No hay historias de vida sobre Timmermann, ¿no? ... El fundador de *Primera Plana* y después de otro periódico también muy importante, *La Opinión*.

HS – En su época era un diario.

NR – Pero muy moderno.

HS – *Primera Plana* fue importante porque ... por la Argentina, ¿no? ... con elementos de *L'Express* de Francia... era su modelo, así como *La Opinión* tenía como modelo *Le Monde*, ¿no?

– Hay un artículo de Luz Rodríguez sobre los jóvenes en *Primera Plana* y de *Los Libros*, una especie de comparación. Dice que *Primera Plana* tenía una cierta tendencia conservadora, en el sentido de marginar ciertos jóvenes más osados, lo que *Los Libros* no haría... los drogadictos, tenía un discurso conservador en relación a esos marginales...

HS – No sé, no sé... *Primera Plana* tuvo un papel activísimo. El *boom* latinoamericano no sería de todo entendido sin *Primera Plana*.

NR – Jorge Lafforgue dirigió durante un período el suplemento cultural de *Primera Plana*.

HS – Fue la primera revista política ... no era cultural... Y tuvo la audacia de poner en tapa a escritores.

NR – ... en un suplemento de este diario hay un largo trabajo mío sobre la traducción de la semiótica...

– Pero no pondrían nunca a un Lamborghini en la tapa...

NR – Lamborghini no existía, digamos, no existía del punto de vista de su producción. No era visible, no era visible, en ese momento Lamborghini no era visible para mí, no era visible para nadie... Como persona sí existía... Cortázar llenaba todo el imaginario de la época. Cortázar y Borges llenaban el imaginario de la época.

HS – Lezama Lima no es comparable con Lamborghini, en un sentido, pero sí ... en la Argentina lo publicó De la Flor... ¡Sesenta mil ejemplares! y es un libro para que lo lean sesenta, *Paradiso*...

NR – ¡No! La edición tuvo sesenta mil ejemplares, pero lectores habrá tenido sesenta.

HS – Pero se vendió, y se instaló en el mundo, y lo tomó. Tomás Eloy lo tomó de un artículo de ... que era el artículo de Cortázar sobre Lezama Lima ... Cortázar que era Cuba, ¿no?, y Lezama no era Cuba. El tenía la aureola, esta especie de estrafalarío ... y además Cuba, cargaba

el encanto de la revolución cubana. Y esto era claro... Porque era esto... el programa de la modernización... el rescate de valores literarios muy amplios. Al contrario, en ese sentido era anticonservador, claramente anticonservador. ... No participo de estos criterios ... haber escrito algo contra *Sur*, por ejemplo. Seguramente ... No era ... político en el sentido de partido pero ha sido una renovación. Y si a algo se vinculaba era con el desarrollismo. Lo mismo pasó aquí con Kubitschek, ¿no? Que es también un momento de auge cultural, de apertura... Para los datos objetivos que tenés que tomar, hay un libro sobre *Nuestros años sesenta*, que no es un gran libro pero que es interesante porque traje muchos datos. Es de Oscar Terán.

NR – Sí, Oscar Terán. Y de tras de eso, la investigación de Silvia Sigal...

HS – Bueno, no sé qué más ... Después... nosotros... qué es lo que tenemos que pensar de esto, ¿no? [falam e riem ao mesmo tempo]

Ricardo Piglia

Buenos Aires, 29 de outubro de 1998

– De que manera a revista *Los Libros* chegou às mãos de Sarlo, Altamirano e Piglia e quem era exatamente este grupo?⁵

– La historia tiene un antecedente que yo no puedo fechar con exactitud. Yo estaba trabajando en la revista desde el primer número.

– Estive com Héctor Schmucler e Nicolás Rosa em Florianópolis, em agosto último, e me disseram que estavam todos juntos. Me interessaria saber, então, como se deu essa transição.

– Ok, entonces te cuento los antecedentes. Schmucler volvió de Francia, donde había ido hacer una tesis con Roland Barthes, en el año 69; volvió a Buenos Aires en el 69 con la idea de hacer una revista cuyo modelo era *La Quinzaine*, una revista que sigue saliendo en Francia, que es una revista de información bibliográfica, que se ocupa de los libros que salen cada quince días en Francia. El vino con la idea de hacer una revista así y me vino a ver a mí, porque yo lo conocía desde antes de que él se fuera a Paris. Y yo le hablé de Nicolás Rosa porque yo había leído un artículo de Nicolás Rosa. En aquellos momentos estábamos todos empezando, ¿no?

– Não se conheciam.

– Yo conocía un artículo de Rosa sobre Cabrera Infante que me había gustado mucho, en una revista de Rosario, y cuando empezamos a ver con qué gente podíamos hacer, pensamos también en Nicolás Rosa. Lo cierto es que la hacíamos al principio Schmucler y yo, porque yo estaba contratado por la gente que hacía la revista pero yo no quise aparecer porque la revista me parecía muy ecléctica. Entonces le dije a Schmucler: yo trabajo contigo pero yo no voy a aparecer ahí, porque la revista en ese momento era una revista, digamos, que no tenía una línea definida, era una revista más bien para crear un clima de discusión. Básicamente el objetivo era discutir con la cultura de masas, centralmente era hacer una revista alternativa a los suplementos de los diarios, a los suplementos culturales de los diarios, atacar el modo en que los diarios estaban ocupándose de la literatura, ¿no? Eso fue lo que la revista hizo en todos sus primeros años, tres o cuatro primeros años, ayudada por la aparición del estructuralismo y por lo tanto con la renovación de la crítica literaria, que nos permitió a nosotros criticar el tipo de crítica impresionista y comercial que se hacía. Y ... esto provocó una revolución acá porque los tipos de los diarios empezaron a ponerse nerviosos con lo que estábamos haciendo. Paralelamente con esto se produjo un proceso de politización general en la Argentina. Yo estaba ligado a un grupo maoísta y Schmucler en un momento determinado en Córdoba también se acerca a un grupo maoísta. Entonces, cuando los dos estamos más o menos en la misma perspectiva política, Schmucler me dice: ¿por qué no hacemos una revista que tenga más que ver con estos debates actuales? Y yo digo: ¿por qué no lo invitamos a Carlos Altamirano?, que también formaba parte de un grupo maoísta en aquel momento. Entonces hacemos una dirección, que es la primera que apareció: estábamos Schmucler, Altamirano y yo, en un comité de dirección. Pero Schmucler va cambiando su posición política en ese proceso y se hace peronista montonero. Entonces se queda en minoría porque estamos Altamirano y yo por un

⁵ Piglia concedeu que as perguntas fossem feitas em português, além de ter pago o táxi do entrevistador. Pagou e disse: – Hay que quemar la plata pero no la propia...

lado, y él por otro lado. Entonces él amplía el comité de redacción, con todo derecho, para no quedar en minoría con nosotros continuamente, e invita a Beatriz Sarlo, que en ese momento es católica y peronista, a Germán García, que es alguien independiente, y a Mirian Chorne, que es alguien cercano a Schmucler en ese momento. Pero ¿qué sucede?: que Beatriz Sarlo también se hace maoísta en ese proceso. Entonces se arma una alianza donde estamos Beatriz Sarlo, Altamirano y yo, y Schmucler queda en minoría, porque Germán García vota en el medio y queda Schmucler con Chorne, en fin... Entonces ahí hay una serie de debates, Schmucler se va y nosotros nos quedamos con la revista.

– Y Nicolás Rosa se va.

– Nicolás Rosa se mantiene al margen de la constitución de estos grupos, está siempre cerca nuestro pero nunca forma parte del comité. Esta es la historia, si vos mirás la revista verás cómo se va constituyendo ese comité, cuando se constituye primero el comité de Schmucler-Altamirano-Piglia... En realidad, Schmucler y yo venimos haciendo la revista y en un momento lo convocamos a Altamirano y después pasó todo esto. Esa es un poco la historia... Y entonces ahí llego a la pregunta tuya. Ese fue el modo en que llegamos los tres a ser directores.

– Você disse que o modelo era uma revista francesa...

– *La Quinzaine*, el “quincenal”, y la revista se llamaba *Los Libros* porque la revista tenía como objetivo reseñar todos los libros que se publicaban el mes en Buenos Aires. Ese fue su primer objetivo.

– E qual seria a influência de outra revista francesa importante da época, *Tel Quel*, o estruturalismo “telqueliano”?

– ¡*Tel Quel*! Nosotros estábamos muy atentos a las posiciones de *Tel Quel* porque en *Tel Quel* había una combinación de estructuralismo, maoísmo, crítica literaria, psicoanálisis, que era un poco el clima intelectual común que en Buenos Aires tenía una fuerza muy grande. Incluso yo estuve en un proyecto para traducir *Tel Quel* en Buenos Aires, con Jorge Álvarez, que era el director con quien yo publiqué mi primer libro [*La invasión*, 1967]. Conseguimos los derechos para traducir *Tel Q'uel* en Buenos Aires, cosa que ya se estaba haciendo con *Comunicación*, la revista de *Comunicación* que se publicaba en Buenos Aires. Entonces estábamos en el proceso, yo incluso preparé algunos números y después cesó, creo que vino el golpe militar, no sé qué pasó y no se hizo. O sea, que la relación con *Tel Quel* no era una relación personal pero una relación con una vanguardia que nos interesaba, ¿no?

– O que significava ser maoísta na Argentina?

– Yo creo que, básicamente, lo que significaba el maoísmo para nosotros era algo que ya había comenzado con la Revolución Cubana, que era una posición contra el Partido Comunista y contra la Unión Soviética. El fundamento del maoísmo era que era posible tener una referencia con un país socialista real y ser crítico de la Unión Soviética. Porque los trotskistas eran críticos de la Unión Soviética pero no tenían ninguna experiencia concreta en la cual afirmar esa cuestión, y la crítica de los trotskistas a la Unión Soviética no era la crítica tan profunda como la crítica Mao-tse-tung que caracterizó inmediatamente con mucha lucidez a la Unión Soviética

como un país capitalista y como un país imperialista, y los hechos le han probado que tenía razón. Entonces la clave era, el primer punto de partida era la crítica a la Unión Soviética, al modelo soviético de socialismo, al tipo de arte que promovía la Unión Soviética y la tradición de los partidos comunistas en los debates de las poéticas en América Latina. Entonces el maoísmo funcionó como una alternativa política al modelo del marxismo soviético, que incluía a Cuba. Porque a partir del 68 – porque antes del 68 nosotros... yo viajo a Cuba y todo eso – pero en el 68, cuando Fidel aprueba, apoya la invasión soviética a Checoslovaquia y se encolumna con los soviéticos. Y el Che Guevara forma parte de ese debate, porque para nosotros Guevara se va porque tiene posiciones maoístas, está cerca de posiciones maoístas. O sea que ese es un poco el contexto político del debate, es un debate contra la Unión Soviética, es un punto de referencia en la relación con la Unión Soviética porque Mao tiene una posición muy construida respecto a cómo percibe él la situación del socialismo y cómo hay que movilizar las masas contra la burocracia. Después eso obtiene su propia lógica y su propia catástrofe, pero digamos el modelo de la Revolución Cultural es un modelo de movilización de las masas contra la dirección del partido y contra la burocracia, ¿no? Entonces yo creo que generaciones de jóvenes en América Latina y en Europa fueran maoístas como una manera de diferenciarse de la experiencia del comunismo soviético.

– Inclusive houve a polémica de sua saída de *Los Libros* em torno desta questão.

– Sí, sí... Ahora es completamente arcaico el debate, y al mismo tiempo raro, pero por supuesto los grupos de izquierda no comunistas se dividen siempre, ¿no? Acá había dos grandes grupos, dos partidos maoístas, uno, con el que yo tenía relaciones, que se llamaba Vanguardia Comunista, y otro que se llamaba Partido Comunista Revolucionario, PCR. En el PCR estaban Beatriz Sarlo y Carlos Altamirano, y en Vanguardia Comunista estaba yo más cerca de ahí. En un momento determinado la gente del PCR empieza a apoyar el gobierno de Isabel Perón. Entonces, en ese momento se produce un distanciamiento en el que yo renuncio.

– Havia uma percepção de que o golpe militar estava próximo?

– Sí, claro, sí. Porque, por ejemplo, yo hice con ellos, con el grupo, una cosa que fue muy... bueno, hicimos una serie de cosas en aquel momento en relación a la inminencia del golpe y a la cuestión, ¿no? Y por supuesto yo no me fui por eso, no es que por cuestión del golpe que se venía, tanto que después nosotros, en el 77, con Beatriz Sarlo y Altamirano, nos volvemos a encontrar y sacamos *Punto de Vista*.

– Falávamos há pouco sobre Mao-tse-tung. Hoje como você vê essa figura?

– Por supuesto que los hechos y las cosas que se han conocido de la experiencia maoísta y la experiencia actual de los chinos hoy me hace ser muy escéptico, ¿no? Pero, sin embargo, yo creo que la crítica, el modo en que Mao-tse-tung encaró la crítica a la experiencia socialista, a la experiencia de la construcción del socialismo después de la Revolución Rusa, digamos, tenía una visión correcta, en el sentido que el Partido Comunista se había alejado de las masas, y que solamente la movilización de las masas podía renovar la experiencia del socialismo. En el proceso de movilización de las masas el maoísmo generó otro tipo de catástrofes y de cuestiones que no vienen al caso ahora. Pero el maoísmo, para nosotros, era una manera de

entender la historia del socialismo y de hacer una crítica interna a la experiencia del socialismo, y dar un paso más adelante en lo que había sido hasta ese momento el análisis de eso. Y nos daba a nosotros armas para criticar a los soviéticos como un país imperialista, y como para pronosticar lo que pasó inmediatamente. Yo creo que si uno lee hoy los textos de Mao cuando se produce la ruptura, el cisma chino-soviético, que es muy importante, en el 62, lo que está diciendo Mao es lo que pasó: ustedes se van al capitalismo.

– O mesmo que aconteceria com a China.

– Bueno, yo en un momento dado me entedié de toda esa experiencia, primero porque la situación política argentina liquidó esa alternativa política, y el grupo de Vanguardia Comunista fue reprimido en su conjunto por la dictadura militar. Y porque después, obviamente después de la experiencia de la muerte, después de la muerte de Mao-tse-tung, digamos, y de la cuestión de la “banda de los cuatro”, la aparición de Deng-xiao-ping y todo tipo de dirección política que empezó a ocupar el poder en China, y los materiales que empezamos a conocer, la experiencia de Tian-an-men nos hizo ver que el hecho de que Mao tuviera razón en su crítica a la Unión Soviética no quería decir que él mismo no estuviera reproduciendo situaciones en el interior de China, ¿no?

– Insisto nisto na verdade porque me agrada sobretudo a divisa de Mao que você adotou.

– De derrota em derrota...⁶ (risos) ¡A mí me encanta! A mí, Mao me parece un tipo muy simpático. Quiero decir, también me parece un tipo muy simpático Pound, y también me parece un tipo muy simpático Borges, digamos, nunca juzgo a la gente solamente por sus posiciones políticas. Pero, quiero decir, ciertos tipos de reflexión de Mao. Porque yo, además, leía a Mao desde Brecht, desde Bertold Brecht, y desde la relación de Brecht con la tradición china, y *El me-ti*, ese libro para mí es un libro muy importante. O sea, ahí había todo un asunto respecto al nuevo marxismo, ¿no?, que para nosotros es importante.

– E isso hoje estaria sepultado.

– No, yo sigo siendo marxista, yo sigo siendo marxista. Lo que tengo ahora es una posición menos... En aquel momento teníamos dos cosas que hemos perdido, para bien por un lado y por desgracia para el otro lado: la cultura marxista, la cultura de izquierda tenía alternativas políticas reales, es decir que había una contracultura, había fuerzas políticas, fuerzas sociales, este... espacios sociales reales en la Argentina, contruidos por la izquierda revolucionaria y por la izquierda marxista... revistas, este... editoriales, relaciones con el movimiento obrero, relaciones con el movimiento de masas, relaciones con el movimiento estudiantil, era todo un universo de una cultura alternativa a la cultura hegemónica, que ha sido destruída por la dictadura militar, por un lado. Y juntamente con esa alternativa concreta política, hay otra alternativa que era: había un país o había países como Vietnam y China y demás donde el socialismo se estaba construyendo de una manera que a nosotros nos parecía diferente a la experiencia que había tenido el socialismo en la Unión Soviética. Como digo, después de los años 70 empezamos a conocer mejor esa experiencia, pero eran también los años de la lucha de

⁶ “De derrota em derrota, até a vitória final”.

los vietnamitas contra los norteamericanos, este... el apoyo de los chinos a experiencias de luchas antiimperialistas, en fin, había todo un universo que evidentemente ha desaparecido, ¿no?

– Ao contrário do marxismo, você afirmou que um personagem como Roland Barthes estaria sepultado hoje, quer dizer, não seria mais central. Ao invés de estar sepultado, ele não seria cultuado como a própria literatura hoje, ou seja, por um círculo cada vez menor de pessoas?

– Puede ser, puede ser... Por supuesto que era provocativo esto lo que yo decía ahí, ¿no? Me parece que lo que fue Barthes en un momento determinado, la figura de Barthes como modelo de crítica, y sobretudo la segunda parte de su obra, para mí... Yo siempre fui muy crítico respecto a ese tipo de caracterización de la figura del crítico, ¿no? Es, digamos, el crítico como estilista, ¿no?, el crítico como aquel que funciona porque concentra el gusto, termina por ser ya la condensación del refinamiento, y no hace otra cosa que exhibir esa cualidad estética que él tiene. Entonces Barthes lo hacía muy bien, pero provocaba un epigonismo mortal, ¿no? Porque había gente que escribía muy mal pero que quería escribir como él y que se ponía en esa posición... Contra eso yo defendía otro tipo de crítica, con Tynyanov, qué sé yo... Pero a mí me gusta, obviamente admiro muchísimo a Barthes y admiro muchísimo la parte filo-marxista de la obra de Barthes. O sea, *Mitologías*, a mí me gusta mucho *El grado cero de la escritura*, me gusta mucho el primer volumen de los ensayos críticos, todos los trabajos de Barthes sobre Brecht.

– Em que medida seria negativo que a teoria literária tenha substituído a teoria social, como você afirmou.

– Digamos, es un juicio de hecho, ¿no? En principio es un juicio de hecho, ¿no? Es decir, en la Argentina, y yo diría que no sólo en Argentina, los que hoy hablan de política y de sociedad son críticos literarios. En la Argentina, la izquierda intelectual, digamos, Horacio González, Beatriz Sarlo, este... Eduardo Grüner, son todos críticos literarios que se ocupan de la sociedad y ponen a la literatura como una especie de laboratorio de análisis de lo que son las cuestiones sociales. Lo mismo podríamos decir de figuras que son referencias del debate sobre formas sociales: Deleuze, Jameson, Derrida, este... qué sé yo, Bourdieu, Habermas, no sé. Si me pongo a pensar quienes son los que están discutiendo lo que está pasando con la sociedad, son todos críticos literarios. Entonces me parece que ahí hay como un elemento de hipóstasis, que queda como amplificada, ¿no?, la literatura. Si la literatura hubiera perdido su función de una relación particular con el lenguaje social y de efectos determinados, para convertirse en un laboratorio de prueba de modelos sociales, en la medida que los modelos sociales en la sociedad ya no existen, porque nadie dice hoy que una sociedad funciona orgánicamente, que tiene clases, la sociedad puede ser una cosa muy desordenada, ¿no? El liberalismo genera individuos aislados... Y, para tener un modelo de sociedad, van a la literatura. Eso me parece que hay que discutirlo, y me parece que los estudios culturales son como el efecto de esto, ¿no?

– *Plata quemada* (1997) é um romance policial “duro” mas também uma reportagem para um jornal. Então, a exemplo de Barthes, você considera que os gêneros literários estão sepultados?

– No, no. También yo ahí tengo una posición completamente distinta. Yo creo que los géneros tienen un lugar importantísimo, que los géneros son protocolos de lectura, digamos, son marcos, y que por lo tanto nunca jamás van a poder desaparecer. Lo que se puede hacer es que se pueden mezclar. Un género sería la estabilización relativa de un protocolo, de una forma y de una expectativa de lectura, es un modo de leer un género, no es otra cosa que eso. Pero si vos pensaras en géneros en el sentido en que pensamos en el policial, pensaríamos en géneros en el sentido de que estamos con la literatura siempre, no vamos nunca a la literatura con un punto zero, siempre vamos con un género previo. Vamos a esperar un ensayo, vamos a esperar una novela de Faulkner, vamos siempre con un género previo, en el sentido de que vamos siempre con un marco de lectura, con un protocolo y eso es un género para mí: un modo de leer.

– Então, como se dá a sua relação particular com os gêneros literários, e como se articulam com o próprio mercado?

– Siempre tuve una relación intensa con los géneros en el sentido más inmediato, digamos, en el sentido de que siempre me interesó la literatura norteamericana, que es una literatura muy estructurada con los géneros, donde la ciencia ficción, el género policial, la novela de misterio, la novela de terror, la novela gótica están estructuradas y funcionan, y los escritores trabajan en esa tradición, a diferencia de la literatura europea, que ha tenido siempre como un campo menos nítido en este punto, porque ha tenido una relación menos directa con el mercado. La literatura norteamericana es la literatura “literaria” de más alta calidad del siglo, más popular, más ligada al público, ¿no? Chandler y Hemingway. No es lo mismo decir Chandler, Hemingway, Philip Dick, Faulkner que decir Genet, este... no sé que escritor francés puedo nombrar, pero muy pocos. Ya los norteamericanos han sido grandes escritores que han estado ligados al mercado, y el mercado... yo siempre pienso que los géneros, y lo digo por ahí también, son campos de mediación entre la alta cultura y la cultura de masas, son como lugares de negociación, ¿no? Entonces siempre me interesaron, y siempre me interesó el género policial, básicamente. Y eso lo aprendemos de Borges, que siempre pensó en los géneros, ¿no?

– Beatriz Sarlo afirmou há algum tempo que você teria se isolado numa espécie de super-esquerdismo, posição esta que seria muito cômoda. Imagino que essa não seja uma polêmica nova...

– (Risos) Yo no sabía que decía eso...

– Disse em uma entrevista publicada em 1994. Como você se colocaria diante disso?

– Bueno, digamos, a mí me parece un elogio eso, ¿no?, en el sentido de que yo creo que un escritor tiene que estar aislado, en lo posible tiene que estar fuera del sentido común, general, tiene que estar en posiciones extremas y tiene que escribir desde ahí. A la inversa, Beatriz Sarlo es alguien que siempre ha estado donde ha estado la mayoría, ¿no? O sea, que estaba siempre en el espacio dentro del cual funcionaba el sentido común, natural. Yo respeto mucho los que eran reformistas en la época en que todo el mundo era revolucionario, respecto mucho los que defendían a la democracia y a la libertad liberal, en el momento del auge de los grupos armados y de la guerrilla, pero ahora que un intelectual se defina como reformista, social-demócrata, en

fin, bueno, todo el mundo piensa eso. Entonces me parece que ella, cuando todo el mundo era guerrillero, era guerrillera, y cuando todo el mundo era peronista, era peronista, y ahora cuando todo el mundo es social-demócrata, es social-demócrata. Entonces, no la tomo muy en serio, en el sentido de sus posiciones, ¿no? Y también Altamirano tiene la misma posición.

– Carlos Altamirano fala em um novo reformismo que se colocaria contra o novo liberalismo.
– Pero ellos estuvieron con Alfonsín, después estuvieron con la Alianza, ahora parece que no están ya más con la Alianza, es decir, siguen a la clase media, ¿no? Entonces, yo no digo que seguir a la clase media esté mal ni bien. Yo digo que un intelectual tendría que tratar de pensar por su cuenta, y no estar siempre en el lugar donde está el sentido común. Digo en su posición, porque yo tampoco tengo demasiada confianza en la política como tal. Pero me parece que Beatriz Sarlo a veces habla como si ella fuera un ministro, ¿no?, como si ella realmente tuviese algún peso, como si su discurso fuese producir algún efecto, y por lo tanto ella tiene que cuidar lo que dice, como a veces parece que piensa. En cambio, yo sería alguien irresponsable... Pero ella también está en la misma posición abstracta y aislada que yo, porque, por más que ella diga algo, eso no va a provocar ninguna diferencia en la realidad, no va a provocar debates en el campo intelectual. Por supuesto, a parte de ella, yo creo que hay una división en el mundo entre aquellos que creen que la situación es una situación que no se puede transformar, y aquellos otros, entre los que me cuento, que creemos que la situación es insostenible y debe ser reformada, debe ser transformada, ¿no? Y que pensamos que la revolución es una gran tradición: más allá de lo que ha sucedido con las revoluciones políticas de la izquierda, debemos pensar la revolución como un sistema de producción de cambios en la historia, que supone experiencias como la revolución francesa, la revolución norteamericana, la revolución inglesa, la revolución de Mayo en la Argentina, Tiradentes, qué sé yo. Es muy difícil borrar esa experiencia porque uno ahora cree que es mejor la democracia representativa. Entonces, habría que decir que no hayan existido revoluciones y que esas revoluciones no hayan producido efectos.

– O que seria, na sua opinião, possuir posições políticas claras hoje?

– Para mí, una posición política clara supone no tomar posiciones políticas en relación a las ofertas de la política práctica. Yo creo que el lugar de un escritor, de un intelectual hoy es proponer alternativas ajenas a las alternativas que toda la sociedad propone. Quiero decir, me parece que el mal actual es que todo el mundo habla de lo mismo, que hay una especie de orden del día que el Estado propone como lo posible, lo que debe ser hablado, y que hay intelectuales de derecha y de izquierda que hablan de eso de lo cual toda la sociedad habla, y creo que el lugar del intelectual sería tratar de que se hablara de otra cosa. Entonces, si ser político supone adaptarse a ese registro de discusiones establecidas, no me parece que esa sea la función que debe tener un intelectual.

– Você voltou a se juntar com Altamirano e Sarlo poucos anos depois, na revista *Punto de Vista*. Até aonde foi sua participação nesse projeto?

– Estuvimos juntos, hicimos la revista juntos, digamos, durante toda la época de la dictadura, como una alternativa crítica... Y cuando el comité de los integrantes de la revista puso la revista al servicio del proyecto de Alfonsín, yo me fui.

– Algo semelhante ao que aconteceu em 75 em *Los Libros*...

– Claro. En *Los Libros* era una posición un poco menos concreta, porque era más bien un apoyo microscópico de un grupo. En cambio, ellos se convirtieron en los intelectuales del alfonsinismo, escribían los discursos del Presidente de la República. Entonces el debate fue: una revista que ha sido un punto de partida crítico, que ha sido un polo negativo respecto de la dictadura no puede ahora hipotecar todo su espíritu crítico y ponerse al servicio de esta alternativa que ellos en aquel momento pensaron que era extraordinaria pero que al año se vio lo que era. Entonces me fui ahí.

– Por último eu gostaria de saber o que foi feito dos chamados “textos-limite” ou “de ruptura”, muito em voga naquele período principalmente, e a questão da função social desses textos. E também o que foi feito da relação entre teoria e revolução, que é uma questão bem datada. Como você a veria?

– En respecto a la primer cosa, había por supuesto un campo de discusión que tenía mucho que ver con el psicoanálisis, ¿no? Por lo tanto había una noción de lo que era un texto de ruptura, que tenía que ver con un cierto tipo de experimentación muy situada en el momento, con lo que yo no tenía mucha relación ni mis textos tenían relación, mis textos de aquel momento. O sea, que mis textos no han cambiado desde los primeros libros hasta ahora. Yo me he mantenido con una poética “norteamericana”, digamos... Pero había una serie de textos que se publicaban acá, de Lamborghini, de Gusmán y demás, que tenían mucho que ver con esa poética lacaniana...

– La revista *Literal*.

– La revista *Literal*, que es una revista de Bataille con Artaud, con Lacan, y que ponían ciertas ideas en torno a lo que suponían los textos-límites, y que jugaban mucho con esta idea, digamos, de ciertos textos que estaban más allá de... Yo nunca tuve que ver con esa poética, francamente, ¿no? Había escritores que hacían eso sin que esto funcionara para ellos como una poética tan deliberada, como Lezama Lima, o como, qué sé yo, como Clarice Lispector. Que lo hacían porque lo hacían.

– Como Macedonio?

– Como Macedonio, pero Macedonio de otra manera, yo creo. No era esa idea de un texto perverso de superficie, es un texto perverso de superficie, que es un poco Clarice Lispector, es un poco Lezama Lima, es un poco Severo Sarduy, eso era la poética, ¿no? Después hay otra noción de ruptura que es la noción de Joyce, la noción de Brecht, la de Macedonio Fernández, la de Borges. Y ahí yo me sentía más cerca, ¿no? Cuanto a la relación entre teoría y revolución, es difícil contestar a esta pregunta, porque por supuesto que la revolución funcionaba como un horizonte de discusión de problemas teóricos muy conectados con el debate del marxismo. Entonces, la revolución era también una metáfora, era una revolución lingüística, una

revolución sexual, una revolución en la vida cotidiana. Entonces todo eso era una vanguardia. Yo creo que fue un momento que va de la *beat generation* hasta al Mayo del 68, con los *hippies*, que tiene que ver con un momento en el que eclosiona una vanguardia que, como las vanguardias anteriores, propone los mismos problemas, unir el arte y la vida, que en ese caso era la revolución social, la lucha social, este... ciertos tipos de conducta sexual y demás, pero que no estaban muy alejados de lo que había sido básicamente la noción de vanguardia. Lo que pasa es que ahí en el centro de ese cruce entre el arte y la vida, estaba la noción de revolución, ¿no? Rimbaud decía que había que cambiar la vida, transformar el mundo y cambiar la vida, hacer las dos cosas, ¿no?

– Um último ponto: Germán Garcia esteve ligado simultaneamente aos dois grupos, *Los Libros* y *Literal*, não?

– Sí, tienes que verlo, porque él tuvo mucho que ver con *Literal* y tuvo mucho que ver con *Los Libros*.

Beatriz Sarlo
Buenos Aires, 15 de junho de 1999

– “No hay preguntas obvias”, você disse ao escritor Augusto Céspedes em *Los Libros* (maio 1971). Poderíamos de alguma maneira admitir que permanece atual a pergunta que fez a ele sobre a função do intelectual em um país dependente, ainda que tenham mudado os termos em que ela se coloca?⁷

– No. Tal como yo le hice esta pregunta a Céspedes, yo creo que, aunque la pregunta pudiera ser hecha con las mismas palabras, yo creo que el contexto de enunciación de la pregunta hace que la pregunta sea distinta y que la respuesta necesariamente sea distinta. Céspedes, para muchos de nosotros, que veníamos del peronismo —en ese momento algunos de nosotros veníamos del peronismo, otros sí van al peronismo, es el caso de Schmucler y de Nicolás Rosa que iban al peronismo, en mi caso particular yo venía del peronismo y estaba saliendo hacia el marxismo-leninismo. Fueron cruces verdaderamente interesantes: en el caso de la revista *Los Libros*, Schmucler venía de *Pasado y Presente*, y luego se va hacia la JP, la Juventud Peronista. Y yo hago el camino inverso, vengo del peronismo y me voy ahí hacia el marxismo-leninismo. Entonces, en el caso de esa entrevista a Céspedes de 1971, Céspedes, para nosotros, para los que veníamos del peronismo, era el típico intelectual antiimperialista que había podido conectarse exitosamente con movimientos nacionales y populares, y que su práctica como historiador no ofrecía contradicciones con su práctica política. Es decir, se podía establecer una comunicación sin contradicciones entre el historiador, que había historiado la guerra del Chaco, que había historiado el sistema de dependencia boliviano, y su práctica como político y como intelectual político. Entonces esa pregunta, lo que presuponía era que eligiendo la vía de la ideología, adoptando “buenas” posiciones ideológicas entre comillas, digamos, era completamente sencillo transitar desde la esfera intelectual a la esfera política. Y que la cuestión residía en colocarse efectivamente en lo que se llamaba las luchas populares de cada país, y alinearse correctamente en esas luchas. Si un intelectual se alineaba correctamente en esas luchas, el caso de Céspedes para mí en ese momento, uno podría decir que casi automáticamente su alineamiento como intelectual tenía que ser correcto. Y yo creo que en un punto éramos excesivamente optimistas, por determinismo, en el sentido de que, tomada una posición política, era sencillo desarrollar la teoría intelectual correspondiente a esa posición política. Yo pienso que a partir de la derrota de los movimientos revolucionarios alrededor del 1975, en Bolivia un poco antes, este... en la Argentina alrededor del 1975, se nos plantea a todos nosotros no solamente la ocasión de analizar las razones históricas de esa derrota, sino que nos plantea la cuestión de que no hay un camino tan directo, no hay una vía regia entre la perspectiva política y la perspectiva intelectual. Que en realidad la esfera política y la esfera intelectual son esferas que uno podría decir que están “naturalmente”, entre comillas, que están ontológicamente en conflicto. Y que, si bien persiste entre muchos de nosotros la idea del intelectual interviniendo en la esfera pública, se trata siempre de un intelectual que, en cada una de sus intervenciones, tiene que enfocar, considerar y resolver el conflicto que está, que se plantea entre el mundo de las ideas y el mundo de la práctica política. El mundo de la perspectiva política tiene un tipo de argumentación, el mundo de las ideas tiene un otro tipo de

⁷ A exemplo de Piglia, Sarlo prefere o português ao português (as duas línguas que o entrevistador fala com fluência).

argumentación. La lógica que rige ambos campos es una lógica diferente. Entonces, ese conflicto no significa que haya que abandonar la intervención política, pero sí significa que no se puede tener el optimismo casi ingenuo que yo creo que tenía cuando le hacía esa pregunta a Céspedes en La Paz, cuando yo pensaba que simplemente una posición correcta en política garantizaba el tipo de intervención en el campo intelectual. Hoy pienso que no es así, que primero que es muy difícil decidir qué es una posición correcta, este... y en segundo lugar pienso que el conflicto es lo que define las relaciones entre el campo de las ideas y el campo político, aunque ese conflicto puede ser [tramitado] y aunque ese conflicto puede ser resuelto en algunos momentos felices de la práctica, pero es el conflicto lo que rige, este... la relación. Portanto, aunque la pregunta palabra por palabra es una pregunta que uno podría decirlo, uno podría repetirla hoy, esa palabra por palabra no significa lo mismo... Ahí, yendo casi a tu tema, Althusser marcaba muy fuertemente para nosotros, para muchos de nosotros, la colocación política, aún para quienes veníamos del peronismo, porque quienes veníamos del peronismo e íbamos hacia el marxismo, de todas maneras ya éramos lectores de Althusser. Althusser se publica en el 67, creo, aquí en Buenos Aires, 67 o 68, *Para leer El Capital*, y nos marca muy profundamente. Y nos marca muy profundamente sobretodo un artículo que es “La filosofía como arma de la revolución”. Entonces, Althusser lo que marcaba era que, si bien espontáneamente las clases sociales estaban capturadas por la ideología dominante, había un momento teórico que, de realizarse, podía recapturar a las clases sociales, y fundamentalmente al proletariado, de la ideología dominante y establecer un camino político claro, es decir, la separación muy clara, muy tajante, que hace Althusser entre teoría revolucionaria e ideología, permitía pensar que muy rápidamente y con cierta sencillez, gobernando los instrumentos del marxismo, se podía pasar, liberar, liberarse de la ideología y entrar en una práctica teórica revolucionaria. Portanto Althusser también nos marcaba un cierto camino relativamente sencillo para pensar la relación entre el intelectual y la vida pública, el intelectual y la revolución. Se trataba simplemente de apoderarse de los instrumentos científicos del marxismo y convertir lo que era una ideología de enajenación en una teoría política revolucionaria. Por eso ese artículo “La filosofía como arma de la revolución”, que fue un artículo enormemente leído –en la universidad del 73 era prácticamente bibliografía obligatoria en todas las materias, y nosotros lo hemos leído y lo abíamos trabajado, este... muy intensamente– ese artículo marca la idea de que con... de que hay una práctica teórica que, si es correcta, asegura una práctica política que es correcta, y basta. Entonces esto estaba presente no solamente en aquellos que éramos marxistas. En ese momento yo recuerdo una editorial de una revista que se llamaba *Cristianismo y Revolución*, que va a ser un órgano de la guerrilla montonera, donde decía, con otras palabras decía casi lo mismo, es decir, uno podría decir que también esos jóvenes cristianos estaban influenciados por esa idea de matriz althusseriana, de que había una práctica teórica, científica revolucionaria que podía competir con los aparatos ideológicos del Estado, capturar, recapturar al proletariado los aparatos ideológicos del Estado, y definir lo que es una práctica teórica revolucionaria con sencillez. Todo lo contrario de lo que yo pienso hoy. No hay nada sencillo en lo político ni en lo intelectual, digamos.

– Era esse caráter messiânico que havia na época, segundo o qual tudo se resolveria em pouco tempo.

– Sí. Eso es el otro rasgo de la época, que uno, yo podría decir que es el rasgo de la inminencia. Esa época está como movilizadada por una figura que es la figura de la inminencia, es decir que se ha llegado a un fin del tiempo histórico, que es llegado el fin de un tiempo histórico marcado por el capitalismo, que ese fin es irreversible, y que la revolución es lo que viene, lo que viene de manera casi inevitable. Yo creo que ese rasgo de la inminencia es un rasgo muy fuertemente teleológico, con una visión muy fuerte de una teleología de la historia, visión que estaba presente de algún modo también, este... en Althusser –Althusser es el marxista muy influyente en ese momento para nosotros– visión que en él también estaba presente, en el sentido de que si se hacían ciertas operaciones teóricas, era ineludible que esas operaciones teóricas condujeran en la práctica a ciertos resultados. Entonces, curiosamente, Althusser que había sido un filósofo que se había sustraído al mayo francés, que había estado fuera del movimiento social del mayo francés, muy pocos años después se convierte en el teórico del... no él personalmente, pero su teoría ofrece los instrumentos para pensar la inevitabilidad de la transformación que el mayo francés anunciaba. Como rasgo cultural, yo diría, como rasgo estilístico del período, la inminencia es el rasgo estilístico del período. Es decir, la historia se ha acelerado. Este... uno podría decir que el sentido de la inminencia es el sentido de que la historia se acelerado definitivamente, y de que nos deslizábamos sobre una cinta que no iba a ser interrumpida, que podría existir muertes, sacrificios en ese camino, pero que el camino ya estaba trazado y estaba decidido. Esto hay que enmarcarlo en otra cosa: que uno podría decir que, para muchos de nosotros, no para todos, era el momento en el cual la revolución china proponía un modelo de solución de las contradicciones tradicionales entre intelectuales y pueblo, entre partido y masas populares, entre clase obrera y campesinado, entre trabajo manual y trabajo intelectual, entre todas las contradicciones que habitaban una sociedad, la revolución china, la revolución cultural proponía un modelo de solución de esas contradicciones. Hoy parece imposible que hayamos creído en eso, parece imposible verdaderamente, pero yo diría que no fue solo un fenómeno de grupos relativamente chicos en la Argentina, de los cuales participamos yo, Piglia, Altamirano, que éramos pro-chinos, digamos, no era un fenómeno solo de esos grupos relativamente chicos; había algunos libros escritos en Europa que nos marcaron muy profundamente, por ejemplo el libro de Karol sobre China, ese periodista polaco que vive en Francia, este... que escribe un libro sumamente influyente sobre China, el libro de ... sobre China, que hacía que en la Europa también se tramitara la cuestión de la revolución china como una revolución que había logrado sintetizar y resolver conflictos que la revolución rusa no había resuelto. Y ahí está la... muy presente para nosotros, muy influyente, el viaje que hacen Kristeva, Sollers y Roland Barthes a Pekin. Viaje en el cual el único que se permite un momento de ironía y de escepticismo es Barthes: él va ser el único que se siente fatigado por la severidad de esa ideología, por el carácter sin fisuras de esa ideología, que es la ideología del Estado, es el único que se siente relativamente incómodo en ese viaje. Pero el resto del grupo *Tel Quel* cree encontrar en China la realización de la vanguardia estética que ellos estaban haciendo en Francia, digamos, ¿no?

– Barthes prefiere o Japão, não é?

– [Ri] Barthes prefiere el Japón. Pero de todas maneras viaja. Lo cual ya enmarca... marca la fuerza que tenían ciertos mitos políticos en esa época. Porque hay que ver en ese viaje que, siendo el más inteligente, y lo más perspicaz de todos los que viajaron, puede marcar su

distancia, con relativa ironía. Pero de todas maneras viaja, y se saca la foto en la Plaza Roja de Pekín.

– E isto já em 1974, se não me engano.

– Eso ya en el 74, 73, 74. Es decir que era muy influyente esa idea –volviendo al principio de tu pregunta– de que ciertas actividades intelectuales, tomando una buena teoría, podían realizarse en una buena política, digamos. Y esa idea influyente venía de muchos lados. Por un lado, lo que decíamos de Althusser de la idea de que la teoría revolucionaria podía destruir la ideología burguesa en el proletariado y, por otro lado, la Revolución China que presentaba una solución de las relaciones entre intelectuales y pueblo. Y eso no sólo para intelectuales del Tercer Mundo sino para intelectuales franceses y europeos que nosotros admirábamos.

– Você disse em uma entrevista que considera mais significativa a primeira etapa de *Los Libros* do que o que veio depois. Como você leria esta primeira etapa?

– Esa es mi opinión yo creo que es más significativa hoy, porque yo creo que tenía un proyecto más amplio y más firmemente establecido en el campo intelectual. Yo creo que fue una revista de la modernización, una de las olas, posiblemente la última ola antes de la dictadura militar, de la modernización teórica en la Argentina. Schmucler viene de Francia, viene de hacer su doctorado etc. en Francia, con una relación muy activa y muy personal con el campo intelectual y crítico francés, y se propone a hacer una revista primero de actualización bibliográfica, por eso se llama *Los Libros*. Nosotros después odiamos ese título, pero *odiamos* ese título, pero digamos que, en el 67 o el 68, cuando sale...

– Sesenta y nueve.

– Sesenta y nueve. Cuando sale en el 69 todavía nos parecía relativamente aceptable una revista de actualización bibliográfica, que fue claramente girando sobre algunos polos teóricos: el marxismo, el psicoanálisis, la lingüística, el estructuralismo antropológico, la antropología estructural, las teorías de la comunicación. Yo diría que sobre esos polos teóricos la revista piensa que va a hacer una intervención muy fuerte. La universidad estaba cerrada para casi todas las personas que estaban en la revista y portanto la revista de alguna manera se hacía cargo de un material que en momentos más normales de una sociedad toma las instituciones académicas. Entonces yo creo que, volviendo a verla hace poco, yo creo que efectivamente hay una decena de primeros números, con notas de, qué se yo, de Eliseo Verón, de Alicia Paez, que son notas de presentación de problemáticas teóricas muy fuertes y muy interesantes.

– Apareciam como novidades.

– Sí, novedades para un público un poco más amplio, no novedades para el público más restringido, para los actores más restringidos: batallas ideológico-teóricas para un público más amplio. Me parece que esos primeros diez números, en fin habría que ver cuantos son, me parece que cumplen efectivamente esta tarea de modernización teórica y de desafío teórico. Sin duda de lo que se trata es romper con el marxismo-hegeliano, y ahí de nuevo el signo de Althusser. Yo diría que esos años son muy fuertemente, llevan muy fuertemente el signo de Althusser. Althusser después fue casi como borrado porque luego vino el signo de Foucault. El

signo de Foucault es un poco posterior, y yo creo que el que abrió el camino del signo de Foucault, de la década de Foucault, fue Althusser. Entonces yo creo que ahí, con Althusser, a partir de Althusser se hace una crítica muy fuerte a los marxismos anteriores, a los marxismos de corte hegeliano; por un lado Luckács, pero sin duda por otro lado la dialéctica de la Escuela de Frankfurt. No es un momento muy frankfurtiano ese, es un momento más althusseriano que frankfurtiano. En qué sentido quiero decir más althusseriano que frankfurtiano: en el caso de Adorno los principios de la dialéctica quedan en pie hasta el final, digamos. Adorno es un dialéctico hasta el final, aún en su teoría de la vanguardia y en su teoría del capitalismo tardío es un dialéctico hasta el final. Y Althusser llega precisamente con una ruptura de esa idea de la dialéctica. Entonces él es extremadamente influyente; pero esa influencia se combina con otra que es *la* influencia de los años 60 que es Lévi-Strauss. El que le había ganado la batalla a Sartre, digamos, él que había hecho que Sartre enmudeciera, finalmente, en esa famosa polémica [conciencia] y estructura es Lévi-Strauss él que se queda con la última palabra y Sartre no contesta finalmente. Pero Lévi-Strauss fue extremadamente influyente, hay que recordar que en los reportajes de la época, incluso en Francia, a Lévi-Strauss se le preguntaba permanentemente sobre política, sobre marxismo, y aunque Lévi-Strauss no contestaba, de todas maneras esa pregunta era una pregunta que se le hacía permanentemente, quiere decir que se lo colocaba en el lugar del intelectual que podía dar una visión global de la sociedad, no una teoría de cómo se constituían los mitos, de cómo se podía analizar cierto tipo de sociedad, y sí sobre una visión global de la sociedad; a la cual Lévi-Strauss se sustraía, pero de todas maneras se le preguntaba. En ese marco de la enorme influencia de Lévi-Strauss, se traduce, Eliseo Verón traduce muy tempranamente para la editorial Eudeba argentina *La antropología estructural*. Y Oscar del Barco publica en una editorial universitaria de Córdoba un libro que se llama *Tres ensayos sobre el estructuralismo*, alguna cosa así, que tiene un artículo, creo que tiene un artículo de Paul Ricoeur, si no me equivoco, pero lo importante de ese libro para nosotros fue más bien el prólogo de del Barco, es como una presentación global del estructuralismo. Entonces, por un lado, está el marxismo estructural de Althusser, pero por otro lado está la antropología estructural de Lévi-Strauss, que en el caso de gente que viene de la literatura, no es algo que no se combine bien, sino que se combina bastante bien con un cierto saber lingüístico que traíamos de la literatura, porque ahí viene la línea Saussure, el famoso artículo de 1948 en la revista *Word* sobre la fonología de Troubetzkoy, la *Antropología estructural* de Lévi-Strauss, es decir, la idea de que se puede establecer un método científico para el análisis de los discursos; así como Althusser decía que hay una ciencia, hay una teoría científica para análisis de lo social, también desde la antropología estructural, aunque hoy parezca mentira, parecía que se podía establecer un método científico para el análisis de los discursos. Y la semiología estructural, y la semántica de Greimas, también daban la imagen de que ese método científico podría llegar a formularse.

– Em que medida e com que influência a revista *Los Libros* cumpriu sua missão de “crítica de los medios”?

– Yo creo que fue el primer lugar donde aparecieran muchos artículos o varios artículos de manera sistemática... Hoy ya la crítica de los medios es una de las cosas más aburridas del mundo, yo personalmente casi no la tolero [ri]. Pero habría que reconocer que en el momento

en que la revista pone cuatro o cinco artículos, crítica de películas que hace Germán García, crítica de televisión que hago yo... sí, cuando pone cuatro o cinco artículos que eran extremadamente novedosos para el campo intelectual argentino, estamos pensando en comienzos de los 70. Entonces yo diría que la problemática de leer los medios de comunicación, de nuevo, como aparatos ideológicos, y pensar que los medios de comunicación no eran sino aquellos espacios donde circulaba el discurso de la ideología dominante, digamos, porque de hecho buscábamos la ideología, íbamos a los medios buscando la ideología. Pero poner esos artículos tuvo un carácter novedoso, es decir, instaló de hecho la problemática de la lectura de medios en Argentina, y la instaló más allá de ciertas lecturas muy contenidistas. A nosotros, por ejemplo, no nos gustaba el libro de Mattelart *Para leer el Pato Donald*. No nos gustaba. Nos parecía que había que utilizar instrumentos más sofisticados desde el punto de vista formal para hacer lecturas de medios de comunicación. Me acuerdo bien que tanto Germán García como yo nos burlábamos constantemente del libro de Mattelart *Para leer el Pato Donald*, porque pensábamos que la crítica de medios tenía que utilizarse de procedimientos formalmente más... más ajustados, y no hacer una crítica tan contenidista de ella. Pero de todas maneras visto desde hoy, lo que pasa en *Los Libros* es afín a todo lo que está pasando también en Chile con el libro de Mattelart, no es que sea, este... no es que sean dos mundos diferentes. Uno se sentía muy diferente, pero visto a veinte y cinco años, yo creo que eran cosas bastante parecidas, eso. Y ahí es interesante, porque "Toto" Schmucler, cuando se va de la revista *Los Libros*, se va a hacer una revista de comunicación y cultura, es decir, que hay movimientos que Schmucler había puesto en la revista *Los Libros*, se va a continuar en la revista posiblemente más importante de América Latina en ese período, que es *Comunicación y Cultura*, que él saca en Chile y después cuando cae el gobierno de Chile, este... saca en la Argentina, y después se va y la saca en México. O sea, que ahí hay un... La otra cosa es que ahí se continuaba también una línea de investigación de un gran afrancesado como es Eliseo Verón. Es decir que, yo creo que Eliseo Verón ya en los años 60 había hecho una investigación sobre revistas femeninas del corazón, y había marcado un camino del análisis de medios. Yo creo que ése es un tipo muy importante, digamos, por la introducción de las novedades teóricas, básicamente francesas. Es el traductor de Lévi-Strauss, es él que hace el primer análisis de medios, ese análisis de la revista *María Rosa* lo hace con el esquema del análisis estructural de Greimas, es un tipo verdaderamente interesante.

– Em que *Los Libros* foi tributária da revista *Pasado y Presente* de Córdoba? E mesmo de *Contorno*?

– No, yo diría que *Contorno* no, *Contorno* no, por esas cuestiones que tiene la historia. *Contorno* estaba demasiado próxima para ser visible. Al estar tan próxima, era muy histórica, era muy pasada, estaba muy puesta en el pasado. Los mismos hombres que habían hecho *Contorno* ya no tenían nada que ver con ella. Y para nosotros estaba demasiado próxima, habían pasado menos de diez años. Entonces, *Contorno* empieza a ser importante después, en los años 80, cuando ya no es tan pasada, es histórica pero no tan pasada. En el momento en que sale *Los Libros*, *Contorno* puede ser considerada vieja, mientras que cuando sale *Punto de Vista*, *Contorno* ya es una revista histórica. Es una diferencia importante, digamos. Entonces yo diría que con *Contorno* no se tocan, y además, este... bueno, basta mirar *Contorno* para ver que

no tiene nada que ver una revista con la otra. Con *Pasado y Presente*, sí, yo creo que hay puntos de convergencia, aunque formalmente las revistas sean muy diferentes: *Pasado y Presente* es una revista más ensayística, es una revista-libro más ensayística, pero en principio está el vínculo que establece naturalmente Schmucler... entre una revista y otra. Es muy amigo de Aricó... En segundo lugar está que muchas discusiones, las discusiones sobre Cuba, por ejemplo, que se hace en la revista *Los Libros*, muchas discusiones incorporan a la gente de *Pasado y Presente*. Es decir, yo recuerdo ... de consejos de dirección en que uno podía convocar amigos. Bueno, siempre que se hacían esas convocatorias, eran con la gente de *Pasado y Presente*. Entonces ahí había una trama de... yo diría de relaciones personales, de relaciones típicas del campo intelectual, es decir relaciones que mezclaban la colaboración intelectual junto con amistad, que era una trama muy fuerte, muy fuerte. De otra parte, la gente de *Pasado y Presente* ya se había pasado a Buenos Aires a vivir, o sea, que había un contacto. Además, Aricó dirigía Siglo Veinte y Uno. Siglo Veinte y Uno era la editorial donde se publicaban los libros que eran importantes para la revista *Los Libros*. Para empezar, Althusser lo ponen en *Pasado y Presente*, pero después los *Gundrisses* que nosotros leímos como el *Ulises*, o más bien como el *Finnegan's wake* de Marx. Este... entonces su presencia era muy importante, por una parte. Por otra parte *Pasado y Presente* aunque fue una revista predominantemente política, tiene algunas intervenciones muy tempranas y muy importantes en temas que son más bien teóricos. Por ejemplo, el primer artículo sobre Lacan que se publica en Argentina, se publica en *Pasado y Presente*. Las primeras lecturas verdaderamente inteligentes y fundadas teóricamente que se hace sobre *Rayuela* es la lectura de Schmucler, que se publica en *Pasado y Presente*. Las discusiones sobre las teorías del realismo, discusiones que se dan más bien en Italia, son traducidas en *Pasado y Presente*; las discusiones de ... las discusiones de Luckacs etc. etc. O sea, que también uno podría decir que *Pasado y Presente*, sin ser una revista tan vanguardista como *Los Libros* –*Los Libros* es una revista más vanguardista, es de modernización pero con un aire siempre vanguardista, *Pasado y Presente* no tiene ese aire vanguardista– pero sin ser una revista tan vanguardista como *Los Libros* pone temas muy tempranamente. Lo de Lacan es muy impresionante porque es muy temprano, está en el número uno o número dos de *Pasado y Presente*.

– O que representava o pensamento de Gramsci para a revista?

– Habría que ver para cada uno de los miembros de la revista *Los Libros*. Sin duda, yo lo pienso en *Pasado y Presente*, y en Aricó en particular. Gramsci había sido desde el Partido Comunista, desde cuando Aricó estaba en el Partido Comunista –se va más o menos en 60, a principio de los 60–, desde el Partido Comunista había sido la versión... plástica y teóricamente articulada del marxismo. Es decir, el grupo de Aricó son los italianos del Partido Comunista. Y Aricó traduce Gramsci. Portanto, desde ahí la importancia de Gramsci, no en *Los Libros* sino que ya viene desde el grupo *Pasado y Presente*. Para algunos que estamos en *Los Libros*, básicamente para Altamirano y para mí, Gramsci es aquel que le proporciona al marxismo lo que el marxismo no tiene, que es una teoría cultural. Porque nosotros estábamos perfectamente conscientes de que el debate sobre el realismo en Balzac, este... –que se realiza Engels en la “Carta a Miss Hartness” y que se va expandiendo, y que de alguna manera Luckacs se ve obligado a retomar– nosotros estamos perfectamente conscientes de que es un debate muy

insuficiente para pensar una teoría de lo simbólico y una teoría cultural en el marxismo. [30 min.] Y que en cambio se había podido pensar una teoría cultural, y sobretudo una teoría de las culturas populares sin sujetar cada uno de los momentos de una cultura a un principio de determinación fuerte, un principio socioeconómico de determinación ineludible. Es decir que Gramsci tenía una visión más articulada de la dominación cultural y que la definición, la redefinición del principio de hegemonía, que atraviesa en gran parte de la obra de Gramsci, era un instrumento, una noción que nos permitía pensar las relaciones más complejas, y no simplemente determinadas, entre la dimensión simbólica y la dimensión económico-social. La otra pregunta que Gramsci ayuda a formular es cuales son los rasgos internos, yo diría estéticos, discursivos de las culturas populares, y él lo hace con textos muy breves, pero que son, a mi juicio, textos muy importantes, todavía siguen siéndolo, que es cuando él se pregunta porqué los sectores populares en Italia carecen de la literatura que tienen en Francia, y cuales son las razones por las cuales el folletín puede ser *la literatura* de los sectores populares. Entonces cuando Gramsci se plantea eso, y que son dos o tres páginas, en realidad no es mucho más que eso, pero abre la posibilidad de pensar por encima del esquema duro de determinación. Desde ese punto de vista Gramsci fue importante para nosotros. El otro punto de vista que fue importante es porque Gramsci daba también una definición cultural de la dirección que el Partido Comunista debía establecer sobre la clase obrera y el pueblo. Es decir que esa dirección no era solamente política, que la implantación del Partido Comunista italiano no debía ser sólo una implantación política, sino que el Partido Comunista debía, como había hecho la iglesia católica en Italia, tener una implantación cultural, es decir una implantación de construcción de identidades. Entonces esa problemática, que es extremadamente moderna y que yo creo que es una problemática actual, que es que la dirección política o el camino de lo político está tramado con la dimensión simbólica y con la dimensión cultural, y construye identidades, esto lo podíamos ver en Gramsci. Entonces nosotros efectivamente éramos fuertemente gramscianos. Yo recuerdo que durante el año 72 releí completo Gramsci, de nuevo, línea a línea, este... porque nos parecía que era, para decirlo de manera rápida, que era una articulación más sutil del leninismo. Es decir, el leninismo indicaba una teoría de la dirección del partido sobre la clase obrera y el pueblo que es una teoría... uno diría verticalista, de arriba hacia abajo y con rasgos fuertemente autoritarios, y no culturalistas. Esto era para nosotros el leninismo. Pero esto no se podía decir, porque esto era anatema, no se podía hablar mal de Lenin. Mientras que Gramsci tenía una visión más culturalista, menos verticalista y menos autoritaria de como se podía implantar la hegemonía. Y su concepto de intelectual orgánico, que él había elaborado pensando cómo otros sectores de clase habían constituido sus propios intelectuales —en principio lo había elaborado pensando en la iglesia católica y pensando en la cuestión meridional italiana— servía para pensar cómo nosotros podíamos constituirnos a nosotros y al partido en intelectuales orgánicos, subrayando y enfatizando la importancia de la dimensión cultural en la construcción política. Vale decir, extremadamente atractivo porque, para gente que se ocupaba de cultura o que quería ocuparse de cultura, era mucho mejor que andar leyendo este... la carta de Engels a Miss Hartness para ver si Balzac había representado o no a la sociedad francesa de la Restauración, que realmente no nos decía nada sobre el problema de la cultura contemporánea. Hay que decir que los partidos marxistas-leninistas no tenían a Gramsci ni remotamente como lectura oficial. Es decir, los partidos marxistas-leninistas a los

cuales nosotros pertenecíamos, Gramsci más bien era tomado con esa desconfianza del burócrata, es decir, los secretarios generales y las autoridades del partido tenían frente a Gramsci la mirada desconfiada y rústica del burócrata. Mientras que a nosotros nos parecía, por el contrario, que un partido, como el comunista italiano, que había sido modelado por Gramsci, se había ido convirtiendo en un partido de masas. Es decir que la teoría política y cultural de Gramsci y de Togliatti era la que había hecho posible que el Partido Comunista Italiano se convirtiera en un partido de masas. ¡Único partido comunista de masas en el planeta, en la galaxia, hasta hoy! Realmente, porque los partidos comunistas de los países socialistas nunca fueran de masas, excepto de masas obligadas a pertenecer a esos partidos. Entonces finalmente –por eso yo sigo teniendo un enorme respeto intelectual por Gramsci hasta hoy– cuando uno hace las cuentas de este siglo, el único partido de masas con implantación cultural donde la gente va a los actos y lleva los perros con un pañuelo rojo, este... en el cuello, es el Partido Comunista Italiano –bueno, hoy en sus transformaciones diversas, digamos, ¿no?

– Na longa entrevista a Roy Hora e Javier Trimboli você afirma que “la revolución china funcionó como una máquina de traducción que me prepara, tanto a mí como a muchos jóvenes, para ingresar al peronismo y luego me confirma esa opción”. O que a preparou para a saída do peronismo?

– [Ri] Mi caso particular no es significativo. Porque yo creo que soy de las poquísimas personas que se van del peronismo en el momento en que me voy del peronismo. O sea, que mi caso particular no es significativo. De mi caso particular no vas a sacar ninguna conclusión que pueda aplicar a lo que pasó la Argentina. Yo me voy del peronismo pero por razones que no son las históricas. Es decir, como me voy en un momento donde todo mundo está entrando, y yo me voy, mis razones no son históricas, tengo que pensar que no son razones históricas generales sino más bien personales. No estoy de acuerdo con la guerrilla, no me gusta la guerrilla. Creo, en ese momento creía en la violencia revolucionaria, en insurrección etc. pero en ese momento donde todo el mundo estaba tentado por la guerrilla, yo no tenía ninguna simpatía por la guerrilla, como no había tenido simpatía por el Che Guevara. Nunca sentí simpatía por el Che Guevara. Uno ahí tendría que ver razones personales porque... no sé que es lo que a mí no me gustó, esa cosa aristocrática, de guerrero popular aristocrático que tenía el Che Guevara que me resultaba enormemente poco atractivo. Es probable que para un argentino sea fácil o sea relativamente sencillo captar un elemento muy aristocrático que hay en el Che, muy mesiánico pero al mismo tiempo muy de clase alta argentina... que a mí me molestaba, me molestó siempre. Yo simpatizaba por los revolucionarios plebeyos, intelectuales pero aplebeyados, digamos. Entonces cuando uno está en el peronismo en 1969, o se simpatiza con la guerrilla, no digo que tenga que hacerse guerrillero pero tenés que simpatizar con la guerrilla, o si no sos del peronismo de derecha, que no era mi caso. Entonces eso es lo que me provoca la salida, y la otra cosa que me provoca la salida es que el Partido Comunista Revolucionario, al cual yo voy a ir, es un partido que está ganando sindicatos obreros. Por primera vez hay un partido comunista marxista-leninista que gana sindicatos obreros –en la ciudad de Córdoba... Entonces eso me atrae mucho porque yo había entrado al peronismo buscando a la clase obrera pero allá había un partido que no me exigía las operaciones raras que había que hacer en el peronismo sino que podía ser completamente marxista y declaradamente marxista pero además

estar en un partido de las masas obreras –bueno, era muy atractivo. Pero, te repito, mi historia personal no es significativa. Todo el mundo más bien decía, “¡esta está loca!, se pasó diez años en el peronismo para irse del peronismo justamente ahora”. O sea que no es una historia muy significativa. No conozco otra historia igual. No conozco, no hay otra historia igual. O sea que yo creo que el hecho de que a mí me disgustara tan profundamente la guerrilla tiene que haber sido muy importante, en un nivel psicológico más profundo, más personal, digamos, que no me gustara la guerrilla. Quizás por miedo, por lo que fuera, digamos, pero no quisiera eso. Que yo estuviera dispuesta a hacer una vida clandestina, a aprender a usar armas y todo, pero para la insurrección popular, ella no me gustaba. Eso debe haber sido un elemento muy importante. Además de cierto hartazgo con Perón. Perón te obligaba permanentemente al doble discurso. Los intelectuales pequeño-burgueses que recién estaban descubriendo al peronismo todavía no se habían tenido tiempo de hartarse. Pero yo que había sido peronista desde muy joven, ya me había hartado, digamos, de eso, ¿no?

– A opção pelo maoísmo pode ser considerada a causa ou o centro da divergência que levaria à saída de Héctor Schmucler da revista? Qual teria sido o motivo?

– No, yo creo que no. Porque Schmucler –esto también es personal de Schmucler– es hasta hoy extremadamente amplio, amplio en cuestiones teóricas, aún en un momento en el cual todos eran muy facciosos y todas las disputas eran muy facciosas. Yo diría que alguien como Schmucler y también Aricó eran extremadamente amplios, y tendían a la convivencia en cuestiones teóricas. Así que estoy completamente convencida de que el hecho de que la revista se hiciera más maoísta porque Piglia en el 73 fue a China y sacamos un número sobre China, y que nosotros todos éramos maoístas. El hecho de que la revista fuera más maoísta, a Schmucler no le iba a causar problemas en absoluto. Precisamente porque, a diferencia de Piglia, de mí y Altamirano, que éramos más facciosos, y que hacíamos una discusión sobre un término de Marx, y podríamos pensar que por ahí pasaba, digamos, algo definitivo para la política, ni Schmucler ni Aricó en *Pasado y Presente* tenían ese rasgo. Eran más grandes que nosotros, más tolerantes, más inteligentes probablemente. Entonces yo creo que no fue eso. Yo creo que fue lo que se dice en la revista: lo que pasó es lo que la revista pone de manifiesto. Es decir que Altamirano escribe un artículo decididamente invalidando todas las posiciones en las cuales podía reconocerse alguien que se estaba haciendo peronista en ese momento, como a Schmucler que estaba transitando hacia la JP. Schmucler pide la posibilidad de que ese artículo vaya acompañado con otros artículos, y nosotros decimos que no, que esa es *la verdad* política –le decimos Piglia, Altamirano y yo, le decimos esa es *la verdad* política, y no se va a poner en contraste con otras cosas. Y de hecho lo echamos de la revista. O sea que fue una razón de política coyuntural argentina que lo echamos de la revista... En una de esas operaciones típicas de intelectuales marxistas-leninistas, es decir, donde la ética no figura. Porque lo estábamos echando de la revista que era de él, que él había fundado, que él había mantenido... Y en un determinado momento, le decimos: ¡Como no sos un verdadero revolucionario, te vas de acá! Es decir, que era una típica operación que sería imposible de pensar hoy. Yo no me imagino hoy que pudiera decirle a Schmucler, “te vas”. Y se fue. Se fue él, Miriam Chorne, Germán García, y nos quedamos con la revista. Y ese fue festejado como un trunfo de la revolución sobre el reformismo pequeño-burgués. Pero no tuvo que ver con la revolución cultural china. A

Schmucler le podría parecer que se exageraba un poco con la revolución cultural china, o que no se exageraba, pero no tuvo que ver. Él hubiera tolerado perfectamente una revista que siguiera poniendo a todas las revoluciones del mundo y discutiéndolas. No tuvo que ver con eso.

– A tarefa das revistas é intervir na conjuntura, você disse em uma mesa-redonda sobre as revistas culturais em 1992. Em que medida *Los Libros* cumpriu esta tarefa?

– Yo creo que la cumple muchísimo, al punto de abandonar su primer diseño. Porque el primer diseño de la revista *Los Libros*, el que imagina Schmucler, es de intervenir en la coyuntura teórica. Teórica, es decir intervenir con esta versión del marxismo, con esta versión de la filosofía, con esta introducción de la lingüística como ciencia mayor del campo revolucionario, es decir, intervenir en la coyuntura a través de lo que Althusser llamaba la coyuntura teórica. Luego el mismo Schmucler va siendo arrastrado por la coyuntura política, y la revista empieza a cumplir al pie de la letra la intervención en la coyuntura política: sale un número sobre Chile, sale un número sobre Perú, sale un número sobre Bolivia, sale un número sobre el Cordobazo, sale un número sobre la universidad. Es decir, empieza a intervenir allí donde la coyuntura política convoca a las voluntades. O sea que ya, todavía estando Schmucler en la revista, [esa] revista era claramente de intervención en la coyuntura política. Cuando él se va, la revista queda atada a la coyuntura política. Atada hasta el punto de que finalmente ni siquiera sus tres directores pueden coexistir en ella, y Piglia también termina yéndose. Queda completamente atada a la coyuntura política en el sentido de que todo se lee en función de la contradicción fundamental de la política. No es que se hable permanentemente de cada dato de la coyuntura sino que cualquier tema es leído en función de la contradicción fundamental política. Es decir, se puede hacer un número sobre la educación, lo que se va a decir es que todo esto se va a resolver cuando el proletariado derrote a la burguesía y al imperialismo y la lucha de clases, este... abra un nuevo camino. Es decir, que todos es leído en función de la clave de la coyuntura política. ¡Con lo cual los últimos diez números de la revista *Los Libros* son de un aburrimiento mortal!, porque se pierde toda capacidad de intervención teórica vinculando únicamente toda problemática a la problemática de la lucha de clases y de la revolución. No hay que olvidar ahí [ri] –de nuevo Althusser– de que esos son los años en que se publica la famosa respuesta de Althusser –famosa en aquel entonces, hoy olvidada– la famosa respuesta de Althusser a John Lewis, el dirigente comunista inglés, que se llamaba *Réponse a John Lewis* –la había sacado Siglo XXI, no sé si lo viste ese texto, es un texto muy significativo. Porque ahí dice eso, ahí dice que la historia es la historia de la lucha de clases, que los hombres no hacen la historia porque había muerto todos los sujetos sino que la historia *es* la historia de la lucha de clases, no de los hombres en la lucha de clases sino de la lucha de clases, y que... y que así, ¡y que eso es! Digo que eso es la historia, punto, que no hay más nada que ponerle. Esa *Respuesta a John Lewis*, que es un librito brevísimo, una especie de catecismo, fue muy influyente. Y entonces la revista *Los Libros* se colocó así: todo era la historia de la lucha de clases: el problema de la educación, la lucha de clases; la vivienda, la lucha de clases; el cine, la lucha de clases; la literatura, la lucha de clases; y todo era la lucha de clases. Entonces la revista me parece que pierde interés, pero los últimos diez números son de un aburrimiento mortal dado que lo único que hace es vincularse a esa idea, y finalmente todo era enormemente sencillo, si vos lo pensás

era de una sencillez meridiana: todo se resolvía cuando la lucha de clases lo resolviera. O sea que no había ningún problema específico a resolver en ninguna parte [ri]. Entonces yo creo que la revista se adhiere muchísimo a la coyuntura, pero ya desde el principio –hacia el final muchísimo más pero desde el principio, de ser una revista de la coyuntura teórica pasa a ser una revista de la coyuntura política. Era inevitable en la Argentina. Era inevitable.

– Refletindo sobre a tradição cultural das revistas argentinas, você escreveu em um ensaio que os “martinfieristas” fundaram um mito sobre a sua revista. Qual poderia ser o mito de *Los Libros*?

– No sé porque, claro, ahí... yo escribí eso porque hacia fines de los años 40 Oliverio Gironde, Córdoba Iturburu hacen unas conferencias donde ellos dan su versión del “martinfierismo”. No sé... A ver, como decirlo. El hecho de que muchos de los que hicimos la revista *Los Libros* seamos también profesionales de la historia cultural hace que sea un poco más difícil que fundemos un mito sobre la revista. Yo no puedo menos que mirarla por momentos como se lo hubiera hecho otro, es decir sentarme y analizarla como [puedo] analizar la revista *Contorno* o como puedo analizar la revista *Pasado y Presente* o el *Martín Fierro*. El hecho de que Altamirano y yo hayamos trabajado muchísimo sobre historia de revistas, que Piglia sea también un crítico literario, es muy difícil que tengamos frente a la revista la relación que tienen los artistas, es decir Gironde, Córdoba Iturburu frente a *Martín Fierro*, ¿no? Más bien entendemos perfectamente... más bien tendemos a entenderla de la perspectiva de personas como vos que la estudian, más bien tiendo a colocarme en tu perspectiva frente a la revista, y me ha pasado en otros reportajes con Roy Hora o con otra gente que tiendo a colocarme en esa perspectiva. Sería muy absurdo que yo me olvidara que he estudiado revistas y que lea *Los Libros* como un artefacto... No lo puedo ver. Lo que sí, digamos, habría que... pero esto también es una perspectiva histórica, y quizás sea lo único que funciona míticamente para mí en esa revista, es que esa revista estaba mucho más comunicada con la esfera pública. Esto era verdad, pero quizás para mí esto funcione míticamente en el sentido de que es un impulso, no siempre racional que yo tengo, no siempre pensado, este. Era una revista más comunicada con la esfera pública. Se agotaban los números. Es decir, cuando nosotros sacamos un número sobre China, sacamos cinco mil ejemplares y los agotamos y reimprimimos. Era un momento, quizás lo que yo tenga como mito, digamos, era un momento donde cierto trabajo intelectual estaba más comunicado con un grupo más amplio público... que el que yo vivo ahora. Esa sería una diferencia fuerte, y que para mí funciona, no sé si como mito, pero sí como coyuntura extremadamente atractiva, digamos, y como mito quizás como impulso a buscar siempre esa recolocación. Pero desde el punto de vista ideológico no puedo menos que mirarla con cierta cosa... desde fuera, digamos, ¿no?

– Nesta última etapa, a revista se pagava?

– Sí, sí. Siempre se pagó.

– Mas no início havia patrocinadores.

– Pero se pagó siempre. Nunca se puso plata en esa revista. En el comienzo estaban las editoriales, y después ya, cuando se fueron perdiendo las editoriales, la venta permitía pagarla,

la venta y un sistema de suscripciones más o menos que andaba. Yo no me acuerdo que nadie haya puesto nunca un peso en esa revista. Y cuando la cerró el ejército, la cerró con un número hecho, es decir que seguíamos con la posibilidad en los primeros meses de la dictadura de seguir sacándola, económicamente quiero decir, de seguir sacándola. No salió un último número que teníamos hecho cuando la cerró el ejército en el 76. Pero no se puso plata. De hecho tampoco en *Punto de Vista* no se puso plata nunca, excepto la plata de comienzo que la puso un partido revolucionario, ¿no? Pero en *Los Libros*, no, no se puso plata. Se vendía mucho. No como *Crisis*, obviamente. La revista que se vendía mucho era *Crisis*, pero se vendieron tres mil quinientos, cuatro mil ejemplares de todos los números, y después algunos cinco mil, siete mil, es decir que era mucho, siendo que no tenía empleados la revista. En los últimos dos años yo funcioné... el partido me puso en la revista, portanto no tenía empleados. Y el partido puso una persona que me ayudaba en la administración.

– Como os membros da revista viam a figura de Borges em sua etapa final e mais “dura”?
– ¡Huh! No, no, no estaba la figura de Borges. Yo lo único que recuerdo en la revista con Borges es, en la etapa de Schmucler, el número ese donde aparece Borges en la tapa cuando se publicó *El informe de Brodie*. Pero en esa etapa final, no estaba Borges... Digamos, ninguno tenía la torpeza de pensar que Borges no era un gran escritor, todos pensábamos que era un gran escritor, ya a esa altura todos. Y de hecho vos pensá que muy poquitos años después –la revista cierra en el 76– y en el 78, 79 ya en *Punto de Vista*, Piglia, yo, Gramuglio trabajamos sobre Borges, es decir que tres años después estábamos trabajando sobre Borges. No... lo que pasa es que esos últimos diez números, fueron diez números donde entraba lo que estaba muy caliente en la coyuntura. Por ejemplo entraba este... *Yo el supremo*, de Roa Bastos. ¿Por qué? Porque ahí se trataba del poder de manera explícita, entonces ahí esa novela entraba, pero Borges no entró en esos números. Pero tampoco había ninguna cosa salvaje anti-Borges de ningún modo, ¿no?, para nada, ¿no?

– A propósito, você escreve um artigo criticando *Yo el supremo* e houve uma resposta, publicada no número seguinte, assinada por Antonio Carmona. Essa pessoa...

– ¡Existel!

– No entanto nunca mais se ouviu falar...

– Pero no es un pseudónimo. Todo el mundo me pregunta esto: yo no sé quien es esa persona. Yo recuerdo que lo vi en la oficina, él trajo la nota, pero esa persona existía o existe, y no es un pseudónimo.

– É que nunca mais apareceu e o nome mais parece um pseudônimo...

– Exactamente, pero no, yo no lo conocía. Entró a la oficina y trajo el artículo, y lo recuerdo, recuerdo bien como era, un tipo de barba, más o menos de mi edad, es decir que tendría que tener mi edad ahora. Y... existe. Existió. Nunca más...

– A meta de analisar os discursos ideológicos, articulando-os com os discursos culturais, parece se prolongar na revista que sucede a *Los Libros*. Em sua opinião, o que introduz *Punto de Vista*: trata-se de uma continuação de *Los Libros* ou de um novo ponto zero?

– Es una continuación en un punto, en el sentido de que la experiencia que nosotros sacamos del tipo de debate de *Los Libros* pasa a *Punto de Vista*, o sea una serie de experiencias. *Los Libros* hay que ver que es una revista que uno hace cuando es muy joven, yo no tenía treinta años cuando la hacía, o treinta y uno cuando la cerraron, es decir que era muy joven y es una revista que me marca mucho. Ahora *Punto de Vista* se coloca en otro campo teórico. *Punto de Vista* se coloca en el campo teórico más bien de los estudios culturales, del análisis cultural, hace la introducción de la sociología de los intelectuales, se coloca en otro campo teórico. Pierre Bourdieu, por un lado, Raymond Williams, Hoggart, por el otro, digamos. O sea que... y lo que lee de América Latina lo lee en ese campo teórico, de ahí la entrevista a Antonio Candido y la entrevista a Ángel Rama. Leer a dos latinoamericanos desde el campo teórico de los estudios culturales. O sea que ahí hay un cambio de campo teórico. Pero muchas cosas que nosotros estábamos haciendo en los primeros años de la dictadura, algunas de ellas no podían aparecer en *Punto de Vista*. Es decir nosotros estábamos releendo el marxismo, para hacer el último ajuste de cuentas con el marxismo. Entonces nosotros en la dictadura leemos las críticas al marxismo de Lucio Colletti, es decir leemos un continente de críticas al marxismo. Eso no podía aparecer explícitamente en la revista por las condiciones de la dictadura, pero sí podían aparecer teorías culturales que tuvieran en correlación con otras versiones del marxismo, como yo creo que es el caso de Williams. Y además quedamos libres, al hacer la crítica al marxismo, quedamos libres para introducir en *Punto de Vista* sociologías no marxistas, no digo anti-marxistas pero sociologías no marxistas como es el caso de Pierre Bourdieu, es decir un sociólogo marcado por Max Weber, marcado por Durkheim... Sin duda que tiene su relación con lo que el marxismo fue en el siglo XIX, pero al dejar de ser marxistas en el sentido estrecho del término podemos vincularnos con otro tipo de sociología. Eso queda bien claro también, esa nueva libertad de ser marxista queda claro en el tipo de intervención sobre literatura que hacemos, es decir que es un tipo de intervención en la cual no hay problema de ser barthesiano, este... en la cual no hay problema de ser benjaminiano... No hay problema, mientras que cuando yo era marxista, ser barthesiano era un cosa que entraba en una contradicción muy fuerte. En cambio, en *Punto de Vista* sí, sin que eso se diga, qué sucedía explícitamente, en las críticas de literatura nadie tiene problemas en simpatizar teóricamente con críticos que no sean marxistas, perfectamente. Entonces yo creo que es completamente diferente la colocación. Yo diría que *Punto de Vista* es la revista en la cual nosotros nos liberamos de un tipo de teoría muy sólida que nos tenía como aprisionados. Desde el comienzo nos liberamos de esa teoría. A veces eso aparece explícitamente y otras veces no porque esas son las condiciones de la dictadura y no se puede discutir en esas condiciones. Pero personalmente yo siento, de nuevo, si yo la viera desde afuera, vería un grupo que se siente libre, que se siente, que puede ir y gustarle esto y al mismo tiempo gustarle esto otro, que puede leer lo que quiere, digamos.

– Nesse sentido é um ponto zero, não é?

– En ese sentido es un punto cero porque salimos de cualquier relación religiosa con una teoría, dejamos de tener una relación religiosa. Entonces es distinto de la revista *Los Libros*, donde

siempre había un punto en que la relación era religiosa con la teoría, un punto en que la teoría no podía ser tocada.

– Você concorda com Noé Jitrik, segundo o qual as revistas culturais argentinas possuem uma “vibração” de independência que seria a busca do político mais além das estruturas políticas, à diferença das grandes revistas culturais francesas, com exceção dos debates de Sartre com o Partido Comunista?

– No sé... Yo tengo la impresión... Las revistas culturales francesas que yo... Yo leo básicamente hoy *Esprit*, esa es la revista que yo leo, que me parece una gran revista, una de las mejores revistas europeas. Es una revista que tiene una relación muy fuerte con... [fim primeira hora]. Las intervenciones de *Esprit* son intervenciones intelectuales pero que están pensadas en función de los grandes temas políticos del momento, llámese eso relación entre ética e ideología, llámese eso desocupación, llámese eso medios de comunicación de masa, llámese eso el lugar de las instituciones judiciales en la democracia. Es decir que yo pienso que es una revista de intelectuales que está muy articulada, envidiamente articulada con lo político... si pienso en *Esprit*, ¿no?, si pienso en *Micromega*, que es la revista italiana que también me gusta mucho. No sé... quizás no pueda contestar a la pregunta porque yo contestaría sobre las revistas que a mí me gustan en Europa, y las revistas que me gustan en Europa, que son *Micromega* sin duda, y que son *Esprit*, sin duda la que más me gusta, son revistas que tienen una sintomía muy fina hacia los temas significativos en la sociedad, digamos. Uno mira los lomos de *Esprit* donde sale el tema de cada uno de los números, uno dice acá tiene un elenco de cuales son los temas significativos en la sociedad y en lo político... fuertemente. Pero, bueno, esas son las revistas que yo leo.

– Você disse em Florianópolis, na Abralic, que as *Mitologias* de Roland Barthes seguem sendo um de seus livros preferidos. Em que medida Barthes foi importante para sua formação intelectual nos anos 60 e a que se deve a sua permanência entre suas preferências?

– ¡Todo! Barthes fue importante en mi formación en diversos momentos y por motivos diferentes, pero siempre fue importante. Cuando yo termino la universidad en 1966, que es junto con el golpe de estado, o sea que termino la universidad y no vuelvo nunca más a la universidad hasta el 84, así que me voy como termino y luego no vuelvo nunca más. En ese año –a mí no me habían enseñado Barthes en la universidad naturalmente– y en ese año yo leo de manera sistemática las *Mitologias* y leo *El análisis estructural del relato*. Y encuentro en *El análisis estructural del relato* un tipo de sistematización, un tipo de método y de teoría para el abordaje de la narrativa que hoy yo ya no uso en absoluto pero que en ese momento me da como la impresión de la cientificidad discursiva, de la forma en que un discurso puede ser, este... encarado científicamente, en *El análisis estructural del relato*. En las *Mitologias* encuentro algo que yo no sabía que luego se iba a llamar análisis cultural, pero yo creo que ese es el primer libro de análisis cultural que se escribe. Y en el gran artículo final del “Mito hoy”, hay una teoría que todavía yo sigo pensando fascinante, esa reduplicación del signo que hace Barthes en “El mito hoy” para analizar la foto de la tapa del *Paris Match*. Le debo... en todo ese período leo la revista *Communications*, es decir las intervenciones de Barthes sobre la retórica, sobre el verosímil, este... el análisis de la imagen fotográfica en la pasta Pansani. Es el

autor que me va marcando qué cosas hay que mirar. Barthes me enseña en esa segunda mitad de los años 60 qué cosas hay que mirar, simplemente eso, qué cosas hay que mirar, qué libros hay que leer. Eso, no... Diría que soy casi fanática en ... , pero qué pasa, es un ... que entra en colisión con el marxismo. O sea que vivo de manera completamente desgarrada, digamos, este... la relación. La aparición de *S/Z* marca, como a Barthes mismo, le marca el fin del estructuralismo duro y el comienzo de una teoría del texto que uno podría decir que es, a mi juicio, mucho más sutil que la bajtiniana. Una teoría del texto como entrecruzamiento de voces que en mi perspectiva es mucho más sutil teóricamente que la bajtiniana, mucho menos mecanicista que la bajtiniana. Ese libro, de nuevo, es un texto fascinante. Y portanto yo diría que, como crítica literaria, en mi tarea de crítica literaria Barthes, la presencia de Barthes es constante, hasta hoy, *hasta hoy*. Porque además lo que Barthes tiene es una escritura estética que es tan fascinante como sus perspectivas teóricas. Que es lo que un crítico literario al mismo tiempo se siente extremadamente convocado, ese tipo de escritura, ese tipo de opción por una escritura cuya libertad –en un texto como *Fragmentos de un discurso amoroso*, por ejemplo–, cuya libertad, una especie de libertad de proliferación hasta sintáctica, está como duplicada con una inteligencia crítica que yo creo que, junto con la de Benjamin, es de las grandes de este siglo. O sea que Barthes para mí reúne todas las cualidades que un crítico literario en general no tiene todas juntas. Luego, cuando empiezo una lectura intensa de Benjamin, Benjamin y Barthes son autores que se desconocen mutuamente –Barthes no conoce a Benjamin y Benjamin no puede conocer a Barthes– y sin embargo uno podría decir que esos sí son autores que no entran en contradicción. Que uno puede tenerlos lado a lado en el escritorio, mientras que el marxismo y Barthes entraban en colisiones. Uno podría decir que Benjamin no entra en colisión. O sea cuando yo hago una lectura muy intensa y comienzo a ser muy influenciada por Benjamin, eso no borra, no tiene que producir ningún borramiento de Roland Barthes.

– Mesmo nos últimos anos de *Los Libros*, quando as teorias da escritura pareciam idealistas?

– En los últimos años de *Los Libros*, yo creo que... es evidente que Barthes no podía entrar, es evidente que Barthes no podía entrar. Esos años fueran una pesadilla teórica. Es decir, Barthes podía ser una lectura secreta, pero además me acuerdo de discusiones donde me decían “vos no podés ser barthesiana”. Es una pesadilla teórica esos años. Así como fue una pesadilla política, una aceleración política, fue una pesadilla teórica. Yo volví a estar tranquilamente con Barthes después de la dictadura, después del golpe de estado. No, en esos últimos años... no se podía... Sobretudo porque además eran los años en los cuales Barthes hacía textos extremadamente complejos de poner en correlación con el marxismo: la *Leçon*, *Le plaisir du texte* que son de esos años más o menos, y muy difíciles de poner en correlación con el marxismo.

– Como você descreveria a figura de Philippe Sollers nos tempos da vanguarda telqueliana?

– A ninguno de nosotros le gustaba particularmente Sollers. Ninguno de nosotros. Leíamos *Tel Quel* pero no era Sollers el que nos llamaba la atención. La revista sí. Sí, sí, hay números todavía de aquella época. Kristeva nos gustaba, Kristeva.

– Ela segue sendo influente para você?

– No sé si muy influyente, pero su teoría de la novela [cuando hace] la introducción de Bajtín, o sea que era imposible saltárselo, ella introduce Bajtín en ese libro, la *Semiotiké* con toda la teoría de intertexto fue influyente. Ella permite leer a Bajtín de un modo... y se permite leer a Bajtín y portanto es... nunca fue una crítica para mí que fuera la crítica que me gustara enormemente, pero al permitir leer a Bajtín tengo que leer bien *Semiotiké*, tengo que leer bien *Teoría de la novela* y tengo que leer bien algunas de sus intervenciones en *Tel Quel*. Es decir, la idea del ideograma que ella toma de Bajtín, yo recuerdo de una discusión con Schmucler donde yo pongo en un artículo la palabra ideograma y Schmucler me la quiere hacer sacar porque dice que nadie va a entender –es una palabra nueva en ese momento–, dice que nadie va a entender y yo la defiendo, digamos. Quiere decir que efectivamente estaba leyendo, no me acuerdo, era un artículo de *Los Libros*, no me acuerdo cual era, donde está la palabra ideograma. Y me acuerdo de la discusión, quiere decir que evidentemente yo estaba leyendo eso. Nunca fue una crítica que formara parte de ese grupo familiar fuerte como Barthes, pero Sollers sin duda no. Mientras que alguien que publicó esporádicamente en *Tel Quel* y que nos gustaba mucho era Edoardo Sanguinetti, que publicó periódicamente sus textos, básicamente sus textos en *Tel Quel*. Sanguinetti nos parecía... su teoría de la vanguardia nos gustaba muchísimo, por ejemplo. Y Piglia la publicó en *Tiempo Contemporáneo*.

– Piglia diz que segue sendo marxista. O que você pensa dessa opção assumida nos dias de hoje?

– Es una forma de no hacerse problemas. Si hay alguien que dice “yo sigo siendo marxista y revolucionario”, es una forma de no hacerse problemas. Me parece legítimo, respetable pero, quiero decir, si uno se dice “yo soy marxista”, no hay más problemas sobre como colocarse frente a la política concreta. Es como no pensar. Digo, para mí la idea de ser marxista hoy es como no pensar. Es como decir, bueno, “yo soy cristiano”. La muerte es una cosa que me da mucho miedo, portanto soy cristiano. Entonces sé que voy a tener un paraíso, que si me comporto bien voy a vivir allí, y voy a vivir bajo la luz de Dios. Mientras que yo pienso que hoy, digamos, los intelectuales que no toman esa posición son los intelectuales que dicen “la muerte me da mucho miedo y no soy cristiano... y vivo, como decía Castoriadis, el límite”, lo que funda la ética es saber que existe la muerte y que no existe Dios, digamos. Pero convivir con esas dos... con esa tensión. Entonces, el marxismo es una zona de seguridad pero... es una zona de seguridad, en fin. Pero yo... me parece, bueno, respetable, alguien que no quiere pensar ese problema me parece respetable. Cuantas veces uno dice “frente a la muerte mejor sería ser agnóstico que no ateo” [ri].

– Seria uma forma também de evitar repensar o passado.

– Y sí, y sí. Es así. No conozco otra persona de la inteligencia de Piglia que tenga esa posición. Conozco mucha gente que tiene esa posición pero que no tiene la inteligencia de Piglia, digamos. Pero alguien que tenga la capacidad analítica y toda la historia de Piglia y que tenga esa posición me resulta... no conozco otro, no conozco otro.

– Não seria o caso de Viñas, por exemplo?

– Bueno, si, pero lo que pasa es que yo no pongo a Piglia y a Viñas en el mismo lugar. No, no. Desdichadamente Viñas ha sido un escritor muy influyente sobre muchos de nosotros en un pasado pero hace muchísimos años que Viñas no hace nada, ni dice nada interesante. Yo no los pongo en el mismo lugar. Sería el caso de Viñas y de Osvaldo Bayer, pero yo no puedo decir Piglia, Viñas, Osvaldo Bayer. Para mí Piglia es un escritor muy respetable, un crítico literario muy sagaz, no pertenece a ese grupo [ri]. Entonces por eso el caso de Piglia me resulta extraño. Me digo, bueno, es alguien que no quiere pensar la muerte, la muerte de... En el caso de Viñas o Bayer digo ¡bah!, qué sé yo, no importa.

– Um último tema: como você lê a noção da transgressão nos termos de Bataille durante os anos 60 e 70?

– Yo diría que esa idea no forma... no forma sentido común, cuando uno dice Bataille –no cuando dice que Menem es un transgresor porque, bueno, eso sí [ri]– pero cuando dice Bataille, es decir una idea moral y estética, que era la que movilizaba. Esa idea no forma parte del sentido común. Uno podría decir que en los años 60 y 70 formaba parte del sentido común aún para quienes no habían leído a Bataille. Es decir, a Bataille lo había leído Oscar del Barco, pero un montón de gente que no había leído a Bataille, la idea de la transgresión, la idea del límite, la idea del conflicto que está puesto en el placer, el conflicto con la muerte que tiene el placer puesto como centralidad, era una idea que era sentido común. Lo que Bourdieu llama sentido común, lo que Raymond Williams llama sentido común. Estaba en la ideología de época, hoy yo creo que no está en la ideología de época. Entonces, si hoy se pueden encontrar bataglianos, los encuentran en espíritus minoritarios, digamos. Básicamente en algunos poetas, este... básicamente en un filósofo como Oscar del Barco. Pero no forma parte de aquellas ideas que constituyen opinión más allá de los libros. Que es cuando una idea tiene un cierto movimiento. Yo creo que había un bataillismo que no tenía que ver con Bataille, que tenía que ver con ecos muy deformados pero que estaba en el clima de época. Y yo no lo veo hoy eso. No veo, en absoluto.

– Ainda sobre a revista, tenho uma curiosidade muito trivial a respeito de seu nome, que a partir de um determinado momento deixa de ser Beatriz Sarlo Sabajanes.

– El problema es que Sarlo Sabajanes era el apellido de mi padre, no de mi padre y de mi madre sino de mi padre. Mi padre se llamaba Saúl Sarlo Sabajanes. Para él hubiera sido fatal que yo sacara su apellido porque él en realidad era conocido como Sabajanes y no como Sarlo. Él en realidad era Saúl Sabajanes. Entonces para él hubiera sido fatal y, si bien yo nunca tuve una excelente relación con mi padre, la cuestión del apellido es una cuestión muy decisiva, digamos. Hubiera sido una renegación de la paternidad muy fuerte. Entonces tuve que esperar a su muerte, y que trascurriera uno o dos años de la muerte de mi padre para hacer lo que yo hubiera querido hacer siempre, que es sacarlo. Pero tuve que esperar esa muerte. O sea que es una historia personal que marcó... que hubiera sido horrible. Aún no teniendo una buena relación con mi padre, hubiera sido horrible denegar la paternidad de un modo tan fuerte, digamos.

– Então ele era um leitor de *Los Libros*.

– Él era un hombre con inquietudes intelectuales, y no hubiera leído *Los Libros* ni no hubiera leído ninguna otra cosa si yo no hubiera estado en ello, pero yo no vivía con mi familia desde los diecisiete años pero, bueno, nos veíamos y sabía en qué estaba. Pero además es el hecho simbólico. Aunque él no hubiera leído nada, no hubiera visto nunca mi nombre impreso, el hecho simbólico, es decir, “vos te llamás Sabajanes, yo me llamo Sarlo, portanto yo no soy tu hija”, era un poco... Así que fue una liberación sacarlo, pero tuve que esperar.

– Ocorre-me ainda uma questão, se ainda houver tempo. Você concorda com a opinião de Nicolás Rosa de que existe uma simbologia na mudança da revista em cores para uma publicação em preto e branco, fato que coincide com o acirramento das tensões políticas que desembocaria no golpe militar?

– Sí, en dos sentidos es una emergencia de los tiempos, es una marca de los tiempos en la revista. En un sentido es económico, es decir, se van retirando las editoriales. Porque las editoriales entran a ser patrocinadoras de la revista de libros. Y cuando la revista se politiza, no tienen tanto interés. Entonces, en el sentido económico es una marca de los tiempos. Pero hay otra marca que es que la estética de los tiempos no exigía esas tapas de color. Es decir, la estética de los tiempos tendía a ser pensada como una estética revolucionaria y lo que nos fascinaba sobretudo a Piglia e a mí era la estética de los diseñadores rusos de los años 1920, que si bien usaban color, digamos, lo que nos fascinaba es que era una estética que se hacía con lo que se podía. Me acuerdo de que me gustaba muchísimo a el Lissitsky, me gustaban todos los diseñadores de la revolución y entonces sacarle color a la revista... efectivamente, Nicolás Rosa tenía razón, era la marca de los tiempos en el sentido de que se llegaba a una estética revolucionaria.

– O que vem junto com a modificação do subtítulo da revista.

– Sí. Ya nadie quería el título, ya el título que era “*Los Libros*, un mes de actualidad no sé qué”, eso nos volvía locos, y de una manera que uno hoy no puede ni siquiera pensarlo.

– Por que não foi mudado?

– Porque la revista tenía su público. Y entonces la resolución de cambiar el título es una resolución muy dura. Si vos tenés una revista que tiene un público, que se distribuye con un nombre, que el distribuidor... no solamente su público intelectual sino los comerciantes, tenés que empezar a explicarles que esta es la misma revista que antes, en fin, no nos animamos. Y sin embargo le dedicamos horas de meditación. Hasta que fue Altamirano él que se le ocurrió el subtítulo, “para una crítica política de la cultura”, que nos dejó un poco más conformes. Porque además el asunto de los libros iba en contra de toda la teoría de la literatura que nosotros teníamos en ese momento, que literatura era volante de fábrica, este... poema revolucionario que se cantaba etc. Es decir, teníamos toda una teoría de la literatura anti-libro. Y el título... o sea que no era solamente que parecía un título libresco o muy intelectual sino que iba en contra de la teoría literaria que teníamos. Entonces era fatal, fatal.

– E aquelas páginas finais com dados bibliográficos também foram decaindo.

– Esas páginas van como disminuyendo su importancia. Las manteníamos, de todas maneras, por una razón completamente anecdótica que es que nos mandaban los libros, y después nosotros íbamos a las librerías y los cambiábamos por los libros que nos gustaban a nosotros. Y era un enorme tráfico de libros que hacíamos, este... y entonces las mantuvimos mucho tiempo por razones de que nos garantizaban tener un capital en libros para hacer trueques. Pero además las hacíamos sin ganas, o las usábamos para hacer pequeñas agresiones políticas, y publicábamos nada más que aquellas que nos permitían hacer agresiones políticas. Son páginas muy fiables, en los quince primeros números o veinte primeros números son páginas muy fiables. Quien quiera saber qué se editó en la Argentina, son páginas muy fiables, y después lo perdieron por completo eso. Schmucler tenía una idea más profesional de la revista. Era más grande que nosotros, era como quince años o doce años más grande que nosotros, este... y tenía una idea más profesional de la revista. Nosotros teníamos una idea más política en el sentido más este... más bestial, digamos.

– Lembro agora de que seu primeiro artigo em *Los Libros* foi sobre uma revista, justamente.

– Exactamente. Una revista que, según nosotros, financiaba la CIA. Sí, en el momento que estaba muy en onda denunciar *Mundo Nuevo*, denunciar *Libre*, toda esa polémica. Sí, fue sobre eso.

– E este contato, como surgiu com Schmucler, você lembra?

– Me acuerdo exactamente, porque yo lo conocía ahí a Schmucler. Debo haber ido a la revista. Digamos, me acuerdo perfectamente de la situación, es decir, me acuerdo de la oficina, me acuerdo de decirle a Schmucler, “vos sos Schmucler, yo soy Beatriz Sarlo”, de todo eso me acuerdo. Quiere decir que nos conocimos en ese momento. Era un campo intelectual muy permeable. Yo era amiga de David Viñas, era amiga de Piglia –Piglia no estaba en ese momento en la revista– pero quiero decir era un campo intelectual muy permeable, yo estaba en el Centro Editor, dirigía una colección o algo por el estilo, o en Carlos Pérez, otra editorial. Es decir, que era un campo... que yo no lo hubiera conocido personalmente, que lo conocí ahí, de eso estoy segura, lo conocí en este momento. Pero las relaciones en ese campo intelectual eran muy próximas. Es decir, había una serie de lugares donde los intelectuales podían encontrarse de manera casual. Las librerías, la librería Fausto, la librería Martín Fierro, que estaban en Corrientes, editoriales como la de Jorge Alvarez que acababa de cerrar, Carlos Pérez que yo trabajaba en esa editorial, Tiempo Contemporáneo para la cual yo trabajaba y trabajaba Piglia, Siglo Veinte y Uno. Era fácil conocerse. Digo, alguien que hoy quisiera publicar en *Punto de Vista* tiene que mandar una carta o tomar el teléfono. Es difícil que se cruce conmigo o con cualquiera. Uno diría que había otro tipo de cultura urbana, por la cual había una trama de circulación de intelectuales donde era normal que uno se conociera. O que si no se conociera, llegara y dejara “hola, soy yo”. Era normal.

– Era um tempo em que as editoras também publicavam muito.

– Muchísimo. Había muchas editoriales chicas. Y bueno, Jorge Alvarez estaba ya quebrando, que fue la muy importante, pero estaba Tiempo Contemporáneo, donde Piglia sacó la colección de policiales y donde salió *El idiota de la familia* de Sartre. Estaba una que llamaba Carlos

Pérez Editor, donde trabajaba yo, que él fue un desaparecido, lo desaparecieron en el 76. Yo ya había trabajado en Eudeba y en el Centro Editor. O sea que trabajé en Eudeba, el Centro Editor y después Carlos Pérez. Bueno, esa editorial, había otra que se llamaba Periferia. O sea, había un montón de editoriales chicas. Y las personas como yo que en el 69 tenían veinte y seis años o veinte y siete años, las personas como yo trabajábamos mucho de correctores, de traductores en esas editoriales chicas, o sea que todo el tiempo la gente se conocía, era imposible no conocerse.

– E você voltaria a trabalhar no Centro Editor mais tarde.

– Durante la ditadura militar. Nos salva la vida, nos salva la vida en realidad porque no consigo trabajo en ninguna parte y el dueño del Centro Editor nos ofrece un trabajo, a Carlos Altamirano y a mí, y nos salva la vida, porque si no no sé como hubiéramos sobrevivido...

– Porque você nunca se exilou, não é?

– No, porque yo estaba en ese partido marxista-leninista que tenía prohibido el exilio, y después que yo me voy del PCR, que me voy, inicio de la discusión unos cinco meses después de la dictadura, y bueno, a fin de año, a fines del 76 me voy –si yo me exilio en ese momento era darle la razón a ellos, es decir, que me había pasado a la burguesía. Entonces, yo me voy porque estoy en desacuerdo con la política que llevan, pero desde el punto de vista ético me tengo que quedar. Hoy me parece un acto loco, me hubieran podido matar por hacer eso, me parece una estupidez lo que hice, me parece una estupidez. Pero en ese momento era darles la razón. Eso como cosa externa. Como cosa interna yo creo que no me podía convencer de que iba a vivir en un país donde no se hablara español. No tengo ningún problema lingüístico, es decir yo hablo perfectamente inglés y francés, o sea que hubiera podido vivir a cualquier país, Estados Unidos sin duda. Pero la idea de abandonar un lugar donde se hablara español, español del Río de la Plata, me resultaba creo que... imposible de soportar. Este... pero estaba el asunto del partido, lo cual fue una estupidez, porque ahí sí que nos hubieran podido matar. Fue una estupidez. Pero, bueno... Cuando uno se va de un partido todavía queda mucho tiempo en el cual forma parte del mismo sentido común de ese partido. Uno se va por razones políticas, pero hay cuestiones identitarias y culturales que lo dejan vinculados a ese partido. No se quiebra... el quiebre político se hace y puede ser hecho de manera nítida. Nosotros discutimos durante cuatro meses nítidamente y nos fuimos. Pero el quiebre cultural, de que hay ciertos principios morales, éticos, esos que están por debajo del político, esos yo creo que recién terminé de irme de ese partido en el 79, es decir culturalmente. De decir “éramos unos chiflados, éramos unos locos”, eso recién en el 79 culturalmente. Vivi dos años fuera del partido pero fijándome lo que ese partido estaba diciendo o haciendo. Mientras que si me preguntás ahora, no sé ni donde están, digamos. Entonces eso hizo que nos quedáramos en Argentina, Altamirano y yo nos quedáramos en la Argentina.

Germán L. García
Buenos Aires, 18 de junho de 1999

– Para empezar, ¿qué te atrajo en el proyecto de Héctor Schmucler y qué te hizo un colaborador constante de *Los Libros*?

– Yo descubrí de casualidad la revista *Los Libros* en una librería, la de número dos, creo, uno o dos, y estaba muy interesado por la lingüística en ese momento. Estaba leyendo... empezaba a leer Saussure y Martinet, Jakobson... y cuando ví que era una revista orientada hacia prismas estructurales, digamos, este aire de estructuralismo fue lo que me atrajo. Entonces yo me acerqué. Me conocían pues yo ya había publicado, este... Y empecé... hice una pequeña necrológica muy rápida cuando murió Grombowicz en el 69, creo, y este... a partir de entonces empecé a escribir. Después empecé a ser amigo de ellos y incluso participé de la dirección durante algunos números, este... Conocía algunas personas de antes yo, pero no conocía a Schmucler, lo conocí en ese momento, este Santiago Funes... Había un grupo de gente que venía de Córdoba, ¿no? Y después, bueno, Nicolás Rosa, todos esos los conocía a partir de la revista *Los Libros*, ¿no? A Piglia sí lo conocía porque habíamos publicado el mismo año el primer libro ambos en Jorge Alvarez. O sea que ya lo conocía.

– *Los Libros* ha tenido dos etapas bastante distintas. ¿Cómo usted lee la primera y la segunda?

– Bueno, yo creo que cuando hice *Literal* fue para desmarcarme, salirme de la identificación a la segunda etapa porque yo estaba de acuerdo en crear un espacio de política cultural autónoma en relación a la política este... social, se puede decir, ¿no? Entonces, en un momento determinado, cuando la revista tomó el sesgo de una revista que se subordinaba a imperativos de líneas políticas y cosas así, este... yo me fui para el lado de *Literal*, donde me parecía, a mi manera, continuar ese proyecto, que era defender... En el primer número de *Literal* yo puse una frase, inventé una frase como slogan que decía “no matar la palabra, no dejarse matar por ella”. Es decir, esa fue la primera cosa. Porque yo pensaba que estábamos entre dejarse matar sacrificialmente, este... o matar lo que podíamos decir, subordinando lo que podíamos decir a discursos codificados en función de estrategias políticas etc. Me parece que... entonces yo creo que la primera etapa para mí fue de mucho aprendizaje de cosas, y bueno, polémicas y cosas. Y la segunda ya no la seguí porque yo siempre he tenido la idea de que la política no es una cuestión doctrinaria sino que la política utiliza cualquier elemento de cualquier tipo para producir efectos pragmáticos, para decirlo en términos de Jakobson, digamos, el valor conativo es lo que predomina en la política. Lo conativo [frente a lo que se supone que ...] la función poética o metalingüística, y no con la conativa. Entonces yo no veía que sentido podía tener ser un ideólogo, ser alguien que hacía discursos para la política. Y como yo no quería ser un militante político tampoco, no me sentía para nada cómodo con esa... Y además veía como que eso era como dejarse arrastrar. Y ya en el periodo más político de la revista yo participé de una polémica con varias personas en torno de un libro que había salido que se llamaba *Cuestionamos*, que era un grupo de psicoanalistas de un grupo llamado *Plataforma*, que se habían ido de la IPA, la Internacional Psicoanalítica. Y yo me burlé un poco de ellos, los llamaba... yo hizo un artículo llamado “*Cuestionamos: las aventuras del bien social*”. Entonces me respondió uno llamado Gregorio Baremlitt –vivió en Brasil hace poco tiempo–, me respondió él y participó de la polémica Miriam Chorne, Baremlitt, yo, otros más, y yo hago un largo artículo diciendo explícitamente que yo consideraba absolutamente negativo el

compromiso político de personas que no tenían los medios para sostenerlo. Se puede decir que de inmediato veré todo eso es como una cosa artificial, yo siempre lo entendí así el momento político, y lamentablemente era cierto, ¿no? Había como una cosa de que no... Es decir, está relacionado incluso con una cuestión, si uno quiere decirlo así, de origen de clase: yo soy de clase obrera, y entonces tengo como cierta conciencia de lo que significan las fuerzas armadas, la policía, los aparatos de poder. Entonces me parecía que un grupo de intelectuales desarmados ... que ponerse a confrontar, porque de un lado había las consignas y de otro lado había los procedimientos.

– Y cómo era ser no marxista en un grupo predominantemente marxista?

– Bueno, digamos que eso tiene que ver también con la sensibilidad de las personas, porque había gente... Bueno, por un lado que el peronismo ya, este... obligaba al marxista doctrinario a ser más blando, ¿no?, o más confuso. Quiere decir que Schmucler mismo estaba muy cerca... Ahí hay una cosa interesante: las consignas de la JP, de izquierda, la Juventud Peronista, de izquierda, eran “Mao y Perón, un sólo corazón”. Te das cuenta que hay una cierta confusión. Pero digamos que mi simpatía estaba ligada al peronismo, pero estaba ligada al peronismo por el lado de que el peronismo no exigía que uno tuviera que hacer doctrina con su discurso. Es decir que el peronismo, paradójicamente, con su adherencia al líder, dejaba una gran libertad discursiva, porque uno podría ser peronista y lacaniano, peronista y espiritista, peronista y cualquier cosa. No estaba obligado a adecuar su discurso a una exigencia doctrinaria. Creo que por eso también los marxistas que vinieron del partido comunista –Schmucler salió de ahí– este... los marxistas de la llamada nueva izquierda en la Argentina tenían... eran mucho más flexibles en ese sentido, no podían hacerse muy dogmáticos, porque además había problemas internos: unos eran maoístas, otros eran althusserianos, otros no sé qué. O sea que eso creaba un clima que permitía la convivencia de alguna manera, porque no había, por suerte no era stalinismo, no era una doctrina oficial que había que seguir, ¿no?

– Hablamos de Perón. Y Mao, ¿qué te parecía?

– Bueno... yo no creía mucho en eso. Yo era amigo de un chico que mataron, que era un diputado peronista, Leonardo Betanin, entonces él era un tipo que tenía cierta importancia en el aparato, y que sacaba una revista, *El descamisado*, y ha sacado una revista con la foto de Mao y Perón. Y entonces lo encontré por acaso y le dice: “Che, ¿ustedes creen eso?” Él dice: “Nooo, eso es para la gente de la universidad”... Nadie creía nada. Es decir, había un juego de máscaras. O sea, la izquierda argentina había aprendido duramente que ... el peronismo ... quedaba encerrado en una cosa de universidad. Y entonces el peronismo le imponía todo tipo de rituales sacrificiales y de cosas, ¿no? Este... y esto aceptaban porque era eso o nada. Era así, pero no era que eran inocentes, eso es mentira. ... una relación de fuerzas. Así durante mucha... una década intera... yo siempre me manejé en un ambiente de izquierda porque era el medio de los intelectuales, pero durante una década intera todo el mundo se golpeó el pecho de “no podemos hacer nada”, en fin, hay una acción, etc. Yo siempre recuerdo un libro de Elio Vittorini, el italiano, que se llama *El clavel rojo*. Que es un libro sobre como él cuando era adolescente se hizo fascista, junto con otros adolescentes. Y contaba una historia que parecía la historia de mi generación a comienzos de los 60. Es decir, estar en los bares leyendo libros.

Estaba en el bar, no tenía ni para tomar café, y un día entraron un montón de jóvenes camisas negras empujando los mozos, hacían de lo que querían. Y él, junto con otros amigos ... dejaron los libros y se hicieron los camisas negras para poder ir al bar también a... [ri] Él cuenta en el libro. Entonces creo que había una cuestión ahí que... yo traté de... bah, hice varios artículos. Un libro que hice de unas conferencias que di en España sobre Masotta, yo traté de ordenar para mí mismo la cuestión, ya que estaba en España y ahí contaba una versión de los hechos, ¿no? Y ... con tres palabras claras, ¿no? El compromiso en los años 50 [campainha], la militancia al comienzo de los 60, y la lucha armada después del 69. O sea, era como lo que llevaría a Klausewitz, en la ascensión a los extremos. Primero era el compromiso: el intelectual debía comprometerse, etc. Después era “no, el compromiso no basta, hay que militar políticamente”. Después era “no, militar no basta, hay que tomar las armas”. Esa fue la escalada que hubo, como una especie de pasión mortífera, de destrucción de la cultura argentina en dos generaciones, ¿no?

– A parte de *Literal*, que vino después, ¿qué tipo de “ruptura” intelectual *Los Libros* podría representar?

– Bueno, voy a recurrir a mis “ayuda-memoria”, este... Yo tengo una caracterización de *Los Libros* que era... si encuentro, te la digo.⁸ Este... yo decía, bueno: “*Los Libros* fue objeto de investigación por Bosteels y Luz Rodríguez Carranza, quienes escriben: ‘La historia de la crítica literaria argentina, y particularmente la de las sus conflictivas relaciones con los modelos franceses, se parece mucho a una letra de tango: historia de seducciones y culpabilidades, de fascinación y de cuestionamientos morales.’” [telefone] Yo digo: “De manera acertada los autores toman ‘el objeto Sade’ –escritura para *Los Libros*, escritura para *Los Libros*, implicaciones terroríficas para una revista posterior a la última dictadura, como es *Babel*, la revista *Babel*. De alguna manera esta crítica *sustituye* a su objeto, se propone en su lugar: la literatura, el objeto culpable de *Contorno*, se convierte en objeto ausente de una crítica que quiere ser una *escritura* autónoma. La diferencia está en que *Los Libros* polemiza con otras corrientes críticas, en vez de juzgar las obras de ficción. Una de las objeciones a la revista era que era ‘estructuralista’ y que escamoteaba los juicios de valor. *Para una crítica política de la cultura* –la consigna de la segunda etapa de la revista mostraba que el contorno del superyó se volvía a dibujar, que *Contorno* retornaba en las urgencias de la violencia política y en las esperanzas de grandes transformaciones. La crítica que proponía un método ‘analítico, inmanente y concreto’ –según Josefina Ludmer al comentar *Tres tristes tigres*– no resistió los cantos de sirena de la política. A la distancia, digo yo, *Contorno*, *Los Libros*, *Babel*, *Punto de Vista* aparecen como conjuntos que cuentan avatares de la crítica, en tanto mantiene relaciones equívocas con la ficción, a la que pretende tomar como objeto (cuando se cree un metalenguaje) o sustituirla directamente, cuando desespera de la función que se adjudica”. Ese es más o menos mi... ¿Se entiende más o menos ahora? O sea, creo que son revistas

⁸ Lança mão de um texto de sua autoria escrito em 1998, intitulado “Una encrucijada literaria”, que havia sido solicitado por Noé Jitrik para integrar uma enciclopédia de literatura argentina que Eudeba publicaria e que, no entanto, foi rejeitado pelo organizador; lê, não sendo de todo “literal”.

“francesas”, entre comillas, en tanto en Francia la crítica es un género, que incluso termina usurpando más de una vez a la propia ficción, ¿no?

– Eso para mí es importante porque, justamente, el tema de mi trabajo es la influencia de la teoría crítica francesa en revistas e intelectuales sudamericanos.

– Yo a esto le llamo “la tradición mimética”. Entonces digamos [lé a partir do inicio do mesmo texto]: “*Contorno*, como tantas otras propuestas anteriores y posteriores, se inscribe dentro de la tradición mimética de la cultura argentina, patente en la mímica deliberada de la arquitectura que imita a París –tanto como lo hizo Chicago, Tokio o Estambul, a principio de siglo–, con el orgullo de parecerse a su modelo. Los sistemas literarios autóctonos no son, es obvio, autónomos: forman parte, aunque sea de manera periférica, de una red internacional que se reverencia en las traducciones, los comentarios y las citas de nombres en libros, artículos y reportajes. *Contorno*, entre otras cosas, responde a esta importación... responde a otra importación, la del ‘surrealismo francés’: levanta la ‘política’ frente a la ‘vanguardia literaria’. Por otro lado, polemiza con las importaciones de la revista *Sur* y del Partido Comunista. Así, el murciélago de Sartre...” Bueno, el murciélago es un chiste que yo hago siempre con La Fontaine. Hay una fábula de La Fontaine, por el cual yo puse en la revista “El murciélago”, donde una comadreja agarra un murciélago en el piso y dice: “Siempre quise comer un ratón”. El murciélago pobrecito dice: “¿Un ratón? ¿No ves que tengo alas? ¿Donde vio un ratón con alas?” La comadreja azorada lo deja ir. Cuando se va, otra comadreja lo agarra, y dice: “Siempre quise comer un pájaro”. Él dice: “¿Pero pájaro? ¿Donde están las plumas? ¿Donde vio un pájaro sin plumas?” Y la comadreja lo deja. Dice: “Y así, con hábiles salidas, dos veces salvó la vida”. Bah, y yo, cuando voy a la Argentina, hay que poner “El murciélago” a la revista [ri]. Entonces digo [retoma o texto]: “Así, el murciélago de Sartre planea sobre la ciudad de Buenos Aires –pájaro y/o ratón, como en La Fontaine– según se trate de la izquierda o del peronismo. Nuestra cita de Carlos Correas...”, sigue eso, ¿no?

– ¿Este artículo nunca fue publicado?

– Fue rechazado por Noé Jitrik. Por ahí está bien, lo publicamos en Brasil y quedamos en casa [ri]. Censurado en su país, artículo censurado en la Argentina, efecto Mercosur [ri].

– Insistiría un poco en esa idea de la “inminencia” de la revolución, muy presente en la época...

– A mí no me parecía. Está en lo que yo te decía de que había escrito tratando... Incluso yo estaba tan convencido de que no era así que había planteado eso que te decía hoy de la cuestión de la muerte. Citaba a Glucksmann, el libro de André Glucksmann que se llama *El discurso de la guerra*, donde dice “la muerte no puede ser incluida en ningún sistema porque cierra cualquier sistema por igual”. Bueno, esa era un poco mi posición. Entonces, como la cosa era... había una especie de paradoja que si a vos te invitaban a participar de actividades políticas, vos pedías explicaciones y te decían que no te las podían dar porque estabas afuera, y que no podían revelar sus secretos estratégicos. Pero los que estaban adentro no se las podían dar por seguridad. Es decir que todos a ciegas, este... actuaban, en un aparato verticalizado, militarista, etc.

– La idea mayor de la época era un intento de conjugar la vanguardia revolucionaria con la vanguardia estética, ¿no? En tu caso, ¿como pensabas la cuestión de la vanguardia?

– Yo pensaba... A ver si trato de explicarme un poco... Voy a ser anacrónico, porque ahora tengo otro lenguaje, pero digamos que lo que estaba en juego para mí era algo así como la construcción de un yo, en el sentido de las *Confesiones* de Rousseau, o sea, cómo yo construía un lugar de enunciación. Es decir, no me sentía identificado con un colectivo determinado. Es decir, yo soy de la provincia de Buenos Aires, no soy de Buenos Aires; vine acá a los diecisiete años, vivía sólo en pensiones, hoteles por ahí. Vine porque me peleé con mi familia, no tenía nada, me peleé y no vi más a mi familia, este... Y bueno, y trabajaba durante el día, estudiaba en colegio nocturno y este... y escribía, escribía desde chico. Pero no me sentía identificado con los colectivos, ni estudiantiles ni... Había una discusión entre laica y libre, dos corrientes o lo que sea. Yo terminé dejando el colegio porque no me interesaba nada de eso. Tenía una idea más, este... un poco melancólica a lo Kafka ... y después un poco festiva a lo Henry Miller pero nunca eso pasaba por alguna identificación a los colectivos sociales donde yo me encontraba. O sea, nunca pude plenamente sentirme dentro ... Por ejemplo, me acuerdo que después del “Cordobazo” ... fuimos a Córdoba y el único que dijo algo sensato para mi gusto fue José Aricó, que escribía sobre marxismo. Y votaron, votaron ahí cosas, y Aricó dice: “Bueno, pero una elección en la universidad no es una elección en el país. Que nosotros votemos esto o aquello acá no tiene ninguna importancia para lo que pasa”. Fue el único sensato que yo escuché en todo ese ruido. Era confundir el micromundo de la universidad y sus adyacencias, era confundirlo con el mundo social y político. Entonces, eso visto desde la perspectiva de lo que era este país de fascistas en ese momento. Yo recuerdo de un tipo de un sindicato, un fascista, que me dijo una vez: “Lo único que le envidiamos a la izquierda es que ellos no pagan para conseguir gente, lo consiguen gratis en la universidad. Ya nosotros tenemos que pagarles si queremos que alguien vaya a hacer algo”. ¿No?

– “Toda política de la felicidad instaura la alienación que intenta superar”, se lee en la tapa del primer número de *Literal*. Vuelvo a preguntarle: ¿esta revista se fundó como una respuesta a los que se quedaron con *Los Libros*?

– No exclusivamente, pero de alguna manera sí, en el sentido de que nosotros –nosotros bah, cuando digo nosotros quiero decir yo, Gusmán, Osvaldo Lamborghini– nosotros leíamos psicoanálisis y desconfiábamos de una política-representación. Digamos, de que alguien representase el bienestar de otro. Nosotros no estábamos de acuerdo con eso. Y, a partir de Lacan, también desconfiábamos de este... la felicidad como proyecto, como aplicación, ¿no? Entonces, este... yo recuerdo que una vez Aricó justamente yo le dije que... hizo una metáfora, dije que antes de comer un asado, al mediodía un asado, el mundo era marxista, pero que después del asado el mundo era freudiano. Porque antes de comer el asado todo se regula por la necesidad, y después del asado empiezan los chistes verdes, a hablar de mujeres, el mundo se vuelve erótico. Entonces le decía que yo no podía ser marxista porque Marx decía en *El capital* hablaba de la mercancía como lo que satisface una necesidad, y ponía a pie de página, Marx, citando un autor medieval, ponía que daba lo mismo que la necesidad... que la necesidad fuese del estómago o de la fantasía. Lo primero que hace Lacan es decir necesidad, demanda, deseo. ... la fantasía es este... transfinita en relación a la necesidad. Entonces, no hay nadie, no hay

ningún Fidel Castro, ningún tipo que pueda hacer una política que incluya los deseos. Los deseos son ellos mismos política.

– ¿En qué sentido la noción de transgresión era importante en *Los Libros*, de un lado, y en *Literal*, de otro lado?

– Bueno, ahí hay que hacer una diferencia interna. Había en *Los Libros* gente que le gustaba Bataille, entonces creían en la transgresión y ese tipo de cosas, como Santiago Funes y no sé, algún otro. Entre nosotros de *Literal* era a Lamborghini que le gustaba eso. Yo particularmente no creía en la cosa de la transgresión porque, desde el punto de vista de Lacan y toda esa cosa que estudio, la misma idea de transgresión es nada más que una desobediencia obediente respecto de una ley que se acepta. Por ejemplo, en el psicoanálisis Lacan puede hacer una diferencia que Deleuze, Gilles Deleuze trabajó mucho después en un libro que se llamó *Presentación de Sacher-Masoch*, que es la diferencia entre la posición sádica de Sade, y apuntar a la causa, a la ley, a la [inclusión] misma de la ley –la prohibición del incesto ... – y la posición del masoquista que es jugar con los efectos de la ley, es decir con los efectos de la ley. A mí, por sensibilidad, la noción de transgresión no me parecía que fuera una cosa importante. Sí me gustaba la idea lacaniana de subversión, la idea de Lacan de subversión como hacer saltar un centro de algo. Lacan hacía la metáfora barroca del pasaje de lo centrado a la cosa con dos centros, a la elipsis kepleriana. Entonces ... la subversión como que uno puede provocar efectos de elipsis dentro de una cultura. O sea, hay un centro acá y [colocar] otra cosa acá que decentra esa. Eso me parece interesante. Pero la idea de transgresión, no sé si en la revista se escribía mucho sobre eso. Yo recuerdo por ejemplo el que amaba Bataille era nuestro amigo Oscar del Barco. Oscar del Barco era el más batagliano de la cuestión. [...] yo escribí algunos ejercicios así tipo las *Mitológicas* de Roland Barthes, análisis del fenómeno del rock, cosas así, pero influenciado un poco por las *Mitológicas* de Roland Barthes, ¿no? Y después escribí algunas cosas que estaban ligadas ya al psicoanálisis.

– A propósito de Barthes, ¿en qué medida él tuvo influencia en tu formación y para el mismo proyecto de *Literal*, si lo tuvo?

– Yo creo que Barthes tuvo influencia más en las personas que siguieron ... así, profesionalmente la crítica literaria. Por ejemplo, el más barthesiano de todos me parece que es Nicolás Rosa. Para mí Barthes... bueno, primero el trabajo de introducción a la semiótica era formidable ... técnica... Después a mí me gustó de él la noción de escritura. Cuando yo escribí sobre Marcedonio Fernández yo estaba muy influido por ese libro. Era la idea de el estilo como... digamos, el estado de lengua como atravesado por un estilo que la rompe, ¿no? ... “Lengua y estilo son objetos”, decía Barthes [lé], la escritura es función “de la relación entre la creación y la sociedad, el lenguaje literario transformado por su destino social, la forma captada en su intención humana y unida así a las grandes crisis de la historia”. ... resume lo que fue para mí Barthes, ¿no?, esta idea de como la función de la escritura puede operar en el seno del discurso socialmente establecido, ¿no?

– Y para el proyecto de *Literal*, ¿Barthes era una referencia o no?

– No, ya no porque nosotros por ejemplo, *El placer del texto*. *El placer del texto* que fue la última cosa que yo leí de él ya me parecía una frivolidad. Decir que la tragedia es el goce, y que la comedia es el placer, para mí que conocía bien Lacan, ya me parecía que era de salón Estaba bien, era un hombre de gusto del siglo XVII o siglo XVIII. Pero no tenía nada que nos enseñar. Nosotros en esa época estábamos en el medio de una máquina tan infernal, entonces leíamos a Glucksmann sobre Klausewitz, leíamos Lacan, leíamos al Marqués de Sade, por eso toman el objeto Sade, ¿no? Y entonces ya Barthes quedaba como una cosa muy... no daba, no tenía como para, para mí, ¿no?, para sostenerse. Yo recuerdo que en *Literal*, por ejemplo, esto “no matar la palabra, ni dejarse matar por ella” es una traslación retórica de un concepto lacaniano. La relación del lenguaje y de la muerte, que es una idea hegeliana a su vez. La palabra es el asesinato de la cosa, etc., ¿no? Sostener la palabra es cortar con la cosa... Entonces me parece que a esa altura de la cuestión, no.

– ¿Qué representaba, quien era la figura de Borges para los miembros de *Literal*?

– Bueno, cuando Gusmán publicó su segundo libro que se llamaba *Brillos* en los años 70, yo publico ... [fin primera parte]. ... el duelo *de* Borges, el duelo *por* Borges. Y donde yo veía... me inspiraba en la idea de que uno no tenía que estar, a esa altura de esa cuestión, ni a favor ni en contra de Borges sino que había que hacer una especie de deconstrucción de Borges, para decirlo en términos de Derrida. O sea que había que desarmar el borgismo y armarlo de otra manera. Entonces nosotros hicimos una intriga que le llamábamos, este... literatura de la dispersión, jugando con la traducción de la palabra diáspora, que quiere decir dispersión, ¿no? Literatura de la dispersión. Entonces empezamos a aliarnos, a hacer alianzas simbólicas, por ejemplo, con José Agustín de México ... un tipo que por ahí cada tanto publica con personajes así... muy especiales en aquel momento, o Reynaldo Arenas de Cuba, o este... localmente Manuel Puig, o tipos así medio... descolocados respecto a los verosímiles literarios. Y a rescatar autores que eran dejados de lado por otros, este... Entonces se publicaba por ejemplo un loco, un tipo loco, mentalmente loco, que había escrito un libro de mil páginas, cada tanto se publicaba tres o cuatro, seleccionadas de tal manera que parecía que fuera textos experimentales o ultra-estructuralistas –era un delirio de un tipo, ¿no? Entonces... o publicamos sueños, por ejemplo, sueños anónimos, soñados en tal fecha. Un sueño de alguien que había soñado y anotaba el sueño. No tenía un aire surrealista ... tomarles algunas cosas de la retórica de los surrealistas ... pero para armar una cosa que en el fondo estaba referida a Macedonio Fernández... Entonces nuestra idea era esa. Digamos, por un lado recuerdo que leíamos bastante a Lezama Lima, *Paradiso*, Sarduy, el barroco –sobre todo Lamborghini estaba muy copado con eso, ¿no? Y este... y después este... con respecto a Borges pensábamos eso, que el borgismo, como decía ... la pequeña “borgesía” [ri], que la pequeña “borgesía” no tenía salida, iba a terminar mal, y que condenarlos a Borges era una pelotudez. Entonces, por ejemplo, Borges fue el inspirador de políticas, de políticas de todo tipo, porque nos parecía que el tipo había logrado –yo ahora estoy escribiendo sobre eso justamente– el asunto sobre la irreverencia borgeana, cuando Borges dice que lo mejor que puede hacer un argentino es tomar el ejemplo de los judíos y de los irlandeses, que pueden manejarse, dice, los irlandeses en la cultura inglesa, dentro o fuera a la vez, o los judíos en cada cultura que están, dentro o fuera, porque son y no son, siempre están inscriptos en otro lugar, ¿no? Y creo que eso convergía entre

nosotros con Gombrowicz, que tenía exactamente la misma posición –aunque Borges y Gombrowicz no se querían– respecto a que estrategias tomar con a las culturas centrales, cómo despegarse de la mimesis ciega, creo que Borges y Gombrowicz tenían estrategias parecidas. Lo que pasa es que... Yo hoy le di a Piglia una definición que yo di de la estrategia de Borges ... y la de Gombrowicz, ¿no? [lé un manuscrito] Yo digo de Gombrowicz... Bueno, digo: “Borges cita a Beblin que dice que los judíos sobresalen en la cultura occidental porque actúan dentro de esa cultura y al mismo tiempo no se sienten atados a ella por ... especial. Agrega por su parte los irlandeses, que eran descendientes de ingleses, que no tenían sangre celta, pero que al sentirse distintos podían evocar como algo exterior que no les pertenecía, la cultura inglesa. De mí parte agregó que cuando Gombrowicz propuso lo mismo para la cultura polaca, estaba en Buenos Aires. Y sin embargo creo que ni Borges ni Gombrowicz llegaron a entender esta afinidad. A Gombrowicz le horrorizaba la posibilidad de ser aceptado por los argentinos, de aquerenciarse (aquerenciarse, ¿se entiende?)... de aquerenciarse en una cultura subordinada y reverente (como era la nuestra). A Borges le parecía que Gombrowicz era un invento de Mastronardi. Para Borges se trataba de disolver los criterios de autoridad por la multiplicación de las referencias, por la enumeración y por la alusión, por una perplejidad simulada (porque siempre se va a estar perplejos mientras Borges pensaba y siempre ...). Para Gombrowicz se trataba de la táctica del bufón, del que logra situarse en una situación con el poder que le permite jugar con la verdad. La táctica de Borges es irónica. La de Gombrowicz se mueve entre el grotesco y la intriga”. Pero yo creo que los dos apuntaban a lo mismo: cómo liberarse de un modelo de cultura aplastante, que te convierte siempre en una especie de admirador este... estéril, en un consumidor estéril de cultura, ¿no?

– Hay textos “acéfalos” en la revista *Literal*. ¿Cual era la razón?

– Bueno, eso fue... Le tome yo eso de una revista de Lacan que se llamaba *Scilicet*, donde Lacan proponía... propuso –porque después la gente no resistía ... – propuso hacer textos sin nombres para poner en primer plano el desplazamiento de discurso más que la función de autor. Es decir, si varios escriben, ¿no? También hay un número de *Tel Quel* también así, que se llama *Teoría de conjunto* –ah, pero está firmado, ese está firmado, *Teoría de conjunto* está firmado– pero Lacan no firmaba. Yo le he tomado de Lacan que lo había realizado materialmente, había hecho tres números o cinco, los tengo ahí, de una revista donde no se firmaba. Entonces como la gente que escribe literatura, escribe muy en función del nombre propio, los textos literarios están firmados ... los textos literarios de algún modo se hacía cargo de un producto singular, y lo que fuera teorizar, crear un corpus, una corriente de opinión ... porque como elemento literario muy pequeño... ah, eso lo dice German García, ah, eso lo dice Lamborghini, ... también no sabía quien lo decía. Eran mini-artigos que ... textos y no acertaban, y a la inversa se acertaban ... y cambiaba todo el texto, ¿no?

– Lo que llama la atención en este primer número es que algunos están firmados y otros no.

– Sí, pero los que están firmados son siempre textos literarios. Es decir, son ficción. La idea era firmar la ficción y no firmar la teoría.

– ¿Como ves el conjunto de la colección de *Literal* hoy?

– Bueno, a mí me parece que... digamos, yo la tomo como un lapsus, un lapsus en el sentido freudiano, es decir, me parece que es una cosa muy pequeña y que tiene un valor testimonial en el sentido de decir bueno, cuando se hace esas generalizaciones, “en los 60 todo el mundo estaba con la revolución...”, decir, “estos cuatro gatos no estaban”. O sea, vale como adversativo, es un “pero”. Pero no es todo [ri] Yo te doy ese valor... más que eso, digamos, ¿no? ... para matizar una generalización, porque bueno, digamos, Borges dice que no hay cosa como la muerte para mejorar la gente. Y lamentablemente acá murió mucha gente, entonces mucha gente ha vuelto mejor. Hay un rasgo de maldad que queda ahí aislado, y me parece que...

– ¿Y porqué se cerra la revista en su cuarto/quinto número?

– Por el golpe militar. Incluso... incluso el último número yo no le iba a hacer, porque ya estaban los militares, pero como yo me había distanciado de Lamborghini, estaba muy interesado en que se supiera que Lamborghini no tenía más nada que ver con la revista, hice el número, que incluso tiene el chiste de una frase en latín, que dice “quien dice lo uno, niega lo otro”, en la tapa. Que era cómico, que era como decir “hay que callarse”, ¿no?

– Lamborghini participó solamente hasta el tercero.

– Sí, porque sí, porque él era un tipo que andaba... Es decir, Lamborghini siempre fue un tipo muy alterado personalmente. Y entonces yo lo ayudé mucho, porque cuando él conoció a mí, yo ya era muy conocido. Yo le hice editar “El fiord”. “El fiord” se editó con un prólogo mío que era más extenso el prólogo que el libro. Lo pusimos como epílogo y con un cuerpo más chico, ¡porque si no era ridículo! Entonces ... a publicar “El fiord”, ... a publicar “Sebregondi retrocede”. Y era un tipo muy intrigante, era insoportable. Yo escribí un artículo sobre él...

– Yo leí ese artículo. Está en *Sitio*, ¿no?

– En *Sitio*, sí. Pero eso no importa, yo lo aguantaba. Lo que no aguanté es que él... se puso en una posición muy sórdida respecto a la política. Tenía contactos con la derecha peronista, con gente que... Yo quería desmarcarme de eso, que no quedara ninguna duda que no estaba ligado a eso...

– ¿Porqué existen o se crean revistas culturales?

– Bueno, yo soy un apasionado de las revistas... desde... Digamos, a mí particularmente me parece que, para mí personalmente, las revistas crean una pertenencia, es decir, yo hace poco leía en la novela norteamericana, ¿no? Hay siempre una figura, es decir, hay un conflicto con la ciudad anónima y el tipo sólo, en esa novela norteamericana. Entonces se crea siempre... bah, siempre, estoy pensando en los autores que leí ultimamente, ¿no? El encuentro de dos tipos. El encuentro de dos tipos no es ni el anonimato ni la soledad. Es la amistad como un lazo que permite circular por la ciudad sin estar sólo y sin integrarse a la ciudad. Y que es un poco el psicoanálisis también, de cierta manera. Entonces para mí la revista siempre fue como el sueño de un grupo de amigos que hacen algo. A mí esta cosa de vanguardia me gusta. Cuando leo cómo eran los dadaístas o los surrealistas me gusta, pero me gusta eso, la cosa de la banda de tipos que son amigos y... Y me parece que es un buen laboratorio para pensar. Porque no te

obligan a integrarte a las máquinas normales o normativizantes, y tampoco a caer en el mito trágico, solitario, romántico, estar tirado en la cuneta. Formar grupos que pueden generar cosas, propuestas, etc. Entonces yo siempre tuvo como una envidia de esto. Siempre quiso hacerlo existir. Entonces a mí me gustaba mucho cuando había cosas sobretodo de literatura, ahí hay una foto del equipo de *Contorno*, que estaban Viñas, Masotta, Sebrelí y ... disfrazados de Sartre [ri], este... Y siempre me gustó ese tipo de cosas. Entonces eso, hoy, ahora me di cuenta que es imposible, digamos. En esa época era posible. Ahora yo hago una revista, dos revistas, pero son revistas más institucionales. Ya no existe la idea de que estás acá y ... diez horas ... de la revista. Hay gente que te acompaña Yo creo que la revista está muy ligada a eso. Está ligada, y que no hay que renegar de la función iniciática que tiene, de rito de iniciación, del grupo joven, de la *Bildungsroman*, o sea una novela cultural incluso, en el sentido de la formación, la *Bildung*, ¿no? Un grupo de tipos jóvenes que logra hacerse un nombre, se prueba, etc. etc. Hoy es muy difícil hacer revistas para gente grande ... porque está muy ligada a la promoción, el autobombo, la autoexaltación, ¿no?, la autoexaltación, este... el darse coraje mutuamente para decir... Ahí en *Literal* se dicen cosas que son ... de la vida. A veces porque vamos, sí, si [ri], empuja el otro a decirlo, ¿no?

– Y en el otro extremo, ¿la institucionalización no te preocupa? ¿Te parece importante al contrario?

– Mira, yo tengo una experiencia muy especial porque yo me he creado siempre en grupos particulares. Y digo a veces para qué, para provocar, que yo tengo una educación de príncipe porque me he educado con personas, no con instituciones. Yo cuando era joven conocí a Carlos Astrada, que es el mejor filósofo que hubo en Argentina, que estudió con Heidegger. Y Astrada me ordenaba las lecturas. Y después lo conocí a Masotta, y después con Masotta estudié el psicoanálisis, y así sucesivamente. Y ... voy a Francia, y voy a estar ligado con instituciones orgánicas, y ligado con la Escuela de la Causa Freudiana... Y a mí pasa una cosa ... Yo doy clases a gente que viene escucharme porque quiere, ¿no? Y doy clases a gente que va ..., o sea que no va a escuchar a mí como un fin sino que es un medio para creditar algo. A mí me angustia dar clases a gente cautiva. Yo no soporto ver alumno que esta así, que no se interesa, que no se puede ... porque está haciendo una materia. Entonces me parece que el aparato institucional al convertir en un medio lo que hace, lo mata. Porque para mí tiene que ser un fin. Entonces, yo hago una revista porque lo que quiero es un fin. Y si yo hago una revista para el departamento de literatura de no sé donde, ya no es un fin, es un medio para que me paguen un sueldo, por ejemplo. Y yo particularmente, como me he creado siempre de esa manera, en los márgenes... ... he hecho pedazos enteros de mi carrera como oyente, he ido a escucharlo un lingüista interesante en lingüística, o he ido estudiar lógica o cosas, y jamás lo he hecho para creditarme. Para mí como un mundo... ... certificados o cosas así [mostra os certificados na parede]. Son como cosas exigidas pero realmente subordinantes. Además porque me parece que en Argentina, no sé... es muy pequeño lo institucional, es una cosa pobre de tipos que se están... Además porque nadie lee a nadie, nadie le interesa nada, ¿no es así? No sé como será en otro lado, pero los profesores entre sí lo que les interesa es desplazar al otro. Lo que escriben no le interesa a nadie.

– En este caso sería una especie de institución paradójica, digamos, una institución en los márgenes.

– Sí, claro: “extima”, la palabra “extima” es un invento de Lacan, para lo que está adentro y afuera. Digo adentro y afuera porque, por ejemplo, paradójicamente yo he formado mucha gente que son profesores en la facultad... [Retoma seu texto “Una encrucijada literaria”] A ver si podría decir algo más sobre las revistas... Hablando de la entrada del surrealismo en la Argentina, ¿no? “En el nuevo reparto Oscar Masotta se hace cargo de Jacques Lacan, Raúl Sciarreta de Althusser, Eliseo Verón de Lévi-Strauss, Nicolás Rosa de Roland Barthes y nuestras editoriales de la traducción de los espejos correspondientes. Pero no se importan los grandes espejos biselados con marcos barrocos, por miedo a que el peso del bronce y la abundancia de azogue tenga consecuencias mortíferas. Se importan espejitos de bolsillo, en convenientes ‘dossier’”. Porque la cultura argentina es tan de contrabandistas y mentirosos que todos los autores que nosotros hemos difundido en castellano han sido editados por mexicanos y no por nosotros. Nosotros editamos “dossier”. Entonces, por ejemplo, todo Lacan está editado en México, pero descubierto en Buenos Aires. Todo Lévi-Strauss está editado en México. Y el editor argentino, una vez que eso se editó, agarra tres artículos o cinco y acá hace un dossier Lacan, un dossier etc. Por eso yo hago el chiste de los espejitos. [Continua a ler] “Y abundante segunda mano referida a libros desconocidos. Los grandes espejos se importaron a México y desde allí se distribuyeron a los diferentes países iberoamericanos. La universidad se hizo cargo de algunos que en aquel momento no encontraron un doble, ni un doblaje adecuado –Foucault, Derrida, y otros más–. El providencial retorno de Hector Smucler [sic] y su creación –la revista *Los Libros*– completó el cuadro: Georges Bataille encontró a Oscar del Barco, Derrida a un postulante en Santiago Funes y una estudiosa temprana en Alicia Paez”. Bueno, este... Yo al final hago en una página, si no te molesta te lo leo, una especie de resumen de lo que yo convenía hace poco, ¿no? [Lê o final do texto] “En 1968, después de publicar mi primer libro, quería saber dónde me había metido. Por qué, al convertirme en ‘polo de atribuciones’, tuve la certeza de que me había metido en algo que me sobrepasaba. Encontré por azar, como tantas otras cosas, un nombre: ‘campo cultural’ [intelectual en el texto]. Lo encontré en un artículo de Pierre Bourdieu. El acápite firmado por Proust, decía: ‘Las teorías y las escuelas, como los microbios y los glóbulos, se devoran entre sí y con su lucha aseguran la continuidad de la vida’”. Eso cita Bourdieu de Proust. “En este campo magnético existían líneas de fuerza y por el hecho de haber publicado una novela en la editorial Jorge Alvarez formaba parte de una de ellas. Por ejemplo, Rodolfo Walsh escribió sobre mí, en una nota de conjunto donde también hablaba de Ricardo Piglia, Anibal Ford y Ricardo Frete. David Viñas, en una revista editada en Cuba, me nombraba entre los hijos de Cortázar –junto a Nestor Sanchez y otros– replegados después de la muerte del Che Guevara. [ri] El ‘referente’ de estas verdades no era lo que yo había escrito, sino el lugar que este libro tenía en el ‘campo intelectual’: éxito de venta, prohibición por la censura de un gobierno militar. El libro como tal era citado, pero más por los que pertenecían a otros campos intelectuales que por los inmediatos, cuyos ‘elogios’ tanto como sus ‘críticas’ tenían en cuenta el *lugar* del libro, y no lo que el libro decía. En cuanto a los lectores, más allá de esa barrera encontraban cosas inconmensurables (una mujer de La Plata aseguraba, en una carta que me envió, que Nanina –la gata que aparecía en mi libro– era la reencarnación de otra gata, que había sido suya).” [riendo]

Una vez que no esté atravesado por los críticos literarios, lo que pasa con los libros es cualquier cosa ... “Surgida fuera de los diversos grupos literarios, fuera de la universidad, la autoridad de una editorial como Jorge Alvarez dependía de la combinación de nombres de su catálogo y de sus relaciones con los suplementos culturales.” Ahí este es espacio institucional de que hablábamos acá. [repite] “Surgida fuera de los diversos grupos literarios, fuera de la universidad, la autoridad de una editorial como Jorge Alvarez dependía de la combinación de nombres de su catálogo (nombres famosos, nombres no famosos etc.) y de las relaciones con los suplementos culturales.” Que es escapa al control de la universidad... Entonces: “Es sabido que la revista *Primera Plana* era clave en ese juego y que el ‘mercado’ entre comillas era rechazado por los universitarios que intentaban imponer un ‘canon’ que era ese mismo ‘mercado’, con algunos años de atraso”... Porque no sé como será en Brasil, pero acá la universidad siempre está en contra del mercado. Pero lo que la universidad lee es lo que fue éxito en el mercado hace diez años. Es más lento porque está la burocracia mientras compra los libros ... [ri] Entonces eso es un canon respecto de lo que acaba de aparecer. Entonces: “Me había metido entre jóvenes aspirantes (Jorge Alvarez publica el primer libro de Manuel Puig, de Ricardo Piglia, de Anibal Ford y uno de los primeros de Juan José Saer) aspirantes que eran de la provincia de Buenos Aires”. Entonces todos ellos no eran de Buenos Aires, pero esa es otra cuestión. “También lo es Briante, Castillo, Soriano”. Es muy interesante, porque Buenos Aires es como el lugar donde se hace el viaje iniciático, el tipo que es de la provincia de Buenos Aires. Casi todos los escritores de Buenos Aires no son de Buenos Aires, ¿no? Bueno, digo: “Era para mí evidente que la provincia de Buenos Aires ‘triunfaba’ en la capital (Saer, que es de Santa Fe, se va a París, lo mismo que Bianciotti, que es de Córdoba)...” Es decir, los tipos que son de provincias, estructuradas, propias, van a hacer el viaje a París. Pero es curioso que los tipos de la provincia de Buenos Aires, que son pueblos por decreto, yo nací en Junín, son todas ciudades que tienen entre treinta mil y sesenta mil habitantes, y que eran la línea de fortines contra los indios. Unas ciudades terribles, todas iguales, ¿no? Entonces todo eso tiene la identificación a la capital. Eso es un chiste un poco, no es tan serio... Entonces, este... “Era para mí evidente que la provincia de Buenos Aires ‘triunfaba’ en la capital, desde Ernesto Sábato, pasando por Haroldo Conti, hasta el Río Grande”, porque también son de la provincia todos, Rojas... “Me había metido en circuito con sus matices, un circuito que se proponía como un estilo de vida, con sus juegos de palabras, y sus bromas, sus formas de amar y sus mujeres claves (una de ellas se había ganado el poco amable apodo de “La fragata Sarmiento” porque iniciaba a los cadetes de la literatura)”. La fragata Sarmiento es un barco antiguo argentino, que los cadetes de la Marina daban la vuelta al mundo –no sé qué historia, ¿no? Y había una mujer, una sacerdotisa que le decían así. Como te podés te puedes imaginar a Noé Jitrik le pareció una blasfemia esto. Noé Jitrik no puede aceptar esto como crítica literaria. Pero a mí me pidió un testimonio [ri]. No me había pedido una cosa crítica, ¿no? Bueno, entonces... yo decía: “Los valores y los mitos eran compartidos y el mercado era un límite implacable, el mercado. Deseado y temido, era una aspiración contradictoria que conducía a una aporía: los que no podían distinguir entre verdadero y falso quedaban atrapados en la alternativa éxito/fracaso”. En la historia pasa eso. ... entre éxito y fracaso. Un texto te parece verdadero o te parece una porquería. Pero si vos tenés en la cabeza cuantos ejemplares vendió el otro, estás perdido, ¿no? Yo digo: “Un círculo sin salida entre un fracaso exitoso y un éxito vivido siempre como fracaso

y/o traición”. Me parece que el círculo es ese, ¿no? Entonces: “Sin dinero, con carreras universitarias abandonadas, estos jóvenes de clase media –muchas veces procedentes de barrios de la capital, cuando no de la provincia– ignorábamos el ‘campo intelectual’ y queríamos explicarlo desde conceptos políticos que adquirirían la monotonía de la generalización abusiva. La importación de los problemas conducía a la parodia y algunos reproducían personajes de la cultura metropolitana y, como en las fiestas estudiantiles, teatralizaban alguna discusión (el compromiso versus el arte libre, por ejemplo). Advertido por Pierre Bourdieu –al que no imitaba porque la sociología no era de mi interés– adopté la bandera de la autonomía del arte, puesto que la literatura era para mí la *iniciación* en una forma de vida diferente a la del hogar del que había salido. Esta autonomía era relativa, puesto que dependía de los lectores y de la mediación de los comentaristas y las universidades. El surgimiento de revistas como “ensayos críticos” propone metalenguajes etc.”. Bueno, esto más o menos que... yo digo: “Entiendo que *Los Libros* fue desbaratada por esto, y entiendo que por eso hicimos *Literat*”. [volta um parágrafo] Yo digo: “La solidaridad entre escritores, periodistas y algunos críticos dibujaba un espacio de autonomía que soportaba las presiones, cuando no las calumnias, del ‘proceso de politización’”, y *Los Libros* fue tragado por esto.

– Piglia sigue en *Los Libros* en la época, se hace muy maoísta. Estuvo con él el año pasado y me dijo que sigue siendo marxista. ¿Que te parece esta posición hoy?

– Bueno, Piglia es un tipo muy singular. Eso es una paradoja pero un marxista singular... Debe ser la conciencia de una clase es la conciencia de sí mismo [ri]. No sé, yo pienso que quizás es como una posición ética de parte de él, porque él es un tipo muy ético, ¿no? Una posición ética frente a tanto oportunismo, ¿no? Todo mundo se disfraza de otra cosa, en seguida dice “ai, cayó el muro de Berlín, se acabó”, este... la postmodernidad [ri], los grandes relatos... Me parece que es una posición ética de decir, bueno... un poco como yo sigo siendo lacaniano, en el sentido de que yo podría hacerme el liberal y decir, bueno, Lacan, matizarlo y no sé qué. Y es todo mentira porque son exigencias de configuraciones de cosas, ¿no? Entonces yo creo que la posición de él está ligado a eso. Es un marxismo ético porque no es metodológico, porque no creo que él sea metodológicamente marxista, ni tampoco se refleja en su literatura. Es como tomar una posición ética: “No reniego de esto que...”.

– Mencionabas hace poco esa palabra mágica hoy, “postmodernidad”. ¿Qué piensas de ella?

– Yo creo que para mí lo más interesante de la postmodernidad, fue que a mí personalmente me llevó a estudiar en serio, este... la modernidad. Nunca lei como hasta ahora sobre el siglo de las luces... me puse a estudiar eso. Este... no me parece que exista tal cosa ya. A mí me parece más bien que exista lo que los yankees llaman idea-fuerza, lo que Lacan llama significantes-amo. O sea que de pronto una palabra, un término restructure, reorganice la lectura. Eso me parece bien. Pero no lo tomo como un fenómeno... Yo no creo ni en el progreso ni en la decadencia. En esa cosa no creo. Creo que el mundo se puede ... se puede reventar todo pero no es ni que progrese ni que decaiga. Creo que hay configuraciones, más al estilo de la teoría del caos, digamos, ¿no?, que hay cosas que se configuran. Y que bueno, la palabra postmodernidad a mí particularmente me sirvió para leer sobre la modernidad...

Leyla Perrone-Moisés
São Paulo, 15 de maio de 2000

– Gostaria de começar abordando os seus primórdios, a sua formação literária: o que a conduz à crítica e ao jornalismo na São Paulo da década de 60?

– Acho que temos de começar um pouco antes, não para me alongar, mas para dar algumas informações prévias. No começo dos anos 50, quando eu tinha dezesseis anos, eu queria ser pintora. Tive aulas com Samson Flexor, que fundou o Ateliê Abstração, aqui em São Paulo – eu era a caçulinha do grupo. A gente fazia abstração geométrica, e eu cheguei a expor em duas Bienais, e várias exposições coletivas do grupo. E nisso eu fui até os vinte e dois anos, por aí. Então a minha intenção era ficar na pintura, mas quando terminei o secundário, eu já tinha terminado o curso superior da Aliança Francesa, tanto o de história da literatura como o de história da arte, e aí eu ganhei uma bolsa (houve um concurso) para ir a Paris. E aí – é preciso ver que nós estamos ainda nos anos 50 – os meus pais, “de modo algum, imagina uma jovem assim, ir sozinha para Paris, aquele local de perversão”. Então eu não fui, apesar de ter ganho a bolsa. Mas eu fiquei com aquela formação francesa que foi da Aliança. Então colocou-se o problema do vestibular, e eu queria ir para a Escola de Belas Artes. E aí meus pais também ponderaram que ser pintora não era profissão, e que ser professora era, e até muito adequada às mulheres, não é? E como eu também me dava bem nos estudos literários, que eu devia fazer o curso de Letras, e ao mesmo tempo eles me pagariam aulas particulares de pintura com o Flexor, o que eu já estava até fazendo, desde o secundário. Então eu fui para o curso de Letras, lá na antiga Maria Antônia, e fiz Neolatinas – o curso da época era dividido em Anglo-germânicas e Neolatinas. Mas na verdade em francês eu já tinha uma formação maior do que a que dava o curso de literatura francesa, porque a Aliança era muito boa, e porque nos cursos de Letras não havia uma integração curricular, então era muito aleatório. Eu passei quatro anos estudando Baudelaire, Racine, Racine, Baudelaire, e ninguém mais. Porque os professores franceses que estavam aqui eram especialistas disso, e cada um dava o que queria, e de um modo bem tradicional. O método deles era a antiga “explication de texte”. E aí, no fim de 58, eu li em algum lugar que existia um novo romance francês. Eu freqüentava muito a Livraria Francesa. Comprei *La modification* do Michel Butor, e quando li achei aquilo incrível. Escrevi então meu primeiro artigo no Suplemento Literário do *Estado de São Paulo*, uma resenha de *La modification*. Isso em dezembro de 58. O diretor do Suplemento era o Décio de Almeida Prado. Aí eu continuei trabalhando, lendo os outros do novo romance, e oferecendo ao Décio, e o Décio publicando: o Robbe-Grillet, o Claude Simon, a Nathalie Sarraute, etc. Comecei a fazer resenhas regularmente, das resenhas passei aos artigos. E logo depois faleceu o Brito Broca, que era o responsável por uma coluna, “Letras Francesas”. O Suplemento, como você sabe, é considerado como o melhor que já houve no Brasil, pela qualidade dos colaboradores – porque era assim: poemas inéditos do Drummond, desenhos novos de todos grandes artistas da época, era Antonio Candido, era Anatol Rosenfeld, Otto Maria Carpeaux, os poetas concretos. Era muito eclético também, muito aberto, tinha todas as tendências. E aí quando o Brito Broca morreu, o Décio de Almeida Prado me ligou e disse: você não quer ficar responsável pela coluna “Letras Francesas”? Me deu aquele friozinho. Porque substituir o Brito Broca não era pouca coisa, não é? Era um homem de grande cultura literária, e substituí-lo seria mudar completamente o estilo das “Letras

Francesas”, que comigo deixariam de ter um enfoque histórico e se tornariam uma informação sobre a atualidade francesa. Aí eu disse: “O senhor acha que eu posso?” E ele disse: “Está havendo muito interesse por seus artigos sobre o novo romance, então você continua nessa linha”. Naquela época, havia no Brasil um público culto que lia diretamente em francês. Por isso os artigos sobre esses livros da França interessavam, porque eles iam à Livraria Francesa, compravam e liam. O que depois acabou completamente, não é? Nas minhas primeiras resenhas e artigos no Suplemento Literário— isto é, de 58 até 65, por aí — as citações eram em francês! Coisa que hoje em dia não é mais possível no jornalismo cultural. Mais tarde, muitos escritores brasileiros me disseram que liam aqueles artigos sobre o novo romance. O Osman Lins, por exemplo, de quem eu fiquei amiga depois. E o próprio Osman Lins fez uma entrevista com o Michel Butor, na mesma época. O Raduan Nassar também lia, e agora me diz: “Eu lia, eu achei interessssantíssimo e achei que não era pra mim aquilo”... [risos]. Mas, por ironia, eu encontrei uma moça agora em Paris — em março eu estive lá — e disse que queria me entrevistar, porque ela está fazendo uma tese lá em Paris sobre o Raduan Nassar e o novo romance. Ela disse: “Eu acho que há muito de novo romance nele” [risos]. E eu disse a ela: “Olha, não sei se ele vai gostar”... Então eu escrevia sem saber muito bem para quem. Eu tinha respostas, principalmente de uma certa sociedade paulista “quatrocentona”, culta, umas senhoras que me convidavam para uns chás. Uma era sobrinha da Dona Olívia Guedes Penteado, sabe? E nos seus chás eu conheci os remanescentes da Semana de 22, o Rubens Borba de Moraes, o Guilherme de Almeida. Eu também freqüentava o bar do Museu de Arte de São Paulo, que era lá na Sete de Abril — isso antes mesmo de eu escrever no Suplemento, porque eu me lembro que eu ia com o uniforme de escola ainda, e as pessoas diziam: aquele ali é o Sérgio Milliet, aquela ali é a Patrícia Galvão, a Pagu, nossa! E aí então eu ficava vendo todas aquelas figuras. Agora me parece que vivi numa outra encarnação, não é?

— Sem que seus pais soubessem.

— Não, eles sabiam, porque São Paulo era uma cidade muito civilizada, muito tranqüila. [Nesse exato momento ouve-se uma sirene a todo volume]. As meninas de escola podiam freqüentar o centro da cidade. A Aliança Francesa era perto do Museu, do bar do Museu. E a gente ia às exposições, e eu também já estava nesse mundo de pintura, não é? Para chegar ao ponto: para a minha formação contribuiu o fato de eu ter começado pela pintura, uma pintura não acadêmica, abstrata, e portanto com a convicção de que as vanguardas é que interessavam — embora a pintura abstrata geométrica já não fosse tão vanguarda no mundo. Mas aqui em São Paulo era! [risos] Mas foi no Suplemento Literário que eu tomei o meu caminho, interessada por um tipo de romance que desmanchava toda a narratividade anterior. E aí teve um livro decisivo, que me fez a cabeça, no começo dos anos 60: *Le livre à venir*, do Maurice Blanchot. Aí então realmente eu achei que as coisas que eu tinha aprendido sobre literatura estavam completamente caducas. Enquanto isso, também entrei em correspondência com o Michel Butor, com o Claude Simon, com o Robbe-Grillet... Eles não eram ainda tão famosos na França. A imprensa não dava tanto espaço para eles como eu dava aqui, no Suplemento. Eu não, porque era o Décio de Almeida Prado que dava. Eu mandava pelo correio os artigos e eles me respondiam, eu tenho uma vasta correspondência

com eles. Depois eu me encontrei com eles em Paris, entrevistei Butor e Claude Simon. Tudo isso foi muito importante para eu chegar ao que foi o grande acontecimento, que foi encontrar o Roland Barthes. Então, eu tive toda essa formação mista de pintura abstrata, de novo romance. E, ao mesmo tempo, nos anos 60, o grupo dos concretos começou a se interessar pelos meus artigos, começaram a me citar na revista *Invenção*. Acabei me encontrando com eles, e fiquei amiga principalmente do Haroldo, como eu sou até hoje, e desses franceses todos que eu fui conhecendo. E uma coisa vai ligando a outra, porque o Haroldo viajava muito nessa época, e conhecia deus e todo mundo das vanguardas de toda parte, e da teoria literária, e de tudo, não é? No começo dos anos 60, o Haroldo já era amigo do Jákobson, já tinha contacto com o Todorov e o grupo *Tel Quel*, o Philippe Sollers, a Kristeva, etc. O Todorov eu conheci através do Haroldo. Porque em 68-69, eu fui com uma bolsa, durante as férias, para terminar a minha tese sobre Lautréamont, e levei o endereço do Todorov. Aí eu o convidei para vir a São Paulo. E me pus em contacto com as pessoas do Rio, que também queriam convidá-lo, e ele veio. Já havia então, aqui, um grande interesse pelo formalismo russo e pelo estruturalismo francês (o Jákobson tinha vindo fazer conferências em 67). Já havia muitos universitários brasileiros tabalhando nessa linha, e, depois da vinda do Todorov, realizamos uma série de encontros Rio-São Paulo. Eu dava aula na PUC nessa época. Porque primeiro eu fui jornalista literária, e depois eu fui convidada pra dar aula de literatura francesa na PUC, e só voltei pra minha universidade de formação em 70. Quer dizer, quando o Todorov veio eu ainda estava na PUC. Na Universidade de São Paulo predominava uma tendência sociológica, mas havia espaço para acolher outras. No começo de 69 também conheci o Barthes, sobre quem eu já tinha publicado dois artigos no Suplemento. Alguém me apresentou ao Barthes, eu dei os artigos para ele, ele me mandou um bilhete dizendo que queria me encontrar com mais vagar. Desde então, eu freqüentei os seminários dele, e fiquei amiga dele até a sua morte, em 80.

- Com relação ao *nouveau roman*, aquele pequeno livro seu...
- Esse foi de 66, eram os artigos do *Estadão*, que foram recolhidos ali.

- Foi seu primeiro livro, não?

- Foi o meu primeiro livro. Aquela coleção era dirigida pelo Décio de Almeida Prado, pelo Antonio Candido e outros. Eu nunca fui aluna do Antonio Candido, mas ele já era uma referência intelectual e ética para todos os de minha geração. O Antonio Candido sempre teve uma grande abertura para todas as tendências da crítica. Acho que todo grande crítico tem essa abertura, porque quem lida com a literatura sabe que a literatura tem mil enfoques possíveis, não é? E não existe um que seja o bom e o certo. Depende do que se faz com aquilo. Então eu me lembro que o Antonio Candido dizia na época, numa mesa redonda no Rio da qual nós participamos: "Há um movimento pendular na crítica entre o "conteúdo" e "forma", e no momento esse movimento está favorecendo a forma, o que não é mau". O Antonio Candido me deu apoio no Suplemento, na edição do livro *O novo romance francês* e quando eu fui para o curso de francês da USP. E foi ele que me viu um dia lá, muito cansada (eu estava dando aulas em vários lugares, a situação política do Brasil estava horrível), acho que eu devia estar com uma cara muito desanimada, e ele me disse: "A

senhora” – porque ele sempre me tratou assim - “a senhora nunca pensou em pedir uma bolsa da Fapesp e passar um tempo em Paris?” Eu disse: “Não”, e ele disse: “Mas a senhora devia pensar”. Foi ele quem me deu o conselho. Aí eu pedi essa bolsa da Fapesp, e fui, e fiquei lá esses dois anos e meio, de 72 a 75. Foi então que entrei em contato mais intenso com tudo isso. Porque enquanto eu estava aqui, eu fiz uma espécie de divulgação das tendências, das revistas *Poétique*, *Tel Quel*, *Change* – tem até um artigo meu dos anos 60 intitulado “A floração das revistas”. A teoria literária estava em alta, não é? E a revista *Communications* nº 8, sobre a análise estrutural da narrativa, era a nossa Bíblia. Então eu fazia essa divulgação aqui, e nos meus cursos eu comecei a aplicar o Greimas, as estruturas narrativas, o Todorov, etc. Mas eu nunca publiquei nenhum texto estruturalista de aplicação. Porque eu sempre achei que o estruturalismo tinha um valor didático, isso é, apenas preparatório para a crítica literária. Acho ainda. No secundário é que a literatura deveria ser ensinada no estilo do formalismo russo. Para mostrar “como é feito” o texto literário. Eu acho que jovens têm esse prazer de desmontar e remontar, e saber que um texto literário é feito, é um objeto, e que o sentido nasce do agenciamento daqueles elementos. Nas minhas aulas daquele tempo, eu tentei aplicar os esquemas actanciais do Greimas, e logo vi que não dava certo – e os meus ex-alunos estão aí para comprovar. Porque o esquema – nem sei se você chegou a ver algum dia os esquemas actanciais do Greimas – era assim um conjunto de quadrinhos, para encaixar o sujeito, o que ele desejava, quem era o adjuvante e o opositor, etc. E aí, como todo o estruturalismo da fase mais ortodoxa, funcionava perfeitamente bem para os textos da tradição popular, para os textos de comunicação de massa, para os textos mais estereotipados. Mas quando você pega um romance... Eu dava o *Le rouge et le noir*, por exemplo, nessa época. Então você põe o Julien Sorel no lugar do sujeito. Aí pergunta o que que ele deseja – o que ele deseja já é supercomplexo, não é?

– Eu vi alguns textos com essa aplicação, mas soavam ridículos.

– É, fica ridículo porque, primeiro você pergunta: “O Julien Sorel”, só para dar um exemplo, “o que é que ele quer? Ele quer se promover socialmente, casando com uma aristocrata rica”. Mas é claro que não era só isso. O objetivo dele era ser um herói, realizar o que Napoleão realizou, pelas formas possíveis no seu momento histórico, não é? E, no fim do romance, ele muda de objetivo. Então você não podia pôr um objetivo simples ali no quadrinho do objeto. Depois, quem era auxiliar dele nessa busca? Madame de Rênal? Mathilde? mas por outro lado, elas atrapalhavam, por isso e por aquilo. Quem que era o opositor? O pai dele, que não queria que ele estudasse, que ele lesse? Mas, também, por outro lado... Então tudo tinha o “por outro lado”, porque a grande literatura é muito complexa para aqueles quadrinhos, não é? E então eu fui abandonando rapidinho isso aí. E a minha desconfiança também se vê no fato de que eu publiquei uns poucos textos inspirados na análise estrutural da narrativa, mas guardei sempre os esquemas preparatórios na gaveta. E nunca fui também amiga de uma terminologia muito rebuscada. E isso talvez eu deva ao meu começo como jornalista cultural. Na década de 70 era bonito escrever difícilíssimo, inventar mil termos novos, inclusive o Barthes. E eu achava sempre aquelas palavras um pouco rebarbativas, um pouco pesadonas, então não usava essa terminologia. E

também, ao mesmo tempo que eu me “estruturalizei”, eu já estava pós-estruturalista, porque eu freqüentava o grupo *Tel Quel*. Publiquei um artigo na revista *Tel Quel* sobre Fernando Pessoa, em 74, e já era sobre a questão do sujeito segundo Lacan, então já era pós-estruturalismo – só que eu não sabia que era, que viria a se chamar assim – publiquei esse texto em *Tel Quel*, e fui seguindo os seminários do Barthes, que foi abandonando a análise estrutural da narrativa, a semiologia... Fui seduzida totalmente pelo Barthes, acompanhando tudo isso, não é? Também nessa época eu já tinha lido Derrida. No começo do grupo *Tel Quel*, ele fez coisas fundamentais, já pós-estruturalistas. Ao mesmo tempo, o ensino dele era na École Normale Supérieure, e era supertradicional. Eu assisti a um curso inteiro do Derrida sobre a *Poética* de Aristóteles, preparação da *Agrégation*, era a coisa mais tradicional possível. Era assim: a *Poética* parágrafo por parágrafo, o que que Aristóteles queria dizer, os termos gregos, era uma coisa que não tinha nada a ver com *A escrita e a diferença* e a *Gramatologia* – ele não falava dessas coisas nas aulas. O que para mim foi ótimo, principalmente porque ele estava dando a *Poética* de Aristóteles – foi assim uma oportunidade única, não é? Meu livro *Texto, crítica, escritura* é o fruto principalmente desses dois anos e meio que eu passei em Paris, e da proximidade com essas pessoas. Publiquei também vários artigos na revista *Poétique*, que era dirigida por Todorov e Genette, de modo que eu não era mais apenas uma divulgadora estrangeira mas uma participante desses debates estruturalistas e pós-estruturalistas.

– Adiante eu gostaria de voltar a esses temas. Mas antes – me faltam dados biográficos seus dos anos 60 – eu gostaria de saber se você atuou no *Estadão* apenas como colaboradora, ou se chegou a ser editora do Suplemento Cultural?

– Não. Eu fui só colaboradora.

– Uma questão que tem a ver com o que a gente conversava antes: o que significava ser de vanguarda nos anos 60? Ou então: era possível ser jovem e não ser de vanguarda nos anos 60?

– É, nos anos 60 se falava da “nova vanguarda”, não é? Porque já se fazia a distinção entre a as vanguardas históricas dos anos 20, e as novas vanguardas. Então o grupo concreto era de nova vanguarda, assim como o grupo *Tel Quel*, havia poetas italianos muito ativos da nova vanguarda, e tudo isso. Mas foram os últimos suspiros da idéia de vanguarda, não é? E aí houve a grande ruptura de 68. Eu estive em Paris poucos meses depois da revolução de maio, eu fui em dezembro de 68 para lá.

– Pela primeira vez?

– Pela terceira vez. Eu já tinha ido antes, por conta própria, como turista. Em 61, eu entrevistei o Butor, quando estava na fase do novo romance. Mas eu não fazia curso nem ficava muito tempo – ficava uma semana, quinze dias. Foi no fim de 68 que eu fui para ficar mais tempo. Naquele tempo, em Paris, as pessoas se comunicavam ainda muito por cartas. E tinha também uma coisa que não existe mais, que datava da primeira metade do século, que era o *pneumatique*, uma mensagem rápida, intermediária entre carta e telegrama, que se chamava assim porque passava por uns tubos pneumáticos, sei lá como.

Então eu recebia uns *pneumatiques* pra marcar encontro, e eu tenho um *pneumatique* do Barthes, que foi o primeiro que ele me mandou, marcando encontro. Mas você estava falando de vanguarda, não é? Então: com a virada de cabeça total de 68, vanguarda já não tinha muito sentido para as pessoas mais jovens. Ninguém fazia questão de ter esse título. O que se queria era um mundo totalmente outro.

– Pergunto isso porque a idéia de vanguarda estava em *Tel Quel* e também tinha tomado conta dos *mass media* na época. Virou uma coisa até popular.

– Eu nunca pensei nesse assunto seriamente, mas eu acho que o termo vanguarda começa a declinar porque vanguarda sempre supõe uma retaguarda que está fazendo uma coisa, e tem uma vanguarda mais adiantada, não é? E o que se começou a produzir em torno de 68, e de 68 pra diante, não se colocava mais como algo se opondo na produção artística anterior, mas como algo totalmente diverso, que implicava não só o fazer artístico e literário, mas implicava a pessoa mesmo – todas as experiências com o próprio corpo. E a distinção também entre arte de elite e cultura de massas se desfez. Então, ficou tudo no mesmo plano: os Beatles, a contracultura toda, aqui no Brasil a poesia marginal, e a Tropicália, e tudo isso, não é? Mas é uma história muito comprida e muito complicada, que se fôssemos falar de tudo, não tinha fita que bastasse. Porque em 70 – você vê, tudo isso influi, porque você está querendo saber como que eu cheguei lá –, em 70 eu estava em Paris, e o Haroldo de Campos passou por lá – porque ele fazia os périplos dele pela Europa, contactos com todos os poetas e aquelas coisas dele – e aí ele ia à Itália, e da Itália ele ia para Londres, encontrar o Caetano e o Gil. E aí ele me convidou, se eu queria ir junto. E é claro que eu quis ir junto, não é? Então eu fui com o Haroldo. E aí, você imagina, era um clima assim incrível, anos incríveis. Porque na Itália, nós fomos a Milão, e lá o amigo dele era o Umberto Eco. E houve uma festa em homenagem ao Haroldo na casa do editor Feltrinelli, que estava foragido por ter explodido uma bomba numa torre de transmissão – porque o Feltrinelli era um terrorista de extrema-esquerda. Então ele morava num apartamento tipo palácio em Milão, porque ele era multimilionário, requintadíssimo. Eu não vi, portanto, o Feltrinelli, mas vi a mulher dele e toda aquela aristocracia milanese chiquérrima, de super-nova vanguarda, semiológica, etc. E todos ouvindo “Irene rir”, do Caetano. De lá, nós fomos para Londres, visitar o próprio Caetano, que estava tristinho na época. E então houve uma grande noitada lá na casa dos baianos, o Caetano cantou as músicas londrinas que acabara de compor e o Haroldo contou, a pedidos, a história dos amores de Oswald de Andrade. Cada lance era recebido com aplausos. Depois eu voltei pra Paris porque eu tinha compromissos de pesquisa. Em 70 eu ainda estava terminando o meu *Falência da crítica*, o Lautréamont, eu precisava voltar a Paris para trabalhar na Biblioteca Nacional, e o Haroldo ficou em Londres. E aí o Haroldo sofreu um acidente de carro, fraturou a bacia, e passou um tempo hospedado lá, com os baianos cuidando dele e tocando música para ele. E daí essa relação de amizade que eles têm até hoje. Era uma época em que tudo era muito estimulante. Em 73, teve o 1º Congresso de Semiótica em Milão – porque o estruturalismo avançou em direção da semiologia, da semiótica, as duas tendências – e eu estive também lá, e lá estavam todas as estrelas: o Lacan estava presente, o Barthes, sem falar que foi organizado por Umberto Eco, não é? No meu livrinho sobre o Barthes, eu conto que

encontrei o Barthes no meio da multidão do congresso, no meio do saguão, e aí eu disse: “Puxa vida, quem ia pensar que ia ficar uma coisa tão grande!”... Aí ele, com um ar entediado disse: “Vous voyez, tout ça!” – porque ele já estava saindo fora da semiologia e da semiótica, ele estava lá em presença mas já estava noutra, não é? Como ele escreveu depois: “a ciência veio, e ela era triste”.

– Como você diz no posfácio à *Aula* dele, que ele fica impressionado com tantas notas tomadas em seus seminários – ele se pergunta, “por que isso? o que vão fazer com tudo isso?”...

– É verdade... Mas então, foi isso, os anos 70 foi isso para mim [risos].

– Você se engajou politicamente naquele período de maneira efetiva?

– Efetiva, no sentido de uma militância, não. Eu estive muito próxima de pessoas que militaram de modo bastante perigoso, principalmente meu irmão, que era deputado e ficou muitos anos exilado. E eu era muito ligada, aqui em São Paulo, aos dominicanos. Eu frequentava o convento dos dominicanos, que era um lugar de resistência. A missa do meio-dia, onde se diziam coisas que não podiam ser ditas fora – tanto é que acabou mal para alguns dos dominicanos depois. E vários amigos próximos, que foram interrogados pela Operação Bandeirantes aqui em São Paulo. Enfim, foram os anos de chumbo. O que eu fazia era dizer tudo o que eu pensava nas aulas, talvez com algum risco, porque alguns alunos, às vezes, me diziam lá na USP: “Cuidado, professora, cuidado que essa classe tem ouvidos!” Porque todas as classes tinham gente infiltrada, e eu nunca consegui saber quem era. Os próprios alunos me falavam para ter cuidado. Mas eu nunca fui incomodada, provavelmente porque eu não representava nenhum perigo, do ponto de vista político. E também porque – agora já é outro capítulo – eu sempre fui de esquerda, digamos, socialista, e sempre tive dúvidas com relação à União Soviética. Meu irmão era comunista, foi dirigente da UNE, foi à Tchecoslováquia e a Moscou quando era jovem. E eu discutia demais com ele porque, primeiro teve a invasão da Hungria – eu era muito jovem mas já achei aquilo muito ruim –, e depois foi a Tchecoslováquia, e em 68 eu já tinha condições de avaliar. Então, a invasão da Tchecoslováquia foi assim meu desgosto do estalinismo. Na mesma época – você vê que anos que foram! – em janeiro de 71, eu fui visitar meu irmão que estava exilado no Chile. E aí eu vi o Chile do Allende. O Chile do Allende era uma coisa maravilhosa, porque era – dizem os descrentes – a utopia realizada (por isso não durou muito, não é?). Porque era o socialismo com liberdade total de imprensa e de tudo. E aí, meu ideal político passou a ser o Chile do governo Allende. Uma esquerda democrática. Como toda a minha geração, e acho que as gerações seguintes também, sempre tive o maior respeito e admiração por Cuba, mas eu nunca fui muito castrista, por causa das restrições da liberdade, talvez necessárias, mas que me deixavam sempre com um pé atrás. Então, com relação a Cuba, eu sempre fui assim: faziam uma pregação totalmente pró-cubana, eu me opunha; se o grupo era ultra-reacionário, anti-Fidel e anti-Cuba, eu me tornava a mais pró-Cuba possível – porque realmente a gente tem de admirar e continuar admirando aquela ilha, que ali na boca do gigante resiste até hoje. E todas as conquistas sociais no campo da saúde e da educação. Mas eu sempre tive o pé atrás com governos que têm censura e

perseguição. E infelizmente Cuba teve, não é? Eu tinha amigos escritores, como o Severo Sarduy, que não podia voltar, por ser homossexual. E da União Soviética então nem se fala, porque na União Soviética nos anos 70... só continuava totalmente favorável à União Soviética quem quisesse fechar os olhos pra tudo que já se sabia do estalinismo e do goulag, não é?

– Você foi sensível ao maoísmo em algum momento, como o próprio Barthes fugazmente?
– Nem fugazmente, embora fosse muito próxima do grupo *Tel Quel*, nos anos 70 eu via com muito ceticismo aquela “chinesice” deles, porque era muito de fachada, e o livrinho vermelho do Mao nunca me seduziu.

– O Barthes foi um pouco marcado pela China, não? Inclusive participou da famosa viagem para lá.

– Mas ele não gostou quando ele foi, não é? Foi um escândalo: quando ele voltou, ele publicou um artigo que se chamava “La Chine est fade” – a China é sem graça – e saiu no *Le Monde*. E o Sollers ficou bravíssimo com ele. Ele achou a China muito militarizada, não se podia fazer nada sem ser acompanhado, tudo muito organizado e muito vigiado. Então ele só trouxe de lá umas roupas estilo Mao, mas não aderiu. Para voltar a minha modesta pessoa, a morte do Allende, em 74, foi o maior luto político da minha vida. E por isso tudo o que tem acontecido ultimamente com o Pinochet é algo que me emociona, porque eu vi o Chile do Allende, e eu vi o que aconteceu logo depois, porque eu estava em Paris, meu irmão tinha dado aula no Chile, e chegavam os que conseguiram escapar e passavam pela casa do meu irmão. Muitos morreram dos amigos que eu conheci no Chile, que eram do MIR, do movimento da esquerda revolucionária, da extrema esquerda, e alguns conseguiram se exilar em Paris, onde chegavam em péssimo estado. Assim como eu vira chegar, no Chile, alguns dos prisioneiros políticos brasileiros trocados por aquele embaixador seqüestrado. Então, um país que eu tenho no meu coração político é o Chile – muito mais do que Cuba.

– No momento de auge do grupo *Tel Quel*, a Literatura era vista enquanto concepção idealista do mundo e a Escritura seria a prática materialista desejável, unindo Marx e Mallarmé...

– E Freud...

– E Freud, claro. Você ainda considera possível aquela “escuta política” de Mallarmé, segundo Roland Barthes? E a idéia de escritura enquanto “não-gênero” continuaria valendo como possibilidade?

– Não, eu acho que a teoria da escritura foi um momento muito importante da crítica de um conceito idealista de literatura, mas querer chamar de *escritura* algo que seria totalmente novo, e até oposto à *literatura*, os próprios defensores dessa idéia foram abandonando, não é? Tanto é que o Barthes, na *Aula*, diz: “Eu vou usar indiferentemente escritura, texto ou literatura”. Porque, na verdade, aquilo de que trata meu livro *Texto, crítica, escritura* – que é a teoria da escritura – é simplesmente a escrita poética, no sentido de *poiesis*,

independente de gênero, é a escrita poética da modernidade, com relação à concepção clássica da literatura. Então não havia necessidade de dar um novo nome – só havia uma necessidade tática naquela época, não é?

– E, portanto, bastante datada.

– É, datado. Agora, eu acho que ainda tem utilidade a distinção escrita e escritura, porque se a gente definir a escritura como a escrita poética moderna, então não é qualquer escrita que é escritura. E nós temos essa riqueza em português, como eu comento no posfácio da *Aula*. Há escritores que têm uma escrita muito bonita (que Barthes chama de estilo), mas que não é a escrita poética da modernidade. Mas isso também, essas fronteiras, também não acredito mais nelas. Não sei se você viu o meu livro *Altas literaturas*? Lá eu digo que havia uma contradição interna na teoria do Sollers, naquele “Programa” de *Tel Quel*. Ele queria conciliar a teoria da escritura com o marxismo revolucionário, ele tinha uma visão linear e progressista da história, e ele via, em determinado momento do fim do século XIX, uma ruptura, onde começaria a escritura. Mas havia aí uma contradição de base, porque a concepção de escritura era mais espacial do que temporal. E também a fusão de Marx com Freud era bastante difícil. E o que se viu, depois, foi a própria evolução política do grupo *Tel Quel*... – porque isso aí que você está me fazendo não é uma entrevista, é um verdadeiro testemunho geral político, literário... Eu me afastei do grupo *Tel Quel* – atualmente eu nem os vejo mais, apesar de ter sido muito amiga deles – por divergências éticas e políticas. Quando eu conheci o Sollers, logo depois de maio 68, ele era comunista. Todos os outros da esquerda francesa riam dele, porque era o momento em que muitos já eram maoístas, como se vê no filme “A Chinesa”, de Godard. Depois, nos anos 70, ele se tornou maoísta – *Tel Quel* lançou um manifesto, a China, tudo aquilo...

– Tem inclusive uma edição *En Chine* da revista.

– É, e aí ficou tudo chinês, não é? É até engraçado porque, na época em que eu freqüentava o Sollers maoísta, meu irmão exilado dizia: “Cuidado com esses maoístas, porque são todos agentes da CIA!”. Com o tempo eu vi que esse alerta não era tão descabido como parecia. Porque quando o Allende foi assassinado, o Sollers não se comoveu a mínima; como maoísta, ele era sobretudo anti-soviético e caçoava do “camarada Allende”. E a China foi o primeiro país que reconheceu o governo Pinochet. Você vê que eu não podia ser maoísta, já que eu te disse que no cerne do meu coração político estava o Chile. Então a China reconheceu o Pinochet imediatamente, porque convinha a ela apoiar os inimigos de Moscou – a esquerda era portanto muito complexa.

– Esse nó explica muitas posições da época, não é?

– É. E aí, logo em seguida, o que aconteceu com o grupo *Tel Quel*? O grupo *Tel Quel* descobriu os Estados Unidos em absoluto deslumbramento.

– Outra edição especial da revista...

– Aí houve o número sobre New York. Bom, eu já conhecia os Estados Unidos, já tinha passado tempos lá, e, como latino-americana, a nossa visão dos Estados Unidos nunca pode

ser idílica, não é? Nunca foi e não podia ser. E aí eu achei os telquelianos muito deslumbrados, quase ridículos. O Sollers me falava das maravilhas de New York, dos arranha-céus, que você estalava os dedos assim na rua e paravam três táxis... Eram coisas que até São Paulo [risos] já tinha na época. Aí eu percebi que Saint-Germain-des-Prés é uma aldeia, e que nós, latino-americanos, somos menos provincianos do que eles em muitas coisas. Eu ainda continuei vendo o Sollers até o começo dos anos 80, mas nossas conversas foram rareando. Acabou dando no pior, porque ele saiu da editora Seuil e começou a revista *L'Infini*. E no primeiro ou segundo número de *L'Infini* – acho que é naquele sobre New York, se você tiver dúvida, você vai ver – saiu um artigo da Kristeva em que ela diz que os Estados Unidos são Davi se defendendo do gigante Golias, que é o Terceiro Mundo *grouillant à ses portes* – *grouillant* é assim [emite um rosnado]. Aquilo meu deu um enjôo de estômago. Você já viu a inversão total? Os Estados Unidos é que estariam ameaçados pelo Terceiro Mundo...

– Não seria antes uma provocação?

– Não sei, eu sei que era uma adesão total aos Estados Unidos como salvador do mundo. E aí eu não suportei mais aquilo. O último encontro que eu tive com o Sollers terminou mal, porque ele me perguntou: “Quando você me dá um artigo para *L'Infini*?” E aí eu respondi: “O infinito me dá vertigem”... E como as nossas conversas sobre política estavam já azedando, ele não gostou, porque ele viu que eu tinha restrições às posições políticas de *L'Infini*, e também porque, na imensa pretensão dele, de estar lá no centro intelectual do mundo, ele achava que estava fazendo o grande favor de pedir um artigo a uma brasileira e ainda levava uma recusa. Porque a América Latina não interessava a mínima pra eles, a América Latina era assim, nada! Muito diferente do Barthes, que sempre foi interessado na política dos países latino-americanos, e solidário com os exilados. E aí eu me afastei do Sollers, do grupo *Tel Quel*, e eles provavelmente não sentiram a menor falta de mim. A partir de *L'Infini* e depois de *Femmes* também. Porque, nos anos 70, o Sollers me dizia: “Espere dez anos e todos estarão reconhecendo a literatura que eu faço”, que era *Paradis*, aquela literatura experimental de tipo joyceano que ele fazia então. E, de repente, ele cansou de esperar e resolveu escrever um *best-seller* com personagens da época. Um deles era o Barthes, que tinha morrido há pouco, e que ele retratava de modo impiedoso. Ora, o Barthes adorava, simplesmente, o Sollers. O Sollers era como um filho, para ele. Ele desculpava qualquer coisa que o Sollers fizesse...

– Até o fim?

– Até o fim, até o fim. No último encontro que eu tive com ele, em 79, eu disse: “Mas o Sollers está fazendo isso, está fazendo aquilo, como é que pode?”. E ele disse: “Ah, Philippe est très imprudent”. Porque o Barthes nunca falava mal de ninguém, muito menos de pessoas de quem ele gostava. Então o adjetivo máximo que ele usava era “imprudente”. “Philippe é muito imprudente”. Até o fim ele adorou o Sollers e a Kristeva, que ficaram junto dele no hospital até o último momento. E aí o Sollers escreve *Femmes*, e trata a personagem de Barthes com distanciamento, como um velho homossexual patético e um pouco ridículo. E eu ainda fui pedir contas a ele. Eu perguntei: “Como é que você trata o

Roland daquele jeito no livro?” E ele respondeu: “Minha cara, você é muito psicológica. Um escritor diz sempre a verdade”. Mas não era só essa coisa do Barthes, é que *Femmes* é muito má literatura, não é? E depois de *Femmes* continuou no mesmo estilo. Aliás, eu soube por pessoas do mundo editorial francês, que os livros do Sollers só são lidos na França. Ele é pouco traduzido fora. Na França ele continua tendo um poder editorial e mediático considerável. Porque ele é muito inteligente, muito culto, muito sedutor, ele é cheio de qualidades – mas não é uma pessoa fiável. *Tel Quel* teve um papel muito importante no pós-estruturalismo, porque o Sollers teve a inteligência de chamar para junto deles o Foucault, o Derrida, o Barthes... Mas o Derrida, pelas mesmas razões éticas e políticas, também se afastou deles nos anos 80, e foi caricaturizado maldosamente por Kristeva em seu romance *Les Samourais* (que faz par com o *Femmes* do marido).

– Interessante isso que você falava antes a respeito do desdém pela América Latina, porque o grupo *Tel Quel* tem uma influência na Argentina, no Brasil, isso é notório. É claro que é recebido com ceticismo também, em função talvez dessa figura histriônica do Sollers. Mas, pelo que você estava falando, a América Latina não existia...

– Não era bem um desdém, era um desinteresse pela América Latina. Porque os interesses deles primeiro se concentraram na China, e depois se deslocaram para os Estados Unidos, onde a Kristeva teve e tem um enorme sucesso. Com relação à América Latina, eu sempre senti assim um desinteresse. Tanto é que o único escritor latino-americano que o Sollers prezava era o Severo Sarduy, mas o Severo já era ultraparisiense.

– Haveria outra exceção, que seria o Borges...

– É, mas o Borges já não era considerado como latino-americano. O Borges sempre foi absorvido não como argentino, mas como um “escritor europeu no exílio”, como ele próprio se definiu, uma vez.

– Embora profundamente argentino também.

– Sim, também acho. Mas, por exemplo, *Tel Quel* nunca se interessou por Cortázar. Nem se conheciam. Ou, se conheciam, não se interessavam.

– A única menção que eu conheço do Cortázar a *Tel Quel* aparece num dos seus almanaques, em que ele faz um trocadilho com o título da revista – ele fala: *Quel Sel!*

– É porque o Cortázar era profundamente engajado, e sério no engajamento político. Sollers não se interessou nem pelo Cortázar, nem pelo boom da literatura latino-americana. García Márquez, nada disso passou por *Tel Quel*. Apesar dos convites, eles nunca tiveram muita vontade de vir, nem ao Brasil, nem, que eu saiba, à Argentina.

– Tentando tratar de entender as posições políticas do grupo, que você abordava há pouco, eu gostaria de perguntar ainda: a que você acha que se deveu a “supervalorização do momento revolucionário” do Philippe Sollers dos anos 60-70? Voluntarismo, ingenuidade, modismo?

– Ingenuidade, não.

- Oportunismo?
- Eu diria oportunismo, porque ele pegou carona na revolução de Maio, não é?

- Mesmo não aderindo no momento.
- Por isso que eu estou dizendo: ele pegou carona posteriormente.

- O que chama a atenção é a estridência: foi estridentemente marxista e...
- Ah, mas ele é sempre estridentemente alguma coisa, não é? Mas você não acha que já falamos demais de Sollers?

- Uma das coisas que eu lembro do *Altas literaturas* é que você elogiava o artigo dele sobre Mallarmé, “Littérature et totalité”.
- É, o do Mallarmé é o que eu gosto mais. E o do Joyce também é muito bonito.

- Em “Littérature et totalité” ele propunha a reunião do poeta e do proletário...
- É, nesse filão ele estava certo. Você antes perguntou se é possível uma leitura política do Mallarmé. Não só é possível, como ela está feita, por alguém que sempre foi militante de esquerda, o Jacques Rancière. Rancière escreveu um livro que é uma leitura política do Mallarmé. Política no sentido largo, não no sentido da defesa de uma posição política particular. Mallarmé participava daquela utopia moderna – você sabe que eu não conoto negativamente essa palavra, porque utopia é imaginar o que pode ser, o que é sempre necessário para não cairmos num conformismo – de oferecer o “biscoito fino” da poesia para todos. A concepção que ele tem da linguagem como moeda que se gasta, e toda a crítica que ele faz ao economicismo, permite uma leitura política, não é? E quando ele se refere ao proletariado, ele diz “infelizmente, esses não me lerão”.

- *Texto, crítica, escritura* foi reeditado em 1993. De que modo você enxerga, hoje, as idéias-força emitidas nesse trabalho da década de 70? O livro sofreu alterações para sua reedição?
- Não, nenhuma. Quando eu vi já estava reeditado, a Ática me comunicou que tinha sido reeditado. Mas eu não modificaria, porque eu acho que as coisas que a gente escreve têm data, é o que a gente pensava naquele momento. E também não renego, de modo algum. Visto agora à distância, eu acho que há uma confiança excessiva nessa teoria da escritura, que depois eu não perdi mas nuancei, como eu te disse. Para mim, hoje, a escritura é apenas a escrita poética da modernidade.

- Eu coloquei a pergunta porque achei que a reedição teria sido um projeto seu.
- Não, foi porque esgotou e a editora quis reeditar. É um livro que continua sendo muito utilizado universitariamente. Eu não tenho o hábito de reler os meus livros, e até já me lembro mal do que eu digo em *Texto, crítica, escritura*. Mas acho que não mudaria nada. No fim do *Falência da crítica*, por exemplo, tem algo que eu não diria mais. Eu digo que tudo caminha para a escritura, que a crítica não existirá mais, coisas assim. Agora eu acho

que foi um arroubo [risos] que eu tive, na época, ou de época. O fim de *Falência da crítica* me parece mais datado do que *Texto, crítica, escritura*. Porque *Texto, crítica, escritura* questiona a concepção idealista de literatura, o logocentrismo, o sujeito psicológico, trata da intertextualidade... São coisas que eu pus em prática no meu livro sobre Pessoa, por exemplo. É um livro de crítica esteado naquela teoria. Eu não mudei muito com relação a ela, só que eu acho que no novo contexto que a gente está vivendo agora, há um interesse tático em recuperar a palavra literatura de um modo amplo – não uma literatura mumificada, escrita com L maiúsculo, essencializada, desistoricizada, absolutamente não. Quem passou por *Texto, crítica, escritura* não pode mais acreditar nisso, não é? Mas eu acho que, taticamente, convém recuperar a literatura, porque seu ensino está ameaçado. Os “estudos culturais”, resultado do pós-estruturalismo nos Estados Unidos, deixam de lado as qualidades específicas do texto literário, então acho que atualmente convém recuperar a palavra literatura, com minúscula e com toda a sua contextualização conforme a literatura de que se está falando.

– Ricardo Piglia afirmou a uma revista brasileira que um intelectual como Roland Barthes já não teria mais o lugar central que lhe era concedido nos anos 70. Você concorda que houve exagero na avaliação de sua figura e de sua influência?

– Acho que há um grande problema com relação ao Barthes: é que muita gente que se refere ao Barthes, leu um, dois livros do Barthes. E como Barthes sistematicamente mudou de lugar – quando algo se tornava a doxa ele ia para o paradoxo... Então, alguns que leram *Elementos de semiologia* continuam falando mal do Barthes, como se o Barthes tivesse parado lá. Ele não foi abandonado pelos discípulos, ele abandonou os discípulos [risos]. E ele fala disso, da tática do *déplacement* para não ser pego no estereótipo, na doxa, etc. Então, acho que muita coisa que se diz, declarações assim como a do Piglia, eu não sei no caso dele, se baseiam num determinado Barthes que não é o último. E eu acho pessoalmente que a *Aula* é um texto de extrema atualidade. Ela foi profética de muita coisa que ia acontecer, porque ele foi dos primeiros a dizer que o terreno literário estava desertado, quando em 77 ninguém achava isso. Ele diz com ironia: “Está um terreno vazio, a literatura. Et, bien, c’est le moment d’y aller”. Já que está desertado, vamos ocupá-lo. E define a literatura como revolução permanente da linguagem, e tudo aquilo. Ai, como sempre, ele estava decepcionando muita gente que o tomava por guia. O Barthes nunca foi um teórico que oferecesse modelos aplicáveis, não é? E então “barthesianismo” não pode dar noutra coisa senão bobagem. Porque, ou dá a fixação numa das etapas que ele posteriormente abandonou, ou dá – o que felizmente não deu aqui por razões de língua –, num epigonismo de escrever *à la* Barthes, o que é muito chato, porque o estilo Barthes é dele, e repetido já não tem a menor graça. Então eu acho que o Barthes, como inspirador de uma postura diante da literatura, ele está plenamente vivo e atual. Aliás, esse ano, vigésimo aniversário da morte dele, saíram duas páginas no *Le Monde des Livres*, anunciando colóquios e exposições sobre ele, em várias partes do mundo. Quando um escritor morre, principalmente um teórico, durante uma década ou duas ele fica numa espécie de purgatório. Mas eu acho que o Barthes não está de modo algum esquecido, e o que ele diz na última fase está totalmente vivo. Na *Aula*, não só ele prevê um possível fim da literatura,

no sentido em que se conheceu a literatura antes, mas ele diz: “É preciso agir como se ela fosse soberana e imortal”. A descrença dele nos grupos “libertários”, que ele exprime lá, é quase que uma pré-descrição do que aconteceu depois nos Estados Unidos com as chamadas “minorias”. Ele diz, falando de maio de 68: “Eu vi os grupos em nome da liberdade oprimirem-se uns aos outros, e usando o discurso do poder”. Então acho que isso está plenamente realizado, porque cada grupo, feminista, gay, etc., embora defenda causas justas, usa um discurso de poder que é terrível, não é? Nos Estados Unidos, o das feministas se tornou um discurso de poder censório, autoritário e exclusivista. Uma coisa assim assustadora. As feministas do Brasil não gostam muito de mim porque eu sou, segundo elas, tributária de uma estética patriarcal. Então eu brinco que, se a estética tem sexo, então a ontologia também devia ter, não é? Todos os ramos da filosofia seriam assim sexuais.

– Você poderia sintetizar o significado do livro dividido com Emir Rodríguez Monegal, *Lautréamont austral*, e o que pensa a França da “vertente austral”?

– Agora é que nós vamos ver o que eles pensam, porque até agora os editores franceses estavam de pé atrás. O livro foi escrito em 82, e desde que o Monegal morreu, em 83, eu tive uma certa dificuldade, eu fiquei com esse livro como uma herança pesada, porque eu tinha de publicá-lo sem o auxílio do Monegal, que era alguém muito bem relacionado no campo editorial de todos os países. E já foi difícil no domínio hispano-americano, porque o artigo que deu origem ao livro foi publicado na *Vuelta*, do Octavio Paz. O Octavio Paz tinha um enorme interesse por esse trabalho, que o tocava duplamente – o Lautréamont sempre foi uma paixão dele, pelas origens surrealistas do Paz, e segundo porque ele era muito amigo do Monegal. E eu tive ocasião de conversar com ele sobre isso aqui em São Paulo. A promessa do Octavio Paz era de publicação do *Lautréamont austral* nas edições *Vuelta*, mas depois da morte do Monegal e do Nobel, o Paz ficou pairando numas alturas nobelianas, com outros afazeres. Ele se afastou das edições *Vuelta*, que não me davam resposta, e o livro acabou sendo publicado no Uruguai pelas Ediciones Brecha. E o livro teve outros percalços no mundo hispano-americano, porque o Monegal não era bem-visto pela esquerda hispano-americana, por causa de toda a história, muito mal-contada, da revista *Mundo Nuevo*. Era até um dos projetos do Monegal esclarecer essa história. Ele começou a escrever suas *Memórias*, que teriam um segundo volume em que ele ia contar a história de *Mundo Nuevo*, mas infelizmente ele morreu antes. Tudo porque a *Mundo Nuevo* era financiada pelos Estados Unidos, como o Cebrap aqui, como tanta coisa no mundo.

– E por isso ele foi demonizado.

– Ele foi demonizado também pelo fato de ter ficado ensinando nos Estados Unidos. Na verdade, para simplificar as coisas, o Monegal não era um marxista, e ele tinha o direito de ser outra coisa – ele era um liberal, um democrata liberal, de centro, digamos, num período em que era quase que obrigatório ser de esquerda na América Latina. Então, pessoalmente, eu muitas vezes nas conversas discordava dele. Ele era anticubano, por exemplo. Assim, o Monegal era uma das pessoas com quem eu me transformava numa castrista entusiasta, para fazer o contraponto do anticastrismo. Ele era amigo de todos os anticastristas, do

Cabrera Infante, do Severo e de muitos outros. Por isso ele foi demonizado, é boa a palavra, no mundo hispano-americano, houve aquela cisão uruguaia entre ele e o Ángel Rama, que era o bem-pensante, enquanto o Monegal era “o agente da CIA”. Na verdade, o Monegal era também muito mal visto pelos militares uruguaiois, porque ele tinha uma filha tupamara, que se exilou na Suécia. O governo uruguaio negava sistematicamente os vistos de que ele precisava em seu passaporte. Então, ele era profundamente contra as ditaduras militares, só podia ser. Mas são as complicações, não é? – você está me fazendo reviver os anos 60, 70, e a história do Monegal também faz parte dessa época. Um editoras para quem os amigos do Monegal me aconselharam a mandar o livro, na Espanha e na Argentina, me responderam quase malcriadamente que não publicavam livros do Monegal, por razões políticas.

– Isso ainda nos anos 80.

– Isso nos anos 80, até 90. E aí foi publicado no Uruguai, e ironicamente em Brecha, que era um jornal de esquerda! Mas ele tiveram essa grandeza de publicar o livro do Monegal. Aí começou minha batalha para publicar em francês. Eu tenho uma coleção de cartas de editores franceses, que são verdadeiras jóias. Porque elas são quase raivosas, por outras razões. Os leitores das editoras diziam que “esta hipótese de que o Isidore Ducasse fosse bilíngüe é muito frágil”. Ora, não é uma hipótese, existe o texto escrito por ele em espanhol... Depois, é mais do que óbvio: ele passou dois terços da sua vida no Uruguai! Ia falar que língua, além do francês? E nosso livro não diz que ele não é um escritor francês – ele é um escritor francês, ele escolheu a língua francesa, ele viveu num ambiente francês, foi educado num ambiente francês. É um escritor francês – mas não é um francês pleno, o que explica muitas das esquisitices dele, inclusive erros de francês que são espanholismos, como Monegal e eu mostramos. Mas foi recusado por várias editoras na França, por uma espécie de patriotismo francês quase que inesperado nos dias de hoje. Estava claro que eles pensavam: “Vocês estão querendo tirar o Lautréamont de nós!”.

– Quem vai acabar publicando o livro?

– Finalmente, quando eu já estava até desistindo, a editora L’Harmattan, numa coleção dirigida por um historiador especialista em América Latina, Denis Rolland, que não tem absolutamente esse preconceito de que o Lautréamont é nosso, francês, nada dessas patriotadas. Ele disse: “Imagina!, esse livro precisa ser publicado”. Outros franceses também pensavam assim, entre eles o Marcelin Pleynet, do ex-grupo *Tel Quel*, e autor de um livro fundamental sobre Lautréamont, que é o *Lautréamont par lui-même*. Marcelin Pleynet me dizia que a única pessoa que publicaria esse livro na França seria o Sollers – só que o Sollers não publicaria mais livro meu [risos].

– Então você nem o contactou a esse respeito. Claro, não tinha mais sentido.

– Não, não dava mais, não tinha sentido. Mas o Pleynet fez o que pôde. Na revista *L’Infini*, onde ele tem uma espécie de crônica, ele referiu o *Lautréamont austral* como um livro *passionnant* sobre Isidore Ducasse, e estranhava que os editores franceses não o

publicassem. Quer dizer, ele deu uma força. E agora vai sair pela L'Harmattan. Quando saírem algumas críticas, se saírem, a gente vai ver como os franceses vão receber, não é?

– Sobre Haroldo de Campos, de que modo poderíamos relacioná-lo, nos anos 60/70, com as pautas telquelianas?

– Não só telquelianas. O Haroldo esteve sempre em toda parte, antes de todo mundo – eu digo antes dos universitários porque ele não era universitário na época. Ele tinha conhecimento do formalismo russo, tinha contatos antes de mim com o grupo *Tel Quel*, com o grupo *Change*. Aliás, ele ficou mais próximo do *Change*, do Jean-Pierre Faye, do que do Sollers. Foi o primeiro que entrou em contacto com o Todorov, com a Kristeva, com todo mundo. Em compensação, fui eu que o apresentei ao Barthes, num encontro memorável no café “L’Atrium”. Por um breve período, ele foi bem afinado com o grupo *Tel Quel*, porque o Sollers tinha aquela escrita de tipo joyceano, que era a mesma que interessava ao Haroldo, o mesmo paideuma, como eu mostro em *Altas literaturas* – Homero, Dante, Mallarmé, Joyce... E o Sollers sempre foi leitor do Pound também. Então eles tinham muitas afinidades, mas o Haroldo também acabou se afastando do Sollers. Aqui no Brasil, o Haroldo teve um papel importante na difusão do formalismo russo e do estruturalismo. Primeiro, ele apoiava muito os professores universitários que iam por esse caminho, e depois ele foi ser professor na PUC. Mas a referência dele teórica era principalmente o Jákobson. E ele sempre foi um admirador do Barthes, sobre o qual escreveu. O percurso universitário dele tem até algumas semelhanças com o percurso do Barthes, no sentido de que ele também se cansou do estruturalismo (que, segundo ele, se transformou em “terapia ocupacional” de professores pouco inspirados), e até mesmo da semiótica. O curso da PUC aqui de São Paulo foi criado pela Lucrecia Ferrara e por mim, como teoria literária; depois que eu saí de lá, se transformou em semiótica, por influência do Décio Pignatari. O Haroldo continuou fazendo as coisas dele lá na PUC. Chegou num ponto que ele disse: “Eu sou professor de literatura, não sou professor de semiótica”. Então, cordialmente ele também se afastou desse tipo de ensino puramente semiótico.

– O que você pensa da idéia de ficção crítica ou ficção teórica, marcante no trabalho de diversos críticos e escritores atuais?

– Me interessa muito, mas de quem você está falando, em particular?

– Eu poderia citar o próprio Piglia, e também o Silviano Santiago.

– Eu acho que depende de cada realização, mas... que o gênero é muito rico, eu acho que é.

– Por falar em Silviano Santiago, quanto à noção de *entrelugar*, como você a entende? Ela segue surtindo efeitos, ela é produtiva, a seu ver?

– Eu acho que sim. Eu não tenho presente na memória esse texto do Silviano, mas eu acho que a idéia continua sendo muito fértil.

– Essa questão me interessa porque a idéia do *entrelugar* é o que eu imagino que eu esteja trabalhando – essa idéia de pertencermos a ambas culturas, de misturar barbárie com civilização...

– O Lautréamont, nesse sentido, é um representante do *entrelugar*, não é?

– E Borges também: em que medida, para você, Borges poderia ser o modelo do escritor do século XXI, assim como Mallarmé seria o modelo de poeta desse século?

– Não sei. Mas a minha visão pessoal é de que o Borges não pode ser modelo de nada. É muito diferente do Mallarmé, porque o Mallarmé se transformou em modelo da modernidade por toda uma postura diante da literatura, aquela coisa do sacerdócio do poeta, a despersonalização e toda a dispersão sintática, etc., que abriu caminhos para a poesia moderna – caminhos que não são a repetição de Mallarmé, mas que são caminhos férteis, não é? E o Borges eu vejo um pouco como aquilo que eu dizia do Barthes – eu acho que o “borgismo” só pode dar em epigonismo. Ele é muito único, não é? É muito grande, e muito único. Eu não sei se se podem tirar muitas lições de escrita do Borges.

– Mas para os próprios telquelistas ele foi um modelo, no sentido da valorização do leitor, por exemplo, e para os franceses nos anos 60 também, não?

– Acho que houve mais uma coincidência de colocações de Borges com coisas que os teóricos da época diziam. O fato do Foucault ter começado *As palavras e as coisas* com aquela citação, por exemplo. Mas, na verdade, se você vai ver bem a teoria do Borges, ela não é nem moderna. O Borges é um idealista assumido, não é? O Borges é um clássico com ousadias temáticas e, sobretudo, com uma dicção única. Então a gente pode ver ecos do Borges nos escritores atuais, mas eu acho que lições mesmo não, porque... não vejo como. O Pierre Menard, por exemplo, é uma coincidência explicável pelas leituras européias dele também, leituras inglesas e francesas. Só que ele chegou mais depressa e transformou aquilo em ficção. E aquilo tem um valor teórico também, sobre a leitura. Mas é curioso, porque eu veria o Borges muito mais perto do Barthes do que do Mallarmé, porque como teórico e como crítico ele afirma sempre o prazer acima de tudo, a individualidade. O paideuma dele contém as coisas mais disparatadas, não é? As coisas da infância, as coisas da Argentina, escritores menores ingleses que ele adorava... Ele é assumidamente individualista nas suas escolhas.

– Você, tradutora de Roland Barthes, segue com a tarefa da tradução, conforme a saída de Haroldo de Campos, apontada no final de *Altas literaturas*?

– Não. A última tradução que eu fiz foi a *Aula* do Barthes, e já faz tempo, já faz vinte anos. Depois, não. Fiz uma pequena aventura de tradução, um texto do Beckett que saiu na *Folha*, não sei se você viu. Uma peça curta do Beckett que é “O improvisado de Ohio”, uma peça maravilhosa. Saiu há uns dois anos atrás. Mas aí foi um lance de paixão por esse texto, eu tenho paixão pelo Beckett em geral. Mas aquele texto me pareceu particularmente apaixonante pelo fato de existir uma versão inglesa e uma versão francesa do próprio, o que nem sempre é o caso. Em geral, o que ele escreveu em francês foi traduzido em inglês por outra pessoa, e vice-versa. Mas nesse caso, ele escreveu pessoalmente as duas versões. E

fazer uma tradução-crítica para o português que levasse em conta as duas versões, em inglês e em francês, era um desafio. Mas eu não tenho a tradução em geral como projeto. Acho que o tradutor tem de ter um talento de escritor que eu não pretendo ter – eu nunca pretendi fazer obra de ficção ou de poesia.

– Embora as traduções de Barthes sejam supercuidadas.

– Claro, com alguma sensibilidade pela linguagem, pela escrita poética, e com o bom conhecimento de uma língua, você pode fazer coisas respeitáveis, digamos. Mas eu nunca teria o projeto... Quer dizer, “nunca teria” a gente nunca deve dizer, porque de repente fico mais velha e resolvo ser tradutora de coisas incríveis [risos], “operação tradutória”, como diz o Haroldo, não é? Mas, assim, esse tipo de coisas que o Haroldo continua traduzindo, como a *Iliada*, não. Acho que o meu caminho é teórico-crítico. Eu gosto de escrever teoria, gosto de pegar um grande texto literário e escrever um ensaio sobre ele – essa é que é a minha.

Silviano Santiago
Rio, 18 de maio de 2000

– Gostaria de ouvi-lo, para começo de conversa, sobre seus anos de formação. Que caminhos o conduzem à literatura? O crítico e o ficcionista vão se fazendo simultaneamente?

– Durante as minhas leituras de Gide, eu encontrei um crítico chamado Charles du Boss, hoje não tão conhecido, que fazia uma distinção muito bonita a seu respeito: a diferença entre complexo e complicado. Ele diz que Gide é complicado, porque a etimologia de complicado vem do verbo dobrar, quer dizer, são pessoas cheias de dobras. Então eu nunca diria que tive uma formação complexa, eu tive uma formação cheia de dobras. E se vou até a cidade interiorana onde nasci, e talvez seja importante passar rápido sobre isso, Formiga era uma cidade de 30 mil habitantes, mais ou menos, em Minas Gerais. Na época, de Formiga até Belo Horizonte, a capital, eram dez horas de carro – as estradas eram muito ruins. Mas já em Formiga eu me interessei muito por cinema e por revista em quadrinho. Então, apesar de estar numa cidade perdida no mundo, eu tive sem querer uma formação cosmopolita. Eu estava a par de tudo o que estava acontecendo no mundo – é claro, numa determinada visão ideológica, mas estava a par. Quer dizer, o cinema da época tratava muito da questão da guerra, da questão das grandes divisões ideológicas do mundo. E também o gibi, com os personagens Tocha Humana, Super-Homem, essas coisas todas. Então isso é um dado que acho muito importante na minha formação: apesar de estar lá naquele interior brabo, eu tinha já uma cabeça meio viajante. E o segundo dado é que quando vou para Belo Horizonte com dez anos de idade – e sofro bastante nessa mudança – , aos 16 eu já me misturo a um grupo bastante eclético que girava em torno do Clube de Cinema e que portanto congregava todo tipo de gente. Os meus melhores amigos eram ou críticos de arte ou críticos de cinema, é claro. Críticos de arte, escritores, pintores, homens de teatro, atores, etcétera. Quer dizer, eu convivi com isso de uma maneira muito natural, sem ser uma “força de barra” teórica. Era uma vida bastante boêmia, eu diria. E o terceiro ponto, se sigo mais ou menos uma cronologia, é quando eu decido realmente abandonar, ponhamos, o visual, o cinema em particular, e me adentrar pela literatura, que é quando eu faço uma opção pela literatura francesa. E essa opção foi muito pragmática porque era o meu desejo de sair do Brasil.

– Você começa a publicar sobre cinema, não é?

– Meus primeiros trabalhos foram sobre cinema. Fiz parte da *Revista de Cinema*, e fiz um ensaio, juntamente com Maurício Gomes Leite, que na época causou grande escândalo – era a época do neo-realismo italiano e nós fizemos um ensaio enorme sobre o filme musical... [risos]. Então todo o mundo começa a te chamar de alienado, essas coisas assim. Mas foi engraçado, esse período meu cinematográfico foi muito engraçado. E esse seria o terceiro período, quer dizer, de novo, você vê, são dobras – nunca é uma coisa complexa, porque eu não seria capaz de definir aquilo como um ambiente, é muito mais uma questão de dobras. É quando eu venho para o Rio com uma bolsa de estudos da Capes, para me aperfeiçoar em literatura francesa – e aí acho que é um momento bastante definitivo. É quando eu encontro o Alexandre Eulálio: ele me passa um manuscrito inédito de Gide, que vai ser, futuramente, parte da minha tese. E depois eu tenho um professor excelente de

francês, Georges Rayard, que é crítico de arte, professor de literatura, autor de um livro sobre Miró, também publicado no Brasil. Rayard foi sensacional porque ele tinha uma bibliografia superatual – nos passou Barthes, *nouveau roman* e tudo isso. Então eu estava já em 1961 bastante a par do que havia de mais interessante na cena parisiense na época. E, ao mesmo tempo, em virtude de ter feito Letras de uma maneira regular, eu tinha uma boa visão da tradição propriamente dita francesa. Isso foi importantíssimo, tanto que quando eu chego a Paris – sem querer ser esnobe –, devo dizer que não levei susto nenhum, quer dizer, eu passava pelas bibliotecas, livrarias, etc., e estava tudo mais ou menos conhecido. O que realmente foi o grande impacto parisiense, para dizer a verdade, foram os museus, uma coisa que não havia no Brasil. Eu tinha uma visão totalmente literária de pintura, escultura, de arte, em suma. E, de repente, o impacto do Louvre e do Jeu de Paume e de outros museus e de catedrais – isso foi um impacto terrível. Mas, no ponto de vista de livro, não houve. Assim como, mais tarde, quando fui para os Estados Unidos, eu também não senti muito impacto na minha chegada, a não ser pela alta qualidade das bibliotecas, que foi o que me fascinou. Não estou querendo ser de maneira nenhuma esnobe, mas é que eu, por sorte, por mexer com cinema, ser amigo de pessoas que fazem artes plásticas, teatro, etc., eu estava bastante a par do que estava sendo feito lá fora. E então Paris foi um retorno do visual, vi muito filme, e continuei fazendo minha tese. Agora, o terceiro momento, ou o quarto, ou o quinto, que vai ser extremamente importante – depois de ter ido para os Estados Unidos e ter trabalhado como professor de literatura brasileira, portuguesa, e dado e preparado mil cursos –, eu termino minha tese de doutorado em 1968 e passo a ser candidato a um posto em literatura francesa, e sou contratado pela State University of New York at Buffalo. E aí então minha vida mudou demais de novo, porque, em lugar de estar lendo Foucault, Kristeva ou Derrida, ou o que seja, eu convivi com essas pessoas. É claro, foram dias, não meses ou anos, mas dias e às vezes semanas. Eu convivia e discutia com essas pessoas. Então foi um período muito rico. E paro por aqui: acho que é isso que eu chamaria minha formação, iria até o momento de New York at Buffalo, que vai de 1969 até fim de 73.

– Gostaria de tocar na questão de sua ligação com a chamada Nova Esquerda. Você teve uma ligação intensa com grupos radicais?

– Sim, mas na medida em que eu era estrangeiro, não é? E na medida em que estava dentro do *establishment* universitário, e havia demandas muito fortes dos grupos minoritários. Essas demandas vinham sobretudo do lado dos Black Panthers e do lado dos Young Lords, que eram os portorriquenhos. Eram dois grupos ativistas muito violentos, e eles desejavam que a universidade fosse aberta não só ao negro como às questões negras e à visão em suma cultural, à visão de mundo do negro e, no caso, do latino. Nesse sentido, eu servi muito de elemento de *liaison* entre o *establishment* e esses grupos, na medida em que o *establishment* norte-americano não estava preparado para dialogar com essas pessoas. Dou um exemplo muito concreto: o responsável por *Arts and Letters* de Buffalo era John P. Sullivan, um inglês especialista em Pound e os gregos que tinha se tornado meu amigo e que começa a receber em seu escritório os pretos e os portorriquenhos, querendo que se abrisse o que seria mais tarde o Black Studies Center e o Puerto Rican Studies Center. E ele ficava meio

atordoado porque era um britânico nos Estados Unidos que não sabia absolutamente nada da história norte-americana, e de repente encarava esse confronto violento. Em Buffalo, por exemplo, várias vezes a polícia entrou no campus e soltou bombas – inclusive houve uma parte que foi dinamitada pelos terroristas. Quer dizer, era um campus muito quente. E, nesse sentido, ele ficava perdido e me pediu ajuda, para explicar o que estava acontecendo. Mas participar mesmo dos movimentos, eu não participei. Mas dentro dessa negociações, por exemplo, uma das coisas boas que fiz lá foi exatamente um contrato com Abdias do Nascimento, que foi trabalhar no Puerto Rican Studies Center. Esse contrato nunca teria havido se, por acaso, eu não soubesse que o Abdias estava em Nova York, desempregado, e eu achei uma maneira de encaixá-lo numa função que ele desempenhou maravilhosamente bem, porque ele é um homem extraordinário. Ele fez maravilhosamente bem o trabalho dele – e eu fui apenas o fosforozinho que acendeu a chama. Também levamos a Buffalo o “Arena canta Zumbi”, aí juntamente com outro brasileiro que também estava lá, o Ubiratan d’Ambrosio, um professor de matemática. E eu consegui uma exposição do Hélio Oiticica na Allbright Knox Gallery. E assim por diante. O Glauber Rocha também foi levado para lá, mostrou todos os filmes, falou com todo mundo, foi um sucesso. Tudo nesse campus graças a eu ter extrapolado um pouco a condição em primeiro lugar de brasileiro, em segundo lugar de professor de literatura brasileira, em terceiro lugar até mesmo de professor de literatura francesa. Quer dizer, eu virei o que posteriormente se chamou, talvez, um animador cultural do Terceiro Mundo.

– Nesse período, até 1974, você costumava vir ao Brasil? Porque continuam saindo publicações suas por aqui.

– Eu vinha, mas não tanto, eu fico muito silencioso, não é? Eu fico silencioso no Brasil depois de 1961 a 69, 70, que é quando eu publico nas revistas norte-americanas. Aquele ensaio sobre Camões e Drummond, o ensaio sobre *Iracema*, o ensaio sobre *O Ateneu*. E publico muito coisa que eu nunca guardei, resenhas e coisas assim. Também estava escrevendo um livro de contos, *O banquete*, e um livro de poemas, *Salto*, que foram publicados em 1969, 70. E tinha um livro antigo, bem *nouveau roman*, *O olhar*, que eu tinha escrito em 62 e que eu revi em 73 – mas é um livro de 62, já muito influenciado por esse professor Georges Rayard e essa visão de *nouveau roman*, Robbe-Grillet e Marguerite Dura. E Nathalie Sarraute, de quem eu gostava muito também. Quer dizer, já muito influenciado.

– Em relação à Nova Esquerda, como era seu engajamento político na época, e como se dá em sua volta ao Brasil?

– Olha, eu não direi que eu tenho uma personalidade política forte, no sentido estreito de política. Eu tendo muito a viver de uma maneira mais solitária. E tendo também a acreditar que o meu melhor não está, em primeiro lugar, na fala. Quando eu digo fala, é a fala aberta em público, eu não sei falar em público, eu tenho muita dificuldade. Não está na fala aberta e nem tampouco está na coragem, entende? Eu sou corajoso, talvez, mas de outra forma. Eu acho que eu sou corajoso escrevendo um livro como *Stella Manhattan*, em 85. Depois, eu não seria tão corajoso, eu acho. E sobretudo na época fazendo parte já de outro

establishment, que é o *establishment* universitário brasileiro. Então eu acho que as minhas formas de atuação política são mais escritas do que propriamente comportamentais. E, salvo esse período, que foi um período de muita turbulência e em que eu me senti muito bem, porque a minha tendência é mais para o anarquismo do que para o partidarismo. Então eu me senti bem naquela construção de uma nova universidade, de uma nova maneira de pensar, de receber grupos que eram hostilizados, grupos que eram marginalizados. Quer dizer, depois isso tudo virou quase clichê, mas naquela época não eram. E isso é que me seduziu naquela época. Agora, entrar para um partido, Ter vida partidária, isso realmente eu não agüento, eu não suporto. Vai muito contra idiosincrasias minhas até, a minha condição homossexual, etc., que são questões muito complicadas para serem resolvidas assim, quando você tem ou pretende começar a Ter uma vida partidária. Em particular, quando eu comecei, nos anos 50, 60, havia muita hostilidade por parte do Partidão em relação ao que nós chamaríamos hoje grupos minoritários, não é? E talvez tenha sido um pouco isso, tenham ficado gravadas um pouco essas coisas, e aí eu tendo optado mais por uma vida solitária e de grandes amizades. Eu tive grandes amizades e as amizades eram muitas vezes com pessoas que eu invejava um pouco por serem tão boas políticas, entende? Até mesmo na minha família, eu tenho muita inveja do irmão mais novo meu, que, esse sim, foi um ativista, não é? E, às vezes, até em muitos meus personagens há mais dele do que de mim mesmo [risos]. Uns reflexos assim meio estranhos.

– O que me ocorre a respeito desta questão das minorias na época é o exemplo de Cuba.

– Para nós era capital.

– Mas, ao mesmo tempo, extremamente discriminatório.

– Ao mesmo tempo discriminatório na questão homossexual, não é? Eu me lembro que as primeiras reações a Cuba vieram de homossexuais, em particular de um filme que criou um grande escândalo – eu acho que não vou me lembrar o nome dele agora. Era um filme de um fotógrafo, um grande fotógrafo cubano que tinha sucesso nos Estados Unidos e na Europa, e que fez esse documentário mostrando os – entre aspas – campos de Cuba. E foi um filme que teve muito sucesso e que, obviamente, também começou a colocar minhocas na cabeça das pessoas que estava mais e mais se engajando na questão das minorias.

– Campos de repressão.

– É, campos de repressão. O próprio Ginsberg – não sei se lembra – foi expulso de Cuba. Quer dizer, esses casos todos mostravam uma certa intolerância do governo cubano, que obviamente feriam um pouco a sensibilidade artística. Eu acho que a sensibilidade política não, mas a sensibilidade artística sempre se sente um pouco ameaçada, um pouco hostilizada nessas circunstâncias. E, em particular, no caso Ginsberg, por quem eu tinha grande admiração na época. Ginsberg, eu vi várias vezes ele ler poemas, e o Gregory Corso também, que era outra figura admirável. Eram figuras que estavam já tentando esses movimentos. A distinção que eu faço daquela época é que seriam atitudes menos políticas e mais comportamentais, o que aparece no *Literatura nos trópicos*. Quando eu chego no Brasil é que eu começo a ver certas mudanças muito grandes, que se passavam muito mais

no campo comportamental do que propriamente no campo político. E isso me fascinou muita nessa época. O meu ativismo, se houve algum, foi mais nessa direção. Foi menos na direção, de novo, partidária, político-partidária, e mais na direção comportamental.

– Eu tenho uma curiosidade particular em relação a sua trajetória enquanto leitor: quem chega primeiro, Cortázar ou Borges, já que ambos aparecem no ensaio inaugural de *Uma literatura nos trópicos*?

– Quem chega primeiro, mas sem eu compreender direito, é Borges. Porque Borges ainda chega aqui na *Senhor*, que traduz um conto de Borges, o que deve Ter sido em 1958, 59, não mais tarde. Então eu li Borges, não entendi direito, entende? Li, gostei, mas não me fascinou. Borges vai começar a me fascinar quando eu me transfiro da Universidade de Novo México para a Universidade de Rutgers, em Nova Jersey. E, na Universidade de Rutgers, eu me torno muito amigo de um argentino que vivia exilado no México e que passou a trabalhar nos Estados Unidos, que é Luis Mario Schneider. E o Luis Mario Schneider, então, é que me passa os livros do Borges e do Cortázar. Aí, de repente, eu leio os dois ao mesmo tempo, eu não poderia lembrar. Agora, o que é importante é que eu leio Cortázar e Borges depois de Ter lido o mais interessante do romance mexicano. E o romance mexicano não me pega. Porque durante 62-64 eu trabalhei em Albuquerque, Novo México, e eu fui muitas vezes ao México. Então aí eu comprava todos aqueles livros e li todos aqueles autores – eu li todas aquelas coisas da Revolução Mexicana, *Los de abajo*, o *Pedr Páramo* do Rulfo, e aqueles livros meio arqueológicos, *Juan Pedro Jolote*, não sei se você ouviu falar, que é a vida de um índio, essa coisa que depois virou *testimonio*. Mas só que era forma de *testimonio* nos anos 50 ainda. E vi todo o início dos grandes, dos futuros grandes, o Octavio Paz, o Carlos Fuentes, e até mesmo um que desapareceu, não sei o que é feito dele, Yánez. Então eu li tudo isso – agora isso, eu tenho de ser sincero, não sei se porque a presença da França ainda estava tão forte em mim (quer dizer, eu deixei a França em 62), essa coisa não me tocou, mas não me tocou mesmo. Eu fui reativar essa coisa muitos anos mais tarde quando eu fui escrever *Viagem ao México*. E aí foi relativamente fácil para mim escrever *Viagem ao México*, porque eu tinha lido todos aqueles autores, e estava a par mais ou menos daqueles autores. Agora, quando eu leio Borges e Cortázar, por volta de 65, eu diria, aí foi realmente um choque, um deslumbramento, e não havia nada em literatura brasileira comparável, para mim naquela época, entende? E eu fiquei realmente fascinado. Fiquei fascinado e comecei a fazer, obviamente, elucubrações teóricas a partir deles. Eu tinha dito que eles inclusive me serviram de material teórico, o que eu acho que foi muito importante para mim. Porque eu estava lendo os teóricos franceses, já estava bastante a par das novas teorias francesas, nunca me senti muito bem com o chamado primeiro estruturalismo e não conhecia ainda, é claro, Jacques Derrida, nessa época, e ao mesmo tempo o *new criticism* me parecia por demais ascético. Então eu comecei a trabalhar, a ver neles possibilidades de teorização, o que para mim eu acho que foi a grande contribuição. Eu não poderia fazer um livro sobre Borges, ou sobre Cortázar, ou coisas assim, entende? Eu sou um leitor de algumas peças deles. Eu não sou um leitor de obras completas deles, como eu fui, por exemplo, de André Gide e Drummond, e de outros autores. Mas o fascínio, é gozado, o fascínio acaba sendo até maior.

– A respeito da gênese do conceito de entrelugar, em que medida ele seria tributário dos franceses? Ou seria antes dos argentinos? [risos]

– Olha, para falar a verdade, eu não sei. Eu estou sendo muito sincero. A gênese, assim para valer, eu não sei. Eu acho que, possivelmente, a gênese advém da minha própria situação, que eu acabei me tornando um professor de francês, um brasileiro professor de francês numa universidade norte-americana. Que foi uma das razões pelas quais eu voltei ao Brasil, porque minha esquizofrenia tinha chegado a um ponto que não agüentava mais. Quer dizer, eu falava francês nas aulas e no departamento, falava inglês nas reuniões políticas – eu cheguei a ser chefe de departamento -, inglês nas reuniões políticas e falava espanhol em particular com esse grupo portorriquenho, Paco Pabón em particular, que era muito amigo meu, e que era um pouco onde eu fazia minha vida social. Era com esse grupo que eu fazia minha vida social. Então eu não falava mais português, não é? Quer dizer, o português deixou de ser uma língua, para mim, de utilidade. E eu tenho impressão que deve ter surgido desse caos, entende? Por outro lado, eu não tinha uma leitura forte de Derrida, eu tinha conhecido Derrida, mas não tinha lido assim de maneira bastante forte. Eu acho que eu teria alguma dívida para com Derrida se eu o tivesse lido bem. Agora, o conceito surge, é gozado que ele surge em francês, porque é um texto que o Eugenio Donato me encomendou.

– Em 1969, não é?

– Não, ele me encomenda em 71. Em 71 que ele me encomenda.

– Há alguns dados meio perdidos aí, porque em algum lugar você fala que escreveu em 69 [Em “Apesar de dependente, universal”. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 18].

– Não, não. Em 69 eu escrevo “Eça, autor de *Madame Bovary*, que vai ser lido em 70, que está muito próximo. Não, em 71. Nessa edição agora – não sei se você viu -, agora está correto.

– Você falou em março de 71 e, portanto, deve tê-lo escrito um pouco antes.

– Exatamente, um pouco antes, de janeiro a março, mais ou menos. E escrevi em francês mesmo, não é? E já com o título “L’entre-lieu du discours latino-américain”, porque foi um conjunto de conferências que o Eugenio Donato organizou – ele que tinha se tornado grande amigo meu em Buffalo. E Donato – não sei se você sabe -, juntamente com o outro indivíduo, John Hopkins, foram os introdutores do estruturalismo nos Estados Unidos. O Eugenio então era muito amigo meu, e ele foi como visitante para Montreal. Ele era de Buffalo. E ele me convida – e realmente foi um lixo para mim na época, porque foi [René] Girard, Foucault e eu [risos]. Quer dizer, aí então eu tive que caprichar. Eu aí dei o máximo do que eu tinha, e tentei entrar quase que numa loucura, para poder fazer frente a esses monstros na época, entende? E ele não entendeu o título. Você vê que não é tão francês – o Donato não entendeu o título. Ele disse, “olha, não sei o que você está querendo dizer, ninguém vai saber o que é que você está querendo dizer”. E aí ele mudou para um título

enlouquecedor, “L’antropophagie”, sei lá, “Le sauvage” – “isso aqui o pessoal vai entender”. Então, você vê: o Eugenio era atualíssimo, era a pessoa mais atual que eu já conheci na minha vida. Saiu uma coisa e ele jáe estava a par. Lia com uma facilidade enorme e absorvia também. Então, eu acho difícil – se eu tento traçar agora, talvez tenha vindo misturada com... – eu vou dar as misturas que eu acho que havia na época e que foram fortes, porque eu dei cursos, etc. – misturada com Lévi-Strauss, *Tristes tropiques*. Eu dei um curso-conferência antes sobre Lévi-Strauss e *Tristes tropiques*. E misturada com o poeta que eu estava ensinando nos cursos de pós-graduação, que era Robert Desnos. Eu acho que é uma mistura dessas coisas, sabe? Robert Desnos, quem mais? Cortázar, é claro, também. Mas Borges mais forte que Cortázar. Mas também. E depois, eu acho que era um pouco o enfrentamento da minha própria condição, entende?, de não Ter um lugar – eu não tinha literalmente um lugar. Agora, a partir do momento que eu cunhei a expressão, é claro, aí já são outros quinhentos. Mas a sua pergunta era sobre a gênese. Então, a gênese, para mim, é muito difícil.

– Em relação à expressão em si, me chamou a atenção o fato de que ela não aparece, absolutamente, no texto, apenas no título. Isso é deliberado?

– Olha, não sei. É uma boa pergunta, viu? Não sei se é porque o Eugenio não gostou do título e eu já não podia usá-lo. Eu acho que é isso, eu não podia usá-lo no texto! Porque o Eugenio não gostou do título. “Ninguém entende o que você está falando. O que é isso de *entre-lieu*? Ninguém entende isso!” A questão da diferença estava no ar, mas daquela maneira extremamente sofisticada de Jacques Derrida, entende? A escritura e a diferença. Não essa diferença meio politizada, meio ideológica, isso não estava no ar. Então as pessoas não entenderiam. Talvez seja essa a razão: como eu não poderia usar, o próprio trabalho não teria aquele título, entende? E eu não poderia usar o conceito dentro, porque se eu usasse o conceito dentro, haveria de novo “o que está acontecendo?” Mas eu me lembro de um professor que gostou demais do trabalho, e teve muita discussão, para falar a verdade. Os canadenses entenderam, porque havia muitas alusões ali ao Canadá, muitas alusões ao Canadá. A questão do bilingüismo, etc., era tudo porque eu estava falando no Canadá. E eles entenderam, e houve muita discussão – muito mais do que eu acho que o Eugenio esperava. E um professor que discutiu muito o trabalho, depois se tornou até um bom teórico de autobiografia, que é o Jim Vance, não sei se você ouviu falar. Depois ele escreve muito na *Poétique*, e essas coisas. Mas ele foi uma pessoa que estava lá na platéia, e que ficou colocando perguntas. E os canadenses, porque a questão do entrelugar para os canadenses era até mais forte, porque De Gaulle tinha passado por lá e dito: *Vive le Québec libre!* Então, a questão do bilingüismo, de você não ser uma coisa nem outra, e de querer ter uma identidade, e você não pode ter essa identidade porque o próprio país não tem uma identidade única, etc. E algumas frases ali, se você prestar atenção, elas são dirigidas à platéia. E eu as conservei, é claro, não tinha sentido retirá-las. Uma, inclusive, que está solta, praticamente solta, que é um parágrafo, está praticamente solta – aquela foi escrita para o meu público, entende? E obviamente ficaram todos regozijantes, porque era a Université de Montreal, que era a universidade que se opunha à universidade inglesa, que

era a McGill. E a McGill era britânica, inglesa, e a Montreal, que não tinha nenhuma importância, ela passa a ter importância a partir desse movimento de Québec *libre*.

– Eu gostaria de me reportar à reedição, à retomada deste livro.

– Eu não mexi nada, você reparou? A não ser uma ou outra questão sintática, talvez, uma ou outra coisa. E traduzi todas as citações, esse que é a diferença.

– Em uma entrevista publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* (24 de abril de 2000), feita por José Castello, você falava de um “choque”, de uma certa “crueldade” e de um certo “destempero”, ao rever os textos de *Uma literatura nos trópicos*.

– Foi, é verdade.

– E, no entanto, eles continuam a ser lidos como exemplares até hoje. A que se poderia atribuir a seu ver essa atualidade?

– Em primeiro lugar, aí tem um problema: é um velho relendo a sua juventude crítica, não é? Então, para mim, eu me achei muito cruel. Eu falei, “meu deus, eu não sabia que era tão cruel”. Em segundo lugar, eu acho que a atualidade do livro pode advir do fato de nós estarmos voltando a uma politização da cultura. Eu acho, a grosso modo, que o período Guimarães Rosa/Clarice Lispector – que a meu ver foram dominantes nos anos 80, 90 –, ele está passando um pouco, e há um retorno à politização. E eu acho que o livro, de certa forma, é extremamente politizado. Então ele, de repente, retorna num momento bom. Eu acho que se ele tivesse retornado no momento quente do que eu chamo “Clarice” – e você pode estar imaginando a que autores eu estou me referindo, não é?, estou me referindo a vários filhos de Clarice –, eu acho que não teria tido tanta repercussão. E, por outro lado, o livro não foi entendido, a Segunda parte do livro não foi muito entendida na época porque era muito comportamental, e as pessoas ainda estavam muito literárias. E eu estava mais interessado em ler as revistas chamadas marginais – e também os jornais e revistas do *stablishment*, mas mais como eles enfocavam os artistas do que propriamente ler as obras. E eu acho que isso foi uma coisa que se tornou muito forte a partir dos anos 90. Tanto que você vê que revistas como *Veja* passam a ter uma seção que chama Comportamento, e não havia isso antes. E eu acho que, de repente, eu saí um pouco na frente nessa leitura de comportamento. Agora, eu devo tudo isso a uma única pessoa, que é o Hélio Oiticica. Quer dizer, o meu encontro com o Hélio Oiticica por volta de 1969, 70 – eu não saberia precisar agora – foi definitivo, de-fi-ni-ti-vo. Foi uma pessoa que me iluminou muito, me esclareceu muito sobre o que é vida e arte, e onde essas distinções entre obra e comportamento, essas distinções são muito ilusórias. A gente pode construí-las, mas elas são totalmente ilusórias. Quer dizer, a hora que eu vejo uma figura como Caetano em 73, eu fico totalmente fascinado. E essa curiosidade minha de saber quem é Caetano. Nunca conversei com ele, não conversava com ele nem nada – mas de querer saber através do mito entre aspas que ele estava criando, através dessa expressão, que se não me engano é dele próprio, que era o superastro. Essas coisas me fascinam demais, e eu me jogo nisso no momento em que todas as pessoas estão com medo de se jogar nisso. E então talvez eu seja uma espécie de avô das

peças que hoje se tornaram tão comportamentais, quer dizer, tão interessadas pelo comportamento. Não sei...

– Voltando à questão do entrelugar, o fato de o conceito ter se tornado “uma moeda bastante comum na crítica literária brasileira” (como diz José Castello), isso teria a ver com aquela “estranha sensação” que você manifesta na nota prévia da reedição do livro, ou simplesmente te alegra?

– Olha, eu tenho de confessar uma coisa para você, que é muito profunda em mim: eu detesto me repetir, e detesto que me repitam. É uma coisa assim muito louca. Você vê que nenhum livro meu é semelhante ao outro. É claro que numa leitura muito cuidadosa deve haver semelhanças. Mas assim aparentemente são livros muito diferentes, cada um caminhando numa direção, etc. Eu tenho muita raiva da repetição sem diferença, entende? Então quando é alguém que cita o conceito de entrelugar em diferença, seja fazendo crítica, seja abrindo novas possibilidades, etc. isso me deixa alegre, me envaidece. Agora, se é uma coisa assim meio repetitiva no sentido estreito, aí me incomoda. Eu vou te dar apenas um dado muito concreto. Eu devo ter orientado quase 50 teses. Eu acho que em nenhuma dessas teses o conceito de entrelugar está trabalhado. Tenho quase certeza. Quer dizer, eu não fui um professor que fez discípulos, eu fiz cúmplices, eu acho. As pessoas que fizeram mestrado, doutorado comigo, eu acho que são muito mais cúmplices do que propriamente discípulos. Eu acho um dado importante dizer isso. Embora... vale o que vale [risos].

– Ainda a respeito do livro, você excluiu alguns artigos do período, a exemplo daquele sobre Milton Nascimento.

– Sobre *Iracema*, e o do Milton Nascimento, que chamava “Las botas y el anillo de Zapata”, numa alusão a uma canção dele na época.

– Qual foi o motivo? Exigência do editor?

– Não! É porque eu não estava satisfeito. De maneira nenhuma – esse livro eu entreguei dessa maneira à editora. O que eu lamento mais é o ensaio sobre *Iracema*, que é o “Alegoria e palavra”, um ensaio de que gosto muito até hoje. Nunca tinha relido, eu fui relê-lo outro dia e fiquei assim meio assustado com o ensaio escrito em 1963, 64. E o que é realmente uma lástima ter excluído é o “Camões e Drummond”, que eu acho que significou uma ruptura nos estudos do modernismo, porque pela primeira vez alguém estava saindo *make it new*, não é? Eu estava mostrando que possivelmente o maior poema moderno brasileiro, certamente o melhor poema de Drummond, ele era um poema eliotiano, que trabalhava a tradição portuguesa, que era a questão da máquina do mundo camoniana. Então eu acho que foi uma lástima, porque ele teria talvez exercido maior influência na leitura dos poetas modernistas, quando se começa a comemorar 50 anos, 60 anos de modernismo, eu acho que teria talvez impactado. Eu sei que Drummond me mandou um poema na época, “Cammond & Drummond”, gozando muita a história e tudo. Quer dizer que ele ficou sensível – era um poema muito elaborado, extremamente elaborado –, ele ficou sensível àquela situação que eu estava lançando, e que ao mesmo tempo o retirava da condição de autor de “Uma pedra no meio do caminho”. Porque Drummond naquela época

era o autor de “Uma pedra no meio do caminho”. Você pega os Campos, é o autor de “Uma pedra no meio do caminho”, o autor daquele “O fácil e o fósfil”, daquele outro de jogo de palavras, etc. De repente, lá tem uma pessoa provando que “A máquina do mundo” não é tão gratuita, é toda uma elaboração do Canto X dos *Lusiadas*, etc. E até mesmo o terceto, e por aí vai, quer dizer, a forma que ele utiliza, etc. Lamento apenas não ter tido a coragem – aliás, não foi uma questão de coragem: é que a revista norte-americana que aceitou publicá-lo tinha número de páginas, e eu terminava esse artigo de Drummond com uma leitura do “Aleph” – “A máquina do mundo” e “O Aleph”. Talvez seja por isso, porque me parecia talvez um artigo meio mutilado. Eu sei que não quis colocá-lo. Nunca está, quer dizer, não está nas minhas obras esse artigo. Depois foi publicado no “Suplemento Literário de Minas Gerais”, mas eu nem sei se saiu bem ou não. Foi muito mais tarde. Nos Estados Unidos ele foi publicado, se não me engano, em 1966, por aí, embora ele tenha sido escrito em 63.¹ Mas houve uma reação violenta do Houaiss contra o artigo. Foram umas coisas meio curiosas, sabe? ... parte do poema de Drummond, etc. E, sem querer, eu acho que eu já estava fazendo literatura comparada, que é uma das coisas também importantes no entrelugar. Eu já estava tentando estabelecer, consciente ou inconscientemente, uma matriz teórica para poder se discutir literatura no Brasil. Porque aquela introdução do *Candido*, que é “a literatura brasileira é um ramo”..., logo no início de *Formação da literatura brasileira*: “a literatura brasileira é um ramo de um galho menor que é a literatura portuguesa e não se pode lê-la sem conhecer as outras” etc. etc. Então aquilo era muito importante na minha cabeça, muito importante. Eu procurava uma matriz teórica para entender aquilo – em virtude talvez até mesmo daquele cosmopolitismo a que eu me referia, desde criança. Não me contentava apenas a manifestação brasileira. Eu queria ampliar – o que está no livro de poesia *Crescendo durante a guerra...*, basicamente. *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina* é um retrato muito fiel dessa minha situação numa cidade do interior.

– Sobre outro texto de *Uma literatura nos trópicos* – “O caminho circular da ficção” –, José Castello o considera injusto com Sérgio Sant’Anna. Relendo-o, eu me perguntava, e gostaria de perguntar a você, se não seria antes uma questão de atitudes e posicionamentos diferentes diante da literatura.

– Mas claro! Usando termos muito francos, é um livro do Partidão, é um livro insuportavelmente Partidão, entende? E daí o título “O caminho circular da ficção”, não é? Não será outra verdade? Quer dizer, eu tento mostrar como é um livro que trabalha com todos os clichês da época a respeito de repressão, censura, etc. E eu já estava muito mais interessado em figuras como o próprio Caetano, como é que ele estava trabalhando isso. Ou os jovens poetas, os poetas que depois serão chamados do mimeógrafo. E o Hélio Oiticica, sobretudo a figura do Hélio Oiticica em Nova York, que era uma referência muito precisa para mim. E, de repente, eu vejo um jovem que começa com clichês, muito difícil... E quando você vira chefe, perde todas as características que você tinha antes. Você entra numa determinada sala, se não me engano, e todos os retratos são iguais porque são todos

¹ O artigo é reproduzido *ipsis litteris* à p. ... , após a entrevista.

X

chefes, entende? E eu já tinha lido isso em *La nausée*, e *La nausée* inclusive já era mais inteligente, já tinha a figura do autodidata, já tinha a figura do *salaud*, já era um livro bem mais complexo politicamente. E ali eu acho que foi uma reação política, não foi nem uma reação literária, para falar a verdade. Eu bem mais velho do que ele – quer dizer, eram os novos de Minas Gerais, do Suplemento, com quem eu mantinha uma relação simpática –, e de repente lá estou eu diante de uma pessoa que eu julgo velha, que eu julgo com um texto velho. Então eu reagi, e reagi dentro da minha linha naquela época que era um pouco cruel [risos], era meio perverso. Então talvez eu poderia ter feito um texto menos perverso, talvez até mais didático, mas naquela época eu não fazia texto muito didático, porque eu estava vindo dessa crítica francesa meio retórica, e que trabalha muito com a alusão e pouco com o vocabulário concreto, não é? Então aquilo é cheio de alusões ali. E depois, também, todos meus textos trabalham muito com a alusão, todos meus textos críticos. Claro, não sei se as pessoas sabem ou não sabem, mas na hora que eu estou escrevendo ou trabalhando tem uns jogos de alusões que são muito importantes. Às vezes até entre textos e tudo, alusões ao que vem antes, o que vem depois, etc. É um sistema que eu diria que não é tão simples assim quanto um sistema da crítica tradicional brasileira anterior à minha geração, não é?

– O que deve ter a ver com a diferença que você mencionou entre o complicado e o complexo.

– É, são essas dobras, é tudo muito cheio de dobras. Você tem que ir desdobrando as coisas, para irem se revelando. Acho que você tem razão.

– Há, em *Uma literatura nos trópicos*, algo como uma oscilação, talvez não uma oscilação, mas uma separação nítida entre a Biblioteca (Borges, Haroldo, etc.) e a rua...

– O corpo, não é?

– Sim, e o corpo, a rua, os *mass media* (Chacal, etc.). A que você acha que se deve essa separação?

– É aquela questão do comportamento, não é? Os textos mais políticos vão para comportamento.

– Mas, ao mesmo tempo, o texto sobre o entrelugar é um texto político e envolve essa biblioteca. Então, de certa maneira, você traz ela à rua.

– Para falar a verdade, como eu estava te dizendo, eu comecei pelo cinema e a história em quadrinho. O que me encantou em Paris foi o Louvre, foi o Jeu de Paume – eu sou muito visual, sabe? Talvez a diferença seja até entre a palavra e a imagem, para falar a verdade. Acho que é a palavra e a imagem, a diferença. Os primeiros textos são sobre a palavra, e os textos finais são sobre a imagem. Eu acho que seria mais isso, agora que você me fez a pergunta.

– Olhando do nosso presente, o que restaria para você daquele período da poesia dita marginal, daqueles seus livros precários? Eles ainda são legíveis?

– Muito pouco. Agora, de novo, eu acho que alguém precisava falar daquilo. Eu sou muito a favor disso, de dar força a uma coisa que surge como nova – ainda que o futuro desse novo seja uma incógnita. E eu achava importante dar um basta no projeto concreto naquele momento. É uma coisa que está ali muito clara: dar um basta no projeto concreto, em primeiro lugar. Não porque o projeto concreto não fosse excepcional, mas é porque já tinha esgotado, já tinha se esgotado o que ele podia fazer. E, por outro lado, me fascinava o retorno do coloquialismo, porque pelo coloquialismo não haveria distinção entre a política comportamental e a obra de arte. Quer dizer, aí havia uma linguagem codificada que exprimia um comportamento que na época eu via como revolucionário. Essa ligação entre atitude revolucionária e uma linguagem codificada, e, ao mesmo tempo, que circulava sem as barreiras da repressão, isso me pareceu muito forte na poesia daquela época e me chamou a atenção. Agora, depois, essas coisas caem um pouco na vala comum, não é? Ainda mais porque surge o movimento posterior, acho que talvez encabeçado por Ana Cristina César, em que realmente há um trabalho admirável do verso. Quer dizer, eu acho que a partir dos anos 80, a dicção poética no Brasil nunca esteve tão variada, tão rica e tão extraordinariamente bem trabalhada. E isso graças ao fato de que a maioria dos poetas jovens se tornaram tradutores. E, ao traduzirem, eles incorporaram novas dicções. Então o verso pós-concretista, o melhor verso pós-concretista, não é dos próprios concretos escrevendo seus poemas já mais discursivos, mas está nas traduções dos próprios concretos. E vai estar nas traduções dos bons poetas posteriores. E essa dicção, então, brasileira, ela me surpreende até hoje demais. Como é rica a dicção poética brasileira em comparação com a francesa, com a inglesa! A variedade, as possibilidades de organização do poema tornaram-se infinitas. Eu gosto muito da poesia pós-mimeógrafo, eu acho que essa ainda está muito viva. Agora, entre o pessoal do chamado mimeógrafo, eu acho que o Chacal é um bom poeta, continua um bom poeta, de certa forma o Chico Alvim é um bom poeta também. Alguns deles permanecem, mas – eu vou dizer uma coisa meio sem graça – não sei se Chacal chega, por exemplo, aos pés da Ana Cristina, sem trocadilho [risos].

– Os concretistas poderiam ser considerados tradicionais em seu desejo de sistematização, ainda que fosse do *make it new*, diante dos marginais?

– Eles se tornam conservadores, e não só conservadores: o que eu acho pior no grupo – quer dizer, de novo, repito, eu quero deixar bem claro que acho que eles têm qualidades excepcionais –, mas o que eu acho pior no grupo é o caráter totalitário. A palavra é forte mas eu acho que é isso: o caráter totalitário. E numa época em que havia censura por todos os lados, eles exerceram demais o direito à censura. Eles deveriam ser mais tolerantes naquele período, fazer a própria obra e pronto. Ou, então, se quisessem ser espécies de Mário de Andrade – querer desenvolver um projeto por todo o Brasil e pelo mundo inteiro –, tinham que ser mais tolerantes. Quer dizer, não dá! Esse é um problema que realmente me afastou muito dos Campos. Você sabe que eu tenho poemas publicados em *Invenção*, mas me afastou muito deles essa intolerância. Eu estava exatamente num outro mundo. E os poetas marginais eram exatamente isso: era um grupo com um jogo de corpo fascinante, não é? O jogo de corpo deles era fascinante naquela época. Para mim, sobretudo, que vinha

dos Estados Unidos, e que estava vendo o Brasil, quer dizer, um país esclerosado, com comportamentos ultraconservadores, esse jogo de corpo deles me fascinou.

– A que se deveria a passagem tão rápida da “contestação” à “curtição” no Brasil, entre 1968 e 1972, na sua opinião?

– Eu acho que o Brasil sai na frente: ele abandona o que eu chamo a cultura do luto e adota a cultura da alegria. Daí Caetano ser tão importante nos meus trabalhos, porque Caetano é o primeiro que faz essa transição. E ela é importante para mim filosoficamente, porque você sai de teorias nitidamente literárias (*new criticism*, estruturalismo, etc.) e adota uma postura nitidamente nietzscheana, não é? Os meus escritos dessa época são muito influenciados por Nietzsche, em particular pela *Genealogia da moral* e a questão do ressentimento, que vai nitidamente até *Em liberdade*. *Em liberdade* é um livro contra o ressentimento. Ao lado da *Genealogia da moral* eu colocaria também *O anticristo*, quer dizer, o mártir, o sofredor, etc. E então é isso o que eu teria a dizer. São coisas que eu não tenho habilidade para desenvolver, que é um discurso filosófico – eu leio, mas eu não tenho formação, eu não tenho preparo. Mas o fundamento filosófico das minhas atitudes, antes de ser Derrida, ou qualquer coisa, era Nietzsche. E Freud, obviamente, era Nietzsche e Freud, e muito forte. O Eugenio me passou muito livro de psicanálise, muita coisa assim que me fascinou na época, que, de novo, é um outro discurso que eu não consigo manter em virtude de não ter formação, que transparece no ensaio sobre *A Bagaceira* de maneira muito nítida, mas eu não conseguiria manter esse discurso teórico com certo *élan*. Porque me falta. Agora, existe a leitura por detrás, que eu acho importante estar te dizendo quais são as leituras por detrás.

– Você concorda que a Tropicália e o posterior “desbunde” teriam se institucionalizado? Penso, claro, nos casos de Caetano e Gil, para quem a noção de transgressão parece ter perdido o sentido. Aliás, a seu ver, ainda podemos falar em transgressão?

– Sobre a primeira parte, eu acho que você tem toda razão. O que me fascinou na época, com o tempo, se perdeu. Agora, isso não quer dizer que Caetano ou Gil e outros mais não continuem grandes cantores, grandes compositores. Mas já não tinham nenhuma originalidade para mim. É tanto que você vai perceber que eu abandono completamente a música popular. Eu não escrevo mais sobre música popular – só volto a escrever sobre música popular sobre Cazusa. Mas abandonei completamente. Você não vê, se não me engano, em *Vale quanto pesa*. Pode ter uma ou outra alusão, mas não tem uma questão. E nas *Malhas da letra* muito menos, não tem. Porque o objeto não me interessava mais, o objeto se tornou um objeto comum, um objeto vulgar, sem sentido pejorativo da palavra. Então, você tem razão. Agora, a outra pergunta, o outro lado, que é a transgressão. Esse é o dado importante que me fez caminhar da teoria literária para estudos culturais. Porque dentro da teoria literária havia certos interstícios que me fascinavam muito, que era a música, que era o teatro, essas coisas. Agora, com a vulgarização desses interstícios, nós ficamos de novo com uma teoria literária por demais pura. E o meu desejo naquele momento foi de buscar novos objetos, que seriam mais próximos da literatura, mas que ao mesmo tempo eram rechaçados pela literatura canônica. Então eu vou começar a fazer um

trabalho bastante desenvolvido sobre textos não canônicos. E nesses textos não canônicos haverá sempre uma dose muito grande de transgressão, ainda que seja uma transgressão à história da literatura. Mas haverá sempre uma forma de transgressão que vai me fascinar. Então eu diria que é uma passagem discreta da teoria literária para estudos culturais, que teria de ser analisada. E a transgressão passa a estar nos estudos culturais, aonde você tem a questão do feminino, você tem a questão da homossexualidade, você vai ter a questão das etnias, e assim por diante. Que são, a meu ver, as novas formas de transgressão. É claro que em todas elas você vai ter também cooptações, mas nas formas mais autênticas vão estar aí, e vão me fascinando demais. Um livro, por exemplo, como *Uma história de família*, que no fundo já é uma reflexão sobre Aids, é um livro em que eu vejo transgressão e morte, quer dizer, os temas básicos de Bataille – aliás, como estão também em *Stella Manhattan*, os temas básicos de Bataille estão em *Stella Manhattan*. Então eu começo a buscar essas outras formas de transgressão, e onde elas estão? Já não estão mais na música popular. Quer dizer, pelo menos na música popular brasileira.

– Em relação aos estudos culturais, não seria importante enfatizar a diferença em relação aos *cultural studies*, ao seu viés norte-americano, politicamente correto?

– É, mas tem muito a ver, viu? Eu tenho de confessar que tem muito a ver, e tem também muito a ver sobretudo com estudos culturais na Inglaterra. Eu acho que a fonte talvez mais forte sejam os estudos culturais na Inglaterra. Mas são movimentos universais, quer dizer, são investidas políticas que se passam em vários planos. E o problema a meu ver sempre – e daí o entrelugar ser um conceito importante nas coisas que eu faço – de estabelecer um determinado lugar polêmico de discussão. Porque o entrelugar, ele não é pacífico, não é? O entrelugar é *polemos*, é o lugar da polêmica, é o lugar da briga, é o lugar do confronto, é um lugar – se não fosse forçar demais –, eu diria até um lugar dialético, em que as grandes batalhas teóricas estão se dando. E nesse sentido, então, existe um entrelugar de estudos culturais a ser definido tal como ele se apresenta no Brasil. Com características, obviamente, que não podem ser semelhantes às norte-americanas. Eu acho que a gente teria de discutir muito a questão religiosa, para poder ver como ancorar estudos culturais no Brasil sem passar pelo politicamente correto. Eu acho que a questão protestante nos Estados Unidos informa muito os estudos culturais. Enquanto no Brasil seria todo um campo de trabalho a ser estabelecido, e é a questão católica. Não mais a teologia da libertação, é claro, mas uma discussão muito forte das raízes católicas do nosso comportamento. E isso nos falta, nós não temos pessoas que estejam discutindo isso. Eu tentei fazer um pequeno artigo, que vai sair naquela revista *Brazil Brasil*, que se chama exatamente “O homossexual astucioso”, que seria a diferença entre o homossexual assumido. O homossexual assumido seria tipicamente norte-americano. E nós teríamos uma forma aqui, que seria o homossexual astucioso, que condiz muito mais com a nossa formação católica, e com o fato de no Brasil a lei ser menos forte e a norma ser mais determinante do comportamento. Então eu acho que teriam coisas aí de ser discutidas, e que são muito complexas, a meu ver, ainda, para se estabelecer um paradigma teórico.

– Eu gostaria de voltar um pouco aos franceses e, especificamente, aos *telquelianos*, e gostaria de saber como você enxerga hoje essa noção tão presente na época de “escritura”, de “texto”, essa espécie de “não-gênero” que substituiria a própria idéia de literatura.

[Silêncio]

– Você acreditava nisso?

– Acreditava nisso, e houve uma revolução – a palavra revolução é forte –, houve uma transformação muito grande, a gente ainda está vivendo essa transformação, que é a questão do computador. Eu acho que a questão do computador está nos obrigando a recolocar essas questões que a gente tinha como aceitas e como válidas. Então, o computador, de certa maneira, vai trazer novas formas de apresentação de texto, que a gente tem que estar sensível a isso. Já começam a existir textos que são escritos para a internet. Vai trazer problemas complicados de redefinição de leitor. Essa redefinição de leitor que, a meu ver, é um problema sempre delicado em termos de ficção, mais – menos em termos de poesia. Vai trazer também novas possibilidades de trabalhar os jogos de alusão. Eu acho que a página do livro é uma tela muito fraca para que você possa trabalhar os jogos de alusão, os jogos de citação, os jogos de intertextualidade. Eu não sei como é que a gente vai resolver isso, mas o computador possibilita isso. Então eu diria, de maneira precária, que essa transformação que está se dando no Brasil nos anos 90, a gente ainda nem pode imaginar o que sairá disso.

– E teria um começo naquelas noções?

– É muito difícil você trabalhar a partir de zero, eu não consigo trabalhar a partir de zero. Quando eu falei, por exemplo, de cultura da alegria, eu estava partindo de uma cultura do luto, que tinha de terminar, porque senão ficava um país insuportável. Você introjetava toda raiva, você introjetava todo ódio, você introjetava tudo o que havia de pior, para estragar sua vida. Tinha de haver um movimento que visse nessas formas de degradação humana a possibilidade de uma recuperação pela alegria. Então para mim é muito difícil trabalhar assim no ar, sem pontos de apoio. E os pontos de apoio para mim seriam... vamos chamar pós-estruturalismo, ou pós-modernismo. Já está um pouco claro em algum trabalho que eu fiz sobre o Lyotard, por exemplo, a questão da exteriorização do saber, que é uma questão, a meu ver, que ele lança e não trabalha muito, mas que a gente devia trabalhar cada vez mais: que o saber, a noção de *Bildung*, de formação, típica da nossa cultura, originária do século XIX, esse conceito vai se estilhaçando com as novas formas de empacotamento do saber, com as novas formas de arquivo do saber. E com a própria maneira como a ciência trabalha esse arquivo e trabalha esse empacotamento. Então a gente teria que ter – e é o que Lyotard sugere – uma maneira mais lúdica de trabalhar as novas formas, entende? E o lúdico ao que a gente se referia nas décadas de 70 e 80 é muito precário em relação às possibilidades do lúdico a partir do computador, a partir do *software*, para ficar mais claro. Quer dizer, são coisas que eu antevejo, mas realmente não posso ir além do que eu estou dizendo.

– Em sua entrevista ao *Estadão* percebe-se um certo cansaço de estar *up to date*, o que você mesmo disse verificar, em relação ao que aconteceu nos anos 60 e 70. Você estava lendo, estudando, trabalhando os estruturalistas e pós-estruturalistas, e houve um afastamento, uma espécie de fastio teórico.

– Eu tinha muita energia [risos]. Tem um título do Cesare Pavese, que eu sempre gostei muito, que é *Lavorare stanca*, trabalhar cansa. E eu acho que é um pouco isso. Você corre, corre, corre enquanto você tem energia, enquanto você tem uma força muito grande. E a partir de certo momento, eu fui sentindo o peso da idade e eu fui sensível a isso. Eu tenho um livrinho de poemas, que é meio rastaquera mas é importante assim como documento, que chama *Cheiro forte*, e que é sobre envelhecimento e sobre isso a que você está se referindo. Hoje, por exemplo, eu estou vindo de Nova York, e me dá a impressão de que eu nem devo voltar a Nova York. Ou bem é um *déjà vu*, e aí é a questão da repetição que me é insuportável, ou bem é um lugar com um potencial tão extraordinário, mas que está muito além das minhas forças atuais. Eu teria de ser o mastodonte [risos] que eu fui nos anos 60, 70 pra poder enfrentar essa nova Nova York, que é uma cidade sempre fascinante, muito fascinante realmente. Mas você tem que ter muita força para enfrentar aquilo, e para circular por aqueles caminhos e não cair nos lugares comuns, quer dizer, ir de novo ao Moma, ir de novo ao Metropolitan, ir de novo a não sei aonde. Isso tudo bem, isso, é claro, a gente faz. Mas agora esses novos caminhos de, em suma, sexo ritualizado, ou formas de desterritorialização dos bares, dos lugares de encontro, que são coisas que eu percebi meio de longe, mas você precisa de estar correndo ainda, e não dá muito para correr nisso, não é?

– Você também estaria num momento bastante voltado à literatura, à ficção, mais do que à crítica, segundo aquela matéria de jornal.

– Não, eu acabei de escrever um trabalho longuíssimo agora sobre a viagem, o conceito de viagem em Lévi-Strauss. Não acho verdade. Eu sou muito esquizofrênico para poder te dizer que eu estou interessado em uma coisa só. Eu estou fazendo um trabalho de 50 laudas, acho que é o maior ensaio que eu já escrevi na minha vida, sobre o conceito de viagem em Lévi-Strauss nos *Tristes trópicos*. Mas só o conceito de viagem, quer dizer, eu não entro nas questões propriamente ditas etnográficas. E é ao mesmo tempo uma leitura crítica de um célebre estudo de Derrida, “La leçon d’écriture”. Então eu acho que não confere. Agora, eu estou muito interessado em escrever um romance também sobre um crime passional que houve em Belo Horizonte – porque eu nunca fiz nenhum livro sobre Belo Horizonte, então eu quero fazer um livro sobre Belo Horizonte [risos]. Acabei de passar dois anos dedicado a isso [aponta à coleção *Intérpretes do Brasil*, em três volumes, que organizou para a editora Nova Aguilar], que foi uma loucura total. Quer dizer, não sei, eu sou muito dividido para fazer uma afirmação assim. Agora, pode ser que na hora foi sendo encaminhado para isso. Mas não, eu não diria. É até difícil, porque o tipo de literatura que eu faço é um tipo de literatura autorreflexiva – quer dizer, dentro dos padrões, não é? Eu não posso também escrever esse livro sobre crime, sem já ter trazido agora uma pequena biblioteca [risos] de questões sobre literatura e crime, cinema e crime, etc. Eu trouxe uma pequena biblioteca sobre crime. Então é difícil para mim de repente dizer que eu vou apenas trabalhar romance. Porque eu vou ter que ler esses livros paralelos.

Acabei de ver duas ou três vezes o filme *Genealogias do crime*, do [Raúl] Ruiz. É um filme lindo, lindo. Quer dizer, então eu estou me alimentando criticamente. Ao mesmo tempo eu estarei me alimentando ficcionalmente, porque eu tenho que escrever uma história, eu tenho que inventar uma história. E então eu acho que as duas coisas são separadas por razões pragmáticas, porque de repente eu tenho que escrever um ensaio, e de repente eu tenho que escrever ou eu quero escrever romance, ou poema, sei lá. Então as divisões são mais pragmáticas do que mentais.

– Aí surge um problema interessante em relação a essa separação: o que você pensa sobre a idéia de ficção crítica ou ficção teórica?

– A minha idéia básica é de que você, infelizmente, a gente tem de aceitar gêneros, em particular no Brasil, onde o objeto livro é uma mercadoria de difícil circulação, então a gente é obrigado a aceitar a questão de gênero. E aceitando a questão de gênero, eu sempre procurei trabalhar com a noção de limite. *Em liberdade*, por exemplo, é um romance e não é, é uma biografia e não é, é um ensaio e não é. Porque, analisando de perto *Em liberdade*, é um romance, é uma proposta de romance a partir do pastiche, é pós-moderno, etc. etc. De outra perspectiva, é uma biografia, porque tudo aquilo aconteceu mais ou menos, quer dizer, eu tive um trabalho enorme de levantamento de dados, etc. E poderia ser uma biografia, eu poderia ter escrito uma biografia de Graciliano Ramos naquele período. Mas não é, porque obviamente eu inventei diálogos, eu inventei situações, apesar de partir de casos, de dados concretos. E, finalmente, eu acho que é uma boa leitura da geração de 30 o livro, quer dizer, eu acho que é um bom ensaio sobre a geração de 30. Então eu acho que é a noção de limite, que é o que tem me salvado: eu estou sempre no limite dos gêneros. A não ser no último livro meu, *De cócoras*, onde eu não trabalhei os limites, eu tentei fazer um livrinho bem comportado. Mas aí o bem comportado dentro do mau comportamento acaba sendo o limite às avessas. Mas eu sempre estou trabalhando com a noção de limite dentro de gênero. É por aí, talvez, que eu tocaria na questão da *écriture*, que eu tocaria nessas questões mais ligadas ao grupo de *Tel Quel*. A possibilidade de você assumir, num país tão periférico e tão pobre quanto o Brasil culturalmente, a possibilidade de você poder assumir certas atitudes radicais.

– Eu lembro, a propósito dessa questão dos limites, de um texto recente, “A ameaça do lobisomem”, que é um texto enigmático embora tenha esse caráter ensaístico, numa revista ensaística (*Revista Brasileira de Literatura Comparada* 4. Florianópolis, 1998). Mas sempre deixa o leitor, digamos, com a pulga atrás da orelha.

– É a ameaça do lobisomem [risos]. Às vezes alguns dos meus ensaios, como eu te disse, têm muitas alusões, têm muitos jogos. E a pessoa não destrinchando um pouco os jogos, as alusões, provavelmente parte do barato se perde. No caso ali é um artigo sobre Borges e a homossexualidade, basicamente é isso. Agora, não vou escrever um artigo *tout court* sobre Borges e a homossexualidade [risos]. Aí vem aquela questão que vem sendo elaborada através de figuras. Então acaba tocando José Lins do Rego, acaba tocando Guimarães Rosa, acaba tocando Stevenson. E vai por aí tocando todas as figuras que são dadas mais ou menos como figuras que têm experiências, embora sobre Borges eu não tenha certeza

nenhuma. Mas aquele universo que ele constrói, tem tanto medo do lobisomem que acaba você acreditando que existe alguma coisa ali.

– Em que medida essa sua identidade mutante, sua falta de estilo, significaria uma forma de defesa diante da voracidade da cultura de massas e do mercado? Ou não se trata disso?

– Não, acho que não. Quer dizer, talvez alguém possa elaborar isso, eu não posso elaborar, porque a minha forma mutante eu acho que está até na razão pela qual eu escrevi ... literatura francesa. Por exemplo, lembra quando eu te dei aquele detalhe? Eu queria sair, eu queria sair do Brasil, eu queria sair de Minas, queria viajar. Agora o trabalho que eu estou escrevendo, no momento em que eu viajo menos, é sobre a viagem em Lévi-Strauss. Eu acho que a questão da viagem é um tema importantíssimo. Que é o lugar entre – é um tema importantíssimo. Está num trabalho recente também que eu fiz sobre as políticas universalistas e as políticas nacionalistas, Joaquim Nabuco e Mário de Andrade. Tem uma passagem muito bonita de Joaquim Nabuco sobre a dupla saudade, quer dizer, é aquele interstício. No Brasil você sente saudade da Europa, na Europa você sente saudade do Brasil – essa coisa intersticial que a gente detecta no Nabuco e que é a viagem. E que hoje está muito transformada, porque as formas de viagem foram minimizadas em virtude da internet. Eu agora, juntamente com a Heloísa Buarque de Hollanda, a gente está tentando ver se cria um pós-doutorado à distância, em que você já não precisa mais viajar. Você viajar, é claro, mas só que pela internet, virtualmente. Então, eu acho que mutante seria muito mais isso, eu acho que tem muito pouco a ver com a cultura de massas. É a impressão que eu tenho.

– Borges disse alguma vez que se sentia um europeu no exílio. Seriam os latino-americanos europeus no exílio?

– Não, de jeito nenhum. Aliás, de novo, esse artigo que eu estou escrevendo sobre a viagem é muito sobre isso. Eu acho que há uma violência do Ocidente, uma violência do mal que foi jogada nessas terras e que nos impossibilita uma identificação com o Ocidente (e não a Europa). Essa identificação sempre será muito muito precária. Ela é o sedimento – não dá para ser Policarpo Quaresma e voltar a falar tupi-guarani, não é isso. Mas ela é sedimento. Eu diria que ela é muito mais sedimento do que propriamente lugar de exílio. Na medida em que sedimento, você tem de construir, não é? Que eu acho que é o grande problema nosso, e você vai ver as diversas propostas de construção, são fascinantes no Brasil. Você tem a proposta cosmopolita, a que eu me referi com Joaquim Nabuco, você tem a proposta andradina, que é uma proposta de caráter mais do chamado nacionalismo pragmático, você vai ter uma proposta de construção no próprio movimento concreto. Então são essas propostas de construção que são muito fascinantes. E eu acho também que não há um trabalho sobre isso, quer dizer, o que você faz com esse sedimento. Não é lamentar a ausência da Europa. Mas, dado isso, como é que você pode fazer alguma coisa. Até que seja tão interessante quanto a própria o foi para a cultura ocidental. Eu gosto muito de tomar ao pé da letra a palavra novo, novo mundo. Eu acho que a gente devia tentar ser otimista – devia tentar porque eu não sou –, a gente devia tentar ser otimista e achar que existe um velho mundo e um novo mundo. E esse novo mundo, voltando às questões dos

anos 70, foi, num certo momento, Cuba, por exemplo. Isso nos faz falta, eu acho. Hoje há um país que está me fascinando muito, que é a Venezuela, onde existe uma proposta também de invenção de um novo mundo. E o Brasil perdeu completamente a idéia de que se pode construir um novo mundo. Nesse sentido, eu, por exemplo, acho bonito Juscelino Kubitschek. Obviamente não é um grande presidente, mas é bonito. Quer dizer, é um momento em que você tem essa idéia de que o novo é uma categoria que pode ser concretizada.

COMPLEMENTOS

1. Respostas enviadas no dia 9 de setembro de 2001:

– Como a nova esquerda brasileira dos 70 se posicionava em relação à China maoísta? E quem era Mao pra você?

– A China maoísta nunca esteve presente de maneira destacada na minha formação intelectual, ou mesmo nas minhas elocubrações políticas. Li as coisas que se liam naquela época, em particular nas revistas francesas (*Tel Quel* e *Cahiers du cinéma*), mas o pouco marxismo de que disponho vem muito mais dos teóricos europeus. Sempre tive receio de mexer com culturas por demais distantes. Talvez por ter me interessado desde cedo pela antropologia e, ainda por ter sido alertado pela leitura de *Primitive rebels*, de Hobsbawm.. Cometemos muitos equívocos com a melhor das intenções. Repare que quase nunca falo da África muçulmana ou marroquina, apesar de ter uma boa experiência de França e ter lido, por exemplo, a *Présence africaine*, Fanon, Césaire, desde a minha primeira viagem à França (1961). Da mesma forma não quis (ou não consegui, ou impedi a mim de) aclimatar as teorias políticas chinesas ao meu vocabulário crítico.

2. Respostas enviadas no dia 10 de outubro de 2001:

– O que você publicou em *Invenção* – ensaios, poemas, ensaios-poemas?

– Muito pouca coisa. Apenas dois poemas, se bem me lembro. São dois poemas de *Alguns floreios*, que posteriormente incluí no livro *Salto*. Antes, saiu no *Suplemento do Minas Gerais*. Na época escrevi e publiquei nos Estados Unidos, revista *Hispania*, “Camões e Drummond: A máquina do mundo”. Como os poemas eram concretistas e bem irônicos em relação aos três ases (CDA, Bandeira e Cabral), logo depois da edição do *Minas Gerais*, recebi de Drummond um poema bem igualmente gozativo e muito bom: “Cammond & Drummond”, em “A/grade/cimento”. É certamente o melhor poema concreto radical de Drummond. Você o conhece? Esteve na primeira edição da *Poesia completa* e na nova edição, a do Centenário, está de volta.

– Onde você publicava no Brasil dos 60/70, além da revista concreta e dos suplementos literários mineiro e paulista, e com quem dialogava nesses periódicos culturais?

– Nessa época, meu principal diálogo era transcultural (com gente de teatro, de artes plásticas, de cinema, etc.). Publiquei pouquíssimo naquela década no Brasil. Praticamente,

nada. Só no fmalzinho é que reuni os contos da década em *O Banquete* e os poemas em *Salto*. Tentei publicar o texto sobre "O Ateneu" em *Cadernos Brasileiros*, não deu certo, ou foi rejeitado. O meu diálogo literário mais forte era com os Campos, em particular com o Haroldo. Várias vezes fui recebido por ele em casa. Mandei-lhe também, dos Estados Unidos, todas as novidades que podiam lhe interessar (sem que solicitasse). Se não me engano, o primeiro McLuhan fui eu quem enviou. Lembro-me também de ter-lhe enviado, da França em 67/68, Klebnikov. O desentendimento surgiu no momento em que publiquei na *Luso-Brazilian Review* uma resenha de "A arte no horizonte do provável". Me enviou carta me chamando de Zhadonov. Cheguei também a assinar contrato com a Secretária de Cultura de SP (leia-se: Domingos Carvalho da Silva), para a publicação de um livro de ensaios pré-*Uma literatura nos trópicos* numa coleção bem famosa que tinham. Chamava-se "Tradição e ruptura". O livro nunca chegou a ser publicado. O diálogo estritamente literário mais intenso era com o Affonso Ávila, a Laís e o Rui Mourão. Escrevi resenha de livro de poemas do Affonso e de romance do Rui.

Ernesto Laclau
Nova York, 2 de dezembro de 2000

– Usted ha participado y dirigido un periódico llamado *Lucha Obrera* en los sesenta en la Argentina. ¿Cómo ha sido esta experiencia y quién actuaba ahí?

– Ese era un periódico de un grupo político que se llamaba el Partido Socialista de la Izquierda Nacional al cual yo pertenecía, y tenían un semanario del cual yo era el director. Pero no había intelectuales independientes ahí, era la gente del partido simplemente. Había los intelectuales que eran parte del movimiento, pero solamente estos.

– ¿Cual era su relación con el grupo de la revista *Los Libros*?

– Era una relación cordial y alguna vez contribuí yo también...

– Es por eso que le pregunto: hay dos artigos suyos en los primeros números.

– Era una relación distante. No era un grupo político eso, era una revista de bibliografía, literatura...

– En sus comienzos sí, pero después se va politizando... Sobre sus colaboraciones en la revista...

– Ya no me acuerdo... [risas] Era un par de artículos que yo publiqué ahí...

– Sí, su primer colaboración, en julio del 69, tenía como tema el nacionalismo argentino.

– Ah sí, un libro de Marysa Navarro Gerassi.

– Exactamente. Y su conclusión reivindicava una revolución nacional y popular.

– Sí.

– Y el segundo y último...

– ¡Scalabrini Ortiz!

– Que se publicó en mayo del 70.

– Fue un poquito antes... en el momento en que yo estaba en la transición, que me iba hacia Inglaterra.

– Yo quería saber en qué medida la posición esta del nacionalismo revolucionario condensaba la suya propia.

– Bueno, yo estaba en el Partido Socialista de la Izquierda Nacional, el secretario general del partido era Jorge Abelardo Ramos, y la izquierda nacional tenía en ese momento en la Argentina posición muy específica. Por ejemplo, si quieres tener una versión un poquito más larga, la puedes encontrar en mi libro *New reflections on the revolution of our time*. Hay unas entrevistas al final, uno que me hizo la *New Left Review* en la cual me preguntan sobre cuestiones políticas de la Argentina de esos años, ahí hay una cantidad de referencias, en la segunda entrevista que está ahí en el libro, que me hace, entre otros, Peter Dews, que está acá y hoy habla.

- Ok. ¿Cómo era leído el concepto de hegemonía en la Argentina de esa época?
- No era todavía demasiado utilizado. Y en la medida que se lo utilizaba era el concepto gramsciano. Pero fue bastante después, con los trabajos de Portantiero, con los trabajos míos, que el concepto de hegemonía pasó a ser parte del vocabulario político cotidiano de la izquierda, ¿no? Pero todavía en los sesenta no era el caso.

- En este contexto político-cultural argentino, ¿ha usted participado de otras publicaciones periódicas?
- Bueno, por algún tiempo también fui director de la revista *Izquierda Nacional*, que era la revista teórica del partido, que se publicaba cada tres meses, una cosa así. Y eso fue aproximadamente todo, sí.

- Para volver a *Los Libros*, Ricardo Piglia dice que la revista era excesivamente ecléctica en sus comienzos. ¿Usted concorda con él en este punto?
- Yo no me acuerdo mucho de la revista, realmente tuve una relación muy muy distante con ella. Pero sí, no tendría porque no ser ecléctica, porque no era la revista de ningún grupo político definido. Era más bien una revista de la intelectualidad de izquierda general donde gente de muy distintas corrientes participaba, así que supongo que Ricardo tiene razón.

- Así que no has acompañado la evolución de la revista.
- No, de todos modos no era una revista tan importante tampoco. Era una de las muchas cosas que se empezaban a publicar en ese momento de radicalización política.

- Lo que llama la atención es que muchas personas que estaban allá han después evolucionado y aparecido muy fuertemente en la escena intelectual, y no sólo latinoamericana.
- ¿Por ejemplo?

- Por ejemplo, Beatriz Sarlo, Carlos Altamirano, Ricardo Piglia, mucha gente... También Ernesto Laclau, digamos [risas].
- Sí...

- Y después la revista evoluciona en el sentido político...
- Yo no me acuerdo ya cómo terminó. ¿Cuándo dejó de aparecer?

- Se radicalizó el vanguardismo político y es cerrada violentamente en el 76.
- Con el gobierno militar. ¡Ha aparecido, consiguió aparecer hasta el 76 todavía!

- Hasta el nº 44. El 45 Sarlo dice que estaba listo y que se lo llevaron, se lo quemaron y no se supo nada más.
- Claro.

– Bueno, Sarlo justamente dice que en su caso personal hace un movimiento atípico para la época, pasándolo del peronismo al maoísmo.

– Ella, sí.

– Sí, ella, cuando muchos se hacen peronistas en ese momento, cómo fue el caso del director de *Los Libros*, Héctor Schmucler.

– Sí, sí, claro.

– ¿Cuál era su posición respecto del maoísmo?

– Bueno, definitivamente yo no era maoísta, pero el maoísmo fue un grupo político muy definido en Argentina, que lo formaron [Elías Emán, Rubén Scalqui], Roberto Cristina. Todos fueron muertos en la represión después. Y era uno de los tantos desprendimientos del Partido Comunista, con alguna gente del Partido Socialista de Vanguardia. En ese momento había muchos movimientos políticos, pero con eso yo no tenía ningún tipo de relación. Hubo un primer momento que fue toda la división del movimiento comunista mundial en la mitad de los sesenta. La gente de izquierda en la Argentina tenía, globalmente hablando, más simpatía por la posición china que por la posición soviética, porque la posición china tenía un carácter [desar...tista] que la soviética no tenía, y además la crítica a la burocracia soviética estaba bastante avanzada. Y lo que ocurrió fue que después la posición china empezó a enloquecerse, apoyando a Pinochet y a cosas de ese estilo, cuando ya toda la gente perdió el interés en el tema, ¿no?

– Lo que pasa en *Los Libros* es que se hace maoísta con Piglia, Sarlo y Altamirano, desechando a Schmucler.

– Aha. Pero había muchos grupos maoístas que estaban dentro del peronismo, ¿no? No era incompatible, lo que pasa es que el maoísmo era más bien un estado de opinión. Hubo un movimiento específicamente maoísta, que era este partido del que te hablaba. No sé si estuvieran allí Sarlo y Altamirano –ellos te lo podrán decir. Porque además había gente que se consideraba globalmente maoísta pero no estaba en ningún movimiento.

– En su opinión, ¿cómo se daba la presencia del estructuralismo y de la teoría crítica francesa entre estos intelectuales en la Argentina?

– Bueno, en la revista no sé realmente. Pero en ese momento... Bueno, a principio de los años sesenta la influencia más importante era Sartre. En la intelectualidad así de izquierda, alrededor de la Facultad de Filosofía y todo esto. En el año 61 se publicó la *Crítica de la razón dialéctica*, y eso por un cierto momento fue la influencia más dominante. Pero por poco tiempo, porque después vino la invasión de Lévi-Strauss, y después vino el althusserismo, y todo ese tipo de cosas conformaron como la segunda ola de la intelectualidad francesa, y ahí fue que la cuestión tuvo importancia.

– ¿Usted está de acuerdo con Piglia cuando dice que la teoría literaria ha sustituido la teoría social durante los setenta?

– ¿En la Argentina?

- En un plan general.

- No sé exactamente lo que querrá eso decir pero...

- En el sentido de que, digamos en la Argentina, que teóricos que trabajan más bien con la literatura pasan a un primer plano en las ciencias humanas.

- Yo no veo eso.

- ¿No te parece?

- No, no me parece. Ojalá fuera verdad [risas] pero no creo que sea el caso. La teoría y las ciencias sociales están enormemente desarrolladas en la Argentina, y yo no veo que estén de alguna manera en declinación, y además la teoría literaria yo no veo que esté muy desarrollada en el país. Ahora si uno se refiere a ciertas corrientes postestructuralistas donde uno hablaría de Derrida o de Foucault o de Lacan, si es por ese lado entonces sí, pero eso no es teoría literaria, eso es un enfoque teórico de carácter más global, ¿no? Y lo que sí es cierto es que los sectores más de avanzada están más influenciados por ese tipo de pensamiento que por las ciencias sociales o la teoría social más convencional.

- Sobre la cuestión del marxismo, Piglia dice que se mantiene un marxista todavía hoy, y Sarlo piensa que esta es una posición cómoda de quién no quiere hacerse problemas. ¿Cual sería su opinión sobre esta discusión?

- Bueno, acerca de la discusión... la discusión no la conozco, pero te puedo decir mi opinión sobre el tema. Bueno, yo mi posición la he definido en *Hegemonía y estrategia socialista*, donde se define como *postmarxista* poniendo el énfasis tanto en el "post" como en el "marxista". Es decir, yo he tratado de desarrollar un postmarxismo en el sentido de una teoría de la hegemonía. Hay ciertas herramientas conceptuales que vienen del arsenal marxista a las cuales yo no estaría dispuesto a renunciar, pero ya no me consideraría como un marxista en un sentido absolutamente global. De modo que creo que en esa alternativa que me planteas estaría más de acuerdo con Beatriz Sarlo.

- Ok. Yo tengo una última pregunta un poco más presente.

- Perfecto. Sí, sí.

- ¿No te parecería que la democracia, en la medida que es por definición ambigua e indeterminada, tiende siempre para el lado de relaciones de poder de tipo liberal, aunque haya un fuerte sentido democrático en las masas? Y, a propósito, ¿cómo usted piensa los actuales procesos de democratización en la América Latina?

- Bueno, en el primer punto la respuesta sería no, yo no creo que la democracia tenga una necesidad de orientarse en una dirección liberal. Y además hay que distinguir entre liberalismo político y liberalismo económico. El liberalismo económico es perfectamente compatible con formas totalmente no liberales de política: la economía más liberal de América Latina fue la del Chile de Pinochet, que requirió una dictadura para poder imponerse. O sea que me parece que hay que hacer una estricta separación entre

liberalismo político y liberalismo económico. Pero en segundo lugar la democracia no ha tenido históricamente una necesaria orientación hacia el liberalismo. Por ejemplo, al principio del siglo XIX, el liberalismo era una ideología política perfectamente aceptable a lo que caracterizaba el régimen británico desde el 1688 y al régimen francés desde la monarquía censitaria, mientras que democracia era un término peyorativo porque significaba el gobierno de la turba, es decir se lo identificaba con el jacobinismo y demás. Y en Europa requirió todo un largo proceso, prácticamente un siglo, para llegar al punto que el liberal democrático empezaron a articularse tan íntimamente que los dos prácticamente se confunden. Pero en otras zonas del mundo nunca se han ligado de esa manera. Por ejemplo, los regímenes oligárquicos en América Latina eran absolutamente liberales, pero eran elecciones fraguadas por pequeñas [clics] oligárquicas, eso no representaba ninguna forma política democrática. De modo tal que cuando las reivindicaciones democráticas de las masas tienen que expresarse lo empiezan a ser muchas veces a través de movimientos probablemente no liberales, como las dictaduras comunistas latinoamericanas. Lo que ha ocurrido en los últimos años es que con las dictaduras de los años sesenta y setenta lo que fueron las tradiciones nacionales democráticas no liberales y lo que fueron la democracia liberal fueron golpeadas igualmente. Entonces hoy la democratización en el sentido de instituciones liberales es prácticamente aceptada por todo el mundo.

– Un único apéndice...

– Sí, como no.

– Este partido en el que usted militaba en los sesenta, ¿cómo se ubicaba en relación al nacionalismo peronista?

– De una forma muy positiva. Este era un partido de raíz trotskista, pero el trotskismo en Argentina es distinto de lo que ocurre en otras partes del mundo porque el trotskismo argentino era muy nacionalista y denunciaba el internacionalismo abstracto de los comunistas, que eran al contrario absolutamente liberales. Entonces lo que el partido planteaba era que la revolución nacional había empezado en la Argentina con banderas burguesas en el peronismo, y las limitaciones que eso había creado había llevado a la derrota del 55, a la caída de Perón, y que ahora era una aplicación de la revolución permanente, que se empezó con banderas nacionales burguesas pero solamente puede consolidarse con un régimen socialista. Pero entonces hacia el peronismo tenía una actitud globalmente positiva.

– Y ahora, ¿qué pasa con el peronismo?

– No sé [risas], es tan confusa hoy en día y caótica la situación que no sé. Hacen muchos meses que no he estado allá, pero voy a volver ahora en abril, para tener una visión más cercana.

– Después que usted deja el país, ¿sus relaciones con él se han mantenido cercanas?

– Sí. Bueno, fui en el 71, después no fui durante toda la dictadura, y empecé a ir de nuevo un mes por año más o menos a partir del 84, cuando hubo la restauración democrática. En un momento dado iba a ser muy peligroso incluso ir.

ANEXO 2
INDEXAÇÕES

Nota às indexações

O fato de cometer a insanidade de fichar uma revista que durou quase sete anos e teve 44 números (média de dez textos por edição) se deve à falta de intimidade com o tema, apontada na nota às entrevistas. Evidentemente, o esforço foi válido, dando alguma sustentação à parte argentina e fornecendo idéias também à parte brasileira da tese, que, se não vale pelo ensaio, há de ser útil para alguém através das indexações (tanto ou mais do que através dos depoimentos).

Utilizo os critérios estabelecidos pelo Núcleo de Estudos Literários e Culturais da UFSC, com a devida permissão de sua diretora, Prof^a Dr^a Maria Lúcia de Barros Camargo, A coleção de *Los Libros* e os fichamentos ficam no acervo do NELIC, à espera de algum interessado.

Vi-me na obrigação de fazer pequenas adaptações às regras de indexação do Núcleo, dada a especificidade do periódico argentino. Nada que não se possa corrigir facilmente, em um eventual repasse do material ao banco de dados, a exemplo dos próprios resumos, que, em função da pesquisa, acabaram ganhando muitas vezes um proibitivo caráter autoral. Um pouco de crítica e de reflexão nos comentários dos comentários, em prol da tese.

Paralelamente pode-se notar, por um lado, um gradativo crescimento no tamanho dos resumos – consequência do crescimento da preocupação e da familiaridade com o tema do trabalho – e, por outro, um certo tom humorado (o que significa obediência aos humores do trabalhador), sobretudo na etapa final da revista. Esta característica talvez se deva à necessidade de vencer o desafio de completar a indexação, sobretudo diante de certos números difíceis de digerir.

J.H.W.

Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo. La creación de un espacio. Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo, nº 1, p. 3, julio 1969.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Vacío; Crítica; Texto

Resumo: O novo periódico, consciente de estar reafirmando um lugar comum, postula o preenchimento de um “vacio” (termo que merece digressão, aparecendo cinco vezes em 19 linhas) em um “terreno preciso”, o da crítica, ao mesmo tempo em que recusa o papel de revista meramente literária: “*Los Libros* no es una revista literaria”... Seu campo (infinito) “abarca la totalidad del pensamiento”, buscando “desacralizar” o livro enquanto “imagen de verdad revelada, de perfección a-histórica”, porque toda linguagem é sempre ideológica, e porque os livros – *Los Libros* –, “concebidos más allá del simple volumen que agrupa un número determinado de páginas (conclui o editorial), constituyen el texto donde el mundo se escribe a sí mismo”.

RIVERA, Jorge B. Sábato, custodio de las letras. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo, nº 2, p. 4-5, julio 1969.*

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nom. Pess. Como Assunto: SÁBATO, Ernesto

Palavras-chave: Periferia; Eclecticismo; Síntesis

Resumo: Crítica ao livro *Tres aproximaciones a la literatura de nuestro tiempo* (Robbe-Grillet, Borges, Sartre) (Santiago de Chile, Ed. Universitaria), que reúne artigos publicados na revista *Sur*. Considerando a literatura como “zona sagrada”, Sábato possui, segundo Rivera, uma “inteligencia mitificadora” que encontra dificuldades para abordar os europeus por estar descontextualizado e que revela maior interesse no artigo sobre Jorge Luis Borges.

Autores citados: Borges; Robbe-Grillet; Sartre; Roland Barthes; Bruce Morissette; Yves Buin; Mastronardi; Murena; Gálvez; Levy-Bruhl; Jung; Fondane

ROSA, Nicolás. Nueva novela latinoamericana. ¿Nueva crítica? *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo, nº 1, p. 6-8, julio 1969.*

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Crítica; Heterogeneidad; Unidad; Autonomía

Resumo: O que é e quem integra esta “nueva crítica”, indaga Rosa a princípio, para em seguida perguntar se o volume *Nueva novela*

latinoamericana (Buenos Aires, Ed. Paidós), organizado por Jorge Lafforgue, dá conta do que chama de “nuestra mayor fuerza y nuestra mayor posibilidad”: destruir os mitos da crítica (unidade, autonomia, essencialidade, etc.). Para Rosa, no entanto, entre os vários ensaístas reunidos apenas uma parte atinge este objetivo, enquanto outros seriam prescindíveis, a começar pelos mais conhecidos (Rama e Vargas Llosa), afirma polemicamente.

Autores citados: Vifias; Jitrik; Prieto; Sartre; Lukács; Blanchot; Bachelard; [marxismo]; [freudismo]; Vargas Llosa; Rama; Arguedas; Lévi-Strauss; Josefina Delgado; Martínez Moreno; Blanco Aguinaga; Juan Rulfo; Jean Paul Weber; Nora Dottori; José Trigo; Del Paso; Eduardo Romano; Volkening; García Márquez; Mircea Eliade; Iris Ludmer; Luis Gregorich; Agustín Yáñez; Leñero; Cabrera Infante; Umberto Eco

FUNES, Santiago. El peligro de las palabras. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo, nº 1, p. 10, julio 1969.*

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nom. Pess. como Assunto: MURENA, Héctor A.
Palavras-chave: Caricatura; Reacción; Protosátira; Servilismo

Resumo: Crítica extremamente negativa do “romance” *Epitalámica* (Buenos Aires, Ed. Sudamericana) de Murena, em que Funes vê pretensão, de início, e servilismo, ao final, devido à tentativa de uma obra barroquizante cujo projeto naufraga em um pensamento “enquistado” e uma linguagem obediente: “el lenguaje es aquí instrumento para una concepción representativa de la obra”.

Autores citados: Apuleyo; Quevedo; Jonathan Swift; Sade

PIGLIA, Ricardo. Heller, la carcajada liberal. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo, nº 1, p. 11-12, julio 1969.*

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nom. Pess. como Assunto: HELLER, Joseph
Palavras-chave: Locura; Absurdo; Cómic; Vanguardia

Resumo: Elogio de um “nuevo estilo de novela” nos Estados Unidos, muito além das experiências vanguardistas francesas e “tropicais” latino-americanas, segundo Piglia. Entre o romance cômico e a narrativa de vanguarda, *Trampa 22* (Barcelona, Ed. Plaza y Janés) estrutura-se na tensão entre a “Obediencia” e a “Razón privada”,

tendo como único tema “la locura”. Trata-se, conforme a resenha, de uma das obras norte-americanas mais importantes dos últimos dez anos.

Autores citados: Bruce Jay Friedman; Thomas Pynchon; William Burroughs; John Barth; J. P. Donleavy; Mark Twain; Ambroce Bierce; Ring Lardner; Nathaniel West; Faulkner; Asturias; Carpentier; García Márquez; T. S. Eliot; Norman Mailer; Céline; Beckett; Umberto Eco; Joyce

DEL BARCO, Oscar. El enigma Sade. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 1, p. 12-13, julio 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nom. Pess. como Assunto: SADE, Marqués de
Palavras-chave: Crimen; Revolución; Exclusión; Enigma

Resumo: A propósito da publicação de *La filosofía en el tocador* (Buenos Aires, Ed. La novela filosófica), del Barco oferece uma análise de todo Sade, colocando-o ao lado de Marx em matéria de destruição dos mitos burgueses. O Mal, a sociedade ao revés e “la terrible visibilidad de lo invisible”, que é o próprio “objeto Sade”, como via de acesso a um novo espaço, “el de la escritura”.

Autores citados: Rimbaud; Lautréamont; Mallarmé; Gilbert Lely; Marx; Joyce; Roussel; Artaud

PEZZONI, Enrique. Octavio Paz, poemas autónomos. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 1, p. 14 e 30, julio 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nom. Pess. como Assunto: PAZ, Octavio
Palavras-chave: Invención; Espacio; Tiempo; Movimiento; Vacío

Resumo: Resenha (admirada) do livro-objeto de Paz, poeta que projeta, no poema, a página fora de si, segundo Pezzoni. Em *Discos visuales* (México, Ed. Era), o poeta propõe um duplo jogo entre as peças que montam a “máquina” e o leitor que a põe em ação. O resenhista trata de explicitar um dos quatro discos, os quais contêm, além dos poemas, desenhos de Vicente Rojo.

Autores citados: Machado [?]; Breton; Jean Starobinski; Apollinaire; Huidobro; Baudelaire; Barthes

GARCIA CANCLINI, Néstor. Una erótica del lenguaje. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 1, p.15, julio 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nom. Pess. como Assunto: PAZ, Octavio
Palavras-chave: Erótica; Poesía; Ready-made; Silencio

Resumo: Paz estaria entre os raros criadores que “interpretan eróticamente” (S. Sontag), em uma atividade poética que se encontra não apenas em seus poemas como em seus ensaios. Analisando o texto de Paz dedicado a Duchamp – *Marcel Duchamp o el castillo de la pureza* (México, Ed. Era) –, García Canclini conclui que enquanto este realiza uma “celebración intelectual de las ruinas”, através de um erotismo tido como “frio”, Paz acederia a “una celebración pasional de la capacidad recreadora del hombre”.

Autores citados: Susan Sontag [sic]; Roussel

LACLAU, Ernesto (h.). Los nacionalistas. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 1, p. 16, julio 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Nacionalismo; Imperialismo; Élite; Revolución

Resumo: Comentário ao trabalho de Marysa Navarro Gerassi sobre o nacionalismo argentino – *Los nacionalistas* (Buenos Aires, Ed. Jorge Alvarez), que preenche uma lacuna na história do país, segundo Laclau. Mesmo reivindicando a existência de uma elite privilegiada, nos anos 30, parte do nacionalismo redefine o papel do Estado, questiona o imperialismo inglês inspirado em Rosas, enquanto outros setores do mesmo campo serão apenas o apêndice da oligarquia da “fraude patriótica”. A conclusão do resenhista segue a vertente nacional e popular: para que um país dependente possa ser progressista e revolucionário deve confundir “su destino con el de las masas”.

Autores citados: Jorge Abelardo Ramos; Roca

LEVIN, Mario. Por el camino de Lacan el regreso a Freud. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 1, p. 18 e 30, julio 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Psicanálise

Nom. Pess. como Assunto: LACAN, Jacques
Palavras-chave: Inconsciente; Teoría; Sujeto; Desconocimiento; Lenguaje

Resumo: Levin vê na publicação dos cinco trabalhos em foco uma quebra no desconhecimento “intencional” da obra de Lacan na Argentina. Com o título de *El inconsciente freudiano y el psicoanálisis francés contemporáneo* (Buenos Aires, Ed. Nueva Visión), o livro combate as tendências que

dominam a psicanálise no país (culturalismo americano, psicologia do eu, kleinismo inglês). O trabalho central, segundo Levin, é o de Leclaire e Laplanche sobre a articulação lingüística do inconsciente, de 1960.

Autores citados: Levi-Strauss; Melanie Klein; Freud; Louis Althusser; S. Leclaire; Merleau-Ponty; Laplanche; A. Green; Bonneval; Susan Isaac

ARICÓ, José. Marxismo y capital monopolista. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 1, p. 20 e 29, julio 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Nom. Pess. como Assunto: MARX, Karl

Palavras-chave: Marxismo; Plus-valia; Excedente; Monopolio; Competencia

Resumo: Crítica favorável, com reservas, sobre *El capital monopolista* (México, Ed. Siglo XXI), de Paul Baran e Paul Sweezy (B. y S. no texto), “dois eminentes economistas marxistas norte-americanos contemporâneos”. A pergunta central colocada pelo resenhista é: ter *O Capital* como modelo teórico do sistema capitalista competitivo – como entendem os autores – não seria incorrer no mesmo erro da leitura ortodoxa de Marx que Baran y Sweezy pretendem criticar? Mesmo assim, segundo Aricó, trata-se de “uno de los manifiestos políticos más importantes de nuestra época”.

Autores citados: Hegel; Lenin; Marx

TORRE, J. Carlos. Estudiantes: nueva oposición. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 1, p. 22-23, julio 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Sociologia

Palavras-chave: Revolución; Ruptura; Crisis; Transgresión

Resumo: Abordagem do volume *Las luchas estudiantiles en el mundo* (Buenos Aires, Ed. Galerna), com documentos originais do movimento na Europa e nos Estados Unidos, reunidos por seis estudantes franceses, com a finalidade de discutir a questão das rebeliões estudantis também nos países subdesenvolvidos, “territorio privilegiado de la acción política de los estudiantes”. Um resenhista entusiasta deixa, no entanto, algumas perguntas ao final, acerca das limitações do movimento em seu “activismo permanente” e “sin mediaciones” – que vêm a ser as questões enfrentadas pelos próprios ativistas em nível mundial.

Autores citados: Herbert Marcuse; Rudi Dutschke; John Rowntree; Margaret Rowntree; André Gorz; Rossana Rossanda; Che Guevara

HEREDIA, Osvaldo. Arqueología en la Argentina. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 1, p. 24-25, julio 1969.

Vocabulário Controlado: ENTREVISTA

Nom. Pess. como Assunto: REX GONZALEZ, Alberto

Palavras-chave: Prehistoria; Etnohistoria; Estructuralismo

Resumo: Depoimento do arqueólogo Rex González (então chefe da divisão de Arqueologia do Museo de la Plata) por ocasião da publicação de seu livro *Arte Precolombino de la Argentina* (não há menção de editora; sabe-se apenas que se trata de um “livro de arte”) ao discípulo Heredia, que assina a introdução, destacando os novos caminhos abertos pelo mestre. Na entrevista, Rex González cita marcos e nomes importantes para a arqueologia no país, além de fazer um precoce elogio dos computadores e de enfatizar o “soplo renovador” do auge do estruturalismo.

Autores citados: Ameghino; Ambrosetti; Darwin; Boman; Bennett

GUDIÑO KIEFFER, Eduardo. Graffiti. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo* nº 1, p. 26, julio 1969.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Cultura

Palavras-chave: Escritura; Tatuaje; Lenguaje; Estructura; Silencio

Resumo: Narrador experimental, autor de *Para comerte mejor* (1969), Gudiño Kieffer exalta um objeto – os grafites – que vê como tatuagens de um grande livro universal anônimo. Para ele, “en todo hombre hay un grafitómano escondido”, manifestando-se em lugares que vão do W.C. à política, deste tempos imemoriais, a fim de liberar obsessões e perenizar certas idéias e desejos. Os grafites são idealizados como pura linguagem sem “eu” ou “tu”, como “puerta abierta hacia una escritura (o ‘escritura’) casi somática, toda dentro de sí misma”, como “estructura” que inaugura um “monumental silencio”.

Autores citados: Byron; Rousseau; Víctor Hugo; Benserade; Restif de la Bretonne; Stendhal; Sarmiento

FORD, Anibal. El vandomismo. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo* nº 1, p. 28-29, julio 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: WALSH, Rodolfo
Palavras-chave: Revolución; Compromiso;
Clase; Nacionalismo

Resumo: Abordagem da evolução da obra “atípica, desordenada, esencialmente no especializada” de Rodolfo Walsh, a propósito da publicação de *¿Quién mató a Rosendo?* (Buenos Aires, Ed. Tiempo Contemporáneo). No livro, põe em cena, como objeto de contestação violenta, o “vandonismo”, ala do peronismo “burocrático” na CGT, denunciada e combatida enquanto instrumento da oligarquia no interior da “clase obrera”: “un aporte modesto pero efectivo, trabajado, concreto a la lucha en la cual se inscribe”.

Autores citados: Eva Perón; Perón; Amado Olmos

Libros publicados en Argentina entre el 1º de enero y el 15 de junio de 1969. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 1, p. 31-35, julio 1969.

Vocabulário Controlado: INFORME

GELMAN, Juan. Poesia y revolución. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 2, p. 3, agosto 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Poesia
Nome Pess. como Assunto: PADILLA, Heberto
Palavras-chave: Revolución; Crítica; Socialismo; Stalinismo

Resumo: O primeiro texto do segundo número de *Los Libros* toca na difícil questão do direito a dissentir no interior da revolução cubana, a partir da publicação de *Fuera del juego* (Ed. Aditor), reunião de poemas de Padilla, o “rebelde permanente” que abre uma crise internacional ao ser preso. O livro foi premiado por um júri estrangeiro em concurso promovido pela Unión de Escritores y Artistas de Cuba mas veio a público com um prólogo da instituição cheio de anátemas dirigidos ao poeta. Com isso, tornou-se, “lamentablemente”, segundo o também poeta Gelman, “aprovechable piedra de escándalo contra la revolución”.

Autores citados: Fernández Retamar; Fayad Jamis; Pablo Armando Fernández; Cabrera Infante; Cohen; César Calvo; Lezama Lima; Tallet; Díaz Martínez; Stalin; Yannis Ritzos; Marx; Lenin; Engels; Lunacharski; Babel; Plejánov; Lukács; Zhdánov

ROSA, Nicolás. La crítica como metáfora. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 2, p. 6-7, agosto 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: SARDUY, Severo
Palavras-chave: Crítica; Escritura; Erotismo; Cuerpo; Metáfora

Resumo: Refinado comentário ao volume de ensaios *Escrito sobre un cuerpo* (Ed. Sudamericana), do telqueliano Sarduy, em que Rosa percebe uma “devaluación de la crítica” e uma “gestualidad de la corporalidad”. Para o resenhista, o escritor de origem cubana, com sua linguagem “en el exilio”, aborda as obras alheias como se fossem suas e o texto como se fosse seu próprio corpo, esquecendo que, se Freud-Lacan, Mallarmé-Blanchot e Barthes nos liberam da “tentación realista”, podem levar (por pressa, incompreensão ou renúncia) à “agramaticalidad”, “una derisión de la escritura que se solaza y se encanta en el peligro de la pura ‘foné’”.

Autores citados: Sade; Bataille; Marmorì; Lezama; Góngora; Susan Sontag; Compton-Burnett; Lacan; Elizondo; Barthes; José Donoso; Tennessee William [sic]; Mandiargues; Freud; Mallarmé; Blanchot

ROMANO, Eduardo. Roberto Arlt. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo* nº 2, p. 6-7, agosto 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: ARLT, Roberto
Palavras-chave: Realismo; Crítica; Libertad; Rebeldía

Resumo: Romano faz um panorama crítico sobre a crítica de Roberto Arlt a partir de um livro de Raúl Larra, de 1950, em que só vê a utilidade propagandística de sua obra, numa primeira tentativa de “justificá-la”. Depois, surgem as revalorizações sartrianas do grupo *Contorno* e de Oscar Masotta, com suas limitações, e os aportes “definitivos” de Noé Jitrik, Adolfo Prieto e Luis Gregorich. Ainda assim, *El juguete rabioso* permanecia fora dos programas escolares, por “molesto” à cultura burguesa oficial. Dois livros motivaram o recenseamento: *Las crisis en la narrativa de Roberto Arlt* (Ed. Carlos Pérez), de David Maldavsky, cuja perspectiva “no confunde ficción y realidad” embora caia, ao final, na sociologia da literatura; e *La obra narrativa de Roberto Arlt* (Ed. Nova), de Angel Núñez, com observações úteis sobre a estrutura narrativa mas “excesiva escolaridad”, segundo Romano.

Autores citados: L. Barletta; Nalé Roxlo; Rivas Rooney; A. M. Delfino; Raúl Larra; H. A. Murena; J. J. Sebrel; [marxismo]; Sartre; F. J. Solero; David Viñas [José Gorini]; Ismael Viñas; Hernández Arregui; Nira Etchenique; Adelaida Gigli; Oscar Massotta; Juan Carlos Ghiano; Luis Gregorich; Proust; Joyce; Gide; Kafka; Noé Jitrik; Adolfo Prieto; Carmelo Bonet; Luis E. Soto; Juan Pinto; Germán García; Berenguer Carisomo

REST, Jaime. Las invenciones de Bioy Casares. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo* nº 2, p. 8-10, agosto 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: BIOY CASARES, Adolfo

Palavras-chave: Ficción; Existencia; Deseo; Ambigüedad

Resumo: Ao abordar *La invención de Morel* (Ed. Emecé) e *Plan de evasión* (Ed. Galerna), Rest começa com a relação entre Borges e Bioy, nos planos pessoal e literário (que desconcerta a crítica), e com a “modificación novedosa” que ambos discípulos do primeiro – Bioy e Cortázar – aportaram, através de uma “densidad vital concreta” ou de um “elemento turbiamente humano”, estranhos ao “puro nominalismo” atribuído ao mestre. O notável, segundo Rest, é que, em composições muito intrincadas, Bioy Casares logre narrativas “coherentes y claras”.

Autores citados: Jorge Luis Borges; H. Bustos Domecq; B. Lynch Davis; B. Suárez Lynch; Julio Cortázar; J. W. Dunne; Ernst Gombrich; Alain Robbe-Grillet; Villafañe; Oribe; Alfonso Berger Cárdenas; Blanqui; Xavier Brissac

SCHMUCLER, Héctor. Notas para una lectura de Cortázar. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo* nº 2, p. 11, agosto 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: CORTÁZAR, Julio

Palavras-chave: Representación; Texto; Significante; Estructura; Ideología

Resumo: O editor de *Los Libros*, em seu primeiro texto na revista, aborda 62, a mais “inabordable” narrativa de Cortázar (Ed. Sudamericana). O subtítulo “Modelo para armar” leva ao equívoco, diz Schmucler, de pensá-lo como um quebra-cabeças, sendo na verdade “un material perfecta y unívocamente organizado”, embora distante da “lógica corrente”, cumprindo uma verdade “presidida por los significantes”, em um presente textual. O que chama de função “condesa sangrienta”, “la Báthory” y “su sádica

marginalidad”, entre a lingüística e a literatura, na fronteira de sua leitura e da trama de 62, é o território de uma “violenta negación” de uma ideologia que se pretende desbaratar.

Autores citados: Michel Butor; Valentine Penrose

GARCÍA, Germán. Leer a Grombrowicz. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo* nº 2, p. 12, agosto 1969.

Vocabulário Controlado: ARTIGO

Nome Pess. como Assunto: GROMBOWICZ, Witold

Palavras-chave: Diversión; Ficción

Resumo: Breve artigo em homenagem ao escritor polonês na ocasião de sua morte. Mas só o que tem sentido, segundo García, é “escribir sobre la escritura” de Grombrowicz, que viveu durante mais de vinte anos (até 1963) na Argentina e que se divertia ao “repetir” sempre o mesmo livro, *Ferdydurke* (1937), conforme o seu próprio autor.

COZARINSKY, Edgardo. Escritura y cine: dos tiempos verbales. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo* nº 2, p. 13, agosto 1969.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Cinema

Palavras-chave: Imagen; Palabra; Cinema

Resumo: Breve ensaio, o texto expõe algumas diferenças básicas entre a imagem cinematográfica e a palavra escrita, postulando “la capacidad del cine actual para explorar y codificar su próprio sistema”. Ou seja, um novo tipo de cinema, como o de Pasolini e de Godard.

Autores citados: Jean Ricardou; Pier Paolo Pasolini; Godard; Christian Metz; Richard Roud; Einstein

SAZBON, José. Estructuralismo e Historia. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo* nº 2, p. 14-15 e 29, agosto 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Antropologia

Nome Pess. como Assunto: LÉVI-STRAUSS, Claude

Palavras-chave: Estructura; Cultura; Sistema; Inconsciente; Lenguaje

Resumo: Abordagem do uso da noção de estrutura segundo Lévi-Strauss, a propósito da publicação de *Antropología estructural* (Ed. Eudeba, 1968). Sazbon destaca as diferenças entre o “organicista” Radcliffe-Brown e Lévi-Strauss, cuja noção de estrutura se baseia na lingüística, especialmente na fonologia, dando-lhe perspectivas inéditas. No final do texto, história e etnologia são postas em relação, com direito a

exaltação do estruturalismo lévi-straussiano, cuja “combinación de elementos idénticos produce resultados siempre nuevos”.

Autores citados: Trubetzkoy; A. R. Radcliffe Brown; Ferdinand de Saussure; Jean Pouillon; von Neumann

BAYLEY, Edgard. Octavio Paz y Lévi-Strauss. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo* nº 2, p. 16, agosto 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: LÉVI-STRAUSS, Claude

Palavras-chave: Estrucutra; Naturaleza; Cultura; Poesía

Resumo: Comentário sobre o ensaio *El nuevo festín de Esopo* (Ed. J. Mortiz, 128 p.), de Octavio Paz. Comenta as idéias do antropólogo francês, sem ser “estrictamente científico”. Paz, segundo Bayley, aponta tanto para a originalidade de Lévi-Strauss, ao definir uma estrutura atemporal, quanto para sua divergência fundamental com ele, que diz respeito à poesia: ambos entendem que a poesia modifica a linguagem, mas enquanto Paz vê nela liberação de sentidos, Lévi-Strauss a encararia como “encerro” nas malhas da linguagem – o que o poeta mexicano considera uma “perversa paradoja” para definir a poesia.

Autores citados: Dante; Baudelaire; Coleridge

LAHITTE, Héctor. El pensamiento mítico. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo* nº 2, p. 17, agosto 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Antropologia

Nome Pess. como Assunto: LÉVI-STRAUSS, Claude

Palavras-chave: Cocina; Lenguaje; Naturaleza; Cultura; Mito

Resumo: O resenhista aborda *Lo crudo y lo cocido* (Ed. Fondo de Cultura Económica), enfatizando aquela que considera sua afirmação mais transcendente: “la unidad del pensamiento humano”. São analisados, informa Lahitte, 187 mitos de povos sul-americanos através de formas musicais (em substituição aos tradicionais capítulos), respeitando as exigências e o ritmo do pensamento mítico.

LAHITTE, Héctor. Los últimos Onas. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo* nº 2, p. 18-19, agosto 1969.

Vocabulário Controlado: ENTREVISTA

Palavras-chave: Etnología; Antropología

Resumo: Diálogo entre a antropóloga Anne Chapman – “discípula” de Lévi-Strauss, Ph.D. em Columbia University e doutorada na Sorbonne – e H. Lahitte sobre os Onas, povo nômade do extremo-sul da Argentina que resistiu até a “chegada repugnante” dos brancos em 1880 e que é um dos poucos grupos da etapa paleolítica conhecidos na América. Em cinco anos de pesquisa, Chapman registrou em fitas diversos cantos dos Onas, os quais, segundo ela, entusiasmaram Lévi-Strauss.

Autores citados: Claude Lévi-Strauss; Oscar Lewis; Martin Gusinde

LAFFORGUE, Jorge. Bertolt Brecht. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo* nº 2, p. 20-21, agosto 1969.

Vocabulário Controlado: ENSAIO - Literatura

Nome Pess. como Assunto: BRECHT, Bertolt

Palavras-chave: Marxismo; Realismo socialista; Teatro; Crítica

Resumo: Comentário crítico sobre quatro publicações (mais ou menos) “saludables” de e sobre Brecht: *Arte y sociedad* (Ed. Calden), “salada” prescindível com textos de Brecht, Grosz e Piscator; *Poemas y canciones* (Ed. Alianza), cuidada tradução em livro de bolso; *Me-ti. El libro de las mutaciones* (Ed. Nueva Visión), glosas de milenar tradição chinesa que ressurge como “breviario para la acción eficaz”, inacabado e inédito até 1965; e *Luckács, Brecht y la situación actual del realismo socialista* (Ed. Galerna), estudo considerado sério e pioneiro do colombiano Francisco Posada sobre o pouco conhecido discurso teórico de Brecht, segundo Lafforgue, apesar de mui “desigual”. Há um quinto livro anunciado – *Bertold Brecht*, de Paolo Chiarini (Ed. Península) – mas não abordado.

Autores citados: Fessler; Gandolfo; Mossian; Lovero; Inda Ledesma; Atahualpa del Cioppo; A. Gisselbrecht; V. Klotz; H. E. Holthusen; J. Willett; J. Desuché; S. Tretiakov; Max Frisch; V. Pozner; G. Lukács; P. Demetz; M. Esslin; Barthes; Georg Grosz; Erwin Piscator; Hegel; Jesús López Pacheco; Vicente Romano; José María Carandell; Hitler; Lenin (Mi-en-leh); Karl Korsch; Uwe Johnson; Alfonso Sastre; Ricardo Salvat; Bloch; Anna Seghers

PRIETO, Eduardo J. Viaje a la luna hace 1800 años. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo* nº 2, p. 22-23, agosto 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: SAMOSATA, Luciano de

Palavras-chave: Viaje; Ciencia

Resumo: Divertido artigo "immanentista" sobre as não menos divertidas *Historias verdaderas* (sem menções editoriais), de Samosata, que "encabezó uno de los muchos viajes (...) a la luna (...) hace ya más o menos 1800 años". Prieto aproveita a ocasião para se burlar da recente chegada do homem à lua, com base nesse livro surrealista *avant-la-lettre*.

PORTANTIERO, Juan Carlos. Carne y política. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo* nº 2, p. 24, agosto 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Sociologia

Palavras-chave: Historia; Industria; Peronismo

Resumo: Breve comentário (como afirma o próprio resenhista) sobre o livro *Carne y política en la Argentina* (Ed. Paidós), do americano Peter Smith. Abarcando o período de 1900 a 1946, o livro merece raras retificações e muitos elogios; "su valor trasciende el mero interés específico del análisis de una industria particular", diz Portantiero, por exemplo. Smith expõe um "útil esquema", relacionando cinco grupos de interesse: "frigoríficos extranjeros, ganaderos invernaderos, ganaderos criadores, consumidores urbanos y obreros de los frigoríficos, e destacando suas disputas intra e interclasses.

Autores citados: Juan Domingo Perón

JINKIS, Jorge. Freud: desventuras de una edición. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo* nº 2, p. 26, agosto 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Psicanálise

Nome Pess. como Assunto: FREUD, Sigmund

Palavras-chave: Psicoanálisis; Edición; Traducción

Resumo: Comentário indignado sobre a publicação do terceiro volume das *Obras Completas* de Freud (Ed. Biblioteca Nueva), vertido por Ramón Rey Ardid. O resenhista denuncia nada menos que uma "purloined translation", uma tradução roubada, além de repleta de erros. Tratando o volume e seu organizador como um paciente psicótico, e apontando o nome do correto tradutor ao inglês, L. Rosenthal, Jinkis pretende mostrar a "verdad inconciente" revelada pelo próprio "paciente" ao esquecer, em ato falho, a preposição "del": Rey (del) Ardid...

Autores citados: Borges; L. Rosenthal

LITVINOFF, Norberto. Lingüística y ciencias sociales. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo* nº 2, p. 27-28, agosto 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Lingüística

Palavras-chave: Lenguaje; Código; Estructura; Comunicación

Resumo: Crítica positiva ao volume *Lenguaje y comunicación social* (Ed. Nueva Visión), organizado por Eliseo Verón, a partir do simpósio "Teoría de la comunicación y modelos lingüísticos en ciencias sociales" (outubro de 1967). Incluindo trabalhos de Prieto, sobre o "estilo" do emissor; Sluzki, com hipóteses validadas sobre comunicação em pacientes neuróticos; Ekman e Friesen, sobre condutas não verbais; Masotta, que lança as bases de uma estética semiológica da história em quadrinhos; e do próprio Verón, sobre a comunicação ideológica dos meios de massa (tendo como objeto a cobertura da imprensa ao assassinato do líder metalúrgico Rosendo García), o volume, segundo Litvinoff, representa por si só a refutação aos que acusam os pesquisadores da área de "esterilidad". O resenhista não menciona os nomes dos pesquisadores, apenas os sobrenomes, com poucas exceções.

Autores citados: Eliseo Verón; Prieto; Sluzki; Paul Ekman; W. Friesen; Linneo; Masotta

Libros publicados en Argentina entre el 16 de junio y el 15 de julio de 1969. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 2, p. 30-31, agosto 1969.

Vocabulário Controlado: INFORME

ROA BASTOS, Augusto. Reportaje a la tentación de la muerte. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 3; p. 3-4, setiembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: DI BENEDETTO, Antonio

Palavras-chave: Novela; Muerte; Ausencia; Escritura

Resumo: O escritor paraguaio enaltece o novo livro de Di Benedetto, *Los suicidas* (Ed. Sudamericana), sempre em comparação com o anterior, *El silenciero* (1964) e em oposição ao pólo dominante do "desborde barroco" na literatura latino-americana (Asturias, Lezama Lima etc.). A sua narrativa se filia, segundo Roa Bastos, ao despojamento de Rulfo em *Pedro*

Páramo, ao mesmo tempo que se aproxima de Camus em sua linguagem e estilo, em busca do “grau zero da escritura” – conforme a expressão de Barthes, resumida no texto.

Autores citados: Miguel Ángel Asturias; Lezama Lima; J. Guimarães Rosa; Rivera; Carpentier; García Márquez; Vargas Llosa; Rulfo; Artaud; Albert Camus; Roland Barthes; Bataille; Hegel

GRAMUGLIO, María Teresa. Las aventuras del orden. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 3, p. 5 e 24, setiembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: SAER, Juan José

Palavras-chave: Novela; Juego, Caos; Orden; Narración

Resumo: Comentário do novo romance de Saer (Ed. Sudamericana), cujos signos, ao invés de ser destruídos, como na maior parte dos casos na literatura contemporânea, são eleitos deliberadamente e levados até a exasperação, construindo “uno de los textos más densos y originales” da Argentina. O caos total é desafiado (e assim afirmado) no romance, em que quatro relatos em primeira pessoa, interligados por um crime, giram em torno do jogo de “punto y banca”, em busca de “un mínimo de orden”.

Autores citados: [borgeanas]; Dos Pasos; Barthes; Tomatis

LUDMER, Iris Josefina. Miguel Barnet: el montaje de las palabras. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 3, p. 6, setiembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: BARNET, Miguel

Palavras-chave: Subjetividad; Realidad; Ficción; Escritura; Cuerpo

Resumo: Breve resenha de dois livros do escritor cubano, *Biografía de un cimarrón* (Ed. Galerna, 1968) e *Canción de Rachel* (idem, 1969), em que o autor se ausenta tornando-se (apenas) seu primeiro leitor: “el texto surge de su lectura”; o escritor-leitor apodera-se do que lê, iniciando “a partir del otro, la cadena indefinida de la significación”.

ROSA, Nicolás. Pornografía y censura: los frutos de la prohibición. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 3, p. 7-8, setiembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: LOTH, David

Palavras-chave: Pornografía; Censura; Literatura; Escritura; Imagen

Resumo: Artigo de combate à dominação capitalista burguesa através da dissecação dos mecanismos equívocos de repressão social, a propósito da publicação de *Pornografía, erotismo y literatura* (Ed. Paidós), do norte-americano D. Loth. Rosa recoloca a questão o que é pornografia, na tentativa de “definir lo indefinible”, como faz o autor em “largas” páginas. A partir da visita a distintos momentos históricos, assim como a diferentes meios (tevé, cinema, literatura), conclui-se, por exemplo, que “la violencia de la censura es una violencia de la clase dominante disfrazada de moralidad y puritanismo. Toda censura sexual es una censura política”.

Autores citados: Wilhelm Reich; Ovidio; Petronio; Tertuliano; Tomás; Luigi de Marchi; Boccaccio; Chaucer; Rabelais; Shakespeare; Luckács; Fanny Hill

MARGULIS, Mario. La cultura de la pobreza. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 3, p. 9 e 26, setiembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Antropología

Nome Pess. como Assunto: LEWIS, Oscar

Palavras-chave: Cultura; Realidad; Ideología; Colonialismo

Resumo: Abordagem de novo livro do antropólogo O. Lewis, *La vida* (Ed. J. Mortiz), que se volta outra vez à chamada “cultura da pobreza” e cujo método consiste na observação da realidade empírica daquelas populações que vêm a formar o proletariado nos Estados Unidos – em *La vida*, o campo está em Porto Rico, assim como esteve no México e na Índia em trabalhos anteriores. Vale notar que, conforme o resenhista, Lewis desconfia da teoria, enquanto Margulis teme desconfiar de seu próprio objeto, postergando as questões após elogios e mais elogios a uma prosa “atrayerente y rica”. Questões que tocam no ponto nevrálgico de seu método, a começar pelas limitações de todo empirismo.

Autores citados: Paul Radin; Chelland Ford; Griaule, Dollard; [lacaniana]

VERÓN, Eliseo. Ideología de Marcuse. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 3, p. 10-12, setiembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Filosofía

Nome Pess. como Assunto: MARCUSE, Herbert

Palavras-chave: Revolución; Negatividad; Dialéctica; Capitalismo

Resumo: Para Verón, abordando nada menos que sete livros de Marcuse publicados em espanhol entre 1964 e 69, seu pensamento “negativo”, baseado em Hegel, manifesta uma “neurose” sob a forma de uma “contra-ideología”. Ao propor uma negatividade abstrata fundamentada numa “necesidad instintiva”, descambaria em um novo retorno do irracionalismo (sucendo ao existencialista sartriano) sob o disfarce de “naturaleza”. A conclusão de Verón não é menos grave, ao dizer que a combinação de um radical pessimismo com uma esperança na essência biológica do homem caracteriza o pensamento da própria direita.

Autores citados: Hegel; Marx; Kierkegaard; Althusser; Feuerbach; [sartriano]

SAZBÓN, José. Marx y Sartre. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 3, p. 13-14, setiembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Filosofia
Nome Pess. como Assunto: MARX, Karl; SARTRE, Jean-Paul

Palavras-chave: Razón dialéctica; Historia; Alienación; Materialismo; Existencialismo

Resumo: Crítica sobre a situação do existencialismo sartriano, especialmente na década de 60, a partir das publicações de *Sartre y Marx*, por André Gorz e Marco Macciò (*Cuadernos de Pasado y Presente*, nº 9) e de *Razón y violencia. Una década de pensamiento sartreano*, por R. D. Laing e D. G. Cooper (Ed. Paidós, pref. J.-P. Sartre). Sazbón questiona o “status ambiguo” da *Crítica da razão dialéctica* (1960) com base em observações famosas de Lévi-Strauss (“no constituir el hombre, sino disolverlo” é, para ele, o fim último das ciências sociais) e de outros marxistas, entre os quais os próprios Gorz e Macciò. Quanto ao livro de Laing e Cooper, trata-se, para o resenhista, de um trabalho importante, embora condene o comentário da *Crítica* por Laing, cujo “discurso unidimensional” se chocaria com a “prosa dialéctica” de Sartre.

Autores citados: Sartre; Marx; Valéry; Husserl; Gorz; Claude Lévi-Strauss; Lefebvre; Goldmann; Hincker; Althusser; Colombel; Pierre Verstraeten; Jean Pouillon; Robert Castel; Brewster; Macciò; R. D. Laing; D. G. Cooper; Jean Genet

GIMÉNEZ, Miguel Olivera. La nueva gramática. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 3, p. 14, setiembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Linguística

Nome Pess. como Assunto: BARRENECHEA, Ana María

Palavras-chave: Estructuralismo; Lingüística; Formalismo

Resumo: Breve (parecendo cortado) e irônico comentário sobre a escola lingüística de Buenos Aires, a propósito da publicação do volume *Estudios de Gramática Estructural* (Ed. Paidós), assinado por Barrenechea e Mabel V. M. de Rosetti. O resenhista se burla do cientificismo e da própria inutilidade dos objetos das pesquisadoras.

Autores citados: Amado Alonso; Saussure

D’ALESSIO, Néstor. Los Sindicatos. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 3, p. 15, setiembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciências sociais

Palavras-chave: Sindicalismo; Revolución; Clase; Dependencia; Anarquismo

Resumo: Breve crítica do volume *Estructuras sindicales* (Ed. Nueva Visión), de Torcuato Di Tella e colaboradores, em que o ponto de profunda discordância se encontra no ceticismo e “integracionismo” do autor em relação ao proletariado e suas potencialidades revolucionárias, com o que revelaria uma “ótica deformada” do sindicalismo. De todo modo, o resenhista reconhece a importância do livro, que aborda, entre outras coisas, o desaparecido anarquismo de base artesanal da Federación de Obreros en Construcciones Navales de la Argentina (“excelente reconstrucción”), enriquecendo um campo de escassa bibliografia.

Autores citados: Miguel Murmis; Juan Carlos Marin; Hugo Calello; Julio César Jobet; Romain Gaignard; Azis Simao; Manuel A. Fernández; Lipset; Trow; Coleman; V. L. Allen; Di Tella

Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo, nº 3, p. 16-17, setiembre 1969.

Vocabulário Controlado: ENTREVISTA

Nome Pess. como Assunto: BIOY CASARES, Adolfo

Palavras-chave: Literatura; Mito; Crítica; Novela; Narración

Resumo: Entrevista feita por dois colaboradores anônimos da revista, antecipando o lançamento (em novembro) do romance *Diario de la guerra del cerdo*. A introdução exalta o nome de Bioy Casares e o fato de estar presente pela segunda vez nas páginas de *Los Libros*, resgatando um escritor muitas vezes relegado pela crítica. Em suas lacônicas respostas, toda a ironia e a inteligência do co-editor, com Borges, da

Antología de literatura fantástica, que ajudou a “no pocos” na aprendizagem da arte de narrar, segundo Bioy Casares.

Autores citados: Borges; Fray Mocho; Carriego; Marechal; Cortázar; Cancela; Peyrou; Francisco Ayala; Benjamín Constant; Henry James; Conrad; Wells; Julien Green; Stevenson; Zola; Stendhal; Proust; Baroja; Henry Miller; Pavese; Hemingway; Sartre; Koestler; Camus; Mann; Shaw; Kipling; Kafka; Bertrand Russell; Valéry; Julien Benda; Poe; Chesterton; Levy-Bruhl; William James; Einstein

BROULLON, Roberto. Gauguin: la poesía del color. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 3, p. 18-19, setiembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: GAUGUIN, Paul

Palavras-chave: Exotismo; Salvagismo; Vanguardia

Resumo: Comentário à segunda edição em espanhol de *Noanoa*, do pintor Paul Gauguin (trad. Maria Angélica Bosco, Ed. Fabril – a primeira é de 1943). O resenhista aborda ele mesmo de modo algo *naïf* o “primitivismo”, “exotismo” ou “salvajismo” de Gauguin, cuja prosa não consegue ser selvagem como o seu cromatismo impactante. Trata-se, afinal, de um “europeo supercivilizado”, nos termos de Brouillon, para quem são prescindíveis tanto as pinturas reproduzidas em preto e branco quanto os fracos poemas do amigo Charles Morice em *Noanoa*.

Autores citados: Charles Morice; Silvina Bullrich

RIVERA, Jorge B. Las revistas literarias. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 3, p. 19 e 26, setiembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Modernidad; Cultura; Crítica; Eclecticismo

Resumo: Resenha de duas publicações dedicadas ao periodismo: *Las revista literarias argentinas (1893-1967)* (Ed. Centro Editor de América Latina), de H. R. Lafleur, S. D. Provenzano e F. P. Alonso, e *Nosotros* (Ed. Galerna, colección “Las revistas”), de Noemí Ulla. Rivera faz um breve histórico da revista moderna, que nasce no século XVII, e tem uma larga trajetória já no século XIX nas culturas do Prata, concluindo que ambos trabalhos começam a preencher uma grande lacuna em sua historiografia literária.

Autores citados: Renaudot; Steele; Addison; Arnold Hauser; Pierre Buloz; Cabello y Mesa; Lavardén; Azcuénaga; Prego de Oliver; Cerviño; Quesada; Navarro Viola; Juan María Gutierrez; Rojas; Arrieta; Furlong; Kisnerman; Sturgis Leavitt; Arturo Roig; Germania Moncayo de Monge; Pedro Henríquez Ureña; Haydée Frizzi de Longoni; Boyd G. Carter; Nélica Salvador; Echagüe; Soto; Loprete; Levin Scücking; Alfredo A. Bianchi; Roberto F. Giusti; Eugenio Díaz Romero; Manuel Gálvez; Ricardo Olivera; Darío; Roberto J. Payró; Florencio Sánchez; Banchs; Chiappori; Alberini; Barrenechea; Gerchunoff; Rojas; Ortíz Grognet; Pagano; Borges; Groussac; Peña; Molinari; Ravignani

ARICÓ, José. El imperio americano. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 3, p. 20-21, setiembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Nome Pess. como Assunto: JULIEN, Claude

Palavras-chave: Imperialismo; Capitalismo; Subdesarrollo

Resumo: Comentário crítico do livro *El imperio americano* (Ed. Grijalbo), do francês C. Julien, redator do *Le Monde*. Trata-se, segundo Aricó, de uma visão parcial do imperialismo, por reduzir sua complexidade a um problema moral (a Europa não poderia seguir os EUA na importação de matérias-primas a baixo preço do “terceiro mundo”, que, para Julien, é a causa exclusiva do potencial econômico americano). No entanto, é, ao mesmo tempo, um livro “apasionante”, para o resenhista, por estimular a reflexão sobre o modelo ianque e para tirar sua máscara de “nova civilização”.

Autores citados: J. J. Servan-Schreiber; Franz Josef Strauss

CARPIO, Jorge. ¿Adonde va la revolución peruana? *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 3, p. 22-23, setiembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Nome Pess. como Assunto: VILLANUEVA, Víctor

Palavras-chave: Nacionalismo; Imperialismo; Socialismo; Revolución

Resumo: Crítica claramente “peronista” do processo revolucionário levado a cabo por militares no Peru, conforme o livro *¿Nueva mentalidad militar en el Perú?* (Ed. Replanteo), escrito por um major da ala esquerda do exército, V. Villanueva. A pergunta final sintetiza o

raciocínio global de Carpio: “¿Hasta qué punto la actual revolución peruana ratifica la validez del llamado ‘camino peronista’, poniendo en cuestión las posibilidades del ‘camino cubano’?”

TAMARIT, José. Las interioridades de un best-seller. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 3, p. 24, setiembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Sociologia

Nome Pess. como Assunto: MAFUD, Julio

Palavras-chave: Sociología; Sociedad; Best-seller; Consumismo

Resumo: Microcomentário a um livro “minúsculo” (apesar de suas quase 300 páginas), *Los argentinos y el status* (Ed. Americalée), de Mafud, escritor de *best-sellers* que mais parecem antecipar a linguagem dos livros de auto-ajuda: “Afirmaciones arbitrarias carentes de toda fundamentación”, resume Tamarit.

Libros publicados en la Argentina entre el 16 de julio y el 15 de agosto de 1969. Libros latinoamericanos y españoles distribuidos en la Argentina durante los últimos tres meses. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 3, p. 28-30, setiembre 1969.

Vocabulário Controlado: INFORME

REENS, Julio. La mirada ociosa. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 4, p. 3-4, octubre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Arquitectura

Nome Pess. como Assunto: BULLRICH, Francisco

Palavras-chave: Arquitectura; Latinoamérica; Subdesarrollo; Dependencia

Resumo: Comentário fortemente crítico do livro de F. Bullrich, *Arquitectura Latinoamericana* (Ed. Sudamericana), assinado por um arquiteto, J. Reens. Questiona o balanço da nova arquitetura do continente (em sete países: Argentina, Brasil, Cuba, Chile, México, Uruguai e Venezuela) em função de falta de rigor e “asistematicidad”, e a ausência de uma decodificação dos “textos-edifício”, “quedando velados sus significados”. Ausente, também, uma interpretação criadora dos dados locais, “llave para acceder a una auténtica arquitectura autóctona”, segundo Reens.

Autores citados: McLuhan; Saussure

MOLINA Y VEDIA, Juan. La forma condicionada. *Los Libros. Un mes de*

publicaciones en Argentina y el mundo, nº 4, p. 5-6 e 27, octubre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Arquitectura

Nome Pess. como Assunto: ALEXANDER, Christopher

Palavras-chave: Arquitectura; Funcionalismo; Dependencia

Resumo: O resenhista aborda o livro *Ensayo sobre la Sintesis de la Forma*, de C. Alexander (trad. Enrique Revol, Ed. Infinito), que propõe métodos para a superação do movimento funcionalista moderno, bem como da imagem do arquiteto-deseñista “genial” e individualista. Apesar de reconhecer os aportes fundamentais do livro, Molina y Vedia critica a dissociação das teorias de Alexander em relação à realidade histórica, na qual os fatores de poder determinariam os fins do desenho. Inclui bibliografia especializada à p. 6.

Autores citados: Wright; Corbusier; Mies; R. Banham; Archigram; Fuller

PAZ LESTON, Eduardo. Laberintos de la memoria. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 4, p. 7, octubre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: JAMILIS, Amalia

Palavras-chave: Escritura; Imaginación; Culpa

Resumo: Elogio do livro de contos *Los dias de suerte* (Ed. Emecé), de A. Jamilis, introduzido pelo resenhista com três parágrafos contendo uma “teoria da literatura” em que “crear es destruir” – processo confirmado, segundo Paz Leston, pelos contos em questão. Aponta, na seqüência, para seus diferentes tempos narrativos e sua estrutura aberta, fazendo reparos (“que aceptamos en los verdaderos escritores”) a variações de enfoques e reelaborações algo forçadas, a seu ver.

SCHMUCLER, Héctor. Los silencios significativos. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 4, p. 8-9, octubre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: PUIG, Manuel

Palavras-chave: Parodia; Silencio; Folletín; Lenguaje; Ideología

Resumo: Resenha do editor da revista sobre *Boquitas pintadas* (Ed. Sudamericana), cuja estrutura de folhetim fala “para calar, para ocultar”. Romance sem heróis, *Boquitas pintadas* “denuncia el lenguaje que utiliza (la ideología que comporta) cuando simula creer en él”, sintetiza

Schmucler, sem deixar de observar que o importante no texto de Puig são os significantes e não os significados, através da fala de "personajes-sin-lenguaje".

CORBALÁN, Laura. La realidad de la ficción. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 4, p. 10, octubre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: ONETTI, Jorge

Palavras-chave: Ficción; Género; Juego; Lenguaje; Realidad

Resumo: Comentário "admirado" do romance *Contramutis* (Ed. Seix Barral), de J. Onetti, escritor nascido em Buenos Aires em 1931, introduzindo a entrevista a seguir, publicada antes em *Marcha*, no Uruguai. Destaca seu caráter de "pura ficción" em meio à "opacidad del lenguaje", conforme o jargão do período. O livro foi finalista do Prêmio Biblioteca Breve da Seix Barral em 1968.

RUFFINELLI, Jorge. Reportaje a Jorge Onetti. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 4, p. 10-11, octubre 1969.

Vocabulário Controlado: ENTREVISTA

Nome Pess. como Assunto: ONETTI, Jorge

Palavras-chave: Creación; Juego; Novela

Resumo: A revista reproduz parte (sete perguntas e respostas) da reportagem publicada no periódico *Marcha*, feita por seu correspondente em Montevideu. J. Onetti fala da infância, do grupo da *Gaceta Literaria* (ao lado de, entre outros, Juan Gelman e Andrés Rivera), de sua relação com Juan Carlos Onetti, próxima e distante, sobretudo crítica, e de seus próprios jogos de linguagem, sem deixar de mencionar Borges.

Autores citados: Sartre; Chéjov; Juan Carlos Onetti; Gide; Roberto Hosne; Juan Gelman; Juan Carlos Portantiero; Roberto Cossa; Andrés Rivera; Mao Tse-tung; Borges

ROSA, Nicolás. La felicidad de la letra. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 4, p. 12-13, octubre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: SKÁRMETA, Antonio

Palavras-chave: Infancia; Erotismo; Música; Cine

Resumo: Comentário algo vacilante de *Desnudo en el tejado* (Ed. Sudamericana), livro de contos do chileno A. Skármeta, relatos "ambiguos", segundo Rosa, compostos por "palavras

cantadas", proliferantes e improvisadas, entre o jazz e o cinema. O resenhista, que de início sublinha uma indecisão e um déficit em função de os textos ficarem em suspenso entre a história e o "canto", ao final joga com as palavras do título para uma apoteose (que soa como apologia) do "cuento maravilloso".

Autores citados: Cabrera Infante; Kerouac; San Juan de la Cruz; Manuel Puig; Néstor Sánchez; Hitchcock

BENASSO, Rodolfo. La poesía en la boca del pueblo. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 4, p. 13-14, octubre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: PEDRONI, José

Palavras-chave: Poesía; Vanguardia; Pueblo

Resumo: Comentário da *Obra poética* (Ed. Biblioteca) em dois tomos de J. Pedroni, poeta antivanguardista apadrinhado por Lugones a partir do segundo livro, *Gracia plena*. À procura de uma definição do popular, que concerne à poesia "baladera" de Pedroni, Benasso conclui com o exemplo de Vinicius de Moraes e da bossa nova como possível caminho – tornando a resenha quase tão *naïf* quanto seu objeto.

Autores citados: Lugones; Poe; Boscán; Garcilaso; R. Cansinos Assens; H. Rega Molina; C. Naxlé Roxlo; Luis Franco; B. F. Moreno; Shakespeare; Mastronardi; Molinari; Juan L. Ortiz; Sartre; O. Paz; Vinicius de Moraes; Joao de Deus

VEIRAVÉ, Alfredo. Entre el destierro y la ironía. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 4, p. 14-15, octubre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: VIÑALS, José; ROMANO, Eduardo

Palavras-chave: Poesía; Lenguaje

Resumo: Confronto entre dois poetas jovens, Viñals (cordobês) e Romano (portenho), de linhagens distintas: o primeiro, de linguagem alusiva, com *Entrevista con el pájaro* (Buenos Aires, Ed. Losada), e o segundo, poeta "testimonial de carácter nacional", com *Algunas vidas, ciertos amores* (Buenos Aires, Ed. La Rosa Blindada, 1968). O resenhista sacraliza a "pureza creadora" ao optar com alguma discrição por Viñals, concedendo a ambos, no entanto, a característica da "exasperación".

Autores citados: Bretón; Echeverría; Antonio Machado; Mallarmé; Alberdi

GARCÍA, Germán Leopoldo. La motocicleta: fetiche y muerte. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 4, p. 16-17, octubre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: PIEYRE DE MANDIARGUES, André

Palavras-chave: Fetiche; Muerte; Deseo; Mito

Resumo: Abordagem psicanalítica do romance *La motocicleta* (trad. Caridad Martínez, 1964, 2ª ed.), de P. de Mandiargues, em que a máquina representa o fetiche que leva a protagonista à transgressão e à morte, “el verdadero rostro dionisiaco del universo”, nos termos de Germán García. Foi omitido o nome da editora.

Autores citados: Poe; Freud; Macedonio Fernández

SCHMUCLER, Héctor. Tomás Eloy Martínez. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 4, p. 18-19, octubre 1969.

Vocabulário Controlado: ENTREVISTA

Nome Pess. como Assunto: MARTÍNEZ, T. E.

Palavras-chave: Crítica; Lectura; Transgresión; Ruptura

Resumo: O editor de *Los Libros* conversa com o escritor e editor da “clausurada” revista *Primera Plana*, a propósito da publicação de seu primeiro romance, *Sagrado*, para levá-lo “contra las cuerdas” ao final, em função da cisão representada por sua atividade jornalística (“sacralizadora”) e literária (“desacralizadora”). As questões de Schmucler sintetizam sua visão da literatura e da crítica naquele momento, marcado pelo “telquelismo”.

Autores citados: Augusto Roa Bastos; Paul Eluard; Oscar del Barco; Sade

ARICÓ, José. El marxismo antihumanista. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 4, p. 20-22, octubre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Filosofia
Nome Pess. como Assunto: ALTHUSSER, Louis
Palavras-chave: Teoría; Práctica; Estructura; Dialéctica

Resumo: Crítica aos limites do projeto althusseriano de releitura do *Capital*, que não levaria em conta a relação entre filosofia e política em sua definição da filosofia como “teoría de la práctica teórica”. Baseado em cinco volumes de Althusser – *La revolución teórica de Marx* (Ed. Siglo XXI); *La filosofía como arma de la revolución* (*Cuadernos de Pasado y Presente*, nº 4); *Cristianos y marxistas: Los problemas del*

diálogo (Ed. Alianza, com “otros”); *Leer el Capital* (Siglo XXI, com E. Balibar); e *Materialismo histórico y materialismo dialéctico* (*Cuadernos de Pasado y Presente*, nº 8, com A. Badiou “y otros”) –, Aricó aponta para seu “esquematismo práctico”, o qual, apesar de se colocar contra o estruturalismo (visto como ideologia formalista), faria jus a sua posição atual de filósofo oficial do PC francês. O “dossiê Althusser” segue adiante com mais três textos.

Autores citados: Marx; Engels; Mao; Togliatti; Hegel; Kautski; Lenin; Kant; Badiou; Bachelard; Koyré; Cavaillès; Canguilhem; Massimo Barale

TERÁN, Oscar. Límites de un pensamiento. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 4, p. 22-23, octubre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Filosofia
Nome Pess. como Assunto: ALTHUSSER, Louis
Palavras-chave: Ideología; Ruptura; Dialéctica; Teoría; Ciencia

Resumo: Nova crítica ao pensamento de Althusser, em torno da dificuldade para definir o surgimento de um “novo” objeto e de uma nova problemática, devido ao modo como entende a noção de ciência (vista enquanto “reducto sagrado de lo ahistórico”), além, entre outras coisas, da ausência de uma noção de passagem, conforme Terán. De positivo, o reconhecimento do rigor e de que se trata de um “pensamiento en variación”.

Autores citados: Hoppner; A. Smith; Marx; Heidegger; Bacon; Lukács; [kantiano]; Spinoza; Hegel; Gramsci; Mandel; Lenin

SCIARRETA, Raúl. Leer el Capital. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 4, p. 23-24, octubre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Filosofia
Nome Pess. como Assunto: ALTHUSSER, Louis
Palavras-chave: Teoría; Práctica; Lectura; Ciencia; Ideología

Resumo: Comentário entusiástico sobre a contribuição de Louis Althusser ao marxismo, com sua “decisiva” “teoría de la práctica ideológica”. As críticas teóricas e políticas a suas propostas, segundo Sciarreta, representam sua própria condição de existência. O texto não comenta o livro de Ernest Mandel no cabeçalho (*La formación del pensamiento económico de Marx*. México, Ed. Siglo XXI).

Autores citados: Marx; Nietzsche; Freud; Smith; Ricardo; Pareto; Hegel; Feuerbach; Baruch Spinoza; [sartreano]; Lenin; Bachelard

INDART, Juan Carlos. Lectura de la lectura. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 4, p. 26, octubre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Filosofia
Nome Pess. como Assunto: ALTHUSSER, Louis
Palavras-chave: Teoría; Lectura; Ideología; Ciencia; Crítica

Resumo: Comentário reticente em relação a Althusser, na medida em que recairia no dogmatismo ao não admitir uma “lectura althusseriana” de si mesmo, a propósito da simplificação perigosa da edição oficial (1967) de *Lire Le Capital*. Esta censura e acrescenta textos sem discussão, segundo Indart, com a finalidade (inútil, a seu ver) de torná-la fechada e definitiva.

Autores citados: Marx; Balibar; Rancière; Macherey; Establet; Dal Sasso

Libros publicados en la Argentina entre el 1 y el 30 de setiembre de 1969. Libros latinoamericanos y españoles distribuidos en la Argentina durante el mês de setiembre. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 4, p. 28-30, octubre 1969.

Vocabulário Controlado: INFORME

TERÁN, Oscar. El robinsonismo de lo nacional. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 3 e 22, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Nome Pess. como Assunto: WILNER, Norberto
Palavras-chave: Marxismo; Imperialismo; Economicismo; Revisionismo

Resumo: Verdadeiro panfleto de Terán em nome da “melhor” leitura do marxismo – feita, na Argentina, a seu ver, pelo peronismo revolucionário e a esquerda não revisionista nem “coexistente” –, contra Norberto Wilner, autor do livro resenhado, *Ser social y Tercer Mundo (Elementos para una lógica de lo nacional)* (Ed. Galerna) e, principalmente, contra o prólogo “anitmarxista” assinado por Amelia Podetti.

Autores citados: Ingenieros; Marx; Godelier; Vera Zasulich; Engels; Lenin; Baran; Sweezy; Danielson; Frantz Fanon; Hegel; Annenkov

CORTÁZAR, Julio. La muñeca rota. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 4-6, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: ENSAIO

Nome Pess. como Assunto: CORTÁZAR, Julio
Palavras-chave: Relato; Novela; Texto; Intersticio

Resumo: Antecipação do lançamento da coletânea *Ultimo round* (Ed. Siglo XXI) com um texto “romântico” sobre a concepção de 62 *modelo para armar*, no qual Cortázar revela as fontes literárias que, ao contrário de *Rayuela*, foram em 62 quase integralmente ocultadas.

Autores citados: Gide; Michel Butor; Aragon; Dickens; Balzac; Dumas; Julien Benda; Hölderlin; Vladimir Nabokov; Felisberto [Hernández]; Maurice Merleau-Ponty; Mauss; Lévi-Strauss; Monk Lewis; Sheridan Le Fanu; Gaston Bachelard; Rimbaud

GELMAN, Juan. En la cintura de este libro. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 6-7, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: POESIA

Nome Pess. como Assunto: NERUDA, Pablo

Palavras-chave: Canto; Crítica; Poesía; Condecoración

Resumo: “Poema conversado” de Gelman (Buenos Aires, 1930) em homenagem-crítica a Neruda ao completar 65 anos e publicar *Fin de mundo* (Ed. Losada). De forma bastante piegas, o autor arremete contra a sacralização do poeta chileno.

Autores citados: [eliotaron]; [césarvallejearon]; [nerudearon]; [aragonearon]; [saint-john-persearon]

GUTIÉRREZ, Leandro. El radicalismo. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 8-9, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Progresismo; Democracia; Oligarquía

Resumo: Crítica contundente da coletânea sobre *El radicalismo* (Ed. Carlos Pérez), assinado por sete ensaístas estreados, com exceção de Alberto J. Plá. Sem avançar nada ao já conhecido, segundo L. Gutiérrez, trata-se de um livro descuidado e “intranscendente”.

Autores citados: Gabriel de Mazo; Rodolfo Puiggrós

PORTANTIERO, Juan Carlos. El peronismo: civilización o barbarie. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 10-11 e 22, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Liberalismo; Nacionalismo; Civilización; Barbarie

Resumo: Crítica de três livros sobre o peronismo, de Félix Luna – *El 45* –, mera crônica

“desarrollista”, para o resenhista; Rodolfo Puiggrós – *El peronismo. I. Sus causas* (ambos por Jorge Álvarez Ed.), com interpretações previsíveis, segundo ele; e o de um grupo encabeçado por Gonzalo Cárdenas – *El peronismo* (Ed. Carlos Pérez) –, a quem Portantiero ataca enquanto portador de uma “cosmovisão desafortada” do peronismo, entre outros problemas.

Autores citados: Cafiero; Gino Germani; Angel Cairo; Pedro Geltman; Ernesto Goldar; A. Peyrou; E. Villanueva; [marxismo]

MENÉNDEZ, Eduardo L. Fanon: la situación del intelectual. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 12-13, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Sociologia

Nome Pess. como Assunto: FANON, Frantz

Palavras-chave: Revolución; Teoría; Práctica; Colonialismo

Resumo: Resenha, dividida em cinco notas, do livro *Sociología de una Revolución* (trad. Víctor F. Orea, Ed. Era), de Fanon, considerado exemplar, apesar de seus erros ou exageros, por E. Menéndez. Contra o mito das sociedades primitivas (segundo Lévi-Strauss e outros), Fanon redescobre as tradições argelinas enquanto armas contracolonizadoras, conforme o resenhista.

Autores citados: Jeanson; Lévi-Strauss

MASOTTA, Oscar. Qué es el psicoanálisis. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p.14-15 e 21, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Psicanálise

Palavras-chave: Psicoanálisis; Liberalismo; Inconciente; Falo; Verdad; Sexualidad

Resumo: Crítica negativa da famosa biografia de Ernest Jones sobre Freud – *¿Qué es el psicoanálisis?* (trad. Aníbal Leal, Ed. Paidós) –, feita por Masotta, que foi o introdutor de Lacan em língua espanhola. Este supõe que o “liberalismo” e/ou o “mal racionalismo” do inglês faz com que distorça a teoria de Freud, confundindo o Falo como símbolo privilegiado com machismo, o que o aproxima de Melanie Klein e o faz “campeão” das feministas inglesas.

Autores citados: Freud; Lacan; Marx; Saussure; Jung; Melanie Klein; Bullitt

PAÍN, Sara. El pensamiento de Jean Piaget. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 16, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Psicología

Nome Pess. como Assunto: PIAGET, Jean

Palavras-chave: Génesis; Estructura; Psicología; Epistemología

Resumo: Crítica positiva do livro de Antonio M. Battro – *El pensamiento de Jean Piaget. Psicología y Epistemología* (Ed. Emecé) –, que se ocupa da seqüência cronológica das teorias do pensador suiço entre 1923 e 1961. Segundo a resenhista, trata-se da segunda etapa de um trabalho antecedido pela classificação de seus conceitos (no *Dictionnaire d'Epistémologie Génétique*) e que seria sucedida por uma análise da obra da escola piagetiana “desde afuera”, isto é, em relação com outras correntes contemporâneas.

Autores citados: Boole; Bourbak; [neokantismo]; [lamarckiano]

NETHOL, Ana María. Lingüística sincrónica. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 17, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Lingüística

Palavras-chave: Lingüística; Fonología; Comunicación; Lenguaje

Resumo: Para a resenhista, o livro do fonólogo francês André Martinet – *La lingüística sincrónica* (Ed. Gredos) – insiste em excesso no caráter comunicacional da linguagem e desdenha as novas perspectivas abertas pela escola chomskiana. Seu trabalho, inteiramente baseado nas “unidades mínimas” (fonemas), apesar de exaustivo, é, para ela, escasso quanto ao comportamento das “unidades significativas” (monemas).

Autores citados: Saussure; Lévi-Strauss; [chomskiano]

ZOLLA, Carlos. ...en consecuencia, los estudiantes pedimos que se levante el encuentro. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 18, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: CRÔNICA

Palavras-chave: Literatura; Cultura; Revolución

Resumo: Crônica em tom de crítica do I Encontro de los Escritores de Argentina, realizado em Córdoba, “al servicio del capital monopolista”, segundo Zolla, enquanto porta-voz do movimento estudantil. É observada a presença de escritores como Leopoldo Marechal e Antonio Di Benedetto, e a ausência de Jorge Luis Borges e Manuel Mujica Láinez, entre outros. Em destaque, o encerramento do encontro, considerado “burguês”, com a intervenção dos estudantes.

Autores citados: Martínez Borelli; Marechal; Conti; Di Benedetto; J. J. Hernández; Borges; Mujica Láinez; Baudelaire; Rimbaud; Sábato; Abelardo Castillo; Rodolfo Walsh; Dalmiro Sáenz; Humberto Constantini; Liliana Heker; Carlos Mastrángelo; Jorge Calvetti; Amalia Jamilis; Ada Donato; María Esther Miguel; Enrique Revol; Iber Verdugo

Presencias. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 18-19, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: INFORME

Nome Pess. como Assunto: Jack Kerouac; Samuel Beckett

Resumo: Dados biográficos de Kerouac e um comentário de William Burroughs sobre os *beatniks*, seguidos de texto anônimo contra o prêmio Nobel concedido a Beckett em 1969 e contra “la recuperación consagratoria de una de las experiencias más corrosivas de la literatura contemporánea” ... “en un momento en el que la literatura latinoamericana se vigila únicamente en el espejo de la crítica tradicional y parece buscar en la consagración europea la certidumbre de sus realizaciones”. Entre os dados biográficos, mais extensos, do escritor irlandês, a informação de que traduziu ao inglês e fez publicar em 1958 uma antologia poética de Octavio Paz.

Autores citados: Miller; Céline; Thomas Wolfe; Georgy [sic] Corso; Allen Ginsberg; Carlo Marx; William Burroughs; Nel [sic] Cassidy; Jack Kerouac; Beckett

DEL BARCO, Oscar. La escritura desencadenada. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 20-21, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: BLANCHOT, Maurice

Palavras-chave: Literatura; Texto; Experiencia; Lenguaje; Escritura

Resumo: Leitura “sacralizadora” de *El espacio literario* (trad. J. Jinkis, Ed. Paidós), livro que sinaliza, no entanto, para a dessacralização da literatura, ao propor o desnudamento da linguagem em direção ao silêncio, à morte, ao vazio, em nome de um “significante soberano”, a fim de que a cultura se desfça do “logos” e se assuma como “texto”.

Autores citados: Blanchot; Mallarmé; Kafka; Rilke; Alonso Quijano; Bataille; [hegeliana]; Hölderlin; René Char; Nietzsche

STEIMBERG, Oscar. Osvaldo Lamborghini. El Fiord. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 24, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Crítica; Escritura; Deseo; Juego
Resumo: Comentário favorável à “literatura underground para adultos” de *El Fiord* (Ed. China-Town), texto em que a crítica invade a literatura, “llevando la reflexión sobre los signos ya existentes –en este caso, los signos de una retórica lunfardo-hispanizante que atraviesa toda la narración– a la temperatura, la espontaneidad y la imprevisibilidad de un relato apocalíptico”.

Autores citados: Manuel Puig

GARCÍA, Germán Leopoldo. Hermilo Borba. La orilla de los recuerdos. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 24, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Origen; Repetición; Falo; Infancia; Culpa; Sujeto

Resumo: Em linguagem psicanalítica eivada de clichês, entre o sujeito barrado e o oriente e a literatura *beat* no “Texto Indiferenciado de nuestra Cultura”, García aborda a literatura autobiográfica do escritor Hermilo Borba em *La orilla de los recuerdos* (trad. do português de René Palacios More, Ed. de la Flor), que busca o “pré-verbal” e procura tornar visível “la proliferación de no poder *negarse*: la culpa original construye el mito invariable del Destino”.

Autores citados: H. Miller

ROA BASTOS, Augusto. Rubén Tizianni. Las galerías. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 24 e 26, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Lenguaje; Juego; Novela; Distanciamiento

Resumo: Comentário ao novo livro do “ignorado” poeta “inconformista” santafesino (nascido em 1937 e radicado no Peru), *Las galerías* (Buenos Aires, Ed. Sudamericana). Segundo o “resgate” feito por Roa Bastos, é um romance “crítico y creativo”, que se utiliza dos mitos da infância a fim de destruí-los, e cujo distanciamiento promove um jogo em aparência “imposible” mas na verdade “implacable” “contra esas astucias sensibleras de la autopiedad”, buscando “el fondo de las cosas”.

Autores citados: Faulkner

SGROSSO, Carmen. Boris Vian. Vercoquin y el plancton. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 26, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Juego; Lenguaje; Invención; Rebeldía

Resumo: *Vercoquin y el plancton* (Ed. de la Flor) é o primeiro romance do músico e escritor francês, escrito em 1943 e publicado em 46 graças a R. Desnos Trata-se de um relato de linhagem “patafísica”, de um “juego diabólicamente infantil” cujo humor negro está entre a comicidade e “una difusa angustia metafísica”.

Autores citados: Jarry; Robert Desnos

GARAVAGLIA, Juan Carlos. León Pomer. La guerra del Paraguay ¡Gran negocio! *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 26-27, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Historia

Palavras-chave: Desarrollo; Destrucción; Estado; Historia

Resumo: Comentário do livro *La guerra del Paraguay ¡Gran negocio!* (Ed. Calden), que deixa poucos pontos sem tratar, segundo o resenhista, em um trabalho fundamental para o grande público ao resgatar um período complexo e obscuro da história, mas se ressentiria da falta de unidade e de conexão entre as variáveis políticas e econômicas, “uno de los errores más frecuentes en la literatura sobre el tema”. Contudo, não deixa de lembrar, por exemplo, que o Paraguai era uma espécie de Japão do século XIX e que a Triplíce Aliança se deu em função de interesses metropolitanos.

Autores citados: Mitre

PERRONE, Alberto M. Mario Szichman. Crónica falsa. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 27, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Novela; Narración; Lenguaje

Resumo: Proposta de literatura com “vigencia histórica”, *Crónica falsa* (Ed. Jorge Alvarez) tem como horizonte o ano de 1969 e como ponto de “intersección” o dia 9 de julho de 1956 (“luego de la abortada Revolución Peronista del General Valle”, lê-se na reprodução da capa do livro), data da “operación masacre” narrada por Rodolfo

Wash. Perrone lê no volume não uma crônica “falsa” mas sim carente de melhor elaboração.

Autores citados: Rodolfo Walsh

Informaciones. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 27, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: INFORME

Resumo: Série de títulos de poesia de vários países pelas Ediciones del Mediodía. Nota sobre uma obra telqueliana recém-saída do forno: *Séméiotiké – Recherches pour une sémanalyse*, de Julia Kristeva, Ediciones du Seuil, coleção *Tel Quel*, “dirigida por Philippe Sollers”; seguida de comentário sobre a origem, a atividade e as teorias de Kristeva, divulgadas através de “distintas revistas especializadas”: *Critique, Tel Quel, Communications, Langages*; “el libro, cuyo título en griego evoca los comienzos del saber sobre el signo y el sentido, recoge los textos fundamentales de esta autora que intenta fundar una ciencia general del texto”. Por último, um comentário crítico (de Piglia?) sobre enquete do *Herald Tribune* entre 200 literatos para eleger os melhores romances dos EUA entre 1945 e 1965; notam-se ausências importantes e é exaltado “el sostenido nivel mantenido por la narrativa norteamericana que siguió a la de los novelistas exilados de la década del 20...”.

Libros publicados en la Argentina en octubre de 1969; Libros latinoamericanos y españoles distribuidos durante el mismo mes. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 5, p. 28-31, noviembre 1969.

Vocabulário Controlado: INFORME

PIGLIA, Ricardo. Una lectura de Cosas concretas. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 3, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Novela; Cuerpo; Violación; Lenguaje; Historia

Resumo: *Cosas concretas* (Ed. Tiempo Contemporáneo) é uma narrativa sobre o narrar, segundo Piglia: “la novela no hace otra cosa que narrar la imposibilidad de hacer hablar a la práctica política con las palabras de la literatura”. Quer dizer, com a literatura que atua na legalidade do mercado, “el reverso del discurso clandestino, silencioso, de la práctica revolucionaria”, a exemplo do discurso do escritor-crítico David Viñas (Buenos Aires, 1929).

ARGUEDAS, José María. Arguedas: la otra cara de la literatura latinoamericana. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 4-5, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: FICÇÃO

Nome Pess. como Assunto: ARGUEDAS, José María

Palavras-chave: Muerte; Novela; Socialismo; Plenitud

Resumo: Reprodução de parte do primeiro capítulo de *La zorra de arriba y la zorra de abajo* (publicado originalmente na revista peruana *Amaru* em abril-junho de 1968), escrito após outra tentativa de suicídio de Arguedas, que atingiria seu objetivo no ano seguinte. Texto cru e comovente, pode ser lido, segundo a pequena introdução, como “la expresión límite de uno de los conflictos centrales de la literatura latinoamericana: conflicto entre una realidad opresiva, definida por el analfabetismo, la censura, el subdesarrollo, la represión política, y cierta literatura fundada en una confianza iluminista en el poder inmediato de la palabra escrita como arma de lucha contra esta realidad”.

Autores citados: Melville; Alejo Carpentier; Brecht; Onetti; Rulfo; Carlos Fuentes; Cortázar; Lezama Lima

Cultura para niños. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 6, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: APRESENTAÇÃO

Palavras-chave: Literatura infantil; Ideología; Violencia

Resumo: Texto introdutório à “aproximación multifacética”, feita raras vezes na Argentina, ao tema da cultura para crianças (seguem seis textos sobre o assunto). Proposto com entusiasmo pela revista, que promete novos trabalhos em números sucessivos, o debate pretende ir além dos “paradigmas trazados” que “desconocen la dinámica de una sociedad regida por la violencia y la propaganda”.

HANNOIS, Amelia. ¿Hacia donde va la literatura infantil? *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 6-8, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Literatura

Palavras-chave: Literatura infantil; Moral; Pedagogia; Mito; Juego

Resumo: Hannois propõe preencher “zonas de enigma y vacío” na literatura infantil, sistematizada apenas em aparência. Recensando os principais escritores e críticos envolvidos com

o gênero, afirma que o essencial é não confundir literatura educativa com didática. Lembra suas fontes na tradição oral, em mitos primitivos e práticas mágicas, e se inquieta com a “civilización de la imagen” apenas nascente, percebendo um “déficit de evaluaciones en este aspecto” e um “escaso número de verdaderos creadores”.

Autores citados: Montaigne; Enzo Petrini; Giovanni Caló; Perrault; Michel Butor; John Newberry; Madame Le Prince de Beaumont; Mlle. Lhéritier; Grimm; Lévy-Strauss; Marc Soriano; Julio Verne; Michel Leiris; Raymond Roussel; Eugène Leiris; La Fontaine; Nietzsche; Pierre Louys; Benedetto Croce; Andersen; Lewis Carroll; René Guillot; Marcela Paz; Froebel; Martha A. Salotti; Rousseau; Defoe; Aristóteles; Plinio; Buffon; Marshall McLuhan; L. Travers; Umberto Eco; Eugenio Carmi; Zinnik

ROITMAN DE MALDAVSKY, Clara R. Crueldad e idealización. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 9, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Literatura

Palavras-chave: Fantasia; Crueldad; Idealización; Mito

Resumo: Abordagem psicanalítica dos contos clássicos infantis, a maioria de origem popular, cujas fantasias inconscientes se identificam com as das crianças e cujo traço principal é o “doble vínculo” de “victimario” e “víctima”, estrutura recorrente demonstrada através de duas histórias de Perrault. Contra um certo “psicologismo” em voga, diz que a experiência “incómoda” da crueldade típica desses contos só pode ser compartilhada com as crianças por um adulto que tenha vivido plenamente a sua própria infância.

Autores citados: Grimm; Perrault; Andersen; Freud

GARCÍA, Germán Leopoldo. María Elena Walsh: preguntas sin respuestas. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 10-11, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Literatura

Nome Pess. como Assunto: WALSH, María Elena

Palavras-chave: Cultura infantil; Alta Cultura; Cultura de masas; Nonsense; Deseo

Resumo: Crítica provocativa, em forma de interrogações e com base na psicanálise, da ficção infantil da escritora María Elena Walsh, que se utilizaria do *nonsense* de Lewis Carroll ou de Alfred Jarry como forma de reprimir a crueldade intrínseca dos contos infantis.

Autores citados: Jarry; L. Carroll; Sartre; Lévi-Strauss

WAJSMAN, Paula; SASTRE, Carlos S. Las revistas infantiles. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 12-12 e 21, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Literatura
Palavras-chave: Literatura infantil; Verdad; Consumo; Violencia; Sexualidad

Resumo: Interessante trabalho sobre as revistas infantis baseado em “investigación motivacional” junto a crianças, mães e professoras, o texto começa e termina curiosamente com a necessidade de se justificar e, por outro lado, com a pretensão de “producir teóricamente” o saber próprio da “técnica de comercialización masiva”. Em conclusão, crianças coincidem em seus desejos, mães encontram-se divididas (entre a “imaginación” e a “educación”) e professoras presas ao dever e desorientadas em relação aos novos tempos.

STEIMBERG, Oscar. Langostino: un recuerdo a la deriva. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 14, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Literatura
Nome Pers. como Assunto: FERRO, Eduardo
Palavras-chave: Destino; Historieta; Literatura infantil; Aventura

Resumo: Crônica dos anos 50, sobre o personagem de literatura infantil Langostino, de E. Ferro, em historieta veiculada na revista infantil *Patoruzito*. Nem bom nem mau, ele destoava completamente dos opostos que caracterizavam a própria revista. Conhecido como “el navegante independiente”, cruzava “países defectos” como “Malignia” e “países virtudes” como “Bondadnia”, em aventuras sempre melancólicas. Em sua segunda etapa, deixando o gueto “infantil”, a revista se torna uma “notable muestra de la historieta contemporánea de aventuras”.

Autores citados: Dante Quintero; Nilhem [sic] Busch; Raúl Roux

FERREYRA, Norberto; SOMMER, Raúl. Problemas sociales para los niños. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 15 e 21, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Literatura infantil; Mito; Verdad

Resumo: Texto crítico, que inicia problematizando o próprio conceito de literatura infantil, sobre um livro de Laura Devetach,

dirigido às crianças mas pensado por e para um adulto e seu mundo. Trata-se de *La torre de cubos* (Ed. Luis Fariña), em que as crianças são queridas somente se forem boas, isto é, “si cumplen las tareas que Laura Devetach les impone”, e onde aparece claramente, segundo os resenhistas, a visão classista e racista do narrador branco, detentor da palavra e envolvido em “fino papel”.

TORRESI, Ede. Estadísticas. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 15, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: INFORME

Palavras-chave: Literatura infantil; Exito; Clásico

Resumo: Pesquisa realizada junto a vinte editoras de literatura infantil com distribuição e/ou matriz na Argentina, exaltando-se a “personalidade própria” que o gênero adquiriu. As histórias mais vendidas permanecem as clássicas, e há raros personagens locais com êxito.

Autores citados: Grimm; Perrault; Andersen; Walt Disney

GRENNI, Héctor R. El imperialismo. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 18, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Revolución; Imperialismo; Capitalismo; Producción; Consumo

Resumo: Crítica do volume de ensaios *Teoría marxista del imperialismo* (publicação de *Cuadernos de Pasado y Presente*), a qual aborda apenas aspectos dos trabalhos de dois de seus quatro autores (Paolo Santi, Jacques Valiev, Rodolfo Banti, Hamza Alavi). É considerado, por um lado, um excelente começo da análise da “esclerosis ideológica” dessa teoria, dada a capacidade de auto-superação do capitalismo, e, de outro, criticado (em referência ao trabalho de Alavi) por este entender que o “império”, os Estados Unidos, obstaculizariam qualquer desenvolvimento industrial nas “colônias”. A resenha termina com uma exaltação da “rebelión juvenil”, que avançava nas metrópoles e demonstraria que “la miseria no es, como se ha creído hasta ahora, la condición revolucionaria”.

Autores citados: Lenin; Marx; Trotsky; Servan Schreiber

PORRÚA, Francisco. Erotizar el mundo exterior. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 19, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Ciencia-ficción; Ruptura; Vanguardia; Erotismo; Lenguaje

Resumo: Comentário do volume *Ciencia-ficción, realidad y psicoanálisis* (Ed. Paidós), de E. Goligorsky e Marie Langer, em que esta, psicanalista, remeteria ao ponto essencial, nos moldes de uma ficção científica atual, preocupada com o homem futuro e explorando o descontínuo da própria linguagem, o que não faz o “especialista”, que veria o gênero como mera ilustração da realidade social. Porrúa situa a revista britânica de vanguarda *New Worlds* como a mais interessante então, voltada à experimentação nas “superfícies eróticas del lenguaje” e “en la ambivalencia del signo”.

Autores citados: Hugo Gernsback; J. W. Campbell; Ballard; Joyce; Burroughs; Michael Moorcock; Norman Spinrad; Thomas M. Disch; Samuel R. Delany; Ray Bradbury; Sturge[on]; Cordwainer Smith; Vance Packard; Lovecraft; Freud

SAZBÓN, José. Qué es el estructuralismo. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 20, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Semiologia

Palavras-chave: Estructura; Polisemia; Lenguaje; Ciencia; Ideología

Resumo: “Quizás el estructuralismo sea una seudo-escuela y los ataques que recibe, más una señal de desconcierto que un índice de supuestos valores que el estructuralismo amenaza”: frase final da lúcida síntese crítica de Sazbón, ao comentar três livros sobre o tema: *Sentidos y usos del término estructura en las ciencias del hombre* (Ed. Paidós), organizado por Roger Bastide e originado em um colóquio com Benveniste e Lévi-Strauss, e os (malévolos) manuais *El estructuralismo*, de Jean-Marie Auzias (Ed. Alianza) e *Para comprender el estructuralismo*, de J. B. Fages (Ed. Galerna). Há, segundo o resenhista, *estruturalismos*, não um estruturalismo – unidade inexistente, mera operação ideológica de seus divulgadores.

Autores citados: Kroeber; Raymond Boudon; Emile Benveniste; Claude Lévi-Strauss; François Perroux; Michel Serres; Trubetzkoy; Jacques Lacan; Roland Barthes; Sartre; [saussureana]

TANDETER, Henrique. Enrique Florescano. *Precios del maíz y crisis agrícolas en México (1708-1810)*. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 22, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Economía

Palavras-chave: Historia; Crisis; Mercancía

Resumo: Nota crítica sobre o livro de “historia de precios” do “profesor” Florescano, seguidor da nova escola de historiadores franceses pós-29, encabeçados por Braudel e marcados pela “preocupación por la cuantificación”. É o primeiro trabalho de peso de um latino-americano sobre a “área colonial hispanoamericana” – feito na Sorbonne, com bolsa francesa, como observa Tandeter – e sua visão não é diferente daquela de seus guias, entre o determinismo e o naturalismo como concepção da realidade. No fim da resenha, um recado: “De ahí que cualquier confusión de esta visión con la de los trabajos inspirados en el materialismo histórico sería superficial e incorrecta”.

Autores citados: Hamilton; Labrousse; Braudel; Vilar; Goubeet; Baehrel; Le Roy Ladurie, Chaunu; Romano

BENASSO, Rodolfo. *Feudal cortesía en la prisión del cerebro*. Textos de Vicente Zito Lema. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 22, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Texto; Sistema; Lenguaje; Deseo

Resumo: Comentário de livro experimental (Ed. Rodolfo Alonso), que exige uma “colaboração” do leitor, e que tem o tom distante do ensaio e objetivo da “nueva novela”, ao invés da linguagem coloquial praticada pela lírica anglo-saxônica, segundo Benasso. Trata-se de um conjunto de “textos” que propõe um desafio aos gêneros literários e que teriam seus antecedentes nos “poetas malditos”.

ROA BASTOS, Augusto. Fernando de Giovanni. *Keno*. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 22-23, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Novela; Autobiografía; Mito; Machismo

Resumo: Em outra resenha dedicada a um jovem autor, Roa Bastos exalta a força do primeiro romance de De Giovanni (Ed. Jorge Alvarez), com “dos líneas de fuerza”: uma autobiografia fragmentada do protagonista, com a presença-chave da avó, que para Roa é a melhor parte; e outra, que tenta cristalizar o mito do machismo portenho, visto como “derivación aberrante del

matriarcado". Proposta narrativa alegórica ou simbólica mas não psicológica, Keno "reclama una atenta lectura y una activa participación".

Autores citados: Beatriz Guido; Manuel Mujica Láinez; David Viñas; Dalmiro Sáenz

MACTAS, Pablo G. Julio Broner y Daniel E. Larriqueta. *La revolución industrial argentina. Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 23, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Economía

Palavras-chave: Desarrollo; Capital; Burguesía

Resumo: "Se trata de un libro tardío", começa a resenha de *La revolución industrial argentina* (Ed. Sudamericana), para arrematar quatro parágrafos adiante: "De ser así, *La Revolución...* ha llegado demasiado tarde". É como Mactas encena breve e negativamente o "drama" (dos autores) em torno do modelo ideal de capitalismo "desarrollista" para a Argentina, "desde cierto ángulo, a la manera de la escuela francesa".

Autores citados: Dobb

PERRONE, Alberto M. Rubén Coteló. *Narradores Uruguayos. Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 23-24, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Cuento; Generación

Resumo: "El mejor cuento uruguayo es el Uruguay mismo", diz no prefácio o organizador do volume (Ed. Monte Ávila), com início em 1939 (*El pozo*, de J. C. Onetti), anunciando "el descontento de una nueva generación de intelectuales" que tem em Felisberto Hernández a sua grande referência. Perrone conclui, citando Bachelard, que a antologia, "plasmándose en una imagen que razona, presenta 'el rostro de una comunidad que inquiere sobre su existencia y su destino'".

Autores citados: Juan Carlos Onetti; Felisberto Hernández; J. L. Borges; L. S. Garini; María de Montserrat; Armonía Somers; Mario Arregui; María Inés Silva; Carlos Martínez Moreno; Mario Benedetti; Mario César Fernández; Jorge Onetti; Silvia Lago; Bachelard

BENASSO, Rodolfo. Rubén Vela. *Los secretos. Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 24, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Poesía

Palavras-chave: Poesía; Estética; Escritura

Resumo: O lirismo de Rubén Vela, colaborador de *Poesía Buenos Aires*, em *Los secretos* (Ed.

Sudamericana) desejaría *simplesmente* alcançar "una palabra de silencio luminoso, de sugestión e ironía, confesión disfrazada de leyenda, que sólo aspiraba a confundirse con las piedras de los mayas, los aztecas y los incas, la juventude y el verano"! (eu grifo). Promove uma indagação sobre a condição do bardo antes que da própria linguagem poética, segundo Benasso.

Autores citados: Huidobro

FLICHMAN, Guillermo. Celso Furtado. *La concentración del poder económico en los Estados Unidos y sus reflejos en América Latina. Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 24, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Economía

Palavras-chave: Desarrollo; Producción; Clase

Resumo: Resenha crítica do livro de Furtado (Ed. Centro Editor), ex-ministro da Economia do governo João Goulart, como sublinha depreciativamente Flichman. A obra propõe, de um lado, caracterizar as mudanças na estrutura econômica norte-americana e sua influência na América Latina (apenas aqui com êxito, segundo o resenhista), enquanto receita, de outro lado, um modelo de desenvolvimento econômico para o país. A nota não deixa de apontar a principal e "elemental" deficiência das propostas apresentadas na Universidade do Chile e diante da Comissão de Economia da Câmara de Deputados do Brasil em 1968: "¿quién, qué clase social va a tener interés en promover la política reformista que plantea Furtado?" (tendo em vista o destino do governo Goulart).

RIVERA, Jorge B. Enrique González Tuñón. *La rueda del molino mal pintado. Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 26, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Mito; Novela; Cotidiano; Ideología

Resumo: "Eximio urdidor de mitos porteños" no popularíssimo diário *Crítica*, o poeta Enrique G. Tuñón inventou "una metarrealidad enervada y mistificadora del Buenos Aires de los días de Alvear", ao som de tango, entre eternos fracassados em hotéis baratos do Paseo de Julio. *La rueda del molino mal pintado* (Ed. Centro Editor - 1ª ed. Gleizer, 1928), seu terceiro livro, reúne os relatos *boedistas* de um "Dickens de la ciudad trivial con no poco de Kafka". A través de uma "escritura artística", o poeta engendra

“fábulas desesperanzadas” e plenas da ideologia “piadosa” do narrador.

Autores citados: Borges; Nicolás Olivari; Raúl [González Tuñón]; Dickens; Kafka; Quiroga; Roberto Mariani

GARCÍA, Germán Leopoldo. Eduardo Gudiño Kieffer. *Fabulario. Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 26, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Fábula; Moraleja; Consumo; Valor de cambio; Valor de uso; Mito; Complicidad; Cantidad; Escritura; Ambigüedad

Resumo: Nota ambígua e irônica sobre as dez “Fábulas con Amoraletas” que compõem *Fabulario* (Ed. Losada), vendidas como uma “exploración verbal deslumbrante”, conforme a contracapa citada por Garcia. Que propõe o que seria “la verdadera moraleja”: “el consumo exaspera el valor de cambio de ciertas palabras y ciertos mitos cuyo valor de uso se nos vuelve impreciso cuando esos mitos y esas palabras circulan a través de la Institución Literatura”.

PARADISO, José. J. C. Torre[s] y S. Senén González. *Ejército y sindicatos. Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 27, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Alianza; Poder; Revolución; Nacionalismo

Resumo: Comentário sobre *Ejército y sindicatos* (Ed. Galerna) – uma “crónica periodística de los escasos meses durante los cuales gobernó el general E. Leonardi”, que se caracterizaria pela inteligência, a sobriedade e a ausência das “refinadas elaboraciones o los amaneramientos academicistas”. Os “vencedores de setiembre de 1955” tinham dois projetos políticos de “fácil identificación”: os epígonos do nacionalismo ao lado de elementos de extração peronista (“peronismo sin Perón”); e os setores liberais e militares antiperonistas. Esboça-se um “finteo de primer round” entre governo revolucionário e burocracia sindical, pacto em que se concentra a análise dos autores e cujos limites são questionados por Paradiso. A 13 de novembro, porém, Leonardi é deposto e substituído por P. E. Aramburu, que interviria na CGT e deteria seus principais dirigentes.

Autores citados: A. Framini

Libros publicados en la Argentina entre el 1º y el 30 de noviembre de 1969. Libros latinoamericanos y españoles distribuidos en la Argentina durante el mês de noviembre. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 6, p. 28-31, diciembre 1969.

Vocabulário Controlado: INFORME

ROSA, Nicolás. El relato de la droga. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 7 (especial), p. 3 e 29, enero-febrero 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Texto; Experiencia; Escritura; Mito; Droga

Resumo: Em tom de semiólogo *à la page*, Rosa critica *El amhor, los orsinis y la muerte* (Ed. Sudamericana), assinado por um escritor do momento (da contracultura), Néstor Sánchez, que inventaria não uma história mas o seu modo potencial. Autor do *best-seller Siberia blues*, que o novo livro continua, Sánchez busca “la desdramatización de la escritura” mas não faz senão “recaer en un nuevo ritual”, segundo Rosa, para quem “el temor a la escritura se vuelve contra el autor” desse *texto salvaje* – o “inefable”, “inenarrable” relato da droga.

Autores citados: Proust

PEZZONI, Enrique. El diario de la guerra. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 7 (especial), p. 4, enero-febrero 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Sueño; Vacío; Lectura; Verdad

Resumo: Belo artigo de Pezzoni sobre *El diario de la guerra del cerdo* (Ed. Emecé), relato ambíguo de Adolfo Bioy Casares cujo regime de verdade não é referencial, embora se desenrole sob o disfarce de uma narrativa tradicional. Aqui, a realidade aparece como ausência, como vazio no interior de uma “peculiarísima estructura”, em que “estamos condenados a una infatigable sintaxis donde la incoherencia no es más que un modo sui generis de coherencia”. Bem a propósito, uma conhecida fórmula de Bioy para o conto fantástico é lembrada na resenha: “invenciones rigurosas, verosímiles a fuerza de sintaxis”.

Autores citados: Freud

LUDMER, Iris Josefina. Heroína o la palabra psicoanalítica. *Los Libros. Un mes de*

publicaciones en Argentina y el mundo, nº 7 (especial), p. 5 e 29, enero-febrero 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Escritura; Red; Significación; Producción

Resumo: *Heroína* (Ed. Sudamericana), de Emilio Rodrigué, “novela doblemente ambivalente”, se divide em “dos sistemas de producción de la significación”, a do escritor (corpo) e a do analista (mente) que é Rodrigué (da estirpe dos médicos-pintores ou juizes-escritores, conforme sugere a resenha). Para Ludmer, arguta e elegante crítica, irônica e enigmática, que não deixa de lançar mão do vocabulário *telqueliano* em seu auge, a primeira parte do relato é mais rica, e a segunda, justamente “la realidad”, pobre, ou “sin trabajo”.

Autores citados: Freud; Darwin; Marie Langer

COZARINSKY, Edgardo. (Introdução a Pier Paolo Pasolini/Teorema). *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 7 (especial), p. 6, enero-febrero 1970.

Vocabulário Controlado: APRESENTAÇÃO

Nome Pess. como Assunto: PASOLINI, Pier Paolo

Palavras-chave: Cine; Guión; Estructura

Resumo: Sob a rubrica “Texto inédito”, E. Cozarinsky introduz a publicação autorizada de um fragmento do roteiro de *Teorema* (Ed. Sudamericana, a sair), sublinhando que Pasolini, a exemplo de outros nomes ilustres, vai da literatura ao cinema, e lembrando que, escritor “tan consciente”, questionaria a publicação de um roteiro no ensaio “La sceneggiatura como ‘struttura che vuol essere altra struttura’”, *contra* Lévi-Strauss (“para quien es imposible definir contemporáneamente un estadio A y un estadio B ... y revivir empíricamente el paso de uno a otro”).

Autores citados: Alain Robbe-Grillet; Alexander Kluge; Susan Sontag; Marguerite Duras; Norman Mailer; Sjöman; Straub; Bertolucci; Reinhard Lettau; Bakhtin; Lelouch; Lester; Christian Metz; Lévi-Strauss; Gurvitch; Murdock; Vogt

PASOLINI, Pier Paolo. *Teorema*. Trad. PEZZONI, Enrique. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 7 (especial), p. 6-9, enero-febrero 1970.

Vocabulário Controlado: FICÇÃO

Palavras-chave: Ley; Diferencia; Clase; Cuerpo

Resumo: Reprodução de fragmento em cinco partes da “novela” *Teorema*, filmada em 1968. Destacam-se (funcionando como síntese) uma frase da terceira parte – “Como toda época histórica, también la nuestra ha reconstruido la

naturaleza, y por lo tanto la naturalidad” – e os títulos da segunda, quarta e quinta partes: “Identificación del incesto con la realidad”, “La destrucción de la idea de sí” e “Complicidad entre el subproletariado y Dios”.

COZARINSKY, Edgardo. (Nota final a Teorema). *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 7 (especial), p. 9, enero-febrero 1970.

Vocabulário Controlado: NOTA – Cinema

Nome Pess. como Assunto: PASOLINI, Pier Paolo

Resumo: Nota de protesto contra o “infierno” da censura na Argentina, onde “casi no hay film que se estrene completo”. Em tom mordaz, informa que *Teorema* havia sido aprovado na Argentina com apenas um corte, mas logo seria proibido: ao contrário de França, Itália, Venezuela e EUA, “sólo ha hallado desconfianza en este reducto ‘occidental y cristiano’”, lamenta Cozarinsky.

La literatura argentina 1969. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 7 (especial), p. 10-12 e 21-24, enero-febrero 1970.

Vocabulário Controlado: ENQUETE

Palavras-chave: Literatura; Crítica; Boom

Resumo: Reveladora enquete promovida por *Los Libros* com nove jovens escritores em torno de quatro questões: o chamado “boom” da literatura argentina; a crítica literária do país; os atuais projetos de cada um; e o melhor livro de ficção narrativa argentina de 1969. Destaquem-se as bobagens populistas de Marta Lynch, a cara-de-pau de Néstor Sánchez (ao eleger o seu próprio livro como o melhor do ano), e as críticas de alguns – sobretudo de Osvaldo Lamborghini – à própria revista. Por fim, note-se que *Boquitas pintadas*, de Puig, foi citado por nada menos que seis dos nove entrevistados como o livro do ano.

Autores citados: Emilio Soto; Tomás Eloy Martínez; Manuel Puig; Méndez Calzada; Lisandro de la Torre; Lugones; Arthur Hailey; Jacqueline Susann; Guy des Cars; Cortázar; Sábato; Silvina Bullrich; Antonio Skármeta; Adolfo Bioy Casares; Masetti; Rodolfo Walsh; Juan Gelman; P. Bourdieu; Borges; Augusto Roa Bastos; Carmen Sgrosso; Alberto Perrone; Juan Carlos Onganía (!); Arlt; Marcuse; Huxley; Sartre; Rulfo; David Viñas; Horacio Armani; Oscar Hermes Villordo; Ernesto Guevara; Fanon; Neruda

Libros publicados en la argentina [sic] en el año 1969. Libros latinoamericanos y españoles distribuidos durante el mês de diciembre en la

Argentina. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 7 (especial), p. 13-20 e 31, enero-febrero 1970.

Vocabulário Controlado: INFORME

FUNES, Santiago. 'Knovz smovz ka pop'. *Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 7 (especial), p. 23-24, enero-febrero 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Obra; Parodia; Texto; Silencio; Transgresión

Resumo: Funes exalta o romance *Sagrado* (Ed. Sudamericana), de Tomás Eloy Martínez, que vai do "eterno de la origen" à "ilegibilidad del mundo" (daí o título da resenha, citando pergunta do texto), em obra "aberta" à *la mode* cuja própria linguagem "carece de existencia", isto é, representa o irrepresentável em uma "búsqueda del sonido inhumano de un silencio".

Autores citados: Morelli...

ROMANO, Eduardo. Robert Stanton. *Introducción a la narrativa. Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 7 (especial), p. 25, enero-febrero 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Texto; Estructura; *New criticism*; Ideología

Resumo: O peronista Romano faz um "rápido panorama" da crítica literária norte-americana, desde os *new critics* até os "neoaristotélicos" e os existencialistas europeus nos Estados Unidos, e em seguida desanca o livro de Stanton (Ed. Carlos Pérez). Trata-se, segundo ele, de um manual "en apariencia ingenuo" com "óptica mercantilista", utilitaria e escolar, contaminada ideologicamente pelo que chama de "imperialismo monopolista" em ação contra "los pueblos esclavizados o dependientes como el nuestro".

Autores citados: Ivor Richards; Thomas S. Eliot; Irving Babbitt; T. E. Hulme; Rémy de Gourmont; Henri Bergson; Ivor Winters; Ransom; Tate; Warren; Brooks; René Wellek; Roman Jakobson; K. Burke; E. Wilson; R. P. Blackmur; Ernst Cassirer; G. Frazer; N. Frye; P. Wheelwright; Charles Feidelson; R. W. B. Lewis; Marius Bewley; L. Fiedler; L. Trilling; F. O. Matthiessen; R. H. Pearce; Wayne Booth; Sartre; Dos Passos; Camus; Hazel Barne; Murray Krieger; John Dewey

ERHART, Virginia. Daniel Defoe. *Diario del año de la peste. Los Libros. Un mes de publicaciones*

en Argentina y el mundo, nº 7 (especial), p. 25-26, enero-febrero 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Realismo; Verosimilitud; Juego; Ficción

Resumo: Precisa resenha sobre o "exceso de realismo" característico de Daniel Defoe e do *Diario del año de la peste* (Ed. Brújula). Suas memórias simuladas têm impacto "poco menos que devastador" para a crítica tradicional, segundo Erhart, que não deixa de notar graves problemas de tradução (assinada por Jorge Enrique Werffeli).

Autores citados: Diderot; Lewis Carroll; Butor; Malraux; Wordsworth

ORTIZ, Daniel. J. L. Borges y otros. *Sobre Macedonio Fernández. Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 7 (especial), p. 26, enero-febrero 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Literatura

Nome Pess. como Assunto: FERNÁNDEZ, Macedonio

Palavras-chave: Vida; Obra; Literatura; Memoria

Resumo: Benévolo comentário da "inteligente recopilación" organizada por Germán García sobre Macedonio (Ed. Carlos Pérez), este "misterio molesto para la mayoría de la intelectualidad argentina". As entrevistas se entrecruzam em três níveis: o familiar, o das diversas memórias e o da literatura, concluindo com um trabalho do organizador cujo objeto são as "dicotomías del pensamiento vivo" de Macedonio, contra "toda adecuación".

Autores citados: Adolfo de Obieta; Gabriel del Mazo; Enrique Villegas; Jauretche; Marechal; Peyrou; Luis Bernárdez; Borges

DE BRASI, Juan Carlos. Antonio Dal Masetto. *Siete de oro. Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 7 (especial), p. 26-27, enero-febrero 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Literatura

Nome Pess. como Assunto: DAL MASETTO, Antonio

Palavras-chave: Lectura; Texto; Memoria; Escritura

Resumo: Comentário sobre *Siete de oro* (Ed. Carlos Pérez), "valioso texto" marcado pela memória e o silêncio, no qual escrever significa distanciamento ou uma "comunicación invertida" que se confronta com uma maneira "netamente 'literaria' de narrar". No relato de Dal Masetto, segundo De Brasi, a "incertidumbre" é um

incentivo à ação, e a dúvida um luxo nestas “meditaciones sobre lo invariable”, quer dizer, a morte.

PALAU, Gladys. R. Carnap. *Fundamentación lógica de la física. Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 7 (especial), p. 27, enero-febrero 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Filosofia
Palavras-chave: Lógica; Ciencia; Lenguaje; Inducción; Causalidad

Resumo: Filósofo do Círculo de Viena, Carnap marca “a fuego” a filosofia da ciência contemporânea, segundo Palau. O livro em questão (Ed. Sudamericana), didático e a seu ver algo irregular, reúne trabalhos de 1946 e 1958, com temas fundamentais das ciências empíricas, entre os quais a questão da lei, da verificação e da indução, das vantagens da linguagem quantitativa da ciência, da estrutura do espaço, da analiticidade e do indeterminismo. Seu objetivo maior é a análise lógica da linguagem da física e a conseguinte construção de uma linguagem formalizada para chegar a novos conceitos e novas suposições.

VEIRAVÉ, Alfredo. Horacio Salas. *La corrupción. Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 7 (especial), p. 27-28, enero-febrero 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Poesia
Palavras-chave: Lenguaje; Cotidiano; Otriedad; Tiempo; Realidad; Visibilidad

Resumo: Elogio do novo poemário de Horacio Salas (Ed. Americalee), que desliza por “un lenguaje entre discursivo y coloquial” e cujo rigor “no excluye los temores y las aprensiones secretas”. Perseguidor da realidade circundante, “de una Argentina visible”, característica da geração dos 60, segundo Veiravé, com *La corrupción* Salas atingiria o equilíbrio de quem se despede de seus fantasmas e entra no “‘poder del tiempo’ cada vez con mayores signos de responsabilidad estética”.

GRAHAM-YOOLL, Andrew. Courtney Letts de Espil. *Noticias confidenciales de Buenos Aires a USA (1869-1892)*. Carmen Peers de Perkins. *Eramos jóvenes el Siglo y Yo. Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 7 (especial), p. 28, enero-febrero 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Memória
Palavras-chave: Clase; Crónica; Biografía

Resumo: Nota sobre dois livros escritos por mulheres (ambos Ed. Jorge Alvarez), os quais serviriam apenas para reforçar a tradicional

distância das classes altas em relação ao restante da sociedade. As “noticias confidenciales” descritas pela esposa de um ex-embaixador argentino em Washington não confidenciam quase nada e o texto biográfico “incompleto” da mãe do automobilista Gastón Perkins apenas enumera futilidades, segundo o resenhista.

Autores citados: Katherine Mansfield

MARZORATTI, Diana. Frank Josef Wehnes. *La escuela y el mundo del trabajo. Los Libros. Un mes de publicaciones en Argentina y el mundo*, nº 7 (especial), p. 28, enero-febrero 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Educação

Palavras-chave: Escuela; Familia; Trabajo; Cultura

Resumo: De autoria de Frank Josef Wehnes, em tradução “del alemán” de H. W. Jung (Ed. Nova), “este breve libro deja pocos puntos sin tratar”, diz a resenhista, lamentando, porém, a sua superficialidade. Tampouco perde a ocasião de criticar as editoras locais que publicam qualquer ensaio, “bueno o malo”, que venha dos Estados Unidos ou da Europa ocidental, sem a menor relação com sua realidade. “Haber publicado los planes del Consejo Nacional de Educación Técnica, sus objetivos y programas nos parece que hubiera sido más enriquecedor”.

Etapa. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 8, p. 3, mayo 1970.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Crítica; Estructura; Ideología

Resumo: Texto editorial não assinado (o primeiro depois do nº 1), a revista estréia em 1970 com uma página autobiográfica em que se anuncia a etapa de sua “latinoamericanización” (a colaboração de várias editoras do continente, com maior apoio financeiro e melhor distribuição), em que se faz uma defesa (contra a acusação de “extranjerizante”, elitista e estruturalista) e um *mea culpa* (reconhecendo o “tecnicismo” e a “incomunicación” de certos textos, com promessa de superação do “inconveniente”) e em que se afirma sua razão de ser: a busca do novo. Para tanto, a revista começa a se abrir, publicando pela primeira vez uma crítica cinematográfica, e prometendo, “cuando sea necesario”, abordagens sobre jornais, televisão, teatro, rádio ou cinema. Os tempos pedem e *Los Libros* se mostra atenta a um para-além dos livros.

NUN, José. Gino Germani o la sociología de la modernización. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 8, p. 4-5 e 26, mayo 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Sociologia

Palavras-chave: Clase dominante; Mercancia; Ideología; Dialéctica; Dependencia

Resumo: Rigorosa e impiedosa crítica a *Sociología de la modernización* (Ed. Paidós), de G. Germani, marcado pela “vaguedad expositiva” e um “eclecticismo a-crítico”. Após longa introdução sobre o capitalismo monopolista em termos marxistas e o conceito de “modernização” nos moldes da sociologia oficial norte-americana (“estructural-funcionalista”), passa-se ao exame de um livro de título “engañoso”, de “escaso rigor” e “magro aporte”, para concluir com uma descrição lapidar da profunda crise “en que se debate la ideología de la modernización”.

Autores citados: Carlos Marx; Jean-Marie Vincent; Victor Fay; Louis Althusser; Andre Gunder Frank; Lyndon Johnson; Eliseo Verón; Marius B. Jansen; Lenin; S. M. Lipset; E. Shils; G. Almond; J. Coleman; R. Ward; D. A. Rustow; D. E. Apter; B. Schwartz; C. Black; M. J. Levy; Weber

GRAMUGLIO, María Teresa. Pasos. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 8, p. 6 e 22, mayo 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Relato; Unidad; Novela; Nueva crítica; Escritura; Formalismo; Contradicción; Horror

Resumo: Resenha algo hesitante e “modesta” sobre um romance, *Pasos* (trad. L. Mirlas, Ed. Losada), de um escritor polaco, Jerzy Kosinsky, a partir do inglês! Gramuglio elogia a destreza narrativa do autor, sua escritura “zigzagueante” e seus “sucesivos escamoteos del yo narrador”, mas acaba por concluir que a carga ideológica revolucionária do texto fica neutralizada pelo que chama de “preciosismo del horror” e por uma “irrenunciable voluntad de acudir (...) a una forma canónica, de renunciar a cualquier terrorismo de la letra (...)”.

Autores citados: Kafka

DE BRASSI, Juan Carlos. La neovanguardia italiana. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 8, p. 7 e 22, mayo 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Literatura

Nome Pess. como Assunto: SANGUINETI, Edoardo

Palavras-chave: Vanguardia; Representación; Lenguaje; Significación; Texto; Forma; Juego; Yo

Resumo: Resenha *telqueliana*, tão interessante quanto datada, do único relato ficcional de Edoardo Sanguinetti publicado na Argentina até então (Ed. Monte Ávila), elogiado enquanto “anti” ou “sub-libro”. Faz um retrospecto de seu trabalho como crítico literário até chegar à neo-vanguarda do Grupo 63 (paralelo a *Tel Quel*, diz) e sua poesia de “formas quebradas”, seu texto que “se escribe escribiéndose” (conforme o jargão do período), contra a “estética crociana” e a “inmanencia del sentido ‘único’”. No rodapé, uma nota do editor informa que, “antes de la aparición de este artículo”, o Grupo 63 se dissolvera definitivamente.

Autores citados: Dante; Alberto Moravia; Umberto Eco; Valéry; A. Porta; E. Pagliarani; E. Scolari; L. Anceschi; A. Giuliani; A. Guglielmi; Nanni Balestrini; [marxista]; [crociana]

GELMAN, Juan. Presentación de Ernesto Cardenal. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 8, p. 8, mayo 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Poesia

Nome Pess. como Assunto: CARDENAL, Ernesto

Palavras-chave: Lirismo; Revolución; Unidad; Dios

Resumo: Elogio preguiçoso (pouco texto; muita citação) do poeta religioso-revolucionário nicaraguense, por ocasião da publicação de uma coleção de seus *Salmos* na Argentina (Ed. Carlos Lohlé). Segundo o também poeta Gelman, trata-se de um dos raros bons poetas religiosos da América Latina, cujos poemas políticos são dos “más memorables del continente” e cujo lirismo – de “puro nombrar” – seria o mais difícil de obter.

Autores citados: San Juan de la Cruz

REST, Jaime. Retrato del moralista como cínico. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 8, p. 10 e 26, mayo 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Literatura

Nome Pess. como Assunto: ARETINO, Pietro

Palavras-chave: Clásico; Lenguaje; Moral; Cinismo; Parodia

Resumo: Estupenda resenha do crítico argentino a propósito da (re)publicação de parte dos *Ragionamenti* de Aretino em espanhol, *Diálogos picarescos* (trad. Sergio Camporeale, Ed. Merlin). Começando e terminando com Apollinaire, Rest não apenas contextualiza vida e obra do

condottiere literário italiano, precursor de Cervantes, Quevedo e Molière, como discute sua moral e refaz sua trajetória crítica, ao lado de Sade, sem deixar de observar que apenas Sainte-Beuve o considerava um clássico antes do século XX.

Autores citados: Apollinaire; Sade; Bocaccio; De Sanctis; Croce; Menéndez y Pelayo; Ticiano; Sainte-Beuve; Cellini; Cervantes; Quevedo; Molière; Vossler; Corneille; Francisco Delicado; Castiglione; Diderot; Rabelais; Bernard Shaw.

BENOIST, Jean-Marie; KUSCHNIR, Clara. Chomsky lingüística y política. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 8, p. 12-14, mayo 1970.

Vocabulário Controlado: ENTREVISTA

Nome Pess. como Assunto: CHOMSKY, Noam
Palavras-chave: Forma; Estructura; Lenguaje; Sistema; Generación

Resumo: A revista propõe a fusão de duas entrevistas de Noam Chomsky, que se define como “socialista libertário”, crítica a superficialidade do estruturalismo e os limites do behaviorismo, além de explicar de modo sintético seus conceitos e posições em lingüística. A primeira e mais extensa parte da entrevista, feita por Benoist para *La Quinzaine Littéraire* (junho de 1969), aborda problemas lingüísticos e filosóficos; a segunda, de Kuschmir para *Los Libros*, toca em temas políticos. A finalidade, lê-se na pequena introdução, é “plantear la relación entre el intelectual y la política, atisbar el nudo que, quizá, ‘aparece para un ser humano comprometido en actividades diversas y con distintos objetos de pensamiento’”.

Autores citados: Jakobson; Descartes; Leibniz; Bayle; Gérard de Cordemoy; Armand; Popper; Lenin

HANNOIS, Amelia. Reiner Zimnik. Los Tambores. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 8, p. 14, mayo 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura infantil

Palavras-chave: Texto; Industria cultural; Mito
Resumo: Breve resenha, que resume o espírito da época, através de um elogio do primeiro livro publicado na Argentina (trad. do alemão Esther Tusquets, Ed. Lumen) de Reiner Zimnik, escritor-desenhista de histórias infantis e de quadrinhos, muito populares na Alemanha: seus heróis são anônimos e lutam sem descanso por causas coletivas, “no hay super-hombre”; seu ideal é a “Ciudad Feliz”. Para a resenhista, o traço sem cor do autor, de tão preciso, ligado à tradição das

velhas ilustrações infantis alemãs, parece ter cor. Ademais, “perfecta conjunción con el texto” e a diagramação. Nota, ainda, que o título original é outro, não menos sintomático: *Los tambores para un tiempo mejor*.

LACLAU, Ernesto (h.). El nacionalismo popular. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 8, p. 16-17, mayo 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Oligarquía; Imperialismo; Nacionalismo; Hegemonía; Dependencia

Resumo: Resenha crítica supimpa sobre *Bases para la reconstrucción nacional* (Ed. Plus Ultra), compilação de artigos de jornal escritos entre 1955 e 58 por Raúl Scalabrini Ortiz, um dos principais representantes do nacionalismo popular (“marco ideológico del surgimiento del peronismo”), autor de livros sobre o imperialismo britânico na Argentina e ex-diretor da revista *Qué*. Sua tese central, de uma nova hegemonia inglesa em detrimento do crescente poderio norte-americano, hoje não soa menos que risível, segundo Laclau: um “notorio error de perspectiva”, que procedería da limitada concepção do nacionalismo popular dos anos 30 em relação à dominação imperialista. Nestes artigos, no entanto, “se condensa la dura lucha de su autor contra la restauración oligárquica de 1955”.

Autores citados: Justo; Roca; Artur Jauretche; Raúl Prebisch

VIÑAS, Ismael. Juan B. Justo. Socialismo sin Marx. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 8, p. 18 e 26, mayo 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Revisionismo; Socialismo; Marxismo; Revolución

Resumo: Crítica “ideológica” do “manual” *Teoría y práctica de la historia* (Ed. Libera), publicado originalmente em 1909, do “socialista pequeno-burguês” e “antimarxista” Juan B. Justo (apesar de ter traduzido e editado *El Capital!*). O ex-contornista Ismael Viñas enfatiza que “ni Juan B. Justo ni el Partido Socialista fueron marxistas”, o que grande parte dos membros da “izquierda nacional” deixa em segundo plano, fazendo “mal servicio a la revolución” e “contribuindo a desprestigiar al marxismo, llevando así agua al molino de la burguesía”, nos termos de um crítico forte. O “mal profeta” e “pacifista convencido”, em seus termos, anuncia que “no habrá revolución rusa” e postula romanticamente um fim não

violento da exploração, sempre falando não com a cabeça mas com o corazón (ao modo de seu crítico, vale notar).

Autores citados: Ramos; Puiggrós; Hernández Arregui; Berstein; Maquiavelo; Marx; Engels

MENÉNDEZ, E. L. Los intelectuales y el poder. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 8, p. 20-21, mayo 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Sociología

Nome Pess. como Assunto: COSER, Lewis A.

Palavras-chave: Ideología; Teoría; Poder; Marginalidad; Evolucionismo; Revolución

Resumo: Crítica professoral, em enfática primeira pessoa, de um livro do alemão Lewis A. Coser, sintomaticamente pouco discutido na Argentina, segundo Menéndez: *Hombres de Ideas. El punto de vista de um sociólogo* (México, Ed. FCE). Por discutir e “descubrir” a relação intelectuais-poder, as suas teses seriam silenciadas por certos setores que monopolizam a política cultural no país. A proposta central do reformista Coser – da necessidade que a sociedade teria de uma oposição crítica e criadora, sempre absorvida pelo sistema – seria, portanto, a seu ver, tão lúcida quanto criticável.

Autores citados: [dialéctica hegeliana]

SOTO, Máximo. San Martín, mito y consumo. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 8, p. 24-25, mayo 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Cinema

Palavras-chave: Sociedad de consumo; Ideología; Estructura; Mitema; Midcult

Resumo: Primeira crítica cinematográfica publicada na revista, dedicada a *El Santo de la Espada*, de Leopoldo Torre Nilsson, “la película más cara de la historia del cine argentino”. Com uma abordagem totalmente “estructuralosa”, ainda que sagaz, o texto pretende decodificar a cristalização do mito do Libertador paternal e fraternal, destacando sua chave de telenovela, seu caráter oficial e o fato de revelar a dimensão da devoção dedicada pelo povo a seu herói nacional (a ponto de cantar, em pé, o hino pátrio durante muitas sessões do filme).

Autores citados: C. Lévi-Strauss; Philippe Sollers; Bolívar; Solanas; Mircea Eliade; Harald Weinrich; Umberto Eco

Libros distribuidos en América Latina desde el 1º de enero al 20 de abril de 1970. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 8, p. 28-31, mayo 1970.

Vocabulário Controlado: INFORME

TORRES, Carlos. Gazzera: Autocrítica del sindicalismo peronista. *Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 3-4, julio 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Nome Pess. como Assunto: GAZZERA, Miguel

Palavras-chave: Sindicalismo; Revolución; Ideología; Hegemonía; Ortodoxia

Resumo: Resenha crítica do livro *Peronismo, autocrítica y perspectivas* (Ed. Descartes), de M. Gazzera e Norberto Ceresole (não citado no texto). Trata-se da primeira reconstrução dos “fracasos” e das limitações dos sindicatos peronistas a partir de 1946, um movimento “ideologicamente indefinido” que tende ao “oficialismo” antes que à revolução. Gazzera, cujas contradições são apontadas por Torres, é considerado “figura exótica” por buscar “ortodoxia inexistente” no movimento peronista.

Autores citados: Perón

LUDMER, Iris Josefina. La literatura abierta al rigor. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 5, julio 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: ROSA, Nicolás

Palavras-chave: Lectura; Producción; Lenguaje

Resumo: Excelente crítica do primeiro livro de um dos colaboradores mais próximos e ativos da revista, N. Rosa: *Crítica y significación* (Ed. Galerna). Rigorosa tal qual seu objeto, Ludmer pergunta-se “cómo ubicar la significación de la crítica” através do livro em exame, o qual reúne textos sobre Sartre, Julio Mafud, Cabrera Infante e David Viñas – estes dois últimos, os melhores, a seu ver. Aponta os “aciertos” (quando faz “análisis concretos”, “entre los más brillantes de la crítica argentina”) e “desaciertos” (sobretudo em certos “saltos metodológicos”) de Rosa, com extrema lucidez em relação às posições da crítica literária contemporânea.

Autores citados: Sartre; Genet; Mafud; Viñas; Cabrera; Todorov

GOIC, Cedomil. La antipoesía de Nicanor Parra. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 6-7, julio 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Poesía

Nome Pess. como Assunto: PARRA, Nicanor

Palavras-chave: Vanguardia; Yo; Montaje; Juego

Resumo: Resenha datada de um poeta datado, a propósito da publicação da poesia completa de

Nicanor Parra (1914) em *Obra Gruesa* (Ed. Universitaria de Chile). Entre "distorciones" dos gêneros literários e "despersonalizaciones" à la mode, o "contrasentido" ou "sinsentido" e o "ludismo imaginario", a poesia "parraciana", como diz (e repete) Goic, se esparrama. O discurso de um "yo deficiente, degradado" de sua poesia parece, no entanto, se chocar com o poeta insigne, consagrado, também em destaque na resenha.

Autores citados: Vicente Huidobro; Pablo Neruda; Humberto Díaz Casanueva; Braulio Arenas

SASTURAIN, Juan. Juan Gelman: el peligroso oficio de poeta. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 8, julio 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Poesia

Nome Pess. como Assunto: GELMAN, Juan

Palavras-chave: Texto; Silencio; Muerte; Escritura

Resumo: Resenha datada de um livro datado, *Traducciones III. Los poemas de Sidney West* (Ed. Galerna), na mesmíssima linha da anterior, em suas propostas de "despojamiento" e "negación del autor". No livro em questão, o poeta se esconde sob a máscara de "traductor de otro poeta" (Sidney West), denunciando "a lo Borges", segundo o resenhista, "la propiedad privada de la escritura".

Autores citados: González Tuñon; Vallejo; Borges

RIVERA, Jorge B. Discépolo: Del sainete al grotesco criollo. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 9-10, julio 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: DISCÉPOLO, Armando

Palavras-chave: Ideología; Fracaso; Inmigración
Resumo: Análise sintética e ao mesmo tempo minuciosa do teatro de A. Discépolo (1887), por ocasião da publicação de suas *Obras Escogidas* (Ed. Jorge Alvarez, 3 tomos, prólogo D. Viñas). Escrevendo dramas até 1934, Discépolo conta (com otimismo, segundo Rivera) uma "docena de piezas importantes", em um tipo de "teatro-industria" muito popular que, no entanto, se empenhou em "agotar ese malestar incubado por el fracaso del proyecto liberal".

Autores citados: Pagnol; Romains; Molnar; Rafael de Rosa; Folco; Federico Mertens; Enrique Discépolo; Evreinov; Kaiser; Wedekind;

Chiarelli; Rosso de San Secondo; Pirandello; Valle Inclán; Carlos M. Pacheco; Alberto Novión; Sánchez; Ghirardo; David Viñas; Trejo; Soria; Vacarezza; Roberto Arlt; Defilippis Novoa; Alberto Novión; Malfatti; las Llanderas

MASOTTA, Oscar. Tres preguntas sobre Jacques Lacan. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 10, julio 1970.

Vocabulário Controlado: ENTREVISTA

Nome Pess. como Assunto: LACAN, Jacques

Palavras-chave: Psicoanálisis; Inconsciente; Lenguaje

Resumo: Três perguntas que pretendem "iniciar" o leitor na complexa teoria psicanalítica lacaniana, através de seu primeiro discípulo argentino, Oscar Masotta, que em 1965 publica um artigo pioneiro sobre Lacan na revista *Pasado y Presente* (em que atuou, na fase cordobesa, o diretor de *Los Libros*, H. Schmucler). Masotta confronta o pensamento de Lacan com a antropologia de Lévi-Strauss e a psicanálise de Melanie Klein (então predominante na Argentina), apontando seus limites e diferenças. Por fim, aborda a dificuldade da prosa de Lacan, afirmando, por exemplo, que "la complejidad de su escritura es didáctica".

Autores citados: Sigmund Freud; Lévi-Strauss; Troubetzkoi; Jakobson; Melanie Klein

VILLAR, Marcelo. El poamorio de Darío Cantón. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 12, julio 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Poesia

Nome Pess. como Assunto: CANTÓN, Darío

Palavras-chave: Materialidad; Expresión; Lenguaje

Resumo: Breve resenha datada sobre outro livro datado, *Poamorio* (Ed. del Mediodía), caracterizado pela tentativa de "negarse como objeto" e pelo erotismo de sua linguagem. Cantón pretende combater a "incomodidad del libro tradicional", segundo Villar, através de uma poesia de "malas palabras", de um livro sem numeração de páginas e, em suma, de um trabalho de "deterioro de las formas de expresión consagradas", à maneira da pior *poesia marginal*.

DE PABLO, Sergio. La voz de Cortázar. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 12, julio 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: CORTÁZAR, Julio

Palavras-chave: Lectura; Autodefensa; Denuncia

Resumo: Breve comentário "cortazariano" sobre o segundo disco com gravações de textos do

escritor, intitulado *Julio Cortázar por él mismo* (AMB Discográfica). Ainda que em poucas linhas, o resenhista consegue polemizar com os detratores “del autor de la más importante novela argentina” e com ele próprio, devido a sua tentativa de autodefesa (que seria desnecessária), manifestada em comentários prévios às leituras do disco.

Autores citados: Che Guevara

DEL BARCO, Oscar. El silencio sobre Bataille. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 14-15, julio 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: BATAILLE, Georges

Palavras-chave: Desconstrucción; Erotismo; Silencio; Escritura; Experiencia

Resumo: O aparecimento de *Documents* – textos de 1929-30 na revista homônima – em espanhol (Ed. Monte Avila) provoca a resenha apaixonada de Del Barco, em que o nome Bataille, escritor “salvaje”, deve vir sempre entre parênteses. Seu materialismo “pútrido”, segundo Del Barco, descende de Sade, Marx, Nietzsche e Freud. Em rodapé lê-se que foram traduzidos ao espanhol três livros de Bataille: *El erotismo* (Ed. Sur); *Las lágrimas de Eros* (Ed. Signos); e *La literatura y el mal* (Ed. Taurus), este em “pésima traducción que la vuelve prácticamente inutilizable”.

Autores citados: Hegel; Marx; Kierkegaard; Nietzsche; Michel Leiris; Marqués de Sade; Vincent Van Gogh

VERÓN, Eliseo. Actualidad de un clásico. La moda del estructuralismo. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 16 e 18, julio 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Antropologia

Nome Pess. como Assunto: LÉVI-STRAUSS, Claude

Palavras-chave: Lectura; Ideología; Estructura; Moda; Lingüística

Resumo: Aguda resenha crítica de uma “moda” que marca e invade a própria revista, a propósito da publicação de *Las Estructuras Elementales del Parentesco* (Ed. Paidós) na Argentina, “donde el ‘consumo ostentoso’ de ciertos libros suele ser el único modo de asociarse (vicariamente) con las orientaciones que predominan en los países centrales”. Para Verón, a invasão estruturalista é um fenômeno “puramente ideológico” e esta mesma edição é vítima dos graves erros provocados pelo “apresuramiento dictado por la

moda intelectual”. Sobre Lévi-Strauss, sublinha seu antiformalismo e anti-historicismo (insistindo na ausência de reconhecimento da herança lévi-straussiana anti-historicista de Althusser, por este e seus discípulos), aponta para as surpresas de uma obra surgida em 1947, que antecipa as chamadas etnografias “da comunicação” e “da sociedade industrial”, e para seus “puntos débiles”, que vão de um certo funcionalismo a ambigüidades teóricas.

Autores citados: Durkheim; Mc Lennan; Spencer; Lubbok; Althusser; Propp; Balibar; Chomsky; Chafe; Goffman; Malinowsky

SASTRE, Carlos L. El negocio editorial al servicio de la ideología. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 20 e 22, julio 1970.

Vocabulário Controlado: ENSAIO

Palavras-chave: Inconsciente; Ideologia; Estructura; Lenguaje; Interpretación

Resumo: A resenha impugna uma verdadeira colcha de retalhos editorial, “ideológica” e fora de propósito, publicada sob o título “temerário” de *Psicoanálisis, existencialismo, estructuralismo* (Ed. Papiro). O livro reúne textos díspares, em conteúdo e importância, de Merleau-Ponty, Lagache, Althusser e Foucault, os quais o irado resenhista aborda brevemente.

Autores citados: M. Merleau-Ponty; D. Lagache; L. Althusser; M. Foucault; Freud; Jacques Lacan; Nietzsche; Marx; Henri Wallon; Sartre; Husserl

Revistas. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 22, julio 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Comunicação

Palavras-chave: Medios; Estructura; Discurso; Ideología

Resumo: Pequena resenha anônima da terceira edição dos *Cuadernos de la realidad nacional* (Ed. Universidad Católica de Chile), dedicada aos *mass media*, em segunda tiragem devido a sua “espectacular transcendencia ... en el proceso político chileno”. A revista – tida como “primer trabajo de esta envergadura realizado en América Latina” – reúne três textos-denúncia “del lúcido estudioso francés radicado desde hace algunos años en Chile”, Armand Mattelart, e outros dois, de Mabel Piccini, sobre revistas para jovens (com “aprovechadas enseñanzas” barthesianas), e de Michele Mattelard (sic), sobre fotonovelas.

Autores citados: Roland Barthes; Jacques Chonchol

KOVACCI, Ofelia. La gramática generativa. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 24-25, julio 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Lingüística

Nome Pess. como Assunto: CHOMSKY, Noam
Palavras-chave: Estructura; Lengua; Sistema; Gramática

Resumo: Resenha quadrada de *Lingüística cartesiana. Un capítulo de la historia del pensamiento racionalista* (trad. “del inglés” Enrique Wulff, Ed. Gredos), de Chomsky. Inicia com a lingüística estruturalista da primeira metade do século XX e com a ruptura marcada por seu livro *Syntactic structures* (1957), contra os supostos descritivistas do que chama “lingüística moderna”. Passa em seguida a um resumo da “gramática generativa”, daí à análise de cada uma das quatro partes de *Lingüística cartesiana*, em que Chomsky teria o mérito de “traer a la atención actual un notable conjunto de autores y doctrinas” (os racionalistas dos séculos XVII e XVIII). E conclui com um parágrafo dedicado à crítica da edição espanhola. A resenhista reproduz ainda a autocrítica do autor, uma vez que “el estudio de la LC [lingüística cartesiana] –si ella existe está todavía por hacerse con la debida extensión, sin exclusiones y en términos objetivos”.

Autores citados: Saussure; Troubetzkoy; Hjelmslev; Bloomfield; Boas; Sapir; Rulon Wells; Descartes; Cordemoy; Jespersen; Du Marsais; Beauzée; D’Alembert; Hubert de Cherbury; Schlegel; Humboldt; Kant

TORALES, Ponciano. La ciencia de lo político. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 25, julio 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Ideología; Hegemonía; Teoría; Dialéctica; Realidad

Resumo: Comentário prolixo, em tom de blague, de *Enfoques sobre teoría política* (Ed. Amorrortu), volume compilado por David Easton, cuja crítica somente fica clara em alguns trechos, como a última frase: “La relación orgánica de Easton y de Floria [um dos prologadores] como científicos políticos es excéntrica con respecto a la realidad, y ahonda aún más la contradicción entre su pensamiento político y su práctica social, a pesar de la pretensión de pontificar que está debajo de sus intenciones ‘científicas’”.

Autores citados: Carlos A. Floria; Max Weber

PASTOR DE TOGNERI, Reina. Los siglos XIV y XV. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 26, julio 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Historia
Palavras-chave: Ciudad; Crisis; Historia; Capitalismo; Producción

Resumo: Comentário crítico ao livro do historiador Jacques Heers, *Occidente durante los siglos XIV y XV. Aspectos económicos y sociales* (Ed. Labor). Especialista sobretudo no século XV italiano, Heers pecaria por alguns excessos em relação ao séc. XIV, cuja crise “es siempre asunto delicado”, segundo a resenhista, que aponta a bibliografia e as posições em que o historiador se baseia, assim como suas lacunas. Em rodapeção, a revista publica um informe sobre a “abundancia de colecciones de Historia de todo tipo en Francia”.

Autores citados: G. Cuby; W. C. Robinson; B. H. Slicher van Bath; E. Carpentier; Postan; Titow; E. Baratier; P. Vilar; Saporì; Fanfani; Weber; Sombard

NIOSI, Jorge E. Las clases sociales y el estado. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 27, julio 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Ideología; Práctica; Poder; Capitalismo

Resumo: Apesar de uma constante “vagueza conceptual” em relação às noções clássicas do materialismo histórico, e da vasta tarefa proposta (que inclui a análise de teorias alternativas), Niosi julga positivamente esta “primera exposición sistemática de los conceptos teóricos fundamentales de la sociología política marxista”, sob o título de *Clases Sociales y poder político en el estado capitalista* (Ed. Siglo XXI), do althusseriano Nicos Poulantzas.

Autores citados: L. Althusser; Gramsci; Lenin; Miliband; [marxista]

CHORNE, Miriam; GREGO, Beatriz; FRIEDENTHAL, Irene. Escuela de Palo Alto. La teoría de la comunicación. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 28-29, julio 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Psicología

Nome Pess. como Assunto: HALEY, Jay
Palavras-chave: Comportamiento; Psicoterapia; Teoría; Comunicación; Control; Relación; Sintoma

Resumo: Resenha sobre *Estrategias en psicoterapia* (Ed. Toray), de J. Haley, que aborda

um problema-chave em ciências sociais, segundo suas autoras: “la posibilidad de controlar la influencia sobre la conducta, tema que es abordado desde la perspectiva de la teoría de la comunicación”. Apesar de Haley professar “un franco empirismo ingenuo”, ou por esse mesmo motivo, trata-se de um livro de interesse técnico, “para especialistas”, que, no entanto, traz “minuciosas y lúcidas” descrições marginais, úteis para encontrar “el factor común determinante de la eficacia de cualquier psicoterapia”, nos termos do trio.

Autores citados: Haley

MARX, Karl. Un Marx inédito en español. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 30-31, julio 1970.

Vocabulário Controlado: ENSAIO

Palavras-chave: Mercancia; Riqueza; Trabajo; Valor de cambio

Resumo: A revista antecipa um fragmento dos *Grundrisse der Kritik der Politischen Oekonomie*, ou *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política* (1857-1858), manuscrito preparatório para *El capital*, de “enorme significación histórica” – “Los frutos de quince años de investigación económica, los mejores años en la vida de Marx, están contenidos en estas páginas”, diz a introdução –, que a editora Signos, de Buenos Aires, publicaria em breve. Chamam a atenção no texto de Marx a insistência nos termos relacionados à vontade e à avareza, como “sed”, “apetito”, “deseo”, “avidez”.

Autores citados: Lenin [nota]; Marx; Engels;

GARCÍA, Germán Leopoldo. José Agustín: El autor como lector. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 32, julio 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: AGUSTÍN, José

Palavras-chave: Significación; Texto; Picaresca; Azar; Autor

Resumo: Lúcida análise da narrativa *Abolición de la propiedad* (Ed. Joaquín Mortiz) deste escritor mexicano excluído do “paquete ‘literatura latinoamericana’”, sustentado pelos meios de comunicação e revistas como *Mundo Nuevo*, conforme García. A seu ver, é preciso ler Agustín, entre outras coisas para “volver visible lo que se ha fetichizado, en una lectura mercantil, tras la máscara de lo ‘literario’”. Quanto ao livro, adquire o sentido de abolição da autoria, “introduciendo la problemática de las lecturas de las técnicas y de las técnicas de la lectura”.

Autores citados: Carlos Fuentes; Vargas Llosa; Severo Sarduy; Godard

Libros distribuídos en América Latina desde el 20 de abril al 10 de junio de 1970. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 9, p. 33-35, julio 1970.

Vocabulário Controlado: INFORME

TRAVERSA, Oscar César. Umberto Eco: ¿Cultura de masas? *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 10, p. 3-4, agosto 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Comunicação

Nome Pess. como Assunto: ECO, Umberto

Palavras-chave: Mensaje; Industria cultural; Mercancia; Revolución; Consumo

Resumo: Crítica de *Apocalípticos e integrados ante la cultura de masas* (Ed. Palabra en el Tiempo), cuja marca, admitida pelo autor, é a “provisionalidad de conclusiones”, em ensaios que não se preocupam com os conteúdos manifestos dos meios de massa e sim com as “relaciones estructurales que los constituyen”. Inicia com a denúncia da “impostura apriorística” e maniqueísta de apocalípticos e integrados; projeta, em seguida, o estudo “del ciclo completo de instalación social de un mensaje”, sabendo ficar na intenção e buscando desenvolver essa análise no livro seguinte, *La estructura asente*; e conclui com casos em que “pone en juego sus puntos de vista”, conforme o comentarista, que vê no próprio livro a “hiteración” que caracteriza muitas das “historietas” analisadas, em que o primeiro número dá a chave dos posteriores: “el primer ensayo desempeña aquí esse papel”, embora, a seu ver, com “saludable impulso hacia el pensamiento creador”.

Autores citados: Marshall McLuhan; Levy-Strauss [sic]; Marx; Balzac; Dickens; Ponzon du Terreil [sic]

23 editores franceses reeditam en común el libro *Carlos Marighela. Por la liberación del Brasil. Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 10, p. 4, agosto 1970.

Vocabulário Controlado: INFORME

Palavras-chave: Comunicación; Libertad

Resumo: Nota em uma coluna reproduzindo manifesto de vinte e três editores franceses – entre os quais Gallimard, Minuit e Le Seuil – que reeditaram *Pela liberação do Brasil*, de

Marighela, em protesto contra a sua proibição em território francês.

PERRONE, Alberto M. La maldición de la literatura. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 10, p. 5, agosto 1970.

Vocabulário Controlado: ENTREVISTA

Nome Pess. como Assunto: DROGUETT, Carlos

Palavras-chave: Literatura; Historia; Lenguaje; Consagración

Resumo: Misto de entrevista e crônica (bastante piegas), em que Droguett, nascido em 1912 e autodenominado “cáncer en la literatura chilena”, não hesita em dizer que toda obra de Nicanor Parra é frívola, “malas traducciones de Prevert”, e que Neruda, ao comentar as críticas de Amado Alonso, é ridículo “intentando explicar en términos que le son ajenos, su propia creación”. Politizado, além de agressivo, seu romance *Eloy* (1959) foi filmado pelo cineasta argentino Humberto Ríos, incluindo “canción con música y letra de Angel Parra”.

Autores citados: Antonio Skármeta; R. Silva Castro; Neruda; Nicanor Parra; Prevert [sic]; Amado Alonso

MASOTTA, Oscar. Aclaraciones en torno a Jacques Lacan. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 10, p. 6-7, agosto 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Psicanálise

Nome Pess. como Assunto: LACAN, Jacques

Palavras-chave: Subversión; Mensaje; Sujeto; Inconsciente; Estructura

Resumo: Um texto *sui generis* no corpo da revista, tratando de esclarecer o hermetismo “aparente” de Lacan, a partir de “un repentino bombardeo” de trabalhos introdutórios a sua teoria psicanalítica na Argentina. *Sui generis* porque seu autor é Oscar Masotta, falando dele mesmo, no caso de duas das quatro publicações mencionadas, embora, na verdade, pouco fale delas. Seu intuito é, sobretudo, o de alertar aqueles que costumam confundir a teoria psicanalítica com a lingüística, cujos conceitos ganham novos significados em Lacan.

Autores citados: Charles Melman; Jan Miel; Jean Reboul; Louis Althusser; Luce Baudoux; Maurice Corvez; André Green; Claude Lagadec; Claudia Melli; Oscar Masotta; Jorge Jinkis; Oscar Steimberg; Arturo López Guerrero; Mario Levin; Sigmund Freud; Jakobson; Derrida; Saussure; Troubetzkoi; Martinet; John Donne; Leclair; Julia Kristeva

TERZAGA, Emilio. A 200 años de su nacimiento. Actualidad de Hegel. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 10, p. 8-9, agosto 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Filosofia

Nome Pess. como Assunto: HEGEL, Friedrich

Palavras-chave: Razón; Estado; Sociedad; Dialéctica

Resumo: Resenha de *Hegel y el Estado* (Ed. Nagelkop), do francês Eric Weil, co-fundador da revista *Critique*. Terzaga – que anuncia em nota seu próprio “Hegel”, “de próxima publicación” – exalta o trabalho de Weil, publicado em 1950, o qual faz “una crítica de la crítica tradicional”, contra a imagem estereotipada que o considera “absolutista y reaccionario”. Segundo Weil, ele está, ao contrário, no “centro vivo del pensamiento contemporáneo (da ontologia tradicional e o marxismo à psicanálise e o estruturalismo) e não é o filósofo do Estado prussiano mas sim do Estado moderno. Inclui quadro com “Obras de Hegel traducidas al español”.

Autores citados: Merleau-Ponty; Eugene Fleischmann; Lévi-Strauss; Dilthey; Marx; Engels; Ortega; Herbert Marcuse; John N. Findlay; Eric Weil; Georges Bataille; Jean Piel; Wilhelm Liebknecht; Platón; Aristóteles; Alexandre Kojève; Jean Hyppolite; Keynes; Disraeli; B. Malinowsky; Goethe; Kant; W. Kaufmann; Th. W. Adorno

PAZ LESTON, Eduardo. Primera novela de un escritor africano. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 10, p. 10, agosto 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: OUOLOGUEM, Yambo

Palavras-chave: Colonialismo; Proletariado; Violencia

Resumo: Rápida resenha do primeiro romance, escrito em francês, de um escritor africano traduzido ao espanhol, com o título de *Deber de violencia* (Ed. Losada). Paz Leston observa que o autor tem formação intelectual européia (“y no podría ser de otro modo”) e que, com eficácia, constrói uma epopéia “burlona y sangrienta del proletariado africano desde la conquista árabe hasta la dominación francesa”. Há nota remetendo a um livro de J. Baldwin no final do texto, sem que apareça na resenha, o que faz pensar que foi cortada.

Autores citados: Senghor; James Baldwin

ONEGA, Gladys. La memoria de María Rosa Oliver. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 10, p. 12, agosto 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: OLIVER, María Rosa

Palavras-chave: Memoria; Élite; Burguesía; Crítica; Realidad

Resumo: Comentário ao segundo volume de memórias de M. R. Oliver, *La vida cotidiana* (Ed. Sudamericana), cujo texto se estabelece em duas linhas, uma crítica e outra “anecdótica o de recuerdos”. Trata-se de uma escritora que provem da “clase dirigente” e é, ao mesmo tempo, uma “eterna nadadora contra corriente”, a qual mais tarde se filiaria ao Partido Comunista: “una mujer de profunda afectividad” que “atrapa con su calidez a los que la leemos”, numa “minuciosa narración” de seu lento “desembarazarse de la alta burguesía argentina”.

Autores citados: Waldo Fran [sic]; Henríquez Ureña; Alfonso Reyes; Ricardo Güiraldes; Borges; Figari; [marxismo]

SOTO, Maximo. “Bolívar” y “El Santo de la espada”. Del mito de derecha al mito de izquierda. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 10, p. 14 e 16, agosto 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Cinema

Nome Pess. como Assunto: BOLÍVAR, Simón

Palavras-chave: Mito; Revolución; Unidad; Liberación

Resumo: Segunda crítica cinematográfica publicada na revista, sobre a produção italo-hispano-venezuelana *Simón Bolívar*, dirigida por Alessandro Blasetti. O mesmo crítico compara este com o filme anterior, *El Santo de la espada*, sobre San Martín, “dos films mítico-históricos”, com a mesma vulgata estruturalista. *Simón Bolívar*, de nenhum sucesso na Argentina, premiado em Moscou, transgride “toda verosimilitud”, ao contrário do filme de Torre Nilsson, mostrando Bolívar como um “play-boy latinoamericano”, “romántico” e “tropicalísimo”, e resultando num empobrecido mito de esquerda (a exemplo do outro filme, à direita).

Autores citados: Blasetti; Barthes; Voltaire; Rousseau; Waldo Frank

BORGES, Jorge Luis. Cuento inédito de Borges. El otro duelo. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 10, p. 18-19, agosto 1970.

Vocabulário Controlado: FICÇÃO

Nome Pess. como Assunto: BORGES, Jorge Luis

Resumo: Principal atrativo desta edição com Borges na capa, o conto então inédito é antecedido por uma introdução em que se informa o que segue: Borges, que completaria 71 anos a 24 de agosto de 1970, publica seu novo livro, *El informe de Brodie* (Ed. Emecé), com onze textos, nessa ocasião, sendo que o último livro de contos saíra em 1953 [sic]; “El otro duelo” foi escolhido pelo próprio escritor “especialmente para *Los Libros*”, junto com um comentário em que afirma ter escrito os contos de modo direto, com vocabulário “muy simple, un poco a la manera de Kipling em *Plain Tales from the Hills*. Estos cuentos se sostendrán o no, pero como cuentos, no como parábolas o pretextos para ensayos. Quiero ser un cuentista, un relator de historias verdaderas, no de historias sorprendentes. Quiero que el lector las disfrute”.

Autores citados: Kipling

SLUZKI, Carlos E. Reportaje a Jay Haley: “Jesucristo, ese revolucionario”. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 10, p. 20 e 22-23, agosto 1970.

Vocabulário Controlado: ENTREVISTA

Nome Pess. como Assunto: HALEY, Jay

Palavras-chave: Terapia; Familia; Revolución; Juventud; Control; Poder

Resumo: Longa entrevista com o psicoterapeuta J. Haley, autor dos ensaios “irónicos” de *The Power Tactics of Jesus Christ*, que esteve em Buenos Aires participando como “relator” do “Primer Congreso Argentino de Psicopatología de Grupo Familiar”. Foi entrevistado pelo presidente do comitê organizador do congresso, abordando temas engraçadinhos, a exemplo de “como lograr ser un mal terapeuta”, além de seu Jesus Cristo humanizado e de sua participação no então afamado Projeto Bateson de investigação interdisciplinar, que projetou a equipe internacionalmente, redundando nesse excesso de importância, acolhido algo ingenuamente por *Los Libros*.

Autores citados: Gregory Bateson; Lenin; Trotzky; Stalin; Erick Hoffer; Castro; Mao; John Weakland; Don D. Jackson; Fry; Jurgen Ruesch; Margaret Mead

MORIN, Edgar. La galaxia Mc Luhan. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 10, p. 23-24, agosto 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Mídia

Nome Pess. como Assunto: MCLUHAN, Marshall

Palavras-chave: Comunicación; Cultura; Televisión

Resumo: Competente artigo crítico do sociólogo francês, por ocasião da chuva de publicações de McLuhan em espanhol, entre os quais *La galaxia Gutenberg* (Ed. Aguilar), cujos termos hoje fazem rir. Morin aponta, na antro-p-história de McLuhan, uma ideologia “euforizante”, um pensamento “salvaje” que busca integrar os mass-media ao homem, apoiado na idéia do “neo-arcaísmo”, com uma sistemática freqüentemente pobre e romântica, mas muitas vezes também complexa e sutil. O tempo, no entanto, parece dar razão a McLuhan em ao menos um aspecto: a “profecia” da declinação dos nacionalismos, vista como imprudente por Morin.

Autores citados: McLuhan; [rusonista; Rousseaunista - sic]; Gutenberg; Lucien Febvre; [bolckiana]; Georges Friedmann; Lévi-Strauss

DELICH, Francisco José. La sociología según Alain Touraine. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 10, p. 26-27, agosto 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Sociologia

Palavras-chave: Sociedad; Civilización; Acción; Trabajo

Resumo: Crítica de *Sociología de la acción* (Ed. Ariel), obra densa e aberta, sempre brilhante mas às vezes “inutilmente complicada”, segundo o resenhista. Situando-se como um “post-marxista”, Touraine aborda na primeira parte o que chama de “sociologia accionalista” e, na segunda, a “civilización industrial” atual em alguns de seus aspectos, tendo como propósito principal a formulação de novos princípios de análise sociológica do nascimento de uma nova sociedade “en el curso de los próximos siglos”!

Autores citados: Alain Touraine; Marx; [mertono-parsonianos]; [Levy/Straussiano - sic]; Althusser; Weber; Durkheim; Parsons

SARLO SABAJANES, Beatriz. Nueva Crítica. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 10, p. 27, agosto 1970.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Cultura

Palavras-chave: Dependencia; Neocolonialismo; Ideología; Reacción; Crítica

Resumo: Estréia de Sarlo em *Los Libros* com uma nota corrosiva sobre a recém-lançada revista *Nueva Crítica*. Já em sua primeira frase, lança mão da famosa “desmontagem” que Barthes faz de um relato de Balzac para denunciar a publicação enquanto “expresión del subdesarrollo cultural” e do neocolonialismo, a exemplo da similar *Mundo Nuevo*, também financiada por norte-americanos. Junte-se a isto a “ignorancia

teórica”, a “confusión metodológica” e a denúncia de sua denominação, que usurpa “un nombre que no le pertenece, vaciándolo de significado real”.

Autores citados: Balzac; Roland Barthes; Emir Rodríguez Monegal; Horacio Daniel Rodríguez; Ignacio Iglesias; Juan Liscano; Antonio Di Benedetto; Felisberto Hernández; Garcia Gayo; Italo Manzi; Ricardo Rey Beckford; Elisa Rey; Alberto González Arzac; Néstor Gubitosi; Hernández Arregui

URZAIN, Rafael. Los temas en la discusión de la izquierda. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 10, p. 28-29, agosto 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Partido; Ideología; Socialismo; Revolución; Teoría; Praxis

Resumo: Resenha da edição especial dos *Cuadernos de Pasado y Presente* (nº 11-12) dedicada à “Teoria marxista del partido político”, marcada pela diversidade, com sete textos de e sobre os autores citados abaixo. Segundo o resenhista, o propósito não é o de abordar a questão dos partidos na etapa atual do capitalismo, mas sim o de “contribuir a una previa labor de limpieza en el campo teórico general”.

Autores citados: Johnstone; Marx; Engels; Rosa Luxemburgo; Gramsci; Bernstein; Lucio Magri; Lenin; Lukacs; Bensaid; A. Nair; Kautsky; Cerroni; Che

TORRES MOLINA, Ramón M. La guerrilla. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 10, p. 29-30, agosto 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Nome Pess. como Assunto: BÉJAR RIVERA, Héctor

Palavras-chave: Izquierda; Foquismo; Poder; Revolución

Resumo: Comentário do livro *Perú 1965. Una experiencia libertadora en América* (Ed. Siglo XXI), escrito na prisão (onde o Béjar Rivera permanecia). Descreve uma das estratégias de movimentos guerrilheiros “foquistas”, concebida a partir de uma base de apoio camponesa. Em dez anos de guerrilhas esquerdistas na América Latina, o resenhista traz à tona o debate entre os focos e os partidos revolucionários, de origem urbana, e seus limites mútuos, concluindo, conforme Béjar, que é melhor fazer a revolução sem elaboração teórica do que não fazê-la.

Autores citados: Guevara; Debray; [marxista]

MALAMUD, Mauricio. Ciencia y política. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 10, p. 30-31, agosto 1970.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciência política

Nome Pess. como Assunto: VARSAVSKY, Oscar A.

Palavras-chave: Sistema; Intelectualidad; Teoría; Ciencia

Resumo: Publicado pelo Centro Editor de América Latina, o livro *Ciencia Política y Cientificismo* propõe uma discussão reprimida entre os intelectuais desde o seu título, segundo Malamud, para quem a proposta de combate ao cientificismo do “profesor” Varsavsky merece ser levada em conta. No entanto, seu estudo careceria de uma melhor definição de ciência e de proposições concretas para substituir o “cientificismo sin política” ou o “politicismo sin ciencia” que marca “nuestra intelectualidad”. Para tanto, Malamud elabora em seu breve “ensaio” (como o denomina a revista) uma série de questionamentos e de sugestões ao debate proposto pelo “pequeño volumen que nos ocupa”.

Autores citados: Varsavsky; Carlos Marx; Newton; Gastón Bachelard

FORD, Aníbal; RIVERA, Jorge B. ¿Que es la Argentina? [sic]. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 10, p. 32, agosto 1970.

Vocabulário Controlado: ENSAIO

Palavras-chave: Folklore; Realidad; Cultura; Élite; Ideología

Resumo: Crítica feroz ao volume *¿Qué es la Argentina?* (Ed. Columba), marcado pela omissão e a reação, oferecendo uma imagem de um país “en expansión, sin crisis, ni conflictos, sin explotados ni explotadores”, segundo Ford e Rivera. O compilador é anônimo e, entre os participantes, destacam-se Borges e Cortázar, com textos evasivos, manifestando o tom geral da publicação, conforme seus críticos: uma concepção elitista e colonizada da cultura argentina.

Autores citados: Cirigliano; Valsecchi; Pinedo; Krieger Vasema; Roca; Ara; Vázquez; Cortázar; Borges; Gramsci; Grassi; Brughetti; Castex; Houssay; Quiles

Libros distribuidos en América Latina desde el 10 de Junio al 15 de Julio de 1970. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 10, p. 33-35, agosto 1970.

Vocabulário Controlado: INFORME

Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina, nº 11, p. 3, septiembre de 1970.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Imperialismo; Dominación; Dependencia

Resumo: Breve informe, em cinco pontos, dos principais assuntos da edição – a “actual literatura norteamericana” vista como “antinorteamericana” e sua relação com a América Latina; o reformismo da Comissão Econômica para a América Latina da ONU; a crítica sem concessões à “literatura” de Silvina Bullrich; e a réplica do sindicalista Miguel Gazzera à resenha de Juan Carlos Torre, publicada no número anterior da revista –, além da notícia de que as Ediciones de la Universidad Central de Venezuela acabam de se tornar mais um dos patrocinadores de *Los Libros*. O editorial à guisa de prefácio não deixa mais de aparecer.

Autores citados: Norman Mailer; Eldridge Cleaver; Nicolás Rosa; Ricardo Piglia; Eduardo Menéndez; León Gerchunoff; Silvina Bullrich; Germán García; Miguel Gazzera; Juan Carlos Torre

MAILER, Norman. Nixon por Mailer. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 11, p. 4-6, septiembre de 1970.

Vocabulário Controlado: REPORTAGEM

Nome Pess. como Assunto: NIXON, Richard

Palavras-chave: Prensa; Discurso; Lenguaje; Circunstancia

Resumo: Antecipação de fragmento de *Miami y el sitio de Chicago* (trad. Marcelo Rivas, Ed. Tiempo Contemporáneo), introduzido por advertência que aponta para o gênero do livro (“periodismo narrativo”), para o tema (a convenção republicana de 1968), para as potencialidades daquele que é “talvez el más lúcido de los escritores liberales de Estados Unidos”, bem como para seus limites, uma vez que critica o sistema desde seu interior, não servindo portanto como “modelo de reflexión teórica” ou “ejemplo único de acción”. A partir desta observação, lêem-se duas páginas com a descrição (por um jornalista e inimigo de Nixon, cuja personagem o fascina claramente) de uma rara entrevista coletiva concedida pelo futuro presidente do país, pouco antes de ser eleito (com as conseqüências conhecidas).

Autores citados: Marx; Spengler; Heidegger; Tolstoi; Dostoievsky; Kierkegaard; Edmund Burke

GERCHUNOFF, León. CEPAL: La utopía de los funcionarios. *Los Libros. Un mes de*

publicaciones en América Latina, nº 11, p. 7-8, septiembre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Economía

Nome Pess. como Assunto: PREBISCH, Raúl

Palavras-chave: Capitalismo; Dependencia; Producción; Proletariado

Resumo: Crítica marxista da recompilação *El Pensamiento de la CEPAL* (Ed. Universitaria de Chile), centrada na figura de Prebisch, que se esconde atrás do marco institucional da Comisión Económica para América Latina (CEPAL), segundo Gerchunoff. Sua proposta reformista postularia o desenvolvimento de uma "nação" latino-americana, mantendo a dependência dos países do dito Primeiro Mundo, e sem resolver o problema básico da acumulação capitalista.

Autores citados: [keynesiana]; Singer; Lewis; Ricardo; Walras; Mill; Pareto; Cairnes; Jevons; Marshall; Viner; Arghiri Emmanuel; [marxismo]; Kindleberger; Nurkse; Charles Bettelheim; Guido Di Tella; R. Frigerio

GARCÍA, Germán Leopoldo. Silvina Bullrich: Las opiniones de una clase. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 11, p. 9-10, septiembre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Literatura

Nome Pess. como Assunto: BULLRICH, Silvina
Palavras-chave: Clase; Saber; Ideología; Lenguaje

Resumo: Crítica irônica, de linhagem psicanalítica, da obra de Silvina Bullrich (são listados sete livros da autora, por três editoras diferentes, e destaca-se um trecho do catálogo da Sudamericana a seu respeito). García lança mão de Bachelard e sobretudo de Freud, amplamente citado (e, segundo diz, mal lido pela escritora), além de Barthes, não citado explicitamente, para revelar a ideologia de uma classe social (burguesa, evidentemente), através de sua linguagem cheia de "opiniões".

Autores citados: Bachelard; Freud; Sófocles; Flaubert; Proust; Marx; Edgar Poe; Baudelaire; Lord Byron; Cervantes; Sade; Albert Schweitzer; Sartre; Genet; Mauriac; Sábado; Leopoldo Marechal

PIGLIA, Ricardo. Nueva narrativa norteamericana. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 11, p. 11-14, septiembre de 1970.

Vocabulário Controlado: ENSAIO - Literatura
Palavras-chave: Estructura; Sistema; Ideología; Negatividad; Experiencia

Resumo: Recenseamento crítico de Ricardo Piglia sobre a literatura norte-americana contemporânea, com comentários dos autores intercalados em seu próprio texto, seguido de uma bibliografia de seus livros em castelhano. A primeira parte do ensaio é dedicada aos escritores rebeldes brancos, que se autodestruiriam encerrados em si mesmos. A segunda parte, dedicada aos escritores negros radicais, aponta entusiasticamente para sua perspectiva coletiva e revolucionária, em que literatura e política são sinônimos. Piglia elogia, por exemplo, o "grande Texto único" das experiências dos negros norte-americanos e sua rejeição da idéia de gêneros, o que irá rever mais tarde.

Autores citados: Norman Mailer; John Barth; Robert Gover; Joseph Heller; William Burroughs; Malcolm X; Eldridge Cleaver; LeRoi Jones; Ralph Brown; Philip Roth; Bruce Jay Friedman; [kafkianas]; Bernard Malamud; John Updike; J. D. Salinger; Saul Bellow; Nietzsche; Schopenhauer; Donald Barthelme; Thomas Pynchon; Joyce; Sigmund Freud; Che; Mao; James Baldwin; Truman Capote; John Cheever; J. P. Donleavy; Ralph Ellison; James Leo Herlihy; James Jones; Jack Kerouac; Mary McCarthy; Carson McCullers; Flannery O'Connor; Reynolds Price; James Purdy; John Rechy; Susan Sontag; William Styron; Pierre Dommergues; Harry T. Moore; Nona Balakian

ROSA, Nicolás. Norman Mailer: la narración de la historia. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 11, p. 16 e 18, septiembre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Literatura

Nome Pess. como Assunto: MAILER, Norman
Palavras-chave: Ficción; Guerra; Poder; Experiencia; Ideología

Resumo: Crítica ao humanismo liberal, "contrarreformista", de Mailer, a propósito da publicação de *Los ejércitos de la noche* (Ed. Tiempo Contemporáneo). Através de sua "deslumbrante personalidade novelística", Mailer narra a Marcha pacifista em protesto pela guerra do Vietnam, organizada pela Nova Esquerda contra o Pentágono em 1967, embora, em sua busca da realidade, apenas revele o conservadorismo norte-americano e da própria Nova Esquerda, em seu "comunismo bíblico", numa "economia religiosa" tipicamente imperialista em sua proposta de "salvação do mundo", segundo Rosa. Note-se a remissão aos movimentos revolucionários latino-americanos, em comparação com aqueles norte-americanos, que

reaparecerá adiante, no texto sobre a rebelião nos EUA (p. 20).

Autores citados: Norman Mailer; Faulkner; Mark Twain; Dreiser; Hemingway; Emerson; Wilhelm [sic] Reich; Marx; Dos Passos; Chomsky; Robert Lowell; Chappman; Thoreau; Melville; Salinger; Roland Barthes; Scott Fitzgerald; Carson McCullers; James Purdy

Los libros de mayor tiraje en Francia en un año. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 11, p. 18, septiembre de 1970.

Vocabulário Controlado: INFORME

Palavras-chave: Mercância; Muerte; Fetiche

Resumo: Breve nota crítica, ao pé do texto de Nicolás Rosa, a respeito dos doze livros mais vendidos na França em 1970, todos com tiragem acima de cem mil exemplares (no alto da lista, Sabatier, com 400 mil!), cifra comparada a uma morte: “la de libro, la del texto, para dar nacimiento a un fetiche, el discurso escrito como un mensaje chato, claro, explícito, convincente, adormecedor”...

Autores citados: Robert Sabatier; Simone Berteaut; Cécile Aubry; F. Mollet-Joris; Felicien Marceau; Guy des Cars; Christian Bernadac; Roger Peyrefitte; Pierre Schoendoerffer; Hervé Bazin; Jean-Jacques Servan-Schreiber; René Barjavel

MENÉNDEZ, Eduardo Luis. Rebelión en Estados Unidos. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 11, p. 20 e 22, septiembre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Acción; Contracultura; Política; Sistema; Revolución; Ideología; Violencia; Ruptura; Poder

Resumo: Resenha do livro documental *Rebelión en Estados Unidos* (Ed. Siglo XXI), organizado por Robert Cohen, que tenta (como o resenhista, com manifesta dificuldade) compreender o movimento revolucionário nos EUA, cujo sistema é definido como um “Feudalismo Corporativo”. Apontando a documentação exposta como “extensamente problemática”, Menéndez resigna-se a “enunciar meramente los emergentes estructurales”, chegando a três linhas conceituais para a compilação: Sistema/Estructura dominante/Poder; Clase/Situación estructural; Revolución/Violencia/Desalienación. Não deixa contudo de enfatizar a tensão entre negros e brancos radicais, e de mencionar as possíveis projeções “sobre América Latina” (como no texto de N. Rosa).

Autores citados: Cohen; [marxistas-leninistas]; [maoístas]; Gorz; Sartre; Marcuse; Calver; Jacobs; Laskowski; Carmichael

MCGRATH, John. Eldridge Cleaver: “Demoler ese sistema monstruoso”. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 11, p. 24 e 26-28, septiembre de 1970.

Vocabulário Controlado: ENTREVISTA

Nome Pess. como Assunto: CLEAVER, Eldridge
Palavras-chave: Clase obrera; Revolución; Guerra; Sistema

Resumo: Interminável entrevista de Cleaver (concedida à revista inglesa *The Black Dwarf* em fevereiro de 1970), escritor e líder dos Black Panthers exilado na Argélia, na qual se destacam sua convicção em relação à revolução norte-americana e à necessidade da guerra contra o “sistema”, sua atuação consciente enquanto “kamikazes”, e suas próprias contradições ao abordar longamente o tradicional “chauvinismo” masculino negro nos EUA. Na introdução, McGrath enfatiza a evolução ideológica do partido dos Black Panthers (justificando a entrevista) e o fato de Cleaver ter se negado a falar para as grandes redes de rádio e tevê norte-americanas.

Autores citados: Bakunin; Mao; Huey Newton; Marx; Lenin; Trotsky; Franz Fanon; Bobby Seale; Marcuse; Gramsci; Malcolm X; Martin Luther King; Fred Hampton

ZOLLA, Carlos. La literatura fantástica argentina. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 11, p. 29, septiembre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Ficción; Realidad; Lenguaje

Resumo: Breve e prolixa crítica da *Antología de la Literatura Fantástica Argentina. Narradores del siglo XIX* (Ed. Kapeluz), organizada por Haydée Flesca, para uso escolar. Segundo Zolla, a organizadora se equivoca em relação à própria definição do fantástico, recaindo em velhos erros da crítica acadêmica argentina.

Autores citados: Honorio de Autún; J. L. Borges; Delia Ingenieros; Ambroise Paré; Eco; Maurice Blanchot; Lovecraft; Haydée Flesca; Elemire Zolla; Bioy; E. Wilde

SEMPAT ASSADOURIAN, Carlos. La conquista del desierto: un mito a renovar. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 11, p. 30-31, septiembre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – História

Palavras-chave: Civilización; Barbarie; Resistencia; Dominación

Resumo: Demolição justificada do livro *La conquista del desierto* (Ed. Eudeba), do “coronel” J. C. Walther. O resenhista desmonta a “mensagem ideológica”, para uma situação política “muy concreta”, contida neste texto da velha *histoire événementielle* em que a civilização (representada pelo próprio autor) se opõe de forma maniqueísta à barbárie indígena. Aponta “omisiones, errores y desviaciones” em todo o artigo, salvando apenas a utilização e publicação de certos documentos no último parágrafo.

Autores citados: P. Armillas; A. M. Salas; A. Jara; Cabrera; Grenón

GAZZERA, Miguel. Gazzera responde. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 11, p. 31-32, septiembre de 1970.

Vocabulário Controlado: CARTA

Palavras-chave: Revolución nacional; Pueblo; Sindicalismo; Ortodoxia

Resumo: Resposta respeitosa em relação à revista (“seriedad”, “idoneidad”) e furiosa em relação a Juan Carlos Torre, autor de crítica ao “escrito” do líder sindicalista peronista, *Nosotros, los dirigentes*, no número anterior. Ele reproduz (em destaque) catorze trechos da resenha e os comenta detalhadamente a seguir, mesclando raiva e ironia em suas “aclaraciones” diante do que seriam distorções e equívocos de Torre.

Autores citados: Julio Verne

Libros distribuidos en América Latina desde el 15 de julio al 15 de agosto de 1970. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 11, p. 33-35, septiembre de 1970.

Vocabulário Controlado: INFORME

Editorial. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 12, p. 3, Octubre de 1970.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Historia; Literatura; Violencia

Resumo: O texto aborda cinco pontos da décima-segunda edição da revista: o “conocimiento documentado” da vida de Eva Perón; o enfoque sócio-político de David Viñas sobre a obra de Ernesto Sábato; a decadência do Instituto Di Tella, maior representante das artes plásticas vanguardistas argentinas; a crítica do nascimento da revista internacional *Libre*, de Llosa, Paz, Sarduy, Cortázar, entre outros; e um documento sobre a tortura no Brasil, o qual teria sido publicado originalmente no suplemento literário

do *New York Times*, mas apareceu na verdade no *New York Review of Books* (cf. carta de David W. Foster, *Los Libros* nº 14, p. 31).

Autores citados: Aldo Borroni; Roberto Vacca; David Viñas; Ernesto Sábato; Roberto Jacoby; Santiago Funes

BORRONI, Aldo [Otelo] e VACCA, Roberto. Documentos sobre Eva Perón. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 12, p. 4-5, Octubre de 1970.

Vocabulário Controlado: BIOGRAFIA

Nome Pess. como Assunto: PERÓN, Eva

Palavras-chave: Pueblo; Justicia; Patria

Resumo: Trechos e fotos do livro *La vida de Eva Perón* (Ed. Galerna), de Otelo [sic: Aldo à p. 3] Borroni e R. Vacca, que seria lançado em breve. Inclui um parágrafo sobre seu nascimento em 1919; dois outros sobre sua turnê pelo interior em 1936 com a peça *El beso mortal*; e os demais sobre seus últimos discursos em 1951, quando, enferma, renuncia à candidatura à vice-presidência do país, contrariando o clamor popular.

Autores citados: Louis de Gouraviec

VIÑAS, David. Sábato y el bonapartismo. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 12, p. 6-8, Octubre de 1970.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Literatura

Nome Pess. como Assunto: SÁBATO, Ernesto

Palavras-chave: Existencialismo; Liberalismo; Cuerpo; Estalinismo

Resumo: Crítica forte (como de hábito) de D. Viñas sobre Sábato, em que este se vê reduzido a um autor de “literatura de fachada”, dono de uma “retórica de jardinería”. Não sem razão: o discurso “monumental” e integracionista deste escritor permite ou até mesmo força tal leitura, a qual vê em Lugones e Borges seus modelos “bonapartistas”. O texto, ao mesmo tempo jocoso, arbitrário e sociológico, além de rico em polêmicas e dados, antecipa a publicação do livro *De Sarmiento a Cortázar* (Ed. Siglo XX).

Autores citados: Herbert Read; Borges; Lugones; Quiroga; Marechal; Sarmiento; Julio Cortázar; Sartre; Camus; Ocampo; Francisco Romero; Mircea Eliade; Roger Caillois; von Martin; [marxismo]; Murena; Bioy Casares; Daniel Devoto; J. Rodolfo Wilcock; Mario Albano; Mallea; Homero; Santos Vega; San Juan; Giacomone; Nietzsche; Verne; Dostoevsky; Guido Di Tella; Hugo Wast; Graham Greene; Nadeau; Scheler

BIEDMA, Patricio. La juventud como mitología. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 12, p. 9, Octubre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Sociologia

Palavras-chave: Mito; Sistema; Burguesía; Idealismo

Resumo: Exemplo de crítica “mimética”, resenha com entusiasmo o trabalho dos belgas (radicados no Chile até 1973) Armand e Michèle Mattelart, *Juventud chilena: Rebeldia y conformismo* (Ed. Universidad de Chile). O livro analisa os muitos mitos em torno da juventude do país, em trabalho comparado entre universitários, operários e camponeses, e a forma distorcida com que os meios de comunicação tratavam os jovens. O resenhista, que exalta (e por sua vez mitifica) a juventude revolucionária, toma distância apenas ao criticar as limitações do método de enquetes adotado pelos autores.

SARLO SABAJANES, Beatriz. La retórica de Eduardo Mallea. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 12, p. 10, Octubre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: MALLEA, Eduardo
Palavras-chave: Burguesía; Realidad; Ideología; Palabra; Recuerdo; Clase; Individualismo

Resumo: Em tempos, mais que nunca, de “obra aberta”, Mallea propõe uma “obra cerrada”, segundo Sarlo Sabajanes, em sua resenha de *La penúltima puerta* (Ed. Sudamericana). Entre o subjetivismo e o individualismo típicos da classe dominante, diz a resenhista, o escritor (colaborador de *Sur* e *La Nación*) reforça sua posição de consciência ética de uma burguesia já marginalizada do poder político e, em função disso, representando nada além de uma vertente “diminuída” do grande e velho mito liberal de “civilização ou barbárie”.

MALDAVSKY, David. Autocrítica – Reportaje a Augusto Roa Bastos. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 12, p. 11-12, Octubre de 1970.

Vocabulário Controlado: ENTREVISTA

Nome Pess. como Assunto: ROA BASTOS, Augusto

Palavras-chave: Cultura; Lengua; Oralidad; Alienación; Ideología

Resumo: Severa autocrítica de Roa Bastos em conversa com Maldavsky, na qual abordam principalmente o que o primeiro chama de “patología lingüística” paraguaia (em sua

polaridade bilingüe, sendo que não se pode escrever senão em castelhano); as limitações de seus primeiros livros, condicionados pelo “mandato ético”, segundo o escritor; e seu novo projeto (certamente *Yo el supremo*), na direção de novas linguagens abertas à polissemia, à “invasión neológica”, na esteira da teoria crítica francesa. Na abertura, Roa Bastos é tratado como “el más prestigioso autor paraguayo contemporáneo y uno de los núcleos alrededor de los cuales se mueve la literatura latinoamericana”.

Autores citados: Valery; Montoya; Yáñez; Rulfo; Borges; Cortázar; Joyce

GRIMSON, Ricardo. Apuntes sobre la locura. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 12, p. 14-15, Octubre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Psiquiatria

Palavras-chave: Locura; Confinamiento; Identidad

Resumo: Comentário da obra *Internados* (Ed. Amorrortu), do psiquiatra norte-americano Erving Goffman, publicada originalmente em 1961 e considerada fundamental, segundo Grimson, para o movimento de transformação de hospitais psiquiátricos nos EUA, Inglaterra e França, preocupados com as técnicas de “anulação” das chamadas “instituições totais” (no dizer do autor do livro), que vão dos asilos às prisões e ao exército. Grimson, crítico da psicanálise e da psiquiatria “de consultório” (que julga individualistas) em relação aos “alienados”, propõe, com base em Goffman, “un compromiso con la práctica asistencial pública”, porque, como dissera, “la pobreza mantiene la locura”.

Autores citados: Michel Foucault; William Caudill; A. B. Hollingshead; F. Redlich; R. E. Farris; H. W. Dunham; Freud; Gervasio Paz; Alfredo Moffatt; Pichon Rivière; Talcott Parsons; Thomas Szasz; David Cooper; Donald Laing; Wilbur Ricardo Grimson [!]

VIÑAS, Ismael. Romero, Puiggrós, o la historia sin clases. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 12, p. 16 e 18, Octubre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – História
Nome Pess. como Assunto: ROMERO, José Luis; PUIGGRÓS, Rodolfo

Palavras-chave: Liberalismo; Revolución; Ideología

Resumo: Em tom arbitrário semelhante ao de seu irmão David, I. Viñas demole com argumentos “definitivos” os livros *El pensamiento político de la derecha latinoamericana* (Ed. Paidós), do

“liberal” Romero, e *El peronismo. Sus causas* (Ed. Jorge Alvarez), do nacionalista Puiggrós. Apontando várias coincidências entre estes aparentes opostos – sendo que a principal estaria no fato de ambos rechaçarem a história enquanto terreno da luta de classes –, o crítico conclui que, apesar destes e de outros historiadores pretenderem o contrário, não há história com base científica na Argentina.

Autores citados: Marx; Lenin; Engels; Perón; Sarmiento

BRAUN, Oscar. Crítica a una estrategia de desarrollo. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 12, p. 20 e 22, Octubre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Economía

Palavras-chave: Capitalismo; Desarrollo; Dependencia; Producción

Resumo: Comentário crítico a *Estrategias de industrialización para la Argentina* (Editorial del Instituto), compilado por Mario S. Brodersohn, ex-subsecretário de economia do governo. O livro, de edição malcuidada, segundo o resenhista, é o resultado de um encontro de economistas e tecnocratas latino-americanos e norte-americanos, incluindo ministros de Estado, realizado pelo Centro de Investigaciones Económicas do Instituto Torcuato Di Tella em 1966. Para Braun, trata-se da repetição do esquema liberal imposto no século XIX e não se discute o que, a seu ver, seria o essencial: as complexas relações entre países imperialistas e países dependentes.

Autores citados: Aldo Ferrer; Carlos Moyano Llerena; Richard Mallon; Alberto Petrecolla; Javier Villanueva; Joan Robinson; David Félix; Diaz Alejandro; Jorge Katz; Bela Balassa; Larry Sjaastad; Guido Di Tella; Harry Johnson; [marxista]

JACOBY, Roberto. Una vidriera de la burguesía industrial. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 12, p. 24 e 26, Octubre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Artes Plásticas

Nome Pess. como Assunto: ROMERO BREST, Jorge

Palavras-chave: Imperialismo; Dependencia; Modernización; Vanguardia

Resumo: Verdadeiro panfleto contra o Centro de Artes Visuales do Instituto Di Tella, comandado pelo autor de *El arte en la Argentina* (Ed. Paidós). Em seu afã de modernização, Romero Brest seria apenas um animador cultural oportunista e

entreguista, trabalhando em prol da burguesia industrial através de uma estética universal pretensamente transgressiva, mas que, segundo Jacoby (cujo texto parece ter sido cortado), é antirrevolucionária e antinacional.

RIVERA, Jorge B. Los orígenes de la literatura gauchesca. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 12, p. 27-28, Octubre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Literatura popular; Gauchesca; Tradición; Ideología

Resumo: Reescrever inteiramente o livro enfocado parece ser a proposta de Jorge Rivera em sua crítica de *Juan Gualberto Godoy, Literatura y política* (Ed. Solar), de Félix Weinberg, ainda que possa ser “pieza útil en un terreno frecuentemente olvidado” (na única concessão feita). Poeta “menor”, Godoy foi objeto de polêmica centenária em torno da “invenção” da poesia gauchesca sob a República, com a participação (equivocada, segundo Rivera) de “Dominguito” Sarmiento em seu favor, em glosa de 1864. Weinberg encontra o manuscrito do poema “Corro” em (torno de) 1960 na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, desvendando um “mistério” que para o resenhista não era tal: bastaria a análise de trechos transcritos por Sarmiento para desfazer o nó, com base nas características do gênero. Além disso, são apontadas várias lacunas na pesquisa, que vão da erudição inútil à ênfase na vida em detrimento do resgate da obra do escritor “cuyano”.

Autores citados: Dominguito [!] Sarmiento; Ricardo Rojas; Bartolomé Hidalgo; Rafael Alberto Arrieta; Zinny; Damián Hudson; Caraffa; Zeballos; Leguizamón; Calixto Oyuela; [quevediano]; Juan María Gutiérrez; Lugones; Groussac, Lehmann-Nitsche; Furt; Tiscornia; Echeverría; Santos Vega; Mitre; Ascasubi; Obligado; Luis Pérez

MANGIERI, José Luis. SOLICITADA. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 12, p. , Octubre de 1970.

Vocabulário Controlado: INFORME

Resumo: Denúncia de três ataques à residência e oficina do editor Mangieri, com seqüestro de livros, discos, incluindo originais no prelo – entre os quais um livro de poemas de R. González Tuñón e um texto teatral de A. Lizarraga. Acusado de esconder explosivos, todo o material da editora é confiscado sob as ordens do inspetor Enrique Moyano. Mangieri termina observando

que muitos de seus títulos são utilizados na Facultad de Filosofía y Letras de Buenos Aires e que é “el editor que más autores nacionales jóvenes ha publicado”.

Autores citados: Raúl González Tuñón; Andrés Lizarraga; Cortázar; Dylan Thomas

Brasil: Relato sobre las torturas. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 12, p. , Octubre de 1970.

Vocabulário Controlado: INFORME

Palavras-chave: Dolor; Electricidad; Placer

Resumo: Relato com minúcias dos requintes de sadismo nas sessões de tortura da Operação Bandeirantes em São Paulo. O relato da vítima (cuja identidade é preservada porque se encontra livre no Brasil) foi publicado no *New York Times Review of Books* a 26 de fevereiro de 1970, com codinomes de algozes mas nomes verdadeiros das outras vítimas mencionadas. No rodapé, informa-se equivocadamente que o *New York [Times – sic] Review of Books* é um suplemento do jornal *New York Times* (cf. carta de David W. Foster, *Los Libros* nº 14, p. 31).

FUNES, Santiago. Mercado, ideología. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 12, p. 30-31, Octubre de 1970.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Literatura

Nome Pess. como Assunto: CORTÁZAR, Julio

Palavras-chave: Socialismo; Imperialismo; Ideología; Revolución; Mercado

Resumo: Outro panfleto, desta vez contra a futura revista *Libre*, ainda sem nome, lançada em Paris com o que seria um “falso grupo” [ver Autores citados, até Semprún], dedicado a uma “revolução total” meramente retórica, feita “desde afuera y arriba” e sem um trabalho crítico científico de real “intención revolucionaria”. Com ira *viñesca*, Funes arremata o artigo com a denúncia de uma “lamentable alianza del fracaso y la farsa”.

Autores citados: Julio Cortázar, Mario Vargas Llosa, Gabriel García Márquez, Juan Goytisolo; Carlos Fuentes; José Donoso; Octavio Paz; Severo Sarduy; Jorge Semprún; Ernesto Sábato; Marx

VIÑAS, Ismael. Acerca del sindicalismo peronista. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 12, p. 32, Octubre de 1970.

Vocabulário Controlado: CARTA

Nome Pess. como Assunto: GAZZERA, Miguel

Palavras-chave: Burguesia; Clase obrera; Salario; Revolución

Resumo: Último texto de uma edição marcada pelo “boxeo” dos irmãos Viñas: Ismael, após bater em Romero e Puiggrós, arremete contra Gazzera,

e contra o próprio resenhista Juan Carlos Torre, ou Carlos Torres, nome com que aparece no nº 9 da revista (julho 1970), em análise do livro publicado pelo dirigente sindical peronista, com réplica deste no nº 11. I. Viñas acusa o resenhista de cair na armadilha do diálogo nos termos propostos por um “reformista burguês”, mero mediador entre burgueses e operários. Mas a polémica não terminaria aí (cf. *Los Libros* nº 14, p. 8).

Libros distribuidos en América Latina – 16 de agosto al 15 de setiembre de 1970. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 12, p. 33-35, Octubre de 1970.

Vocabulário Controlado: INFORME

Editorial. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 13, p. 3, Noviembre de 1970.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Censura; Cambio; Política

Resumo: Texto de abertura, em uma coluna, sem assinatura, desta vez em quatro pontos, com o primeiro ocupando sessenta por cento do espaço e dando conta de reunião organizada pela revista com editores, distribuidores e jornalistas contra a censura e apreensão de livros. Editorial mais engajado politicamente até aqui – com a reivindicação de uma prática cultural que seria “una manera crecientemente efectiva de denuncia y agitación contra la naturaleza misma de la sociedad capitalista” –, em que se anuncia para o próximo número o aprofundamento do assunto e a abertura de sessão permanente sobre a censura na América Latina. Os demais pontos antecipam texto desde perspectiva “estritamente literaria” sobre Marechal; uma crítica ao Nobel de 1970, Solzhenitsin (como grafado); e um número futuro dedicado ao Chile, a cargo de Armand Mattelart.

Autores citados: Leopoldo Marechal; Angel Núñez; Héctor Schmucler; Armand Mattelart

SCHMUCLER, Héctor. Solzhenitsin. Los premios de la burguesía. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 13, p. 4-5, Noviembre de 1970.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Literatura
Nome Pess. como Assunto: SOLZHENITSIN, Alejandro

Palavras-chave: Ideología; Violencia; Burguesía; Revolución

Resumo: Nota crítica do diretor da revista sobre a atribuição do prêmio Nobel ao escritor russo, incluindo reprodução de sua “Carta abierta a la Unión de escritores soviéticos”, de novembro de 1969. Tema e contexto ideais para a destruição (em clave estruturalista) do “código” Nobel, o qual teria sido inventado em virtude da má consciência do criador da dinamite e de toda a cultura burguesa e ocidental, e que é visto naquele ano como ato mais que nunca político, devido à sua expulsão do país, tendo como pano de fundo as guerras “fria” e do Vietnã. Sobram críticas à União Soviética, incapaz de se transformar para além do plano econômico.

Autores citados: Alfred Nobel; Sholojov; Pasternak; Kawabata; Beckett; Solzenitzin; Zdanov; Lenin; Ana Ajmatova; Lidia Chukovskaia; Lev Kopelev

NÚÑEZ, Angel. La última novela de Marechal. Argentina fracasada y su guerra necesaria. *Los*

Libros. Un mes de publicaciones en América Latina, nº 13, p. 6-7, Noviembre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: MARECHAL, Leopoldo

Palavras-chave: Nación; Estructura; Revolución

Resumo: Comentário ao romance póstumo do escritor peronista L. Marechal, *Megafón, o la guerra* (Ed. Sudamericana), contrário ao “enfoque burguês” determinado pela evasão e o êxito, por se tratar de uma “peligrosa desviación del novelista del idioma argentino verdadero y de la indagación nacional”. Rico e radicalmente diferente, segundo Núñez, o terceiro e último romance do autor de *Adán Buenosayres* faz “un lúcido y desgarrante planteo de la Argentina post-peronista”, “emputecida y degenerada” pela oligarquia. Chamam a atenção as cinco notas de rodapé, todas autorreferenciais.

Autores citados: [aristotélica]; [tomista]; A. J. Greimas; Eduardo Stilman; Silvina Bullrich; H. Lemos; N. Rivarola; B. Sarlo; S. Zanetti

PICHON RIVIÈRE, Enrique. A cien años de la muerte de Lautréamont – Cantos de Maldoror (Análisis psicoanalítico del poema IX del primer Canto). *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 13, p. 8-10, Noviembre de 1970.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Literatura
Nome Pess. como Assunto: LAUTRÉAMONT, Conde de

Palavras-chave: Infancia; Deseo; Repetición; Experiencia; Inconsciente

Resumo: Velha leitura psicanalítica *tout court* de Isidore Ducasse feita por um psicólogo afamado, cheia de citações do Conde – e análises estreitas subsequentes –, a qual é concluída com a inesperada invocação da figura de Garibaldi como “emisario de un destino irremediable”, por ter experimentado o “horror” nas cidades sitiadas de Montevideo, em 1848, e de Paris, em 1870, a exemplo de Ducasse. Mais interessante se revela a própria abertura de Pichon Rivière, em que diz ter conhecido Lautréamont junto com a psicanálise, ao lado de um poeta uruguaio, Edmundo Montagne, interno de um hospício que logo se suicida – fato dificilmente superado que retardaria (para 1946) a publicação de sua análise em livro, após uma série de conferências por ocasião do centenário do nascimento de Ducasse.

Autores citados: Edmundo Montagne; Byron; Shelley; Alejandro Dumas; Bachelard; Freud

TORALES, Ponciano. La juventud: ¿Lucha de generaciones o lucha de clases? *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 13, p. 12, 14 e 16, Noviembre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Sociologia

Palavras-chave: Juventud; Sistema; Capitalismo; Producción; Estructura; Ideología; Contradicción; Abstracción; Violencia

Resumo: Longa e prolixa resenha de um trabalho que, conforme dá a entender o próprio texto, não mereceria tanto espaço – *Las rebeliones juveniles en la sociedad argentina* (Ed. Rueda), de Julio Mafud. Em tom professoral, Torales aborda, de um ponto de vista manifestamente marxista, o enfoque mercantil e burguês do “joven universalizado de clase media” de Mafud.

Autores citados: K. Marx; Paul Baran; O. Ianni

EZPELETA, Justa; TEOBALDO, Marta E.; VILLANUEVA, Guillermo M. Educación, ideología y control social. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 13, p. 18, 20 e 22, Noviembre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Pedagogia

Palavras-chave: Experiencia; Saber; Crítica; Cultura; Clase dominante; Control social; Lenguaje; Burguesía; Ideología

Resumo: Leitura crítica e coletiva de um livro também coletivo, *Carta a una profesora* (Ed. Biblioteca de Marcha), coordenado na aldeia toscana de Barbiana pelo padre Lorenzo Milani e assinado pelos estudantes da escola local. Na página inicial, um quadro contextualiza a experiência, realizada entre 1954 e 57, que desemboca em bandeira da sublevação estudantil italiana de novembro de 1967. Em texto cheio de clichês (daí o excesso de palavras-chaves), os autores criticam as “sutis trampas reformistas” em que ainda cairiam os estudantes de Barbiana, propondo, entre Gramsci e Marx, aquela que seria a “verdadera perspectiva” educativa em uma sociedade classista.

Autores citados: Gramsci; Certeau; Rancière; Marx

PERRONE, Alberto M. La “nueva poesia” en Estados Unidos. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 13, p. 22-23, Noviembre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Poesia

Palavras-chave: Sociedad de consumo; Lenguaje; Sistema

Resumo: Comentário geral, em três partes, sobre a “nova poesia” norte-americana, a partir da

publicação de *Poemas*, de Robert Lowell (Ed. Sudamericana), *Nueva Poesia USA, de Ezra Pound a Bob Dyland* [sic] (Ed. de la Flor) e *Antologías* de L. Ferlinghetti, A. Ginsberg e G. Corso (Ed. del Mediodía). Perrone detém-se primeiro em Robert Lowell, suas “crisis de religiosidad”, e denota certo desprezo às traduções e notas de (Alberto) Girri. No item 2, aborda os imaginistas e principalmente os *beatniks*, destacando Kerouac, Ferlinghetti e Ginsberg, “el mesías de la marihuana y del homosexualismo”. No último, fala de Corso, da “Agrupación de poetas militantes” (com LeRoi Jones, entre outros, reunida em 1961) e de sua combatividade: “Es el momento en que grupos intelectuales han abierto, voluntariamente, un frente interno. Una guerra a la que marchan libremente”, conclui o texto, com as duas frases em destaque.

Autores citados: Robert Lowell; Girri; Thoreau; Emerson; E. E. Cummings; Thomas Merton; William Carlos Williams; Ezra Pound; Kenneth Patchen; Bob Dylan; Marcelo Covián; Gregory Corso; J. Dickey; T. S. Eliot; Karl Shapiro; Allen Ginsberg; Amy Lowell; John G. Fletcher; Hilda Doolittle; Robert Duncan; Robert Creeley; Charles Olson; Joel Oppenheimer; Denise Levertov; Paul Blackburn; Jack Kerouac; Lawrence Monsanto Ferlinghetti; Kaufman; Mc Clure; Lamantia; Prévert; William Borroughs [sic]; LeRoi Jones; F. O’Hara; Margareth Randall

URZAIN, Rafael. Franz Fanon: Alienación y violencia, más allá del tercer mundo. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 13, p. 24-25, Noviembre de 1970.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciência política

Nome Pess. como Assunto: FANON, Franz

Palavras-chave: Violencia; Ideología; Praxis; Alienación; Socialismo; Estructura; Dialéctica; Ética; Dominación

Resumo: Comentário entusiasmado sobre a teoria revolucionária do “psiquiatra y combatiente”, ressaltando a unidade de suas “valiosas teorías”, a violência como “única praxis humanizadora” e sua relação estreita com Gramsci e Mao. Observa, ainda, que sua obra serve para demonstrar os limites das experiências marxistas, quase sempre marcadas pelo positivismo, e que ela incide mais fortemente nos grandes centros urbanos do “primeiro mundo”.

Autores citados: Gramsci; [stalinista]; Mao; Marx; Che; Peter Worsley

ZOLLA, Carlos. Acerca de un teatro revolucionario. *Los Libros. Un mes de*

publicaciones en América Latina, nº 13, p. 26-27, Noviembre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Teatro

Palavras-chave: Revolución; Sistema; Estructura; Distanciamiento

Resumo: Crítica dupla de *Escritos sobre el teatro, T. 1* (Ed. Nueva Visión), de Brecht, e da peça *El Avión Negro* (Ed. Talía), de Roberto Cossa, Germán Rozenmacher, Carlos Somigliana e Ricardo Talesnik. Sempre autorreferencial, o comentário exalta a “nueva dramática” de Brecht, unindo produção e recreação, ao mesmo tempo que o aproxima de Artaud. Em *El Avión Negro*, no entanto, vê uma tentativa de teatro político que resvala para o esquematismo, o populismo e a reação.

Autores citados: R. Barthes; Shakespeare; Schiller; Goethe; Antonin Artaud; Peter Weiss; Arden; Lope; Marx; Lenin; Che; Aristóteles; Halac; Piscator; Juan Carlos Gené

GARCÍA, Germán Leopoldo. Love Story. El pastiche verosímil. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 13, p. 28-30, Noviembre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Fábula; Ideología; Sistema; Consumo; Verosímil

Resumo: Crítica rebarbativa de um *best-seller*, *Love Story – Historia de Amor* (Ed. Emecé), de um autor idem. Garcia ressalta o fato de o livro ter sido publicado antes, em partes, na revista feminina *Para Ti* e, sobretudo, critica a abordagem dócil, “paradójica”, da revista *Primera Plana* ao livro de Segal, tido como pura ideologia. Também aponta as contradições de uma nova política cultural que leva editoras “progresistas” à falência e favorece aquelas massificadoras.

Autores citados: Guillén; Cleaver; Robbins; Jacqueline Susann; A. Glucksmann; Shakespeare; Virgilio; Horacio; Terencio

NORWERZTERN, Marcelo. El subconsumo y la teoría de la crisis. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 13, p. 30-31, Noviembre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Economía

Palavras-chave: Capitalismo; Crisis; Sistema

Resumo: Crítica ao livro *El Capitalismo del Desperdicio* (Ed. Siglo XXI, 327 p.), de Adolfo Kozlik, que propõe uma visão desmistificada do “milagre” econômico norte-americano, resultando em análise puramente econômica, já que sua segunda parte, a qual seria dedicada à “repartición

de la riqueza y del poder”, não veio à luz em função da morte do autor em 1966. Para o resenhista, porém, a análise dos limites do capitalismo proposta por Kozlik – um economista que se pretende marxista – estaria mais para Keynes do que para Marx.

Autores citados: Keynes; Malthus; Marx

Libros distribuídos en América Latina desde el 16 de septiembre al 15 de octubre. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 13, p. 32-33, Noviembre de 1970.

Vocabulário Controlado: INFORME

Editorial. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 14, p. 3, Diciembre de 1970.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Sindicalismo; Revolución

Resumo: Três tópicos: o primeiro, e mais longo, aborda a polêmica sobre o sindicalismo peronista, que se estende na revista desde o nº 9, e que agora é dada por terminada, embora se destaque que o tema é fundamental “para toda solución que se pretenda imaginar en relación al futuro del país” e portanto não se esgota aí. J. C. Torre encerra o debate, colocando em pauta o projeto de uma “revolución nacional”; o segundo tópico é dedicado a Chomsky e “la falacia de erigir una ciencia que intente prescindir de un marco ideológico”, por Eduardo Menéndez; e o terceiro aborda a crise crônica do teatro argentino, por José Marial.

Autores citados: J. C. Torre; Chomsky; Eduardo Menéndez; José Marial; Ismael Viñas; Miguel Gazzera

FORNARI, Tulio. La arquitectura al servicio de la revolución? *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 14, p. 4-5, Diciembre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Arquitectura

Nome Pess. como Assunto: BOHIGAS, Oriol

Palavras-chave: Revolución; Ideología; Ruptura; Vanguardia

Resumo: Nova Arquitectura: pós-guerra inaugura triunfo e fracasso do 1º Movimento Moderno, pois problemas sociais do habitat não se resolvem. O arquiteto catalão O. Bohigas, autor do livro rascunhado – *Contra una arquitectura adjetivada* (Ed. Seix Barral) –, pretende dar um passo além junto a um movimento denominado “arquitecturas marginales” no eixo Milão-Barcelona, no sentido de uma posição “vanguardista” e “progresista

revolucionária” no campo do desenho. Para o resenhista, porém, trata-se de um falso progressismo porque Bohigas afirma que, para o arquiteto, só é possível revolucionar a arquitetura. Além disso, aponta contradições na explicação semiológica da “substantividade da arquitetura” proposta pelo autor, e sugere ao final exemplos do que seria uma “poética efetivamente contestatária” no cinema e na vida (recaindo aliás, no vanguardismo que critica).

Autores citados: Hannes Meyer; Le Corbusier; Gregotti; Prieto; Eco; Del Barco; Sade

SARLO SABAJANES, Beatriz. Beatriz Guido: el simulacro de lo peligroso. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 14, p. 6-7, Diciembre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: GUIDO, Beatriz

Palavras-chave: Escritura; Estructura; Mito; Ideología; Verosimilitud

Resumo: A propósito de um livro de Beatriz Guido – *Escándalos y soledades* (Ed. Losada) –, BSS volta a iniciar um texto remetendo a Roland Barthes e à noção de estrutura nos *Ensayos críticos*. Antes que o seu alvo – nada mais que uma “novela para consumir” –, chamam a atenção certas expressões recorrentes, como é o caso das palavras-valise “estructura” (óbvia e insistente), “vanguardia”, “subversivo” e “ideología” – ideologia esta que, no que diz respeito ao tema da resenha, seria apenas mais uma forma de “antiperonismo liberal y burgués, que no entiende bien a su hijo, el frondizismo”, no dizer da então militante nacionalista, mais que nunca nas hostes de Perón.

Autores citados: Frondizi; Trotsky; Roland Barthes; Che Guevara; Perón; Alberdi; Gramsci; Martí; Proudhon; Gorki; Emerson; Roosevelt; Benito Juárez; Roca; Aníbal Ponce; Ismael Viñas; Di Giovanni; Virgilio Piñera

TORRE, Juan Carlo [sic]. Sobre la autocrítica de Gazzera: La economía del peronismo y la política de los sindicatos. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 14, p. 8-10 e 31, Diciembre de 1970.

Vocabulário Controlado: POLÊMICA – Ciência política

Nome pess. como assunto: GAZZERA, Miguel

Palavras-chave: Sindicalismo; Ideología; Ortodoxia; Subdesarrollo

Resumo: Em quatro páginas, com letras em corpo mínimo, Torre encerra a polêmica sobre o sindicalismo peronista, referindo-se a Gazzera –

autor de *Nosotros los dirigentes* – na segunda pessoa do singular. A quase totalidade do largo texto é dedicada à análise da economia argentina dos anos 30 aos 50, concluindo com a crítica da incapacidade do governo de Perón para criar (e não apenas “usar”) riquezas e, conseqüentemente, aprofundar a “revolución nacional”. Torre assume ao final as posições do “nacionalismo revolucionario” (que são as posições da revista) e desdenha em poucas linhas a discussão com Ismael Viñas, por seu rechaço ao diálogo.

Autores citados: Freud; Perón; [keynesianos]; Jauretche

ROA BASTOS, Augusto. *América* de Fernando Alegría. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 14, p. 11-12, Diciembre de 1970.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Literatura

Nome pess. como assunto: ALEGRÍA, Fernando

Palavras-chave: Ficción; Mito; Lenguaje; Transculturación; Intertextualidad

Resumo: Reprodução do prólogo ao romance do escritor chileno, que seria proximamente publicado pela Ed. Universitaria de Chile. Também crítico, professor e historiador da literatura – condição que, segundo Roa Bastos, tem marginalizado sua produção ficcional –, Alegría iria muito além da literatura meramente descritiva, conotando “toda la realidad captada en sus innumerables matices por la percepción intrapsíquica del autor”, nos termos do escritor paraguaio. Em *América*, Alegría radicalizaria seus postulados “transculturadores”, manipulando os “mitos degradados” (Eliade) que melhor refletem a realidade contemporânea, através de um discurso descontínuo, para uma “aventura da intertextualidade”, entre o cômico e o trágico, dissecando de modo implacável nossa cultura, segundo opina Roa.

Autores citados: Emir Rodríguez Monegal; Asturias; Carpentier; García Márquez; Vargas Llosa; Fuentes; Mircea Eliade; Martí; Beckett; William Burroughs

ERHART, Virginia. Dickens. Crónica de un centenario. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 14, p. 14 e 16, Diciembre de 1970.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Literatura

Nome pess. como assunto: DICKENS, Charles

Palavras-chave: Infancia; Ideología; Sociedad

Resumo: Texto crítico em lembrança do centenário da morte de Dickens, buscando traçar a trajetória da recepção da obra do autor mais popular da Inglaterra vitoriana. A cronista

demonstra primeiro as circunstâncias de sua morte – um escritor enriquecido que jamais conseguira superar os traumas de uma infância pobre – e depois enfatiza seu mero reformismo social, típico da classe média que representava de modo exemplar, além da “fábula de su postura revolucionária”, que teria sido reiterada inclusive por intérpretes tidos por “progressistas”, como Raymond Williams.

Autores citados: Edmund Wilson; George Eliot; Thackeray; Walter Allen; T. A. Jackson; Raymond Williams; Henry James; Virginia Woolf; George Orwell; Dostoievski; Kafka; Lionel Trilling; D. H. Lawrence; Faulkner; Q. D. Leavis; Flaubert; Proust; Cervantes

MENÉNDEZ, Eduardo Luiz. Una mistificación de la burguesía: la neutralidad de la ciencia. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 14, p. 18, 20 e 22, Diciembre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência
Nome pess. como assunto: CHOMSKY, Noam
Palavras-chave: Opressão; Sistema; Sociedad; Ideología

Resumo: Resenha emocionada sobre uma coleção de artigos políticos de Chomsky – *La responsabilidad de los intelectuales y otros ensayos históricos y políticos (los nuevos mandarines)* (Barcelona, Ed. Ariel, 1969) – tendo como pano de fundo a guerra do Vietnã. Em primeira pessoa, como se fosse o próprio autor, Menéndez denuncia o “terrorismo científico” e a “degeneração moral” norte-americanos, representados por sua “intelligentsia”, que pretende passar uma imagem de neutralidade, a qual seria própria da ciência, enquanto a crítica ideológica não seria construtiva. Contra isso, Chomsky propõe um estado de “a-intelectualidad”, no sentido de se opor ao discurso prolixo e vazio de intelectuais e cientistas, e Menéndez chama a atenção para a atualidade do tema na Argentina.

Autores citados: George Orwell; Spock; Mailer; David Rowe; R. de Jaegher; S. Huntington

POCHTAR, Ricardo. El horizonte de la fenomenología. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 14, p. 22 e 24, Diciembre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Filosofia
Nome pess. como assunto: MERLEAU-PONTY, Maurice

Palavras-chave: Sujeto; Ontología; Expresión; Experiencia

Resumo: Resenha “filosófica” de uma obra póstuma de Merleau-Ponty – *Lo visible y lo*

invisible (Ed. Seix Barral) –, malcompreendida e maltraduzida, conforme o resenhista. Trata-se de um texto inconcluso (embora o filósofo não creia, como Husserl, em uma “existencia supratemporal” da obra) em que é reiterada a proposta de uma “nova ontología” crítica e não especulativa. Para Pochtar, por um lado, o enfrentamento superficial entre existencialismo e estruturalismo impediu uma leitura deste livro no contexto da obra de Merleau-Ponty, e, por outro lado, ninguém avançou muito mais na “tarea revolucionaria de ‘pensar la estrucutra’”, “salvo que se considere que la especulación ‘materialista’ de Lévi-Strauss haya satisfecho esa tarea”.

Autores citados: Claude Lefort; Malraux; [kleiniano]; [kantiana]; Husserl; Heidegger; Lévi-Strauss

REST, Jaime. Satanás, sus obras y sus pompas. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 14, p. 25-27, Diciembre de 1970.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Mito; Persecución; Fantástico

Resumo: Com a habitual erudição, Rest aborda o satanismo em pouco mais de duas páginas, a partir de sete publicações em espanhol relacionadas com o tema – *Diccionario infernal* (Ed. Taber), *Diccionario de los infiernos* (Santiago Rueda), *Lo demoníaco e Breviario del estremecimiento* (Monte Ávila), *Los mitos de Cthulhu* (Alianza) e *De las brujas y adivinas* (Jorge Alvarez). Seu panorama, no entanto, é prejudicado pela pretensão de totalização: parte do “renascimento do demoníaco” em sua época, sublinha que “la colisión entre el inusitado y el habitual” é uma constante de nossa realidade (sendo inclusive considerada indispensável para o progresso psíquico), examina as diferentes fases vividas pelo Mal na história (da Bíblia e a Inquisição ao romantismo e a psicanálise), mas dilui sua análise ao final, na ânsia de citar todos os trabalhos do gênero, reunindo nada menos do que 60 autores – um recorde na revista (até aqui).

Autores citados: Louis Pauwels; Castex; Vax; Caillois; E. M. Forster; Maryse Choisy; Freud; Jung; Milton; Blake; Juan de Salisbury; Brouette; Joseph Hansen; Reginal Scot; Montaigne; Malebranche; W. E. H. Lecky; H. C. Lea; Marquês de Sade; C. L’Estrange Ewen; H. R. Trevor-Roper; Michelet; Sprenger; Kramer; Ulrico Molitor; Jean Bodin; Johann Weyer; Cazotte; Beckford; C. S. Lewis; Baudelaire; Mario Praz; Todorov; Poe; Henry James; H. P. Lovecraft; Ray Bradbury; Bernanos; Gogol; Dostoievsky; Frazer; Margaret Murray; Collin de

Plancy; Rossel Hope Robbins; J. Tondriau; R. Villeneuve; Lucien Febvre; Julio Caro Baroja; José Bianco; Samuel Volpin; Dante; Borges; Silvina Ocampo; Bioy Casares; Rafael Llopis; Algernon Blackwood; M. R. James; Arthur Machen; W. F. Harvey; P. Ketrtridge

MARIAL, José. Balance del teatro en 1970. La crisis no alcanzada. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 14, p. 27-28, Diciembre de 1970.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Teatro

Palavras-chave: Cambio; Arte; Ideología

Resumo: Balanço da cena teatral argentina recente, com viés insistentemente nacionalista, de acordo com a linha da revista. Marial, (dirigente?) da Asociación Argentina de Actores, vê conformismo (a exemplo do país) e falta de continuidade nas produções teatrais, após afirmar não haver “crisis” por não existir nenhuma transformação decisiva. Denotando a tensão vivida entre teatro e televisão, na qual imperam exclusivamente interesses econômicos, destaca duas exceções nesse panorama – o teatro Payró e o San Telmo, fechado em função de um incêndio – e aproveita a ocasião para anunciar a Expo-Show que a Associação realizaria nesse mês de dezembro, com a presença de teatros de vários países latino-americanos, numa confessa tentativa de “salir del atolladero”.

Autores citados: Beckett; Jaime Kogan; Chejov; F. Dürrenmatt; Strindberg; Payró; Cossa; Rozenmacher; Somigliana; Talesnik; Halac; Atahualpa del Cioppo; Strasberg

CHORNE, Miriam; KAUMANN, Irene F. de; GREGO, Beatriz. Acerca de las comunidades terapéuticas. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 14, p. 29-30, Diciembre de 1970.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Psiquiatria

Nome pess. como assunto: GRIMSON, Ricardo

Palavras-chave: Antipsiquiatria; Identidad; Locura

Resumo: Réplica às opiniões do psiquiatra R. Grimson – expostas em *Los Libros* nº 12 (oct. 1970) e na *Revista Argentina de Psicología* nº 3 (marzo 1970) –, favoráveis às chamadas “comunidades terapéuticas” e contrárias à antipsiquiatria proposta, por exemplo, no livro *Internados*, de E. Goffman, e amplamente reivindicada pelas autoras. Para elas, tais comunidades permanecem reduzindo o paciente a um objeto e não questionam o poder médico. Já a antipsiquiatria, contrária a “toda idea de reforma”, vem em defesa do chamado “louco” contra a

sociedade e valoriza a verdade e o poder de contestação que seriam próprios ao discurso da loucura.

Autores citados: Goffman; Max Weber; M. Mannoni; Basaglia

FOSTER, David W. Precisión. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 14, p. 31, Diciembre de 1970.

Vocabulário Controlado: CARTA

Resumo: Reprodução de uma pequena mas importante retificação, feita por um professor de espanhol da Arizona State University, ao depoimento sobre a tortura no Brasil, publicado em *Los Libros* nº 12. A redação errou ao afirmar que o texto havia sido publicado em um jornal liberal, o *New York Times*; saiu na verdade no *New York Review of Books*, “radical y antiliberal”. O tom de Foster é corrosivo, e a revista teve a dignidade de reproduzir a nota, ainda que em pé-de-página.

Libros distribuidos en América Latina desde el 16 de octubre al 15 noviembre 1970. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 14, p. 32-34, Diciembre de 1970.

Vocabulário Controlado: INFORME

Editorial. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 15-16, p. 3, Enero-Febrero de 1971.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Cambio; Poder; Apertura

Resumo: Introdução ao primeiro número duplo da revista, ocasionado pela euforia da ascensão de um socialista ao governo do Chile (apenas cinco textos, os dois primeiros e os três últimos, não abordam questões relativas ao país). Destaca a repercussão internacional do novo governo, o documento “único” que vem a ser a longa entrevista com integrantes do acampamento de sem-terras “Che Guevara”, e a presença de uma “notable equipe de especialistas”. Com esta edição, o “grupo” *Los Libros* pretende assumir a responsabilidade, “ahora insoslayable”, da transformação do continente por iniciativa de seu povo.

Autores citados: Carlos Sempat Assadourian; Carmen Castillo; Solón Barraclough; Armand Mattelart; James Petras; Claes Croner; Ariel Dorfman

ROSA, Nicolás. Sur o el espíritu y la letra. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 15-16, p. 4-6, Enero-Febrero de 1971.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Literatura
Nome pess. como assunto: OCAMPO, Victoria
Palavras-chave: Poder; Dependencia; Ideología; Burguesia

Resumo: Crítica vigorosa à revista *Sur*, criada em 1941 por V. Ocampo e extinta em 1970. Para Rosa, *Sur* encarnou à perfeição a ideologia liberal e sua visão burguesa da literatura, que aparece sacralizada e como uma das formas da propriedade privada, refletindo na verdade sua finalidade política, de “clase”. Trata-se de uma prática literária “humanista” que se pretende crítica mas não produziria mais que resenhas banais em uma reposição “ahistórica de las tendencias iluministas”. O texto é introduzido por dois trechos de Ocampo, sobre a invenção e a extinção da revista.

Autores citados: Echeverría; Sarmiento; Alberdi; Proust; Borges; Faulkner; Ivy Compton-Burnett; Virginia Woolf; Mallea; Camus; André Gide; T. S. Eliot; Valéry; Amado Alonso; Daniel Devoto; José Bianco; Battistesa; María Rosa Lida; Enrique Pezzoni; Alicia Jurado; Murena

BOAL, Augusto. Situación del teatro brasileño. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 15-16, p. 8-10, Enero-Febrero de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Teatro
Palavras-chave: Izquierda; Reacción; Arte; Mercado; Clase; Pueblo; Transformación; Burguesia; Verdad

Resumo: Boal desafia a ditadura militar brasileira com este panfleto (trad. René Palacios More), dedicado às três tendências majoritárias do teatro nacional, segundo sua opinião: o “neo-realismo”, mais documental que combativo, de Plínio Marcos, por exemplo; a “exortação” ao povo do Teatro de Arena, simplificadora, maniqueísta e “absolutamente indispensável; e algo que identifica de modo bizarro como *tropicalismo chacriniانو-dercinesco-neorromántico*, o qual “pretende serlo todo y no es nada”, embora tenha suas virtudes, como a de ter inventado o portunhol... Seria, no entanto, a tendência mais próxima da direita, ao misturar Roberto Carlos com Jack (sic!) Lennon, por ser importada e “antipueblo” – numa palavra, *criminosos*, na concepção de Boal. Que conclui pobre e melancolicamente seu artigo ao afirmar que a Verdade estará exposta na 1ª Feira Paulista do Opinião, que vem a ser o seu próprio teatro. Vale ainda mencionar a nota 3, sobre a “Cinelândia”, tão preconceituosa quanto Fidel Castro no auge: o

local seria freqüentado “característicamente, por cuanto *travesti* anda suelto”.

Autores citados: Tennessee Williams; Roberto Schwarz; Plínio Marcos; Guarnieri; Vianna Filho; Jorge Andrade; Roberto Freire; Anatol Rosenfeld; Castro Alves; Guevara; Baudelaire; Grotowsky
Trad.: René Palacios More

PETRAS, James. La clase obrera chilena. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 15-16, p. 11-13, Enero-Febrero de 1971.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciência política

Palavras-chave: Socialismo; Conciencia de clase; Proletariado

Resumo: Breve análise sociológica da situação eleitoral e política do Chile socialista de Allende, no primeiro texto da revista dedicado a seu tema principal. Tendo vivido no país durante vários anos, Petras desmente as perspectivas freqüentes de sociólogos dos Estados Unidos e América Latina sobre o “integracionismo” do operariado chileno. Lançando mão de quadros de votações em diferentes setores sociais, demonstra, com o otimismo característico do período, que os trabalhadores radicalizados (inclusive mulheres) lograram constituir uma base social homogênea, embora ressalve que o desequilíbrio entre essa base social e o “carácter politicamente heterogêneo del liderazgo partidario” poderia causar “serios problemas”.

Autores citados: [marxista]

AMINA, Fermín. La democracia chilena. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 15-16, p. 14 e 56, Enero-Febrero de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Democratización; Dialéctica; Dependencia

Resumo: Crítica do livro *La democracia chilena* (Ed. Signos), de Norbert Lechner, que viveu no país entre 1956 e 1966. O sociólogo analisa o desenvolvimento político do país desde o século XIX nos termos da dialética reforma/revolução, devida à Escola de Frankfurt e à concepção das classes sociais segundo Max Weber. Para Amina, trata-se de um livro útil que, no entanto, apresenta dois problemas básicos: utiliza um modelo biclassista mas reconhece a necessidade de uma teoria da luta de classes internacional, que não desenvolve; e a mudança rápida do panorama político com a reabilitação da Frente Popular de

Allende, dada como concluída pelo autor – fato que abriria novas perspectivas para sua análise.

Autores citados: André Gunder Frank; [marxistas]; [weberiana]

DORFMAN, Ariel. La actual narrativa chilena. Entre ángeles y animales. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 15-16, p. 15-17 e 20-21, Enero-Febrero de 1971.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Literatura

Palavras-chave: Sistema; Ideología; Rebelión; Barbarie

Resumo: Dorfman traça um entusiasmado panorama da narrativa de seu país nos últimos quatro anos, para concluir que o Chile aguarda a “explosão” na década de 70, com a chegada, enfim, do grande romance (ou dos). Suas claras preferências recaem sobre Skármeta, Jorge Guzmán e Alfonso Alcalde, que teriam conseguido sintetizar “la pugna terrible del hombre (chileno) actual”. Os demais, como Donoso e Edwards, seriam culpados ou cautos em excesso, ou, como Droguett, truculentos ou monótonos, esvaziando seus personagens, quase sempre lúmpens, em “descargas sin eco” ou em “quietismo desconsolado”. Chama a atenção, no início do texto (publicado originalmente no volume *Chile Hoy* por Ed. Siglo XXI), a referência à “parcial y ambigua victoria” representada pelo governo socialista de Allende.

Autores citados: Lihn; José Donoso; Carlos Droguett; Alegría; Jorge Edwards; Hernán Valdés; Carlos Santander; Pablo García; Carlos Morand; Manuel Rojas; Antonio Skármeta; Gabriela Mistral; Salinger; Kerouac; Atías; Guillermo Blanco; Jorge Guzmán; Pablo de Rokha; Alfonso Alcalde; Parra

BARRACLOUGH, Solon. Problemas de la reforma agraria en Chile. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 15-16, p. 24-27, Enero-Febrero de 1971.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciência política

Palavras-chave: Producción; Participación; Tierra

Resumo: Panorama detalhado e cético da reforma agrária no Chile, em tradução (de que língua?) de N. Zamanillo. As propostas de reforma dos anos 60 geraram forte tensão e violência no campo, sendo que em 1964 apenas um quarto da força de trabalho do país era agrícola, o analfabetismo era de cerca de 50% (embora o índice oficial fosse muito menor) e somente dois por cento da terra pertencia a minifúndios. O ceticismo, tanto em relação ao governo de Frei (1964-70) – cuja

reforma fracassada teve como único ponto favorável a criação de sindicatos e cooperativas no campo – quanto ao de Allende, se deve ao amplo e diverso espectro político reunido em cada gestão. Por isso, Barraclough conclui que “la tarea de transformar las metas de la Unidad Popular en política efectiva del gobierno es formidable, para decir lo menos”. À p. 25, lê-se ainda um quadro, com texto entre aspas mas não identificado, sobre a necessidade da educação e da participação dos camponeses no controle de sua reforma agrária.

Autores citados: Hans Morgenthau; Alfonso Almio; Alaluf; Corvalán; Echeñique; Mattelart; Plinio Sampaio; Jacques Chonchol; Jan Myrdal; William Hinton; Gérard Chaliand

CALDERÓN, Alfonso et al. Por la creación de una cultura nacional y popular. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 15-16, p. 30-31, Enero-Febrero de 1971.

Vocabulário Controlado: MANIFESTO

Palavras-chave: Imperialismo; Transformación; Dependencia

Resumo: Documento redigido pelo Taller de Escritores de la Unidad Popular, incluindo 14 assinaturas (Dorfman, Edwards, Skármeta e Enrique Lihn entre eles), propondo a denúncia e a vigilância da penetração cultural do imperialismo norte-americano e da atitude paternalista em relação à cultura para as massas, a superação do subdesenvolvimento através da criação de uma linguagem própria de caráter nacional e popular, e a criação de uma Corporación de Fomento a la Cultura como poder central, tendo intelectuais e artistas um “complejo papel orientador” enquanto “vanguardia del pensamiento”. Ilustra o documento uma historieta engajada anônima dos *Cuadernos de Educación Popular* do Chile.

MATTELART, Armand. Los medios de comunicación de masas en un proceso revolucionario. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 15-16, p. 34-37, Enero-Febrero de 1971.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Comunicação

Palavras-chave: Fetiche; Burguesía; Trabajo; Tecnología; Ideología

Resumo: Ensaio assinado pelo organizador desta edição especial de *Los Libros*, francês radicado no Chile. Com Marx e Barthes como vetores centrais de sua análise, relaciona os conceitos de fetiche e de mito para denunciar a união da velha mitologia econômica a uma nova força produtiva formadora de consciências e de consenso, os meios de comunicação de massa. Diante da imagem difusa

que oferece de si mesmo o “tecnocratismo” próprio a esses meios, seria fundamental não apenas focar a sua propriedade como também inverter as relações de propriedade dos instrumentos de produção material. Para a criação de um meio de comunicação *não mitológico*, seria preciso “desentrañar lo que realmente constituye lo propio”, tendo o povo como emissor e não apenas como receptor. O estudo termina sintomaticamente com um largo trecho de Mao Tse-Tung, buscando uma definição de “lo propio”, e “los gérmenes de una cultura solidaria y socialista”.

Autores citados: Marx; Roland Barthes; Engels; Gramsci; B. Brecht; Che; Mao Tse-Tung

ASSADOURIAN, Carlos Sempat et al. Los campamentos de pobladores. Reportaje al campamento Che Guevara. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 15-16, p.40-43 e 46, Enero-Febrero de 1971.

Vocabulário Controlado: ENTREVISTA

Palavras-chave: Conciencia; Pueblo; Juventud; Revolución

Resumo: Longa entrevista com a “direção política” do acampamento Che Guevara, habitado por famílias sem terra, nos arredores de Santiago, realizada por Assadourian, Carmen Castillo e “un redactor de *Los Libros*” (?), como se lê no editorial, que a considera um documento único e fundamental. Um quadro introdutório em tom de modéstia – que inicia com a afirmação de que “la experiencia de los campamentos de pobladores sin casa exige un análisis completo y profundo que *Los Libros* no está en condiciones de ofrecer a sus lectores” – apresenta um panorama da situação do terreno tomado por 500 famílias no dia 24 de agosto de 1970, já contando com pequena escola, centro de saúde, pequenos comércios, guarda permanente e um jornal mimeografado, *El Guerrillero*. Destacam-se aí a politização e a lucidez dos “numerosos” participantes, cuja proposta de entrevista é descrita como uma homenagem a sua existência. Entre os principais temas tratados estão a reação interna e a do PC chileno, que teria grande eleitorado mas escassa consciência crítica e política, a sua própria preparação educativa e revolucionária, “el hombre nuevo” de Che e a visita festiva de uma delegação cubana. Chama a atenção a menção à hipótese de um possível “derrocamiento del compañero Allende por un golpe de estado”.

Autores citados: [marxista]; Che Guevara; Lenin

CRONER, Claes. Problemas de la economía chilena. *Los Libros. Un mes de publicaciones en*

América Latina, nº 15-16, p. 47-48, Enero-Febrero de 1971.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Economía
Palavras-chave: Capital extranjero; Dependencia; Imperialismo

Resumo: Seguindo a regra de publicar textos sobre economia, *Los Libros* destaca um fragmento de um extenso estudo de um economista sueco dedicado ao Chile, considerando em nota seu “particular interés”. O trecho em questão enfatiza a presença do “imperialismo norteamericano en todos los niveles de la formación social chilena”, as condições extremamente favoráveis às “empresas imperialistas” no processo de nacionalização das minas de cobre, a péssima distribuição de renda e o alto nível de desemprego no país. Entre muitos outros números, o dado de que a extração de cobre chileno pelos Estados Unidos no período de 1914 a 1964 teria sido de cerca de “5.000 millones de dólares”.

NUN, José. Acerca de los militares chilenos. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 15-16, p. 49-50, Enero-Febrero de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Golpe; Revolución; Capitalismo; Reformismo

Resumo: Triste fim das páginas chilenas do nº 15/16 de *Los Libros*, a resenha de Nun sobre o livro de Alain Joxe, *Las fuerzas armadas en el sistema político de Chile* (trad. Narcizo Zamanillo, Ed. Universitaria de Chile), carrega um sabor especialmente amargo ao ser lida após o golpe militar de Pinochet, em 11 de setembro de 73, pressentido aliás em diferentes textos da revista. Nun considera o livro esquemático e limitado mas não deixa de enfatizar a sua utilidade, tornando terrível seu comentário em várias passagens, como as que seguem: “¿Será acaso un golpe el encargado de cerrar la década del setenta el ciclo político que otro golpe abriera en la década del veinte?”; “Esto [el descarte del aventurerismo putschista] no significa en absoluto excluir de los próximos seis años la posibilidad de un golpe sino subrayar que ella dependerá de los sistemas de alianzas que defina la coyuntura más que de la composición y de las orientaciones del establecimiento militar” (grifo meu).

Autores citados: Stanley Moore; Engels; Antonio Gramsci

JCP [Juan Carlos Portantiero?]. Dos revistas, y una corriente de pensamiento. *Los Libros. Un mes*

de publicaciones en América Latina, nº 15-16, p. 51, Enero-Febrero de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Sociologia
Palavras-chave: Nacionalismo; Dependencia; Crítica; Revolución

Resumo: Breve comentário sobre duas novas revistas argentinas, características da recente febre em torno da questão “nacional”: *Envido*, “revista de política y ciencias sociales” e *Orden del Sol*, “revista continental de política y economía”. Parecendo superar finalmente a forte tradição oficial do “liberalismo”, segundo JCP (“ni siquiera los quince años de peronismo pudieran desarraigarlo”), trata-se de um movimento de caráter populista mas difuso, cujo ponto forte seria a ausência de ilusão “desarrollista-cientificista”, e o ponto negativo, um “reduccionismo total” em sua crítica meramente ideológica e não sistemática do adversário.

Autores citados: Ingenieros

SCIARRETA, Raúl. Carlos Astrada, un filósofo militante. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 15-16, p. 52-54, Enero-Febrero de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Filosofia
Palavras-chave: Fenomenología; Marxismo; Dialéctica

Resumo: Discípulo de Astrada, Sciarreta homenageia o mestre, morto em dezembro de 1970, colocando em pauta e em questão as suas idéias, porque, a seu ver, a melhor maneira de venerá-lo é contradizê-lo. Convertido ao marxismo em 1956, Astrada passa em revista a partir daí todas suas posições fenomenológicas anteriores e, para maior escândalo da intelectualidade liberal do país, apóia o peronismo. Seu ponto de partida em termos teóricos é a práxis da razão dialéctica, em “tesis francamente historicista”, segundo o discípulo, além de conservar oposições categóricas (o monismo sujeito-substância de Hegel) e de ler Marx ao pé da letra, sem levar em conta o campo científico determinado da economia política (e não da filosofia) a que se referia a sua noção de dialéctica. Aqui, como em outros momentos de seu texto, Sciarreta manifesta explicitamente sua filiação althusseriana e maoísta, além de criticar os seguidores argentinos de Lacan, que fariam “oídos sordos a las implicaciones heideggerianas de su teoría de la ciencia y su concepción de la verdad”.

Autores citados: Max Scheller; Hartman; Husserl; Heidegger; Jacques Lacan; Freud; Carnap; Brentano; Kant; Fichte; Schelling; Hegel; Marx; Haeckel; Plejanov; Aristóteles; Althusser;

Heráclito; Mao Tse Tung; Kierkegaard; Richard Kroner; Lukács; Niels Bohr; Bachelard; J. Hyppolite; E. Weill; Hook; Antonio Banfi

GRIMSON, Ricardo. Cerca de las comunidades terapéuticas. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 15-16, p. 54-56, Enero-Febrero de 1971.

Vocabulário Controlado: POLÊMICA – Psiquiatria

Palavras-chave: Antipsiquiatria; Resocialización; Locura

Resumo: Um sério lapso marca este capítulo da polémica em torno das “comunidades terapéuticas”: a ausência da assinatura (de R. Grimson) em texto extremamente pessoal, em resposta à crítica coletiva a suas ações no campo psiquiátrico argentino (*Los Libros* nº 14). Grimson faz suas “aclaraciones” em 16 pontos, em que, basicamente, refuta as idéias – a seu ver importadas e portanto distantes – daqueles que chama de “antipsiquiátricos de mesa redonda”, rememora exemplos de eficácia das comunidades terapéuticas e propõe um suspeito chamado à conciliação. Em quadro na página inicial, a revista protesta contra a demissão de quase trinta profissionais do Hospital Psiquiátrico José A. Estévez, e anuncia a preparação de um amplo informe sobre os problemas e as práticas mais avançadas da saúde mental na Argentina.

Autores citados: Goffman; Mauricio Goldemberg; Enrique Pichon Rivière; García Badaraco; Luis Guedes Arroyo; Raúl Camino; Alfredo Mofatt; Cooper; Laing

Libros distribuidos en América Latina desde el 16 de noviembre al 15 de diciembre de 1970. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 15-16, p. 57-59, Enero-Febrero de 1971.

Vocabulário Controlado: INFORME

Editorial. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 17, p. 3, Marzo de 1971.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Libertad; Represión

Resumo: Editorial em três pontos. O primeiro, e maior, denuncia a ação colonizadora e repressiva dos Estados Unidos em âmbito mundial, a começar pelo seu interior, como mostra a reprodução da carta de James Baldwin a favor de Angela Davis, militante negra, vítima das leis “fascistas” da Califórnia. O segundo ponto segue na linha de denúncia dos EUA, e sua infiltração

nas forças armadas latino-americanas, como mostra o artigo de um norte-americano. E o terceiro dá por encerrada a polêmica em torno das comunidades terapêuticas, com a tréplica de Chorne, Grego e Kaumann.

Autores citados: James Baldwin; Michael Klare

BALDWIN, James. Carta abierta a mi hermana Angela Davis. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 17, p. 4-5, Marzo de 1971.

Vocabulário Controlado: CARTA

Nome pess. como assunto: DAVIS, Angela

Palavras-chave: Nación; Pueblo; Sistema

Resumo: Panfleteira carta, irada e emocionada, escrita na Europa (trad. Mónica Virasoro), pela libertação de Angela Davis, militante comunista negra, professora expulsa da Universidade da Califórnia, ameaçada de morte na câmara de gás. Em tom de ameaça, convoca os negros, subjugados no misto de triunfo e tragédia com que vê o império americano, a lutarem tanto por Davis quanto pela democratização via revolução do país. Para Baldwin, os brancos "superiores" sucumbirão por seus próprios pecados (empregando deliberadamente termos cristãos), em seu condenado sistema de cobiça, utilitarismo, ignorância, desespero e morte.

Autores citados: Langston Hughes; Herbert Marcuse

STEIMBERG, Oscar. El lugar de Mafalda. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 17, p. 6-7, Marzo de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – HQ

Palavras-chave: Humor; Conciencia; Lenguaje

Resumo: Crítica ilustrada da história em quadrinhos que celebrou seu autor, Quino. Entre o reconhecimento de seu lugar "en la creación mayor de la creación gráfica" e a constatação de que veicula o "chiste conceptual" para a classe média liberal, Steimberg vê em Mafalda um tipo de narração esquemática com uma formação mista, "a medio camino entre la historieta y el cartoon" (gênero no qual Quino fez fama primeiro), a qual passa uma ilusão de anticonformismo através de uma personagem "humanista actualizada", dotada de uma visão racional e segura da História.

Autores citados: Bushmiller; Millar Watt; Al Capp; Otto Soglow; C. Sluzky; O. Masotta; Saúl Steinberg; Pizzurno

KLARE, Michael. La mercenarización del Tercer Mundo. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 17, p. 8-9, Marzo de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Ciência política

Palavras-chave: Insurrección; Defensa

Resumo: Breve artigo sobre a "Doctrina Nixon" de assistência militar aos países aliados do chamado Terceiro Mundo, assinado por um norte-americano e publicado originalmente em *NACLA Newsletter* (vol. IV, nº 7, nov. 1970). Klare denuncia, com base em documentos oficiais do governo americano e muitos números, a "mercenarização" de tropas estrangeiras como forma de deter as insurreições armadas em diferentes países, como Vietnã (em plena guerra), Coréia e Cambodja, sob o argumento de oferecer ajuda contra a "agresión comunista". Mantendo o controle sobre estes países através do investimento em exércitos "irregulares" e, conseqüentemente, sobre seus recursos, os Estados Unidos economizariam em todos sentidos: internamente, evitando os altos custos de manutenção de seus exércitos e o desgaste diante da opinião pública, e externamente, ao poupar a exposição de suas próprias tropas em terras alheias.

Los programas de asistencia militar y policial de los EE.UU. a latinoamérica [sic]. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 17, p. 9-12, Marzo de 1971.

Vocabulário Controlado: INFORME

Resumo: Cinco quadros mostram os números da interferência política e militar dos Estados Unidos na América Latina na década de 60, com base em dados do próprio governo americano. Em todos – gastos de ajuda militar; missões de ajuda militar; treinamento de militares estrangeiros; assistência policial; treinamento de pessoal policial nos EUA e no exterior –, os maiores números são os da ajuda ao Brasil, seguido por Chile, Peru e Colômbia (quadro 1), Venezuela, Colômbia e Bolívia (quadro 2), Peru, Equador e Colômbia (quadro 3, com Chile e Nicarágua muito próximos), Colômbia, Peru e Equador (quadro 4), e República Dominicana, Venezuela e Peru (quadro 5). Há um único e curto texto explicativo à p. 12 (além de algumas notas sob cada quadro), sobre o "programa masivo de entrenamiento policial" conforme o modelo do M. A. P. (Military Assistance Program).

Paulo Freire: pedagogía del oprimido. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 17, p.14-16, Marzo de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Pedagogia

Palavras-chave: Pueblo; Cambio; Liberación; Concientización

Resumo: Artigo sem autoria (provável falha de edição) sobre o método educativo de Paulo Freire, a partir da publicação de dois de seus livros em espanhol: *Pedagogía del oprimido* (trad. Jorge Mellado, Ed. Tierra Nueva,) e *Educación como práctica de la libertad* (Ed. Tierra Nueva). Baseado no despertar da consciência crítica, na transformação do educando em sujeito de uma educação vista como “quehacer humano” em sua relação com o mundo, o método surgiu em forma elaborada a partir de 1961, embora Freire tenha iniciado seus trabalhos com alfabetização já em 47 como professor de História e Filosofia da Universidade de Recife. Em 1964, conta o resenhista ausente, quando Freire dirigia o setor de Alfabetização de Adultos do Ministério da Educação e Cultura brasileiro e difundia seu método pelo país, vem o golpe militar e é preso. Depois se exila no Chile, onde inicia a carreira internacional. Um quadro à p. 16 agrega informações sobre a aplicação de sua pedagogia em vários países, enquanto consultor da Unesco.

Autores citados: Oscar Lewis; José Carrel

SPALDING Jr., Hobart A. Gunder Frank: capitalismo y subdesarrollo en América Latina. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 17, p. 18, Marzo de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Sociologia

Palavras-chave: Subdesarrollo; Capitalismo; Revolución

Resumo: Resenha de *Capitalismo y Subdesarrollo en América Latina* (trad. Elpidio Pacio, Buenos Aires, Ed. Signos,) de André Gunder Frank, que tenta, na esteira de pensadores como Lenin, enfrentar o problema do subdesenvolvimento em seu conjunto e não como fenômeno isolado de um só país, em cinco ensaios. Segundo Gunder Frank, o subdesenvolvimento latino-americano começa logo com a conquista: não se trata de um fenômeno do capitalismo “maduro”, e sim de “círculos concêntricos de explotación”. O resenhista, contudo, aponta a falta de dados para os primeiros tempos, falha perdoável a seu ver, em função da escassa documentação existente para a execução de um “trabajo total”. De qualquer modo, “pareciendo” seguir as teorias de Rosa Luxemburgo, o livro seria um dos mais importantes do gênero, por levar a “repensar por lo menos toda la historia del continente”.

Autores citados: Harry Magdoff; Pierre Jalée; James O'Connor; J. A. Hobson; V. I. Lenin;

Stanley Stein; Barbara Stein; Hernán Ramírez Necochea; Rosa Luxemburgo

TORTELLA CASARES, Gabriel. La historia de España. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 17, p. 20 e 22, Marzo de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – História

Palavras-chave: Liberalismo; Ejército; Poder

Resumo: Desconfiai deste resenhista-historiador, cujo nome vem acompanhado da instituição a que pertence (University of Pittsburgh), fato incomum na revista. Ao comentar o livro *España. 1808-1939* (trad. J. R. Capella, J. Garzolini e G. Ostberg, Ed. Ariel), do “prestigioso hispanista inglés” Raymond Carr, faz grandes elogios (“magistral”, “insustituible”, “trasciende la España”, “lo recomiendo sinceramente”), ao mesmo tempo em que aponta graves erros, omissões e extravagâncias, e sobretudo não perde oportunidade de interpor sua própria pessoa ao que diz. Segundo o professor de Pittsburgh, a grande pergunta de Carr refere-se às causas do fracasso na Espanha do sistema liberal, triunfante em quase toda Europa ocidental. No entanto, diz, os “melhores historiadores”, hipnotizados pelos dramas da luta ideológica, esquecem os fatores econômicos externos.

Autores citados: J. Romero Maura; Antonio Ramos Oliveira; C. Lida; I. Zaval

REST, Jaime. Las agonías del Romanticismo. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 17, p. 24-25, Marzo de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Dinamismo; Morbidez; Erotismo

Resumo: Comentário à tradução ao espanhol de um clássico sobre o romantismo, *La carne, la muerte y el diablo en la literatura romántica* (Ed. Monte Ávila), do italiano Mario Praz, mais de 40 anos depois de seu lançamento original. Rest saúda o que chama de “empresa memorable”, dedicada a um paciente rastreamento das fontes e influências da psicologia romântica, marcada pelo erotismo e o sadomasoquismo, mas aponta uma debilidade fundamental: a ausência de uma análise ideológica e sociopolítica, por excessiva fidelidade ao método de Croce, em que as eleições de obras e autores são feitas de modo arbitrário. Por isso Rest procura contextualizar o papel protagonista do “pensador original” que é o Marquês de Sade, visto por Praz como apenas um pornógrafo, embora tenha presença central no livro.

Autores citados: Maurice Heine; Charles Jackson; Bertolt Brecht; Poe; Baudelaire; Sainte-Beuve; Byron; Sade; Croce; Boccaccio; Chaucer; Fielding; Casanova; Richardson; Philippe Sollers; Descartes; Newton; Blake; Grandet; T. S. Eliot; Flaubert; Hume

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Psicoanálisis y hermenéutica. Paul Ricoeur: ¿desde dónde leer a Freud? *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 17, p. 26-28, Marzo de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Filosofia

Palavras-chave: Linguaje; Símbolo; Conciencia

Resumo: Excelente resenha à “obra de filosofia más exhaustiva sobre el psicoanálisis”, *De l'interprétation – Un essai sur Freud*, de P. Ricoeur – título transformado publicitariamente em *Freud: una interpretación de la cultura* (Ed. Siglo XXI). Porque não se trata de um ensaio sobre a psicanálise, mas sobre a obra de Freud “como interpretación global de nuestra cultura” e como “gran filosofía del lenguaje”. Canclini mostra de que modo um pensador identificado com a filosofia reflexiva propõe, corajosa e pioneiramente, um questionamento da subjetividade filosófica à luz dos aportes do discurso freudiano, em “lucha de iguales”.

Autores citados: Proust; Freud; Marx; Cassirer; Bachelard; Nietzsche; Descartes; Kant; Fichte; Sartre; Merleau-Ponty; Copérnico; Darwin; Hegel; Nagel; Rapaport; Skinner; Madison; Husserl; de Waelhens; Brentano; [lacanianas]; [althusserianas]

CHORNE, Miriam; GREGO, Beatriz; KAUMANN, Irene F. de. Cerca de la locura. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 17, p. 29, Marzo de 1971.

Vocabulário Controlado: POLÊMICA – Psiquiatria

Palavras-chave: Comunidad terapéutica; Identidad

Resumo: Capítulo final da polémica sobre a loucura, as comunidades terapêuticas e a chamada antipsiquiatria, pelo grupo que tomou a iniciativa do debate, favorável a esta última tendência. Aqui, retomam a denúncia das distorções em relação à noção de “instituições totais”, devida a Goffman, operadas por seu oponente, o psiquiatra R. Grimson, que responderia de maneira “interessada” e pouco científica no que diz respeito a sua própria prática nas comunidades terapêuticas – consideradas, apesar de tudo, um progresso em relação à psiquiatria tradicional pelas autoras – e que lançaria mão de meros

recursos verbais ou “gestos” repetitivos na insuficiência de suas réplicas.

Autores citados: Goffman; Marx; Cooper

LENIN, V. I. A cien años de la Comuna. Lenin: ¿Cuál es la herencia de la Comuna? *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 17, p. 30-31, Marzo de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Ciência política

Palavras-chave: Proletariado; Revolución; Burguesia

Resumo: Pequeno panfleto socialista dedicado à Comuna de Paris (18 de março a 28 de maio de 1871), escrito em 1911 por Lenin, em comemoração a seus 40 anos. *Los Libros* publica o artigo em função da passagem dos cem anos da insurreição, sem esclarecimento sobre as fontes. Lenin enfatiza o heroísmo do proletariado francês e suas medidas socializantes, procurando estimular sua “causa inmortal”. A revista acrescenta um fragmento de um documento publicado no jornal *The World* de Nova York a 18 de outubro de 1871, “Una sesión de la Primera Internacional”: trata-se de um relato da reunião de 26 de setembro da I Internacional Socialista, em que Marx discursa ao lado de sobreviventes do governo da Comuna, após ser aclamado presidente da Internacional. Afirma por exemplo que faltou aos *communards* uma ditadura do proletariado e um exército proletário, e que a tarefa da Internacional é organizá-lo para o “futuro combate”.

Autores citados: Marx; Engels

Libros distribuidos en América Latina desde el 16 de diciembre al 15 de febrero de 1971. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 17, p. 32-35, Marzo de 1971.

Vocabulário Controlado: INFORME

En este número. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 18, p. 3, Abril de 1971.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Guerra; Imperialismo; Literatura

Resumo: Editorial em três pontos: 1. Tomando dois terços da coluna, um renovado protesto contra os EUA, a guerra “infame” do Vietnam e o fato de ter se transformado em um fato quase natural nos meios de comunicação; contra esta situação, a revista publica três documentos (entrevista, conto e artigo) a respeito do Vietnã; 2. Um anúncio do “polémico trabajo” de E. Romano

sobre a relação produção intelectual e ideologia, contra “el lenguaje adjetivado y emotivo que preside buena parte de la crítica literaria entre nosotros”, sendo que, significativamente, “*Los Libros* se ofrece como escenario propicio para tal debate”; 3. Informe sobre a saída da Universidad Central de Venezuela e a entrada da editora da Universidad Nacional Autónoma de México como patrocinadora da revista.

Autores citados: Eduardo Romano

LANE, Mark. Los crímenes de Vietnam. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 18, p. 4-6, Abril de 1971.

Vocabulário Controlado: ENTREVISTA

Palavras-chave: Tortura; Guerra; Enseñanza

Resumo: Trechos escolhidos do livro *Conversaciones con norteamericanos* (Ed. Simon & Schuster), do advogado norte-americano M. Lane, autor de outra investigação “muy notable” sobre a obscura morte de John F. Kennedy (conforme a pequena introdução). A revista publica os depoimentos de sete ex-soldados americanos no Vietnã (32 ao total no livro) sobre seu adestramento prévio nos EUA para combate e tortura, de cujos métodos empíricos dão detalhes escabrosos, incluindo violência extrema contra mulheres e crianças.

SANG, Nguyen. La taberna del mundo. Un cuento vietnamita. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 18, p. 7-8, Abril de 1971.

Vocabulário Controlado: FICÇÃO

Palavras-chave: Resistencia; Sublevación; Tortura

Resumo: No melhor estilo do “realismo socialista”, a história de Ba Hoanh, vietnamita comunista que resistiu aos colonialistas franceses, foi preso em 1956 e, apesar de torturado, permaneceu mudo. Conseguindo sobreviver milagrosamente, ainda que esquelético, abre uma pequena taverna à beira do rio Cuu Long, para sustentar a família, permanecendo mudo. Ali, estimulados pela boa aguardente, os frequentadores contam histórias da violência da guerra e dos “yanquis-títeres”. Ao final, o povo, conduzido por bravas mulheres, se subleva e vence a batalha na região. Surge então o comandante que quase ninguém conhecia, “el mudo de la tabernilla del poblado”, que – claro – volta a falar diante da multidão, após quatro anos de silêncio.

THET TUNG, Ton et al. La guerra química. Efecto de la defoliación sobre la vida humana. *Los*

Libros. Un mes de publicaciones en América Latina, nº 18, p. 9, Abril de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Ciência

Palavras-chave: Síndrome; Enfermedad

Resumo: Artigo em linguagem científica sobre os sintomas e os efeitos da devastação provocada entre vietnamitas pelas fumigações de gases tóxicos, executadas pela aviação norte-americana durante a guerra. A pesquisa foi feita por cinco médicos da Faculdade de Medicina da Universidade de Hanói, resultando, segundo a introdução da revista, em “dramático acta [sic] de acusación contra el cinismo y la inhumanidad (...) de la agresión norteamericana en Vietnam”.

ROSA, Nicolás. Viñas: la evolución de una crítica (Literatura y política). *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 18, p.10-12 e 14, Abril de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Revolución; Texto; Escritura; Ideología

Resumo: Um dos pioneiros em *Los Libros*, Rosa dispõe de espaço à vontade: sua crítica do livro de Viñas, *De Sarmiento a Cortázar* (Buenos Aires, Ed. Siglo XX) poderia ter pelo menos a metade de sua extensão. Não é por isso menos inteligente e importante, embora acabe manifestando a aparente onipotência desses “Irmãos Campos dos Pampas” (Ismael Viñas fecha este mesmo número em texto de três páginas a ser lido literalmente com lupa). Refinada e atualizada, de corte estruturalista, a resenha faz uma “historia de la crítica” de D. Viñas a partir de 1953, com a revista *Contorno*, passa pelo “tema de la crítica” e seu “discurso”, concluindo com sua “ideología”, onde, após oscilar entre ataque e favor, diz finalmente com todas as letras só o que necessitava dizer, ao abordar, não por acaso, a figura de Borges: que se trata de “un discurso crítico que opera por um sistema de representaciones ‘realistas’, una lógica sistemática, causalista y unívoca (...)”.

Autores citados: Sarmiento; Cortázar; Borges; [marxismo]; Juan María Guetierrez; Rojas; Martín García Mérou; Echeverría; Groussac; Cané; Alberdi; Arlt; Rozitchner; Belgrano; [balzaciano]; Mansilla; Estrada; Mármol; Leopoldo Lugones; Güiraldes; Bioy Casares; Victoria Ocampo; Lucien Goldmann; Horacio Quiroga; Ernesto Sábato; [aristotélico]

ERHART, Virginia. La literatura del utopismo. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 18, p. 14, Abril de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Utopia; Literatura

Resumo: Breve texto sobre *The English Utopia*, obra de 1952 do historiador A. L. Morton, que se tornou espertamente *Las utopías socialistas* na tradução castelhana (Ed. Martínez Roca). A resenhista destaca o significado ideológico e o valor testemunhal da literatura de viagens a mundos “remotos e inacessíveis”, além de seu fluxo “casi continuo” entre os ingleses, indo do utopismo da sociedade perfeita ao utopismo da vertente negativa, representada por quem chama de “liberais reacionários”, entre os quais Huxley e Orwell. Quanto ao livro, considera-o ameno, panorâmico, mas ainda assim útil.

Autores citados: Tomás Moro [sic]; William Morris; Bernard Shaw; Swift; Samuel Butler; Aldous Huxley; George Orwell

NUÑEZ, Angel. Jitrik: Para una definición de lo nacional. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 18, p. 16 e 18, Abril de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Crítica; Liberación; Realidad

Resumo: Este comentário de um novo livro – *Ensayos y estudios de literatura argentina* (Buenos Aires, Ed. Galerna) – de Noé Jitrik coloca-se claramente em tensão com o ensaio anterior de N. Rosa sobre D. Viñas (p. 10). Muito mais modesto e limitado, afirma de início superar a tentação de abarcar a totalidade do volume, contentando-se com breves observações ao prólogo e outros dois estudos. A tônica do livro é, segundo Núñez, “la crítica de nuestra literatura como elemento de liberación”, fazendo uma excelente defesa de “lo nacional”, contra a colonização cultural (e não à toa o exemplo é o francês). Porém, além de lamentar certa falta de amplitude na análise do método crítico, considera a classificação proposta no ensaio “Bipolaridad en la historia literaria argentina” (como “Urbanismo/Ruralismo”) muito formal, resultando no ocultamento dos diferentes níveis da complexidade da cultura argentina, sejam eles positivos ou negativos.

Autores citados: Echeverría; Alberdi; Roberto Arlt; Leopoldo Marechal; Sartre; Benito Lynch; Macedonio Fernández; Horacio Quiroga

ROMANO, Eduardo. El último de los malvados. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 18, p. 18 e 29, Abril de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Misticismo; Surrealismo; Lenguaje; Idealismo

Resumo: Destruição completa do poeta Miguel Angel Bustos e de seu último livro, *El Himalaya o la moral de los pájaros* (Ed. Sudamericana). “Surrealista” retrógado e anacrônico com pretensão a “maldito”, conforme o resenhista, Bustos seria favorecido pelo beneplácito da crítica esnobista “que se orienta, según nuestra peor tradición dependiente, por lo que ocurre en Europa”, isto é, em França, e pelo aspecto “prestigioso” do livro. Vale nomear o único crítico nomeado: Enrique Pezzoni. Conclusão: um equívoco conduz a outro – Romano pretende contrapor a esta poética idealista outra tendência não menos idealista, que crê na irrupção do proletariado “como clase directriz de la historia a partir de una praxis transformadora”.

Autores citados: Mallarmé; Nietzsche [sic]; Hölderlin; Breton; Aimée Césaire; Doistowski; San Juan de la Cruz; Blake

ODIER, Daniel. Diálogo com William Burroughs. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 18, p. 20, 22 e 24, Abril de 1971.

Vocabulário Controlado: ENTREVISTA

Palavras-chave: Escritura; Silencio; Realidad; Guerra; Poder

Resumo: Entrevista reveladora do “balaio de gatos” que é esta edição da revista: nacionalismo versus antinacionalismo, Argentina versus França/Europa/Estados Unidos, carne e geração *beat*... Os trinta fragmentos do depoimento de Burroughs ao escritor francês D. Odier (trad. René Palacios More) impactam ao sinalizar com acuidade a um certo clima de época, apesar de todas as suas contradições, muito mais manifestas à época: apoio à China *roja* e à rebelião estudantil, definição dos EUA como “pesadilla absoluta”, ao mesmo tempo que lugar ideal para fazer dinheiro, declarações sobre as drogas (às vezes positivas, às vezes negativas), aparência de extrema lucidez em relação à literatura e à realidade, ao que significa ser um escritor e ao que o separa de um jornalista.

Autores citados: Norman Mailer; Gerald Herd; Zola; Truman Capote; Saul Bellow; Malraux; Raymond Roussel; Allen Ginsberg; Marx; Henry Miller

MAS, Santiago. Los orígenes del movimiento obrero y del socialismo en la Argentina. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 18, p. 25 e 32, Abril de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Proletariado; Capitalismo; Revolución

Resumo: Resenha sobre dois livros dedicados à história da classe trabalhadora argentina: *Los marxistas argentinos del 90* (Córdoba, Ed. Pasado y Presente), de José Ratzler, e *La clase trabajadora argentina* (Buenos Aires, Ed. Galerna), de Hobart Spalding (resenhista de obra de A. Gunder Frank no nº anterior). O primeiro, ao destacar o jornal *El Obrero* (1890), um dos “precursores mundiales de la aplicación del marxismo ... en un país dependiente”, e retirar do silêncio em que se encontrava um de seus principais animadores, Germán Ave Lallemand, merece todos os elogios. Já o segundo, apesar de trazer à tona documentos importantes, trabalha sobre um marco teórico inconsistente, segundo Mas, tendendo a transformar o movimento operário em “conservador del statu quo”, ou seja, das regras “dictadas por la burguesía”.

Autores citados: Marx; Engels; Juan B. Justo; Lenin; Rosa Luxemburg

GARCÍA, Germán Leopoldo. Música Beat: los jóvenes en el espejo. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 18, p.26-28, Abril de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Cultura

Palavras-chave: Ideología; Cultura de masas; Lenguaje; Consumo

Resumo: Crítica dos “medios”, no caso a música popular *made in USA* (ou *UK*), chamada “beat”, a propósito de três publicações no gênero: *¡Agarrate!* (Buenos Aires, Ed. Galerna), compilação de Juan Carlos Kreimer, *Pomelo* (idem, trad. Piri Lugones, Ed. De la Flor), de Yoko Ono, e *La música beat* (idem, trad. Rubén Maserá, Ed. Tiempo Contemporáneo). García, com seu vocabulário semiológico-psicanalítico mais psicanalítico que semiológico, critica os automatismos e os conceitos degradados que a cultura de massas veicula, em sua acelerada mas monótona circularidade, destruindo-se (?) “en los espejismos de una seducción lanzada (...) a la impostura”. E, como aplicado discípulo da psicanálise lacaniana, termina seu texto com uma citação resignada de Maître Jacques: “(...) y la habitual protesta idealista contra el caos del mundo sólo delata, de modo invertido, la forma en que aquél que desempeña un papel en ese caos, se las ingenia para vivir”.

Autores citados: Barthes; Che Guevara; Eliseo Verón; Lewis Carroll; Juan Carlos Indart; Oscar Steinberg; Shakespeare; Leary; Laing; Cooper; J. Lacan

Boal. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 18, p. 29, Abril de 1971.

Vocabulário Controlado: INFORME

Palavras-chave: Teatro; Arte; Política

Resumo: Nota em protesto pela prisão de “Agustín” Boal no Brasil, após ter passado por Buenos Aires com sua companhia teatral em dezembro de 1970, e remetendo a seu “panfleto” publicado na edição anterior de *Los Libros*. Há um enorme elogio de sua intensa atividade artística e política, e uma longa citação de uma resposta sua a um “circunstancial discípulo” sobre o teatro como arte popular e sobre a possibilidade de qualquer artista ou cidadão brasileiro enfrentar o cárcere, como uma premonição.

VINÑAS, Ismael. Informe sobre la carne en Argentina. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 18, p. 30-32, Abril de 1971.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Economía

Palavras-chave: Monopolio; Crisis; Mercado; Imperialismo

Resumo: Verborrágico estudo sobre a crise da carne na Argentina. Tudo o que o irmão mais velho de David gostaria de enunciar a esse respeito se resume, no entanto, segundo ele próprio, a uma questão de orgulho nacional (em maiúsculas, para respeitar o original): “CUALQUIER OTRO PAÍS QUE PRODUZCA VACAS ESTÁ EN CONDICIONES DE COMPETIR CON LA ARGENTINA COMO EXPORTADOR”. Inclui um quadro com as cifras das exportações argentinas de carne de 1890 a 1929.

Autores citados: Lenin; [marxismo]

Libros distribuidos en América Latina desde el 16 de febrero al 15 de marzo de 1971. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 18, p. 33-35, Abril de 1971.

Vocabulário Controlado: INFORME

En este número. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 19, p. 3, Mayo de 1971.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Socialismo; Política; Revolución

Resumo: Editorial em três pontos, os dois primeiros dedicados ao número atual sobre a Bolívia, e o terceiro e mais extenso fazendo referência ao futuro número sobre Cuba. A edição “boliviana” segue o interesse suscitado pela “chilena” (15/16), diz o editor, que aproveita para anunciar outras duas, sobre Córdoba e sobre o

Peru, na primeira nota. Na segunda, anuncia a viagem de quatro colaboradores que oferecem testemunhos diversos da “conflictiva situación revolucionaria del país del altiplano”, entre outros documentos. Por fim, *Los Libros* antecipa sua investida cubana em função da recente prisão e autocritica do escritor Heberto Padilla.

Autores citados: Beatriz Sarlo Sabajanes; Alberto Sato; James Petras; Liliana de Riz; Heberto Padilla

El diario de Francisco. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 19, p. 4-9, Mayo de 1971.

Vocabulário Controlado: DEPOIMENTO

Palavras-chave: Revolución; Dios; Hambre; Hombre nuevo

Resumo: A edição “boliviana” da revista começa com o relato de uma dura derrota: os 28 textos, dispostos em seis páginas, do diário do guerrilheiro Francisco, membro do Ejército de Liberación, criado por Che Guevara, combatendo as forças militares do governo nas serras frias do país. O diário, dirigido à namorada de Francisco – e a Deus em um penúltimo e desesperado fragmento –, vai do dia 26 de julho ao dia 2 de outubro de 1970, sendo que seu autor morre “luchando por su pueblo em Teoponte el 8 de octubre de 1970”, segundo o breve texto introdutório. O dado marcante do documento é a fé inabalável de Francisco tanto em Deus e na Bíblia – que lê para si e para os companheiros, assim como os escritos do Che – quanto no advento da Revolução, “hacia el Hombre Nuevo”. Conforme o editorial (p. 3), o texto é publicado pela primeira vez na América Latina.

Autores citados: Che; Mayol; [marxismo]

PETRAS, James. Bolivia entre revoluciones. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 19, p. 10-12 e 14, Mayo de 1971.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciência política

Palavras-chave: Revolución; Nacionalismo; Imperialismo; Hegemonía

Resumo: Crônica detalhada da situação política na Bolívia, a partir da Revolução Nacionalista de 1952 (trad. Cristina Iglesia). O sociólogo socialista norte-americano diz que o atual governo do General Torres, com seu “moribundo capitalismo nacional”, está sentado sobre um vulcão, o que o leva a prognosticar repetidamente: ou o capitalismo, ou o socialismo “dirigido por la clase obrera”. Petras descreve também a incessante tensão entre o exército no poder, a igreja e as massas trabalhadoras e estudantis,

radicalizadas através dos exemplos dos focos guerrilheiros inspirados em Guevara.

Autores citados: [marxistas]; [trotskystas]; Che Guevara

SARLO SABAJANES, Beatriz. Informe sobre Bolivia. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 19, p. 16-18, Mayo de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Ciência política

Palavras-chave: Socialismo; Capitalismo; Ideología; Dependencia

Resumo: Análise “estratégica” sobre a situação política na Bolívia, em busca da melhor saída para a construção do socialismo no país, sob a direção da “vanguardia proletaria minera”. Dividindo seu texto a partir de opiniões impressas em itálico, utiliza-se de fontes governamentais e principalmente do conceito de “anticultura minera”, cunhado pelo escritor e historiador nacionalista e revolucionário Augusto Céspedes (cuja entrevista é reproduzida à p. 25) para definir a secular e mais que lucrativa exploração capitalista das minas de estanho bolivianas. Conclui seu libelo afirmando que a revolução no país atravessa uma de suas etapas com um governo militar nacionalista de base popular e que “superarla dialécticamente” será a tarefa de um partido unificado contra o imperialismo e a direita nativa.

Autores citados: Fanon; [marxismo-leninismo]

SATO, Alberto. Vivir en Bolivia. Problemas de la planificación arquitectónica. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 19, p. 20-22, Mayo de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Urbanismo

Palavras-chave: Cultura; Capitalismo; Ciudad; Arquitectura

Resumo: Matéria desconjuntada sobre situação idem da habitação na Bolívia, incluindo duas figuras (“Cuadro Demostrativo del Segundo Plan Nacional de 3500 viviendas” e “Trámite para obtener una vivienda”). Dados jogados de maneira desconexa. Propostas obscuramente articuladas. Surge como grande problema a presença do “campesinado” na cidade, que traz seus hábitos culturais e suas aldeias para o meio urbano – com o característico “pintoresquismo” criado por seu comércio parasitário – e acaba segregado. Para Sato, a solução para o déficit habitacional não se encontra na simples construção, mas na reforma urbana, na saúde e na educação.

DE RIZ, Liliana. Los idus de mayo. La Constitución de la Asamblea Popular. *Los Libros.*

Un mes de publicaciones en América Latina, nº 19, p. 24, Mayo de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Sociologia
Palavras-chave: Burguesia; Nacionalismo; Revolución

Resumo: Breve e belo artigo sobre a recentíssima constituição da “Asamblea Popular Obrero-Estudiantil” em 1º de maio, com a presença *in loco* (Plaza Murillo, La Paz) de De Riz. Ela observa um empate político – entre classes populares mobilizadas mas carentes de uma vanguarda dirigente e setores burgueses nacionais aliados ao imperialismo – e o conseqüente dilema “de hierro” do General Torres, entre os riscos da radicalização política e da repressão aos trabalhadores. Sua última frase é um réquiem ao Che, atraído e sacrificado pelo “altar de estaño” boliviano.

Autores citados: Che Guevara

SARLO SABAJANES, Beatriz. Reportaje a Augusto Céspedes. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 19, p. 25, Mayo de 1971.

Vocabulário Controlado: ENTREVISTA

Nome pess. como assunto: CÉSPEDES, Augusto
Palavras-chave: Dependencia; Imperialismo; Realismo; Nueva novela

Resumo: Breve e “dura” entrevista de Sarlo com o escritor e historiador A. Céspedes (Cochabamba, 1904), considerado o melhor escritor do país na introdução. São apenas quatro perguntas: 1. Sobre a função da literatura em um país dependente, cuja resposta é “independizarlo”; 2. Sobre sua obra no contexto do realismo, replicando que “todos los escritores son en cierto modo realistas”; 3. Sobre a “nueva novela latinoamericana”, que vê com muito bons olhos, embora ironize os afrancesados; 4. Sobre a literatura como um testemunho da história, ao que responde afirmando que voluntariamente ou não o escritor é um “producto viviente de un destino nacional”. Chamam atenção as frases-força da introdução, também presentes nas questões. Dois exemplos: “el planteo de las posibilidades concretas de la escritura como práctica dentro del contexto de un país dependiente” e “abandonar la palabra ficción por la palabra indicadora, superando oposiciones precarias como las de literatura y realidad”.

Autores citados: Kafka; Joyce

Tesis política de la Central Obrera Boliviana. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 19, p. 26-28, Mayo de 1971.

Vocabulário Controlado: DOCUMENTO

Palavras-chave: Imperialismo; Proletariado; Nacionalismo; Burguesía

Resumo: Reprodução integral da ata do IV (p. 26) ou VI (p. 28) Congreso Nacional de Trabajadores de Bolivia, realizado no dia 7 de maio de 1970. Todos os chavões do socialismo reunidos – do proletariado como vanguarda revolucionária para a conquista do poder ao “armónico” desenvolvimento da economia pela via socialista – com o objetivo maior de fortalecer a Central Obrera Boliviana, a fim de finalmente superar a “tragedia” recorrente da ausência de fortes organizações operárias, cujo espaço é invariavelmente preenchido por um nacionalismo de corte burguês e militar.

Autores citados: Bolívar; Che

POCHTAR, Ricardo. Estructuralismo: la segunda generación. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 19, p. 29, Mayo de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Filosofia
Palavras-chave: Estructura; Signo; Lingüística; Lenguaje

Resumo: Breve e denso artigo sobre a coleção de ensaios *¿Qué es el estructuralismo?* (Ed. Losada), com Oswald Ducrot, Tzvetan Todorov, Dan Sperber, Moustafa Safouan e François Wahl, que é o responsável pela compilação e que considera insuficiente a noção de estrutura como fio condutor da empresa estruturalista (conforme a primeira geração) e pretende “fijar con el máximo rigor los límites dentro de los cuales la noción de estructura conserva toda su eficacia”. O articulista discute basicamente o ensaio de Wahl, “La filosofía entre el antes y el después del estructuralismo”, que propõe destacar “un tipo de transgresión que entraña un retroceso más acá de las fronteras del estructuralismo”, referido à ideologização ou “fenomenologização” de certas teses de Foucault, Merleau-Ponty e Derrida. Para o resenhista, “tarea más urgente para una elaboración del material aportado por este rico volumen debería ser la de aclarar el alcance de una distinción tan problemática como la althusseriana entre ciencia e ideología”.

Autores citados: Saussure; Claude Lévi-Strauss; Trubetzkoi; [marxista]; Benveniste; N. Chomsky; Althusser; Foucault; [husserliana]; Heidegger; Merleau-Ponty; Jacques Derrida

GREGORICH, Luis. Una pluralidad de la confusión. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 19, p. 30 e 32, Mayo de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Literatura; Pluralidad

Resumo: Dicionário ruim, crítica não menos: o resenhista desperdiça ao menos um quarto de sua página, dedicada à *Enciclopedia de la Literatura Argentina* (Buenos Aires, Ed. Sudamericana), dirigida por Pedro Orgambide e Roberto Yahni, citando nomes: nada menos que 67 (omitindo os dos vários colaboradores), com o que consegue bater o recorde anterior de J. Rest (60, em *Los Libros* nº 14). Tudo isso para afirmar que a “enciclopedia” carece de uma concepção global, é inecessária, redundante, confusa e traz uma visão colonial da literatura. E o resenhista não deixa de lembrar que teve a honra de ser plagiado, por F. Herrera, em um dos verbetes.

Autores citados: Alfredo Roggiano; Adolfo Prieto; Attilio Dabini; Ivone Bordelois; Enrique Pezzoni; Julio Caillet Bois; Carlos Mastronardi; Nicolás Bratosevich; Félix Weinberg; Bernardo Canal Feijoo; Francisco Herrera; Horacio Jorge Becco; Luis Ordaz; Susana Chertud; Guillermo Ara; Miguel de Unamuno; Julián Marías; Salvador de Madariaga; Amadeo Jacques; Payró; Cortázar; José Oscar Arverás; Enrique Catani; Andrés Chabrillon; Guillermo Guerrero Estrella; Ricardo Kaul; Manuel Lizondo Borba; Daniel Ovejero; Homero Manzi; Mateo Booz; Carlos B. Quiroga; Justo P. Sáenz; Juan Goyanarte; Ernesto L. Castro; Leonardo Castellan; Ramón Doll; Edgar Bayley; Francisco Madariaga; Mario Jorge de Lellis; Mármol; Sarmiento; Lugones; Sara Gallardo; Marta Giménez Pastor; María Hortensia Lacau; Perla Rotzait; Susana Soba; Lila Guerrero; Néida Salvador; Juan Draghi Lucero; David Viñas; Ismael Viñas; Arlt; Gálvez; José Hernández; Marechal; Martínez Estrada; Quiroga; Bianco; Bioy Casares; Silvina Ocampo; Victoria Ocampo; Syria Poletti; Roger Plá; Germán Rozenmacher; Dalmiro Sáenz; Manuel Mujica Láinez

CASTILLA, Américo Juan. Función de los museos nacionales. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 19, p. 31-32, Mayo de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Artes plásticas

Palavras-chave: Cultura; Arte

Resumo: Crítica de superfície sobre o estado das artes plásticas e seus museus na Argentina. O cronista flana pelos principais museus de Buenos Aires, menciona suas atividades e metas atuais – que vão da mera informação à mera exibição – e denuncia a ausência de uma política cultural de “nuestra Dirección de Cultura”. Há uma brecha entre o público, que não é levado a questionar o

significado de uma obra em seu contexto vital, e o artista, resultando em um diálogo apenas recreativo e, portanto, falso e incompleto, segundo Castilla. Além disso, os artistas plásticos nacionais seriam mal promovidos e a crítica estaria alheia a uma “nueva recepción del arte, así como del próprio artista”.

Autores citados: Guillermo Whitelow; León Pagano

Una toma de poder. Reseña del I^{er} Encuentro Argentino de Psicología Social. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 19, p. 32, Mayo de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Psicología

Palavras-chave: Ideología; Ciencia

Resumo: Nota sobre a “creación espontánea” do encontro, realizado em Mar del Plata entre 6 e 10 de abril de 1971. Estudantes universitários exigiram a leitura de seu trabalho na “dormitante” sessão plenária do II Congresso Argentino de Psicología Social, em que problematizavam sua existência “al servicio del control social de acuerdo a los intereses de las metrópolis y las clases dominantes”. Diante do quê, a direção do II Congresso optou pela debandada geral, dando lugar a uma nova organização com ao menos uma convicção unânime: “la relativa al valor del conocimiento verdadero y a la necesidad de instrumentarlo al servicio del pueblo argentino”.

Libros distribuidos en América Latina desde el 16 de abril al 15 de mayo de 1971. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 19, p. 33-35, Mayo de 1971.

Vocabulário Controlado: INFORME

En este número. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 20, p. 3, Junio de 1971.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Cultura; Crítica

Resumo: Anúncio de mudança de rumo: o “caso Padilla” – escritor cubano preso por fazer críticas ao regime – desata a edição dedicada a Cuba, no lugar do número sobre Córdoba, adiado para o 21^o. Editorial em três pontos: o primeiro relativo a essa decisão; o segundo sobre o que se conseguiu (o texto de Cortázar, por exemplo) e o que não se conseguiu reunir (a versão castelhana da declaração do I^{er} Congreso de Educación y Cultura, com polêmico discurso de Fidel Castro); e o terceiro, em cinco linhas, sobre a carta aberta

do diretor de *Los Libros* à revista *Libre*, ainda sequer lançada.

Autores citados: Padilla; Lisandro Otero; Julio Cortázar; James Petras; René Dumont; Héctor Schmucler

Puntos de partida para una discusión. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 20, p. 4-5, Junio de 1971.

Vocabulário Controlado: MANIFESTO

Palavras-chave: Revolución; Ideología; Democracia socialista; Burguesia

Resumo: Dez pontos sobre política cultural revolucionária a partir da prisão de Heberto Padilla e da reação dos escritores europeus na “Declaración dos 61”, elaborados por “varios colaboradores de *Los Libros*” (não se diz quais), a fim de destacar o tema fundamental que, para a revista, ficou de lado na polémica: a relação cultura/revolução. Basicamente, o grupo procura se diferenciar dos intelectuais europeus, que seriam adeptos morais mas não realmente comprometidos com a revolução, ao revelarem sua ideologia no “caso Padilla”, ao clamarem pela autonomia e a liberdade de criação tipicamente liberais e burguesas. O mais lamentável, no entanto, seria o fato de que “un texto corrija al otro al margen de la actividad social” – ou seja, que Padilla tenha feito sua autocrítica em uma carta (de 5 de abril de 1971) aos intelectuais, “ratificando la distancia entre estos y las masas” (v. verbete seguinte – já que a revista não se pergunta quem a escreveu).

Autores citados: Gabriel García Márquez; Rodolfo Walsh; [marxismo]

PADILLA, Heberto. Autocrítica de Heberto Padilla. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 20, p. 6-8, Junio de 1971.

Vocabulário Controlado: CARTA

Palavras-chave: Revolución; Contrarrevolución; Yo; Popularidad

Resumo: Quem é o autor desta ridícula carta? A revista acredita ser Padilla (v. verbete anterior). A “Declaración dos 61” não duvida de que é falsa, fruto da violência (v. p. 8). Nela, Padilla se autodestrói, oferece detalhes escabrosos de sua vida dupla em Cuba, como agente da contrarrevolução, com as únicas finalidades de ganhar cada vez mais fama internacional e de ser influente politicamente. Todos, inclusive Cortázar, teriam caído em sua armadilha de “intelectual rebelde” no seio da revolução, movimentando (ie, fazendo lucrar) o mercado editorial da França à Argentina e à Alemanha. Quem terá escrito esta suspeita epístola?

Autores citados: Lisandro Otero; Guillermo Cabrera Infante; Roberto Fernández Retamar; Ambrosio Fornet; Edmundo Desnoes; K. S. Karol; René Dumont; Hans-Magnus Enzensberger; Lee Lockwood; J. M. Cohen; Che; Ernst Bloch; Lezama; Julio Cortázar; José Agustín Goytisolo

La carta de los 61 intelectuales. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 20, p. 8, Junio de 1971.

Vocabulário Controlado: CARTA

Palavras-chave: Confesión; Stalinismo; Revolución

Resumo: Breve carta de protesto (talvez resumida pela revista) contra o teor da autocrítica de Padilla, tida como forjada com métodos violentos, à maneira stalinista. A carta é dirigida ao “Comandante Fidel Castro. Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba”, pedindo que a Revolução Cubana “volviera a ser lo que en un momento nos hizo considerarla un modelo dentro del socialismo”. Entre os signatários estão Sartre, Beauvoir, Calvino, Duras, Einaudi; Enzensberger; Fuentes, Leiris, Monsivais, Moravia; Pasolini, Resnais, Rulfo, Sarraute, Sontag e Vargas Llosa.

Autores citados: Belkis Cuza Malé; Diaz Martínez; César López; Pablo Armando Fernández

CORTÁZAR, Julio. Policrítica a la hora de los chacales. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 20, p. 9-10, Junio de 1971.

Vocabulário Controlado: POEMA

Palavras-chave: Lenguaje; Política; Crítica; Revolución

Resumo: “Autocrítica” em prosa poética de Cortázar, que, apesar de “francês”, não assinou a “Declaración de los 61”, a propósito do “caso Padilla”. Coloca-se num lugar modesto, denuncia os “chacais” dos meios de comunicações e os chacais (leia-se os imperialistas e contrarrevolucionários) em geral, explicita o sentido do que chama “policrítica” – grito político (*poli* para política, *cri* para grito em francês, e crítica) –, volta a enfatizar sua paixão pela revolução cubana, desdenha as acusações de “afrancesado”, obra dos chacais... “Liberales encantados”, “revolucionários confundidos”, e assim seguimos, denuncia Cortázar, em uma de suas melhores experiências no campo do *kitsch*.

Autores citados: Marx; Lenin; Martí; Che

CASTILLA, Américo Juan. Biental Chileno-cubana. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 20, p. 12, Junio de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Artes plásticas

Palavras-chave: Cultura; Política

Resumo: Breve nota sobre a conexão chileno-cubana de artes plásticas, numa tentativa de tirar o país caribenho de seu isolamento no setor, aproveitando a condição socializante do governo Allende. Bienal de pintura, gravura e desenho a ser inaugurada em agosto próximo, simultaneamente, nos dois países, o evento contaria com a presença de vários artistas em um e outro, e incluiria a doação de suas obras e a inauguração de vôos regulares da empresa de aviação LanChile a La Habana. Ao fim da nota, uma moção de repúdio aos artistas argentinos participantes da Bienal de São Paulo, “sirviendo de apoyo al régimen imperante en el Brasil” (sem citar nomes).

SANTAMARÍA, Haydée. Carta de Haydée Santamaría a Vargas Llosa. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 20, p. 12-13, Junio de 1971.

Vocabulário Controlado: CARTA

Palavras-chave: Revolución; Imperialismo; Pueblo

Resumo: Missiva furiosa da diretora da Casa de las Américas, datada de 14 de maio de 1971, ao “traidor” Vargas Llosa, após sua adesão à “Declaración de los 61”. Santamaría descreve vários fatos que teriam-no caracterizado como cada vez mais contrarrevolucionário, sem que recebesse “invectivas” por eles, até o advento do “remendado incidente Padilla” (para usar uma expressão do texto anterior). “La invectiva contra usted, Vargas Llosa”, diz ela, “es su propia carta vergonzosa” (v. declaração do escritor a seguir), revelando “la viva imagen del escritor colonizado, despreciador de nuestros pueblos, vanidoso”. Destaca ainda que o peruano tentou, em uma última visita à ilha, em 71, obter seu aval para “la desprestigiada revista *Libre*” – sem sucesso, evidentemente.

Autores citados: Che; Rómulo Gallegos; Martí; Bolívar; Mariátegui

VARGAS LLOSA, Mario. Declaraciones de Vargas Llosa. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 20, p. 13, Junio de 1971.

Vocabulário Controlado: CARTA

Palavras-chave: Revolución; Socialismo; Libertad

Resumo: Reprodução de duas cartas assinadas pelo escritor peruano. A primeira, de 5 de maio de 1971, apresenta a sua renúncia do comitê da

revista *Casa de las Américas*, após discurso de Fidel contra os signatários da “Declaración de los 61”. Seu tom é raivoso, em relação a Fidel e às supostas autocríticas de Padilla e outros escritores cubanos. Na segunda, de 19 de maio do mesmo ano, em tom completamente diferente, conciliatório, desautoriza “cierta prensa” pelo uso anticubano de sua renúncia ao comitê de *Casa de las Américas*; em conclusão, afirma que defender a Revolución Cubana “es para mí un deber más apremiante y honroso que el de criticarla”...

Autores citados: Fidel; Heberto Padilla; Belkis Cuza Male; Pablo Armando Fernández; Manuel Díaz Martínez; César López

CASTRO, Fidel. Primer Congreso de Educación y Cultura. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 20, p. 14-15, Junio de 1971.

Vocabulário Controlado: DISCURSO

Palavras-chave: Revolución; Educación; Futuro; Sociedad

Resumo: Síntese de fala inflamada de Fidel Castro no encerramento do I Congreso Nacional de Educación y Cultura, realizado em Havana em fins de abril de 1971. A educação como tarefa fundamental da revolução – este é o principal recado do Comandante, que, diante das circunstâncias, emprega boa parte do discurso para atacar os meios de comunicação liberais dos EUA e Europa e certos intelectuais definidos como “semi-izquierdistas descarados” e “señorones escritores de basura”, “algunos latinoamericanos”. Refere-se certamente ao ruidoso “incidente Padilla”, sem citar nomes, visto como um “problemilla” diante dos verdadeiros desafios enfrentados por um país socialista recém-formado.

Autores citados: [marxistas-leninistas]

OTERO, Lisandro. Informe sobre la cultura en Cuba. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 20, p. 16, 18, 20-21, Junio de 1971.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Cultura

Palavras-chave: Revolución; Arte; Ideología

Resumo: Largo panorama da cultura cubana aos doze anos de Revolución. Otero postula uma “cultura funcional” que possa fundir conteúdo com experimentação e uma meta ideal: “para muchos, mejor”, procurando evitar os erros da Revolución na Rússia. Aborda a literatura, a TV, o kitsch, a moda, a música popular e o cabaré entre a lucidez e o delírio (propõe, por exemplo, a intervenção de intelectuais revolucionários neste último gênero). E não deixa de cumprir a praxe esquerdófila da autocrítica, considerando suas

notas “caóticas e improvisadas” cujo único objetivo é “poner estos temas sobre el tapete”.

Autores citados: Che; Marx; Arnold Hauser; Maiacovsky; Lenin; Lunacharski; Mario de Micheli; Ionesco; Ibsen; Peter Weiss; Truman Capote; Francesco Rossi; Rolf Hoshutz; Joyce Cary; Edgar Allan Poe; Verne; Amadís; Palmerín; Shelley; Collins; Lewis; Scott; Grey; Salgary; London; Conan Doyle; Christie; Chandler; Hammet; Gardner; Sommerset Maugham; Cervantes; Rabelais; Quevedo; Shakespeare; Lope de Vega; Balzac; Fanon; Martí; Freud; Felipe Poey; Fernando Ortiz; Togliatti; Brecht; Gramsci

CASTRO, Fidel. Fidel Castro: Cultura/Revolución. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 20, p. 22, 24-27, Junio de 1971.

Vocabulário Controlado: DISCURSO

Palavras-chave: Pueblo; Revolución; Trabajo; Disciplina

Resumo: Trechos de sete discursos para diferentes públicos, na maioria jovens estudantes, realizados entre 1965 e 68. O Comandante dá toda ênfase à questão da educação, aliada à disciplina e ao trabalho, para formar técnicos que sejam também revolucionários. Em sua ladainha *caliente*, exigente e também algo delirante, vai da necessidade de evitar todo o comodismo, ao combate ao individualismo, ao elogio dos progressos da revolução, até o que seria uma concepção superior de educação, prevista para um futuro não muito distante, em que todos os cubanos, camponeses ou não, obtivessem instrução suficiente para extinguir as próprias universidades, que se fundiriam às atividades produtivas.

PETRAS, James. Dumont o el socialismo neocolonialista. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 20, p. 28-29, Junio de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Imperialismo; Revolución; Crítica

Resumo: Mais valeria ignorar este livro ao invés de resenhá-lo, bastando ler as citações feitas por Petras. *¿Cuba es socialista?* (trad. Marta Eguía, Ed. Tiempo Nuevo, 1970), do professor de agronomia francês René Dumont, autoproclamado especialista em terceiro mundo e *humanista-socialista antistalinista*, seria um engodo que, segundo o próprio autor, deve ser lido como uma crítica construtiva à revolução. Para Petras, no entanto, não fez mais que render lucros em vários

países por seu conteúdo polêmico e por seu oportunismo. Inteiramente baseado em “comentarios ajustados a sus enfoques preconcebidos”, não valeria a resenha – e nem sequer este resumo.

Autores citados: Zeitlin; Sweezy; O’Connor; Fagan; Blackburn; Boorstein; Fanon; Gobineau

SCHMUCLER, Héctor. Carta a *Libre. Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 20, p. 29-30, Junio de 1971.

Vocabulário Controlado: CARTA

Palavras-chave: Revolución; Ideología; Acción

Resumo: Reprodução de carta do diretor de *Los Libros* a Juan Goytisolo, escritor espanhol que dirigiria a (ainda não lançada) revista *Libre*, em que declina do convite a colaborador permanente, estranhando inclusive a necessidade de fazê-lo. *Libre* já havia sido criticada, por liberal e burguesa, na própria *Los Libros* no ano anterior (v. nº 12), além de reunir parte do grupo da finada revista *Mundo Nuevo*, acusada de ser paga pelo imperialismo e também amplamente criticada (v. nºs 9, G. L. García, e 10, B. S. Sabajanes). Schmucler desenvolve cinco pontos especificando diferenças que, segundo ele, são as mesmas de “un núcleo de compañeros intelectuales”, e gravitando em torno de dois eixos principais: o marxismo e a ação concreta sobre a realidade – “condiciones ausentes en *Libre*”.

Autores citados: Juan Goytisolo; Julio Cortázar; Santiago Funes; Vargas Llosa; Michel Leiris; Borges; Eduardo Mallea; Marx; Rimbaud

GOLA, Hugo. Prólogo a Juan Ele. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 20, p. 31-32, Junio de 1971.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Poesia

Palavras-chave: Literatura argentina; Lenguaje; Silencio

Resumo: Texto de poeta para poeta, este belo “Prólogo a Juan Ele”, entre a China de Li Tai Po e a Itália de Pavese (sem sair de casa, ie, da província argentina), tanto encerra quanto destoa da edição “cubana” de *Los Libros*. Juan L. Ortiz constrói desde a década de 30, em “espléndida monotonía”, na “repetida plenitud de la gracia”, uma obra original e solitária, segundo Gola, e funda uma tradição em um país “tan desvalido de grandes poetas”. Ainda assim, como Macedonio Fernández, permanece quase esquecido, ignorado pela cultura oficial, e indiferente a ela, como sua poesia, complexa e cotidiana, lírica e épica: música e silêncio.

Autores citados: Cesare Pavese; Valéry; Mallarmé; Macedonio Fernández; Li Tai Po; Proust; Cummings; Maeterlinck; Rilke; Pasternak; Keats; Shelley; Ungaretti; Baudelaire

Libros distribuidos en América Latina desde el 16 de abril al 15 de mayo de 1971. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 20, p. 33-35, Junio de 1971.

Vocabulário Controlado: INFORME

En este número. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 21, p. 3, Agosto de 1971.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Cultura; Política; Lectura

Resumo: Três parágrafos que revêem a trajetória da revista após vinte números e marcam sua independência, desvinculando-se das empresas editoriais que a financiavam, inclusive Galerna, à qual é dirigido um fraterno agradecimento, em função de seu vínculo desde o início. Três enunciados principais marcam o texto da edição cordobesa: “absoluta independencia” e “para una crítica política de la cultura” – que viria a ser o subtítulo de *Los Libros* a partir do nº 22 – e “la posibilidad de una lectura radicalmente distinta de los libros”. Destacam-se também os problemas de uma cultura ordenada pelo “hábito de traducir”, limitando “el esfuerzo productivo de nuestros intelectuales”, e da “unidireccionalidad de nuestra formación”, comprovada pela freqüente dificuldade de encontrar pessoas adequadas para determinados temas. Destaque-se, por fim, a declaração da modificação de conteúdos, evidente a partir dos últimos números, com o abandono ainda parcial da ênfase na crítica de livros.

DELICH, Francisco J. Córdoba: la movilización permanente. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 21, p. 4-8, Agosto de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Economía
Palavras-chave: Capitalismo; Industrialización; Movilización; Dependencia

Resumo: Análise econômica e política da cidade de Córdoba e de seus recentes movimentos: os “Cordobazos” de maio de 69 e de março de 71. O texto, cheio de estatísticas, aborda na maior parte a urbanização e a industrialização singular da província de Córdoba desde os anos 30, criando-se uma casta operária sem uma burguesia industrial correspondente – que era estrangeira e tinha suas sedes em Buenos Aires. Na parte final, aborda as insurreições propriamente ditas – a primeira unindo proletariado e classe média e a segunda, mais organizada, unindo proletários e funcionários públicos. O autor conclui monotonamente que o processo não está concluído (“una vela de armas”), após explicar que tentou “desentrañar elementos inéditos o poco formulados”. Inclui quadros com ficha técnica da cidade, com dados industriais e bibliográficos.

Autores citados: Roberto Guilodori; W. Shultess; Fernando Ferrero; Pablo González Casanova; Gino Germani; Lenin; Trotski; Marx; Osvaldo Reicz; Alfredo Terzaga; Carlos Moyano Llerena;

Hilda Iparaguirre; Ofelia Pianetto; Juan Carlos Agulla

REICZ, Osvaldo. Los nuevos sindicatos. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 21, p. 10-16, Agosto de 1971.

Vocabulário Controlado: DEPOIMENTO

Palavras-chave: Sindicalismo; Peronismo; Poder; Izquierda

Resumo: Descrição detalhadíssima do “Viborazo”, a insurreição operária de março de 1971 em Córdoba, que prolonga e distingue-se do “Cordobazo” (maio 69), aparecendo como uma “real política de izquierda revolucionaria”, na qual se perfila “el instrumento político del proletariado”. O texto de Reicz, participante do movimento, divide-se em “escenas”, antecedidas por uma introdução e intercaladas por dois documentos, “El pensamiento del Sitrac” – Sindicato de Trabajadores de Materfer, propondo a organização de uma “Frente de Liberación Social y Nacional” com o lema “Ni golpe, ni elección: Revolución”, à p. 15. Ambos sindicatos, que reúnem os trabalhadores do complexo industrial Fiat, de Erreyra, aglutinaram as ações do “Viborazo”.

Autores citados: José Aricó

CUEVAS, Ramón; REICZ, Osvaldo. El movimiento estudiantil: de la Reforma al Cordobazo. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 21, p. 17-18, Agosto de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO

Palavras-chave: Universidad; Peronismo; Izquierda, Proletariado

Resumo: Descrição detalhadíssima, uma vez mais, da política estudiantil em Córdoba, desde a Reforma Universitária de 1918. Os autores, apesar da multiplicidade de grupúsculos e tendências citados, traçam um panorama interessante da trajetória do movimento estudiantil argentino no século XX, marcado por um liberalismo “democrático” entre 1918 e 1945, quando a universidade se torna um foco de resistência ao governo de Perón, pela hegemonia da chamada Izquierda Independiente em torno de 1960, com destaque para a atuação da revista *Pasado y Presente*, e pela aparição, em fins dos 60, de um movimento estudiantil “moderno” no país. É reafirmada no entanto a participação “oblicua” dos estudantes no “Cordobazo”.

Autores citados: Che Guevara; [sarmientina]; Palmiro Togliatti; Ismael Viñas; Abelardo Ramos

ROSE, German. La acción guerrillera. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 21, p. 20-21, Agosto de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Ciência política

Palavras-chave: Revolución; Foco; Lucha armada; Peronismo

Resumo: Breve panorama das várias tendências da luta armada na Argentina, em tom claramente conciliatório, com a certeza de que só a convergência de todas elas, peronistas e não-peronistas (utópica, por suposto, mas de aparência palpável naquele momento), poderia construir “el Ejército del pueblo”, a fim de combater “el Ejército de la burguesía”. Dos Montoneros (aos quais estava ligado o diretor de *Los Libros*) e as Fuerzas Armadas Peronistas (FAP) e as Fuerzas Argentinas de Liberación (FAL), para citar apenas alguns grupos, todos coincidiam em método – a guerra revolucionária prolongada – e objetivo – a construção do socialismo, resultando na ilusão (obviamente não manifestada pelo autor) de um “sectarismo muy diluido”, contrariando a tradição dos grupos políticos (reconhecida no texto).

Autores citados: Ernesto Guevara; [leninista]; [marxismo]

MONTES, Manuela; RAWSON, Silvina. Medios de comunicación: el lenguaje y la política. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 21, p. 22-26, Agosto de 1971.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Comunicação

Palavras-chave: Ideología; Pueblo; Lucha armada

Resumo: Montagem de trechos de jornais, revistas e pequenos periódicos de Córdoba, entre setembro de 1970 e junho de 1971, em três seções: “Autodefinition”, em que o veículo se identifica, em diferentes formas de voluntarismo (marxista, católico, nacionalista – ou todos juntos); “Acción de masas”, em que se defende, ataca ou “comprende” as insurreições cordobesas; e “Grupos armados”, no qual se destaca o prestígio alcançado pelo Ejército Revolucionario del Pueblo, de maneira “neutra” ou negativa. O resultado é um panorama bastante completo da situação política no “epicentro de la insatisfacción popular” argentina.

Autores citados: [marxismo]; Mao

PETRAS, James. Córdoba y la revolución socialista en la Argentina. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 21, p. 28, 30-31, Agosto de 1971.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciência política

Palavras-chave: Peronismo; Revolución; Lucha de clase; Burguesía

Resumo: Extensa análise sociológica do processo de mobilizações sociais na região de Córdoba, sobretudo entre 1969 e 71. Petras mantém seu texto do início ao fim na tensão interior-capital federal, característica do país: de início demonstra os equívocos das análises de cientistas sociais portenhos (na maioria) em relação aos “Cordobazos” e à possibilidade de revolução social na Argentina, considerando as insurreições cordobesas como “excepcionais” e a classe operária argentina como “moderada”; ao final, após destacar a tradição colaboracionista do sindicalismo peronista, conclui que a revolução social somente poderá triunfar na Argentina quando o eixo revolucionário Córdoba-Buenos Aires se consume. Sua exposição cuidadosa do significado do impacto político dos “Cordobazos” no país, assim como de suas causas, salva o número 21 de *Los Libros*.

Autores citados: [marxista]; [mao-guevarismo]

TORRE, Juan Carlos. Una nueva oposición social. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 21, p. 32, Agosto de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Ciência política

Palavras-chave: Violencia; Capitalismo; Ruptura

Resumo: Breve reflexão sobre a “revolta colectiva” de maio de 1969, o “Cordobazo”. Em apenas duas colunas, o autor mostra que o nascimento desta “oposición social” é fruto da combinação de uma “racionalización económica capitalista” com o autoritarismo político, sendo que sua prática “se proyectó más allá de sus ideas”, conforme a dialética própria do surgimento dos movimentos sociais, através de uma violência “anónima y virtual”. Trata-se portanto de um acontecimento aberto, que foi recebendo um perfil mais claro com a crescente mobilização operária posterior ao “Cordobazo”, embora, para Torre, não seja ainda “el centro de la historia política inmediata”, apenas antecipando “un porvenir”.

Libros distribuidos en América Latina desde el 16 de mayo al 15 de julio de 1971. *Los Libros. Un mes de publicaciones en América Latina*, nº 21, p. 33-35, Agosto de 1971.

Vocabulário Controlado: INFORME

En este número. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 22, p. 3, Setiembre de 1971.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Revolución; Poder

Resumo: Dos três parágrafos, dois refletem sobre o fracasso da revolução socialista na Bolívia, tema do nº 19. As massas se mostraram tão exaltadas quanto distantes do poder, servindo como lição para outras situações, como no caso do Peru (país ao qual se dedica a presente edição), cujo potencial revolucionário depende de “una crítica y una acción permanente que tienda al definitivo cambio de estructuras que exige una perspectiva socialista”, conclui o editorial. Nada é comentado sobre o novo subtítulo da revista, “Para una crítica política de la cultura”, anunciado no editorial do nº anterior por aquele que seria vitimado pela nova política, H. Schmucler – diretor-fundador de *Los Libros* e (provável) autor dos editoriais –, com seu rechaço após o nº 28 (set. 1972).

PETRAS, James; LAPORTE, Robert. Perú como novo modelo para América Latina. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 22, p. 4-6, Setiembre de 1971.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciência política

Palavras-chave: Desarrollo; Cambio; Burguesia; Nacionalismo

Resumo: Reprodução de dois fragmentos do livro *Perú ¿Transformación revolucionaria o modernización?*, de Petras e Laporte, “de inminente aparición en la Argentina, editado por Amorrortu Editores”. No trecho sobre o “modelo peruano”, com tom mais positivo, descrevem-se as características esquerdizantes do governo militar que tomou o poder em 1968, indo do estatismo (ainda que capitalista) e o paternalismo autoritário a um nacionalismo “sectorial”, uma planificação tecnocrática, um câmbio social “controlado”, uma neutralização da oposição política e a uma missão desenvolvimentista. No breve “Epílogo 1971”, no entanto, o tom se modifica diante da guinada à direita no setor econômico, estabelecendo um dilema no seio do governo militar entre o projeto de uma economia nacionalizada com controle popular e as recentes concessões à área privada.

VINÑAS, Ismael. Modelos de control imperialista. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 22, p. 6-7, Setiembre de 1971.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciência política

Palavras-chave: Liberación; Imperialismo; Burguesia; Dependencia

Resumo: Breve artigo, para os moldes do autor, contendo a verdade sobre a situação do governo militar do Peru. Segundo ele, não se trata de um projeto de “liberación nacional” mas de um “reacomodamiento de relaciones” entre a burguesia local e o imperialismo, de uma transição de um modelo capitalista de “enclave”, em que convivem “zonas” de capitalismo inclusive avançado e “zonas” de pré-capitalismo, a um modelo de “moderno” capitalismo dependente. Para chegar a estas conclusões, apóia-se nas fontes do pensamento marxista, de Engels e Marx a Rosa Luxemburgo, passando por Mao e Lenin, o qual utiliza a Argentina, em texto pouco conhecido, como exemplo de país economicamente dependente “ni colonial ni semicolonial”.

Autores citados: Marx; Engels; Lenin; Rosa Luxemburgo; Mao; Kautsky

PAMARUNA-LETTS. Algunos aspectos económicos de la sociedad peruana. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 22, p. 8-9, Setiembre de 1971.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Economia

Palavras-chave: Imperialismo; Burguesia; Revolución; Dependencia

Resumo: “Breve esbozo de la economía peruana” pelo secretário-geral do Partido Vanguardia Revolucionaria (VR, marxista-leninista), com direito a todos os clichês esquerdistas do período, ao lado de muitos dados importantes sobre o país, desde a população de treze milhões, sendo que metade no campo, até a desigual distribuição da terra (conforme censo de 1961): 99% possuía 17%, e 1% possuía 83%, além do domínio dos grandes produtos de exportação, cobre e farinha e azeite de pescado. No final do texto, toda a fé na união da classe operária “en expansión” e do “campesinado miserable”, “fuerzas motrices del próximo proceso revolucionario marxista-leninista y socialista”, para acabar com a presença dos “pulpos y sanguijuelas imperialistas” no país...

Autores citados: Mandel; Krivine; [marxista-leninista]; [trotsquista]

GILIO, María Ester. Dos reportajes. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 22, p. 10-12, Setiembre de 1971.

Vocabulário Controlado: ENTREVISTA

Palavras-chave: Campesinado; Revolución; Burguesia; Guerrilla

Resumo: Entrevista com o líder do MIR, Ricardo Gadea, mais longa, discute os motivos do fracasso

da guerrilha peruana em suas duas frentes, a do próprio MIR, favorável à preparação política das massas, e a do ELN – de Héctor Bejar, o entrevistado seguinte –, foquista, além da origem do movimento (dissidente da APRA, partido da esquerda liberal) e os sérios limites dos câmbios propostos pela junta militar. Bejar, por sua vez, oferece detalhes sobre a APRA, critica a falta de união das guerrilhas e o sectarismo – “enfermedad difícil de curar” – e manifesta seu apoio “crítico” à junta.

Autores citados: [marxista]

DELGADO, Josefina. La revolución peruana a partir de sus intelectuales. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 22, p. 13-14, Setiembre de 1971.

Vocabulário Controlado: DEPOIMENTO

Palavras-chave: Cultura; Revolución; Cambio

Resumo: Quatro depoimentos de intelectuais peruanos sobre o novo governo do país e sua política cultural, tomados por Delgado, que faz uma introdução crítica – diz, por exemplo, que não existe um projeto cultural que atinja todos os setores sociais. José Miguel Oviedo, novo diretor da Casa de Cultura, dinamizada na gestão de Arguedas, exalta o início das ações culturais em meios populares e exige a construção de um “gran Museo de Arqueología y Antropología del Perú”, no valor de 150 milhões de “soles”. Alejandro Romualdo dá a palavra a Mariátegui – “nuestra revolución” como “creación heroica”, o problema do dualismo “quechua-español” – e o seu apoio ao “Gobierno Revolucionario de la Fuerza Armada”. Reynaldo Naranjo, vencedor de prêmio nacional de poesia (como Romualdo), fala de sua experiência em jornais cooperativizados, agora com “otra atmósfera”, e também apoia o governo militar. Já Carlos Germán Belli, poeta e professor da Universidad Mayor de San Marcos, prefere “viajar” para Itália, fazendo um paralelo entre os poetas crepusculares italianos e os poetas marginais peruanos, em texto elíptico no qual não manifesta apoio nenhum, apenas uma “profunda voluntad de superación de las envejecidas formas sociales”, que seria comum a italianos e peruanos.

Autores citados: José María Arguedas; José Carlos Mariátegui; Javier Heraud; Pezoa Velis; Corazzini; Gozano

SANROMÁN, V. El reacondicionamiento del capitalismo dependiente. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 22, p. 16-17, Setiembre de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Imperialismo; Capitalismo; Industrialización

Resumo: Em volta da revista à crítica de livros, aborda-se *Nacionalismo, neoimperialismo y militarismo en el Perú* (Buenos Aires, Ed. Periferia), do peruano Aníbal Quijano Obregón, que preenche um vazio para os argentinos – a falta de informações sobre o processo político do país vizinho, que deixou a esquerda confusa com o apoio de países capitalistas e socialistas – e mostra o engodo de sua “revolución nacional”, a qual seria nada mais que a modernização do capitalismo sob novas formas de dependência, a exemplo do que ocorreu no México, no Brasil e na mesma Argentina. Para o resenhista, o livro é bem documentado, contém análises cuidadosas das medidas do governo militar, falhando apenas em sua estrutura “um tanto apresurada” e na falta de um quadro da economia e da sociedade peruanas do período anterior ao estabelecimento do governo militar.

CASULLO, Nicolás. Mito sobre mito. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 22, p. 17, Setiembre de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Cultura; Mito; Novela

Resumo: Breve e prolixa resenha do romance *Redoble por Rancas* (Barcelona, Ed. Planeta), de Manuel Scorza. Casullo aparece pela primeira e única vez na revista para argumentar que este “relato de un relato” cumpre sua “performance superstructural” de apresentar o violento “espectáculo histórico” do Peru enquanto “desculturalización”, através da presença social do mítico. “Redoble, novela, dice Latinoamérica”, diz Casullo, que vê o romance, no entanto, enquanto realização e destino mitificados: “Redoble es best-seller” cuja linguagem estaria comprometida pelo mítico “en su reencuentro constante”.

¡¡¡Se acabó!!! campesino: el patrón ya no comerá más de tu pobreza. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 22, p. 18-19, Setiembre de 1971.

Vocabulário Controlado: INFORME

Palavras-chave: Tierra; Trabajo; Pueblo

Resumo: As páginas centrais da edição “peruana” de *Los Libros* foram compradas pelo programa de reforma agrária do governo do Peru, reproduzindo no título a frase de efeito do presidente do país, General Juan Velasco Alvarado (pronunciada em 24 de junho de 1969). Curiosamente, são as páginas mais arrojadas no aspecto gráfico (obra de quem?). Exaltam, obviamente, os feitos e projetos

de uma reforma agrária considerada como “una de las más radicales y revolucionarias de Latinoamérica”.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Populismo literario y estabilización capitalista. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 22, p. 20-21, Setiembre de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Literatura
Palavras-chave: Populismo; Suprarrealismo; Revolución

Resumo: Reprodução de um belo artigo sobre a literatura demagógica francesa dos anos 20, publicado originalmente em revistas de Lima (*Amauta* e *Variedades*) no início de 1930. Na introdução feita por *Los Libros*, Mariátegui é considerado, além de um intelectual especialmente lúcido, “el primer marxista del continente”, não no sentido cronológico mas no sentido “profundo”, fazendo do marxismo “un medio para el examen de la historia, la economía y la cultura de un país latinoamericano”. Seu texto analisa o advento do “populismo” na literatura francesa, mero subproduto do naturalismo de Zola, enquanto estratégia política da burguesia, em tempo de estabilização capitalista na 3ª República, para “prevenir la pérdida de una parte del mercado lanzando una nueva manufactura”.

Autores citados: André Thérive; Paul Souday; Giraudoux; Morand; Agustín Habaru; Henri Barbusse; André Breton; Zola; Proust; Gide; James Joyce; Ernest Glaesser; Doebelin

CORNEJO POLAR, Jorge. La universidad actual en el Perú. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 22, p. 21-22, Setiembre de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Educação
Palavras-chave: Universidad; Transformación

Resumo: Artigo “acadêmico” de um acadêmico, decano da Universidad de Arequipa, sobre a nova universidade peruana. A partir de 1945, o Peru foi submetido a quatro diferentes governos e a quatro diferentes leis de ensino superior. A última, promulgada em fevereiro de 69 pela junta militar, teve na supressão das velhas faculdades departamentalizadas e na criação de novos departamentos e programas seu maior aporte, no que diz respeito às reformas estritamente acadêmicas. Quanto à integração das 33 universidades nacionais, ficou na mera declaração “en muchos casos”, e a limitação do co-governo estudantil se tornou seu aspecto mais conflitivo. Além disso, a universidade permaneceria passiva para destruir a “cultura de la dominación” e o subdesenvolvimento.

KALECKI, Michal; KULA, Marcin. Notas sobre los aspectos sociales y económicos de los “Regímenes intermedios”. El caso de Bolivia. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 22, p. 25-27, Setiembre de 1971.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Sociologia
Palavras-chave: Imperialismo; Desarrollo; Revolución

Resumo: Monstro de duas cabeças, este texto foi escrito até a metade pelo “eminente economista polaco” Kalecki (1899-1970) e finalizado pelo “joven historiador polaco” Kula (refletindo a desvairada busca da revista por “especialistas”). Kula tenta aplicar ao caso boliviano o conceito de “regímenes intermedios”, desenvolvido por Kalecki com base em países africanos e asiáticos (Egito, Indonésia), nem socialistas nem capitalistas, cujo poder é baseado na pequena burguesia. Assim como temem os radicais e comunistas, tais governos seriam como “astutos terneros proberbiales [sic] que chupan de dos vacas”, ou seja, cada um dos dois blocos em tempos de guerra fria. P.S.: o “monstro” é fruto da dobradinha mas a metáfora bovina é de Kalecki.

Autores citados: Che Guevara

CASTILLA, Américo J. Una sociedad colonial avanzada. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 22, p. 30, Setiembre de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Artes plásticas

Palavras-chave: Arte; Realidad

Resumo: Breve artigo sobre o livro de texto e traço de Luis Felipe Noé, *Una sociedad colonial avanzada* (Buenos Aires, Ed. De la Flor – junto com outros desenhistas) e sobre sua trajetória, que vai da pintura – e de seu abandono – ao humor, levando a uma velha discussão sobre a função da arte. O título do livro remete a uma falsificação orgulhosa dos fenômenos culturais do mundo realizada na “provincia”, e o humor serve como arma para denunciar a “falta de audacia de nuestros gobernantes para asumir su propia realidad”, sem excluir, “con acierto” segundo Castilla, a própria esquerda. O resenhista relaciona ainda a publicação aos grafites de Maio de 68 em Paris e, com declarada prudência, aos sofistas da Grécia antiga e sua importante função inicial de tornar públicos os debates filosóficos, antes de se transformar na técnica dos discursos, ganhando o caráter pejorativo que lhe é concedido até hoje.

Autores citados: Aldo Pellegrini; Kahlil Gibran; Porchia; Engels; Freud

PERRONE, Alberto M. Pro y contra de Ernesto Cardenal. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 22, p. 31, Setiembre de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Poesia

Palavras-chave: Religiosidad; Historicidad

Resumo: Noventa e cinco (se não nove) por cento pró, contrariando o título, Perrone resenha a *Antología* (Buenos Aires-México, Ed. Carlos Lohlé) do poeta nicaraguense, nascido em 1925. Revisa rapidamente sua evolução literária, sempre entre os pólos da problemática social e da busca religiosa, indo de uma inicial dicção antiga, logo abandonada em função da influência das vanguardas, até chegar a um determinado uso do mítico e do exótico, mesclado a uma crescente politização, refletida de forma direta em sua poesia.

Autores citados: Juan Gelman; Thomas Merton; Pound; Eliot

DEL BARCO, Oscar. Respuesta a “Puntos de partida para una discusión”. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 22, p. 32, Setiembre de 1971.

Vocabulário Controlado: POLEMICA – Cultura

Palavras-chave: Revolución; Teoría; Política

Resumo: Ainda que reproduzida em tipos mínimos, uma “lição” de Oscar del Barco ao próprio nervo condutor da ideologia de *Los Libros* logo na estréia da fase “Para una crítica política de la cultura”: este mui eventual colaborador põe a casa abaixo ao destruir os “Puntos de partida para una discusión”, publicados no nº 20, espécie de manifesto coletivo, suscitado pelo “incidente” Padilla, no qual se pressupõe a submissão de tudo à revolução política e ao político, da literatura à economia, e, conseqüentemente, como argumenta del Barco, se projeta uma sociedade unidimensional e homogênea. A descontinuidade entre política e literatura é positiva, diz, atrevido-se a defender a “Declaración de los 61” e a criticar a carta de Schmucler à futura revista *Libre* (nº 20), por suas “conclusiones impertinentes”, que igualmente vitimariam os “Puntos de partida...”.

Autores citados: Goytisoló; Sartre; Michel Leiris; Rossana Rossanda; Althusser; [hegeliana]; [marxismo]; Tolstoi; Proust

Libros distribuidos en América Latina desde el 16 de julio al 15 de agosto de 1971. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 22, p. 33-35, Setiembre de 1971.

Vocabulário Controlado: INFORME

La agrupación docente “29 de Mayo” a los compañeros de Filosofía y Letras. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 23, p. 3-5, Noviembre de 1971.

Vocabulário Controlado: DOCUMENTO

Palavras-chave: Imperialismo; Proletariado; Revolución; Hegemonía

Resumo: Balanço autocrítico do grupo “29 de Mayo” – denominação que homenageia o “Cordobazo” de 69 – em seus primeiros quatro meses de “actividad político-pedagógica en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Bs. As.”. O panfleto pretende servir como ferramenta para uma discussão “por una nación liberada y socialista”, em que os docentes-militantes se colocam em posição de subordinação ao proletariado industrial e naturalmente contra as classes dominantes, o imperialismo e o reformismo. Propõem também, além de “replantear la relación profesor-alumno”, combater a pseudo-participação institucional e promover mecanismos de gestão como a assembléia estudantil-docente e o corpo de delegados. Em menos de duas páginas e meia, a expressão “antiimperialistas revolucionarios” aparece DEZ vezes.

Autores citados: [marxismo]

ALTAMIRANO, Carlos. Universidad: cultura y dependencia. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 23, p. 5-6, Noviembre de 1971.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Educação

Palavras-chave: Imperialismo; Política cultural; Dependencia

Resumo: Em sua primeira colaboração à revista, Altamirano resenha dois livros: *Imperialismo y universidades en América Latina* (Ed. Biblioteca de Marcha), “minucioso estudio” do matemático uruguaio Mario Wschebor, e *Hacia una política cultural autónoma para América Latina* (Ed. Universidad de la República), vários autores. Enquanto ao primeiro cabem só elogios – ao revelar a envergadura e a dramática atualidade da estratégia imperialista norte-americana nas universidades enquanto complemento de suas necessidades militares e expansão econômica (o Brasil aparecendo como principal modelo) –, ao segundo cabem sobretudo críticas, após o reconhecimento da existência de verdadeiras propostas de política cultural nos informes de, entre outros, A. Rama, D. Ribeiro e A. Maggiolo, lidos no seminário promovido pelo Centro de Estudios Latinoamericanos de la Universidad de la República em março de 68. “Lo que no se

define nunca”, argumenta, são as relações “necessárias” das universidades latino-americanas com o conjunto da estrutura social e com as classes dominantes, caindo-se assim em mero utopismo e reformismo.

Autores citados: Rudolph Atcon; Carlos Quijano; Sergio Bagú; W. Buño; Rafael Laguardia; Angel Rama; Oscar Maggiolo; Darcy Ribeiro

La experiencia del Taller Total. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 23, p. 7-8 e 10, Noviembre de 1971.

Vocabulário Controlado: DOCUMENTO

Palavras-chave: Universidad; Movimiento estudiantil; Cambio

Resumo: Este autodenominado “esbozo” de uma experiência tida como demasiado rica e complexa, a do “Taller Total” da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Córdoba, preparado pela equipe de pedagogia da FAU em setembro de 1971, tem como principal palavra-chave o “cambio”, buscando um sentido social não só para o arquiteto mas para a própria universidade, e como motor a retomada do movimento estudantil da região, estimulado pelo “Cordobazo”. Em estilo “relatório”, o texto coletivo relata a experiência desatada “a mediados” de 1970, seus enormes obstáculos diante do ensino tradicional, seus equívocos e êxitos, resultantes estes sobretudo da interação constante de todos atores do processo, visto como “irreversible”.

CABALLERO, Adrián. Balance de 6 meses de lucha. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 23, p. 11-12, Noviembre de 1971.

Vocabulário Controlado: DOCUMENTO

Palavras-chave: Universidad; Enfrentamiento; Intervención

Resumo: Na magra edição dos “balanços” das “guerrilhas” universitárias, a bola da vez é a Escola de Arquitetura da Universidad de Rosario, cujo relatório, excetuando suas particularidades (como a menor autonomia enquanto mera “escola”), não pode ser definido senão como tautológico em relação ao anterior, dedicado à FAU cordobesa, além de ver a esta como modelar. Apenas no início do texto aparece uma observação antes ausente: o fato “llamativo y evidente” de os maiores questionamentos e enfrentamentos promovidos contra a intervenção do governo militar de 1966 ter origem principalmente nas diferentes faculdades e escolas de arquitetura do país.

Chile: la Reforma Universitaria en la Universidad de Concepción. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 23, p. 14-18, Noviembre de 1971.

Vocabulário Controlado: DOCUMENTO

Palavras-chave: Docencia; Reforma; Burguesia; Universidad; Revolución

Resumo: A história dos textos anteriores se repete aqui, com nuances e maior extensão, no sentido da “marcha hacia la construcción de una nueva Universidad”, como prega o autor coletivo em sua conclusão. Trata-se de um relato apoiado em Marx sobre as transformações e os questionamentos da reforma universitária promovida ainda sob a gestão “democréstiana” de Eduardo Frei, com direito a epígrafe retirada das *Tesis sobre Feuerbach*. A tônica se encontra (como nos documentos acima) na substituição de uma instituição modernizante e reformista por uma universidade com perspectiva revolucionária, que enfatize os métodos ativos e expresse os interesses das classes exploradas.

Autores citados: Marx; Ortega y Gasset; Sartre; Einstein; [socrática]; Eric Mendelsohn

MILTON, Chris. Los guardias rojos. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 23, p. 20-22, Noviembre de 1971.

Vocabulário Controlado: ENTREVISTA

Palavras-chave: Educación; Revolución cultural; Burocracia

Resumo: Entrevista (trad. Marcela W. de Azuela) publicada originalmente na revista norte-americana *Movement* (quando? onde?), com um jovem, também norte-americano, que atuou durante três anos na revolução cultural chinesa, em Pequim, em meados dos anos 60. Sua experiência aponta como problema central do momento “el derecho a rebelarse contra la burocracia y sus serviles, las juventudes comunistas”, que não aplicavam a cartilha de Mao. Chris relata o caos absoluto de Pequim, quando os habitantes do interior vieram em bandos para viver e aprender com a revolução cultural na cidade – aumentado de cinco para oito milhões e meio de habitantes –, aponta o lado fascista dos Guardias Rojos, tentando impor sua verdade, e compara o movimento estudantil chinês com seus similares no resto do mundo, para concluir enfaticamente que a liberação não tem nada a ver com “fumar marihuana” e “entrar en onda”, como ocorre nos Estados Unidos, onde “no hay nivel político”: – Eso es pura mierda...

Autores citados: Mao; Marx; Engels

HALAC, Ricardo. El teatro de Germán Rozenmacher y la tensión entre el judaísmo y la revolución. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 23, p. 24-27, Noviembre de 1971.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Teatro

Palavras-chave: Antagonismo; Peronismo; Drama

Resumo: O único texto não universitário deste número, ao lado da entrevista sobre a China, homenageia o “hombre de teatro” G. Rozenmacher, morto aos 35 anos em um acidente. Halac, amigo e colaborador, faz uma “primera valorización de su obra dramática”, e acrescenta duas páginas de uma “cronología” que é menos uma reunião de dados biográficos (muito escassos) que de depoimentos sobre seu trabalho (dele mesmo e de companheiros, enfatizando a relação teatro-política – leia-se, peronismo). Mais dados sobre a vida de Rozenmacher são encontrados no texto, que apresenta um autor cindido entre seu mundo familiar judeu e o mundo político argentino, o que reflete claramente em sua obra.

Autores citados: Lukács; Hegel; Leo Baeck; Martín Buber; Sartre; Roberto Arlt; Artaud; [beckettiano]; Ghelderode; Valle Inclán; Armando Discépolo

Libros distribuidos en América Latina desde el 16 de agosto al 30 de septiembre de 1971. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 23, p. 29-31, Noviembre de 1971.

Vocabulário Controlado: INFORME

En este número. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 24, p. 2, Enero de 1972.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Cambio; Política

Resumo: Esta edição fala, mais uma vez, de “cambios” e marca uma guinada importante para a revista, agora em “papel-jornal”: pela primeira vez aparece um “consejo de dirección”, formado por Altamirano, Piglia e Schmucler, que ainda se mantém como “director responsable”. O editorial anônimo aborda a recente vitória eleitoral da direita no Uruguai, cujo esquema político “vuelve a ser reordenado por la urticante presencia del Movimiento de Liberación Nacional”, nome oficial dos Tupamaros, tido como “el más avanzado movimiento de guerrilla urbana latinoamericana”. O texto revela ainda que o documento atribuído ao MLN que a revista reproduz, publicado por inteiro pela primeira vez, chegou anonimamente à redação; não se sabe

portanto se é legítimo, mas é considerado um aporte fundamental à discussão, assim como o artigo de Labrousse (a seguir).

Autores citados: Alain Labrousse

LABROUSSE, Alain. Tupamaros. De la guerrilla al partido de masas. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 24, p. 3-7, Enero de 1972.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciência política

Palavras-chave: Masas; Revolución; Lucha armada

Resumo: Narrativa detalhista da atividade guerrilheira dos Tupamaros – como se autodenominam inspirados na luta de Artigas pela independência do Uruguai os militantes do Movimiento de Liberación Nacional –, datada de novembro de 1971, pouco antes da definição das eleições gerais, polarizadas entre os “Blancos” (direita) e a heterogênea Frente Ampla, de oposição, que contava com o “apoyo crítico” do MLN. Em sua tentativa de interpretação, para além da mera descrição, Labrousse passa em revista a história dos Tupamaros desde sua origem em 1962/63, entre trabalhadores rurais do norte do país, para demonstrar que o movimento nunca esteve isolado das massas – crítica comum devido a seus anos de silêncio, os quais, para o autor, significaram um importante período de amadurecimento –, que teve uma eficácia militar “incomparable” e capacidade para “organizar combativamente a las masas uruguayas”, conquistadas através de “paciencia”, “dosificación” e “ponderación” em suas ações. Quanto às dúvidas a respeito da autenticidade e da ideologia do movimento, elas não devem servir para condená-lo a priori, segundo Labrousse.

Autores citados: Daniel Waskman Schinca; [marxista]; [leninistas]; [trotskistas]; Fidel Castro; Mao; Mario Benedetti; Daniel Vidart

Partido o foco: un falso dilema. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 24, p. 8 e 10-13, Enero de 1972.

Vocabulário Controlado: DOCUMENTO

Palavras-chave: Lucha armada; Revolución; Masas; Partido

Resumo: “Hablar de guerrilla aislada de las masas es un contrasentido cuando dicha guerrilla ha tomado estado público y golpea al enemigo. Es como hablar de la salud de un cadáver”. Este fragmento das “Actas Tupamaras” resume a verdadeira cartilha da luta armada publicada pela revista, em dois tempos: um texto corrido atribuído ao MLN (datado de agosto de 1971), em

que se procura desfazer a oposição foco/partido e em que o foco é tido como apenas um “método de luta” para a futura criação de uma organização de massas, conforme ocorreu nas revoluções russa, chinesa, argelina e cubana; e um resumo intitulado “El pensamiento tupamaro”, em fragmentos, incluindo frases do texto anterior; os quais representam uma justificação das formas de ação dos Tupamaros, além de uma resposta aos seus críticos.

Autores citados: Marx; Lenin; Trotsky; Mao; Alain Labrousse

POCHTAR, Ricardo. Gramatología: ciencia de la escritura. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 24, p. 14-15, Enero de 1972.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Filosofia
Palavras-chave: Escritura; Significación; Violencia; Metafísica

Resumo: Síntese do livro clássico de Derrida pelo revisor técnico da tradução da Ed. Siglo XXI, a cargo de O. dei Barco e C. Ceretti. A crítica derridiana ao pensamento ocidental se baseia em que “todo lenguaje ha sido interpretado en el modelo fónico” (fonocentrismo), identificando a “palabra viva” (logos, daí logocentrismo) à significação, e a escritura, a letra (grammé) à morte, tendo sido reprimida com violência a sua constituição como um sistema de comunicação autónomo. Derrida relaciona esta lógica àquela da psicanálise já que o esquema repressor de domínio da linguagem seria da ordem do mito, ao modo da fantasia onírica, e, segundo ele, esta fantasia vinculada à voz está longe de ser fato isolado no Ocidente, de Platão e Aristóteles a Saussure e Lévi-Strauss. Porém, como o próprio Derrida opera necessariamente com o mesmo dispositivo linguístico-conceitual que critica, propõe-se a “desconstrucción” de tal tradição ao invés de uma mera tomada de distância, uma vez que sua continuidade no Ocidente é uma determinação fundamental que deve ser interpretada como um sintoma: a própria metafísica, a filosofia, cujas noções estão sem exceção relacionadas com uma posição fonocêntrica e com a noção (metafísica) de presença. *De la gramatología* seria apenas um questionamento preliminar através da obra de Rousseau, prosseguindo com Platão até Heidegger e Husserl.

Autores citados: Saussure; [freudiana]; [platónico]; Aristóteles; Hegel; Lévi-Strauss; Nietzsche; Heidegger; [pré-socráticos]; Rousseau; François Wahl; Husserl; Roman Jakobson

BERTOLDO, Carlos. De las proteínas a la política: la cruzada de un premio Nobel. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 24, p. 16-17, Enero de 1972.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência
Palavras-chave: Naturaleza; Conocimiento; Racionalidad

Resumo: Por que resenhar *El azar y la necesidad. Ensayo sobre la filosofía natural de la biología* (Barcelona, 2ª Ed. Barral), do nobelizado Jacques Monod? Porque seu autor ganhou o prêmio Nobel no campo da biologia molecular – já que o livro em si é desprezível, segundo Bertoldo: aborda minimamente o campo de atuação de Monod e está atravessado por “incoherencias, falsedades y profundos errores epistemológicos”, além de pretender que o racionalismo e o conhecimento objetivo sejam a solução dos males do mundo. A resenha na verdade somente parece se justificar como oportunidade de atacar a instituição criada pelo culpado inventor da dinamite, definida por Bertoldo como a “quintaesencia del individualismo”.

Autores citados: [marxismo]; A. Nobel

GARCÍA, Germán. Mario Szichman: Los montajes de la historia. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 24, p. 18-19, Enero de 1972.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Lenguaje; Muerte; Historia

Resumo: Resposta às críticas consideradas ingênuas, além de francamente negativas, de *La Opinión* aos relatos de Szichman, *Crónica falsa* (Buenos Aires, Ed. Jorge Alvarez, 1969) e *Los Judíos del Mar Dulce* (Buenos Aires, Ed. Galerna), a resenha é um insistente panfleto contra a literatura enquanto reflexo da realidade. “La escritura sobredetermina la realidad y no a la inversa”, repete quatro ou cinco vezes em duas páginas, de diferentes modos. Szichman mescla em seus textos judaísmo e peronismo, em uma ótica segundo a qual a história é sempre alterada e alterável, uma vez que a linguagem é a realidade, é “producto entre las demás producciones significativas”, nos termos de García. Resta acrescentar que *Crónica falsa* se escreve a partir de relatos de Walsh em *Operación masacre*, e que *Los Judíos...*, não menos paródico, é, segundo o resenhista, uma espécie de “Génesis gaucho”, mexendo ambos com a agonia de Santa Evita, o que obviamente vai contra “La Opinión”.

Autores citados: Rodolfo Walsh; Eva Perón; [peronismo]; [freudiano]; Lenin; Borges; Victoria Ocampo; Homero Manzi; Jauretche; Discépolo;

Rabindranath Tagore; Manuel Mujica Láinez; Bioy Casares; Hegel; Trotsky

Frente a una historia que no es la nuestra. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 24, p. 20 e 22-23, Enero de 1972.

Vocabulário Controlado: DOCUMENTO

Nome pess. como assunto: PÉREZ AMUCHÁSTEGUI, A. J.

Palavras-chave: Historia; Conocimiento; Ideología

Resumo: Libelo de novembro de 1971 contra o professor e historiador Pérez Amuchástegui, titular da cátedra de Introducción a la Historia, escrito por docentes de História da Faculdade de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Aires, ligados à “Agrupación 29 de Mayo”. PA, como é denominado o ilustre professor, considerado um entreguista de métodos autoritários, foi o centro de uma insurreição estudantil, que terminou com repressão policial e a detenção de 126 pessoas, como informa a revista na introdução. O texto também ataca o cientificismo e o ecletismo de PA, em favor de uma prática política revolucionária declaradamente marxista, e, como bom libelo, repete (após um pedido de licença a título conclusivo) parágrafos inteiros do panfleto anterior (cf. *Los Libros* nº 23, p. 3).

Autores citados: Hartmann; Heidegger; Jaspers; Dilthey; [neokantianas]; [hegeliana]; Oakeshott; Colingwood; Croce; Zubiri; [pre-freudiana]; Marx; Windelband; Rickert; Bunge; [comtiano-spenceriano]; Feuerbach; Mitre; Félix Luna; Certeau; Perón

TOGNERI, Jorge A. Facultad de Arquitectura de La Plata: una experiencia. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 24, p. 24-26, Enero de 1972.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Arquitectura

Palavras-chave: Capitalismo; Burguesía; Pueblo; Cambio

Resumo: Relato escolar sobre quinze meses de experiência da oficina politizada da Facultad de Arquitectura de La Plata, à maneira de outras agrupações docentes-estudantis do país. Togneri, enquanto arquiteto e professor de arquitetura, apresenta como tônica de sua argumentação – um tanto quanto vaga e retórica – a seguinte fórmula: “desarmar metodicamente los códigos burgueses del diseño”. E pouco ou nada mais.

Libros distribuidos en América Latina desde el 1 de octubre al 15 de diciembre de 1971. *Los*

Libros. Para una crítica política de la cultura, nº 24, p. 28-31, Enero de 1972.

Vocabulário Controlado: INFORME

En este número. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 25, p. 2, Marzo de 1972.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Psicoanálisis; Política; Literatura
Resumo: Câmbios em *Los Libros*. O “consejo de dirección” se amplia – a Schmucler, Piglia e Altamirano somam-se Miriam Chorne, Germán García e Beatriz Sarlo –, tendo na capa da edição um retrato em preto e branco, não menos ampliado, dos dois grandes vetores teórico-políticos do grupo: Freud e Marx. No editorial, é lançado o debate psicanálise e política, a partir de um fato concreto: a recente explosão da Asociación Psicoanalítica Argentina. No último parágrafo, Piglia e a literatura segundo Mao, em sua primeira publicação na revista desde o nº 11, de setembro de 70.

Autores citados: Miriam Chorne; Juan Carlos Torre; Ricardo Piglia

CHORNE, Miriam; TORRE, Juan Carlos. El porvenir de una ilusión. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 25, p. 3-4, Marzo de 1972.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Psicanálise

Palavras-chave: Marxismo; Política; Revisión

Resumo: Libelo freudiano-marxista, situa a crise enfrentada pela comunidade psicanalítica de Buenos Aires a partir da ruptura no seio da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA), cuja prática se convertera em “dogma laico” e apolítico. Comparando e tomando distância simultaneamente das insurreições ocorridas na Europa (França e Itália), o texto alerta para o ecletismo e o declaracionismo das propostas surgidas com a cisão na APA, e aponta para a necessidade de uma união efetiva de Freud e Marx em sua prática profissional, isto é, de uma visão da psicanálise enquanto questionamento permanente do âmbito institucional e ideológico, da política como componente inseparável e não apenas um apêndice circunstancial. Embora o Congresso de Roma de 69 e o “otoño caliente italiano” sejam mencionados *en passant*, chama a atenção o fato de que a bibliografia do artigo seja toda oriunda de “quaderni italiani”: *Quaderni Piacentini*, nº 42, 1970 (dois textos diferentes) e *Quaderni di Sociologia*, nº 3-4, 1970 (um texto).

Autores citados: Freud; [marcusiano]

Declaración del Grupo Plataforma a los trabajadores de la salud mental. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 25, p. 5-6, Marzo de 1972.

Vocabulário Controlado: DOCUMENTO – Psicanálise

Palavras-chave: Disidencia; Ideología; Ciencia; Política

Resumo: Reprodução do documento de ruptura do Grupo Plataforma Argentino (formado por 18 pessoas) em relação à Associação Psicanalítica Internacional “y su filial argentina”. O texto, que torna pública a separação, remete basicamente aos mesmos aspectos do artigo anterior: estrutura hierárquica e burocrática, reacionarismo e isolamento deliberado da instituição oficial de seu contexto sócio-político. A ruptura, tida como indispensável, se dá não só pela mudança no campo da comunidade psicanalítica mas “por el advenimiento de una patria socialista” – refutando-se a legitimidade das acusações de “violación ética” e de “mezcla entre Ciencia y Política”.

Autores citados: Freud

Declaración del Grupo Documento. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 25, p. 6-7, Marzo de 1972.

Vocabulário Controlado: DOCUMENTO – Psicanálise

Palavras-chave: Disidencia; Monopolio; Sistema

Resumo: A declaração do Grupo Documento é a declaração do Grupo Plataforma e vice-versa. Só o que difere a declaração do Grupo Plataforma Argentino da declaração do Grupo Documento (com 21 membros) é que o Grupo Documento (argentino) menciona com todas as letras a ação – idêntica à sua – do Grupo Plataforma (parte do Movimento Plataforma Internacional). Todos iguais, contra a neutralidade da ciência e por “el advenimiento de una Sociedad Socialista”, segundo o Grupo Documento (ou Plataforma?).

Información del Grupo Plataforma. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 25, p. 7-8, Marzo de 1972.

Vocabulário Controlado: INFORME – Psicanálise

Palavras-chave: Actividad; Ruptura; Movimiento

Resumo: Orgulhosamente precursor – “primero en el mundo que se desgaja de una Asociación Psicoanalítica por razones político-ideológicas además de científicas” –, o Grupo Plataforma Argentino, aos três meses de existência, responde a seus detratores neste informe, estruturado em grande parte sob a forma de perguntas. Após

descrever sua atividade tanto de organização própria quanto de contatos com outros grupos no interior do país e no Chile, Plataforma questiona seus críticos – que lhe atribuem isolamento, auto-suficiência, critérios arbitrários para aceitação de novos membros – ao mesmo tempo que procede a uma autocritica de sua produtividade em função de conflitos internos, “como ventaja y desventaja del régimen democrático-parlamentario que en ella impera”.

Informe de Plataforma. 14 de diciembre de 1971. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 25, p. 8-10, Marzo de 1972.

Vocabulário Controlado: INFORME – Psicanálise

Palavras-chave: Sistema; Teoría; Práctica; Transformación

Resumo: Estimular e esclarecer contradições mediante organização móvel respeitando unidade de pensamento e ação: “Este es nuestro criterio para planificar la acción investigadora y de aprendizaje en psicoanálisis” (três primeiros parágrafos). Descobre-se nesse momento do texto que a declaração de ruptura do grupo (p. 5-6) tinha data: 4 de novembro (resumo em cinco pontos). Nova definição do binômio paciente-terapeuta baixo materialismos histórico e dialético na inseparabilidade da prática teoria (mais alguns parágrafos). Exigências rigorosas e objetivos básicos no ensino segundo a cartilha anterior para transformar o mundo (mais alguns). Seguem detalhes do Centro de Formación Psicoanalítica de Plataforma, da admissão à supervisão e às unidades de análise (“tradicionales” e “nuevas”): matricule-se já.

Autores citados: [marxistas]; Freud

Anteproyecto de plan organizativo y programa de estudios de Plataforma Argentina para el Centro de Docencia e Investigación de los Trabajadores de Salud Mental. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 25, p. 10-12, Marzo de 1972.

Vocabulário Controlado: DOCUMENTO – Psicanálise

Palavras-chave: Salud mental; Psicoanálisis

Resumo: Reprodução da plataforma do Grupo Plataforma Argentina(o) redigida por seu comitê executivo para a criação do CCDITSM, incluindo considerações gerais (preocupação com “hipertrofia del psicologismo” e aposta em “estructura organizativa-gremial-científica socialista), fundamentos (clara definición ideológica “com un modo de inserción prevalentemente científico”), o detalhamento da

mencionada estrutura e os “Cursos e Programas Aproximativos”, de enorme amplitude (da Cibernética e a Economia à Lingüística e a Política).

Autores citados: [marxismo]; Durkheim; Max Weber; [pavloviana]

GARCÍA, Germán Leopoldo. *Cuestionamos, las aventuras del bem social. Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 25, p. 12-13, Marzo de 1972.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Psicanálise

Palavras-chave: Idealismo; Revolución; Política
Resumo: Resenha crítica do volume *Cuestionamos* (Buenos Aires, Ed. Granica), vários autores, que tudo indica ser a plataforma estendida do Grupo Plataforma Argentina(o). Se esta edição de *Los Libros* se ofereceu como veículo de suas propostas desde a capa (e de modo excessivo e repetitivo), agora levanta uma clara contradição (e incita o germe da dissidência) com o artigo questionador de García, membro do conselho editorial. Ele suspeita do voluntarismo idealista do grupo, “teóricamente frágil y políticamente superficial”, e de seu declaracionismo, que Plataforma tentava justo rebater em texto às p. 7-8. “Desde que la palabra pan no da de comer las declaraciones no pueden substituir las prácticas”, diz por exemplo García, por Lacan com Freud e “la estructura del deseo, aun en lo que éste tenga de *asocial*”, contra Reich, Klein e o que chama de “una concepción tan pastoril del sujeto”. Em franca oposição ao que se lê até a p. 12 – a mesma aliás que ocupa o autor para começar a surrar toda(o) Plataforma.

Autores citados: Freud; Lacan; Hegel; [marxismo]; M. Langer; Binswanger; Faure; Ortigues; M. Klein; W. Reich; Hartman

MANNONI, Octave. El hombre de las ratas. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 25, p. 14 e 16, Marzo de 1972.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Psicanálise
Palavras-chave: Inconsciente; Teoría; Análisis; Sujeto

Resumo: Fragmento do ensaio do filósofo e psicanalista lacaniano sobre “El hombre de las ratas”, caso de neurose obsessiva tratado por Freud entre 1907 e 8. No texto, o caso – tido como “encrucijada” antes que etapa de seu pensamento – é comparado a outros não menos célebres, destacando-se porém dos demais por ser o único cujas anotações originais foram preservadas. Todas eram destruídas e não se sabe por que não sucedeu o mesmo com estas, que seriam

publicadas pela primeira vez em inglês em 1954, sob o título de *Original Record*, sendo que em 1909 Freud havia publicado a resenha parcial do caso como *Análisis de un caso de neurosis obsesiva*. Uma “Noticia” (p. 16 – que deveria ser introdutória) complementa o “anticipo” do ensaio, informando sobre as edições argentinas dos “cinco grandes historiales clínicos del creador del psicoanálisis” e sobre as atividades do primeiro grupo de lacanianos de Buenos Aires, liderados pelo tradutor do fragmento, Oscar Masotta, incluindo uma visita do casal Mannoni, ambos psicanalistas, para uma série de seminários e conferências na cidade, durante os primeiros dias de abril de 72.

Autores citados: Sigmund Freud; Jung; Lacan; Oscar Masotta; Jorge Jinkis; Muriel M. Gardinier; Luis Lopez-Ballesteros y de Torres; Maud Mannoni; Mario Levin; Héctor Jankelevich; Arminda Aberasturi; Grimberg; Diego García Reynoso; Emilio Rodríguez; José Blejer; Marie Langer; Ricardo Malfé y Ulloa

SARLO SABAJANES, Beatriz. Novela argentina actual: códigos de lo verosímil. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 25, p. 18-19, Marzo de 1972.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Literatura
Palavras-chave: Totalidad; Realismo; Texto; Consumo; Ficción

Resumo: Sarlo (ainda) Sabajanes devassa a “novela argentina actual” a partir do conceito de verossimilhança e de escritura nos moldes de Barthes, como não poderia deixar de ser (mas teria de deixar de ser). As perguntas centrais do ensaio, que antecede em algumas páginas as largas notas de Piglia sobre Mao-tsé-tung, de vários modos traduzem os problemas e as transformações ideológicas do período: “¿Un nuevo verosímil significa una vanguardia? ¿Existe una vanguardia en la Argentina?” Sobram confetes para Walsh e Jorge Onetti, bem como críticas aos meios de comunicação, em nome da possibilidade de uma vanguarda sem “virtuosismo cínico” na sociedade capitalista, conforme E. Sanguinetti.

Autores citados: Lukacs; Viñas; Sábato; Conti; Rozenmacher; Moyano; Rodolfo Walsh; Barthes; Mario Szichman; Germán García; Cantor; Fernando di Giovanni; Macedonio Fernández; Bioy Casares; Néstor Sánchez; Eduardo Sanguinetti; Leopoldo Marechal; Vargas Llosa; Cabrera Infante; Tomás Eloy Martínez; Beatriz Guido; Marco Denevi; Emilio Rodríguez; Gudiño Kieffer; Puig; Jorge Onetti; Perón; Evita

NOBASZ, José. Devolver el habla al pueblo. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 25, p. 20-21, Marzo de 1972.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Comunicação

Palavras-chave: Escritura; Burguesía; Revolución

Resumo: Resenha em três tempos do livro tripartite *Comunicación masiva y revolución socialista* (Chile, Ed. Prensa Latinoamericana, 1971). Nobasz começa por trás com o ensaio de Santiago Funes (correspondente no Chile) por provocar uma “desarticulación interna” e manter “status autónomo” e “consistencia propia” no volume inaugurado pelo francês Armand Mattelart e secundado por Patricio Biedma. O *telqueliano* Funes superpõe Derrida e Marx embora não os articule, segundo o resenhista, que não obstante considera o seu ensaio “el de mayor solidez de pensamiento y el de más rigurosa conceptualización” ao refletir sobre a produção de significação no capitalismo. Se falha na articulação da teoria marxista da exploração com a desconstrução da metafísica ocidental, “el planteo de Funes (...) recupera toda su fuerza cuando se aplica, explícitamente, a la sociedad capitalista” – em visível continuidade com *Tel Quel*, diz Nobasz. Contra a imprensa populista e a favor de um similar revolucionário, o trabalho de Biedma contudo seria limitado enquanto diagnóstico da situação chilena por não fazer a menor especificação sobre o processo atual. Mattelart, autor do artigo mais longo e ambicioso, também cairia na armadilha da abstração, na medida em que “da por resueltos los problemas de la lucha por el poder, (...) por la hegemonía social”, ao inflacionar a “perspectiva comunicacional” e fazer “olvidar así las cuestiones del poder material”, levando a pensar que só restaria aos revolucionários chilenos tentar solucionar os problemas da luta ideológica.

Autores citados: Jacques Derrida; Marx; Lenin; Mao; Trotsky; Lunatcharsky

PIGLIA, Ricardo. Mao Tse-Tung. Práctica estética y lucha de clases. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 25, p. 22-25, Marzo de 1972.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Estética

Palavras-chave: Lucha de clases; Arte; Revolución; Burguesia; Producción; Ideología

Resumo: Em longa resenha-ensaio sobre um livro de Mao, *Charlas en el foro de Yenan sobre arte y literatura* (Buenos Aires, Ed. Marxismo de Hoy), Piglia insiste no fato de que o sistema literário está determinado por interesses de classe mas introduz

a leitura destes textos de Mao a partir de Brecht, numa fusão que inclui também os formalistas russos em nome da arte como “prática social”, naquela que é considerada a melhor tradição estética marxista: Tretiakov, Lissitsky, Meyerhold, Tinianov, culminando, claro, em Brecht. Esta arte enquanto prática social deve ser analisada portanto como uma ciência, uma teoria da produção literária a partir do *Capital* de Marx.

Autores citados: Bertold Brecht; Mao Tse-Tung; B. Eikhenbaum; Marx; Trotsky; E. Sue; Engels; Balzac; Lenin; Tolstoy; Céline; Gramsci; Pirandello; Lukacs; Eisenstein; [sartreano]; Tretiakov; Meyerhold; Tinianov; Lissitsky

El cine como arma de la revolución. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 25, p. 26-28, Marzo de 1972.

Vocabulário Controlado: DOCUMENTO

Palavras-chave: Trabajo; Cultura burguesa; Clase dominante; Revolución; Ideología

Resumo: Grupo esquerdista ligado às escolas de cinema “revolucionárias” se faz ouvir através de carta aberta e anônima “a los compañeros estudiantes y profesores de las escuelas de cine”. Todos os clichês pró-revolucionários e antirreformistas reunidos em prol da articulação dos produtores de cinema com a classe revolucionária, vale dizer, o proletariado, e contra a burguesia majoritária e seu “espíritu prácticón” no setor. “Yo no soy de la clase dominante, yo soy un artista, ché!”, dizem por exemplo os gauchos-cineastas no panfleto. (A p. 28 *Los Libros* acha espaço para a denúncia do traslado “al penal de Rawson” da diretora da revista *Cristianismo y Revolución*, detida dia 22 de dezembro de 71, mãe de uma menina de dois anos e viúva do “conocido periodista” Juan García Elorrio).

Autores citados: Marx; S. M. Eisenstein; J. L. Comolli

Libros distribuidos en América Latina desde el 16 de diciembre de 1971 al 29 de febrero de 1972. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 25, p. 29-31, Marzo de 1972.

Vocabulário Controlado: INFORME

En este número. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 26, p. 2, Mayo de 1972.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Liberación; Tortura; Cambio

Resumo: “La falacia lingüística es peligrosa”: *Los Libros* nº 26 começa com a denúncia do esvaziamento do significante “liberación” –

servindo até para uma publicidade que comemora “goles” – e com a necessidade de identificar o inimigo, que se utiliza da confusão para “desdibujar” seu perfil cada vez mais violento. Enfocando a questão do imperialismo, “centro dominante de todo proyecto de cambio”, a revista (com charge de magnata roubando pobre na capa) anuncia “un detallado panorama sobre lo que significa en el país la presencia de los monopolios internacionales”, e conclui o editorial com mais denúncias, ao lado de manifestações de solidariedade, pela detenção de Casiana Ahumada (anunciada no nº anterior), o processo a Silvio Frondizi, o seqüestro do advogado e jornalista Jozami e a disseminação da repressão policial, com a explosão de bombas em editoras e gráficas – “muestras menores de un clima agobiador”.

ARCÁNGELO, Mauricio T.; QUAGLIO, H. Carlos. El Imperialismo: I – Definiciones económicas y políticas; II – El caso Argentino. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 26, p. 3-12 e 14, Mayo de 1972.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciência política

Palavras-chave: Sistema; Monopolio; Economía; Dependencia

Resumo: Onze páginas iniciais dedicadas a um detalhado painel econômico da América Latina em dois tempos: o primeiro, algo mais descritivo, propõe a compreensão dos fenômenos, superando “deficiencias conceptuales” ou “apreciación apresurada” e a linha “dogmática-ortodoxa simplificadora”, ao atualizar clássicos de esquerda sobre o imperialismo; o segundo, dedicado à Argentina, não faz mais que acumular dados, isto é, “pérdidas” em suas relações de dependência e sujeição com o capitalismo monopolista mundial. Inclui 19 quadros com cifras! Tudo para “desentorpecer” a compreensão dos fenômenos devido ao “uso promiscuo de categorías”, como dizem e reiteram os autores. (P.S.: é, com o nº 28, o exemplar mais danificado da coleção).

Autores citados: Marx; Lenin; Bujarin; Rosa Luxemburgo; Celso Furtado; H. Magdoff; Pierre Jalée; Arghiri Emanuel; Samir Amin; Oscar Braun; Richard Wolff; Bela Balassa; Eduardo Jorge; O. Attimir; E. Feldman; S. Itzcovich; J. Delgado; P. Skupch; C. Villar Araujo; Jaime Fuchs; J. H. G. Olivera

KLARE, Michael. Ármese ahora. Pague después. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 26, p. 15-18, Mayo de 1972.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Sociología

Palavras-chave: Imperialismo; Tercer Mundo

Resumo: Estranho relatório “yanki” (trad. Ingrid Londero) sobre a venda de armamentos para países pobres, publicado originalmente em *NACLA Newsletter* (vol. VI, nº 1 – jan. 1972). Em chave ambígua, às vezes pró-EUA, outras nem tanto (obra da tradução?), sua reprodução objetiva, claro, denunciar o crescimento absurdo da presença militar norte-americana no “Tercer Mundo”, que se utiliza de expedientes tais como treinar soldados de nações “amigas” em seus equipamentos (aviões, por exemplo) para “viciá-los” em seu uso... É o “mundo libre” contra a “amenaza comunista”. Quatro diagramas belicistas incluídos. À página final, fechando a seção “Imperialismo”, duas colunas com farta bibliografia sobre o tema, em sete pontos: “los clásicos”; “revaloración y crítica de la teoría clásica”; “imperialismo y crecimiento económico”; “la dependencia”; “el intercambio desigual”; “las contradicciones inter-imperialistas”; e “la Argentina”.

Autores citados: George Thayer; Peter T. Chew; Charles A. Meyer; Willard F. Barber; C. Neale Ronning

ROSA, Nicolás. Borges y la crítica. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 26, p. 19-21, Mayo de 1972.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Literatura

Palavras-chave: Ideología; Relato; Ruptura; Contradicción; Producción

Resumo: Embora Rosa mire para a direita, a esquerda ortodoxa e a esquerda “nacional”, é sobre esta última que irá se deter – especialmente os ensaios de Jitrik e Matamoro cuja leitura marcada por uma oposição ideológica “no opera verdadera ruptura crítica que posibilite una lectura ‘real’ de Borges”, contradizendo seus próprios postulados. Neste ponto Rosa concentra sua “crítica da crítica”, ao sinalizar para uma práxis que combina ética de esquerda com epistemologia de direita em concepção ontológica e representativa da literatura. Jitrik, entre outros, ainda vê Borges enquanto escritor “fantástico”, deixando de lado “el modo de producción de la ficción”, embora acerte ao eliminar o suposto conteúdo metafísico de sua obra. Após esclarecer o que é a seu ver “una posible sistematización científica de la crítica” – propondo uma ruptura “total y definitiva” da concepção burguesa representativa da literatura –, se volta contra o que chama de “lectura ciega”, a de Matamoro, cuja contradição metodológica consiste em “usar el irracionalismo para probar el irracionalismo de Borges”. Crítico autodenominado comprometido, lê pobremente não apenas Freud como também

Sartre em *Jorge Luis Borges o el juego trascendente* (Buenos Aires, Ed. Peña Lillo, 1971), segundo Rosa, que devolve os epítetos que aquele reservara ao escritor, quais sejam, os de conservador e reacionário.

Autores citados: Ulises Petit de Murat; Alicia Jurado; Ríos Patrón; Adolfo Prieto; David Viñas; Blas Matamoro; Noé Jitrik; Goldman; Alain Badiou; Marx; Victoria Ocampo; Gutiérrez; Ana María Barrenechea; Freud; Saussure; Bally; Leo Spitzer; Sartre; Sarmiento; Echeverría; García Mérou; Rojas; Giusti; Ghiano; Castagnino; Jung; Mircea Eliade; Lévy-Bruhl; Flaubert; Joyce

METI, Carlos. Sociedad y ciencia. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 26, p. 22-24, Mayo de 1972.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciência

Palavras-chave: Cientificismo; Revolución; Desarrollo; Imperialismo

Resumo: Texto insofido sobre a discussão da ciência, do cientificismo e do imperialismo na Argentina, o qual pretende nada menos que “retomar críticamente”, isto é, “resolver esta discusión” (grifo eu). Tendo o materialismo histórico como cavalo-de-batalha, o autor na verdade apenas rebate algumas afirmações publicadas na *Revista da Univ. de Bs. Aires* (assim grafada) em 1961, espalhando um mar de exclamações entre parênteses, em meio às citações, como signos de negação. Se a causa é justa – contra o desenvolvimentismo e as posições tecnocráticas –, a crítica é tão pretenciosa quanto falha.

Autores citados: B. Brecht; J. O’Farrel; Mao Tsé Tung; Lenin; Che Guevara; Marx; O. Varsavsky; M. Fichant; M. Pécheux; G. Klimovsky; Jorge A. Sábato; E. Pecoraro; G. Olson

GARCÍA, Germán Leopoldo. Gombrowicz textual. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 26, p. 26-28, Mayo de 1972.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Literatura

Palavras-chave: Texto; Escritura; Deseo; Vacío; Repetición

Resumo: As frases de efeito do rei do chiste portenho – jogando com um de seus escritores prediletos – são perfeitas. Dois exemplos: “El ojalá fuera del deseo se convierta[e] en el es del texto producido”; “El yo textual –en tanto eje de la escritura– tiene la *identidad* del Puto y se sostiene sobre la *diferencia* de la letra”. Entre muito de Freud e algo de Lacan, Garcia tenta traduzir de modo “alucinado” o transgressivo polonês que viveu na Argentina após a Segunda Guerra. Alvo preferido de suas buscas lítero-

psicanalíticas na revista, a obra de Gombrowicz – dono de um estilo “hecho de deslizamiento, de sustantivaciones, de alteraciones” – foge segundo ele à maneira usual de “leer *literatura*”, aquela que faz desaparecer a superfície textual com base nos mitos da “altura religiosa” e da “profundidad burguesa”.

Autores citados: Hegel; Freud; Rosolato; Lacan; Green; G. Delauze [sic]

Libros distribuídos en América Latina desde el 1 de marzo al 31 de abril de 1972. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 26, p. 26-28, Mayo de 1972.

Vocabulário Controlado: INFORME

En este número. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 27, p. 2, Julio de 1972.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Política; Acuerdo; Discusión

Resumo: Pequeno tijolo, editorial põe à mostra deliberadamente todas as dissensões no interior do conselho de direção. O centro do conflito é o artigo encomendado a Altamirano sobre o “Gran Acuerdo Nacional”, tema da edição. Parte do conselho (provavelmente García e Chorne) discorda da abordagem do “proceso político inmediato” numa revista cultural, mas “la mayoría del consejo de dirección no comparte el criterio antes expresado” e o artigo é incluído. Apesar de que o editorial tente enfrentar positivamente o debate, visto como “un síntoma de los problemas teóricos, políticos, ideológicos, ligados a la relación de los intelectuales con la política”, ele marcaria os estertores de H. Schmucler como diretor, ausente em definitivo a partir do nº 29 (início da fase formato “mao menor”) junto com Miriam Chorne e Germán García.

Autores citados: Carlos Altamirano; [marxistas]

SARLO SABAJANES, Beatriz. Los canales del GAN. Diez días de televisión. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 27, p. 3-6, Julio de 1972.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Comunicação

Palavras-chave: Discurso; Mito; Ideología; Burguesía; Semantización

Resumo: O nº 27 surge com uma televisão na capa – chamada para a crítica dos meios de comunicação de quatro páginas sobre a relação tevê e “Gran Acuerdo Nacional”. No terceiro parágrafo, Sarlo cita as *Recherches pour une*

sémanalyse de Kristeva e seu conceito de “ideologema” – enquanto “función intertextual materializada en los diferentes niveles de la estructura de cada texto” – que a levaria a uma polémica com Schmucler, vítima de pressões em relação ao vocabulário “técnico” da revista. Os meios segundo ela: “estructuras ideológicas míticas”, com a eficácia e o poder persuasivo da “novedad”. Uma conclusão: “Si la carta de la burguesía es el G. A. N., la televisión lo semantiza ‘inconscientemente’”.

Autores citados: [marxistas]; Julia Kristeva; Roland Barthes; Abelardo Ramos; Gazzera

CAVILLIOTTI, Marta. La política acuerdista en la Argentina. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 27, p. 8-9, Julio de 1972.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – História

Palavras-chave: Dependencia; Burguesia; Imperialismo; Hegemonia

Resumo: Síntese histórica sobre a longa trajetória da política “acuerdista” argentina desde 1831, com o “Pacto Federal”, tramado pelas classes dominantes litorâneas, ao vencer os grupos do interior. De conciliação em conciliação, as oligarquias nacionais conseguem manter-se no poder até o início do século XX, quando os radicais ameaçam a tradição “acuerdista” através de sua (mais suposta que) característica “intransigência”, embora o verdadeiro corte só ocorra com o advento do peronismo, quando o Estado passa a funcionar como único árbitro no jogo político de alianças. Após o golpe militar de 1966, causado por “el temor al retorno del populismo peronista”, a falência de sua gestão e a explosão dos setores populares, exuma-se outra vez o cadáver da conciliação, através da proposta do “Gran Acuerdo Nacional”. “La respuesta corresponde al pueblo que lucha para construir su propia Historia”, conclui iludida a historiadora.

Autores citados: Roca; Mitre

ALTAMIRANO, Carlos. El Gran Acuerdo Nacional. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 27, p. 10-12, Julio de 1972.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciência política

Palavras-chave: Burguesia; Hegemonia; Ideología; Revolución

Resumo: Centro da tormenta grupal, o artigo sociológico de Altamirano faz um ótimo apanhado da situação política argentina. Concorde-se ou não, o texto coloca vários pingos nos is do GAN, visto como “la respuesta política de las clases dominantes a la encrucijada que la movilización popular, prácticamente ininterrumpida desde

1969, ha creado en la sociedad argentina”. Além de seu conteúdo exclusivamente político outra razão deve ter feito tremer o conselho de direção: sua dura descrição do peronismo e de Perón enquanto instâncias sempre conciliatórias, em plena negociação com uma ditadura a cada dia mais violenta (seqüestros, mortes e torturas: “un hecho cotidiano de la política argentina”), com a qual colabora a seu modo o Partido Comunista. Por fim reivindica a constituição de uma esquerda revolucionária capaz de conquistar o poder e diz que “la lucha de clases que ha engendrado el GAN ... ha engendrado también las posibilidades de su fracaso”. A expressão “capitalismo dependiente” aparece cinco vezes em três páginas.

BAREMBLITT, Gregorio. El malestar en la cultura... y sus revistas. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 27, p. 14-15, Julio de 1972.

Vocabulário Controlado: POLÊMICA – Psicologia

Palavras-chave: Psicoanálisis; Política; Ruptura

Resumo: Esta polémica é claramente um sintoma da crise instalada em *Los Libros*, igualmente manifestado no editorial. Barembliitt, membro do Grupo Plataforma Argentino, que rompeu com a Associação Psicanalítica Argentina e mereceu farta divulgação no nº 25, responde às pesadas críticas de dois membros de seu próprio conselho diretor, Miriam Chorne (com Juan Carlos Torre) e Germán García (no nº 26). Apodando os primeiros como “A” e o segundo como “B”, o autor de dois dos artigos do volume *Cuestionamos* (ver nº 25) rebate as críticas de “eclecticismo, confusión de prácticas y enciclopedismo” feitas por “A”, que pretenderia impor seu ponto de vista político e psicanalítico, do mesmo modo que “B”, cujo tratamento é menos cavalheiresco: além de afirmar que García leu o volume de maneira miope – ou sequer o leu –, considera seu estilo mordaz como nada menos que uma forma de “cientificismo neo-colonialista francés”. Vera novela, seguem cenas dos próximos capítulos.

Autores citados: L. Althusser; M. Chorne; J. C. Torre; G. L. García; Freud; [marxista]; Lacan; [kleiniano]; [Hegeliano-kantiano]; Faure; Ortigues

GARCÍA, Germán Leopoldo. Respuesta a Gregorio Barembliitt. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 27, p. 15-19, Julio de 1972.

Vocabulário Controlado: POLÊMICA – Psicologia

Palavras-chave: Lectura; Mercado; Ruptura; Ideología; Deseo

Resumo: Primeira das duas réplicas a Baremlitt, o texto ganha espaço à vontade para o confronto portenho Klein versus Lacan. Em oito longos fragmentos (e quatro páginas), o autor de *Nanina* acusa a “izquierda freudiana” de “adherir a la doxa de su majestad, el cliente” (em um momento em que até o governo se considera de “centro izquierda”), e isto através da editora (Granica) de “vocación ‘contestataria’” que publicou *Cuestionamos*, além de afirmar entre muitas outras coisas o que marcaria o seu estilo e o do volume, baseado “en la lógica universalizante de la mercancía” ao confundir o ter com o saber e o gozo “bajo el signo de la apropiación”. Reduzindo-se e distanciando-se de Freud, Baremlitt segundo García utiliza pobremente a psicanálise para “construir figuras, más o menos descriptivas” a fim de explicar a opressão social. Baremlitt afinal é “B”, que é como havia classificado o não menos mordaz oponente em sua crítica-bumerangue.

Autores citados: F. Chatelet; Freud; W. Reich; B. Sarlo Sabajanes; M. Baranger; W. Baranger; J. Mon; A. Campo; Hanns Sachs; Jones; Faure; Ortigues; M. Langer; Marx; Lacan; Levi-Strauss; Engels; Laplanche; Marcuse; A. Glucksman; Althusser; M. Reich; M. Klein; F. Dolto

CHORNE, Miriam; TORRE, Juan Carlos. Respuesta a Gregorio Baremlitt. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 27, p. 19-21, Julio de 1972.

Vocabulário Controlado: POLÊMICA – Psicologia

Palavras-chave: Teoria; Materialismo histórico; Ideologia; Práctica social

Resumo: “... planteando el argumento como problema individual (‘un psicoanalista’) toda discusión es ociosa”, conclui a dupla de replicantes no final do texto, a propósito da filiação partidária. A afirmação poderia ser dirigida também à “mordacidade personalista” de García, mas aqui se trata do último capítulo da novela em torno de Baremlitt. A réplica em duo é de fato mais objetiva e eficiente do que a anterior. Diz, por exemplo, que o verdadeiro “B” mais reage do que responde por imposições da mera polêmica, oferecendo meias respostas às questões teóricas e ao ecletismo do programa dissidente, e questiona basicamente seu compromisso político sartriano, ao que contrapõe uma noção de “participación política” baseada na reflexão sobre o papel social dos sujeitos, “reapropiándose de la dimensión política que le es intrínsecamente propia”.

Autores citados: [marxista]; François Gantheret; J. M. Brohm; Carlo Donolo

CHORNE, Miriam; TORRE, Juan Carlos [M. CH; J. C. T.]. Contra la organización capitalista de la salud mental. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 27, p. 22, Julio de 1972.

Vocabulário Controlado: INFORME

Palavras-chave: Ruptura; Sistema

Resumo: Panfleto sobre “el bautismo en las calles” de los trabajadores da saúde mental de Buenos Aires, no dia 21 de julho de 72, que M. CH. e J. C. T. tratam de relacionar ao contexto de ruptura com a Associação Psicanalítica Argentina, procurando evitar as soluções tecnocráticas e “el camino de la impugnación ideológica que se cierra, impotente, sobre sí misma (tal sería el fin de una ‘APA de izquierda’)”, em clara continuação de seus últimos artigos na revista. Sua proposta principal é a de uma “lucha antiinstitucional” que contemple “la violación conciente de las reglas del juego”, “la desarticulación de las instituciones”, “la creación de embriones de estructuras alternativas”, entre outras formas provocativas de “oposiciones militantes”.

LIBROS, Los. Sobre la detención de Marcelo Viñar. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 27, p. 22, Julio de 1972.

Vocabulário Controlado: INFORME

Palavras-chave: Subversión; Psicoanálisis

Resumo: Nota de protesto da revista, corroborada por cinco entidades argentinas ligadas à saúde mental, sobre a prisão do psicanalista uruguaio M. Viñar, detido em junho de 1972 por se negar a delatar um paciente militante político. Um dos autores do volume *Cuestionamos*, Viñar foi impedido assim de apresentar um trabalho no (“actual”) Congreso Psicoanalítico de Caracas o qual tematizava justamente a “Incidencia de la realidad social en la práctica analítica”, segundo *Los Libros*, que finaliza repudiando o fato e manifestando sua adesão “al proyecto de una transformación radical de nuestra sociedad”.

Autores citados: M. Foucault; Maud Mannoni; Octave Mannoni; G. Deleuze; Freud

DE BRASI, Juan Carlos. La captación de una ausencia. A propósito de ‘Pequeños Asesinatos’. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 27, p. 24-25, Julio de 1972.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Cinema

Palavras-chave: Poder; Comunicación; Discurso; Crimen

Resumo: Crítica “retrospectiva” admirada – que não se pretende declaradamente uma crítica – sobre um filme norte-americano, com diretor, título original e qualquer outro detalhe sobre a produção sonegados à leitu(o)ra. Descreve os quatro relatos que compõem o filme, cuja “violencia estrutural” transforma os “pequenos asesinatos” em sintoma de relações sociais deterioradas: “una sociedad formada sobre el desencuentro de sus miembros sólo puede producir mal-entendidos, causas allí donde no las hay, explicaciones fallidas, ceremonias trágicas...”, escreve De Brasi sobre o sentido básico da narração-fantasma, remetendo elípticamente ao “império do mal”. Como captar essa ausência?

PIGLIA, Ricardo. De la traición a la literatura. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 27, p. 26, Julio de 1972.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Partido; Lenguaje; Revolución; Política; Sexualidad; Traición

Resumo: Piglia aborda um livro de contos de Andrés Rivera, *Ajuste de cuentas* (Centro Editor) que então lhe parecia exemplar ao unir um tipo de literatura política com o que chama de linguagem do desejo, numa trama aberta com ecos telquelianos cuja estrutura exhibe os seus próprios procedimentos, um “juego de espejos que hace ver lo que el relato nunca nombra”. Política e sexualidade são os eixos do livro: “la traición se desplaza, enlazando los dos niveles en un registro que es la génesis misma del relato”. Delação, infidelidade: “la traición es una relación con el lenguaje”. E a literatura, diz, é quem realiza ao final o *ajuste de cuentas*.

Autores citados: Joyce; Hemingway; Brecht; V. Woolf; T. Mann; Chase; Hammett; Borges; Mallea; Cortázar; Defoe; Shakespeare

CIAFARDINI, Horacio. Varsavsky: proyectos nacionales. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 27, p. 27-28, Julio de 1972.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Técnica; Dependencia

Resumo: Crítica de *Proyectos nacionales. Planteo y estudios de viabilidad* (Buenos Aires, Ed. Periferia), de Oscar Varsavsky. Pretendendo oferecer análises para um público amplo de planos de desenvolvimento que são na prática um “reino de la improvisación”, o autor segundo Ciafardini não faz mais que cair no reino do tecnicismo e da

superficialidade ele próprio, apesar de seus manifestos objetivos socializantes, ao menos “en lo económico”. Não satisfeito com sua noção “extraordinariamente deformada de la teoría de Marx” e com seu “‘manual de construcción de proyectos’ de lectura fácil” – ou, ao contrário, muito satisfeito –, Varsavsky promete um segundo volume sobre o seu “estilo” de projeto nacional, apelidado de “CREA” e orientado a uma vida “creativa” (dá pra crer?).

Autores citados: Marx; P. Baran; P. Sweezy

Libros distribuidos en América Latina desde el 1 de mayo al 31 de julio de 1972. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 27, p. 29-31, Julio de 1972.

Vocabulário Controlado: INFORME

El silencio de Trelew. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 28, p. 2, Setiembre de 1972.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Represión; Dictadura; Censura

Resumo: Texto em protesto pelo massacre de 16 militantes revolucionários em Trelew, por uma ditadura militar “destinada a imponer un interés de clase como la verdad universal”. Destaca também, mantendo tom emotivo, a lei de censura de 22 de agosto, sendo que ambas ações – o massacre e a censura – são vistas como “el síntoma de la desesperación de las clases dominantes”. A resposta do povo ao silêncio que sustenta a repressão, diz o editorial, é a imprensa revolucionária, “donde se escribe ese gran texto clandestino y anónimo que circula entre las masas para nombrar la historia”.

Hacia la crítica. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 28, p. 3, Setiembre de 1972.

Vocabulário Controlado: APRESENTAÇÃO

Palavras-chave: Ideología; Mercado; Literatura

Resumo: Esta introdução (em tom de editorial) à enquete sobre a crítica argentina proposta pela revista resume o seu próprio programa de luta ideológica. As palavras-chave são chavões que se multiplicam em um vai-e-vem entre *producción, ideología, clases dominantes, naturalización, mercado, sistema...* A crítica deve ser de ruptura e desvelamento da forma de produção da cultura burguesa que, através do mercado, esconde seu jogo, impõe o que é escrever bem e transforma a literatura em propriedade privada. Romper com essa legalidade é a sua missão, utilizando a

lingüística, o marxismo, a psicanálise e inclusive a antropologia como instrumentos básicos. O texto destaca por fim os nomes daqueles que responderam bem como os daqueles que não responderam à enquete (Jitrik, Viñas, Prieto e González), com suas quatro questões-padrão: 1. sobre a crítica e a ideologia da literatura imposta desde a escola; 2. a crítica e seus códigos, dados ou novos; 3. a crítica e o que é socialmente legível entre os vários sistemas de produção de um texto; e 4. a crítica argentina e sua capacidade de lidar com esses diversos sistemas, além da definição do que seria um projeto crítico pertinente.

Autores citados: Güiraldes; [marxismo]; Noé Jitrik; Santiago González; Adolfo Prieto; David Viñas; Aníbal Ford; Luis Gregorich; Josefina Ludmer; Ángel Núñez; Ricardo Piglia

FORD, Aníbal. Hacia la crítica. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 28, p. 4, Setiembre de 1972.

Vocabulário Controlado: ENQUETE

Palavras-chave: Crítica; Producción

Resumo: 1. Ford responde à primeira questão refutando-a, porque o corpus da escola não é o único, “como lo pone en evidencia un análisis político-cultural que integre las categorías de clase y dependencia”; 2. Mesmo gesto: não se trata de optar entre códigos dados ou novos mas de integrá-los; 3. Seguindo seu raciocínio, a crítica “puede y debe” relacionar diversos sistemas e o que é “legible”, e o próprio questionário é posto em dúvida novamente: “Es casi el ‘vaciamiento’ de la literatura como proceso cultural”; 4. Responde em dois tempos: i) sobre relação entre sistemas extraliterários e texto em si na Argentina, ambos devem ser dialeticamente relacionados; ii) sobre os limites de um projeto crítico, enfatiza a dialética entre este e a indústria cultural e a atenção aos “modelos castradores”, internos ou externos.

GREGORICH, Luis. Hacia la crítica. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 28, p. 4-5, Setiembre de 1972.

Vocabulário Controlado: ENQUETE

Palavras-chave: Ideología; Sociedad

Resumo: 1. Como em Ford, não se trata somente da escola mas da ideologia produzida em todo âmbito social; 2. Iniciando pela imprecisão da pergunta, considera na Argentina a existência de códigos “exógenos”, que confundem literatura com entretenimento e são dominantes, e “endógenos”, em que “boedismo” e “martinfierismo” se confrontam e se mesclam, ao lado do “subcódigo” dos meios de comunicação,

sendo o ideal da crítica a seu ver um “código de códigos”; 3. A literatura é antes de tudo uma “lectura”, um “uso” que só pode estar em relação com outros sistemas; 4. Conforme já disse, a crítica se insere numa “totalidad cultural” e, antes que um projeto, deve ser uma forma de combate às classes dominantes.

LUDMER, Josefina. Hacia la crítica. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 28, p. 5-6, Setiembre de 1972.

Vocabulário Controlado: ENQUETE

Palavras-chave: Producción; Ideología; Lectura

Resumo: A resposta de Ludmer é (um alívio) a única que reúne – e anula ou paralisa – as quatro perguntas, para se transformar (inescapavelmente) em panfleto socialista apenas ao final. Para ela, há um “desequilibrio terminológico” na enquete – “no se trata de enfrentar ‘la producción de un texto’...”, de modo antiburguês, “con ‘la crítica’” ao modo burguês. Nas duas primeiras perguntas, duas falhas: “están planteadas en términos binarios y se apoyan en un trabajo previo, inexistente en la Argentina”, além de que “las respuestas están implícitas en las preguntas mismas”. Por isso se atém às duas últimas, sobre o “extra-literario”, que deixa de ter sentido na medida em que as questões separam o “objeto literario” do “objeto crítico”. Ao contrário, o sistema de produção de uma obra “es la obra misma, es su sistema”, e o trabalho crítico não pode ser um discurso segundo e submisso, devendo “rehistorizar y materializar el proceso literario”. Ao final dirá que a crítica não pode fazer mais que trazer à tona a ideologia implícita em uma literatura cujo sistema (“capitalista imperialista”) representa a sua negação absoluta, pois o “proceso infinito de expansión de la significación escrita” é estancado e predeterminado.

Autores citados: Frances Vernier; Althusser

NÚÑEZ, Ángel. Hacia la crítica. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 28, p. 6, Setiembre de 1972.

Vocabulário Controlado: ENQUETE

Palavras-chave: Crítica; Cultura

Resumo: 1. Crítica literária = Cultura liberal, segundo Núñez, para quem ao mesmo tempo só o acesso do povo ao poder pode “instaurar un nuevo sistema de enseñanza”, absolutamente necessário; 2. A crítica não pode pretender ter um código próprio e ninguém escapa “al orden ideológico”; 3. A crítica tenta explicar as relações inter-sistemas, diz, e a função da crítica argentina atual é adaptar “a nuestra propia cultura” o importante

avanço metodológico gerado nos países “centrais” no século XX; 4. “Adaptación” é sua mágica chave para a questão, “desde nuestro actual enfoque liberador, que es el peronismo”...

Autores citados: Greimas

PIGLIA, Ricardo. Hacia la crítica. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 28, p. 6-7, Setiembre de 1972.

Vocabulário Controlado: ENQUETE

Palavras-chave: Classe; Produção; Prática

Resumo: 1. Crítica burguesa versus Crítica materialista: perguntar por esta “função” é “analizar los códigos de clase que decretan la propiedad de lo literario”; 2. “... apoyarse en las contradicciones de una cultura de clase es un modo de luchar por una nueva práctica de la cultura, eludiendo las mistificaciones iluministas de cierta crítica ‘de izquierda’” (Agosti é o nome do boi); 3. Com Marx e Mao: não tanto criar produtos mas produzir o sistema de relações sociais que ordenam sua estrutura de significação, tendo em conta não só a produção mas “la cuestión del desarrollo desigual de la práctica social” de que fala Tse-Tung; 4. Ver por um lado como se constitui um sistema literário dependente, denunciando o populismo em moda na Argentina atual, e por outro descentrar o lugar do intelectual e “poner la lucha de clases en el centro del debate”; a chave para Piglia é o conceito de tradução, a fim de analisar as relações entre literatura e dependência.

Autores citados: Gramsci; H. P. Agosti; Marx; Mao

SARLO SABAJANES, Beatriz. La enseñanza de la literatura. Historia de una castración. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 28, p. 8-10, Setiembre de 1972.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Educação

Palavras-chave: Literatura; Sistema; Ideologia; Teoria

Resumo: Abordagem do tema da educação com outra espécie de panfleto, em análise do curso de Letras da Universidad de Buenos Aires, que Sarlo havia seguido e cuja carreira “sin problemas” era “dócil y ‘femenina’”: “la negación de la teoría es la teoría de la carrera”, disse. Porque não se leva em consideração, segundo seu discurso forte: a literatura como sistema; a apropriação desse sistema pelas classes dominantes; o problema de legibilidade que instala em sua relação com os diversos verossímeis genéricos. Ou seja, uma problemática *telqueliana* no momento de explosão maoísta, a qual solicita reprodução das duas primeiras frases de seu discurso (ou será por culpa

do recorde absoluto de 64 autores citados?): “Este texto no me pertence. Sólo lo he escrito”...

Autores citados: Todorov; Antonio Pagés Larraya; Amado Alonso; Anderson Imbert; Platón; Gustave Lanson; Brunetière; Lugones; Greimas; Segre; Martínez Bonati; Gaston Bachelard; Marc Barbut; Roland Barthes; Maurice Blanchot; Carlos Bousoño; Cleanth Brooks; Karl Bühler; Michel Butor; Raúl H. Castagnino; Benedetto Croce; Silvio D’Amico; Galvano Della Volpe; Giacomo Devoto; Guillermo Diaz-Plaja; Dilthey; Michel Dragomirescu; Umberto Eco; T. S. Eliot; William Empson; Vicente Fatone; Delfin L. Garasa; Gerard Genette; Juan Carlos Ghiano; Lucien Goldmann; Antonio Gramsci; Pierre Guiraud; Arnold Hauser; Charles Hockett; José Isaacson; Wolfgang Kayser; Lessing; Raimundo Lida; Georg Lukacs; Karl Marx; Maurice Merleau-Ponty; León Miras; José María Monner Sans; Charles Morris; Ortega y Gasset; Jules Pfeiffer; Plejánov; Luis Prieto; Eugenio Pucciarelli; Herbert Read; I. A. Richards; Jean-Paul Sartre; Leo Spitzer; Tzvetan Todorov; Guillermo de Torre; Philippe Van Tieghem; Tudor Vianu; René Wellek; W. K. Wimsatt

RIVERA; Jorge B. Literatura y peronismo. Las dificultades de lo explícito en literatura. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 28, p. 12, Setiembre de 1972.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Historiografia; Contendismo; Sistema

Resumo: O crítico cultural goldmanniano “por la liberación” J. Rivera arrasa o livro de Ernesto Goldar, *El peronismo en la literatura argentina* (Buenos Aires, Ed. Freeland, 1971), o qual cita Goldmann mas não o seguiria conseqüentemente porque em sua visão da literatura (exclusivamente “cult”) como “historiografía *sui generis*” não passa da “más clásica concepción de la novela realista burguesa”, deixando-se seduzir “por la esquemática facilidad de un tematismo y de un contendismo francamente superados” e abrindo mão dos novos instrumentos da crítica como prática cultural. “Y por este camino su trabajo se despeña en la mera redundancia crítica”, “zonas de ataque”), etcétera.

Autores citados: Manuel Gálvez; Daniel Moyano; Discépolo; Gramsci; Lukacs; Bachelard; Fanon; Lucien Goldmann; Barthes; Mauron; [neotainismo]; Bioy Casares; Borges; Pérez Zelaschi; Peyrou; Dabove; Walsh

JITRIK, Noé. Una nueva etapa en el trabajo crítico. “Cien años de soledad, una interpretación” de Josefina Ludmer. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 28, p. 14-15, Setiembre de 1972.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: LUDMER, Josefina
Palavras-chave: Producción; Psicoanálisis; Ideología

Resumo: O primeiro parágrafo dessa exaltação estudada do livro de Ludmer trabalha contra o próprio resenhista: Jitrik considera de cara “remanida y tediosa” a pergunta sobre a crítica argentina (e lembre-se que o crítico foi um dos que se negou a participar da enquete nesse mesmíssimo número), a qual estaria marcada “por el servicio a una ideología de la ‘obra’”, sendo que a mesma Ludmer recupera a noção de “obra” (enquanto “actividad del trabajador”) em sua resposta à mesma enquete páginas atrás. De modo que este texto tem dupla finalidade: responder obliquamente à enquete e exaltar, com reservas dignas de “pai contornista (morto)”, o “trabajo crítico” de Ludmer (usando a expressão para diferenciá-lo da crítica corriqueira). Porque se o considera um “indiscutible progreso”, enquanto “modelo dual” que rompe o isolamento entre criação (positiva) e crítica (negativa), e isto sem competir com a obra (diz o mesmo Jitrik) ou humilhar o leitor, além de utilizar o arsenal descoberto por Freud para fazer “psicocrítica” e não psicanálise, por outro lado emprega o modelo edípico “como un universal” e incorre em “cierta acumulación que da una idea de transcripción” (como vê em livros que são fruto de seminários, a exemplo de *S/Z*). Com essa observação, Jitrik parte para uma conclusão indecisa: falar apenas para especialistas – como sugere ser o caso – ou conseguir que o “trabajo crítico” possa servir àqueles que “creen en los procesos de producción”, a exemplo da literatura – como também seria o caso do intrigante livro de Ludmer sobre o *best-seller* de García Márquez.

Autores citados: Derrida; Barthes

ROMANO, Eduardo. “El fuego de la especie” de Noé Jitrik. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 28, p. 16, Setiembre de 1972.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: JITRIK, Noé
Palavras-chave: Crítica; Cultura; Estructuralismo
Resumo: A revista é generosa com o crítico “académico” (“en el mejor sentido”) Jitrik: após o

desdém à enquete e as duas páginas de seu próprio punho sobre Ludmer, concede-lhe outra de elogios a propósito de seu novo livro, *El fuego de la especie* (Buenos Aires, Ed. Siglo XXI), por um autodenominado crítico “militante”. E. Romano considera os ensaios do volume como os de seu período “más creador” (pós-66, com seu desligamento das universidades de Córdoba e Buenos Aires), conseguindo ser científico, através dos aportes do estruturalismo francês, sem ser dogmático, adaptando com êxito suas categorias “a los signos literarios de obras narrativas argentinas”, o que não ocorria em seus trabalhos anteriores, marcados pelo existencialismo, em atitude “deformadora y dependiente”, “por complejo de inferioridad”. Mas, como se sabe, Jitrik não vai tão longe, e se preocupa em procurar antídotos contra a “ortodoxia estructural” seja através do manifesto receio de cometer “delito de sumisión ideológica” (que os colegas de geração não perdoariam), seja, como exalta Romano, “porque en su perspectiva sobreviven categorías previas a la ortodoxia cultural”, como a de “significado intencional, de origen fenomenológico”. Vale dizer, permanece indeciso, no meio do caminho.

Autores citados: José Hernández; E. Echeverría; Cortázar; Roland Barthes; Jacques Derrida; Horacio Quiroga; Leopoldo Lugones; Maurice Blanchot; Macedonio Fernández; Payró; Borges

SCHMUCLER, Héctor. La búsqueda de la significación literaria. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 28, p.17-18, Setiembre de 1972.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Escritura; Ideología; Producción; Texto

Resumo: Em rara aparição em sua própria revista (que aliás deixa de ser sua a partir da próxima), Schmucler engendra um texto contundente dedicado ao segundo volume de *Nueva novela latinoamericana. La narrativa argentina actual* (Ed. Paidós), com ensaios do que seria a “nueva crítica” compilados por Jorge Lafforgue. O texto chama a atenção por dois motivos: Schmucler não poupa vários de seus próprios colaboradores e dedica quatro parágrafos para refutar ninguém senão Jitrik, destruindo assim a exaltação de Romano na página anterior (que, por sua vez, também tem seu ensaio no volume destruído pelo diretor!). Arranca – exceções feitas a seus colegas fundadores da revista, Piglia e Rosa – destacando uma “ausencia capital: la significación específica del material analizado”, passa a uma reflexão

sobre a “nueva crítica” como prática da “escritura”, para afirmar em seguida que a justificação do compilador sobre os treze ensaios reunidos é confusa e pouco convincente, e então se deter em Jitrik, tido como “difícil” e como um teórico “de sí mismo” que despeja conceitos que “se dan por sabidos”, e às vezes de modo equívoco, ao mesmo tempo que fica no meio do caminho (conforme observado no resumo anterior) e dá lugar a confusões ao dispensar o emprego de um ensaio derridiano fundamental, *De la grammatologie*. De resto considera o trabalho greimasiano do Centro de Investigaciones Literarias Buenosayres (que incluía Sarlo) sobre Marechal de “una insuperable carencia imaginativa”, o de Romano dedicado a Conti de “un valor ético indemonstrable”, o de Ford sobre Walsh como limitado, enquanto apenas descreve em uma frase o de Rivera sobre Bioy Casares e destrói em rápidas pinceladas os de Barrenechea (por que “su inclusión en un intento de nueva crítica”, pergunta-se), Ulla e Fernández Moreno (que, irónico, afirma merecer uma inversão no título: de “El caso Sábato” para “El caso Fernández Moreno”). E conclui voltando a Piglia – que “propone sucesivas aperturas” à leitura de Puig – e Rosa – no qual o labirinto borgiano deixa de ser referente mítico para constituir o espaço blanchotiano de significação de sua narrativa, tida por Schmucler como “revolucionária”.

Autores citados: Nicolás Rosa; Ricardo Piglia; Noé Jitrik; Macedonio Fernández; Raymond Roussel; Julia Kristeva; Jaques Derrida; [saussurianos]; [marxista]; Marechal; Propp; Greimas; Eduardo Romano; Conti; Claude Bremond; Aníbal Ford; Rodolfo Walsh; Jorge B. Rivera; Bioy Casares; Ana María Barrenechea; Noemí Ulla; Di Benedetto; Sábato; César Fernández Moreno; Manuel Puig; Borges; Blanchot

MATAMORO, Blas. Borges y la crítica. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 28, p. 19-20, Setiembre de 1972.

Vocabulário Controlado: POLÊMICA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: BORGES, Jorge Luis
Palavras-chave: Ciencia; Ideología; Praxis; Dialéctica; Realidad

Resumo: “Chocolate, más chocolate”: esta é a visão pejorativa de Matamoro em sua réplica da crítica que N. Rosa faz de seu livro dedicado a Borges na edição anterior. Acusa-o de “cientificista”, confrontando seu suposto formalismo com “lo que yo pretendo hacer”: “sociología del conocimiento a partir de la

textualidad literaria”, com base na dialética e na práxis. Acusa-o assim de praticar um “racionalismo predialéctico”, clássico, positivo. Ao final, em onze parágrafos pontuais, rebate acusações de leitura equivocada de Borges, além de Freud e Marx. Leia-se a (longa) tréplica de Rosa a seguir.

Autores citados: Nicolás Rosa; Freud; Marx; Roland Barthes; Eco; Piaget; Bachelard; Goldmann; Marcuse; Hegel; Sartre; Marx; Greimas; Kristeva; Derrida; Jung; Eliade; Lévy Bruhl; Benjamín; Jan Broekman

ROSA, Nicolás. Contracrítica. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 28, p. 21-24, Setiembre de 1972.

Vocabulário Controlado: POLÊMICA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: MATAMORO, Blas
Palavras-chave: Teoría; Texto; Escritura; Ideología; Sujeto; Producción

Resumo: “Es posible” versus “no es cierto”, diz Rosa querendo dizer: tudo é possível no método empirista grosseiro de Matamoro que, com suas negações, elaboradas enquanto sintomáticas por Freud, não oferece mais que... “chocolates” (v. resumo anterior). Matamoro não entende o que quer dizer; é “contenidista” de tipo subsartriano; idealista; historicista; desviacionista-reformista; faz uma crítica ideológica arcaica, monológica e taxativa, sobre a base de um método meramente biográfico, psicologista, substancialista e determinista. Rosa mostra todas essas qualidades da crítica matamorista ao mesmo tempo que discorre longamente sobre psicanálise e existencialismo para mostrar o conteúdo latente que seu adversário esboça sem poder ver, exatamente como abordaria o seu objeto crítico.

Autores citados: Freud; Louis Althusser; Borges; Lenin; Sartre; Marx; Gastón Bachelard; Polivanov; Léon Robel; [hegeliano]; Viñas; Jitrik; Prieto; Luis López Ballesteros de Torres; T. Todorov; Jean Reboul; Goldmann; Baudelaire; Molinari; María Angélica Bosco; Alicia Jurado; Herbert Marcuse [sic]; Sebrelí; Piaget; Luckacs; Genet; Engels; Flaubert; Badiou; [saussuriano]; F. J. Hoffmann; Ernst Kris; Annette Lavers; Lacan; Emile Benveniste; Jung; Otto Rank

PRADA, Horacio. Heroína: De la Torre al abismo. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 28, p. 26, Setiembre de 1972.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Cinema
Palavras-chave: Ideología; Clase media; Novela; Psicoanálisis

Resumo: “¿Cómo ocupar la escena en nombre del compromiso, mediante un oportunismo político y estético que no nos comprometa realmente?” Com essa questão, que o filme “Heroina” reprime, Prada sintetiza sua crítica do trabalho a quatro mãos do cineasta De la Torre e do escritor e psicanalista Emilio Rodrigué, cujo romance de mesmo título havia sido publicado em 68. Chama a atenção para o “desplazamiento temático ideológico significativo” da passagem do verbal para o visual, com concessões à censura e ao mercado e com uma retórica “en climas neo-capitalistas” que serve para “cubrir el abismo analítico”, tematizado por Rodrigué, apesar de que, segundo Prada com ironia, “‘Heroina’ no tiene nada que ver con el psicoanálisis, sino que propone una terapia, vagamente emocional, donde la manifestación obrera es homóloga al grupo psicológico, donde la conciencia determina el inconciente y no al revés”.

Autores citados: Cortázar; Borges; Cooper; M. Langer; J. Lennon; S. Freud; López Guerrero; Laing; Marx; Godard

LUDUEÑA, Julio. La ficción de la ficción es la realidad. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 28, p. 27, Setiembre de 1972.

Vocabulário Controlado: DOCUMENTO – Cinema

Palavras-chave: Censura; Ficción; Cultura

Resumo: Reprodução do texto de apresentação do filme erótico-político *Alianza para el progreso*, de Ludueña, “prohibido en la Argentina, realizado en la Argentina”, como diz a pequena introdução. “La situación de los cineastas argentinos era desesperante”, começa o diretor, para agregar convicto depois: “bastó marginarse del sistema para superarlo”. Contra o colonialismo hollywoodiano – “siempre realismo y nunca realidad” – propõe a ficção, antes que o documentário, abandonando a tradição do cinema político latino-americano, para explicar um processo, “descubrir su verdadera estructura y ensayar sobre él”, substituindo a psicologia dos personagens pelo distanciamento de seus papéis. Conclui que o seu é “un film tan malo como nos propusimos realizar”, deliberadamente, para os padrões de uma cultura opressora.

Los “altos mandos”, mandan. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 28, p. 28, Setiembre de 1972.

Vocabulário Controlado: DOCUMENTO

Palavras-chave: Medios; Subversión

Resumo: Impressionante documento elaborado pelo governo militar para punir militantes ligados

às universidades e controlar os meios de comunicação rigidamente, além de instrumentar “un mecanismo idóneo para dirigir y controlar la acción psicológica” no país e no exterior. Para ser remetido a cada “Comandante de Cuerpo” do Ejército, sem assinatura, acompanhado de nota do General Herrera, “Jefe del Estado Mayor”. Basta um exemplo entre os 21 pontos: “Aplicar la ley [promulgada a reforma do Código Penal na data do documento, 22 de agosto de 1972] a las publicaciones subversivas y/o destructivas. Suspender dichas publicaciones de inmediato”.

Libros distribuídos en América Latina desde el 1 agosto al 15 de septiembre de 1972. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, año 4, nº 28, p. 29-31, Setiembre de 1972.

Vocabulário Controlado: INFORME

Editorial. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 29, p. 3, Marzo-Abril de 1973.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Cultura; Lucha de clases; Contradicción

Resumo: “Puntos de partida para un trabajo crítico”, anuncia o primeiro editorial da revista em sua nova formação – apenas Altamirano, Sarlo e Piglia no “consejo de dirección”, tendo “desechado a” Schmucler – e seu novo formato – Isabel Carballo mantida como “diseñadora gráfica” –, cinco meses após o último número (a iconografia passa a ser exclusivamente nacional, popular e guerrilheira). O texto discorre sobre a complexidade do conceito de cultura implícito na consigna “Para una crítica política de la cultura”, sua presença material (e não “espiritual”) em uma sociedade classista, e a necessidade de intervir na conjuntura nacional, evitando os riscos do reducionismo e da crítica abstrata. O movimento em direção à China surge aqui de forma concreta, desde o discurso guerrilheiro até o novo formato e a nova diagramação, respondendo aos padrões ideais de revista antiburguesa. Anuncia-se por fim os temas da edição 29 – ainda a tevê e o GAN, as eleições, o pensamento econômico burguês latino-americano e a questão da dependência, Arlt segundo Piglia, as relações entre ciência e ideologia – e das próximas, em preparação, sobre saúde mental “o” educação na Argentina.

Autores citados: Arlt; Sastre; Bertoldo

SARLO SABAJANES, Beatriz. Elecciones: cuando la televisión es escenario. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 29, p. 4-10, Marzo-Abril de 1973.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Comunicación

Palavras-chave: Discurso electoral; Televisión; Política; Burguesía; Ideología; Censura

Resumo: O novo panfleto de Sarlo, com sete páginas, mira novamente a televisão em função da campanha eleitoral daquele ano e demonstra a grande preocupação diante da consolidação daquilo que viria a chamar de *videopolítica*, caracterizada pela degradação. Propõe a análise da “estructura del discurso político en el medio”, vendo na tevê – já presente em dois milhões e meio de *hogares* argentinos – um “aliado y confirmador del proceso electoral”, transformado em espetáculo, não sendo por acaso o meio mais censurado e autocensurado do país. Manifesta sua crença na “amenaza de la calle” e não deixa de observar que as eleições (realizadas a 11 de março) passam “de lo real al verosímil político” via televisão.

Autores citados: Abelardo Ramos

ALTAMIRANO, Carlos. Acuerdo y elecciones: el discurso del GAN. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 29, p. 12-14, Marzo-Abril de 1973.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciencia política

Palavras-chave: Ideología; Burguesía; Lucha de clases; Liberalismo

Resumo: “Hay que Acordar”: estas três palavras sintetizam segundo Altamirano o discurso político oficial do “Partido Militar” através do Gran Acuerdo Nacional, representando o terceiro ensaio da “Revolução Argentina” (março 1971) em sua variante eleitoreira. Com o objetivo de analisar enunciados da “convocatoria electoral” e seu sentido político na estrutura do GAN, o artigo denuncia seus valores “humanistas” e “ciudadanos” – a igualdade jurídico-formal como “verdadero paraíso de los derechos del hombre”, como ironizava Marx –, e o fato de que o Acordo seja prévio à democracia e às eleições, significando meramente “gobierno constitucional bajo control militar”. Assinala ainda o temor daquilo que é reprimido no discurso oficial – as insurreições populares cada vez maiores – e a imposição de seu método para superar a crise: “renovar para conservar”, apostando na institucionalização definitiva do peronismo enquanto “Gran Mediador de las demandas populares”.

Autores citados: Marx; T. Vasconi; M. A. García

CIAFARDINI, Horacio. Argentina: Desarrollo capitalista dependiente y discurso ideológico. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 29, p. 15-18, Marzo-Abril de 1973.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Economía

Palavras-chave: Proletariado; Burguesía; Monopolio; Revolución

Resumo: Sobre a submissão da Argentina e da América Latina ao “capital imperialista” internacional e suas diversas justificações, enquanto “la ruptura de la dependencia implica una revolución social”, segundo Ciafardini. Custaram caro as ilusões do pensamento “desarrollista”, ligado às concepções liberais, os quais identificam soberania com desenvolvimento mas acabam agravando a dependência dos países latino-americanos, segundo ele. Diante disso o próprio “capital imperialista”, aliado às classes dominantes desses países em crise, erige o Estado (“burgués dependiente”) como “instrumento adecuado para resolver las contradicciones de la dependencia”, ocultando-se por um lado as firmes

raízes dessa condição de submissão nas relações de produção burguesas e por outro a única solução para a questão: “La extirpación” dessas mesmas relações pela via socialista. Como exemplo de “desarrollistas” aparecem teóricos ligados à CEPAL, entre os quais encontram-se os brasileiros Furtado (explicitamente citado) e Cardoso.

Autores citados: O. Barsky; C. Cristiá; E. Ferrer; E. Gastiazoro; E. Lifschitz; E. Cimillo; M. Turkieh; Raúl Prebisch; Adam Smith; A. Krieger Vasena; Julio C. Cueto Rúa; Celso Furtado; André Van Dam

ARLT, Roberto. El poeta parroquial. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 29, p. 20-21, Marzo-Abril de 1973.

Vocabulário Controlado: FICÇÃO

Palavras-chave: Poeta; Soneto; Talento

Resumo: Relato breve e mordaz sobre um vate portenho da “parroquia de Flores”, Alejandro Villac, cuja fotografia apareceu, para eterna consagração, em *El Hogar*. Narra a visita de dois amigos – um falso e outro ingênuo admirador – à casa de Villac. Reproduzido como introdução ao ensaio de Piglia a seguir, com três importantes linhas de apresentação: “Este relato fue publicado por Arlt en la revista *Proa*, en marzo de 1925, como anticipo de ‘El juguete rabioso’. Cuando la novela apareció al año siguiente, el capítulo había sido excluido”.

Autores citados: Evaristo Carriego; Guido Spano; Carducci; D’Annunzio; Manzoni; Ricardo Gutiérrez; Usandivaras; Betinotti; José M. Braña

PIGLIA, Ricardo. Roberto Arlt: una crítica de la economía literaria. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 29, p. 22-27, Marzo-Abril de 1973.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Literatura

Nome Pess. como Assunto: ARLT, Roberto

Palavras-chave: Producción; Escritura; Texto; Ideología; Clase; Lectura; Transgresión; Propiedad

Resumo: Um texto central para Piglia e para a história da crítica de Roberto Arlt, em seis páginas antecipadas pelo conto inédito. Seria um capítulo do livro que não existe mas que já havia sido inclusive batizado: *Traducción: sistema literario y dependencia*. Ao final do ensaio anuncia-se também a publicação de outro capítulo do livro inexistente, “La traducción: legibilidad y génesis del valor”, para o nº seguinte. No entanto Piglia só reaparecerá cinco edições à frente, em número especial sobre a China (maio-junho 74), após conhecer *in loco* a revolução cultural proletária do

outro lado do planeta. Enfatiza a ambigüidade de Arlt, entre a onipotência e o fracasso, e o modelo dependente sobre o qual se ordenaria o sistema literário na Argentina.

Autores citados: Carlos Alberto Leumann; José Bianco; Ponson du Terrail; Montparnasse; Tenardhier; Juan Jacobo Russeau [sic]; Charles Baudelaire; Baudrillard; Erostrato; [borgeanas]; Sue; Dostoievski; Jakobson

SASTRE, Carlos L. Servidumbre de la psicología. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 29, p. 28-30, Marzo-Abril de 1973.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Psicología

Palavras-chave: Ideología; Ciencia; Crítica

Resumo: Crítica de *Psicología, mito científico* (Barcelona, Ed. Anagrama, 1972), de Didier Deleule, o qual, segundo Sastre, consegue conjugar uma “postura epistemológica sólida y precisa” com uma “lectura cuidadosa” dos textos da disciplina, a fim de mostrar que a psicologia, além de não ser uma ciência, é constituída enquanto resposta a uma “demanda de control social”. Seria portanto uma ideologia em disfarce de ciência em todas suas variantes, do “conductismo” de Watson ao psicodrama de Moreno e a psicologia clínica. Sastre reserva seus últimos parágrafos a uma crítica da crítica, após reiterar o “gran valor teórico” do livro, sublinhando que peca ao não extrair as implicações determinantes da tentativa de dissolução do “discurso subversivo del psicoanálisis freudiano”, além de “presentar ausencias” injustificáveis, como a psicologia genética de Piaget, entre outras.

Autores citados: Auguste Cournot; Canguilhem; Politzer; Watson; [marxistas]; Naville; Taylor; Moreno; Allport; Rogers; Linder; [freudiano]; [sartreana]; Karen Horney; Piaget; Wallon; Merleau-Ponty; Jaspers

BERTOLDO, Carlos. ...Y el azar hizo al hombre. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 29, p. 32-33, Marzo-Abril de 1973.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciencia

Nome Pess. como Assunto: MONOD, Jacques

Palavras-chave: Filosofía; Dialéctica; Azar

Resumo: Crítica marxista sem concessões a *Del idealismo “físico” al idealismo “biológico”* (Barcelona, Ed. Anagrama), volume que reúne em torno da aula inaugural do cientista J. Monod no Collège de France um comentário de Piaget sobre seu livro *El azar y la necesidad* e um curso de Althusser sobre a mencionada aula. Sobre o texto deste, Bertoldo dirá que ao abordar o “aspecto

ideológico-cultural” do discurso de Monod esquece de “mostrar su inserción en la cuestión del ejercicio del poder en la sociedad capitalista”. De Piaget, afirmará que critica os aspectos “más esencialmente ‘científicos’ del libro” e sua negação da dialética, que reivindicaria independente de qualquer escola – o que serve a Bertoldo para impor a verdade em relação à dialética na sociedade burguesa: aquela do materialismo histórico e dialético. Quanto a Monod, vê passar dos conceitos “científicos” (sempre entre aspas) à “irracionalidad” e “mete[r] el azar para cubrir la distancia entre lo deducible y lo explicable”, esquecendo que “deducción y explicación son aspectos de un mismo proceso”. Aceite-se que o azar não pode se tornar força absoluta, como quer Monod: a luta de classes tampouco o é – mas esta acaba de se converter em dogma na nova versão de *Los Libros*.

Autores citados: Jacques Monod; Louis Althusser; Jean Piaget; [marxismo]

STEIMBERG, Oscar. Pretencioso como Juan Moreira. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 29, p. 35, Marzo-Abril de 1973.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Psicoanálisis; Lenguaje

Resumo: O artigo deslizante de Steimberg deve ter assustado de início, senão ao autor de *El frasquito* (Ed. Noé), a seus potenciais leitores, pois começa criticando ambigualmente a anteposição de um prólogo – de ninguém senão Piglia –, a existência de claros-escuros no texto, e logo comentando uma crítica em revista (*7 Días* nº 300) que o considera “elitista, pretencioso, deliberadamente críptico” em seus elementos psicanalíticos. Tais epítetos no entanto servem ao articulista (talvez mais merecedor deles) para trazer à baila a linguagem baixa dos gaúchos, de que Gusmán faz uso, ao lado de outras mesclas humoradas, “entre la reflexión y la poesía”. Conclui que *El frasquito* é “una buena novela” “para sorprenderse”, “para no entender”, tendo seus antecedentes em O. Lamborghini (*El fiord*) e G. García (*Cancha rayada*).

Autores citados: [faulknerianas]; Nora Dottori; Eduardo Gutiérrez; [lautremontiano [sic]]; Osvaldo Lamborghini; Germán García

Libros distribuidos en Buenos Aires entre noviembre de 1972 y febrero de 1973. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 29, p. 37-39, Marzo-Abril de 1973.

Vocabulário Controlado: INFORME

MANNONI, Octave. La ilusión cómica o el teatro desde el punto de vista de lo imaginario. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 30, p. 3-11, Junio-Julio de 1973.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Psicanálise
Palavras-chave: Imaginario; Juego; Síntoma; Yo
Resumo: Ausentes editorial inicial e “libros distribuidos” ao fim, esta edição é aberta com um longo texto psicanalítico sobre o teatro e a noção de ilusão, escrito em 1957, apresentado na Sociedade Francesa de Psicanálise e finalmente incluído em *Clefs pour l’imaginaire ou l’Autre Scène* (Ed. du Seuil, 1969), o qual seria publicado em breve na Argentina (Ed. Amorrortu). Utilizando como principais exemplos passagens de Shakespeare e Pirandello, e preenchendo a lacuna deixada pela psicanálise em relação ao teatro enquanto tal (a exceção apontada é um artigo de Freud de 1906, só publicado em 42), Mannoni discute as noções de identificação e de personagem, além de ilusão, em relação ao sujeito, ao prazer, aos sonhos e ao imaginário. Observa por exemplo que, se o teatro em diversas épocas é orientado pelo espírito do momento, na atualidade “la escena del teatro pasa a ser la extensión del yo con todas sus posibilidades” (enquanto antes fora dos grandes mitos, das religiões ou do “ideal do eu” na identificação com um herói). E conclui que o teatro “quizá sea, más que ilusión, reducción de la ilusión”.

Autores citados: Pirandello; Brecht; Mallarmé; Freud; Fechner; Corneille; Shakespeare; Leiris; Henry James; Delboeuf; Dante; Labiche; Gérard de Nerval; Aristóteles

CASTELLS, Manuel; DE IPOLA, Emilio. Ideologías y ciencias sociales. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 30, p. 13-22, Junio-Julio de 1973.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciências sociais

Palavras-chave: Teoría; Práctica; Ideología; Verdad; Producción

Resumo: “O se aceptan las reglas de método científico, o no se puede discutir” (nota 1): “terrorismo abstracto”, “pacto de sumisión” (da teoria à metodologia), “filosofia idealista del conocimiento”, “verdad a-histórica”, “sujeto = objeto = verdad”, “humanismo historicista”, “positivismo”, “empirismo”, “formalismo”, “hiperempirismo dialéctico”, “teoría general de la acción”, “obstáculo epistemológico”, “arma ideológica de las clases dominantes”, “ideología estructuralista”, “orden de órdenes”, “filosofia

espontánea del pragmatismo social”, “subjetivismo generalizado”, “biografías individuales” e “problemática materialista de la producción”. Chavões não abrem portas grandes, infelizmente, neste caso. Nem mesmo o último, representante da ideologia dos autores desse longo fragmento de ensaio que a nova *Los Libros* reproduz e cujo título fala por si: “Práctica epistemológica y ciencias sociales, o como desarrollar la lucha de clases en el plano teórico sin internarse en la metafísica” (Escuela Latinoamericana de Sociología, París, Montreal, Santiago de Chile, 1967-72).

Autores citados: L. Althusser; Lenin; Johan Galtung; P. Lazarsfeld; R. Boudon; H. Blalock; A. Blalock; Bourdieu; Passeron; Camboredon; Georges Gurvitch; C. Lévi-Strauss; Talcott Parsons; Hoselitz; McLelland; Wright Mills; G. Hempel; Llewellyn Gros; [bergsonianas]; Neumann; Morgenstern; Roland Barthes; Marx; Mario Bunge; Abraham Kaplan; Max Weber; Garfinkel; Becker; Goffmann; Edgar Morin; Fals Borda; Mao Tse-tung

GASTIAZORO, Eugenio; CIMILLO, Elsa; LIFSCHITZ, Edgardo. Acumulación y centralización en la industria argentina. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 30, p. 24-28 e 30-34, Junio-Julio de 1973.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Economía
Palavras-chave: Capitalismo; Burguesía; Monopolio; Desarrollismo; Capital extranjero; Dependencia; Plusvalía; Acumulación; Explotación; Desocupación; Oligopolización

Resumo: Após a psicanálise e as ciências sociais, páginas e páginas de economia, pura, sem Mao nem Marx nem Lenin nem ninguém. Resumo? A avassaladora entrada do chamado capital monopolista internacional na Argentina pós-peronista e as conseqüentes oligopolização dos setores dominantes da indústria – impulsionada a partir de 58 com Frondizi – e superexploração do operariado. Mais resumo? Um arranjo de citações: o *desarrollismo* implementado a partir daquela data “puede ser calificado con justeza ... como ‘régimen de promoción del capital extranjero’”, controlando “el decisivo de la producción” e de escassa contribuição “al proceso de acumulación”, a qual se dá no entanto “casi exclusivamente invirtiendo plusvalía generada por la clase obrera argentina”.

RIVERA, Jorge. Cortázar: entre la elipsis y el círculo. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 30, p. 34-35, Junio-Julio de 1973.

Vocabulário Controlado: RESEÑA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: CORTÁZAR, Julio
Palavras-chave: Texto; Producción; Revolución
Resumo: Em seu projeto de unir política e literatura com *El libro de Manuel* (Buenos Aires, Ed. Sudamericana), Cortázar mais do que naufraga segundo Rivera. Se problematiza a organização do texto, como em *Rayuela*, com a pretensão de criar “lo nuevo”, na linhagem de inventores como Joyce, Sterne e Cervantes, não vai além de uma anacrônica e descontextualizada perspectiva surrealista de “revolución total” com *Manuel*. Isto porque, diz o resenhista, em seu projeto a prática revolucionária (ênfase nessas duas palavras) “de las masas y de la militancia” aparece substituída “por la acción del *vidente*”, capaz de “ciertos exorcismos” para destruir o homem velho. Para maior ira cortazariana, Rivera afirma que a proposta do *vidente* representa um “residuo” de sua passagem “por la ideología elitista y privilegiadora de *Sur*”, evidenciando “una poética en gran medida metafísica, arquetípica y ritualista, fundada en una añeja filosofía romántica del lenguaje ...”.

Autores citados: Cervantes; Sterne; Joyce; Gramsci; Mailer; Weiss; Walsh; Marx; Rimbaud; Lucien Lévy-Bruhl

ZAPATA, Jaime. Maldonado: el diseño todopoderoso. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 30, p. 36-39, Junio-Julio de 1973.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Arquitectura
Nome Pess. como Assunto: MALDONADO, Tomás

Palavras-chave: Práctica; Realidad; Producción; Capitalismo

Resumo: Declarada a guerra oficialmente ao “pensamento idealista”, descobriu-se a pólvora em *Los Libros*: tudo é questão de processos ou condições de produção, e assim também no campo da arquitetura e do desenho, como demonstra o artigo do arquiteto Zapata. O que poderia ser ótimo se não aparecesse como a verdade, fazendo com que, por exemplo, a pretexto de criticar o último livro do mais famoso arquiteto argentino, uma coleção de artigos intitulada *Ambiente humano e ideología* (Buenos Aires, Ed. Nueva Visión, 1972), escreva-se um libelo contra a arquitetura burguesa e suas instituições de ensino. Apesar de tudo, Zapata se expressa com desenvoltura e ancora seu raciocínio no fato de que Maldonado, herdeiro da Bauhaus (mas a seu ver esgotado intelectualmente), é o representante maior daquelas instituições, baseadas na

autonomia do “Diseño”, “desde la absoluta subjetividad” e de uma ilusória “libertad”, na verdade controlada pelo mercado. “El pequeño mamotreto”, conclui, ao lembrar do livro, expõe reflexões que “se parecen mucho a los desechos de la sociedad industrial: contribuyen a la polución ideológica”...

Editorial. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 31, p. 3, Agosto-Setiembre de 1973.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Crisis; Revolución; Ideología

Resumo: A revista tematiza a educação para abrir um espaço de debate “cuyo eje central pasa por las relaciones entre la trasmisión e imposición de ideologías y el poder”, objetivando não apenas refletir sobre questões teóricas mas sobre as condições de sua “práctica concreta” “en el cuadro de la crisis global del capitalismo dependiente argentino”. Centro ainda uma vez de um agudo debate no país, a educação segundo *Los Libros* deve elaborar uma nova alternativa, “popular y revolucionaria”, a qual, em meio à crise do sistema educativo “de las clases dominantes”, teria tido seu melhor indicador no “Congreso docente de Huerta Grande”, cuja imensa maioria reivindicou “la subversión revolucionaria de la sociedad argentina”.

Autores citados: Gramsci; Juan Carlos Tedesco; Horacio Cuello; Fernando Mateo; Guillermo García

TEDESCO, Juan Carlos. Educación e Ideología en Argentina. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 31, p. 4-11, Agosto-Setiembre de 1973.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Educação

Palavras-chave: Ideología; Capitalismo; Práctica; Positivismo; Nacionalismo

Resumo: O artigo sobrevoa a pedagogia argentina do século XX a partir do conceito althusseriano de ideologia, advertindo de imediato que “no se trata sólo de aprender a leer, sino también a defenderse de cierto tipo de lectura”. Assim sua “nota” pretende uma aproximação empírica e descritiva (“por ahora”) dos vínculos entre ideologia e educação com base na realidade do país. Parte da análise de textos didáticos, baseado no “estudio exploratorio” inicial realizado na cátedra de “Historia de la Educación Argentina y Americana” na Universidad de La Plata, entre 1900 e 1955, em que os personagens de caráter universalista e a idéia abstrata de nação só irão mudar quando os setores populares surgem como

atores trajados à maneira peronista. Na segunda parte, aborda as principais teorias pedagógicas, começando pelo positivismo, passando pelo “espiritualismo antipositivista” (que responde à “reubicación” da oligarquia na “década infame” e no qual se dissocia teoria pedagógica e prática educativa, conforme um humanismo elitista contrário ao ensino técnico-profissional), e concluindo com “la ideología pedagógica del justicialismo”, cuja característica são os vários câmbios na prática, enquanto a teoria permanece quase intocada.

Autores citados: P. Bourdieu; J. C. Passeron; L. Althusser; T. Vasconi; I. Illich; Paulo Freire; Jesualdo; R. Roncagliolo; A. Baggio; C. Lora; G. Riofrío; S. Mollo; J. J. Berrutti; Pizzurno; T. R. de Arroche; Sarmiento; Rodolfo Senet; [pestalozzianos]; Víctor Mercante; Carlos Vergara; M. Murmis; J. C. Portantiero; Juan B. Terán; Juan Mantovani; Saúl Taborda; Juan P. Ramos; Marx; E. de Ipola

CUELLO, Horacio; MATEO, Fernando. Un discurso ideológico transnacional: los objetivos de la política educacional de la ‘revolución argentina’. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 31, p. 13-18, Agosto-Setiembre de 1973.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Educação

Palavras-chave: Revolución; Racionalización; Poder

Resumo: Análise da reforma educativa proposta pela “revolución (militar) argentina” entre 1966 e 73, cuja pretensa “racionalidad administrativa” revelaria um “deseo irracional” ao afirmar o acesso de todos à educação e ao negar a luta de classes. Com base em declarações de várias autoridades do governo, o texto oferece um panorama das alternativas ideológicas da política educacional da ditadura militar – em suas versões “desarrollista” e “eficientista”, que estariam no centro da crise das elites – e em seguida “la estructura de formulación explícita de los objetivos de esa política educacional”. A conclusão é de que a universalização e democratização vendidas pelo discurso oficial oferecem uma igualdade de oportunidades meramente retórica, “para convertirse en parte de la clase dominante”. Inclui dois quadros sobre distribuição dos estabelecimentos de ensino médio no país, a fim de mostrar a crescente privatização do setor.

Autores citados: D. F. Sarmiento; José Nun; Horacio Ciarfardini; Nicos Poulantzas. G. Cirigliano; L. Zanotti; Carlos Marx; Carlos S.

Brignone; Dardo Pérez Guilhou; Emilio F. Mignone

GARCÍA, Guillermo. Pedagogía y revolución. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 31, p. 20-22, Agosto-Setiembre de 1973.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Educação
Palavras-chave: Revolución; Dependencia; Ideología

Resumo: Panfleto por uma “Ciencia de la Educación” de tipo maoísta, no qual se percebe com clareza a coesão do discurso na nova fase da revista (o autor chega a remeter a outros textos da edição para exemplos). Inicia esclarecendo o que entende por revolução e pedagogia revolucionária, quando surgem críticas à “pedagogia utópica” de Paulo Freire, que a seu ver impõe “apriorismos” para definir um processo (invertendo a equação). A pedagogia tradicional, vista como “seudociencia” ou “ciencia del macaneo”, é esquematizada em “Filosofía de la Educación”, “Historia de la Educación” e “Didáctica”, com ênfase para esta última. E conclui com um grito antirreforma – “no hay nada que reformar, puesto que esta ciencia no está hecha como tal” –, uma definição da futura ciência pedagógica baseada no materialismo histórico para o sistema educativo argentino, e uma pérola em especial a seu respeito: “si lo imaginamos como un hombre cojo y enfermo, la Pedagogía argentina son sus pesadillas”...

Autores citados: Mao; Mariano Moreno; Paulo Freire; Marx; Engels; Saint-Simon; Fourier; Owen; Herbart; L. Luzuriaga; [leninismo]

CHEJA, Reina; GREGO, Beatriz. Apuntes para una teoría de la inserción social en el proceso educativo. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 31, p. 24-27, Agosto-Setiembre de 1973.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Educação
Palavras-chave: Ideología; Sujeto; Teoría; Práctica

Resumo: Texto escolar sobre psicologia educacional que, em quatro páginas, não diz a que veio, revelando a superficialidade do discurso da equipa da cátedra de “Psicología Educacional de la UNBA”, co-autora do trabalho. Após condenar o positivismo característico da disciplina, exalta a produção necessária de uma teoria do processo educativo a partir da cultura do povo “como gestor de sus propios mensajes”, contra o que chama de “operación de interpelación educativa”, a qual inculca nos sujeitos uma ideológica ilusão de livre arbítrio, diz, em meio a vagas referências

a Freud. Finalmente surge do nada uma bizarra mas sintomática discussão sobre o consumo de bibliografia estrangeira ou nacional no país, resultando naquele que pode ser considerado o pior texto, em todos os sentidos, da história da revista e por esse motivo particularmente instrutivo.

Autores citados: Badiou; Marx; Althusser; Freud

H. C.; F. M. Educación: Una selección bibliográfica. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 31, p. 28-29, Agosto-Setiembre de 1973.

Vocabulário Controlado: BIBLIOGRAFIA

Palavras-chave: Política; Economía; Ideología
Resumo: Duas páginas (provavelmente de H. Cuello e F. Mateo) contendo uma interessadíssima seleção bibliográfica, dividida em “tres grandes grupos de textos” – educação e política educacional, educação e economia, e educação e ideologia –, excluindo-se deliberadamente materiais didáticos e universitários e separando textos conservadores (letra “A”) e questionadores (“B”). Assim tem-se de um lado publicações oficiais e aquelas consideradas reacionárias e de outro aquelas “críticas”, de Rossana Rossanda a Che Guevara e Fidel Castro. Na letra “B” de “Educación y Economía”, na falta de trabalhos teóricos específicos, apela-se para obras com “elementos críticos dispersos en relación com este tema”. O que chama a atenção no entanto é a provocativa inclusão da *Pedagogía del Oprimido* de Paulo Freire entre os livros conservadores, seguindo as críticas de Guillermo García no terceiro texto desta edição.

SZICHMAN, Mario. Herencia y plusvalía. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 31, p. 32-33, Agosto-Setiembre de 1973.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Nome Pess. como Assunto: BIANCO, José

Palavras-chave: Riqueza; Herencia; Sexo

Resumo: Breve e ácida crítica do livro *Las ratas. Sombras para vestir* (duas novelas – Buenos Aires, Ed. Siglo Veintiuno), de J. Bianco, membro ativo da revista *Sur* que manifesta, segundo Szichman, todo o clima aristocrático do grupo liderado por Victoria Ocampo. Com um vocabulário original, o resenhista desmonta a ideologia inerente ao discurso de Bianco (embora empregue a palavra “ideologia” uma única vez...), que aborda a riqueza com desdém (já que os personagens principais a possuem em demasia) e o sexo de modo reprimido e burocrático (“No es casual que la escena culminante de *Las ratas* se

asemeje a un coitus interruptus”). Dedicada a una “reflexión reaccionaria” que reivindica “al genio”, a resenha termina com uma citação de Simone de Beauvoir, que no contexto e no modo peculiar desta crítica não soa panfletária, ao contrário: “La verdad es una, el error, múltiple. No es casual que la derecha profese el pluralismo”.

Autores citados: Borges; Mallea; Simone de Beauvoir; [hermanas] Ocampo

Libros distribuídos en Buenos Aires. Junio-Julio de 1973. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 31, p. 34-38, Agosto-Setiembre de 1973.

Vocabulário Controlado: INFORME

Editorial. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 32, p. 3, Octubre-Noviembre de 1973.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Educación; Hegemonía; Ideología; Marxismo

Resumo: “Enfrentar al imperialismo y sus aliados, luchar contra la dependencia y por la liberación social y nacional”: este é o centro da luta política atual segundo *Los Libros* e todos os artigos tomam essa direção, que consiste na criação de alternativas para a ação política. Assim a instituição educacional, que merece uma segunda edição, é vista como espaço privilegiado da luta de classes e como motor da ruptura da hegemonia burguesa, para definir um novo principio pedagógico – que os textos de Mateo e Cuello, de Leiva e da francesa Christine Glucksmann irão delinear. Já Vezzetti adianta um tema de uma futura edição, a saúde mental (cada vez mais abordada politicamente), e Melis remete a Guevara e ao guevarismo. Os últimos parágrafos destacam a lição do golpe militar chileno e a ilusão do reformismo na América Latina, além da violenta campanha antimarxista no Chile e na Argentina, ao que a revista promete contra-atacar com o tema “Liberación o dependencia” no próximo número.

Autores citados: [marxista]; Mateo; Cuello; Lisandro Leiva; Antonio Gramsci; Hugo Vezzetti; Guevara; Antonio Melis

GLUCKSMANN, Christine. Gramsci y la cuestión escolar. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 32, p. 4-8, Octubre-Noviembre de 1973.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Educação
Nome Pess. como Assunto: GRAMSCI, Antonio

Palavras-chave: Hegemonía; Intelectualidad; Proletariado; Estado

Resumo: Tradução de ensaio publicado em “Literature/science/idéologie [sic] nº 3/4, 1972”. Glucksmann parte de dois textos gramscianos escritos em 1930 na prisão, diretamente dirigidos à questão escolar (entre vários outros fragmentos existentes) para mostrar a relação “nevrálgica” entre pedagogia e política em seu pensamento, “tal como ... la elabora en la noción central de hegemonía”: “... Cada relación de ‘hegemonía’ es necesariamente una relación pedagógica”. A partir daí vai explicitar a natureza de tais elos, o lugar da escola na sociedade, sua crise e a solução proposta por Gramsci. Ao final do texto, um sinal de reticências indica a sua continuação. Por conta disso, talvez, o ensaio termine com a proposta de uma escola ainda de tipo “humanista” dos escritos juvenis – lembrando até mesmo a pedagogia “espiritualista” argentina dos 30 –, quando desde o início do ensaio são destacadas as transformações do pensamento gramsciano, abandonando a definição humanista e tradicional dos intelectuais em favor da investigação de sua “função”.

Autores citados: C. Luporini; Valentino Garratana; E. Raggioneri; H. Portelli; Benedetto Croce; Lenin; G. Fortunato; P. Togliatti; Gentile; Marx; Luciano Gruppi; Althusser; Leonardo Paggi; Maquiavelo; Manuel Sacristán

CUELLO, Horacio; MATEO, Fernando. Crisis ideológica y sindicalización: el magisterio del Gran Buenos Aires. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 32, p. 10-16, Octubre-Noviembre de 1973.

Vocabulário Controlado: ENQUETE

Palavras-chave: Crisis; Clase obrera; Magisterio; Homogeneidad

Resumo: O conceito de “homogeneidad” (Gramsci) domina este arremedo de texto – já que se trata das conclusões de uma enquete com 60 professores da Gran Buenos Aires (“30 agremiados y 30 no agremiados”) –, aparecendo oito vezes, entre quadros estatísticos ou demonstrativos (nove deles) sobre o professorado argentino ao longo de sete páginas. Assim como o sistema educativo, a “ideologia dominante” está em crise, insistem os encarregados da pesquisa educacional da revista em seus dois números dedicados ao tema, resultando na irrupção do conceito de “trabajador de la educación” e de um antagonismo, ou uma “fractura ideológica”, entre um setor que tende ao “burocratismo” e outro que tende à “sindicalización”, que Mateo e Cuello reivindicam. Ao fim afirmam que seu “estudo

exploratorio” não pretende ser “agotador”, concluindo com uma questão que talvez revele o fracasso da enquete (como concebe cada tendência “determinadas instancias del proceso”), ao resultar contra seus prognósticos.

Autores citados: Carlos Marx; Federico Engels; Antonio Gramsci; Maquiavelo

LEIVA, Lisandro. Argentina 1973, movimiento docente. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 32, p. 18-23, Octubre-Noviembre de 1973.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Educação
Palavras-chave: Reformismo; Hegemonia; Revolución; Ideología

Resumo: Feito *press-release* de sindicato, o texto descreve a onda de greves docentes a partir de 1970 em todo país e as lutas internas dos diferentes núcleos políticos de professores, cujos protestos conseguiram mudar várias propostas oficiais para a Reforma Educativa. Seu ponto de vista em relação ao “gremialismo docente” – como o de *Los Libros* – é o de uma “democracia popular revolucionaria de hegemonia proletaria”, contra os projetos do pólo tido como reformista, entre os quais o populismo da “escuela liberadora” da CUTE (ver abaixo), a qual é ligada à concepção “utopista inspirada en la teoría de Paulo Freire”. O *press-release* conclui com a reprodução de documento da Agrupación Docente 18 de Noviembre, que propõe uma Federación Única Docente nacional contra a atomização existente, e com a constatação do avanço das “forças combativas” nas principais organizações de professores. Seguem três páginas de documentos.

Autores citados: Paulo Freire

H. C.; F. M. Algunos datos cronológicos acerca del proceso de sindicalización de la docencia (1971-1973). *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 32, p. 24-26, Octubre-Noviembre de 1973.

Vocabulário Controlado: CRONOLOGIA

Palavras-chave: Sindicalización; Docencia; Burocracia

Resumo: Dados sobre as ações do movimento docente, de greves a reuniões com autoridades e congressos (Cuello com Mateo certamente os trazem). O processo tem seu marco inicial a 31 de março de 1971, com a paralisação de 24 horas convocada pelo “Acuerdo de Nucleamientos Docentes”, e culmina em 8, 9 e 10 de setembro de 73 com a constituição da “Confederación de Trabajadores de la Educación de la República Argentina”.

VEZZETTI, Hugo Mario. Salud mental: ideología y poder. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 32, p. 28-32, Octubre-Noviembre de 1973.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Psiquiatria
Palavras-chave: Contradicción; Ideología; Control social

Resumo: O artigo de estréia de Vezzetti em *Los Libros* denuncia o discurso ideológico da psiquiatria oficial e sua ligação com o poder estabelecido, através do controle de instituições assistenciais, universitárias e políticas, as quais funcionam como instrumentos de controle social. Membro (confesso) da “Tendencia Práctica Revolucionaria de Trabajadores de Salud Mental”, o autor reproduz trechos de artigos particularmente aberrantes de cientistas-ideólogos da direita – em que por exemplo consideram os exilados políticos como psicopatas e Freud como um especulador pernicioso à ciência –, publicadas sobretudo na *Revista Latinoamericana de Salud Mental* durante a década de 60.

Autores citados: Mario Sbarbi; Héctor Osvaldo Fontanarrosa; Roberto Doria Medina; Juan Carlos Tedesco; Omar J. Ipar; Carlos J. G. Sisto; Juan B. Dichiara; Gustavo Le Bon; Freud

MELIS, Antonio. Sobre el guevarismo. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 32, p. 34-35, Octubre-Noviembre de 1973.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Ciência política

Nome Pess. como Assunto: GUEVARA, Che
Palavras-chave: Imperialismo; Revolución; Pueblo; Revisionismo

Resumo: Breve artigo de perspectiva maoísta sobre a “teoría de la guerrilla” segundo Guevara, e seus usos revisionistas e “deformantes”, publicado antes em “*Idéologie*, nº 12, abril-junio 1970”. Melis procura apontar erros e acertos da “gran figura”, cuja teorização da guerrilha levaria a cabo “una relectura de la experiencia vivida por él en Cuba a través del filtro de la sistematización teórica de Mao”. Sua divergência se encontra na questão do papel do partido, de onde o chinês parte para chegar à luta armada, ao contrário do argentino. Mais do que ao “guevarismo”, segundo Melis, a exasperação dessa teoria se deve ao “debraysmo”, acentuando-se os aspectos espontaneístas já presentes em Che, o qual ademais teria subestimado a luta ideológica e seria incapaz de realizar uma análise de classe profunda no caso do confronto histórico entre marxismo-leninismo e revisionismo moderno.

Autores citados: Mao Tse-tung; Régis Debray; [marxismo-leninismo]

Libros distribuídos en Buenos Aires – Agosto-Setiembre-October de 1973. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 32, p. 36-39, Octubre-Noviembre de 1973.

Vocabulário Controlado: INFORME

Editorial. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 33, p. 3, Enero-Febrero de 1974.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Revolución; Imperialismo; Proletariado; Hegemonía

Resumo: Abordagem da discussão central na Argentina da época, a dicotomia-tema da edição – “liberación o dependencia” – com a intenção de discutir seus significados e limites nos vários projetos políticos em confronto. Para uma análise da dependência concreta do país, e uma liberação nacional efetiva, a revista propôs uma enquete sobre a alternativa, recebeu três respostas e se dispôs a publicar outras em edições futuras, ao mesmo tempo que expôs alguns de seus critérios fundamentais: a caracterização da Argentina enquanto nação capitalista dependente, com suas peculiaridades; o proletariado como seu “caudillo histórico”; e o atual governo peronista enquanto agrupamento de setores burgueses prejudicados pelo domínio do capital norte-americano. Reforça enfim sua atual índole, leninista-maoísta: o caminho histórico para a realização concreta da hegemonia do proletariado é o partido.

Autores citados: Perón; Sbarra Mitre; Mónica Peralta Ramos; Horacio Ciafardini; Santiago Mas; [leninista]

SBARRA MITRE, Oscar. Economía: liberación o dependencia. Contesta: Oscar Sbarra Mitre. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 33, p. 4-7, Enero-Febrero de 1974.

Vocabulário Controlado: DEPOIMENTO

Palavras-chave: Dependencia; Imperialismo; Liberación; Revolución

Resumo: As três perguntas propostas pela revista – sobre dependência, a Argentina no conflito interimperialista, e liberação – S. Mitre oferece uma única resposta: Perón. Senão vejamos: 1. Propõe o que chama de “bloque histórico”, a convergência tática de diferentes classes sociais, substituindo o antagonismo “burguesia-proletariado” (tido como característico do centro imperial) pelo antagonismo “Imperio-Nación”; 2. Afirma que há dois imperialismos, da URSS e dos

EUA; 3. “Liberación” = peronismo. Na sequência responde a outras quatro questões de *Los Libros*, sobre Perón e o proletariado, medidas econômicas, sindicalismo e imperialismo, sempre respondidas com um discurso populista e evasivo, típicos do “Teniente General” “trascendental” (no dizer do depoente).

Autores citados: Perón

PERALTA RAMOS, Mónica. Economía: Liberación o dependencia. Contesta: Mónica Peralta Ramos. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 33, p. 8-10 e 12-14, Enero-Febrero de 1974.

Vocabulário Controlado: DEPOIMENTO

Palavras-chave: Dependencia tecnológica; Mercado; Hegemonía; Contradición

Resumo: Explanação econômica do câmbio sofrido pela Argentina a partir de 1955 com a substituição da estratégia “distribucionista” (“política de pleno empleo y redistribución de ingresos”) pela acumulação capitalista baseada na dependência tecnológica, a qual só poderia ser rompida pelo proletariado, uma vez que a sujeição do trabalho ao capital é a contradição principal do sistema (1). Sobre as relações interimperialistas (2), a regra é clara: interpenetração de capitais “bajo el signo de la hegemonía americana”, sobre a qual a autora fornece dados e levanta questões importantes não apenas sobre sua economia como sobre seu poderio militar, além de descartar completamente a possibilidade da participação da grande burguesia local no combate aos “yanquis”. Em relação à liberação (3), trecho mais panfletário do texto, duas tônicas: o sistema eleitoral como arma de controle das forças dominantes sobre as frações burguesas e operárias radicalizadas, e a necessidade de uma política de alianças no campo revolucionário para um confronto efetivo – e antevisto como prolongado – contra essas forças.

Autores citados: Lenin

CIAFARDINI, Horacio. Economía: Liberación o dependencia. Contesta: Horacio Ciafardini. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 33, p. 15-16, Enero-Febrero de 1974.

Vocabulário Controlado: DEPOIMENTO

Palavras-chave: Dependencia; Hegemonía; Revolución; Clase obrera

Resumo: Em breves comentários, diz Ciafardini: 1. Dependência atual do imperialismo “yanqui” é não apenas econômica como cultural, mas a própria burguesia tende a se rebelar contra excessiva presença estrangeira no país; 2. “Imperialismo yanqui” x “Socialimperialismo soviético”, no que diz respeito ao principal

conflito internacional, vendo no primeiro o maior inimigo do povo argentino, exagerando o papel do país na questão imperialista e finalmente fugindo do ponto ao opinar longamente sobre as posições de Perón e a derrota a que deverá levar seu projeto político; 3. Como já vinha abordando a questão da liberação, não restou muito a dizer: destruição do inimigo fundamental, hegemonia do proletariado e recuperação dos sindicatos “para el triunfo y para la posterior marcha al socialismo”.

Autores citados: Perón

ALTAMIRANO, Carlos; SARLO SABAJANES, Beatriz. Acerca de política y cultura en la Argentina. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 33, p. 18-24, Enero-Febrero de 1974.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Cultura

Palavras-chave: Clase; Ideología; Hegemonia; Proletariado; Revolución

Resumo: Texto que revaloriza a revista em sua etapa guerrilheira, ao propor hipóteses sobre a cultura argentina desde uma perspectiva gramsciana (e marxista-leninista) para uma crítica do populismo peronista de matriz “fanoniana”. A dupla enfatiza por um lado a “originalidade” da integração cultural do país desde o século XIX, baseada em pautas liberais e marcada pelo impacto imigratório, cuja eficácia não seria levada em conta pelas análises geradas “desde el populismo”, caindo fatalmente no equívoco de considerá-la “una verdadera cultura nacional y popular”. Por outro lado – em seu intento de “análisis concreto de la situación concreta” – pretendem desfazer os malentendidos em torno da categoria de dependência, reivindicada como “variable fundamental” do peronismo de esquerda, assim como esboçam a necessidade de abordar “la zona donde deben unirse teórica y prácticamente un proyecto político revolucionario y una cultura popular revolucionaria de contenidos antimperialistas y antioligárquicos”, tarefa de uma crítica revolucionária que resta por fazer, a fim de “descubrir y liberar los componentes revulsivos presentes hoy en la cultura de las clases subalternas”, submetida à hegemonia burguesa. Cabe ainda notar a relevância atribuída aos produtos da cultura de massas, em geral desdenhados (revelando sua *impronta* barthesiana reprimida).

Autores citados: Gramsci; [marxista-leninista]; Eduardo Romano; Abel Posadas; [fanoniana]; Sarmiento; C. Astrada; J. C. Giacobbe; L. Marechal; A. P. Castro; J. Imbelloni; H. Guglielmini

MAS, Santiago. Consejos obreros, partido y poder. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 33, p. 25-29, Enero-Febrero de 1974.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Revolución; Poder; Teoría; Proletariado

Resumo: Panfleto polemizante-teorizante sobre a constituição dos “consejos obreros” na Rússia revolucionária do início do século passado e sua aplicação na Argentina atual, a partir (e apenas a partir) de duas publicações marxianas: *Autogestión, control obrero, consejos obreros* (Buenos Aires, Ed. La ciudad futura, 1973), de Ernest Mandel, não citado no texto, e *Consejos obreros y democracia socialista* (Cuadernos de Pasado y Presente, nº 33, Buenos Aires, 1972), vários autores. Este último é posto rapidamente em discussão a propósito da teoria leninista sobre os conselhos e *sóviets* nos desdobramentos da insurreição russa, que vem a ser o verdadeiro foco do artigo. Com Lenin, Mas – empenhado em “elaborar guías para la acción” – dirá: “el partido como vanguardia de la clase obrera y el sóviet como embrión del gobierno proletario”, negando sua contraposição; aponta ainda “la total omisión de la Revolución China”, além da presença “fragmentada o deformada” da experiência-mãe *made in Rússia*, nos dois textos “comentados”.

Autores citados: Debray; Foa; V. I. Lenin; L. Kochan; J. Aricó; Gramsci; K. Marx; F. Mehring; Trotsky; Stalin; Lasalle; Kautsky; Bolte; Kugelman; F. Engels; M. Johnstone; Cerroni; Magri

TOER, Mario. Chile: vía pacífica al fracaso. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 33, p. 31-35, Enero-Febrero de 1974.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciência política

Palavras-chave: Reformismo; Revolución; Revisionismo

Resumo: Síntese das conclusões do autor em trabalho “mucho más extenso” sobre o fracasso do socialismo no Chile, atribuído basicamente ao revisionismo do PC chileno, amparado no projeto do país que seria “una de las superpotencias capitalistas de hoy”: a URSS. O “reformismo obrero y pequeño burgués” por sua generalidade não explicaria o fracasso, e sim os “socialimperialistas”, como foram denominados por Lenin os revisionistas da II Internacional Socialista, cuja política atual, aliada ao expansionismo russo, deve ser compreendida para combater sua hegemonia. Nada mais resta que o exemplo da Revolução Chinesa para “la

restauración del leninismo y la afirmación de una política revolucionaria” através do poder do povo “organizado y armado lugar por lugar...”. Toer reproduz ainda declarações entreguistas e loas ao governo militar de comunistas chilenos, publicadas em *Nuestra Palabra*, jornal do PC argentino, logo após o golpe.

Autores citados: Lenin; [marxismo]; Etienne Fajon; Juan Perón; Mao Tsé Tung; [trotskizante]

Libros distribuidos en Buenos Aires – Diciembre 1973-Enero 1974. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 33, p. 36-39, Enero-Febrero de 1974.

Vocabulário Controlado: INFORME

Editorial. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 34, p. 3, Marzo-Abril de 1974.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Prática; Política

Resumo: *Los Libros* retoma o tema “salud mental”, abordado dois anos antes (nº 25), tendo agora como marco de referência as condições concretas de seu exercício profissional, a fim de situar “el lugar material-institucional” e elaborar “una nueva organización institucional de la salud mental”. O texto é breve mas aberto (ou próprio) à repetição – do questionamento do papel da divisão do trabalho que mantém as relações de exploração no setor à radicalização sócio-política que marca o país desde 1969 (exposta no início do editorial) à instância decisiva da política, na qual *deven* ser lidos os trabalhos publicados (no imperativo final). (À p. 24 a revista se manifesta em favor dos vizinhos brasileiros, com três fotos de misérias nacionais sob o título “Brasil: 10 años de dictadura militar” e uma nota messiânica sobre as lutas revolucionárias no país.)

Autores citados: Ulloa; Bonnano; Perosio; [marxismo]

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. Instituciones de salud mental en la Argentina. Contesta Enrique Pichon-Rivière. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 34, p. 4-7, Marzo-Abril de 1974.

Vocabulário Controlado: DEPOIMENTO

Palavras-chave: Ideología; Lucha de clases; Dialéctica; Producción

Resumo: “...en salud, la praxis es colectiva”, conclui com estrépito Pichon, respondendo em um só jato engajado às três questões propostas pela revista (sobre a estrutura da assistência

psiquiátrica no país, sobre sua crise corporativa e assistencial, e sobre os aspectos que mais necessitam “desarrollo teórico y técnico”). Contesta a concepção hierárquica de “normalidad-anormalidad” numa sociedade de classes, escamoteadora das reais “condiciones de producción” desses critérios. Contesta o caráter de “aparato ideológico de dominación” do sistema (dentro do “sistema”) de saúde. Contesta o critério de saúde vigente, baseado na “competencia social” além de “ocultante y mistificador”. Contesta a estrutura social, configuradora da reprodução de um sujeito alienado. Contesta a “devastación de la experiencia” (Laing) do paciente neste sistema hierárquico, obedecendo a uma política que por sua vez “obedece a la estrategia de las metrópolis imperialistas”. E assim segue contestando, entendendo o Homem em relação dialética com o mundo e propondo o que chama de “adaptación activa” para o lugar do par “salud/enfermedad”, “hasta la praxis política” e “la Conciencia Crítica”.

Autores citados: Ana P. de Quiroga; Laing; Alfredo Moffat; Hernán Kesselman

RISAU, Juan Carlos. Instituciones de salud mental en la Argentina. Contesta Juan Carlos Risau. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 34, p. 7-8, Marzo-Abril de 1974.

Vocabulário Controlado: DEPOIMENTO

Palavras-chave: Capitalismo; Crisis; Sistema

Resumo: “...la solución total del problema de la salud se dará, no con el cambio de la estructuras del sistema sino del sistema de las estructuras”... Com pérolas desse valor Risau, “engarzado en las luchas populares”, combate a lucratividade que é a lei do setor – “debe lograrse el hombre adaptado que produzca y consuma”, o mais rápido possível, segundo a atual situação da saúde (questão 1). A crise (2) significa déficit qualitativo e quantitativo da assistência, proletarização de seus profissionais, o que os levou a liderar as lutas em seu campo. Questão 3: “Yo privilegiaría en el campo de nuestras instituciones gremiales, la necesidad de un frente conjunto con todos los trabajadores de la salud, sean o no profesionales”.

BAREMBLIT, Gregorio. Instituciones de salud mental en la Argentina. Contesta Gregorio BarembLit. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 34, p. 8-10, Marzo-Abril de 1974.

Vocabulário Controlado: DEPOIMENTO

Palavras-chave: Asistencia; Capitalismo

Resumo: 1. A assistência atual é não só ineficaz e antieconômica para seus objetivos básicos como para a própria funcionalidade repressora e de

recuperação “compulsiva” para o mercado de trabalho, além de estar orientada à imobilização do “enfermo ‘consumado’”; 2. Denúncias pontuais: a assistência privada se dá como “hoteleria de lujo”, e as demais, “mutual” e “estatal”, para as massas, significam o caos com procedimentos do tipo eletrochoque sem critérios ou inovadoras terapias sem controle, ao lado de desvios de fortunas na burocracia sindical, superconcentração de trabalhadores da saúde na capital e superprodução universitária de profissionais sem preparação; 3. O panfleto final inclui “profunda revolución” ou total desconfiança de medidas parciais de câmbio, e um *gran finale*: nós trabalhadores da saúde mental devemos ser companheiros do enfermo na luta pelo “verdadero camino”, que é parte da nossa própria cura...

GRIMSON, Ricardo. Instituciones de salud mental en la Argentina. Contesta Ricardo Grimson. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 34, p. 10-12, Marzo-Abril de 1974.

Vocabulário Controlado: DEPOIMENTO

Palavras-chave: Opresión; Violencia; Locura

Resumo: Com este artigo (tipo três respostas em uma) são retomados anteriores debates sobre saúde mental travados na revista entre “populistas”, como Grimson, e “cientificistas”, como M. Chome (ex-integrante do conselho de direção). Sem citar nomes, o autor divide o campo em duas vertentes antagônicas que no entanto lutam contra os mesmos “sistemas anacrônicos” – os “teoricistas” ou “epistemólogos” e os “empiristas”, aos quais Grimson se alinha, explicitando em nota sua ligação com a Juventud Peronista. Daí em diante é fácil supor o que defenderá: o questionamento da significação social da prática psiquiátrica e sua vinculação com a opressão social, uma política fundada nas necessidades reais da população, a elaboração teórica não preciosista mas ligada à realidade “y sus urgencias”, etc. etc. etc.

Autores citados: Poe; D. Averbuj; E. Costaguta

HARARI, Roberto. Instituciones de salud mental en la Argentina. Contesta Roberto Harari. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 34, p. 12-14, Marzo-Abril de 1974.

Vocabulário Controlado: DEPOIMENTO

Palavras-chave: Psicoanálisis; Producción; Capitalismo

Resumo: 1. “... la terapia ... no indaga la etiopatogenia sino que intenta obturar la sintomática, lo que ... tiende a que dicha sintomática recidive, analógica o

metonímicamente”, especula o especialista, que sublinha a discriminação classista da assistência psiquiátrica, o processo de “cronificación irreversible” dos pacientes e a ótica fatalmente parcial de quem escreve, como ele, desde Buenos Aires: com exceção das cidades maiores, “el resto del interior de la Argentina, también en lo tocante a la asistencia psiquiátrica, es otro país”; 2. A instituição paga mal, sobretudo ao psicólogo, absurdamente proibido por lei de exercer a psicoterapia, por interesses da “camarilla psiquiátrica”; 3. Finalmente reivindica a criação da Facultad de Psicoanálisis, rejeitada desde Freud, e uma redistribuição do pressuposto nacional para a saúde, que depende – e o tom aí é pessimista, contrariando o messianismo corrente – da substituição da “camarilla eternizada en la función pública”, ou seja, “la apropiación del poder del Estado por parte de los sectores empeñados en producir la liberación nacional y social”, conjuntura que não parece ser a atual, conclui com as letras todas.

Autores citados: Freud

ULLOA, Fernando. Salud mental en la Argentina: atención y condiciones de trabajo. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 34, p. 16-23, Marzo-Abril de 1974.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Psiquiatria

Palavras-chave: Dominación; Represión; Asistencia

Resumo: Raro relato sobre a situação dos “TSM”, “trabajadores de la salud mental”, por seu caráter ao mesmo tempo ponderado e informativo em tempos de estridência. Em oito páginas, Ulloa – coordenador e redator deste trabalho em equipe – discorre sobre três tipos de serviços de psiquiatria (“Centro de Salud Mental”, “Servicios de Psicopatología en Hospitales Generales” e “Servicios dentro de un Hospicio”), para em seguida fazer observações gerais sobre a saúde mental na Argentina, sempre com perspectiva política mas sem que se imponha ao seu discurso. O informe foi apresentado no V Congreso de Psiquiatria por “FAP Capital Federal”. Chama a atenção para as dificuldades do cotidiano dos TSM, sobretudo quando procuram aplicar métodos alternativos, apoiado em depoimentos de profissionais e também de pacientes, destacando os critérios administrativos de admissão e alta, a repressão e as condutas defensivas dos TSM diante das adversidades, e a importância das assembléias deliberativas, além da situação ambígua e desalentadora dos residentes e novatos no setor.

BONNANO, Osvaldo. Coyuntura actual de la salud mental. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 34, p. 25-29, Marzo-Abril de 1974.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Psiquiatria
Palavras-chave: Teoría; Práctica; Crisis; Imperialismo

Resumo: Panfleto que pretende colocar a prática da saúde mental à frente da teoria, com a finalidade de atingir o conjunto da população pela via revolucionária. As instituições existentes são repressivas e fragmentadoras, o profissional mal pago (quando pago) é ele mesmo um “administrador de la pobreza”, a saúde sofre um processo de mercantilização em detrimento da função pública – tudo o que já se sabe. Mas o articulista acredita piamente que os inimigos da “salud popular” têm “pies de barro” e que seus dias estão contados, com base em Mao (“servir al pueblo” é o chavão do chinês que fecha o texto) e nos agitos políticos argentinos desde 69, entre os quais “el movimiento de base de profesionales de la salud” (em maiúsculas), cujos chavões Bonnano também se compraz em reproduzir.

Autores citados: Hugo Vezzetti; Ulloa; Cooper; Laing; Goffman; Hocchman; Caudill; Szasz; Bastide; Foucault; Liotta; Beatriz L. Perosio; Franco Basaglia; Mao Tsetung

PEROSIO, Beatriz L. Salud pública y dependencia. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 34, p. 30-34, Marzo-Abril de 1974.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Saúde
Palavras-chave: Monopolio; Pueblo; Mercancía; Explotación

Resumo: Panorama do caos na saúde pública argentina a partir das mudanças em sua legislação, que favorece a privatização do sistema, em obediência – diz Perosio – às imposições do imperialismo ianque. Após fornecer dados alarmantes da situação do setor na América Latina, aborda o tema específico de seu artigo: a planificação da política sanitária argentina, cuja legislação mercantilista pode ser ainda mais aprofundada “en caso de aprobarse el plan de Sistema Nacional Integrado de Salud que está a consideración del Poder Legislativo”. Para um próximo número da revista promete uma análise deste plano e a proposta de uma alternativa de cunho popular (nunca publicadas). No rodapé, seu trabalho também se quer coletivo – “resultado de la investigación de varios compañeros de la Tendencia Práctica Revolucionaria de TSM”.

Autores citados: Domingo Liotta

Sobre la Ley del Sistema Nacional Integrado de Salud. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 34, p. 35-36, Marzo-Abril de 1974.

Vocabulário Controlado: DOCUMENTO

Palavras-chave: Salud pública; Clase trabajadora
Resumo: Reprodução do documento da “Coordinadora de Trabajadores de Salud Mental”, apresentado ao Parlamento Nacional para “fijar su posición” contra a política “antipopular” da ditadura e a favor de uma estrutura social “sin explotadores ni explotados”, diante do recente “Proyecto de Ley de Sistema Nacional Integrado de Salud”. Ocorre que este projeto possuía boas bases ao ser anunciado em junho de 73 mas teria sido “degradado” “por quienes manejan los fondos destinados a las Obras Sociales y por los capitalistas de la medicina que usufructúan dichos fondos”. Em oposição ao projeto, propõe-se um plano de emergência com medidas socializantes para a saúde através de um movimento que deve ser estável e coordenado.

Autores citados: Liotta

Libros distribuidos en Buenos Aires – Febrero-Marzo 1974. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 34, p. 37-39, Marzo-Abril de 1974.

Vocabulário Controlado: INFORME

Editorial. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 35 (especial), p. 3, Mayo-Junio de 1974.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Revolución cultural; Socialismo; Intelectualidad; Liberación nacional

Resumo: A China maoísta como espelho para “la liberación nacional y la construcción de una nueva sociedad en la Argentina” motiva esta edição “especial” de *Los Libros*, que com o foco no problema da superestrutura quer dar uma “imagen verdadera de China”. Mais alguns motivos, entre os declarados: a viagem de Nixon em 1972 e a operação publicitária da “prensa burguesa” para neutralizar o significado da Revolução Cultural (ie, a suposta consolidação do socialismo e a mudança na relação de forças em nível mundial); seu exemplo de ruptura radical pela via armada, necessária aos países coloniais e dependentes; o conteúdo de classe do poder, supostamente próprio ao processo chinês; e a partir daí a solução da questão das relações dos intelectuais com as massas, “para la superación entre trabajo manual e intelectual”.

PIGLIA, Ricardo. La lucha ideológica en la construcción socialista. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 35 (especial), p. 4-9, Mayo-Junio de 1974.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciência política

Palavras-chave: Revolución cultural; Ideología; Producción; Contradicción; Teoría

Resumo: Seis páginas com fins estritamente didáticos, e o título mais que ilustrativo. A grande questão proposta pelos socialistas chineses segundo Piglia: “antes que a clases económicas, se trata de enfrentar ideas y posiciones de clase. Así la lucha de clases toma fundamentalmente la forma de una lucha ideológica”. Entre seus principais objetivos está a destruição da oposição cultura/produção, vida material/vida espiritual, e a aposta no que chama de “revolucionarización ideológica”. Membro do grupo Vanguardia Comunista (uma dissidência do PC, como o PCR de Sarlo e Altamirano), Piglia conclui em 1974, um ano antes de se afastar de *Los Libros* e após visitar a China, que “la revolución cultural es una gran campaña de rectificación del estilo de trabajo en el partido, realizada en el seno de las masas (y no ya únicamente entre los cuadros y con los militantes)”.

Autores citados: Lenin; Marx; Brecht; Charles Bettelheim; Horacio Cifardini; Mao Tse-tung; Gramsci

CIAFARDINI, Horacio. Revolución cultural, revolución en la producción. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 35 (especial), p. 10-13, Mayo-Junio de 1974.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Ciência política

Palavras-chave: Producción; Comunismo; Revolucionarización

Resumo: Apoiado no livro *Revolución cultural y organización industrial* (Buenos Aires, Ed. Siglo XXI), de Charles Bettelheim, o texto exalta “la revolucionarización de las relaciones de producción” (título do cap. IV) ao modo maoísta, em tensão com as práticas “revisionistas burguesas” que caracterizariam o modelo soviético. A restauração capitalista na Rússia (corretamente prevista) adviria de um processo de descentralização, realizado a partir da “reforma económica” em vários países do bloco comunista, que mantinha os critérios hierárquicos de uma burguesia estatal. Na China, ao contrário, as massas através do partido proletário controlariam a descentralização econômica, dando a ela seu “dinamismo excepcional” (Bettelheim), reduzindo ao mínimo o aparato administrativo, “algo que se

comprueba en todas partes”. Faltou prever a restauração capitalista chinesa – o “rojo” que pode se tornar “blanco” segundo Mao –, o que obviamente não se poderia esperar de uma edição propagandística “especial” da revista.

Autores citados: Lenin; Mao Tse-tung; [marxistas]

DAUBIER, Jean. Ideología, poder e izquierdismo en China Popular. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 35 (especial), p. 14-18, 20-22 e 24-26, Mayo-Junio de 1974.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciência política

Palavras-chave: Tradición; Partido; Ideología; Revolución cultural; Proletariado

Resumo: Manual da revolução permanente maoísta com três mandamentos básicos: a supremacia da política, do trabalho ideológico e a função dirigente do partido. Além de repetir pontos das ladainhas de Piglia e Cifardini, Daubier se alonga em minúcias da vida comunista chinesa, seus planos de retificação periódica para “imersión ideológica”, o funcionamento de seus quadros e a função política do “culto a la personalidad”, que “no fue explicada jamás” e que se basearia na exaltação recíproca entre as massas e Mao na luta contra a burocratização. A bíblia “roja” contém ainda lições de como lutar sem trégua contra o “neomandarinado oculto bajo un ropaje marxista”, “la liberalización” e “la tradición”, e advertências à “contribución contrarrevolucionaria” dos intelectuais: “Quien rechaza la ideología socialista cae inevitablemente en la ideología burguesa”. Sua conclusão faz uma crítica do “izquierdismo”, chaga paradoxal da esquerda no mundo comunista chinês, e chaga da direita no mundo capitalista, a qual só tirou proveito do paradoxo, que seguiu deteriorando a organização política maoísta (já em seus estertores).

Autores citados: Lenin; [marxismo]; Mao Tsetung; Stalin; Evtuchenko

Curar a los enfermos para la revolución. La psiquiatría en China después de la Revolución cultural. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 35 (especial), p. 28-31, Mayo-Junio de 1974.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Psiquiatria
Palavras-chave: Proletariado; Ideología; Revolución cultural

Resumo: “Partir del pensamiento de Mao Tsetung para curar la enfermedad mental”: este é o título de um artigo do *Diario del Pueblo* chinês, publicado em 10 de agosto de 1971, e este é o

resumo do resumo do presente texto, traduzido de *Cinétique* nº 3 (maio 72). Além do artigo do jornal citado, o texto resulta de visita a hospital de Shanghai, de encontro com médicos de Xian em 71, e de artigo em *La Chine* (nov. 71), conforme nota prévia. Para atingir a cura pela mão de Mao, tratou-se de criar condições para que os doentes mentais (que seriam pouquíssimos na China) tomassem parte na revolução “desde el hospital”, começando pela reeducação proletária dos médicos, os quais passaram a ter os doentes como “hermanos de clase”. Combateriam assim a concepção burguesa tecnicista e opressora (bem como a “ultra-izquierdista” igualitarista, “que niega toda especificidad”), de tal modo que relacionam estes inimigos com a própria doença mental, vista enquanto consequência da luta de classes. Mas nem a acupuntura, praticada com sucesso também na China maoísta, seria capaz de curar tal delírio, apesar das boas intenções de destruição do velho aparato psiquiátrico, definido com acerto como “elemento indisociable del aparato represivo del Estado” na conclusão desta tradução de traduções.

Autores citados: [marxismo-leninismo]; Mao Tsetung

Educación y lucha de clases en China. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 35 (especial), p. 33-39, Mayo-Junio de 1974.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Educação
Palavras-chave: Proletariado; Ideologia; Prática; Teoria; Revolución cultural

Resumo: Panfleto traduzido de “*La Revolución dans l’enseignement en Chine*, suplemento de *Aujourd’hui la Chine*, nº 19-32, publicación de la Association des Amitiés Franco-Chinoises”, segundo a nota prévia que, junto àquela do texto anterior, leva a pensar que a China na Argentina fala francês. O texto insiste no progressivo fim da divisão entre trabalho manual e intelectual através da “escuela del proletariado”, que liga a educação à produção e cujas cifras – a se crer nas cifras oficiais – são impressionantes (v. p. 33), correspondendo ao dito “Gran Salto Adelante” (1958-59). Mas os inimigos são os mesmos: a ideologia burguesa, que propaga um saber enciclopédico pretensamente “para todos”, o revisionismo, que se confunde com a burguesia, e mais recentemente a “ultra-izquierda”. Se a Revolução Cultural desencadeada em 1965 conseguiu deter o processo de “desescolarización” promovido pelos primeiros, surgiu a nova corrente inimiga, que em termos de educação significaria a condenação de quadros e professores sem

tentativa de reintegração e o favorecimento da prática em detrimento do estudo e da teoria.

Autores citados: Marx; Li Ying; [leninismo]; Tsien Weitchang

BLUMER, Giovanni. Reflexiones sobre la Revolución cultural. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 35 (especial), p. 40-41, Mayo-Junio de 1974.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Cultura

Palavras-chave: Lenguaje; Socialismo; Cultura

Resumo: Trechos de texto publicado em *Quindici* (nº 19, agosto 1969), o qual define a Revolução Cultural como “un programa global para el desarrollo cultural de las masas obreras y campesinas, confiando su realización a los intelectuales”, em um momento em que a revolução está consolidada mas necessita enfrentar de modo específico os problemas relativos à construção do socialismo. Seguindo o marxismo-leninismo segundo Mao, o processo político chinês vê na cultura a expressão adequada do sistema econômico, restaurando sua dialética própria, contra o “humanismo” burguês elitizante, a fim de retirar camponenses e proletários de seu isolamento. Resulta daí, por exemplo, “un hecho nuevo en Asia”: que em uma aldeia nos confins do país se possa ler um jornal, integrando-se ao mundo através de uma linguagem comum que não “el lenguaje de salón de la ‘literatura’” – de tal modo que a vanguarda deve ter a coragem de abandonar a “literatura”, conclui Blumer, mantendo “una concepción crítica de la cultura del pasado”.

Autores citados: [marxista-leninista]; Mao Tsetung

TSE TUNG, Mao. Notas de lectura sobre materialismo dialéctico. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 35 (especial), p. 42-45, Mayo-Junio de 1974.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Filosofia

Palavras-chave: Proletariado; Idealismo; Materialismo dialéctico; Lucha de clases

Resumo: A bula maoísta encerra naturalmente com Mao, em um de seus ensaios filosóficos brutalmente dicotômicos e arbitrários. *Los Libros* traduz fragmentos das “Notas”, publicadas originalmente entre abril e junho de 1938 em revista chinesa, desta vez a partir de uma versão inglesa de 69. Como se sabe, sua linguagem é militar, materialismo e idealismo são dois exércitos em luta, e suas origens se devem às contradições de classe, assim como são armas das classes antagônicas; e, a fim de eliminar o idealismo, é imperioso liquidar com a distinção

entre trabalho manual e intelectual. Mais alguns chavões, para fechar: “El materialismo dialéctico es la arma revolucionaria del proletariado”; “La dialéctica materialista es la única epistemología científica, y también la única lógica científica”; “Todo el poder pertenece a la materia”; “Las filosofías de todas las fuerzas reaccionarias son teorías del inmovilismo”. Não resta (não há como restar) dúvida.

Autores citados: Deborin; Marx; Engels; Lenin; Hegel; Stuart R. Schram

Libros distribuidos en Buenos Aires – Abril-Mayo 1974. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 35 (especial), p. 46-47, Mayo-Junio de 1974.

Vocabulário Controlado: INFORME

LÓPEZ, Juan Carlos. Urbanización: teoría y práctica. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 36, p. 3-5, Julio-Agosto de 1974.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Urbanismo

Palavras-chave: Imperialismo; Capitalismo; Dependencia; Oligarquía

Resumo: Benfeito artigo sobre o caos urbano deflagrado pelo capitalismo multinacional e o imperialismo ianque, conforme o vocabulário da época. López critica as idéias do tipo “ciudad-territorio”, surgidas entre urbanistas de países desenvolvidos e mecanicamente transpostas aos países “dependientes”, sem levar em conta suas particularidades e a contradição “ciudad-campo” em relação ao fenômeno das megalópoles em determinada formação sócio-econômica, ie, “capitalista-consumista”. Assim se produziria a urbanização argentina, “enferma de gigantismo”, ao mesmo tempo que discriminatória em relação à maioria da população, além de instigadora dos mitos do “transporte automotor privado” (em detrimento dos transportes coletivos), da casa própria e do “confort sofisticado”. Para o “reformismo” trata-se de uma questão de atraso e subdesenvolvimento, distorcendo segundo López o debate sobre liberação e dependência, a qual não se deve a um “problema patológico” e sim à “verdadera y única fisiología del desarrollo urbano” em tais condições.

SCHULMAN, Dante. Apropiación del espacio urbano en el Gran Buenos Aires. Historia y resultados. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 36, p. 6-11, Julio-Agosto de 1974.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Urbanismo

Palavras-chave: Práctica social; Proletariado; Ciudad; Contradicción

Resumo: Este texto “escolar”, fruto de pesquisa de alunos e professores da cátedra “Elementos de Diseño” da Facultad de Arquitectura y Urbanismo de Buenos Aires (cujo titular era Schulman), começa até promissor, lendo a cidade como documento vivo do processo social que a constrói, o qual mantém seus monumentos e símbolos e apaga a história dos subalternos, para logo cair no binarismo, no historicismo e na estatística. Separa “maoisticamente” a reflexão sobre a urbanização em idealista ou materialista, e segue nessa linha, sem deixar de exaltar de modo messiânico o “auge revolucionario de masas que hoy vive la sociedad argentina”, espelhando as contradições do contexto social. Gasta metade do espaço com a história da urbanização do país e da Gran Buenos Aires até os dias atuais, em que “se extiende irracionalmente, como una mancha de aceite”, criando as “villas de emergencia”. Cai finalmente na comparação da apropriação do espaço urbano nas diferentes classes sociais, para resultados previsíveis e a reiteração do conceito-fetiche de contradição.

COREA, Mario. Rosario: un proceso de urbanización dependiente. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 36, p. 12-18, Julio-Agosto de 1974.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Urbanismo

Palavras-chave: Dependencia; Producción; Contradicción; Revolución

Resumo: Um texto “dependiente” sobre a dependência em Rosario (se apóia cinco vezes na mesma fonte), pleno de contradições principais e secundárias, já que o assunto é a consolidação de “la ciudad como entidad contradictoria”... e a solução explícita (v. nota 10, p. 18) é a luta armada. Para uma verdadeira reforma urbana (e agrária), segundo Corea, só mesmo a transformação revolucionária, resolvendo as contradições cidadinas através da solução “de las contradicciones estructurales que le dan origen”, a partir da análise materialista do “rosariazó” como expressão urbana da luta de classes. Munido de mapas da cidade – o primeiro mostrando a “estructura semiradial monocéntrica” (palavrões que aparecem nove vezes no texto!) e o segundo a “segregación socio-ecológica” (outras tantas) –, o autor narra a história do lugar, simulacro de Buenos Aires em sua “estructura de dominación y dependencia”, para concluir com um rol de “medidas concretas” para um futuro tão imediato quanto inexistente.

Autores citados: Ferrer; Cristiá; Ciafardini; Oscar Mangsfeld; Juan Carlos López

BORSANI, Carlo A. Políticas de planificación y vivienda. *Contesta: Carlos A. Borsani. Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 36, p. 20-21, Julio-Agosto de 1974.

Vocabulário Controlado: ENQUETE

Palavras-chave: Imperialismo; Dependencia

Resumo: Pergunta 1 (sobre estrutura urbana dependente no país): “explotación = drenaje = enajenación”, uma equação inquestionável para Borsani, que fazendo outro deslocamento repentino prega “el desmantelamiento de la universidad liberal” ao fim de sua resposta; 2 (sobre tecnologia e construção massiva urbanas atuais): uma autoridade peronista, professor da Facultad de Arquitectura de Rosario e diretor do Instituto de Planeamiento Territorial y Vivienda sob um governo peronista – “Gobierno Popular”, como diz –, está em maus lençóis e é fatalmente evasivo, atribuindo as contradições do setor a “intereses sectoriales” e requerendo “una mayor ingerencia de los agentes del aparato del Estado”; 3 (sobre medidas concretas para necessidades populares): aqui o diretor se supera, cobrando maior controle pela via estatal e “la real y auténtica participación del sujeto social”, e culpando “una política a nivel nacional” (anterior) da construção – considerações “técnicas” que “cobram su sentido en el contexto del compromiso asumido como militante del Movimiento Peronista”. (Suas respostas têm o valor de tornar mais claro o advento dos Videlas).

CAPETTINI, Edgardo. Políticas de planificación y vivienda. *Contesta: Edgardo Capettini. Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 36, p. 22-23, Julio-Agosto de 1974.

Vocabulário Controlado: ENQUETE

Palavras-chave: Dependencia; Urbanización; Industrialización

Resumo: 1 (v. questões resumo anterior): Total desequilíbrio na configuração do país e de sua capital – diz este arquiteto e professor da Facultad de Arquitectura de Rosario –, que cresce “desmesuradamente, convirtiéndose en el pivote de una estructura macrocefálica”, fruto de uma economia deformada e dependente, geradora de riqueza e pobreza extremas; 2. Na estrutura urbana atual, livrada à lei da oferta e da procura e agravada pela especulação, o problema da localização (das habitações às escolas e aos serviços) é tomado como privilégio e não como “derechos irrenunciables”, e para sua harmonização, segundo Capettini, é necessário o

controle e uso da terra urbana e da periferia pelos órgãos públicos; 3. “La solución se enmarca en el plano de las políticas globales a nivel nacional, regional y urbano”, as quais o arquiteto não se considera em condições de contemplar – daí seguem frágeis sugestões socializantes, partindo da ruptura com a dependência e de uma “profunda reforma agraria”, que proporcionasse um desenvolvimento equilibrado com “industrialización paulatina de la construcción” em benefício das “mayorías populares”.

STROK, Luis. El problema urbano. Selección bibliográfica. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 36, p. 24, Julio-Agosto de 1974.

Vocabulário Controlado: BIBLIOGRAFIA

Resumo: Seleção organizada por um arquiteto, com objetivos polêmicos em relação ao problema urbano e o papel do profissional, segundo nota prévia. A seleção está dividida em: A – Sociología urbana; B – Ocupación del espacio urbano, rol del profesional e ideología; C – Planificación, ocupación del espacio urbano y dependencia; e D – La ciudad. Planteos específicos.

ALTAMIRANO, Carlos. El último Althusser. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 36, p. 26-28, Julio-Agosto de 1974.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciências sociais

Palavras-chave: Marxismo; Ideología; Idealismo; Revolución; Estructuralismo

Resumo: Esta crítica ao “althusserianismo” pode ser sintetizada como “o grito da ortodoxia” (marxista). A crítica – e autocrítica – de Althusser, por sua vez (em *Para una crítica de la práctica teórica. Respuesta a John Lewis*, trad. Santiago Funes, Ed. Siglo XXI Argentina,), segundo o ataque do resenhista, poderia ser resumida em “alarde verbal” e “rigor reduccionista” com “manipulación de tesis marxistas clásicas para dar status marxista a tesis no marxistas”. Porque, para Altamirano, Althusser é um teórico idealista e revisionista travestido de marxista-leninista cuja matriz está na “ideología estructuralista” (expressão repetida várias vezes). Seu recado tem endereço certo uma vez que a vaga althusseriana tem grande influência entre a esquerda intelectual (pequeno-burguesa) argentina a partir da segunda metade dos 60, como observa o próprio atacante. A primazia da teoria sobre a prática e a restrição de seu conceito de história – como história exclusiva dos movimentos e conflitos políticos da cultura dominante – fariam desmorrar seu edifício político-filosófico.

Autores citados: John Lewis; Engels; Marx; Lenin; [maoísta]

MAS, Santiago. Sobre la Internacional Comunista y las luchas de liberación nacional. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 36, p. 29-31, Julio-Agosto de 1974.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciências sociais

Palavras-chave: Imperialismo; Proletariado; Revolución; Contradicción

Resumo: Mas se prende a detalhes polêmicos para apoiar sua crítica de *La internacional comunista y el problema colonial* (Córdoba, Ed. Pasado y Presente), de Rudolf Schlesinger, e fazer a defesa apaixonada da China maoísta. Mas o texto, apesar de ressentido, guarda certo interesse ao trazer à tona os conflitos URSS X China, revisionismo X revolucionarismo, idealismo X materialismo (para usar as oposições do momento), que marcam a trajetória da revista, cada vez mais refratária à União Soviética. De modo que para Mas trata-se de um texto “desafortunado” que não compreende a contradição principal nos países oprimidos (ao, por exemplo, desdenhar as relações de produção em prol das forças produtivas), que distorce o pensamento de Lenin atribuindo-lhe alianças e manobras inexistentes, que difunde inverdades sobre o PC, o povo chinês e sobretudo o deus Mao, que enfim sequer deveria ser publicado, já que o autor usaria seu importante tema apenas para “justificar las tesis del revisionismo contemporáneo”.

Autores citados: Mao Tsetung; Lenin

SARLO, Beatriz. Cortázar, Sabato, Puig: ¿parodia o reportaje?. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 36, p. 32-33, Julio-Agosto de 1974.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Literatura

Palavras-chave: Ficción; Política; Parodia; Verosimilitud; Hegemonía

Resumo: Beatriz (agora só) Sarlo força uma leitura politizada da literatura argentina em sua análise literária mais violenta e direta até aqui, atribuindo o esgotamento da possibilidade de narrar – manifestado por Sábato, Cortázar e Puig em seus últimos livros – a uma demanda de novidade do mercado e a um processo “de desarrollo incierto pero vinculado con la crisis de una cultura hegemónica, la de las clases dominantes”. Pode-se concordar que *Abaddón el exterminador* é péssimo e que *El libro de Manuel* é o pior de Cortázar, como diz, ao operarem com modelos similares a partir de um “progresismo

declarado” e da impossibilidade de narrar, mas não com a impugnação de *Buenos Aires affaire*, que seria “el revés de la trama” ao superafirmar sua variante genérica policial-folhetinesca. Tudo é colocado no mesmo saco da “novela burguesa”, que seria controlada pela voracidade do mercado, o que leva à impugnação de seu próprio modelo crítico, então marcado pela mais pura arbitrariedade.

Autores citados: Mujica Láinez; Marta Lynch; Silvina Bullrich

Libros distribuidos en Buenos Aires – Junio-Julio 1974. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 36, p. 35-38, Julio-Agosto de 1974.

Vocabulário Controlado: INFORME

Los Libros. Para una crítica política de la cultura, nº 37, p. 3, Setiembre-October de 1974.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Monopolio; Imperialismo

Resumo: Anúncio dos dois artigos iniciais desta edição, sobre o “monopolio norteamericano” Standard Electric-ITT, que serve como modelo do imperialismo “yanqui”, “aplicable sin duda a otros”. Sua análise demonstraria os mecanismos “psíquico-ideológicos” utilizados para a manutenção das relações de exploração, além das determinações econômicas. A revista impõe então a necessidade de uma “práctica científica” esclarecedora e a nacionalização do monopólio imperialista, junto com “la liquidación definitiva del poder económico y político de los yanquis en nuestro país”.

VEZZETTI, Hugo Mario; PECHENY, Guillermo. Standard Electric: trabajo y represión. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 37, p. 3-5 e 8-11, Setiembre-October de 1974.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Saúde

Palavras-chave: Explotación; Represión; Salud; Trabajo

Resumo: Membros da “Tendencia ‘Práctica Revolucionaria’ de trabajadores de la salud”, Vezzetti e Pecheny descrevem as condições opressivas de trabalho em uma indústria multinacional de artefatos elétricos em San Isidro, tendo como fonte as operárias da seção “Platinas” e como lema, claro, “servir al pueblo”. O trabalho foi organizado a partir de uma “reunión-debate” realizada em 1973, incluindo as operárias, profissionais da saúde, estudantes e público em geral, graças – dizem – à relação próxima com a “vanguardia obrera y sindical de la fábrica”, a

qual é dedicada a pesquisa. Entre outras conclusões, afirmam que a organização da repressão supera o simples incremento da produção para criar um clima de “opresión-subordinación” a fim de manter as condições de “superexplotación”, com a participação cotidiana de médicos e psiquiatras para a institucionalização da violência no trabalho, conformando um panorama comum próprio à produção monopólica, para a qual só haveria um remédio: a revolução proletária.

Autores citados: Beatriz Perosio; Erving Gofman; Franco Basaglia; Jacques Hochman

BRAILOVSKY, Antonio Elio. Los cables de la ITT. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 37, p. 6-7, Setiembre-October de 1974.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Ciências sociais

Palavras-chave: Capitalismo; Monopólio; Tecnología

Resumo: Raio-x em duas páginas da International Telephone & Telegraph (ITT), que faz qualquer um com mínima consciência social pensar em virar guarda vermelho. Porque (entre muitos outros motivos): seu presidente (à época) foi diretor da CIA; a ITT trabalha para o Departamento de Defesa “yanqui”; opera (então) em 60 países com métodos mais que suspeitos, dos quais um bom exemplo é o contrato com o governo argentino; este lhe deu o controle de 95% da telefonia do país desde 1940, com a ajuda de dois ex-presidentes, T. de Alvear e Ortiz, que foram seus advogados; e por aí vai. Além disso, o texto caracteriza de início as condições para o estabelecimento de monopólios, e denuncia ao final o papel da dependência tecnológica “en las maniobras monopólicas”. Inclui um quadro com a ficha completa da Compañía Standard Electric Argentina S.A. – o nome do monstro no país.

KOSSOK, Manfred. Feudalismo y capitalismo en la historia de América Latina. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 37, p. 13-19, Setiembre-October de 1974.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – História

Palavras-chave: Feudalismo; Capitalismo; Colonialismo; Dependencia

Resumo: Relato historiográfico importante para entender as contradições sócio-econômicas que caracterizam a América Latina, diretamente relacionadas com o tipo de política adotada pelos países ibéricos, assim como com a decadência de seu modelo colonialista feudal e com a ascensão das formas de capitalismo típicos da Inglaterra e dos Países Baixos. O autor enfatiza a influência de

ambos modelos na formação da economia latino-americana – ie, em seu atraso devastador até hoje – mas prejudica seu próprio trabalho com uma obsessão pelas enumerações, que vão de “causas”, “pontos”, “erros”, “reservas” a “autores” – principalmente autores, em um total de 80 (recorde da revista). O quadro poderia ser assim resumido: frágil burguesia autóctone com forte aristocracia latifundista “criolla”.

Autores citados: S. J. Stein; S. J. Hurt; E. Florescano; J. L. Phelan; P. K. Korn; L. Vitale; M. Marini; A. G. Frank; Ch. Verlinden; F. Mauro; J. P. Wallot; R. Palmer; P. Vilar; A. Soboul; K. Marx; W. Markov; R. Konetzke; R. Carande; P. Chaunu; J. Vicens Vicens; J. von Klaveren; E. E. Litavrina; J. Heers; R. Altamira; J. A. Maravall; J. Amador de los Ríos; J. Larraz López; V. I. Lenin; C. F. S. Cardoso; R. Barta; R. Felber; F. Katz; A. H. Oliveira Marques; J. Kulischer; H. Hausherr; H. Motteck; M. Bataillon; M. Ballesteros-Gaibrois; R. C. Simonsen; H. B. Johnson, Jr.; E. Werner; E. Semo; J. Friede; A. Jara; S. Zavala; L. B. Simpson; G. Lohmann Villena; E. Arcila Fariás; J. Lockardt; R. G. Keith; J. Kuhler; V. Roel; J. Rowe; M. V. Villarán; P. Macera; F. Chevalier; M. Góngora; M. Kula; E. Florescano; R. Romano; E. J. Hobsbawm; E. D. Genovese; J. Hell; G. M. Hall; H. S. Klein; J. Le Riverend; R. Mellafe; E. Williams; A. P. Whitaker; R. C. West; W. Howe; M. Bargallo; J. P. Berthe; A. V. Humboldt; Ch. Boxer; S. Bagú; M. Morner; O. Jaén Suárez; F. Brito Figueroa; M. Izard

CIAFARDINI, Horacio. Feudalismo: economía y sociedad. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 37, p. 20-22, Setiembre-October de 1974.

Vocabulário Controlado: RESENHA – História

Palavras-chave: Feudalismo; Capitalismo; Burguesia; Revolución

Resumo: Resenha de dois livros sobre a questão feudal, *El feudalismo* (Madrid, Ed. Ayuso, 2ª ed., 1973), vários autores, e *Teoría económica del sistema feudal* (Buenos Aires, Ed. Siglo XXI), de Witold Kula. O primeiro, resultado de um colóquio (onde? quando?), é achincalhado enquanto “economicista” e sua segunda parte, sobre o feudalismo nos países árabes, é considerada como exclusiva para iniciados. Além disso a questão da Revolução Francesa, segundo Ciafardini, é apenas mencionada, assim como aquela do Estado, decisiva para sua avaliação. Ao historiador polaco no entanto sobram elogios, já que sua obra, ao contrário da anterior, especifica melhor seu objeto – o feudalismo secundário na Polônia (séculos XVI-XVIII) – e lhe dá um

caráter sistemático, tendo como fio condutor o problema da racionalidade ou “irracionalidade” da economia feudal e não capitalista em geral, e mostrando que se trataria antes de uma racionalidade distinta, “propia de otras relaciones sociales de producción”, conforme o ensinamento de Marx, que se oporia a um pensamento abstrato sobre a história.

Autores citados: A. Soboul; [althusseriana]; Lenin; Ch. Parain; Marx; Balzac

SARLO, Beatriz. Yo el Supremo: el discurso del poder. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 37, p. 24-25, Setiembre-October de 1974.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Crítica; Boom; Escritura; Poder
Resumo: Se o texto de Roa (como refere Sarlo) é débil porque unilateral (como quer Sarlo), o seu próprio discurso crítico nesse momento não o é menos. Ecoam em sua resenha de *Yo el Supremo* (Buenos Aires, Ed. Siglo XXI) os lemas de sua posição política, que poderia ser definida então como “nacional-chinoísta”, embora apenas nas entrelinhas. Esta “ubicación” sintoniza cem por cento com o discurso de C. Altamirano, cujo alvo é a escola francesa, althusseriana, “idealista”. Diz Sarlo, para concluir: “la ambigüedad e inversión de esta relación [a escritura subordinada ao poder do Supremo] supone, en la base, la inversión idealista de las relaciones reales”. A crítica sente a ausência dos oprimidos no texto do Supremo, parecendo – pecado dos pecados – não ter sequer história. Mas há um outro eco na resenha, que inicia situando *Yo el Supremo* entre a “novela latinoamericana de inspiración histórico-mítica”, ligada por sua vez ao fenômeno mercadológico do boom, e “las teorías sobre la escritura, en especial las francesas” (nem sempre conseqüentes com as fontes originais, frisa cautelosamente): aquele de sua posição crítica manifestada em sua resenha imediatamente anterior na revista (nº 36), em que aborda o momento pós-boom via Sábato, Cortázar e Puig. De tal modo que situa o livro de Roa nesse contexto, avaliado antes e retomado aqui em quatro linhas: “...su tendencia a poner de relieve el carácter convencional –de código– de lo literario o, en otras instancias, hacia literaturas de las antes denominadas marginales” (leia-se folhetins, leia-se Puig). Há anúncio celebratório do livro na contracapa desta mesma edição.

Autores citados: Carpentier; García Márquez; Arguedas; Rulfo

DELGADO, Josefina. Octaedro: el oficio de sorprender. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 37, p. 26, Setiembre-October de 1974.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Lenguaje; Práctica; Revolución

Resumo: A crítica literária em *Los Libros* a estas alturas manifesta-se em unísono, como nesta breve resenha de *Octaedro* (não há detalhes editoriais). Para Delgado, ao retomar as linhas significativas de sua contística original, Cortázar apenas “confirma la dicotomía liberal”, ou seja, declaracionismo (pró-revolução) e mitificação, escapismo, alienação. Seus oito contos demonstram, diz, “absoluta falta de riesgos”, e a realidade como aventura, busca, originalidade – velhos mitos burgueses. Assim, sob a forma de um modelo de pensamento ausente da história (à maneira de *Yo el Supremo* segundo Sarlo), sua literatura será instrumento ineficaz para o combate declarado necessário pelo próprio escritor, como se lê em citação de texto político publicado na revista *Crisis* nº 11, em março de 74. Não se trata, diz Delgado, de “construir un relato al estilo del realismo socialista” (mas quase), “tampoco abandonar la transformación del lenguaje” (mas quase).

Libros distribuidos en Buenos Aires – Agosto-Setiembre 1974. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 37, p. 31-35, Setiembre-October de 1974.

Vocabulário Controlado: INFORME

SARLO, Beatriz. Hernández Arregui: historia, cultura y política. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 38, p. 3-7, Noviembre-Diciembre de 1974.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciências sociais

Nome pess. como assunto: HERNÁNDEZ ARREGUI, J. J.

Palavras-chave: Peronismo; Dependencia; Contradicción; Ideología; Hegemonía; Revolución

Resumo: Em cinco páginas de pesadas críticas a um dos ideólogos do peronismo, um acerto de contas com o passado político da própria autora – que de imediato faz sua autobiografia ao mapear a intelectualidade universitária de que era parte. H. Arregui oferecia principalmente aos jovens um tipo de peronismo menos ortodoxo, ligado ao marxismo – mas qual marxismo não interessava saber, segundo Sarlo (que como Piglia anuncia uma seqüência de trabalhos inexistente). Anti-ínglês e anti-americano, influenciado por um marxismo “de corte socialdemócrata” e marcado pela indigência de instrumentos de análise, H. Arregui teria sido compreensivo com a direita católica dos anos 30, hostil com a pequena burguesia e os camponeses, dogmático com a intelectualidade, racista e xenófobo com os imigrantes e “lleno de expectativas frente al proyecto que a través de la figura de Perón se impone al proletariado”. Em conclusão, foi um teórico conseqüente do peronismo que atraiu membros, como ela, da pequena burguesia intelectual e universitária “a la que proporcionó los ‘argumentos teóricos’ de una operación política”.

Autores citados: [marxista]; Rodolfo Mondolfo; [roquismo]; Lugones; Scalabrini Ortiz

DELGADO, Josefina; MARTÍNEZ, Carlos D.; SCHWARTZMAN, Julio. La enseñanza de la literatura en los textos de la escuela secundaria. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 38, p. 8-15, Noviembre-Diciembre de 1974.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Educação

Palavras-chave: Dependencia; Imperialismo; Liberación

Resumo: Pesquisa sobre a onipresença do conservadorismo literário nas escolas secundárias argentinas. O texto, apoiado por seis quadros de exemplos de “como não ler”, começa e termina com loas à liberação nacional e “el despliegue de las energías revolucionarias de nuestro pueblo”. Já seu miolo desenvolve brevemente os pontos nevrálgicos do sistema de ensino, divididos entre os velhos manuais transcendentalistas e o

tecnicismo de “novas” e “revolucionárias” metodologias didáticas, que lidam com a moda estruturalista sem tê-la compreendido. “Toda esta confusión tiene raíces ideológicas”, diz o trio, descobrindo a pólvora, ie, sua matriz idealista assim como seu materialismo vulgar. Inclui-se uma lista de “Referencias” das obras citadas nos quadros ao final.

Autores citados: René Bastianini; Laura B. de Molina y Vedia; A. Gramsci; Groussac; Oyuela; Rojas; Leopoldo Lugones; Martínez Estrada; Guillermo A. Borda; Mansilla; Borges; Unamuno; Menéndez y Pelayo; Miguel Cané; Martiniano Leguizamón; Bartolomé Mitre; Ricardo Rojas; Rubén Darío; Echeverría; Sarmiento; Roberto de Montesquieu; Quiroga; Ferdinand de Saussure; Baudelaire; Arturo Berenguer Carisomo; Fermín Estrella Gutierrez; Hermanas Franciscanas de Gante; María Hortensia P. M. de Lacau; Mabel V. M. Rosetti; Carlos Alberto Loprete; Angel Mazzei; Elsa Risso Sperber; Liliana Zaffaroni; Santiago C. Stang; Alfredo Veiravé

BRAIN, Andrés; BERTOLDO, Carlos. Acerca de la psiquiatría biológica. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 38, p. 16-19, Noviembre-Diciembre de 1974.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Psiquiatría
Palavras-chave: Ciencia; Teoría; Fisiología; Psicoterapia

Resumo: Comentário mais que irônico dos doutores Brain (*brain!*) e Bertoldo sobre o I Congresso Mundial de Psiquiatría Biológica, realizado em Buenos Aires em setembro de 1974. Outra escola da reação – outra moda médica – a psiquiatría biológica, segundo a dupla BB, existe para o domínio e não para a liberação da mente humana, para combater as correntes psiquiátricas “de avanzada” e para consolidar os mecanismos de progresso profissional no mundo científico. A maior ênfase (negativa) é dada ao trabalho apresentado por um certo Fischer e colegas, “Introducción a la PB” – com lançamento de livro homônimo –, que consistiria em “serie de opiniones” sobre “multiplicidad de materias recién leídas y mal entendidas”. Ressaltam ainda que os poucos trabalhos sérios não tratavam do tema principal, e “exaltam” um trabalho intitulado “Psicosis de la selva”, por um autodenominado “biopsicosomatopatólogo” (Ojeda García), para quem a origem das perversões está na inadaptación dos camponeses à cidade.

Autores citados: B. Heller; R. Fernández Labriola; E. Rodríguez Casanova; D. Goldstein; T. Melnechuk; G. C. Quarton; F. O. Schmidt; Casanelli; Sidelnik; Skinner; N. Chomsky; J.

Bianco; Zöpke; [marxistas]; George N. Thompson; Ingham; J. Dalma; Freud; Brodie; Shore; F. G. Worden

BONANO, Osvaldo. Dialéctica de la lucha antimanicomial. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 38, p. 20-23, Noviembre-Diciembre de 1974.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Psiquiatria

Nome pess. como assunto: BASAGLIA, Franca e Franco

Palavras-chave: Capitalismo; Control social; Locura; Revolución

Resumo: Resenha-exaltação da prática psiquiátrica e do livro de Franco e Franca Basaglia, *La institución en la picota* (Ed. Encuadre), terapeutas italianos adeptos do maoísmo e da “Comunidad Terapéutica”. Bonano trata de situar as propostas basaglianas no contexto da polémica sobre saúde mental enquanto problemática política na Argentina. Tendo participado do “Encuentro de Florencia de Noviembre de 1973”, com intervenções dos Basaglia (incluídas no livro), acha-se no direito de anunciar o bom caminho para a questão, vale dizer, a transformação prática da instituição psiquiátrica (contra o seu questionamento absoluto), sempre relacionada ao caráter dependente da sociedade argentina e ao “poderoso auge de luchas obreras y populares”, o que lhe parece um “antídoto poderoso contra todo deslizamiento reformista”, já que tudo se resume a “servir al pueblo”.

Autores citados: María Elena Petrilli; Mauro Rosetti; Goffman; Maxwell Jones; Fanon

MAS, Santiago. Un ajuste de cuentas. Trotski y el trotskismo. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 38, p. 23-25, Noviembre-Diciembre de 1974.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Nome pess. como assunto: TROTSKY, Leon

Palavras-chave: Revolución cultural; Teoría; Capitalismo; Revolución permanente

Resumo: A resenha de *Sobre el trotskismo* (Buenos Aires, Ed. de la Flor), de Kostas Mavrakis, serve a Mas em três sentidos: reafirmar sua fé, a qual reza “asentarse firmemente en el ascenso revolucionario de los pueblos y reconocer los aportes realizados por Mao Tsetung al marxismo-leninismo”; impugnar Trotski e o trotskismo; e valorizar a ação de ninguém senão Stalin. Como o autor do livro professa credo semelhante, embora com divergências importantes

(ex.: Mavrakis dispensa o partido de vanguarda na revolução, Mas de jeito nenhum), o artigo oscila entre a missa e a festa no paraíso socialista chinês. De tal modo que, contra o “sociologismo” de Trotski e o caráter “premarxista” de sua dialéctica, a fim de construir “una correcta línea revolucionaria”, deve-se não só crer em Mao mas, seguindo o ditado do PC chinês, destacar a importância de Stalin para a ditadura do proletariado e o movimento comunista internacional, já que seus erros – tem a coragem de declarar Mas – são secundários.

Autores citados: Mao Tsetung; Marx; Trotski; Parvus-Helphand; Lenin; [blanquistas]; [proudhonianos]

MALLO, Carlos. Educación popular. ¿Concientización o práctica revolucionaria? *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 38, p. 27-29, Noviembre-Diciembre de 1974.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Educação

Nome pess. como assunto: FREIRE, Paulo

Palavras-chave: Ideología dominante; Lucha de clases; Liberación

Resumo: A equação maoístas versus “concientizadores” resume a resenha de Mallo sobre o livro *Educación popular y proceso de concientización* (Buenos Aires, Ed. Siglo XXI), de Julio Barreiro. Estes são os seguidores do método de Paulo Freire, que para aqueles está carregado de ambigüidades e generalidades ao não saberem (como *nosotros*) “formular correctamente el problema”, levando em conta a luta de classes, a dependência e o imperialismo “yanqui”. Assim, para Mallo, o maior aporte do livro surge do fato de os “educadores populares” entrarem em crise ao se confrontarem com “los sectores más postergados de la sociedad”, questionando seus próprios conceitos teóricos e ideológicos. Ao fim do texto, que ia terminando sem menção a Mao, uma nota com uma longa citação de “El Frente Único en el trabajo cultural”, sobre as necessidades e desejos das massas segundo o demiurgo chinês.

Autores citados: López Soria; Pierre Furter; Paulo Freire; Arnaldo Gomensoro; Alberto Silva; Reina Reyes; Iván Illich; H. Conteris; J. de Santa Ana; R. Cetrullo; V. Gilbert; Gramsci; Francisco Ferrara; Feuerbach; Carlos Marx; Engels; Mao Tsé Tung

CARMONA, Antonio. Yo el Supremo: ¿La escritura del poder o la impotencia de la escritura? *Los Libros. Para una crítica política de la*

cultura, nº 38, p. 30-31, Noviembre-Diciembre de 1974.

Vocabulário Controlado: POLÊMICA – Literatura

Nome pess. como assunto: ROA BASTOS, Augusto

Palavras-chave: Escritura; Lenguaje; Mito; Poder

Resumo: Réplica de um certo A. Carmona (pseudônimo de quem?) à crítica de Sarlo ao romance *Yo el Supremo*, de Roa Bastos (v. nº 37), precedida por uma introdução da mesma Sarlo, respondendo rapidamente ao texto a seguir. Nela, como na crítica, confronta a sua posição então “maoesca” com “los ecos de una teoría de la literatura” – que nunca nomeia e que relaciona em parte ao relato de “Roa” –, tida como “idealista por su inversión más o menos disimulada de las relaciones reales entre escritura y poder, escritura e historia”. Carmona propõe uma leitura ajustada ao projeto do romance e portanto oposta à “unilateralidade” conotada pela narrativa do Supremo segundo Sarlo: entre “Karai ñee” (a língua do senhor, o castelhano) e “Ave ñee” (a língua do índio, o guarani), reinventando duas tradições – “Es en el límite de estos espacios donde habría que ubicar ciertas literaturas latinoamericanas” (a de Arguedas é seu exemplo “contundente”, posto ao lado de Roa Bastos). Ao aprofundar essa contradição, já apresentada em *Hijo de hombre*, *Yo el Supremo* narra a história de seu fracasso, em meio ao qual (desde o título) surge um “El” que lhe acossa e finalmente destrói, através de um relato que não celebraria o narrador individual e sim a escritura do “Común” que “el Supremo [e Sarlo] no supo leer”.

Autores citados: Lévi-Strauss; Derrida; Arguedas

Libros distribuidos en Buenos Aires. Octubre-
Noviembre 1974. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 38, p. 32-35, Noviembre-Diciembre de 1974.

Vocabulário Controlado: INFORME

LOMBARDI SATRIANI, Luigi Maria. Folklore y cultura popular. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 39, p. 3-9, Enero-Febrero 1975.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Folclore

Palavras-chave: Ideologia; Ciencia; Hegemonía; Tradición

Resumo: Capítulo traduzido (por quem?) de *Folklore e Profitto. Tecniche di distruzione di una cultura*, “de próxima aparición en el Centro Editor de América Latina”. Analisa a potencialidade

revolucionária do folclore a partir de fracos exemplos (como provérbios italianos), e o caráter ambíguo da “ciencia del folclore” existente, tributária do conceito de tradição e de universalidade que, segundo o autor, define apenas os interesses da “ideología dominante”. A lógica da cultura popular a seu ver é proveniente de uma razão “diferente” da racionalidade hegemônica, que é estudada amplamente, ao contrário do folclore e da arte popular, investigados de modo global, isto é, sem matizes, e reduzidos a “clasificaciones preparadas para el arte hegemónico”. Contra isso propõe a construção de uma “estética folklórica” que possa proporcionar considerações de ordem social.

Autores citados: Marx; Engels; Gramsci; Oscar Lewis

SARLO, Beatriz. Cine argentino. De Juan Moreira a La Tregua. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 39, p. 11-14, Enero-Febrero 1975.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Cinema
Palavras-chave: Cultura popular; Imperialismo; Pequeña burguesía

Resumo: Sarlo comemora com discrição mas comemora o *boom* cinematográfico argentino de 1973-74, que correspondé nos planos ideológico e político ao retorno de Perón ao governo. Analisa as produções do período sob a ótica gramsciana de um projeto popular (contraposto ao apenas “comercial”) que identifique intelectuais e povo, objetivo a que se aproxima a seu ver o filme *Juan Moreira*, de Leonardo Favio (800 mil espectadores), “tal como esto debe ser entendido en el marco del auge del peronismo en la Argentina”. Sua pergunta conclusiva é de que modo este cinema de massas poderá expressar “en un futuro” “contenidos realmente democráticos y antimperialistas”. Vale registrar – além da crítica a distintas produções “costumbristas” e à crônica histórica de *La Patagonia rebelde*, filme de um certo Olivera em que irrompem “las luchas obreras y populares” – a sua impugnação do “clássico” *La hora de los hornos*, de Fernando Solanas, tido como “pedagógicamente pobre”.

Autores citados: Gutiérrez; Gramsci; Osvaldo Bayer; Roberto Arlt; Manuel Puig

FERRÉ, Juan Carlos. La dependencia tecnológica en América Latina. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 39, p. 16-18, Enero-Febrero 1975.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Ciência

Palavras-chave: Dependencia; Producción; Capitalismo

Resumo: Artigo “técnico” sobre a tecnologia que procura refutar antes de mais nada a posição de M. Peralta Ramos (v. nº 33), particularmente sua tese de que “la forma que hoy asume la dependencia económica, es la dependencia tecnológica”, a qual consciente ou inconscientemente manifestaria interesses de classe, por explicar um aspecto apenas parcial de um fenômeno que é consequência da expansão imperialista. Seu argumento: se o país gasta demasiado e para poucos em “licencias, patentes e ‘know-how’”, esse fato tem pouca relação com a chamada “Revolución Científico Técnica” do capitalismo tardio, uma vez que para a ruptura da dependência os problemas a serem resolvidos dizem respeito antes à tecnologia clássica, a fim de produzir os instrumentos necessários “para el proceso de reproducción, básicamente autosuficiente, de nuestra economía”. Conforme o exemplo da China.

Autores citados: Mónica Peralta Ramos

VEZZETTI, Hugo M. Anfetaminas y derivados: uso y producción. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 39, p. 19-23, Enero-Febrero 1975.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Psiquiatria

Palavras-chave: Monopólio; Mercado; Ideologia

Resumo: Trecho de um trabalho apresentado no 6º Congreso Nacional de Psiquiatria em Mar del Plata (out.-nov. 74), com a participação de médicos da “Tendencia Práctica Revolucionaria de Trabajadores de la Salud”. Página de abertura ilustrada pelo símbolo do movimento *hippie* formado por comprimidos, denuncia desde aí a função de fetiche das drogas no sistema capitalista. Não se trata segundo o estudo de estabelecer a distinção entre “adiciones y salud, sino entre [com ênfase] adiciones domesticadoras y estabilizadoras y adicciones desestabilizadoras del orden dado”, à primeira das quais é associada “esa tremenda adicción colectiva” que é “nuestra TV”, assim como por suposto os baratos anfetamínicos, cujos sujeitos são utilizados pelo poder para desqualificar enquanto “*hippies*, homosexuales y drogadictos” a todos aqueles que o questionam. De modo que, no marco de um projeto que propõe desmascarar “el ámbito complejo y multideterminado de los medicamentos”, aborda-se por um lado a estrutura mercadológica e não terapêutica da indústria farmacêutica e por outro os próprios agentes de saúde para a tomada de consciência em relação às causas ideológico-políticas “por las cuales determinados fenómenos conflictivos son

consensualmente destacados mientras otros se ocultan”.

Autores citados: Jorge Katz; Theodore Roszack; E. Astolfi

CIAFARDINI, Horacio. URSS: ¿capitalismo o socialismo? *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 39, p. 24-26, Enero-Febrero 1975.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Capitalismo; Lucha de clases; Revolución

Resumo: Elogio do livro *El otro imperialismo. Del socialismo al socialimperialismo* (Buenos Aires, Ediciones de Mayo, 1974), de Carlos Echagüe, pelo mais ferrenho maoísta de *Los Libros*. A equação conhecida é: China “realmente comunista” versus URSS “socialimperialista” e EUA, o inimigo principal – que os soviéticos revisionistas imitam. Pior: “El estado soviético no es, hoy, sólo un lobo imperialista, sino un lobo disfrazado de cordero”. Cabe(ria) ao proletariado mundial arrancar esse disfarce, ao que contribui(ria) largamente o livro, sobretudo por causa da dificuldade “para documentarse en forma exhaustiva y fehaciente sobre él”. O livro inicia pela descrição da situação prévia à restauração do capitalismo na URSS, antes do XX Congreso del PCUS, resenha em seguida as teses revisionistas e imperialistas em desenvolvimento e seu “cuerpo teórico apologético” (“socialismo de palabra, imperialismo de hecho” no dizer de Lenin), e conclui sua contribuição “apreciable y pionera” com uma abordagem da “política imperialista”, conforme a caracterização dos comunistas chineses, “pioneros en esto como en otros campos”...

Autores citados: J. K. Galbraith; [marxista]; Stalin; Lenin

MOLAS, Cecilio. Las clases sociales en América Latina. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 39, p. 27-30, Enero-Febrero 1975.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciências sociais

Palavras-chave: Lucha de clases; Marxismo; Burguesía; Ideología

Resumo: Atenção: um dos objetos de crítica do artigo final desta magra edição é a moda estruturalista na América Latina, outro é FHC. Molas discute o livro *Las clases sociales en América Latina (Problemas de conceptualización)* (Ed. Siglo XXI), compilação de falas de seminário realizado em Mérida, México (13 a 18 dez. 1971), reunindo “algunas de las figuras más prestigiosas

de la sociología latinoamericana y europea”, as quais corresponderiam fracamente às expectativas levantadas pelo tema. A articulação da teoria com problemas específicos da luta de classes na América Latina seria feita apenas por Castells e Florestán Fernández (sic), mas Molas aborda apenas o primeiro, ao lado de FHC, A. Touraine, R. Contla e N. Poulantzas, que debatem o pensamento deste último – tido como mais rico e interessante pelo resenhista. Poulantzas retoma tópicos de seu *Poder político y clases sociales*, em que propõe uma releitura do marxismo, e a posteriori faz incluir no volume uma importante seção: “Párrafos corregidos”, em que trata de superar o vírus estruturalista, ou seja, negando que o domínio das “estructuras” seja determinante daquele das relações sociais, o que equivaleria a postular “unas relaciones de producción, un Estado y una Ideología ‘anteriores’ a la lucha de clases y que sólo es explicable por el auge – durante los años 60– de la temática y la ideología ‘estructuralistas’”. Contla se apóia na etimologia para comprovar uma tese estúpida, segundo Molas: como “propiedad” e “apropiación real” são sinônimos em diferentes línguas, esses conceitos utilizados por Poulantzas seriam inaplicáveis para a análise classista... Por isso salta logo para o comentário crítico “más denso e interesante”, de Cardoso. Que contudo é reiterativo, contraditório e foge do tema... Apesar de contribuir com “un enjuiciamiento global de la moda althusseriana”, tarefa tida como “loable” e necessária – sobretudo na América Latina, “donde dicha moda hizo estragos” –, mas desde que conduzida com rigor, o que não é o caso “desgraciadamente”, diz Molas. FHC pretende rechaçar a noção de que o marxismo emprega ou elabora categorias gerais, como o fariam tanto Althusser quanto Poulantzas, para reforçar a idéia de que se trata sempre de reconstruir “totalidades concretas” – argumento que repete “una buena docena de veces”. Ocorre que o próprio autor, FHC, cita trechos de Marx que se opõem a seu argumento de ferro, o qual portanto se autodestrói... A resenha termina com a intervenção de Castells, que se destacaria “netamente de las precedentes”, introduzindo a distinção de “posición estructural de clase” e “práctica de clases”, presente apenas nos “Párrafos corregidos” de Poulantzas – o que leva o resenhista a “atreverse” a dizer que Castells sugeriu a nova formulação –, tentando inclusive definir uma relação inteligível entre uma e outra, e procurando pôr à prova a discussão teórica com reflexões, que seriam menos felizes, sobre o Chile e a América Latina. Nos dois parágrafos finais, ao lado da ausência geral das experiências concretas

no continente, a inexistência – deplorável para um maoísta-leninista – “de toda referencia a la teoría del partido revolucionario”, observada “con justicia” por Castells.

Autores citados: Althusser; Marx; Balibar

Libros distribuidos en Buenos Aires – Diciembre 1974-Enero 1975. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 39, p. 31-35, Enero-Febrero 1975.

Vocabulário Controlado: INFORME

PIGLIA, Ricardo. A mis compañeros Beatriz Sarlo y Carlos Altamirano. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 40, p. 3, Marzo-Abril 1975.

Vocabulário Controlado: CARTA

Palavras-chave: Imperialismo; Contradicción

Resumo: Em três parágrafos Piglia anuncia sua renúncia do “comité de dirección”. As diferenças políticas agudizam-se definitivamente com o apoio de Sarlo e Altamirano ao governo de Isabel Perón. Para eles, sua gestão é “nacionalista y tercermundista”; para Piglia é repressiva, reacionária e antipopular – “en verdad, favorece el golpe de estado”, o que se confirmaria em breve. Havia discrepâncias de superfície e “acuerdo de fondo” no comitê, argumenta: uma prática definida em função da luta do povo contra o imperialismo norte-americano, o principal inimigo. Quando as diferenças passam a ser “de fondo”, Piglia decide renunciar, após meses de debates. A seu ver, se o atual governo não representa diretamente os interesses norte-americanos, cede cada dia mais ao setor “de la gran burguesía hegemónica en él”, em aberta traição aos objetivos de “liberación en defensa de los cuales el pueblo luchó contra la dictadura militar”. Finaliza ponderando que permanecer no grupo significaria “despolitizar la revista y convertirla en un órgano ‘de cultura’ en el sentido más tradicional”, o que se torna impossível porque sua união se deu em função da convergência sobre o princípio segundo o qual “la política debe ser el centro de todo trabajo intelectual”.

ALTAMIRANO, Carlos; SARLO, Beatriz. Compañero Ricardo Piglia. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 40, p. 3, Marzo-Abril 1975.

Vocabulário Controlado: CARTA

Palavras-chave: Imperialismo; Liberación; Hegemonía

Resumo: Após dois anos de trabalho conjunto (a partir do nº 29 “hasta hoy”), dizem Sarlo e Altamirano, as tantas discrepâncias superadas tornam-se contradição insolúvel “en el marco de la revista”, em função do debate em torno da caracterização “correcta” do governo peronista e da conjuntura atual. A dupla acrescenta um dado à observação de Piglia de que o governo de Isabel “de” Perón (no dizer da dupla) não deve ser confundido com o “enemigo principal” (ianque): sua ação, hegemônica por um setor da burguesia nacionalista e terceiro-mundista, “no puede ser definida políticamente al margen de la actividad conspirativa del imperialismo yanqui y del socialimperialismo soviético” – tanto que até mesmo o “partido comunista revisionista” (na coalisão com o jornal *La Prensa* e a Unión Democrática) está a exigir “salidas” à atual situação. A partir daí consideram necessário reconhecer as “contradicciones reales” que opõem o governo e o setor burguês que representa com o “imperialismo yanqui y los terratenientes, enemigos fundamentales del pueblo argentino”. Por isso pretendem defender o atual governo “contra la alternativa de un golpe”, para defender a “independencia argentina” “frente al expansionismo económico y político de ambas superpotencias, como lo hacen otros pueblos del Tercer Mundo” – e aí a China, seguida de um brado pela hegemonia “obreira” e pelas “masas organizadas y armadas” para o “triumfo definitivo”. Concluem, “fraternalmente” (como Piglia), afirmando que *Los Libros* seguirá sendo expressão “del más amplio frente de lucha por la independencia argentina y la liberación nacional”.

PIGLIA, Ricardo. Notas sobre Brecht. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 40, p. 4-5 e 7-9, Marzo-Abril 1975.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Literatura
Palavras-chave: Práctica; Producción; Teoría; Hegemonía; Ideología; Revolución

Resumo: As “Notas sobre Brecht” resenham os trabalhos “inéditos” sobre literatura e arte em antologia vista como “uno de los acontecimientos más importantes en la crítica marxista desde la publicación de los cuadernos de la cárcel” de Gramsci. Insiste-se outra vez na prática como “fundamento último de qualquer trabalho cultural”: “una crítica materialista se funda, justamente, en el control que, en un campo a primera vista tan ‘espiritual’, debe ejercer la experiencia concreta para evitar el riesgo de una especulación idealista”. De novo o papel orgânico dos aparatos culturais, a literatura vista como um campo material da luta de classes: “En el fondo

los críticos trabajan todos con una ficción teórica: la de un sistema de valores independiente del dinero. Para Brecht el más ‘refinado’ crítico de arte en el capitalismo es el dinero y el ‘gusto’ estético no es otra cosa que una sublimación de la capacidad adquisitiva”. Ao final Piglia dá a chave de sua própria visão da literatura, que se consolida em *Respiración artificial* (1980): na última nota (17), ele diz: “El realismo brechtiano combina distintas técnicas e instrumentos de trabajo para producir un efecto de realidad. En este sentido para Brecht no es realista quien ‘refleja’ la realidad ... sino quien es capaz de producir otra realidad. (‘No soy realista, soy un materialista; escapeo del realismo yendo hacia la realidad’ decía Eisenstein con palabras que parecen de Brecht). Esta otra realidad es ‘artificial’, construida, tiene leyes propias y exhibe sus convenciones...”.

Autores citados: Antonio Gramsci; Thomas Mann; Ibsen; Marx; Adolfo Sánchez Vázquez; Adorno; Tinianov; Walter Benjamin; Lenin; George Lukacs; Balzac; Tolstoi; Kafka; Joyce; Shelley; Swift; Sholójov; Döblin; Freud; Eisenstein

TEDESCO, Juan Carlos. Educación y política en América Latina. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 40, p. 11-16, Marzo-Abril 1975.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Educação
Palavras-chave: Populismo; Dependencia; Industrialización; Hegemonía

Resumo: Panorama sobre os sistemas educativos implantados na América Latina a partir de 1930. A leitura tedesca parte da situação sócio-política, com o fenômeno do populismo e da assimilação das grandes massas populares por poderes estatais autoritários através do processo de “industrialización por sustitución de importaciones”, e depois com o “desarrollismo” e a tecnocracia, com poderes militares não menos autoritários, para depois analisar suas respectivas propostas educativas, a primeira fortemente ideologizada e a segunda pretensamente desideologizada. Entre outros problemas, aponta neste quadro a grande contradição de se ter de adequar o funcionamento do sistema educativo “a un criterio de racionalidad basado en el funcionamiento del aparato productivo, que se caracteriza precisamente por su profunda irracionalidad”, sendo quantidade sem qualidade uma de suas características mais conhecidas, além da segregação de uma massa cada vez maior de analfabetos ou subeducados, paralelamente à criação de uma elite altamente preparada.

Autores citados: G. Germani; T. S. Di Tella; O. Ianni; Francisco Weffort; Ghita Ionescu; Ernest Gellner; O. Sunkel; P. Paz; F. Cardoso; E. Faletto; Ruy Mauro Marini; David Wiñar; Julia Silber; Theotonio Dos Santos; Amílcar O. Herrera; Oscar Varsavsky; Aldo Solari; Germán N. Rama; Tomás A. Vasconi; [marxista]; I. Reça; Darcy Ribeiro; Telma Barreiro de Nudler

MALLO, Carlos. Paulo Freire y la pedagogía de la concientización. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 40, p. 17-23, Marzo-Abril 1975.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Educação
Palavras-chave: Liberación; Teoría; Práctica; Hegemonía

Resumo: A revista articula objetivamente aqui a crítica que vinha fazendo de modo duro mas disperso ao método educacional do pernambucano Paulo Freire, então em seu auge. Enfocando suas três obras principais, *La educación como práctica de la libertad*, *Pedagogía del oprimido* e *Acción cultural para la libertad*, Mallo considera o caráter crítico da “pedagogía de la concientización” “un inmejorable punto de partida para ensayar una contribución a la crítica de la pedagogía burguesa en general” mas impugna sua eficácia política, que se diluiria na medida em que conceitos como o de luta de classes (que reconhece), “no se insertan orgánicamente en su obra”, gerando uma ambigüidade em relação à polaridade opressores-oprimidos que “le impede avanzar hacia la comprensión de la necesidad histórica de la destrucción del aparato y del poder del Estado capitalista, en la construcción del socialismo (objetivo que no plantea en sus obras)”. Para Mallo (e *Los Libros*) as expectativas revolucionárias do método desembocam em mero reformismo.

Autores citados: Guillermo García; Marx; Julio Barreiro; W. W. Rostow; [leninistas]; Engels

Información de *Los Libros. Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 40, p. 24-26, Marzo-Abril 1975.

Vocabulário Controlado: INFORME

Palavras-chave: Ideología; Salud mental; Imperialismo; Escuela; Psicología

Resumo: Sete notas: 1. Sobre *Las verdades que mienten* (Ed. Tiempo Contemporáneo), de Bonazzi e Eco, análise do caráter “disparatado” e “regresivo” dos livros de leitura da escola elementar italiana – a qual careceria de reflexão sobre seus efeitos complexos e contraditórios “para grandes masas”; 2. Sobre o revolucionário trabalho antipsiquiátrico da equipe italiana

coordenada por Basaglia, com 14 anos de “fecunda historia”, e a criação de seu Centro Internacional de Estudios e Investigaciones “Crítica de las Instituciones”, embora priorizem a prática para a transformação; 3. Nota e quadro sobre “las armas del diablo” ianque, vendidas para a AL entre 1950 e 74 (maior comprador: Brasil, seguido de Venezuela e Argentina); 4. Sobre as “escuelas de tiempo libre” criadas pelo regime de Mao junto aos locais de trabalho a fim de instruir politicamente a população contra o revisionismo burguês; 5. Sobre reunião do Consejo Nacional de Delegados de la Confederación de Psicólogos de la República Argentina (COPRA), realizada em Buenos Aires em 22 e 23 de março de 75, incluindo eleição de direção e elaboração do plano de trabalho até 77; 6. Sobre o início, previsto para breve, dos cursos do Centro de Investigaciones en Ciencias Sociales (CICSO), seus temas e professores, incluindo membros da revista como Ciafardini, Toer e Piglia, cuja disciplina seria: “Hipótesis para un análisis ideológico de la literatura: Arlt y Borges”; 7. Sobre concurso de contos infantis “para chicos de cuatro a siete años” promovido pelo Centro Editor de AL, com prêmios em dinheiro...

Autores citados: Marisa Bonazzi; Umberto Eco; Franco Basaglia; Laing; Foucault; Szasz; Chomsky; [gramsciana]; Mao TseTung; Lenin; [marxismo]; Confucio; Lu Sin; Lucio Geller; R. Tomassini; Horacio Ciafardini; E. Usandizaga; M. Cavarozzi; J. C. Portantiero; María Braun; Mario Toer; Emilio de Ipola; Arlt; Borges; Ricardo Piglia

POMMIER, André. La restauración del capitalismo en la URSS. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 40, p. 27-38, Marzo-Abril 1975.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciência política

Palavras-chave: Imperialismo; Comunismo; Revolución; Revisionismo

Resumo: Restauração completa do capitalismo monopolista burocrático na sociedade soviética – eis a mensagem do longo texto do porta-voz do maoísmo francófono em *Los Libros*, o qual se esmera em provar o retorno total do ideal do lucro no país, diante de desafios de burocratas do PC francês, após vinte anos de dominação revisionista. Em tom didático, desfila exemplos oriundos da economia, como “la adopción del beneficio como punto de partida y de llegada de la actividad socio-económica”, sob as ordens de Mao, que dizia sobre a URSS: “el revisionismo en el poder es la burguesía en el poder”. A China é o

modelo de retidão e prosperidade contra “las tinieblas de la regresión histórica”, “tragedia” do primeiro país socialista (o que ainda não podiam esperar era a restauração do capitalismo na própria China pós-Mao). Os intertítulos falam por si: “Las ‘reformas’ de los revisionistas”; “Los revisionistas soviéticos han traicionado al socialismo”; e “De la burguesía burocrática al socialfascismo”. O panfleto franco-chinês encerra com uma pérola em três curtas frases: “La evocación de Stalin ... provoca aplausos calurosos y prolongados. Al aplaudir a Stalin, el pueblo soviético aclama al socialismo. Sin duda sabrá construirlo nuevamente”...

Autores citados: Lenin; E. Varga; Stalin; Egnel; Peissik; B. Illinich; B. Gubin; Carlos Marx; B. Sujarevski; J. Dalny; Engels; Hitler; Mao Tse-Tung; Kautsky; Francis Cohen

MAS, Santiago. El marxismo en Asia. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 40, p. 39-40, Marzo-Abril 1975.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Marxismo; Clase obrera; Burguesía; Revolución; Práctica

Resumo: Crítica do volume *El marxismo y Asia 1853-1964* (trad. María Teresa Poyrazián, Buenos Aires, Ed. Siglo XXI), de Stuart Schram – “desconocido en castellano” – e Helène Carrère D’Encausse – cujo nome aparece em *La Nación* a partir de *Le Figaro* e é autora de uma “excelente monografía sobre los musulmanes del imperio ruso”. O livro, publicado há dez anos, inclui “valiosos documentos de acceso relativamente difícil a través de una excelente traducción”, mas o resenhista prefere se concentrar nas cem páginas iniciais, a introdução dos autores, que segundo Mas “aporta poco a la comprensión teórica del problema y nada a las necesidades de los pueblos del Tercer Mundo”. São intelectuais europeus “muy preocupados por la ‘época estaliniana’”, preconceituosos em relação ao conflito chinoso-soviético e entre outras coisas ignorantes em relação a “el camino”, que vem a ser conforme o prolixo mas reto Mas, aquele da prática antes que o da “conceptualización”, já que “la historia es historia de hombres, no de lo que dijeron esos hombres” – tidos por faladores hegelianos irracionais.

Autores citados: Marx; Engels; [hegeliana]; Mao Tsetung; Lenin; Kautsky

Libros distribuidos en Buenos Aires – Febrero-Marzo 1975. *Los Libros. Para una crítica política de la cultura*, nº 40, p. 41-43, Marzo-Abril 1975.

Vocabulário Controlado: INFORME

Información de *Los Libros. Los Libros. Una política en la cultura*, nº 41, p. 3-7, Mayo-Junio 1975.

Vocabulário Controlado: INFORME

Palavras-chave: Imperialismo; Educación; Salud mental; Revolución; Historia; Psicología

Resumo: Oito notas abrindo a fase “Una política en la cultura” da revista: 1. “La paz armada”, com diversos dados, incluindo um quadro, sobre o conflito “interimperialista” OTAN X Pacto de Varsóvia; 2. Dados e mais dados sobre as duas “superpotencias” e a questão do monopólio do petróleo, com Europa e Japão desafiando os Estados Unidos; 3. Crítica da “modernización” dos textos escolares: “la Librería del Colegio ha presentado su colección Narradores de Nuestro Mundo” com “la espuma de la vanguardia” telqueliana via Ludmer e Jitrik; 4. Sobre nova lei portenha chamada “Programa Provincial de Salud Mental”, promulgada em 1º de abril de 1975, aparentemente democratizadora no que tange às funções e à participação dos profissionais e seus grêmios; 5. Nota reproduzida de *Communisme* nº 15 a partir do texto “Vie dans les quartiers en Chine” a propósito da socialização da vida cotidiana; 6. Sobre a “valiosa” coleção “Conocimiento de la Argentina”, da Ed. Biblioteca, de Santa Fe, cuja parte histórica é dirigida por Adolfo Prieto; 7. Sobre a tensão entre profissionais, professores e estudantes de Psicologia ligados à UBA e o Ministerio de la Educación, que tentaria destruir “la carrera y profesión”; 8. Sobre o grupo italiano “Lavoro Liberato” de Milão, editor da revista *Che fare*, que inicia a publicação de “hojas periódicas para tomar posición en el debate sobre política cultural de masas y lucha ideológica”, na linha marxista-leninista-gramsciano-maoísta.

Autores citados: Lacau-Rosetti; Nicolás Bratossevich; Henríquez Ureña; Amado Alonso; Juan Carlos Onetti; Josefina Ludmer; Gabriel Garcia Márquez; Noé Jitrik; Cortázar; Julia Kristeva; Kapelusz; Confucio; Adolfo Prieto; José Hernández; José María Ramos Mejía; Marx; Engels; Lenin

PETRILLI, María Elena; ROSSETTI, Mauro. Manicomios: ¿puertas abiertas o cerradas? e Un caso: Regina. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 41, p. 8-18, Mayo-Junio 1975.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Psiquiatria

Palavras-chave: Transformación; Ideología; Marginalidad; Locura

Resumo: A dupla de psiquiatras italianos integra a equipe de Basaglia em Gorizia (cujo hospital foi transformado em onze anos de gestão “revolucionária”) e depois em Trieste (em seu Hospital Regional a partir de 72), e vem sistematizando sua experiência através do Centro Internacional de Estudio “Crítica de las Instituciones”, do qual fazem parte ambos textos. O primeiro descreve os métodos “não metódicos” e o cotidiano “livre” dos dois hospitais, tendo como eixo a idéia de que “la fuerza del *todo grupal* es determinante”, vale dizer, “la psiquiatría es aqui entendida como un desplazamiento del espacio mismo que ésta ocupa”, superando a lógica excludente de nossa organização social e deixando os pacientes viverem sua enfermidade enquanto “contradicción abierta” e não “pauta fija, detenida, institucional”. Tal microrrevolução é ilustrada pelo segundo texto, que apresenta um caso exemplar das contradições vividas por um “hospital abierto” (como conceito oposto ao de manicômio), no qual uma paciente volta a apresentar agressividade ao sofrer um fracasso em sua relação (já constante) com a vida cotidiana de sua família, pondo em questão todo o projeto transformador de que vinha participando, assim como de seus integrantes, de pacientes a funcionários. Em poucas palavras, Regina só se recuperou depois de retomar as atividades em seu pavilhão, saindo do isolamento a que fora submetida por si mesma e por seu entorno desde a agressão a uma enfermeira.

Autores citados: Franco Basaglia

GASTIAZORO, Eugenio. Fichas: La industrialización dependiente. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 41, p. 19-21, Mayo-Junio 1975.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Economía

Palavras-chave: Industria; Dependencia; Monopolio

Resumo: Texto que abre a série “Fichas”, lançada com o intuito de “brindar” os leitores com “informes concisos”, “los elementos fundamentales de análisis requeridos para la comprensión” dos fenômenos da dependência e do latifúndio – “los dos rasgos fundamentales que determinan el carácter de la estructura económica argentina”, segundo nota introdutória. Gastiazoro detém-se sobre a farra do “capital extranjero” no país desde o século XIX, no esquema “agro-importador” até recentemente, com a industrialização dependente (os exemplos vêm sobretudo da indústria plástica e automotriz):

importação dos meios de produção, expansão dos capitais externos “sobre la base de recursos internos”, mantendo e aumentando o controle de pontos nodais da produção industrial e invertendo apenas o mínimo necessário no próprio país, com o beneplácito (ie, subsídios) do Estado. Os resultados são conhecidos: concentração e centralização crescentes de capital, com esmagamento de pequenas e médias indústrias nacionais.

FERRÉ, Juan Carlos. Recursos energéticos mundiales. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 41, p. 22-23, Mayo-Junio 1975.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Economía

Palavras-chave: Dependencia; Producción; Consumo

Resumo: No capitalismo, se sabe, o rei não é o sol mas o carvão, depois o petróleo. Ferré – que promete (sem cumprir) muito mais detalhes para breve – destaca o crescimento dos recursos energéticos nos EUA, URSS e China, de um lado, e o desequilíbrio do consumo de energia na AL, de outro. Para isso lança mão de quatro quadros – sobre a evolução do consumo de carvão em vários países, sobre essa evolução na China em particular (enorme a partir dos 50), sobre a distribuição de diferentes recursos energéticos na China e na URSS, e sobre sua distribuição em diversas regiões do mundo, no grande panorama de disparidades econômicas mundiais entre países industrializados e dependentes. “América Latina es la única región del mundo donde se da un desequilibrio tan marcadamente acentuado de la composición del consumo energético”, observa Ferré, sabendo-nos ferrados na terra do sol.

Autores citados: Lenin; Henry Peynet; J. Darmstadter; S. H. Schurr; V. Bravo; C. Villar Araujo

SARLO, Beatriz. Nazareno Cruz y el lobo. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 41, p. 24-25, Mayo-Junio 1975.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Cinema

Palavras-chave: Cultura popular; Populismo; Proletariado

Resumo: Sarlo pretende responder a pergunta que ninguém respondeu, a qual teria a ver com “el marco real” em que se inscreve o filme *Nazareno Cruz*, de Leonardo Favio, cujas reações críticas – por si só reveladoras de seu sucesso – vão da “magnificencia” à ingenuidade ou ao formalismo. Este marco é o de um projeto de cinema comercial, de massas, popular, não sendo à toa que o diretor tenha escolhido filmar “un radioteatro famoso” (de Chiappe), baseado em

crença popular de larga difusão (também) na Argentina: o mito do lobisomem. A obra de Favio – considerado um diretor às vezes “espectacular” e “sempre audaz” – deveria ser vinculada ao fenômeno “complejo –e historicamente limitado–” do populismo peronista. Invocando Gramsci a propósito da cultura popular, a qual manifesta um aspecto de independência e outro de submissão às “clases dominantes”, Sarlo classifica *Nazareno Cruz* no primeiro caso, uma vez que coloca o coisa-ruim no lugar dos castos personagens das “historias morales o hagiográficas del culto oficial”. Encerrado o diretor nos “límites de clase del populismo”, sendo por isso “profundamente argentino, nacional”, Sarlo visa, como se viu, sobretudo a crítica do filme, que, se não percebe seu “marco real”, recai em um “progresismo abstracto” ou coisa (ruim) que o valha.

Autores citados: Enrique Raab; Juan Carlos Chiappe; Antonio Gramsci; Fellini; Sarmiento; Roberto Arlt

SAZBÓN, José. Dialéctica y Totalidad: el pensamiento historicista. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 41, p. 26-27, Mayo-Junio 1975.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Filosofia
Palavras-chave: Dialéctica; Historicismo; Totalidad; Ideología

Resumo: Inesperada volta de Sazbón, intelectual ligado ao estruturalismo, crucificado nesta última etapa da revista. Sazbón resenha *Contribución a la historia de la sociedad burguesa* (Buenos Aires, Ed. Amorrortu, 1974), do filósofo alemão Leo Kofler, publicado em 47 e revisado vinte anos depois. Defensor de uma “historiografia dialéctica” em oposição à tradição positivista assim como a seu adversário ideológico, o enfoque “compreensivo” da história, Kofler evoca, conforme Sazbón, a tensão entre Althusser e Lukacs. Considerado um “buen ejemplo de historicismo marxista”, a obra é cotejada com a “principal tendencia filosófica antihistoricista actual..., el althusserismo”, a fim de apontar algumas “similitudes y diferencias” em quatro aspectos: a questão da ideologia, da totalidade concreta, das “instancias” e da aparência e conhecimento. Observando que a oposição central entre ambas tendências se encontra no próprio conceito de história (“ser histórico” de Kofler versus um objeto científico construído, a “ciência da história” em Althusser) e que não existe “un verdadero término de comparación que abarque el conjunto de la obra de Kofler” já que a mesma escola althusseriana quase não produziu trabalhos historiográficos, conclui que, independente de seu “encuadre historicista”, o livro restitui um

“complejo cuadro clasista de la sociedad europea” em seu auge burguês. Demonstra assim que a tradição filosófica lukacsiana “sigue viva y productiva” – e o fato de a balança pender para este lado sobretudo ao final da resenha parece justificar a sua aparição na revista em tempos de “chino-peronismo”.

Autores citados: Lutero; Hegel; Popper; Hempel; Althusser, [marxistas]; Lukacs; Troeltsch; Max Weber; Poulantzas

PAZOS, José. Reseñas. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 41, p. 28, Mayo-Junio 1975.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Economía

Palavras-chave: Socialismo; Capitalismo

Resumo: Na estréia de nova seção, Pazos critica *La acumulación en escala mundial* (trad. Rosalía Cortés, Buenos Aires, Ed. Siglo XXI), do economista africano Samir Amin, que se esforçaria para dar “un marco teórico ... al ‘sistema’ de la economía mundial capitalista desde el ángulo de la acumulación de capital en el centro y en la periferia” mas esquece a chave marxiana do problema: “situar su reflexión en el terreno de las relaciones de producción y del desarrollo de las fuerzas productivas”. O livro seria antes uma crítica “muy ajustada” da ideologia política burguesa na periferia do que uma análise crítica dessa realidade, por causa de carências analíticas bem como de uma concepção equivocada do socialismo.

Autores citados: Marx; Ch. Bettelheim; Baran; Sweezy

CARPANO, Fulvio. Reseñas. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 41, p. 29, Mayo-Junio 1975.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Economía

Palavras-chave: Valor; Ideología; Trabajo; Plusvalía

Resumo: Breve crítica a *Teoría del valor y de la distribución desde Adam Smith* (trad. Rosa C. de Cendrero, Buenos Aires, Ed. Siglo XXI), de Maurice Dobb, que aborda o desenvolvimento da ciência econômica tentando distinguir as diversas respostas que seus temas (valor e distribuição) geraram na Teoria Econômica e na “mera ‘Ideología’”. Se Dobb acerta ao refutar os economistas burgueses que taxam de “ideológica” a presença de problemas ético-políticos no âmbito da “pura ciência”, responde a estes de modo insatisfatório através do que seria a visão pessoal do pesquisador, não manifestando o caráter profundo da crítica de Marx à ideologia, que é seu

enquadramento na luta de classes. Além disso Dobb identificaria a noção de “trabalho” segundo Ricardo com a noção marxista de “valor trabalho incorporado”, equívoco que obturaria a idéia marxista central da força de trabalho enquanto geradora de mais-valia, como se fosse mera “riqueza”, simples “plus producto” e não valor excedente ou “neo-valor”.

Autores citados: Marx; Ricardo; Sraffa; Gotha; [lasalleana]

Libros distribuidos en Buenos Aires – Abril-Mayo 1975. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 41, p. 30-32, Mayo-Junio 1975.

Vocabulário Controlado: INFORME

ALTAMIRANO, Carlos; SARLO, Beatriz. Editorial. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 42, p. 2-3, Julio-Agosto 1975.

Vocabulário Controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Crisis; Peronismo; Hegemonía
Resumo: Mais cedo ou mais tarde, o golpe. O editorial em tom grave enfatiza a necessidade da defesa do governo “peronista” de Isabel “de” Perón para uma política que se pretende efetivamente revolucionária, diante da ameaça militar, como na “ofensiva de junio y julio” em que se desenha um golpe institucional por grupos pró-soviéticos. Nessa disputa “interimperialista por el reparto del mundo”, cada facção espreitaria com sua própria trama – o “enemigo principal”, o imperialismo ianque, e o secundário, sob a alcunha de “socialimperialismo” soviético – em um país cuja crise merece as seguintes precisões: plataforma golpista pró-soviética, “el amplio frente antilopezreguista” (sendo López Rega ex-ministro e braço *dereito* de Isabelita) conseguiu cooptar em especial a pequena burguesia urbana e capitalizar as várias debilidades do governo, contra o setor nacionalista liderado pela presidenta. Seu projeto golpista teria fracassado porque as massas lembraram de “setiembre de 1955” e a frente “antilopezreguista” se quebrou com a reação de setores burgueses, nacionalistas e pró-ianques. Com isso, *Los Libros* manifesta-se a fim de definir “adecuadamente algunos rasgos fundamentales de la sociedad argentina, el carácter de su dependencia” e sublinhar que: (i) a burguesia nacional tem função importante na luta pela liberação; e (ii) a disputa interimperialista mundial causa efeitos no atual alinhamento de forças “en nuestro país”.

Informaciones. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 42, p. 4-7, Julio-Agosto 1975.

Vocabulário Controlado: INFORME

Palavras-chave: Liberación; Imperialismo; Lucha armada; Lucha de clases

Resumo: Seis notas: 1. Comemoração pela derrota americana no Vietnã do Sul, com direito a exaltação do partido e da luta armada para a “liberación de los pueblos”, e a reprodução de testemunho piegas sobre “la guerra en Indochina”; 2. Sobre a ascensão dos bons negócios dos EUA no exterior durante a década de 60 (incluindo dois quadros), apesar de sua derrota no Vietnã e sua disputa interimperial com a URSS; 3. Otimismo patético: sobre a “línea justa” (ie, chinesa) adotada em Moçambique com a independência de Portugal a 25 de junho de 1975, incluindo a transcrição de entrevista eufórica do líder do “Frelimo”, Samora Machel; 4. Sobre a peça cômico-grotesca “Porca miseria” do grupo Teatrocirco, “en el marco social de una familia pequeño-burguesa”; 5. Sobre um filme oficial chinês, reportado por um espectador francês, a propósito da luta contra o revisionismo, reprodução justificada em função do total desconhecimento do cinema “maoês” na Argentina; 6. Complicada “cronología de una traición” sobre o vai-vem político no Camboja entre 1970 e 75 e o rompimento final da URSS com o país, “un puñado de días antes que se produzca la liberación de Camboya”.

Autores citados: Jorge Rebelo; Hernán González; Lorenzo Quinteros; Tina Serrano; Rubén Szuchmacher

STEIN, Enrique. Experiencias. Trabajo rural y enfermedad. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 42, p. 8 e 30, Julio-Agosto 1975.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Saúde

Palavras-chave: Insalubridad; Trabajo rural

Resumo: Todo um discurso do trabalho intelectual direcionado às necessidade populares “concretas” introduz a descrição de uma “pequeña” experiência realizada em Coronel Dorrego (província de Buenos Aires), cidade de trinta mil habitantes em que três mil trabalham no campo, a maioria em condições de insalubridade. Diante disso a Regional 417 da Federación Argentina de Trabajadores Rurales y la Estiba (FATRE) convocou um grupo de médicos, entre os quais o autor do texto, a fim de determinar o grau dessas condições. Examinando trinta “obrerros rurales”, que carregam e descarregam cereais nos silos, os médicos concluem que quase todos sofrem de problemas respiratórios (a metade deles com inflamação nos brônquios) em função basicamente do uso de fortes pesticidas sem

nenhuma segurança. Ao final Stein promete desdobramentos do estudo “en números posteriores de la Revista” (com maiúscula) – o que não ocorrerá.

COULANGES, Pierre. COMECON: Explotación imperialista en Europa Oriental. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 42, p. 9-15, Julio-Agosto 1975.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Economia
Palavras-chave: Socialismo; Revisionismo; Socialimperialismo

Resumo: O maoísmo argentino fala francês: “El trabajo que publicamos ha sido traducido de la revista *Communisme*, París, 1975”. Procura mostrar como a (defunta) URSS, então “revisionista” e pujante, não fez mais que “reproducir las modalidades del capitalismo occidental” nas suas relações com os países supostamente “hermanos” do leste, através do Conselho de Ajuda Mútua Econômica (CAME ou COMECON), criado em 1949 como alternativa ao Plano Marshall e distorcido menos de dez anos depois. O “pseudo concepto” inventado pelos soviéticos para justificar a natureza dessas relações, que passaram a ser cada vez mais vantajosas para eles, é o de “división internacional socialista del trabajo”, que sequer de fachada seria porque remete (por vezes explicitamente) a teorias burguesas da especialização do trabalho. Coulanges dedica-se a descrever esses negócios supranacionais entre nações que se pretendem socialistas, dos quais evidentemente não participam os “auténticos” comunistas da China, da Albânia, da Coreia e do Vietnã (ao contrário de Cuba, Hungria, Bulgária, Polônia, RDA, etc.). Se a fé do francês – e dos argentinos de *Los Libros* – no proletariado não acaba bem, ao menos ele acerta ao concluir que “el socialimperialismo tiene en sí las contradicciones que provocarán su caída”.

Autores citados: Adam Smith; Ricardo; Stuart Mill; Mao Tsetung; Lenin; Stalin; Gerhard Huber; Tibor Kiss; Karl Marx; Marie Lavigne; G. Reiman

MARIMÓN, Antonio. Discépolo y Manzi. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 42, p. 16-21, Julio-Agosto 1975.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Cultura
Palavras-chave: Cultura popular; Radicalismo; Inmigración; Proletariado

Resumo: Estudo sobre a história do tango, originado de monografia do autor em parceria com Víctor Soumerou, “La Revolución del 30 y el tango”, para a cadeira de “Literatura Argentina” da UNC (1964). Belamente ilustrado (por quem?),

o texto descreve o substrato sócio-histórico no qual o gênero musical argentino – apesar de “híbrido o mestizo” – pôde se desenvolver a partir do final do século XIX em Buenos Aires. Demonstra como e por que o tango surge nos prostíbulos e acaba invadindo tanto lares da pequena burguesia como salões da nobreza européia na década de 10. Como e por quê, entre 1915 e 20, o tango se modifica, enriquecendo-se em termos musicais e lingüísticos. Como e por que é um produto da cultura masculina que “condena abstractamente la mujer”, deixando marcas profundas na cultura do país. Destaca sua ligação com o radicalismo e formas políticas populares que vão desembocar na ascensão do peronismo nos anos 40 (“su última etapa de esplendor”), e analisa letras de tangos famosos, colocando Discépolo e Arlt lado a lado e distinguindo o primeiro – que, como Arlt, é marginal e violenta “el habla popular” – de Homero Manzi, que participou da revista *Martin Fierro* e foi professor de literatura.

Autores citados: Enrique Santos Discépolo; Nicolás Olivari; Tulio Carella; Carlos Ibarguren; Ernesto Sábato; T. Di Paula; Noemí Lagos; Tulio Pizzini; Jorge Luis Borges; Noé Jitrik; Roca; Evaristo Carriego; Lugones; Horacio Ferrer; Julio de Caro; Pascual Contursi; Battistella; Delfino; David Viñas; Raúl Scalabrini Ortíz; Roberto Arlt; Martínez Estrada; Pedro Orgambide; Girondo; González Tuñón; Quiroga; Güiraldes; Macedonio Fernández; Armando Discépolo; Homero Manzi; [rubenianos]; Celedonio Flores; Homero Expósito; Cátulo Castillo; Enrique Cadícamo; Alfredo Le Pera; Oscar del Priore

CARPANO, Fulvio. Ética y revisionismo. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 42, p. 22-25, Julio-Agosto 1975.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Social-democracia; Capitalismo; Revisionismo; Marxismo

Resumo: Abordagem didática motivada pela publicação de um “clássico” do revisionismo por *Cuadernos de Pasado y Presente* (nº 58, Buenos Aires, 1975), em “encomiable labor de divulgación” de textos “inhallables”: *Ética y concepción materialista de la historia*, de Karl Kautsky. Com a análise deste ensaio Carpano tem a oportunidade de esboçar as origens do reformismo entre a intelectualidade próxima ao marxismo na Alemanha do início do séc. XX, ligando as teses de Kautsky às de seus adversários, ambos em reação à pretensa “ortodoxia” marxista – reação que marca a

Segunda Internacional Comunista. Observa ainda que Kautsky, influenciado pelo darwinismo, fatalmente cai nas posições idealistas que pretende combater pois transformaria o socialismo em “mero ideal moral” a partir da incapacidade de compreender a noção marxista fundamental de “relaciones sociales de producción”, em que a atividade “econômica” tem um caráter totalizante (“objetos” + “conceptos”) cuja dialética é ignorada pelo pensamento revisionista – ou seja, a “Economía (relación hombre-naturaleza)” é separada, enquanto esfera neutra, puramente científica, da atividade política, também tornada abstração. Tal “revisão” da doutrina marxista teria lugar por causa do “gigantesco paso adelante” que dá o capitalismo finissecular, com a melhora das condições de vida dos trabalhadores nos países industrializados e a conseqüente ilusão de que “la historia desmentía las tesis de Marx” entre “gran parte de los intelectuales de vanguardia”.

Autores citados: Marx; Lucio Colletti; Eduard Bernstein; Kant; Hegel; Lenin; Althusser; Otto Bauer; Mehring; Liebknecht; Zetkin; Luxemburgo; Bentham; Darwin; [spinoziana]

TSE TUNG, Mao. Texto inédito de Mao. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 42, p. 26-27, Julio-Agosto 1975.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciência política

Palavras-chave: Burguesía; Revolución; Proletariado

Resumo: *Los Libros* reproduz trechos de sua bíblia sagrada, aqui sob a forma de “una recopilación de textos originarios de Mao Tse tung” (Buenos Aires, Ed. Pueblo) nos quais “se critica profundamente las tesis del *Manual de Economía Política*, de la Academia de Ciencias de la URSS”. Os seis trechos são “El problema del ‘pasaje pacífico’” – em que as forças revolucionárias de cada país devem ter “dos espadas en el fuego”, o método pacífico e o violento, reportando-se às revoluções russa e chinesa; “Algunos problemas concernientes a la transformación de la revolución democrática en revolución socialista” – em que critica a falta de clareza do *Manual* a esse respeito e o julgamento equivocado sobre o processo chinês; “La alianza de obreros y campesinos” – à qual não fornece esclarecimentos sobre seu desenvolvimento e consolidação; “La transformación de los intelectuales” – ponto fundamental para Mao (como *Los Libros*) sobre o qual o *Manual* russo se exime; “¿La base de la transformación socialista es la industria pesada?” – ao que os russos respondem “sim” e Mao julga uma tese

incompleta, considerando a tecnologia uma etapa posterior na construção do socialismo; e finalmente à pergunta “¿La ‘unanimidad’ es la fuerza motriz del desarrollo de la sociedad?” responde “não” brandindo suas famosas “contradições internas”, em oposição à idéia de que a unanimidade constitui “la fuerza motriz del desarrollo de una sociedad”, divulgada pelo *Manual*. No que Mao cerra fileiras com um genial escritor brasileiro conservador, conhecido pela frase segundo a qual “a unanimidade é burra”.

Autores citados: Lenin; Lui Chao-Tang

GASTIAZORO, Eugenio. Fichas: Bunge & Born. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 42, p. 28-29, Julio-Agosto 1975.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Economía
Palavras-chave: Dependencia; Imperialismo; Industrialización

Resumo: Um “pulpo”, um “verdadero emporio”: assim é classificado o grupo Bunge & Born em breve radiografia do mais poderoso monopólio na Argentina. Por isso argumenta-se por fim que, como dono de parte importante do “poder real” no país, “una política que intente comenzar a solucionar algunos de los problemas básicos del pueblo argentino y del desarrollo nacional no puede sino enfrentarse con él”. Do campo à cidade, o grupo domina atividades não só internas como internacionais, não só comerciais como industriais, de metalúrgicas a químicas, de financeiras a alimentícias e têxteis, desde o final do século XIX, com uma história ligada à da própria Argentina “como país dependiente del imperialismo británico”. Na década peronista, com a criação do Instituto Argentino de Promoción del Intercambio (IAPI) e o estímulo à cooperativização, consegue-se desviar do “representante local y comisionista de Bunge y Born”, em processo logo revertido em favor do velho monopólio, com a chamada “Revolución Libertadora” de 55. A p. 29 é ocupada pelo polvo em quadro com seus diversos tentáculos (nada menos que 39 empresas).

ALTAMIRANO, Carlos. Reseñas. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 42, p. 30, Julio-Agosto 1975.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Imperialismo; Liberación; Socialismo; Proletariado; Lucha armada; Revolución

Resumo: Nota sobre mais um produto “revolucionario” distribuído por Ediciones Pueblo de Buenos Aires: *Vietnam: guerra de liberación*.

Historia del Partido de los Trabajadores de Vietnam (1974), elaborado pela Comissão de Estudos da História desse partido em comemoração aos 40 anos de sua fundação. O trabalho cobre o período de 1925 a 70, em um processo revolucionário “ininterrupto” com distintas fases – da liberação nacional contra o imperialismo francês na Revolução de Agosto (1945), à revolução “nacional-democrático-popular” e finalmente à recente expulsão dos norte-americanos do país, uma vez que o povo vietnamita soube “elaborar los tres instrumentos claves de su victoria”, o primeiro aparecendo como condição dos últimos: “el partido marxista-leninista, el frente único y la lucha armada”. Há chavões maiores que a própria nota – de “imperialismo norte-americano y sus titeres”, “las fuerzas antimperialistas del Tercer Mundo” e “liberación nacional” a “energías revolucionarias” e “la lucha armada como actividad de las masas populares e instrumento de su liberación” –, a qual trata de exaltar a atitude sempre heróica e inteligente da vanguarda política insuflada por Ho Chi Minh, com a fundação do partido em 1930.

Autores citados: [marxista-leninista]

Libros distribuidos en Buenos Aires – Junio-Julio 1975. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 42, p. 31-32, Julio-Agosto 1975.

Vocabulário Controlado: INFORME

Informaciones. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 43, p. 3-8, Setiembre-October 1975.

Vocabulário Controlado: INFORME

Palavras-chave: Resistencia; Explotación; Cultura nacional; Imperialismo; Pintoresquismo

Resumo: Cinco notas mais longas, antecedidas por uma ilustração (p. 2) de um grotesco Davi no papel do “Monopolio” suspendendo pelo pescoço um pobre Golias – como “Pueblo – que vomita moedas (e à mesma p. 2 aparece o nome de Osvaldo Bonano como novo membro do “comité de dirección”): 1. Sobre a questão da literatura regional, quase inexistente como as próprias “economías regionales”, em função da concentração da cultura nacional na capital – tema abordado por “B. S.” a propósito do *Panorama de la literatura jujeña*, de A. Fidalgo (Ed. La Rosa Blindada); 2. Raio-x sem assinatura das relações de “cooperación” (leia-se dependência) da Índia com a URSS – exemplo de dados fornecidos: de 1966 a 68, o país passou de 52% a 70% da população “más allá de un umbral de pobreza”, cuja reação popular merece como resposta

“ejecuciones masivas”; 3. Texto similar ao anterior, agora sobre o Camboja, os bons budistas “ateus” (segundo os teólogos ocidentais) que ajudam o povo, o golpe de estado “proyanqui” de 1970 e a resposta pró-chinesa de 75; 4. México: sobre a fronteira com os EUA, onde suas empresas se instalam com isenção fiscal para explorar mão-de-obra barata, com produtividade maior (por ameaças de demissão) – mas a resposta dos trabalhadores já começa a se fazer sentir, alardeia a revista, no afã de insuflar as massas “patrióticas” e “revolucionarias” de seu próprio país; 5. Mais “B. S.”, mais folclore versus folclorismo (como referido no fim da nota 1), agora a propósito do filme *La hora de Maria o el pájaro de oro*, de Rodolfo Kuhn (e roteiro de Gudiño Kieffer), que exploraria a cultura popular de modo trivial e inconseqüente.

Autores citados: Moyano; Andrés Fidalgo; Héctor Tizón; [marxistas-leninistas]; Gudiño Kieffer

GALLINI, Clara. Antropologia e imperialismo. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 43, p. 9-13, Setiembre-October 1975.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Antropologia

Palavras-chave: Guerrilla; Neocolonialismo; Hegemonia

Resumo: A antropologia “aplicada”, “colaboracionista” do séc. XX a favor do neocolonialismo – investigação com espionagem, denuncia a antropóloga italiana em seu *Le buone intenzioni* (em breve em castelhano por Galerna), de que a revista reproduz um fragmento escolhido a dedo: trata-se do malafamado Projeto Camelot, cujo escândalo político estalou em 65, envolvendo também os antropólogos. Com base em texto de Horowitz publicado em Cambridge, Mass. (The MIT Press – não há data), o ensaio refaz a história das relações da antropologia norte-americana com o colonialismo, a partir de projeto de investigação “científica” elaborado em 64 e dedicado à “individualización de condiciones de guerrilla, en curso o en potencial, en América Latina”, incluindo dez países, ausente o Chile onde justamente o escândalo foi revelado, tomando as manchetes latinas como americanas e levando o plano ao fracasso. A autora estressa entre outras coisas a apatia da intelectualidade e da universidade norte-americanas em relação ao assunto e se pergunta se tal ciência não teria tocado o fim, dado o “estancamiento teórico” que “sintomáticamente” somente passaria a ser denunciado em 68.

Autores citados: Horowitz; Jones; Mastromattei; Kluckhohn; Kroeber; Peter Worsley

GASTIAZORO, Eugenio. La cuestión agraria. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 43, p. 14-17, Setiembre-October 1975.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Economía
Palavras-chave: Dependencia; Tecnología; Tierra; Monopolio

Resumo: Informação sobre o “monopolio real” representado pelos “terratenientes” argentinos (1,3% da população) que detêm metade dos campos do país sob a forma de vastos latifúndios. A chave da estrutura econômica da Argentina “descansa”, diz, sobre o latifúndio e a dependência “respecto del capital imperialista” (à diferença de “tecnócratas” – que com base em números pretendem que o país tenha uma economia avançada – e “desarrollistas” – que restringiriam sua visão às relações comerciais com o exterior), e a partir daí Gastiazoro propõe sua “caracterización general del problema agrario en nuestro país”. Faz por fim breve história de entidades corporativas do setor cuja trajetória remonta ao séc. XIX – a poderosa e elitista Sociedad Rural Argentina, por exemplo, foi fundada em 1870 – e do movimento cooperativo agrário, que atuaria de fato segundo o esquema das empresas privadas, excluindo a maioria dos camponeses pobres. À p. 17 um quadro com as “entidades gremiales agropecuarias” do país. Gastiazoro é o autor de *Argentina hoy. Latifundio, dependencia y estructura de clases* (v. anúncio Ed. Pueblo, p. 22).

Autores citados: Aldo Ferrer

Fichas: Bases del poder yanqui en la Argentina. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 43, p. 18-19, Setiembre-October 1975.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Ciência política

Palavras-chave: Imperialismo; Capitalismo; Dependencia

Resumo: Breve e reiterativa pregação anônima sobre a penetração do capital monopolista “yanqui” na Argentina, “país dependiente, oprimido por el imperialismo”, incluindo quadro com as principais empresas norte-americanas “por rama de producción” (p. 19). Ênfase no crescente endividamento argentino, no condicionamento de seu desenvolvimento e no efeito dos investimentos ianques, “que implican un drenaje anual de fondos por utilidades muy superior al monto que se invierte”, logo após uma rápida história desse capital por estes pagos – de sua chegada no início do séc. XX, passando pela superação do imperialismo britânico após a

Segunda Guerra, até sua explosão com a queda de Perón em 55.

MATEO, Fernando. Fichas: La enseñanza técnica en Argentina. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 43, p. 19-20, Setiembre-October 1975.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Educação
Palavras-chave: Capitalismo; Dependencia; Deserción

Resumo: O ensino técnico industrial argentino, oficializado em 1958, com a criação do Consejo Nacional de Educación Técnica (CONET), com expansão galopante a partir desse marco, serve para reproduzir as condições de desenvolvimento capitalista dependente. A prova disso se encontraria na alta taxa de deserção (v. quadros – há três deles), que demonstra não apenas a “ineficacia global del sistema en relación con sus propios objetivos” mas permite avançar a hipótese de que tais dados comprovam uma “utilidad residual” da modalidade técnica industrial, definida nebulosamente em um nível mediano de preparação profissional para competir no mercado de trabalho. Ou seja, existem desertores mais e menos úteis às garras do capital monopolista, segundo o raciocínio do autor, já que se trata de uma política educativa “dictada por las clases dominantes”.

LUCCIONI, Micheline. China: de la ciudad al campo. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 43, p. 21-23, Setiembre-October 1975.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Ciências sociais

Palavras-chave: Producción; Colectivización; Contradicción

Resumo: No paraíso chinês fala-se muito francês: a revista traduz outro texto maoísta produzido em Paris, extraído de um artigo de Luccioni, do Departamento de Sociologia da Universidade de Paris VIII (Vincennes), intitulado “Proceso revolucionario y organización del espacio en China – Hacia el fin de la separación entre las ciudades y el campo”. Sustenta que no desenvolvimento de “nuevo tipo” no curso da luta de classes na terra de Mao, ocorre uma relação dialética – “única en la historia” – entre “desurbanização” e crescimento econômico, no sentido de uma ocupação total do território e o conseqüente desafoamento das cidades, ocorrida a partir de 58. O veículo do movimento em direção ao campo são as comunas populares, rurais e urbanas, aprovadas oficialmente pelo PC chinês em fins do mesmo ano, com a vitória da “línea revolucionaria” sobre a “derechista” (que faria então o que o país só passa a fazer com a

morte de seu deus Mao em 76, fomentando a industrialização urbana e distanciando-se de posições socialistas no campo e na cidade). O estabelecimento das comunas urbanas porém é mais complicado, afinal há uma combinação mais variada de classes e “sólo se ha resuelto parcialmente el problema de los intelectuales aún no reeducados”! De toda maneira tal modo de ocupação do espaço, diz a francesa, transforma radicalmente as velhas tendências de separação e dependência entre cidade e campo, em experiência historicamente inédita para “resolver las contradicciones” entre estes, bem como entre trabalho manual e intelectual.

Autores citados: Mao Tsetung

CARPANO, Fulvio. Hegel. Estado y derecho. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 43, p. 24-25, Setiembre-October 1975.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Filosofia
Palavras-chave: Sociedad civil; Estado; Burguesia

Resumo: Abordagem professoral aos *Principios de la filosofía del derecho* (trad. Juan L. Vermal, Buenos Aires, Ed. Sudamericana), de G. W. F. Hegel, cheia de notas e remissões, desperdiçando suas menos de duas páginas com demonstrações de erudição. Nos *Principios*, diz Carpano, Hegel atinge a melhor elaboração da problemática jurídica e política para compreender o significado histórico de sua filosofia – cuja crítica Marx tomará como ponto de partida para sua própria investigação, ao longo de 40 anos, da “ley de movimiento de la moderna Sociedad Civil”, conforme o resenhista em sua conclusão. A obra representa o primeiro trabalho importante do período berlinês (1818-31) “a la vez que última obra sistemática publicada en vida del autor (1821)”. Os temas abordados – a sociedade e o Estado nacional – pontuam toda a produção filosófica de Hegel mas são particularmente marcantes em função da Revolução Francesa, das campanhas napoleônicas, a Restauração e fundamentalmente por causa da possibilidade de consolidação “bajo la férula prusiana de un Estado nacional alemán que constituyera la ‘realización’ del Espíritu de la época”.

Autores citados: Nohl; Dilthey; Christian Wolff; Manfred Riedel; Locke; Kant; Hume; Ferguson; Steuart; Smith; Ricardo; Say; Marx; Galvano Della Volpe; Bedeschi; Cerroni; Colletti; Merker; Mario Rossi; Rousseau

ALTAMIRANO, Carlos. Reseñas. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 43, p. 26-27, Setiembre-October 1975.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Filosofia
Palavras-chave: Materialismo; Marxismo; Dialéctica; Idealismo

Resumo: Comentário sobre um feito de que poucas indústrias do livro seriam capazes, a saber: a publicação de um mesmo texto de Engels por duas editoras argentinas no mesmo ano (1975). Trata-se de *Ludwig Feuerbach y el fin de la filosofía clásica alemana*, por Ed. La Rosa Blindada e Cuadernos de Pasado y Presente (sendo que ambas incluem outros textos). Altamirano destaca o papel importante exercido pelo ensaio na constituição teórica e na difusão do marxismo, ao expor as linhas fundamentais da concepção materialista dialéctica da história e do mundo “como órgano teórico del proletariado”, e simultaneamente seu caráter de ajuste de contas com Hegel e o ciclo filosófico burguês iniciado por Kant e com o materialismo naturalista de Feuerbach, marcando sua dívida teórica e a ruptura radical, representada pela independência ideológica e política da classe operária. Destaca a distinção entre “método” e “sistema” na filosofia de Hegel (o primeiro tido como o lado “subversivo” e o segundo o lado “conservador” de sua filosofia), além de outras variantes do marxismo, hegelianizantes ou “anti-hegelianas” (como seria o caso de Althusser – que Altamirano combate) e a questão da dialéctica, da relação entre o ser e o pensar, problema central em torno do qual se ordenam as diversas escolas filosóficas e o conflito fundamental (sobretudo para os maoístas) entre idealismo e materialismo. Este conflito se caracteriza pela prioridade do ser, retomada vinte anos depois por Lenin na polémica com os revisionistas, “respecto del pensamiento o conciencia”.

Autores citados: Marx; Kant; Hegel; [althusserianismo]; G. Della Volpe; Lenin

CINTIONI, Juan Carlos. Reseñas. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 43, p. 27-28, Setiembre-October 1975.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Imperialismo; Contradicción; Revolución; Proletariado

Resumo: *Press-release* do partido argentino da “revolución democrática de nuevo tipo” (qual, ficou-se sem saber) a propósito da terceira edição de um livro de membro do grupo “maoês” que se apoderou de *Los Libros: Argentina hoy, latifundio y estructura de clases* (Buenos Aires, Ed. Pueblo), de Emilio Gastiazoro (v. colaboração neste nº, p. 14-17). O autor começa logo justificando o comentário culpado, uma vez que “la

reelaboración llevada a cabo por el autor nos pone frente a un nuevo libro". Se bem que não mexe em sua concepção principal, acrescenta Cintoni, segundo o qual a Argentina é um país dependente, oprimido pelo imperialismo que submete todo o Terceiro Mundo. E então as contradições, a principal das quais enfrenta o grande capital com o proletariado e os camponeses ao lado dos setores patrióticos e democráticos da burguesia urbana e rural. De porte dessa dicotomia, em estilo claro, simples, correto, Gastiazoro poria o dedo na ferida, e agora em versão que logrou maior rigor científico na exposição dos problemas, tornando-se "un instrumento destacable en la lucha que lleva el proletariado por sacudir el yugo oligárquico-imperialista". Já o valor do livro não foi especificado.

Autores citados: [marxista]

Libros distribuidos en Buenos Aires - Agosto-Septiembre de 1975. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 43, p. 29-31, Setiembre-Octubre 1975.

Vocabulário Controlado: INFORME

SARLO, Beatriz. Saer-Tizón-Conti. 3 novelas argentinas. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 44, p. 3-6, Enero-Febrero 1976.

Vocabulário Controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Novela; Ideología; Arte; Marginalidad

Resumo: Abrindo a derradeira edição, uma resenha dedicada a romances argentinos de 1975, em que Sarlo apresenta o autor de *El limonero real* como aquele de sua predileção, apesar da filiação - sublinhada duas vezes - ao chamado "objetivismo francês". Contra os excessos "imaginativos" na vertente de García Márquez, de Mascaró, *el cazador americano*, de Haroldo Conti, e de *Sota de bastos, caballo de espadas*, de Héctor Tizón (ambos publicados pelo "selo editorial de Crisis"), exalta - no trecho mais breve e elogioso da resenha - a narrativa de Juan José Saer, na qual "la temática de una zona de su provincia resulta, sin estridencias, en una propuesta literaria para la que son capitales el elemento regional y popular". Há também uma insistente crítica, tão carregada de ironia quanto previsível, ao caráter "mágico", "irracional" atribuído à América.

Autores citados: Tizziani; Pereyra; Medina; Asís; Gusmán; García Márquez; Alejo Carpentier

ALVAREZ, Sergio. Informe sobre Portugal. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 44, p. 7-13, Enero-Febrero 1976.

Vocabulário Controlado: REPORTAGEM - Ciência política

Palavras-chave: Revisionismo; Revolución; Socialimperialismo; Fascismo

Resumo: Informe sobre situação política de Portugal é reportagem na linha jornalística tradicional: uma matéria principal e vários textos-satélite. A primeira narra os fatos ocorridos a partir de 25 de abril de 74 com a derrubada do regime de Salazar e a instauração de uma "democracia burguesa" em que disputam a hegemonia (via golpe ou não) o imperialismo norte-americano, o "socialimperialismo" russo e também a Europa, diante da frágil constituição do novo poder. De perspectiva naturalmente marxista-leninista, o texto enfatiza a necessidade de uma união de operários e camponeses - em processo que estaria crescendo - e de uma ditadura do proletariado, para não cair na armadilha da "revolução sem revolução" nem retroceder ao fascismo. "El socialimperialismo en acción", "El Partido Socialista" (de Mario Soares), "La situación militar", "Operarios, camponeses, soldados e marinheiros" e "Reportaje al Partido Comunista de Portugal (Marxista-leninista)" (coligado com o PS, o anônimo membro de seu Departamento de Relações Exteriores argumenta que sua posição atual evita a "histeria" para não ser instrumento do fascismo) são os cinco textos que acompanham a reportagem.

Autores citados: [marxismo]; Mao Tse-tung; Kautsky; Lenin; Spinola; V. Codovilla

SILVA, Juan. Fichas: Petroquímica: una industria básica. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 44, p. 14-15, Enero-Febrero 1976.

Vocabulário Controlado: ARTIGO - Economía
Palavras-chave: Dependencia; Imperialismo; Monopolio

Resumo: Breve texto sobre altos e baixos do capital estrangeiro (muito mais altos que baixos) na indústria petroquímica argentina, incluindo um quadro sobre concentração da produção e outro sobre participação do capital nacional no setor. Indústria de história recente, iniciada nos anos 20 do século XX, tem expansão vertiginosa a partir da Segunda Guerra (com nada menos que três mil produtos finais) e, como em vários países subdesenvolvidos, sua implantação na Argentina "refleja el carácter dependiente y el consecuente desarrollo desequilibrado de nuestra economía". Com participação estatal durante a primeira

década peronista e fomento de investimento estrangeiro com Frondizi, a indústria petroquímica teria seu “período de oro” em termos de “imperialismo yanki” segundo Silva nos anos da ditadura de Onganía, sofrendo um retrocesso relativo a partir de Lanusse em 71 e Perón em 73, que no entanto propõe em teoria uma política “definidamente nacional” a qual não se realiza na prática.

Fichas: Cargill: Radiografía de un monopolio imperialista. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 44, p. 15-16, Enero-Febrero 1976.

Vocabulário Controlado: ARTIGO – Economía

Palavras-chave: Monopolio; Imperialismo; Capitalismo

Resumo: Textículo sobre outro “pulpo” imperialista, a Cargill Inc., pirateado de um artigo da revista *NACLA's Latin America & Empire Report* (“Vol. IX, nº 7, octubre de 1975, New York”). A megaempresa, fundada nos EUA em meados do séc. XIX, dividia com quatro outras o controle do comércio mundial de grãos, com métodos ao mesmo tempo suspeitos e superexploradores, estando radicada na Argentina desde 29, quando inicia escalada mundial. Espalhando “sus sofocantes operaciones tentaculares” por 34 países, incluindo o Brasil, e expandindo-se para a indústria de alimentos e depois a metalúrgica, trata-se segundo *Los Libros* de um dos vastos monopólios cuja expropriação é “indispensable en un proceso de independencia nacional”.

EN-TSE, Tchang. La verdad concreta. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 44, p. 17-20, Enero-Febrero 1976.

Vocabulário Controlado: ENSAIO – Filosofía

Palavras-chave: Conocimiento; Materialismo dialéctico; Capitalismo; Contradicción

Resumo: Catecismo para “marxistas-leninistas” em forma de panfleto pseudo-filosófico, “La verdad concreta” é uma tradução (de que língua?) do quarto capítulo de *Conocimiento y verdad*, do “filósofo chino” En-tse, publicado “en Pekín en enero de 72 (nueva edición aumentada), inédito aún en castellano”. Canhestro o texto pretende dar receita a propósito de seu tema com base em Marx, Lenin, Mao e também Stalin (mas sintomaticamente só são reproduzidas imagens dos três primeiros). “La verdad es objetiva y es concreta” – assim inicia a pérola, e para aceder ao “conocimiento concreto” é preciso manejar “una totalidad compleja que comprende múltiples determinaciones y relaciones”. Como o fizeram Marx em *El Capital* – modelo máximo – ou Mao

em por exemplo (há muitos) *Sobre el Tratamiento Correcto de las Contradicciones en el Seno del Pueblo*. “El análisis concreto de las situaciones concretas es el alma viviente del marxismo”, conclui, repetindo uma citação de Lenin, já que a repetição (como a unanimidade) burra é a alma vivente de qualquer catecismo, abstrato ou concreto.

Autores citados: Lenin; Carlos Marx; Hegel; Mao; Stalin

Informaciones. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 44, p. 21-24, Enero-Febrero 1976.

Vocabulário Controlado: INFORME

Palavras-chave: Policial; Liberación; Burguesía; Revolución

Resumo: Cinco notas: 1. Assinada “C. S.”, a nota crítica a consagração e mercantilização do gênero policial na Argentina, a propósito do I Congreso Latinoamericano de Cuentos Policiales, vencido por Piglia, entre outros, e julgado por Borges, Roa Bastos e Denevi; 2. Nota militar sobre o avanço final das “fuerzas de liberación” do Vietnã aproveitando os sucessivos equívocos de norteamericanos e aliados em Saigon, o que serve para demonstrar “definitivamente” que “un pueblo débil ... puede derrotar un invasor poderoso”; 3. Sobre a “penetración imperialista” em vários países asiáticos através de escolas sindicais e políticas para “dirigentes”, que leva à seguinte conclusão: “Sin duda alguna, la ya ruinosa CIA ha estado siempre atrás de todo esto”; 4. Malho de Sarlo em filme polaco de K. Zanussi, sucesso na Argentina, tido como burguês, individualista e conformista; 5. Sobre a vitória da “revolución” em Laos e a proclamação de sua “república democrática” a 3 de dezembro de 75, a partir do “correcto manejo de ambas fases de la lucha, la política y la armada”.

Autores citados: Jorge Luis Borges; Marco Denevi; Augusto Roa Bastos; Eduardo Mignona; Juan Fló; Eduardo Goligorsky; Antonio Di Benedetto; Ricardo Piglia; Ross McDonald; Tizziani; Ellery Queen; Stalin

SAADI, Inés. Reseñas. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 44, p. 25-26, Enero-Febrero 1976.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Literatura

Palavras-chave: Oligarquía; Hegemonía; Cultura

Resumo: A autora desanca o ensaio de Matamoro – como o faz N. Rosa a propósito de Borges em *Los Libros* nº 26 –, intitulado *Oligarquía y Literatura* (Ed. del Sol). Apesar do tema considerado fundamental, Matamoro naufragaria

ao não conseguir articulá-lo devidamente, ie, ao se limitar à análise de conteúdos da relação “capital” entre cultura e oligarquia e ao ignorar os modos através dos quais se impôs o projeto oligárquico, “el tipo de intelectual que promocionó, las contradicciones que enfrentó y resolvió, y aquéllas que hoy lo asedian, lo cuestionan y concluirán desintegrándolo”. Apesar de ser considerada importante a publicação do ensaio em termos de debate, os adjetivos com que a resenha o caracteriza vão de pedante (“cierto peso pedante de la escritura”), impreciso, deficiente, inexato e indeciso a esquemático e apriorístico.

Autores citados: Victoria Ocampo; Mallea; Silvina Ocampo; Bioy; Mujica Láinez; Proust; Cortázar; David Viñas

CASTELLI, Ramiro. Reseñas. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 44, p. 26-27, Enero-Febrero 1976.

Vocabulário Controlado: RESENHA – Ciência política

Palavras-chave: Imperialismo; Liberación; Dependencia

Resumo: O último texto da história de *Los Libros*, já que o nº 45 pertence à lista dos “desaparecidos” políticos, toca significativamente em assunto tão delicado quanto violento ao resenhar o livro *Tiempo Geopolítico Argentino* (Ed. Pleamar), do “Gral. De División (RE)” Osiris Guillermo Villegas. Com a iminência do golpe militar (v. anúncio da revista do PCR, p. 27, cujo editorial intitula-se “Ante el golpe gorila”), a tarefa torna-se mais difícil e o General é tratado com respeito a contragosto, embora suas idéias sejam refutadas. O livro propõe um enfoque do chamado “Proyecto Nacional”, parte do “arsenal del desarrollismo”, que possa gerar a liberação de um país dependente, sendo que o próprio autor, “aun contra sus propósitos declarados”, demonstraria que seu objetivo é impossível. Seu “nacionalismo geopolítico” seria apenas “una expresión de chovinismo” ao acreditar na hipótese de “acuerdo de las superpotencias” e não na evidente (para o resenhista) “victoria de los pueblos y la derrota del imperialismo y el hegemonismo”, sem falar no “agudizamiento de las contradicciones entre ambas superpotencias”. Contudo se o livro está equivocado e não menciona por exemplo o “gran problema” da oligarquia “terrateniendo”, Castelli sintomaticamente considera que oferece “una descripción interesante de algunos puntos críticos de nuestras necesidades y posibilidades como nación”, já que seria revelador de preocupações e opiniões próprias dos meios militares, aos quais o General atribui a importância de sua análise

crítica. O resenhista se equivoca na conclusão ao pensar que os militares não querem voltar a seguir “un camino de aventuras con camuflaje nacionalista”, resultando na tragédia conhecida.

Libros distribuidos en Buenos Aires – Octubre-
Noviembre de 1975. *Los Libros. Una política en la cultura*, nº 44, p. 28-31, Enero-Febrero 1976.

Vocabulário Controlado: INFORME